Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

Salim Assina:

reportagens, matérias, entrevistas, notas e comentários

Volume: 10C – O ESTADO - 1947 A 1987

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016
UDESC – FAED - IDCH

Matérias assinadas por Salim Miguel
Jornal O Estado de Florianópolis - 1947 a 1987

Nº	Referências
201.	MIGUEL, Salim. Livros – Conto Brasileiro: Um bom levantamento.... **O Estado,** Florianópolis
202.	MIGUEL, Salim. Livros – Grupo Sul; O Modernismo em Santa Catarina.... **O Estado,** Florianópolis, 16 de maio de 1982.
203.	MIGUEL, Salim. Livros – Instigante e Indispensável.... **O Estado,** Florianópolis, 23 de maio de 1982.
204.	MIGUEL, Salim. Livros - Ficção e Verdade.... **O Estado,** Florianópolis, 30 de maio de 1982.
205.	MIGUEL, Salim. Livros – Ficção Brasileira .... **O Estado,** Florianópolis, 6 jun. 1982
206.	MIGUEL, Salim. Livros – Retrato angolano.... **O Estado,** Florianópolis, 13 jun. 1982
207.	MIGUEL, Salim. Livros – Memórias de Grapiúna.... **O Estado,** Florianópolis, 20 jun. 1982
208.	MIGUEL, Salim. Livros – Machadinho – enigma que permanece.... **O Estado,** Florianópolis, 27 jun. 1982
209.	MIGUEL, Salim. Livros – "EU" em dois volumes.... **O Estado,** Florianópolis, 4 jul. 1982
210.	MIGUEL, Salim. Livros – Lúcio Cardoso, poeta.... **O Estado,** Florianópolis, 11 jul. 1982
211.	MIGUEL, Salim. Livros – Hassis e a Magia do Circo.... **O Estado,** Florianópolis, 18 jul. 1982
212.	MIGUEL, Salim. Livros – Utopia às avessas.... **O Estado,** Florianópolis, 25 jul. 1982
213.	MIGUEL, Salim. Livros – Clássicos Francisco Alves.... **O Estado,** Florianópolis, 7 mar. 1982
214.	MIGUEL, Salim. Livros – Amigo Velho.... **O Estado,** Florianópolis, 14 mar. 1982
215.	MIGUEL, Salim. Livros – Tarefa, de Geir Campos, ... **O Estado,** Florianópolis, 4 abr. 1982
216.	MIGUEL, Salim. Livros - O menino grapiúna.... **O Estado,** Florianópolis, 28 mar. 1982
217.	MIGUEL, Salim. Livros – A maçã no escuro,..... **O Estado,** Florianópolis, 21 mar. 1982
218.	MIGUEL, Salim. Livros – Vida e obra de Machado de Assis.... **O Estado,** Florianópolis, 17 jan. 1982
219.	MIGUEL, Salim. Livros – Os trabalhadores do mar.... **O Estado,** Florianópolis, 24 jan. 1982
220.	MIGUEL, Salim. Livros – Literatura: Cr$ 3 milhões .... **O Estado,** Florianópolis, 10 jan. 1982
221.	MIGUEL, Salim. Livros – Um capitão da guarda nacional.... **O Estado,** Florianópolis, 7 fev. 1982
222.	MIGUEL, Salim. Livros – Mulher daqui pra frente.... **O Estado,** Florianópolis, 14 fev. 1982
223.	MIGUEL, Salim. Livros – Raul Pompéia.... **O Estado,** Florianópolis, 21 fev. 1982
224.	MIGUEL, Salim. Livros – Concursos Literários: atenção.... **O Estado,** Florianópolis, 28 fev. 1982

225.	MIGUEL, Salim. Roupa Velha (29). **O Estado,** Florianópolis, 19 jun. 1983
226.	MIGUEL, Salim. Livros - Entrevista: Guido Wilmar Sassi. **O Estado,** Florianópolis, 17 set. 1983
227.	MIGUEL, Salim. Livros – Flávio José Cardoso...entrevista. **O Estado,** Florianópolis, 20 nov. 1983
228.	MIGUEL, Salim. Livros – Flavio José Cardoso...entrevista. **O Estado,** Florianópolis, 27 nov. 1983
229.	MIGUEL, Salim. Livros – Flávio José Cardoso...entrevista. **O Estado,** Florianópolis, 4 dez. 1983
230.	MIGUEL, Salim. Livros – Flávio José Cardoso...entrevista. **O Estado,** Florianópolis, 11 dez. 1983
231.	MIGUEL, Salim. Livros – Harry Laus.... **O Estado,** Florianópolis, 25 dez. 1983
232.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Escrever é sina.... **O Estado,** Florianópolis, 7 set. 1983
233.	MIGUEL, Salim. Livros - Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Devemos andar...”. **O Estado,** Florianópolis, 14 set. 1983
234.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi:” A mulher...”. **O Estado,** Florianópolis, 10 set. 1983
235.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Assunto independe...”. **O Estado,** Florianópolis, 21 set. 1983
236.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Corto, emendo...”. **O Estado,** Florianópolis, 24 set. 1983
237.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista “sexo é bom e salutar...até mosquito gosta”.... **O Estado,** Florianópolis, 28 set. 1983
238.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Campos Novos...”. **O Estado,** Florianópolis, 1 out. 1983
239.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Eu adoro...”. **O Estado,** Florianópolis, 5 out. 1983
240.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “ Os modernos...”. **O Estado,** Florianópolis, 8 out. 1983
241.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Depois de adulto...”. **O Estado,** Florianópolis, 12 out. 1983
242.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Estranho...”. **O Estado,** Florianópolis, 22 out. 1983
243.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Como é que...”. **O Estado,** Florianópolis, 19 out. 1983
244.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Nosso primeiro...”. **O Estado,** Florianópolis, 26 out. 1983

245.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Gilson Rebello: “O livro acaba...”. **O Estado,** Florianópolis, 24 jul. 1983
246.	MIGUEL, Salim. Marques Rebelo e.... **O Estado,** Florianópolis, 28 ago. 1983
247.	MIGUEL, Salim. Livros – Harry Laus “Não sou humilde...”. **O Estado,** Florianópolis, 18 dez. 1983
248.	MIGUEL, Salim. “Antologia do Varal Literário”.... **O Estado,** Florianópolis, 26 out. 1983
249.	MIGUEL, Salim. Livros – Prêmio de Romance Cruz e Souza .... **O Estado,** Florianópolis, 6 fev. 1983
250.	MIGUEL, Salim. Livros – Ensaios Catarinenses.... **O Estado,** Florianópolis, 26 jan. 1983
251.	MIGUEL, Salim. Livros – Mini-entrevista: Anna Maria Duarte Nunes: “É preciso...”. **O Estado,** Florianópolis, 30 jan. 1983
252.	MIGUEL, Salim. Livros – Dois Clássicos Portugueses. **O Estado,** Florianópolis, 23 jan. 1983
253.	MIGUEL, Salim. Livros – Depois do conto, a vez do romance e da poesia.... **O Estado,** Florianópolis, 16 jan. 1983
254.	MIGUEL, Salim. Livros – Depoimento: Emanuel Medeiros Vieira: “Um...”. **O Estado,** Florianópolis, 19 jan. 1983
255.	MIGUEL, Salim. Livros – Antônio de Alcântara Machado.... **O Estado,** Florianópolis, 5 jan. 1983
256.	MIGUEL, Salim. Livros – O errado/certo vice-versa da .... **O Estado,** Florianópolis, 9 jan. 1983
257.	MIGUEL, Salim. Livros – Ficção SC: um bom final de ano. **O Estado,** Florianópolis, 12 jan. 1983
258.	MIGUEL, Salim. Livros – Minientrevista. **O Estado,** Florianópolis, 1 jan. 1983
259.	MIGUEL, Salim. Livros – Ensaio de Osvaldo F. Melo sobre .... **O Estado,** Florianópolis, 6 abr. 1983
260.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais títulos para a criançada.... **O Estado,** Florianópolis, 23 fev. 1983
261.	MIGUEL, Salim. Livros – Henda: “Deixo que as personagens”.... **O Estado,** Florianópolis, 13 fev. 1983
262.	MIGUEL, Salim. Livros – Realidade é fingimento; ou .... **O Estado,** Florianópolis, 9 fev. 1983
263.	MIGUEL, Salim. Livros – FCC lança concurso de conto e poesia.... **O Estado,** Florianópolis, 27 fev. 1983
264.	MIGUEL, Salim. Livros – Um romance e duas versões.... **O Estado,** Florianópolis, 2 mar. 1983
265.	MIGUEL, Salim. Livros – Recuperando a Infância.... **O Estado,** Florianópolis, 6 mar. 1983
266.	MIGUEL, Salim. Livros - Análise de escritores brasileiros.... **O Estado,** Florianópolis, 9 mar. 1983
267.	MIGUEL, Salim. Livros – A memória da cultura alternativa nos anos 70. **O Estado,** Florianópolis, 4 jun. 1983

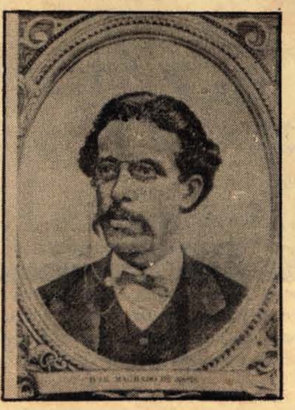
268.	MIGUEL, Salim. Livros – Prêmios Crus e Souza vão ser entregues .... **O Estado,** Florianópolis, 2 fev. 1983
269.	MIGUEL, Salim. Livros – Momento da Poesia .... **O Estado,** Florianópolis, 13 mar. 1983
270.	MIGUEL, Salim. Livros – Barroco e Metafórico.... **O Estado,** Florianópolis, 16 mar. 1983
271.	MIGUEL, Salim. Livros – Artepoema – Hassis e Silveira de Souza.... **O Estado,** Florianópolis, 20 mar. 1983
272.	MIGUEL, Salim. Livros – A nova Bíblia da Vozes .... **O Estado,** Florianópolis, 23 mar. 1983
273.	MIGUEL, Salim. Livros – O conto paulista .... **O Estado,** Florianópolis, 3 abr. 1983
274.	MIGUEL, Salim. Livros – Travessia comemora 60 anos da Semana de Arte Moderna .... **O Estado,** Florianópolis, 30 mar. 1983
275.	MIGUEL, Salim. Livros – Farsa amarga que faz pensar e rir .... **O Estado,** Florianópolis, 10 abr. 1983
276.	MIGUEL, Salim. Livros – Três mulheres, três propostas .... **O Estado,** Florianópolis, 20 abr. 1983
277.	MIGUEL, Salim. Livros – A Prévia do livro Osvaldo Della Giustina, ... **O Estado,** Florianópolis, 13 abr. 1983
278.	MIGUEL, Salim. Livros – Curso sobre a poesia de Maiakovski.... **O Estado,** Florianópolis, 27 abr. 1983
279.	MIGUEL, Salim. Livros – Um jogo que não termina .... **O Estado,** Florianópolis, 4 de maio de 1983.
280.	MIGUEL, Salim. Livros – Renard Perez: “Escrevo para dar a minha visão...” . **O Estado,** Florianópolis, 18 de maio de 1983.
281.	MIGUEL, Salim. Livros – Benedita Torreão, um .... **O Estado,** Florianópolis, 21 de maio de 1983.
282.	MIGUEL, Salim. Livros – Perfil de um artista .... **O Estado,** Florianópolis, 25 jun. 1983
283.	MIGUEL, Salim. Livros – Biblioteca de Autores Portugueses: novos títulos .... **O Estado,** Florianópolis, 29 jun. 1983
284.	MIGUEL, Salim. Livros – Histórias de fraternidade e sarcasmo .... **O Estado,** Florianópolis, 2 jul. 1983
285.	MIGUEL, Salim. Livros – Jeferson Ribeiro de Andrade: “ Faço contos de amor e desamor” .... **O Estado,** Florianópolis, 9 jul. 1983
286.	MIGUEL, Salim. Livros – Para a criançada, três ótimos livros. **O Estado,** Florianópolis, 13 jul. 1983
287.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Edla Van Steerr .... **O Estado,** Florianópolis, 16 jul. 1983
288.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais prêmios literários.... **O Estado,** Florianópolis, 20 jul. 1983

289.	MIGUEL, Salim. Livros – A prévia do livro Novos ensaios de Edilberto Coutinho .... **O Estado,** Florianópolis, 27 jul. 1983
290.	MIGUEL, Salim. Livros – Um caso tenebroso ..... **O Estado,** Florianópolis, 3 ago. 1983
291.	MIGUEL, Salim. Livros – Temas portugueses: mais títulos .... **O Estado,** Florianópolis, 6 ago. 1983
292.	MIGUEL, Salim. Livros – De memórias e biografias .... **O Estado,** Florianópolis, 10 ago. 1983
293.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais concursos literários .... **O Estado,** Florianópolis, 13 ago. 1983
294.	MIGUEL, Salim. Livros – Cultura em publicações periódicas.... **O Estado,** Florianópolis, 17 ago. 1983
295.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais títulos de Portugal .... **O Estado,** Florianópolis, 24 ago. 1983
296.	MIGUEL, Salim. Livros – Para os pequenos leitores.... **O Estado,** Florianópolis, 20 ago. 1983
297.	MIGUEL, Salim. Livros – Biblioteca Nacional: publicações.... **O Estado,** Florianópolis, 27 ago. 1983
298.	MIGUEL, Salim. Livros – Dois lançamentos de livros .... **O Estado,** Florianópolis, 31 ago. 1983
299.	MIGUEL, Salim. Livros – Retrato da terra e da gente em prosa forte e nuançada .... **O Estado,** Florianópolis, 27 mar. 1983
300.	MIGUEL, Salim. Livros – O livro dos segredos, ou como ir além da consciência..... **O Estado,** Florianópolis, 17 abr. 1983

Conto Brasileiro: Um bom levantamento

Tomando como ponto de partida o volume **Papéis Avultos**, de Machado de Assis, publicado em 1882, Henrique L. Alves preparou, para a 8.ª Feira Internacional de Livros, de Buenos Aires, inaugurada a 1.º de abril de 1982, uma plaquete intitulada **Panorama do Conto Brasileiro**, a fim de acompanhar a mostra. Nestes 100 anos de contos, estão relacionados títulos e autores das mais variadas tendências e estilos, que se dedicaram ao gênero e que marcaram um lugar dentro dele na história da literatura brasileira. Embora assinalando que uma visão cronológica do conto brasileiro recuaria até 1836, com a publicação de "A Caixa e o Tinteiro", de Justiniano José da Rocha, in " "O Chronista" (RJ), o organizador justifica o porque da escolha da data de 1882. Trata-se — diz Alves — de obra (**Papéis Avultos**) a consolidar o gênero literário como expressão criativa".

Resultado do esforço e da pesquisa de um incansável batalhador das letras, o trabalho serve como fonte para uma visão global e cronológica da história curta e da quase totalidade de seus cultores entre nós. Nunca será demais acentuar que mesmo romancistas e poetas, como um Lima Barreto ou um Carlos Drummond de Andrade, não resistiram ao fascínio da história curta.



Na apresentação ao seu levantamento, Henrique L. Alves situa o problema, falando de suas principais vertentes, do "boom" do conto nas décadas de 60 e 70, e da "multiplicidade desses segmentos que dá expressão ao conto com nova dimensão a cada experiência vivida pelo autor". Mais adiante acrescenta ele que a relação irá alimentar o banco de dados e a sua complementação tem por objetivo o de fixar o vasto panorama do conto brasileiro.

Esta pesquisa vem sendo feita há muito tempo pelo ensaísta e contista de São Paulo e a participação na Fiera de Buenos Aires foi uma promoção da Câmara Brasileira do Livro e do Sindicato Nacional de Editores de Livros, com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (Divisão de Feiras e Turismo), Embaixada do Brasil na Argentina (Setor Cultural) e Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

De Santa Catarina ou residentes em Santa Catarina estão presentes os seguintes contistas: W. Rio Appa, Eneas Athanazio, Raul Caldas Filho, Almiro Caldeira, Flávio José Cardozo, João Nicolau Carvalho, Glauco Rodrigues Correa, Ieda Inda, Harry Laus, Lausimar Lus, Holdemar Menezes, Salim Miguel, Péricles Prade, Guido Wilmar Sassi, Deonísio Silva, Silveira de Souza, Cruz e Sousa, Edla van Steen, Virgílio Varzea, Emanuel Medeiros Vieira.

Um número bastante significativo, sem dúvida, mostrando que há quantidade, qualidade e variedade entre os cultores da história curta em Santa Catarina. Mas o número poderia ser ampliado com mais alguns nomes. Entre eles: Othon Gama D'Eça, Tito Carvalho, Adolfo Boos Jr., Herculano Farias, David Gonçalves, Amilcar Neves, Bento Silvério, Amaline Issa, Osmard de Andrade, Jair Francisco Hamms, isto para nos limitarmos apenas aos que já possuem livros publicados.

Contos Escolhidos

O conto brasileiro já tem uma tradição que lhe vem desde os tempos de Machado de Assis — por muitos considerado contista até em seus romances. Tal tradição foi sendo mantida — é raro o escritor brasileiro que não incursionou pelo gênero. Mas foi, sem dúvida, nos últimos anos que o conto adquiriu maior importância dentro da literatura brasileira, com autores que só a ele se dedicam (um Dalton Trevisan), dando-lhe outra dimensão. Andou-se falando, mesmo, em inflação do conto: revistas especializadas, como **Ficção**, coleções específicas de várias editoras, concursos como o do Paraná, atraíram para o gênero infindáveis cultores, mais ou menos qualificados. Agora, uma iniciativa de real interesse dedicada ao conto surge em Brasília: **Coleção 10**, da Horizonte Editora, em convênio com o INL-MEC. Nos primeiros quatro volumes lançados, em cada um deles, sob o título **10 Contos Escolhidos**, selecionados pelo próprio autor, quatro tendências, quatro estilos, quatro tratamentos, quatro visões bem diferenciadas de mundo e do encarar a coisa literária. Dirigidos ao público em geral, e mais especialmente aos alunos de letras e estudiosos do fenômeno da criação, cada volume tem Nota Biográfica, Bibliografia, Estudo Introdutório, além de Folheto de Trabalho assinado pelo prof. Sérgio Waldeck de Carvalho, da Universidade de Brasília. Estes quatro primeiros títulos são de **Dinah Silveira de Queiroz**, com estudo de Nataniel Dantas; **Almeida Fischer**, com estudo de Heitor Martins; **Moreira Campos**, com estudo de Linhares Filho; **Samuel Rawet**, com estudo de Danilo Gomes.

Amostra

Jornalista, crítico, poeta, Carlos de Freitas há muito estava devendo um trabalho de mais fôlego aos seus leitores. Agora, em separata, aparece o poema "Dívida", de seu livro **Inventário**, a ser publicado este ano.

Domínio do fazer poético e sensibilidade são as marcas mais visíveis deste poema, no qual o Autor revela também sua face de homem preocupado com o destino de seu semelhante. Eis um trecho de "Dívida", que abre assim: "Estamos comprometidos/ em nossos gestos e palavras/ com todas as criaturas/ e as coisas que elas fazem sobre a terra". Veja-se, mais adiante, este outro trecho: "Estamos comprometidos/ no crime que está sendo cometido neste momento/ a faca que penetra na carne/ o sanque que escorre/ o vazio/ o medo/ a palavra injusta." Depois de nos dar esta amostra, é esperar pelo todo.

Retrato 3x4

Originariamente peça de teatro, depois telenovela, a seguir série de televisão, eis a vitoriosa carreira de Odorico Paraguassu, do Zeca Diabo, das irmãs Cajazeiras, de outros pitorescos personagens criados pela fértil imaginação de Dias Gomes. Agora, em **Sucupira, ame-a ou deixe-a**, são contos, em edição da Civilização Brasileira. Sub-intitulados "Venturas e desventuras, de Zeca Diabo, e sua gente na terra de Odorico, o bem amado", temos reunidos alguns episódios que fizeram sucesso na televisão e que, certamente, vão faze-lo também no livro. Narrativas, irão agradar a quem as viu nos episódios da TV, recordando-lhes cenas e situações e, também, interessar aqueles que pela primeira vez tomarão conhecimento com aquela gente e aquela terra que são um microcosmo de um país muito nosso conhecido. Na maioria dos contos aqui enfeixados, temos a transcrição quase integral do que foi visto na TV. Só em todos os sete, com um acrescimo: os trechos que foram cortados pela censura.

Terapia

Um método de terapia concebido pelo romeno-americano Jacob Moreno (1892-1974), e aperfeiçoado por seus discípulos, vem ganhando grande divulgação e aceitação nos últimos anos. Trata-se do Psicodrama, técnica de esclarecimento e recuperação de problemas psíquicos, com resultados, segundo seus adeptos, bastante satisfatórios. Um dos principais seguidores de Moreno é o Dr. Dalmiro Bustos, autor deste **O Psicodrama — Aplicações da técnica psicodramática**, que acaba de ser lançado entre nós pela Summus Editorial, de São Paulo. Bustos clinica, simultaneamente, no Brasil e na Argentina. Ele, e outros colaboradores, traçam um abrangente painel do psicodrama e duas aplicações, ilustrado com alguns casos esclarecedores. Mostram que o objetivo da terapia é conseguir que uma pessoa que tem uma atitude passiva diante do seu meio, se converta em agente ativo de mudança, liberando, através do processo psicoterapêutico, sua energia e pondo-a a serviço da busca de mudanças do meio social.

Revolta

Conforme os próprios autores acentuam, temos em **Capitão Swing**, de E.J. Hobsawn e George Rudé, que acaba de aparecer pelo Editora Francisco Alves, RJ, uma análise da "longa e fatídica luta dos trabalhadores rurais ingleses contra a pobreza e a degradação". Hobsbawn, já conhecido do leitor brasileiro por outros ensaios, e Rudé, quase desconhecido entre nós mas famoso na Europa por seus trabalhos a respeito da multidão na história, debruçam-se sobre a expansão capitalista e as revoltas rurais ocorridas na Inglaterra em 1830. E extraem, dos fatos, conclusões importantes para um melhor conhecimento de um conturbado período na vida econômica, política e ideológica daquele país no século XIX. A revolta, e a enigmática figura do Capitão Swing com suas cartas, no caso não uma determinada pessoa mas um grupo anônimo e não-documentado de pessoas, trouxeram substanciais modificações na estrutura social, econômica e política da Inglaterra.

Infanto-Juvenis

Felizmente está se ampliando o número de títulos para os pequenos leitores. Graças ao trabalho, em especial, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e à colaboração de alguns autores, críticos e editores em qualidade novos livros começam a chegar regularmente ao mercado. A Comunicação de Belo Horizonte, é uma das Editoras a que se deve, em parte, além do incentivo, a renovação e melhoria de qualidade das obras dirigidas ao público infanto-juvenil. Ainda agora, mais quatro títulos acabam de ser lançados — ou relançados — em sua Coleção Brincar e Ler. São eles: **Branco Total**, de Marco Antonio de Carvalho, ilustrações de Nizeli; **A Montanha do Gavião**, de Valmir Batista, ilustrações de Adolfo Castro Valdolato; **O Rei dos Cacos**, de Vivina de Assis Viana, ilustrações de Rubens Matuck; **Asa Curta**, de Gilberto Mansur, ilustrações de Sandra Abdalla. Textos inventivos, apresentações agradável, no sentido de chamar a atenção dos leitores.

Outra editora, também de Belo Horizonte, vem abrindo espaço em suas coleções para os livros dedicados a este público. Trata-se de Miguilin, em convenio com o INL-MEC. São volumes de leitura simples e apresentações agradável. Na coleção Tererê foram ultimamente lançados **Teco; Pelota Bolota; O Bigode Sorridente; Maria Sabe-Tudo; Tererê**, todos de Santuza Abras Pinto Coelho e ilustrações de Ana Raquel, e **Estória em três Atos** de Bartolomeu Campos Queiroz com ilustrações de Igor Balbachesvky.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

Salim Miguel

Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina

Quando se comemoram os 60 anos da Semana de Arte Moderna (São Paulo, fevereiro, 1922), é lançado em Santa Catarina, pela FCC - Edições, **Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina,** de Lina Leal Sabino, balanço de um movimento que abalou o modorrento ambiente cultural de Florianópolis, e por extensão do Estado, no final da década de 40 e durante a década de 50. Resultado de uma pesquisa exaustiva, que foi às fontes, que entrevistou participantes do movimento, que analisou suas conseqüências, o trabalho de Lina torna-se, a partir de agora, obra indispensável para quem deseja estudar o referido período em todas as suas implicações. Tendo participado do movimento, não nos julgamos a pessoa mais adequada para falar do trabalho da Autora. Daí porque, em lugar do nosso comentário habitual de abertura da coluna, passamos a transcrever a "orelha" do livro:

"O ruidoso acontecimento da Semana de Arte Moderna de São Paulo, em fevereiro de 1922, passa completamente desapercebido pela imprensa catarinense da época. Enquanto o "Correio do Povo", de Porto Alegre, nos dias do acontecimento, divulgava informaçoes com títulos como "Festival de Arte que redundou em fracasso", "O futurismo no Brasil", "Bendita vaia", os jornais de Florianópolis limitavam-se às costumeiras notícias das miúdas ocorrências locais.

Foi somente em 1948, com o aparecimento da "Revista Sul", editada por um grupo de intelectuáis posteriormente conhecido como "Grupo Sul", que o Movimento Modernista chegou a Santa Catarina. O Grupo Sul sacudiu a mesmice literária e artística do Estado, provocou reações de indignação, de despreso ou de puro achincalhe. Mas capitalizou também o interesse e a adesão das novas gerações de escritores que buscavam ansiosos, no isolamento do meio, perspectivas mais amplas e condizentes com a realidade cultural de seu tempo.

E sobre a importância desse Grupo, cuja influência duradoura acabou por provocar radical transformação em todos os aspectos do conhecimento, que a professora Lina Leal Sabino fundamentou este seu trabalho de pesquisa, **Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina,** inicialmente apresentado como Dissertação de Mestrado, em Letras, na Universidade Federal de Santa Catarina e que agora a FCC - Edições entrega ao leitor.

Neste livro se historia a exigência do Grupo, buscando estabelecer o papel que desempenhou

em face do Modernismo e situando-o quanto à duração, abrangência e repercussão dentro do panorama cultural catarinense. "Desconhecemos notícias", diz a Autora, "de outro Movimento na literatura de Santa Catarina que tenha sido tão longo (dez anos); que tenha sido tão abrangente (Teatro, Cinema, Artes Plásticas, Literatura); e que tenha produzido tantos frutos. Não só frutos dentro da época a que pertence, cronologicamente, no caso a transformação estético-literária dos anos 40 e 50, mas também pelos nomes que, aí gerados, realizaram-se vida em fora."

Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina é, pela seriedade e amplitude da pesquisa, incontestavelmente um trabalho fundamental para o estudo de um período dos mais fecundos e renovadores da cultura deste Estado."

Acompanham a edição, graficamente bem cuidada, editorialmente perfeita, numerosas fotografias que documentam todo os setores de atividade cultural nos quais atuou o Grupo Sul.

Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina, de Lina Leal Sabino, FCC-Edições, Fpolis, 1982, terá lançamento em noite de autógrafos na próxima terça-feira, dia 18, às 20 horas, no auditório da Assembléia Legislativa do Estado.

Inventividade

Um texto gostoso, criativo, que procura acabar com a sisudez - o formalismo; um texto bom de (re) ler, que agradará por igual a todas as faixas etárias, sem a clássica divisão criança/adulto; um texto no qual a autora subverte a tradicional e bem comportada história da cigarra e da formiga. E a partir daí, tudo vale: utilizando-se da mais desenfreada e solta imaginação e da sátira para romper com preconceitos e obsoletos tabus, a Autora vai deixando fluir livremente sua inventividade, reconstruindo à sua maneira velhas histórias que passam a ter um novo sabor. No mais, é ler-reler **Papel e Tinga,** de Maria Angélica de Oliveira, Editora e Livraria Escrita, SP. E conferir.

Antologia

Um ambicioso projeto, que vem ao encontro do estudoso da literatura e do apreciador da ficção, com o título geral de **Mar de Histórias,** elaborado por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai e editado pela Nova Fronteira, RJ, chega ao 6º volume, este denominado "caminhos cruzados". Nesta abrangente antologia do conto mundial o leitor tem oportunidade de acompanhar a evolução do gênero e suas variadas tendências. Kipling, Henry James, Conan Doyle, Gorki, Thomas Hardy, Selma Lagerlof são alguns dos autores incluídos neste volume. Da literatura em língua portuguesa, Fialho D'Almeida, com "O filho" e Artur Azevedo, com "Plebiscito". Cada conto é precedido de uma nota biográfica situando o autor e sua obra.

Recuperação

Uma poesia, conforme assinala o prefaciador Antônio Hohlfeldt, centrada na passagem do tempo e seu perene fluir, na tentativa de recuperação dos dias idos e vividos. Uma poesia sensível e lírica, compromissada com o homem e seu destino. **Passagem do tempo breve,** de Antonio Milano, é uma seleção dos livros anteriores do poeta gaúcho há pouco falecido. O volume é organizado pelo escritor Sérgio Faraco e publicado pelas Edições Criar, PR.

Cinema

Começa de maneira bastante auspiciosa a nova coleção dedicada ao cinema que acaba de ser lançada pela Global Editora, SP. Por sua proposta, "Cinetexto" se dirige a uma vasta camada de aficcionados da sétima arte, abrangendo textos teóricos e roteiros. **Psicanálise e Cinema** reúne ensaios de Christian Metz, Júlia Kristeva, Félix Guatari e Roland Barthes, que abordam os seguintes temas: O significante imaginário; Elipse sobre o fragor e a Sedução espetacular; O divã do pobre; Saindo do cinema; e O filme de ficção e seu espectador. São todos trabalhos que dão uma visão do cinema através da psicanálise. **O Couraçado Potemkim,** de Sergei M. Eisenstein, oferece o roteiro de um filme que marcou época na história do cinema, provocando uma revolução na estrutura do filme, pois além do tema era a forma de narrar. O livro traz, também, uma análise da película pelo próprio Eisenstein e material fotográfico reproduzindo algumas das principais cenas.

Aproximação

Estudioso dos problemas africanos, já lhes tendo dedicado outros trabalhos (**África arde**), Carlos Comitini volta ao tema com um livro que procura, de maneira simples e objetiva, dar uma visão geral daquele continente e de seu povo. Muito embora a permanência africana no Brasil, o que deveria ajudar na compreensão mútua, há um grande desconhecimento da realidade que eles vivem e dos problemas que vêm enfrentando em suas respectivas áreas. Assim, em **África, o povo,** Edições Achiamé, RJ, Comitini se debruça sobre problemas candentes como colonialismo, neocolonislismo, lutas pela independência, formação de novos países, mostrando que existe uma grande complexidade e diversidade entre aqueles povos, ao lado de identidades que é preciso saber compreender.

Integração

Uma precursora dos movimentos feministas, que viveu na Rússia prérevolucionária, tem agora publicado no Brasil, pela Global Editora, na col. Bases, um de seus livros mais significativos: **Marxismo e Revolução Sexual.** Alexandra Kollontai teve participação ativa na Revolução Russa. Neste volume, ela conta, de forma objetiva, suas experiências como comissária do povo no setor de atendimento à maternidade e à infância e a sua participação em outros setores de atividade, tendo sempre em vista a libertação da mulher e sua plena integração no contexto social e humano.

Concursos

Mais um concurso literário, desta vez no sentido de incentivar a literatura infanto-juvenil. É o Prêmio Coleção do Pinto-82, da Editora Comunicação, de Belo Horizonte. Cr$ 150 mil para o primeiro colocado, como pagamento dos direitos autorais da 1ª edição de cinco mil exemplares. Textos com um mínimo de 16 laudas datilografadas a espaço dois e máximo de 30 laudas. Inscrições abrtas até 30 de agosto, divulgação do resultado até 30 de novembro, e o prêmio será pago no lançamento da obra premiada, 90 dias após a proclamação do vencedor. Maiores informações: Editora Comunicação Ltda., Rua Tobias Barreto, 255 - Nova Suiça - CEP 30.000 - Belo Horizonte - MG.

Outro concurso é o de Contos Insólitos, da Editora e Livraria Escrita, SP, justificado da seguinte maneira: "todos aqueles que fogem ao feijão com arroz da história curta no Brasil. Assim, a Escrita dará preferência aos contos fantásticos, surrealistas, de ficção científica, eróticos, humorísticos, violentos, alucinados, etc. Inscrições abertas até 31 de julho. Maiores informações: Editora e Livraria Escrita, R. General Jardim, 570 - 01223 - São Paulo, SP.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 23/05/82

LIVROS

Salim Miguel

Instigante e Indispensável

É praticamente impossível dissociar o ficcionista Ernesto Sabato do ensaísta Ernesto Sabato. Ambos se complementam e interpenetram para criar uma das mais complexas e fascinantes personalidades de intelectual dos nossos dias. Depois da publicação, entre nós, de seus três romances (**O Túnel; Sobre Heróis e Tumbas; Abadom, o Externimador**) tinha-se obrigatoriamente, que tomar conhecimento deste **O Escritor e seus Fantasmas,** recém-lançado pela Livraria Francisco Alves Editora, (que igualmente publicou os outros livros) em tradução (boa) de Janer Cristaldo. Debruçando-se sobre si mesmo, investigando-se a fundo para melhor se (auto) conhecer, Sabato diz em certo trecho: "Para quem escrevo este livro? Em primeiro lugar para mim mesmo, com o intuito de esclarecer vagas intuições sobre o que faço de minha vida; logo, penso que podem ser úteis para muitas pessoas, que, como eu em minha época, lutam por encontrar-se por saber se de fato são escritores ou não, para ajudá-las em uma resposta sobre o que é ficção e como é elaborada". Ainda que investigando-se e investigando fenômeno da criação literária como um todo, o autor se demora mais sobre a problemática do romance em nossa época seu significado, sua importância, seu desdobramento, sua fragmentação. Melhor, contudo, do que ficarmos a tentatar explicar o significado deste instigante livro, é passar a palavra ao próprio Ernesto Sabato, transcrevendo algumas de suas observações (muito embora haja, na verdade, necessidade, quase diríamos obrigação, de se ler e meditar sobre todo o livro e, se possível, concomitantemente, conhecendo-se ou tomando-se conhecimento de sua obra ficcional). Mas vamos a amostragem: "**Técnica do Romance** - Para mim, o romance é como a história e como seu protagonista, o homem: um gênero impuro por excelência. Resiste a qualquer clarificação total e desborda toda limitação. Quanto à técnica, considero legítimo tudo o que é útil aos fins perseguidos e ilegítimas aquelas inovações que são feitas pela inovação em si".

"**A Condição Mais Preciosa do Criador** - O fanatismo. Tem de ter uma obsessão fanática, nada deve antepor-se à sua criação, deve sacrificar qualquer coisa a ela. Sem esse fanatismo nada de importante se pode fazer".

"**Exploradores, Mais que Inventores** - Há provavelmente, duas atitudes básicas que dão origem a dois tipos fundamentais, de ficção:: ou se escreve por espírito lúdico, para entretenimento prkóprio e dos leitores para passar e fazer passar o tempo, para distrair ou procurar alguns momentos de agradável evasão; ou se escreve para pesquisar a condição do homem, empresa que não serve como passatempo, nem é um jogo nem é agradável".

"**As Obras Sucessivas** - As obras sucessivas de um romancista são como as cidades que se levantam sobre as ruínas das anteriores: embora novas, materializam certa imortalidade, assegura por antigas lendas, por homens da mesma raça, por crepúsculos e paixões semelhantes, por olhos e rostos que retornam".

"**Marx e a Literatura Burguesa** - Um conhecido revolucionário do século XIX chamado Karl Marx, a quem ninguém pode acusar de tendências pequeno-burguesas, recitava Shakespeare de memória, se extasiava com Byron e Shelly, e elogiava Heine e considerava esse reacionário Balzac como um gigante admirável".

"**O Compromisso** — Não há outra forma de se alcançar a eternidade senão afundando no instante, nem outra forma de chegar à universalidade senão através da própria circunstância: o aqui e o agora. A tarefa do escritor seria a de entrever os valores eternos que estão implícitos no drama social e político de seu tempo e lugar".

"**Romancista e Revoluções** - O escritor de ficções profundas é, no fundo, um anti-social, um rebelde, e por isso, amiúde, é companheiro de caminhada dos movimentos revolucionários. Mas quando as revoluções triunfam não é estranho que volte a ser um rebelde".

E chega. O melhor é cada qual fazer suas próprias descobertas. Caso contrário, acabaríamos citando quase todo o livro.

Historiografia

Três títulos de real interesse para estudantes e estudiosos da pesquisa historiográfica acabam de aparecer pela Global Editora, SP. **Historia da Indústria e do Trabalho no Brasil,** de Francisco Foot e Victor Leonardi, vol. 6 da col. Teses, é o primeiro livro a tratar de forma sistemática da história da implantação da indústria e do movimento operário no Brasil. Recolhendo documentação inédita e ampla, os autores realizam uma pesquisa abrangente, indo até as origens da burguesia, industrial, suas relações com o capitalismo internacional e com as oligarquias agrárias. **Modos de Produção Feudal,** organizado por Jaime Pinsky, é o vol. 1 da col. Textos. Reúne trabalhos de Luis Vitale, Charles Parain, S.I. Kpvaliev e Claude Cahem, que levam o leitor a uma análise sobre o modo de produção feudal, e seus reflexos, concluindo com uma discussão sobre o feudalismo no Brasil e na América Latina. **A República Velha,** de Leonardo Trevisan, vol. 5 da col. História Popular-Brasil é apresentada aqui, como um golpe dos cafeicultores paulistas para manter o país dentro de seu núcleo de interesses; o Autor reconstrói, de maneira objetiva, a crise da República Velha e seus desdobramentos, que veio desembocar na Revolução de 30.

Revisão

Uma (re) visão da historiografia brasileira, em moldes novos, é o que vem realizando José Honório Rodrigues na sua já vasta bibliografia. Analisando despreconceituosamente os fatos, busca outras interpretações para os fenômenos históricos. Neste **Conciliação e Reforma no Brasil,** o autor estuda o processo político do Brasil de hoje, com todas as suas implicações e consequências. E revela como ele próprio acentua, que 'no processo histórico brasileiro houve crueza e incrueza, cordialidade e histilidade". A 1.ª edição deste trabalho é de 1965; e embora reunindo capítulos escritos em épocas diferentes, há neles uma coerência interior que lhes dá unidade. Reedição da Nova Fronteira. RJ.

Polêmico

Autor de um polêmico e controvertido livro sobre Tiradentes que movimentou o geralmente tranquilo ambiente cultural brasileiro, Sérgio Faraco, conhecido historiador e ficcionista gaúcho, retoma o tema, indo a análise de outras fontes. Neste **Tiradentes o mito e a nação,** que acaba de aparecer pela Edições Criar, do Paraná, a proposta de Faraco, é a mesma. Reunindo cinco ensaios nos quais aborda cinco aspctos que se interligam e complementam procura provocar novas discussões e interpretações, e (re) avaliar a figura de Tiradentes, discutindo qual foi sua participação nas lutas da Inconfidência e pela Independência do país.

Participação

Padre, sociólogo, homem de pensamento, guerrilheiro, Camilo Torres, foi um precursor de novas tendências e maneira de ser e agir dentro da igreja católica no terceiro mundo. Muitas de suas posições continuam, ainda hoje, sendo contestadas e debatidas, embora todos reconheçam a honestidade de seus propósitos e sua opção a favor dos mais desamparados. em **Cristianismo e Revolução,** que acaba de ser lançado pela Global Editora, SP, na col. Passado e Presente, com apresentação de D. Pedro Casaldaglia, temos, através de artigos, depoimentos e correspondência, o pensamento do padre-combatente a respeito da América Latina e sus problemas. Camilo Torres foi morto, aos 37 anos, num confronto com forças do governo de seu país, quando participava das lutas dos guerrilheiros.

Gerenciamento

Formação e aperfeiçoamento de gerentes é o tema básico de **O Processo do Desenvolvimento Gerancial,** de Nelson Leocádio, lançado pelas Sumus Editorial, SP. No campo, são muito raros os rótulos de autor nacional; a grande maioria é composta de livros de escritores norte-americanos adaptados à nossa realidade. Além de acompanhar cada estágio do desenvolvimento, o A. determina responsabilidade, fases, métodos e mensuração dos resultados; e complementa tudo isto com fontes de referência, formulários, fatos e exemplos. NL há muito trabalha na identificação, planejamento e desenvolvimento de Recursos Humanos em grandes empresas.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Ficção e Verdade

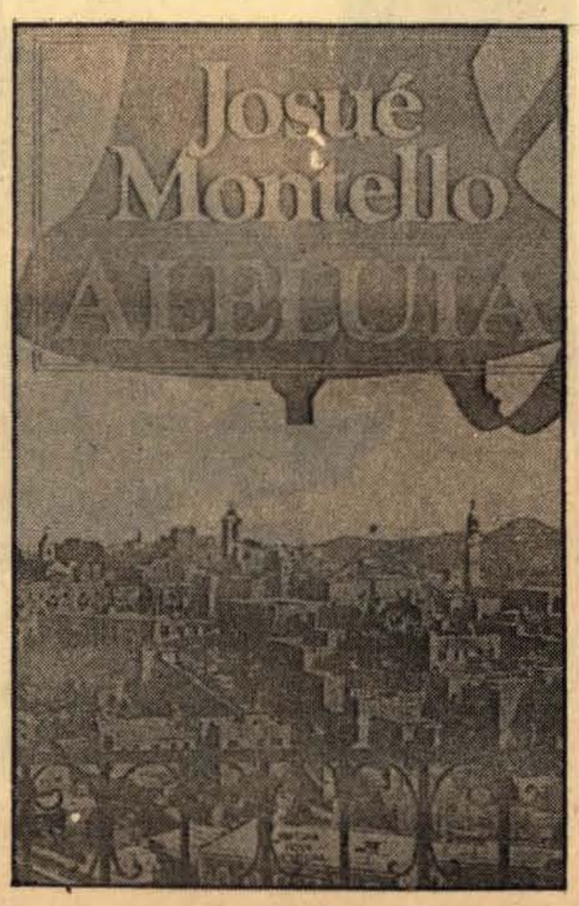
Para um leitor menos avisado, o novo romance de Josué Montello, recém-lançado pela Editora Nova Fronteira, RJ, poderá causar alguma surpresa - conforme ele mesmo faz questão de declarar. Aqui, neste **Aleluia,** estamos bem longe da saga que o Autor vem erguendo sobre a sua São Luiz (e por extensão o Maranhão), ampliando, para repetirmos uma expressão grata a Balzac, o registro civil. São romances independentes, mas que se interligam pelo clima, pela proposta, pela preocupação, pelo enfoque. E dando, por igual, uma abrangente visão de sua gente e sua terra.

Mas é ainda o próprio Montello quem melhor explica esta sua nova e tão diferente (na aparência) incursão ficcional. Diz: "Na verdade, ele se insere na linha da minha formação cultural. A rigor, conforme acentuei em mais de uma confissão, fui criado com a leitura da Bíblia." E a Bíblia, pode-se ver claramente agora, o impregnou.

Efraim é o fio condutor da história de **Aleluia.** Uma história narrada numa falsa terceira pessoa. Pois o que vale é a primeira pessoa, isto é, Efraim relatando para um desconhecido, que lhe bate à porta numa estranha noite de chuva e vento, as suas perplexidades. Assim, embora volta e meia surja das sombras a mulher de Efraim, embora se fala de outras personagens, o foco narrativo como que é centrado na figura do desconhecido, que embora nada contradiga provoca singulares emoções e reações em Efraim. E que Efraim quer, precisa desabafar, discutir suas dúvidas e contradições, saber porque Jesus se deixou crucificar.

A narrativa coleia, de acordo com as emoções e recordações de Efraim, suas certezas abaladas, sua verdade rompida.

Seria o Cristo, na verdade, o filho do Deus? Então, por que foi flagelado, escarnecido, crucificado, sem que o pai viesse em seu auxílio? Tudo isto tortura Efraim, que assistiu a um milagre na sua própria casa: a recuperação de seu filho tresmalhado, o homem que seu filho assassinara ressuscitando diante de seus olhos e nada se lembrando do passado, Efraim atendendo ao chamado do desconhecido que propiciara aquilo, "deixa tudo, vem e me acompanha". Agora, a dúvida a corroê-lo. Dúvida e



remorso por haver, também ele, como Pedro, negado o Cristo na hora decisiva. O desconhecido nada diz. Ouve.

Implícita ou explícita, há, por tudo, no transcorrer da história, uma aproximação com o presente, com a violência e o desencontro dos homens.

Com tais elementos, numa prosa densa, cadenciada, marcada por aquela técnica narrativa e aquela empatia que identificam sua obra, Montello agarra o leitor e o faz partícipe do seu mundo.

Assim, dum tema batido, que já serviu a infindáveis escritores das mais diferentes regiões, épocas, formações e tendências, Montello extrai uma história ao mesmo tempo de tensão e reflexão sobre o destino do homem.

E mais do que a revelação de quem seria o visitante noturno, há, no clima daquele amanhecer de uma noite tempestuosa, um amanhecer límpido, uma simbologia que põe fim às dúvidas e indecisões de Efraim.

Pouco importa, aqui, se o leitor é crente ou incréu. No caso presente, o que interessa especialmente é a estranha força que emana do livro, prendendo em sua teia e emocionando por sua verdade ficcional.

Estética Comparada

Uma aproximação e uma interação entre as letras e as artes, na tentativa de mais e melhor compreendê-las e situá-las, é talvez a principal contribuição de Mário Praz, professor Emérito da Universidade de Roma, neste seu **Literatura e Artes Visuais,** *tradução de José Paulo Paes, que acaba de aparecer numa Ediçuo Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo. Fartamente ilustrado, remetendo, desta maneira, o leitor do texto para fotos sempre pertinentes, o trabalho de Praz, por seu enfoque e por sua visão global do problema, é de singular importância para todos que se preocupam com o fenômeno da criação em suas mais diferentes manifestações. Temas fascinantes e de permanente interesse para o estudioso nos campos culturais e artísticos são exaustivamente debatidos. Assim, por exemplo, as relações entre Literatura e Pintura, Literatura e Arquitetura, nas diversas épocas e contextos socioculturais. Ao longo de todo o livro há uma preocupação especial com o paralelo que Mário Praz traça entre Poesia e Artes Plásticas, revelando como, quando e quanto poetas e pintores se influenciaram mutuamente. Não só se abeberaram nas mesmas fontes, o que seria um fato comum, mas direta ou indiretamente se autoinfluenciaram. Os exemplos que o Autor cita atravessam os séculos.*

Por tudo isto, e muito mais, um livro instigante e de inegável interesse.

* * *

Horror

Durante muito tempo, um fato polêmico, com estranhas versões se entrechocando, bastante controvertido, foi o envolvimento dos dominicanos nos episódios que conduziram à morte de Carlos Marighella, fuzilado pelas forças da repressão. Agora, Frei Betto narra, de forma minuciosa e documentada, não só estes como outros acontecimentos que marcaram de forma indelével um passado recente e amargo do Brasil. Além da biografia pessoal e política de Marighella, e de sua permanente participação no movimento revolucionário brasileiro desde os anos 20, Frei Betto dá um depoimento emocionado e vivo de sua própria odisséia, de outros dominicanos, de pessoas direta ou indiretamente envolvidas nos fatos e, em especial, da dramática trajetória de Frei Tito, barbaramente torturado por elementos de e como Fleury e que, mesmo depois de exilado na França, não conseguiu resistir às lembranças da tortura e de seus torturadores, que lhe minaram corpo e alma, continuando a persegui-lo em sonhos até se tornarem numa presença contínua e obsedante, o que o levaria ao suicídio. Assim, **Batismo de Sangue,** *de Frei Betto, editado pela Civilização Brasileiro, RJ, é livro que ninguém consegue ler sem um frêmito de horror, imaginando e por vezes duvidando se aquilo que ali vem narrado poderia mesmo ter acontecido entre seres que se dizem humanos.*

Acompanha o volume um dossiê de Frei Tito e alguns dos poemas que ele escreveu na França pouco antes de cometer suicídio.

* * *

Aproximação

Uma introdução à obra e uma aproximação ao homem — eis o que é este primeito título da coleção Encanto Radical, lançamento da Editora Brasiliense, SP: **Fédor M. Dostoievski,** *de Regis de Morais. De maneira sucinta e apaixonada, ele traça a trajetória do escritor russo. Neste "esboço de um perfil", como o próprio autor intitula seu ensaio, temos uma dramática visão de Dostoievski, de sua vida torturada e de sua obra imorredoura. Ao final, cronologia da vida e obra do autor de* **Crime e Castigo** *e Indicação Bibliográfica.*

* * *

Folclore

Em amplo panorama das manifestações folclóricas no Brasil, com questionamentos sobre sua sobrevivência entre nós neste final de século, é a linha básica deste livro, **Antologia do Folclore Brasileiro,** *de Américo Pellegrini Filho, lançado pela Edart e distribuído pela Global Editora, SP. Estudiosos e pesquisadores de diferentes regiões do país assinam os trabalhos, que são de inegável utilidade para estudantes e estudiosos em geral dos fenômenos culturais. A parte referente a Santa Catarina, que estuda mais detalhadamente as Sociedades de Atiradores (embora se detenha também nas outras manifestações folclóricas de maneira mais sucinta) é assinada por Doralécio Soares, conhecido pesquisador, com vários trabalhos publicados.*

* * *

Escrita

Mais de uma dezena de publicações dedicadas às letras e às artes surgiram na segunda metade da década de setenta. Delas, ao que nos consta, apenas **Escrita,** *editada por Wladir Nader, sobrevive. Já está no sétimo ano, alcançando o número 32, pois muito embora a luta que vem sendo mantida, não consegue periodicidade. Paralelamente à revista, Nader tem uma editora, realiza regularmente concursos de contos e poesia, num trabalho altamente meritório. Neste número, poemas de Safo e Mando Araújandinou, Paulo Leminski e os vencedores do concurso de poesia falada; contos de Maria Angélica de Oliveira, Caio Fernando Abreu e Hamilton Trevisan; crítica de Carlos Felipe Moisés sobre* **Galvez e Mad Maria,** *de Mário de Souza; resenhas e informações.*

* * *

João Antonio em Tcheco e em Florianópolis

Os vadios de João Antonio continuam correndo mundo. Sofridos, com uma ginga muito brasileira e uma malícia toda nossa, vão levando suas mensagens até as mais distantes regiões. Agora, numa tiragem inicial de 49 mil exemplares, chegam à Tchecoslováquia. Para mais facilmente se infiltrarem, deixam de ser **Malagueta, Perus e Bacanaço** *e passam a se chamar* **Paprica, Perus e Herzoun.** *Enquanto isto, no Brasil, sempre pela Record, continuam as reedições dos livros de João Antonio.* **Malagueta, Perus e Bacanaço** *chega à 7.ª edição;* **Leão de Chácara** *já está em 6.ª edição; e* **Malhação de Judas Carioca,** *na 3.ª edição. Para falar de seu mundo e do problema do escritor no Brasil, João Antonio, a convite do Departamento de Letras da UFSC, deverá estar em agosto em Florianópolis.*

* * *

Novo Prêmio

Já se encontram abertas as inscrições para o Prêmio Alfredo Machado Quintella, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, destinado a textos inéditos de literatura juvenil. Os originais de, no mínimo, 120 laudas datilografadas, devem ser enviados, sob pseudônimo, para a FNLIJ, Rua da Imprensa, 16 — 5.º andar — sala 509 — 20030 — Rio de Janeiro-RJ. O valor do prêmio é do correspondente em cruzeiros a um mil dólares. As inscrições estarão abertas até o próximo dia 31 de julho. Maiores informações e regulamento deverão ser solicitados à FNLIF no endereço acima.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

205 - MIGUEL, Salim. Livros – Ficção Brasileira .... **O Estado,** Florianópolis, 6 jun. 1982

LIVROS

Salim Miguel

Ficção Brasileira

79/82: os melhores

Quando decorrem 150 anos da morte de Goethe, o Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Instituto Goethe do Brasil) promove o Prêmio Goethe de Literatura, destinado a escolher a melhor obra de ficção de autor brasileiro, publicada entre janeiro de 1979 e maio de 1982.

Para a seleção dos trabalhos, o ICBA convidou um grupo de intelectuais representativos das várias tendências da crítica literária, do ensaísmo e da vida acadêmica brasileira. Assim, fazem parte do júri: Alceu Amoroso Lima, Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho, Antonio Cândido, Antonio Hohlfeldt, Antonio Houaiss, Bella Josef, Benedito Nunes, Carlos Nelson Coutinho, Décio Pignatari, Edgar Matta Machado, Eglê Malheiros, Eduardo Portella, Fausto Cunha, Ferreira Gullar, Fábio Lucas, Franklin de Oliveira, Guilhermino Cezar, Heloisa Buarque de Holanda, Haroldo de Campos, José Guilherme Merquior, Luiz Carlos Lisboa, Letícia Mallard, Mário Silva Brito, Nelly Novaes Coelho, Roberto Schwartz, Regina Zilbermann, Sérgio de Castro Pinto, Walnice Nogueira Galvão. Wilson Martins.

A escolha se dará em duas etapas, independendo de inscrição, pois os livros serão selecionados entre os que foram lançados pelas editoras no período acima referido.

Na primeira etapa, cada membro do júri c selecionará dez títulos, sem ordem classificatória; na segunda etapa, depois que a comissão organizadora tiver retirado os cinco mais votados, estes retornarão ao júri, para então, desta vez numa lista de preferência de 1º a 5º, serem escolhidos os cinco títulos mais representativos da ficção brasileira publicada nos últimos quatro anos.

O Prêmio Goethe de Literatura vai oferecer ao laureado, além da nominação, viagem à República Federal da Alemanha, em outubro de 1982, com programa dividido em duas etapas: a primeira em Frankfurt, durante a realização da Feira Internacional do Livro, onde, durante uma semana, o escritor poderá entrar em contacto com editores, escritores, e o movimento literário e editorial alemão; e a segunda, uma bolsa de estudos com duracão de até três meses, no Berliner Kunstlerprogram)Artist inresidence program) do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Daad), em Berlim.

Futebol

O futebol, paixão maior do brasileiro, não tem uma correspondente importância nas artes e nas letras. São raros os trabalhos no cinema, nas artes plásticas, no teatro, na ficção, que o abordam sob qualquer ângulo. Agora, mais uma contribuição surge: **Brasil F.C.**, de Nelson Mota, editado pela Nova Fronteira. Nesta ficção-reportagem, Mota, conhecido por suas múltiplas atividades na área de comunicação, parte de uma hipótese: e se o Brasil tivesse ganho a copa dos uruguaios? Para isto ele se vale de tudo, coloca no mesmo time craques de todas as épocas, formando mais do que uma super-seleção. Em meio disto, uma visão irônico-amarga do Brasil, de sua gente, dos problemas que enfrentamos no dia-a-dia.

Lido e Meditado

Uma dupla caminhada: de um lado a visão do homem, do seu princípio ainda não muito claro até o imprevisível final igualmente numa nebulosa; e do outro, ao texto de Millôr Fernandes, como que costurando-o, trechos de autores (Shakespeare, Rubem Braga, Gonçalves Dias, Shaw, Cornélio Pena, JamesJoyce, Guimarães Rosa) além de matérias do Time, Look, etc. Resultado: ao mesmo tempo, um gostoso texto para ser lido e meditado. Ou assistido, pois foi feito, originariamente, para o teatro, tendo estreado em junho de 1967, com produção e direção de Fernando Torres e apresentação dos textos por Fernanda Montenegro, Cláudio Corrêa e Castro e Sérgio Brito. **O Homem do Princípio ao Fim,** de Millôr Fernandes, reaparece agora pela LePM-Edições, RS, na coleção de bolso Novaleitura.

Chibata

Um episódio da história do Brasil que continua merecendo a atenção dos pesquisadores, por seu significado e seus reflexos, é o que ficou conhecido como "A revolta da chibata", em 1910. Foi um levante de marinheiros contra as condições em que viviam, encabeçada pelo marinheiro João Cândido. Sobre o tema, um título significativo é o de Edmar Morel, publicado há muito e que teve em 1979 uma 3ª edição. Agora, em sua coleção de bolso Tudo é História, a Brasiliense, SP, publica **Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910,** de Marcos A. da Silva. Num texto objetivo, o A. Dá boa contribuição para um melhor conhecimento do que foi aquele episódio e suas consequências. Ao final, Indicações para Leitura e Bibliografia, para quem deseje se aprofundar mais no tema.

Argentina

Publicado em 1977, em Portugal, quando o autor ainda usava o pseudônimo de Marcelo Dias, este livro, **A Guerra da Argentina,** de Alfredo Sirkis, lançado agora entre nós, pela Record, RJ, não fala, é claro, da guerra das Malvinas. A realidade é bem outra. E um balanço de mais de 30 anos da vida naquele país, com seus descompassos, mostrando a era peronista, os movimentos populares, o domínio dos militares, as guerrilhas. Numa linguagem jornalística, ilustrada com numerosas fotos, temos um documento de valor histórico que, através do ontem ajuda a compreender o hoje. Sirkis, que esteve exilado do Brasil durante anos, já havia publicado, com sucesso, dois importantes depoimentos sobre suas próprias experiências: **Os Carbonorários e Roleta Chilena.**

Serviço Social

Dois novos títulos, de uma coleção lançada pela Cortez Edirao, SP, que estuda, sob todos os aspectos, a problemática do serviço social. Em **Serviço Social no Brasil: a ideologia de uma década,** Arlette Alves Lima vê o contexto histórico em que se introduziu o serviço social no Brasil e mostra como se deu a relação entre a ação católica e o serviço social; já **A intervenção em serviço social: visão praxiológica,** de Maria Carmésia T.M. Leite, analisa e questiona os conceitos dos principais autores norte-americanos e latino-americanos, inclusive brasileiros, visando conceber um instrumental teórico, para que o assistente social possa melhor se posicionar.

Infanto-juvenis

Uma história de desencontro e reencontro de gerações (**O menino que descobriu o sol**, texto de ilustrações de Roberto Gomes, Edições Criar, PR); uma historia de trocas, no caso a alegria substituindo a tristeza (**Dr. Gargalhada, distribuidor de sorrisos,** de Henry Correa, de Araujo, Ilust. de Avelino Pereira Guedes, Editora Codecri, RJ); uma história de descobertas, que pede a participação dos pequenos leitores (**Rabiscos ou rabanetes,** de Sylvia Orthof com desenhos de Gê Orthof, editora Codecri, RJ); e uma lenda indígena que narra a história de um homem corajoso que sonhava com um mundo mais justo e equilibrado (**Bahira,** lenda colhida e adaptada pelo indigenista Nunes Pereira e Ilust. por Beatrice Tanaka, Editora Codecri, RJ), são os mais recentes títulos para os leitores mirins, os três últimos da Coleção Pasquizinho.

Registro

Em Busca de Outros Mundos, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, editado pela Francisco Alves, RJ, é livro de divulgação científica, escrito em linguagem jornalística. Mostra a caminhada do homem em direção ao espaço sideral - e os progresssos que vêm sendo feitos a partir do vôo pioneiro de Gagarin. O.A. recua para um longínquo passado e avança para um futuro que ele crê previsível. Amplamente ilustrado, é livro que interessa, por suas colocações, até mesmo os que pouco se preocupam com o tema. **O Signo do Cão,** de Jean Hougron, também da Francisco Alves, é novo volume da coleção Mundos da Ficção Científica, coordenada por Fausto Cunha. É o único livro de ficção científica de um autor de importantes romances da nova prosa francesa. Metáfora do totalitarismo, jogando com sugestiva galeria de tipos e situações, para Fausto Cunha, "O Signo do Cão, de Jean Hougron, forma com **Ceux de Nulle Part,** de Frances Carsac, o duo do melhor que a França produziu no gênero. **O Homem e os Imponderáveis,** sub-intitulado Ciência Moderna e ciência Oculta, de André Gueret e Pierre Oudinot, da Editora Pensamento, distribuído pela Cultrix, SP, diz logo na Introdução que "a aproximação dos dois termos, Ciência Moderna e Ciência Oculta, sem dúvida chocará um bom número de pessoas." Entre os muitos assuntos abordados, existem alguns de permanente interesse, como, por exemplo, se há um meio de uma pessoa exercer influência sobre outra à distância, tanto de longe como de perto.

Formulário de Alta Magia, de P.V. Piobb, da Francisco Alves, é o mais recente título da coleção Arcanos, que publicou há pouco **O Oculto,** de Colin Wilson, em dois volumes. O livro abrange o domínio da magia sob todas as formas, resumindo conceitos de hermetistas do Renascimento, de cabalistas da Idade Média, de astrólogos árabes, persas e chineses, de hierofantes egípcios, caldeus e hindus. Para os apreciadores do gênero, a editora já anuncia mais três títulos para breve lançamento.

Reaparece, pela Francisco Alves, agora incluído na coleção A Prosa do Mundo, **Diário de uma Ilusão,** de Philip Roth, conhecido e apreciado escritor norte-americano. Aqui, através da necessidade de afirmação de um jovem escritor, que vai em busca da lição de um escritor consagrado e do confronto de ambos, o Autor cria uma intriga que envolve o nazismo de pós-guerra, o antijudaismo e a busca e renúncia ao amor, tudo numa prosa nuançada. Um **ônibus do tamanho do mundo,** de J.M. Simmel, editado pela Nova Fronteira, é mais uma incursão deste autor de best-sellers pela literatura para jovens. Manipulando os ingredientes que ele tão bem conhece, com uma fórmula de efeito certeiro, ele produz mais um livro que será, certamente, sucesso, pois ele sabe criar situações e personagens que interessam e prendem a atenção dos leitores. **O Vale do Medo,** de Conan Doyle, mais um volume da série Sherlock Holmes que a Francico Alves vem lançando, é o último livro que o autor escreveu onde aparece o mais célebre detetive de todos os tempos. E é considerado pela crítica um dos melhores - se não o melhor. Dividido em duas partes, Sherlock Holmes e Watson, seu fiel biógrafo, se vêem envolvidos numa das histórias mais fantásticas e intrincadas, a primeira se desenrolando numa antiga mansão inglesa e a segunda recuando até uma mina nos Estados Unidos.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis. 13/06/82

LIVROS **Salim Miguel**

Retrato angolano

Numa linguagem coloquial e lírica, de grande força, a que não faltam muitas expressões locais e modismos do falar angolano, três histórias modelares, que se fecham num todo para nos dar uma visão da vida e da gente de Angola durante os duros tempos do colonialismo. Escritas, em grande parte, nas prisões da polícia portuguesa, em 1963, logo que publicadas, em 1965, conquistaram o Grande Prêmio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores, o que provocou o fechamento da associação por parte das autoridades de Lisboa.

Luuanda, *de José Luandino Vieira, que aparece entre nós numa edição da Atica, SP, na coleção Autores Africanos, já foi traduzido para numerosos países, e recebido entusiasticamente pela críticae leitores. Luandino sabe levantar, com exatidão, seu universo ficcional, sua humanidade, a dramática vida nos museques (os antigos bairros populares repletos de gente pobre e sofrida que procura sair daquela situação) com toda a sua carga de problemas. Ele deixa patente sua denúncia, implícita ou explícita, contra o colonialismo. Veja-se, por exemplo, a maneira de erguer e construir "Vavi Xixi e seu neto Zeca Santos". Como aos poucos ele vai delineando suas figuras, traçando todo o quadro através de blocos, até que, ao final, fund tudo num clima de tensão que envolve e emociona por sua verdade humana. O mesmo pode-se dizer das outras duas histórias que compõem o volume: "Estória do ladrão e do Papagaio" e "Estória da galinha e do ovo".*

Experimentos

Nestas ficcções, mais do que com a palavra, o que existe são experimentos com a forma de narrar, no sentido de capturar determinadas sensações fugidias. Atende-se, neste **Tremor de Mão,** *de Maria de Lourdes Coimbra, Editora Nova Fronteira, RJ, para o que declara a Autora: "Não uso a história como narração: começo, meio, fim. Ela não é importante em si, mas pelo que pode desvendar". Assim, tomando como base tal conceito, MLC vai procurando construir um universo muito pessoal, num estilo nervoso e ágil, a que não faltam pitadas de lirismo e humor.*

Desvendando

Um desvendamento da mulher, como pensa e vive a mulher de hoje na Irlanda, são a constante destes contos de uma escritora proibida em seu país, mas que goza de grande popularidade entre a crítica e os leitores ingleses. **Uma Mulher Escandalosa,** *de Edna O'Brien, tradução de Luísa Lago, mais um lançamento da Livraria Francisco Alves em sua coleção Presença, dá oportunidade para que o leitor brasileiro, através dos nove contos aqui enfeixados, entre em contacto com uma escritora de talento, que sabe tratar, de forma pessoal, de temas que estão presentes no dia-a-dia da vida da mulher, seja ela de que latitude for.*

Poesia

Embora bem pouco conhecido no Brasil, Cesário Verde (Portugal, 1855-1886) é um nome expressivo da poesia portuguesa, tendo influenciado os simbolistas brasileiros. Morreu cedo e sua obra é escassa. Até há pouco não tivera uma edição acessível entre nós — e mesmo em Portugal não era muito fácil encontrar reunida sua poesia. Agora, lançada pela Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, aparece **Poesia Completa e Cartas Escolhidas,** *de Cesário Verde, edição preparada pelo prof. Carlos Felipe Moises, da Universidade de São Paulo, incluindo estudo crítico, bibliografia, sugestões para pesquisa, apêndice sobre Cesário Verde na poesia brasileira e glossário.*

Crianças x Pais

Um livro bem humorado que mostra como muitas vezes os filhos precisam saber compreender os pais-problema. No caso, os filhos-crianças. Assim, este **Manual para crianças com pais-problema,** *de Jeanne Van Den Brouck, da Editora Marco Zero, RJ, reúne uma série de ocorrências do dia-a-dia da vida em família, envolvendo o relacionamento familiar e procurando explicá-lo mais do ponto de vista da criança. A Autora, que adotou o pseudônimo de Jeanne Van Den Brouck para assinar seu livro, é uma psicanalista parisiense, que tirou de sua longa experiência a matéria deste manual. Que tem muitas colocações provocativas, inquietando e fazendo pensar.*

Sobrevivência

Na selva de pedra, mais perigosa do que a selva tradicional, é preciso saber defender-se. A violência, em todas as suas formas, vem num crescendo. Embora possa parecer humor (só se fosse humor negro), acaba de aparecer um manual de sobrevivência à violência urbana, com uma série de receitas para que o cidadão possa se proteger contra assaltos, estelionatos, trombadinhas, roubo de automóveis, e outras mil modalidades. **Defenda-se,** *de Fausto Macedo, com apresentação de Percival de Souza, da Global Editora, SP, reúne, assim, além de uma série de reportagens, orientação e conselhos que podem, às vezes, ajudar a gente a se defender do terror marginal que domina os grandes centros urbanos.*

Violência

Outro livro que estuda o problema da violência e seus reflexos. Todos reconhecem que a escalada da violência, em especial nas grandes cidades (mas que vem alcançando todas as áreas) vai num crescendo.

Violência Urbana, *coedição Codecri-Fiat Automóveis reune três trabalhos que conquistaram o prêmio Fiat Automóveis para Universitários-1981. O primeiro, de Zinalda Castelo Branco Puty, "Mercado de Trabalho, Disparidades Sociais e de Renda, como causa do Fenômeno da Violência", mostra que o problema da violência no Brasil é estrutural; o segundo, de Claudio Fleury Barcelos, "Violência Urbana", revela que a realidade social do país é a causa desencadeadora da marginalidade, resultando na violência; o terceiro, de Eduvaldo Daniel, "Fenomenologia crítica da violência urbana", conclui que a raiz do problema está na própria estrutura sócio-econômica, atingindo "as pessoas, as famílias, os trabalhadores, o trânsito e o transporte coletivo, os esportes, as escolas e a cultura, o menor, a mulher, os serviços de saúde, o patrimônio, a política com sua violência estimuladora de novas violências".*

Homossexualismo

Em parte através do estudo de casos, o Autor propõe, neste livro **(Descansa em paz, Oscar Wilde,** *de Luiz Carlos Machado, Editora Codecri, RJ), uma discussão sobre o problema do homossexualismo. Num estilo jornalístico, partindo de exemplos seja de fatos acontecidos com nomes conhecidos nas letras e nas artes, seja de anônimos que se transformaram em notícia nas páginas policiais dos jornais, ele analisa o que representa, como afirma "essa minoria erótica que abrange um exército de milhões e milhões de seguidores". O título do livro remete para o autor de* **O retrato de Dorian Gray,** *escritor inglês morto em 1900, aos 46 anos, após ser preso por assumir sua condição homossexual, tendo deixado, ao sair da prisão, dois escritos famosos:* **A balada do cárcere de Reading** *e* **De Profundis.**

REGISTRO

Da Editora Nórdica, RJ, mais um romance de Fernando Namora, **Domingo à Tarde,** *em 4.ª edição. As relações do médico Jorge com a paciente Clarisse compõe o núcleo básico deste romance do conhecido escritor português. Considerado "um clássico" pela crítica, dele disse Lygia Fagundes Telles: "Que belo livro! Que riqueza de análise, que riqueza de tipos! E que estilo..." xx Distribuído pela Global, SP, lançado pelo Grupo Editorial Brasileiro,* **Termostato,** *de Orlando Lodi é uma ficção política projetada para o futuro, colocando a humanidade perante a iminência de um holocausto nuclear. xx Da Editora Vozes, RJ, três novos títulos:* **Dinâmica do Desejo** *— Freud, Cristo, Francisco de Assis, de Frei Carmelo Surian, OFM, é uma busca no campo filosófico-psicológico para descobrir a natureza e dinâmica do desejo, como valor antropológico;* **Técnicas Pedagógicas,** *de Antônio Carlos Caruso Ronca e Virgínia Ferreira Escobar, que analisam criticamente técnicas e métodos de ensino, tendo como sub-título "Domesticação ou desafio à participação?";* **Gotas de Vida,** *de Frei Anselmo Fracasso, OFM, pensamentos que são frutos das meditações do autor. xx Da Livraria Francisco Alves Editora, RJ, um novo título da série Psicologia e Psicanálise,* **O Discurso Vivo,** *uma teoria psicanalítica do afeto, de André Green, que foi discípulo de Jacques Lacan, e que aqui realiza um exame do lugar do afeto nas estruturas clínicas e de que maneira ela se manifesta na experiência psicanalítica, baseando-se o autor em Freud e pós-Freud. xx Da Global Editora, SP, três novos títulos da coleção de bolso Universidade Popular: 2 -* **O que é a história da sociedade humana,** *pelo Centro de Estudos Angolanos, apresentando de forma condensada do escravismo ao socialismo; 3 -* **A sociedade primitiva,** *de V. Diakov/S. Kovalev, onde se procura esclarecer questões como a origem do homem, o nascimento da religião, etc.; 4 -* **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem,** *de F. Engels e* **O homem como ser que fabrica utensílios,** *de Kenneth B. Oakley, dois textos que se completam procurando explicar a evolução do ser humano.*

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

207 - MIGUEL, Salim. Livros – Memórias de Grapiúna.... **O Estado,** Florianópolis, 20 jun. 1982

207

LIVROS

Salim Miguel

Memórias do Grapiúna

Com as mesmas características gráficas e as mesmas ilustrações (sugestivas) de Floriano Teixeira, vai agora, para as livrarias de todo o país, este **Menino Grapiúna**, de Jorge Amado, editado pela Record, e que em fins do ano passado fora distribuído, numa edição fora de comércio, pela MPM, aos seus clientes e amigos. Neste capítulo de suas memórias, Jorge Amado mantém a mesma linguagem que o identifica a um simples passar os olhos pelo texto. Conta de sua infância, de sua gente e sua terra; relembra fatos e episódios que o marcaram e ajudaram a formar sua personalidade de homem e de escritor. E que, mais tarde, transfundidos, reapareceriam em seus romances. "Os personagens das obras de ficção — diz ele em certo trecho do livro — resultam da soma de figuras que se impuseram ao autor, que fazem parte de sua experiência vital". São memórias onde o ficcionista que ele sempre é (não criando ficção, mas trabalhando ficcionalmente sobre a matéria da realidade) está sempre presente. Veja-se, como exemplo flagrante, logo as primeiras linhas: "De tanto ouvir minha mãe contar, a cena se tornou viva e real como se eu houvesse guardado memória do acontecido: a água tombando morta, meu pai, levado em sangue, erguendo-me do chão". É a reelaboração de um acontecido quando ja tinha dez meses de idade. Ele passa, então, a relatar a cena, como se a tivesse realmente presenciado — e passa, daí, a mostrar a luta pela posse das matas, "terra de ninguém". Reflexão e compreensão de sua própria obra, o livro tem, ao final, depoimentos de alguns amigos sobre o escritor que chega aos 70 anos em plena atividade, reafirmando o que disse em 1961 ao tomar posse na ABL: "Não pretendi nem tentei jamais ser universal senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro. Poderia mesmo dizer, cada vez mais baiano, cada vez mais um escritor baiano".

Confissões

Um clássico abre a coleção Rebeldes e Malditos, da LePM—Edições: **Confissões de um comedor de ópio,** de Thomas De Quincey(1785-1859). Mais do que o estudo de um viciado em ópio, feito pelo próprio, o livro é um mergulho na exploração da mente. Considerado trabalho pioneiro da interferência do subconsciente nos sonhos, De Quincey dizia: "está é a doutrina da verdadeira igreja sobre o ópio, da qual eu sou o único membro". Próximas da coleção: **Paraísos artificiais**, de Baudelaire; **De Profundis**, de Oscar Wilde; **O colosso de Marúsia**, de Henry Miller; **Escritos**, de Antonin Artaud; **Escritos**, de Rimbaud; **Cartas**, de Van Gogh; **Estado de Anarquia**, de Bakunin.

Canções sem metro

Mais um volume, o IV, das Obras de Raul Pompéia, organização de Afrânio Coutinho, edição Civilização Brasileira/Olac. Aqui, o escritor, conhecido apenas por seu romance **O Ateneu,** revela outra faceta de seu talento, nestas pequenas manchas, misto de poema em prosa e conto/crônica. Nos três volumes anteriores estavam: Preliminares e Novelas; O Ateneu; Contos e novelas curtas. **As Canções sem Metro** seguir-se-ão Crônicas; Crítica; Escritos Políticos; Miscelânea; Caderno de notas íntimas. Iconografia. Índices. Com isto, desaparece a lenda de que Raul Pompéia fora autor de um único livro — O Ateneu — se bem que este único livro bastasse para torná-lo um dos nomes mais importantes das letras brasileiras.

Análise do poema

Uma poeta debruça-se sobre a obra de outro poeta, investigando-o. E chega a conclusões que virão iluminar desvões da obra e contribuir para o melhor conhecimento do trabalho de ambos, numa visão interativa. Pois, sem dúvida, ao examinar o poema **Cobra Norato,** de Raul Bopp, ao tentar ver a correlação entre a estrutura formal do poema, a especificidade da linguagem poética, a voz própria do poeta em toda a sua dimensão, Alcides Buss dá, também, a chave para a melhor compreensão de seu próprio fazer poético.

Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética, ensaio de interpretação de Alcides Buss, inicialmente tese de mestrado, é mais um título significativo da FCC-Edições.

Instigante

Produção artística, cultura popular e meios de comunicação de massa, e suas implicações em sociedades dependentes, são os principais temas estudados neste **Arte e Cultura, Equívocos do Elitismo,** de Lúcia Santaella, co-edição Cortez Editora/Editora Unimep. Suas análises e reflexões, numa visão dialético-materialista, não pretendem resolver problemas tão controversos; mas, como ela insiste, "mais abrir feridas do que cicatrizá-las", instigando e provocando, abrindo debates e chamando a atenção para tais problemas.

Brasil, anos 80

Reunião de estudos de caso sobre a situação brasileira, sobre o sindicalismo, as comunidades eclesiais de base, os movimentos sociais, as experiências de poder local. Os autores são, ao mesmo tempo, estudiosos e protagonistas do processo de democratização.

Os trabalhos reunidos neste **Alternativas populares da democracia: Brasil, anos 80,** são, na maioria, resultado dos debates realizados em São Paulo, durante o seminário promovido pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, em cooperação com a Unidad de Investigación Latino-Americana, do México, e o Latin American Research Unit, do Canadá, em agosto de 1980. Os trabalhos vêm assinados por José Álvaro Moisés, Luiz Gonzaga de Souza Lima, Tilman Evers, Herbert José de Souza, Ximena Barraza e Luíz Maira. Pela Editora Vozes.

Esporte e Publicidade

Um tema sempre oportuno, mais oportuno neste momento em que se disputa o campeonato mundial de futebol. **Esporte e Publicidade,** editado pela Assessor, comunicação social, é, conforme se diz na apresentação, "um corpo-a-corpo amistoso, envolvendo lendas e verdades, sempre paixão". Esporte e Publicidade. Juntas desde quando? Desde muito, pois "Hércules já anunciava um produto: a sua força". Num trabalho graficamente primoroso, texto e ilustrações se complementam. E por elas acompanhamos a evolução da prática esportiva em variadas modalidades e o incremento da publicidade até se transformar, em nossos dias, num instrumento de incomparável força de pressão. Começando pelo geral, na parte final há todo um capítulo sobre o Brasil que "também descobre, enfim, sua mina de ouro". E é nos mostrado então, o inter-relacionamento e a força que acabaram por adquirir, na vida do cidadão, tanto o esporte como a publicidade.

História Popular

Dois novos volumes, 6 e 7, da coleção História Popular, acabam de ser lançados pela Global Editora.

Trata-se de **1910: A revolta dos marinheiros,** de Mário Maestri Filho, e **O período regencial,** de Augustin Wernet. No primeiro, uma análise do movimento popular também conhecido como a Revolta da Chibata, um momento significativo das lutas sociais do povo brasileiro; o outro é uma interpretação da regência, época carregada de acontecimentos, o autor abordando a abdicação, a luta pelo poder, os motins populares, as reformas político-administrativas, as tendências liberais dos moderados, exaltados e caramurus, a eleição da Regência Una, a Cabanagem, a Revolução Farroupilha, a Regência de Feijó, a Regência de Pedro Araújo Lima, a Sabinada, a Balaiada e a Maioridade.

Voto

Uma pesquisa dirigida por Eli Diniz para o Iuperj — Instituto Universitário Pesquisas do Rio de Janeiro, entre 1979 e 1981 resultou neste **Voto e máquina política,** patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro, editado agora pela Paz e Terra. Tomando como base o processo de reestruturação determinada pela fusão dos antigos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, e a trajetória do partido de maior expressão eleitoral no antigo estado da Guanabara, o MDB, o trabalho examina a formação do partido e das várias correntes que o compuseram ao se instituir o bipartidarismo. Trabalho oportuno, num momento em que o debate eleitoral e a questão da democracia assumem o primeiro plano nas discussões políticas, num ano eleitoral.

História e Consciência Social

Definindo seu novo livro (**História e Consciência Social,** vol. 7 da col. Teses, Editora Global) Leôncio Basbaum diz que "não basta conhecer os fatos: é preciso relacioná-los com outros. Mas a ciência só trabalha com fatos... E só a filosofia pode ir além dos fatos". OA. coloca, então, temas de permanente interesse para um melhor conhecimento do homem. A obra está dividida em três partes: na 1.ª estuda os fenômenos da comunicação humana, as formas e os modos pelos quais os homens entram em relação uns com os outros; na 2.ª estuda a origem do Nós como entidade básica na formação da consciência social; e na 3.ª dedica-se ao estudo dos grupos humanos e suas relações com a consciência social. A conclusão, enfim, se refere às relações entre a consciência social e a história.

Saúde

Uma constatação óbvia é que a saúde do brasileiro vai mal. **Em Saúde Oficial, medicina popular,** da Editora Marco Zero, na coleção Dois Pontos, Carlos Gentile de Mello e Douglas Carrara, tentam mostrar as razões e indicar soluções. Mello é médico sanitarista e Carrara desenvolve há muitos anos pesquisa sobre medicina popular. Temos, então, dois enfoques distintos de um mesmo tema que diz respeito a todos.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 27/06/82

Salim Miguel

208

Dois clássicos

Dois novos e expressivos títulos acabam de aparecer na coleção Clássicos Francisco Alves: **A sinfonia pastoral**, de André Gide, na tradução de Celina Portocarrero; e **Lorde Jim**, de Joseph Conrad, traduzido por Marcos Santarrita. O primeiro pode até ser considerado um livro insólito na obra de Gide. Por seu tema e seu clima, um fundo sopro lírico que atravessa todo o texto, ao mesmo tempo que o informa um profundo conflito religioso, marcada por uma história muito simples e muito humana: um pastor protestante que se apaixona pela filha de criação, com seu filho também se apaixonando pela mesma jovem cega. Já **Lorde Jim**, dentro do universo de estranha unidade que assinala toda a forte e personalíssima obra de Conrad, não pode, por um simples motivo, ser considerado um dos pontos mais altos de sua carreira: é que, praticamente todos os seus livros são do mais alto nível. Apaixonantes. Mas este, para nós, é um dos mais instigantes por sua proposta, pelos problemas existenciais que levanta e discute, presentes nele todas as virtualidades deste polonês, órfão aos dez anos de idade e que até os 21 anos não sabia uma única palavra do inglês, idioma no qual viria a realizar toda a sua literatura. A ponto de se tornar num dos mais importantes ficcionistas ingleses. Primeira versão integral para o português (a anterior tinha cortes de trechos e capítulos inteiros), neste romance narra-se os tormentos de um homem e seu sentimento de culpa. É um quadro abrangente do ser humano, com suas dúvidas, angústias e sonhos, conduzido num clima tenso e denso.

Violento e sincero

Com seu primeiro livro, publicado em 1972, que agora volta em 3.ª edição, Antônio Torres projetou-se, logo, como um dos mais expressivos ficcionistas das novas gerações. Público e crítica souberam reconhecer-lhe os méritos de narrador, sua visão da terra e do homem. Já neste primeiro livro estão presentes todas as suas potencialidades de escritor — e igualmente presentes temas e situações que retornariam posteriormente, marcados pelo fato social e pela análise do ser humano inserido na sociedade. Para Caio Fernando Abreu, "**Um cão uivando para a lua** é um desses livros raros, que não se consegue deixar de lado antes do fim. Violento, envolvente e, sempre, terrivelmente sincero." **Um cão uivando para a lua** reaparece em edição da Ática.

Analista do ser humano

Graças a sua refinada sensibilidade na análise dos personagens e uma grande acuidade para nuançar e recriar situações de tensão extrema (o que, em pouco tempo, a tornou tão conhecida e admirada no Brasil), Marguerite Yourcenar acaba de ter publicado, sempre pela Nova Fronteira, na Col. Grandes Romances, mais um título. Trata-se de **Golpe de Misericórdia**, na trad. de Ivo Barroso, livro escrito em 1938. Jogando com apenas três personagens, aprofundando-se no estudo do ser humano, suas contradições e ambigüidades, ela mostra os conflitos provocados pelo amor entre os três protagonistas. A narrativa, na primeira pessoa, por um dos protagonistas, Eric Von Lhomond, que procura ao mesmo tempo esclarecer e se esclarecer, para, assim, tentar escapar ao círculo de ferro de suas emoções mais profundas, provocadas pela dúvida que o corrói: saber se o amor ou a vingança motivaram os últimos momentos de Sofia, segunda peça do triângulo, que se completa com Conrad.

Visão do Tibet

Dois romances trazem até o leitor brasileiro uma região misteriosa e desconhecida: o Tibet, com seus hábitos e costumes. Ambos foram escritos por Alexandra David-Noel e Lama Yongden, ela a primeira mulher a ser recebida com honras nos santuários do Tibet, tendo se aprofundado em filosofia e línguas orientais. Em **A força do Nada** numa linha policial acompanhamos Munpa que busca descobrir quem assassinou seu mestre; em **O lama das cinco sabedorias** é a caminhada de Mipam até a sua realização. No dois, no entanto, o que mais interessa nem é propriamente a história, mas a visão de mundo tibetano. Da Editora Pensamento, distribuição Cultrix.

Batalha perdida

Idealizador e presidente de uma empresa, a Transit, Hidemburgo Pereira Diniz formou uma equipe pioneira, treinando-a no exterior, para implantar uma indústria de dispositivos microeletrônicos. Já com tecnologia própria, brasileira, os resultados do trabalho foram muito bons. . . até que, de repente, forças poderosas começaram a se articular contra a iniciativa, visando sua destruição. É tudo isto, fartamente documentado, em **Uma sentença de morte** (Multinacionais e abuso de poder), lançado pela Editora Codecri, que ele agora nos mostra, fazendo-nos acompanhar a dramática luta de uma empresa nacional, a Transit Semicondutores, para sobreviver. Mas é claro que não consegue.

Oitenta-6 - variedade e qualidade

Nesta revista-livro, em seu n.º 6, publicada pela LePM-Editores, como sempre matérias de real interesse. A começar com a entrevista de José Guimarães, onde ele fala abertamente das traições de 64, de sua participação, de Brizola e Jango, de sua atividade de jornalista e escritor, dos problemas do escritor no Brasil. Outra boa entrevista, com o ator Gian Maria Volonté. E ainda: conto de Luís Fernando Veríssimo, poesias de Hélio Pelegrino, artigo de Galbraith sobre "A rebelião dos conservadores", crônica de Garcia Marques sobre seu último romance "Crônica de uma morte anunciada", artigo de Gioachino di Tomasi e Bart Badajoz sobre as três versões do romance "Leopardo", de Lampedusa, capítulo do novo romance de Tabajara Ruas, "O amor de Pedro por João", a aparecer breve pela LePM. E mais, muito mais.

LIVROS

Machadinho - enigma que permanece

Coleção Escritores Brasileiros
Antologia & Estudos
Alfredo Bosi
José Carlos Garbuglio
Mario Curvello
Valentim Facioli
MACHADO DE ASSIS
Participação Especial
Antonio Callado, Luiz Roncari,
Roberto Schwarz e Sonia Brayner

Ler-reler, curtindo; estudar-reestudar, redescobrindo — eis o que oferece sempre Machado de Assis aos que se debruçam sobre seus textos. Com o passar dos tempos, mais ele nos atrai e prende com sua prosa mesclada de ironia e sugestões, recorrências e ambigüidades. A cada leitura (e inumeráveis leituras são necessárias para penetrar em seu universo), novos descobrimentos neste bruxo do Cosme Velho.

Se a fortuna crítica (e ninguém entre nós a teve tão cedo e em tal quantidade) só faz se ampliar, alcançando, já agora, o exterior, com ensaístas e críticos se debruçando sobre o enigma deste homem tão igual e tão contraditório diferente, por mais que se ampliem os estudos muita coisa permanece obscura.

De que maneira explicar que este cético, este ironista tão fino, tenha sido, ao mesmo tempo, tão apegado a exterioridades como a Academia Brasileira de Letras?

Falou-se, durante muito tempo, no contista e no romancista. No entanto, a uma leitura atenta, também o poeta tem — e muito — o que nos transmitir, seja em sensibilidade seja em visão do mundo. E por que não o cronista, que traçou como poucos uma painel de sua época e sua gente. Como esquecer o crítico atilado, que sabia perceber ao longe os valores de seus contemporâneos? Mas, incentivador dos novos, de repente é com profunda estranheza que não vemos, em toda a sua obra (correspondência, crônicas, artigos, notas) uma única referência que seja ao poeta Cruz e Sousa.

Cansou-se de escrever que Machado de Assis não se preocupara jamais com sua classe, não tomara partido, mantinha-se encastelado em sua torre de marfim. Tudo isto foi sendo desmontado com o surgimento de novos documentos e interpretações que mostraram uma participação, efetiva, à sua maneira, nos problemas de seu tempo.

Agora, mais um livro instigante — e que nos faz retornar ao inesgotável Machadinho — acaba de aparecer. Trata-se do primeiro volume da Coleção Escritores Brasileiros (Antologia e Estudos), da Editora Atica. Organizado por Alfredo Bosi, José Carlos Garbuglio, Mário Curvello e Valentim Facioli, contou, ainda, numa mesa-redonda, com a participação de Antonio Callado, Luiz Roncari, Roberto Schartz e Sonia Brayner. A proposta do livro é ambiciosa — e, melhor, se realiza.

Inicia-se por uma introdução, "Várias histórias para um homem célebre", na qual se situa o autor e sua obra na perspectiva do tempo; dá, logo depois, alguns documentos inéditos; seguem-se textos de Machado de Assis em todos os setores das letras onde ele atuou. Mais adiante, a Mesa-redonda, que coloca e debate problemas da vida e da obra machadiana; continua com textos sobre Machado de Assis, de diferentes críticos e variadas épocas; e conclui com bibliografia comentada e bibliografia geral.

Temos, repetidas vezes, afirmado que Machado de Assis é, por suas complexidades, um universo praticamente inabarcável. Ele escapa a classificações, se esconde/desvenda, provoca discussões intermináveis. Ninguém consegue ficar imune ao seu fascínio. Então, o que dizer quando se passa a pensar numa seleção de seus trabalhos?

Assim, no caso presente, para ficarmos apenas nos contos, se a seleção é válida, como ocultar omissões? Como justificar a ausência de um "O alienista" (e não me venham com a história de que é novela) e uma "Missa do galo"? Isto para não falarmos em outros como "A cartomante", "Primas de Sapucaia", "O caso da vara", "A desejada das gentes", "Galeria póstuma", "Capítulo dos chapéus", "Anedota pecuniária". E estamos certos de que outros machadófilos teriam tantos mais a indicar.

Os próximos títulos da coleção Escritores Brasileiros serão Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.

Retrato de jornal

"Tarde. O jornal foi lido/
passou no gume do tempo/
Espalhou a má notícia/O
amargo do contratempo/
Amenidades do sexo/ E o doce
do passatempo/" Assim tem
começo "Epílogo", poema
com que Gastão de Holanda
encerra seu livro **O Jornal**, edições Achiamé. O ponto de partida deste longo poema, dividido como se fosse um jornal diário, unido pelo tema e pela preocupação com o dizer e o fazer, é o universo jornalístico com todas as suas implicações. Proposta fascinante por suas possibilidades e pelo que extrai dela Gastão de Holanda — que assim continua sua caminhada intelectual, numa linhagem que pode se aproximar de **O Atlas no quarto. Romancista (Os escorpiões: O burro de ouro)**, poeta (**Capibaribe, o iceberg do ar: Cor-purificação**), ligado às artes gráficas (O gráfico amador; revista José), crítico, o pernambucano Gastão de Holanda vem realizando, lentamente, uma obra de valor, no qual retoma, quase sempre, temas que lhe são freqüentes e próximos. E ao traçar, em **O Jornal**, um perfil da imprensa diária dá, por igual, uma idéia de suas preocupações, de suas vivências, deste mundo conturbado onde (sobre) vivemos. Jogado entre as contradições do mundo e as necessidades do jornal, ele pode, com razão, afirmar, numa dicotomia que o dilacera: "Ora, a linguagem é minha pele/e torno a procurar a má notícia/a catástrofe me atrai, mas/começo a dedilhar, desta vez/uma cena infantil de Villa-Lobos./"

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

"EU" em dois volumes

A fortuna crítica de Augusto dos Anjôs demorou; mas ao se consolidar adquiriu um lugar próprio e ímpar na poesia brasileira. Diante do insólito de seu verso, do vocabulário difícil, o estranho é que antes dos estudiosos e dos meios universitários o leitor comum tenha sabido compreendê-lo. Poeta de um só livro, morto com menos de 30 anos, **Eu** (mais tarde **Eu e outras poesias**) foi o bastante para torná-lo um dos nomes mais expressivos e instigantes da poética nacional. Com razão dizia mestre Carpeaux: "Quem salvou a fama póstuma de Augusto dos Anjos foi seu povo, o do Nordeste e do interior do Brasil", que embora abismados diante de suas expressões científicas e palavras esquisitas, "ficavam, no entanto, fascinados pelas metáforas de decomposição em seus versos assim como estavam em decomposição suas vidas.

"Versos como "Toma um fósforo, acende o teu cigarro/ O beijo, amigo, é a véspera do escarro/"; "Sou uma sombra! Venho de outras eras/ Do cosmopolitismo das moneras/"; "Recife, Ponte Buarque de Macedo/ Eu, indo em direção à casa do Agra/ Assombrado com a minha sombra magra/ Pensava no Destino, e tinha medo!/"; "Ah, um urubu pousou na minha sorte!/ Também das diatomáceas da lagoa/ A criptograma cápsula se esbroa/ Ao contato de bronca destra forte/ "; "Falas de amor, e eu ouçou tudo e calo/ O amor da Humanidade é uma mentira./ É. E é por isto que na minha lira/ De amores fúteis poucas vezes falo/", eram decorados e ditos. Eles e muitos outros reboavam nas vielas e bares, pelas noites, encharcando boêmios que os repetiam incansavelmente. De repente, os meios ditos "eruditos" também descobriram o poeta, cuja chama vinha sendo sustentada por amigos como Orris Soares. Logo, estudos e edições começaram a aparecer. Agora, mais uma, a 34.ª, que incorpora 57 poemas até então não incluídos no volume. Trata-se deste **Eu e outras poesias**, em 2 volumes, volume 2 da Coleção Poesia Sempre, lançado pelas Editora Civilização Brasileira e Itatiaia. Com o histórico estudo de Orris Soares; Notas Biográficas de Francisco de Assis Barbosa; e estudo de Antonio Houaiss, onde situa a posição do poeta e o critério adotado na fixação do texto.

Futebol na literatura

São poucos os trabalhos, nas letras e nas artes, que tratam com pertinência do futebol, paixão mor do brasileiro. Na literatura podem-se contar pelos dedos os títulos mais significativos (poesia, prosa, ensaio) abordando o tema em todas as suas implicações. Daí a importância de que se reveste a terceira edição, em tão pouco tempo, deste **Maracanã, adeus**, onze histórias de futebol, de Edilberto Coutinho, lançamento da Livraria José Olympio Editora. Tendo conquistado o prêmio Casa de las Américas, pela primeira vez atribuído a um autor brasileiro, a proposta de EC é fascinante. Ele pega, ao mesmo tempo, personagens do mundo futebolístico que existem e episódios factuais, juntando-os a personagens e situações que ele cria.

Arma, assim, um universo altamente revelador de toda uma estrutura complexa e dramática. São onze histórias, um time completo — e o volume se abre com uma preliminar. Embora diferentes no tratamento e na visão do fenômeno, elas conservam uma unidade interior que os valoriza.

Crítico além de ficcionista, Edilberto Coutinho lança, ao mesmo tempo, outro livro, reunindo trabalhos que ele publicou, em sua maioria, em jornais. **Memória demolida**, lançado pela Editora Pirata, de Recife, revela a preocupação do Autor com o problema da apreensão do fenômeno da criação intelectual, analisando textos de diferentes autores, numa aproximação que, em síntese, transmite sua visão do problema e pode ajudar a melhor compreender o ficcionista que ele é.

Juruna e seu gravador

Juruna com seu gravador

Juruna com seu gravador ocupou, durante algum tempo, bom espaço no noticiário da imprensa. Aquilo que poderia parecer exotismo, de repente se via que era coisa para ser levada em consideração. Juruna queria mostrar a presença do índio na coletividade, revelar que o indígena existia, pensava, reivindicava. Com sua ação e atuação insistentes, irritantes para certos setores, Mário Juruna tornou-se uma figura nacionalmente conhecida e polêmica — passando a ser levado a sério. Pergunta Darcy Ribeiro "como e por que este líder de uma aldeia indígena de 100 pessoas se impõem, assim, a todos nós". E ele mesmo responde: "Metade da resposta se encontra certamente na forte personalidade de Mário Juruna que faz sentir, de imediato, o seu carisma. A outra metade está na autenticidade de sua encarnação da causa indígena". Este **O gravador de Juruna**, de Mário Juruna, com a participação dos jornalistas gaúchos Antonio Hohlfeldt e Assis Hoffmann, edição da Mercado Aberto na col. Documentos, é, sob muitos aspectos, um documento relevante. Que vem iluminar novas facetas da personalidade de Juruna. Levanta e discute problemas dos índios, mostra-o questionando e agitando os meios burocráticos da Funai para pedir pelos direitos de sua gente. São nove capítulos e muitos documentos, nos quais não se encontra apenas a transcrição das gravações famosas de Juruna, mas também reflexões pertinentes sobre um tema de grande significado para a melhor compreensão do problema. Para Silvio Coelho dos Santos, citado frequentemente pelos autores, o território brasileiro "abriga pelo menos 150 pequenas Nações indígenas, que lograram sobreviver ao processo de conquista e dominação. Em decorrência, o Estado Brasil tem que ser reconceituado". E mais adiante: "Trata-se, isto sim, de reconhecer a realidade multi-ética e plurisocietária do território brasileiro e, a partir daí, estabelecer condições de relacionamento simétrico entre seus múltiplos componentes".

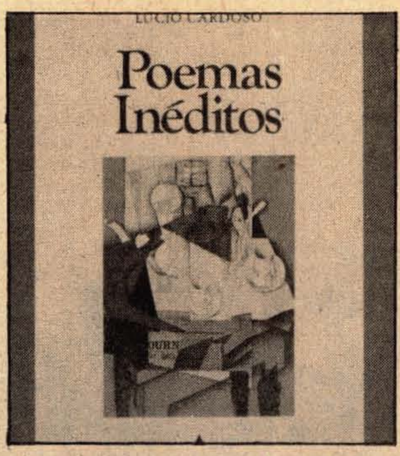
Registro

A Universidade da comunhão paulista, de Irede R. Cardoso, é mais um título da col. Educação Contemporânea, na série Memórias da Educação, lançado pela Editora Autores Reunidos e Cortez Editora. Um livro para se entender melhor como se dá o processo cultural paulista, que gira em torno da USP, e a formação da USP, que se articulou em torno do jornal "O Estado de São Paulo". Dizendo que o espírito da tese do livro de Irede é desmistificador, o prof. Alfredo Bosi afirma no prefácio: "O material de estudo é fruto de uma apurada pesquisa nos manifestos sobre educação e nos editoriais políticos da época." **A JUC no Brasil** (Evolução e impasse de uma ideologia), de José Luiz Sigrit, Cortez Editora/Editora Unimep, traça o perfil de uma corrente política gerada no seio da Igreja Católica; sua ideologia tentava conciliar a visão cristã com o mundo moderno, tendo atuado num período de 18 anos, até 1968, quando, diante dos impasses da situação nacional, JUC se autodissolveu. **Fundamentação da experiência em Miguel Reale**, de Alzira Corrêa Müller, edição GRD-INL-MEC analisa as idéias filosóficas no Brasil e dentro delas a participação de Miguel Reale, que, no dizer da A., "é uma das figuras mais significativas dentre os pensadores brasileiros atuais." **O ensino da língua e a crise didática na expressão e comunicação**, de Herbert Parentes Fortes, edição GRD-INL-MEC. Neste ensaio de epistemologia linguística, o A., segundo Adonias Filho, mostra "a sua posição, não apenas de precursor na superação da mentalidade gramatical, mas a importância de sua obra como cobertura à evolução modernista da linguagem." **A República em Santa Catarina**, de Jali Meirinho, Editora da UFSC co-edição Editora Lunardelli. Valendo-se de valiosa e inédita documentação, o A. traça um quadro das primeiras manifestações republicanas em Santa Catarina. Na parca historiografia catarinense, é uma contribuição válida por seu enfoque e por, como diz o próprio A., acrescentar subsídios e revisar equívocos. **Invenção da cidade**, de Clemente luz, edição Record-INL-MEC, em 2.ª edição, recupera em parte a memória da construção de Brasília, que o A. acompanhou desde seu início. Transferindo-se para lá em 1958, como redator da recém fundada Rádio Nacional de Brasília, nas crônicas escritas dia-a-dia e transmitidas à hora do almoço, ele foi levantando uma história da cidade que nascia. A propósito da 1.ª edição, JK disse: "é um diário que fala e faz chorar de saudade." **Cultura Religiosa**, vol. 2, de Irineu Wilges e Olírio Colombo, Editora Vozes. Em 3.ª edição, reformulada, temas religiosos atuais, preocupando-se os autores com uma visão histórico-evolutiva e crítica dos pontos comuns às diferentes religiões. **Odontologia Catarinense**, de José Edu Rosa e Ademar Américo Madeira, Editora da UFSC co-edição Editora Lunardelli. Reunião de um vasto material que procura acompanhar a evolução, o ensino e o movimento associativo da odontologia em Santa Catarina. Tendo participado de uma parcela razoável dos acontecimentos, os autores fazem, ao mesmo tempo, um depoimento e uma análise dos problemas afetos ao setor, possibilitando aprofundar discussões e realizar uma avaliação da odontologia catarinense e por extensão do sistema educacional. **Aninhas na TV**, LePM-Editores. Depois do sucesso de Aninhas Comas, já em 4.ª edição pela mesma editora, um outro título, por igual resultado do trabalho desenvolvido por Aninhas, diariamente, na TV Guaíba de Porto Alegre. Partindo do **Tempêro-base**, criação sua, uma seleção de receitas fáceis e práticas. E ainda uma orientação sobre que bebidas devem ser servidas com cada prato. **Brasileiros na África**, de Antônio Linto, edição GRD-INL-MEC. 2.ª edição. Caminhada acompanhando brasileiros que procuravam o continente-mãe para reencontrarem as raízes de seus antepassados. Embora publicado 16 anos após o aparecimento da 1.ª edição, muitas colocações permanecem pertinentes. E além do texto integral, há os acréscimos de dois capítulos que atualizam informações; e, em apêndice, relatório de Gumercindo Rocha Dória sobre o II Festival Mundial Negro e Africano de Artes e Cultura realizado em Lagos, Nigéria, de janeiro e fevereiro de 1977. **O outro lado de mim**, poemas, de Sônia Sá, editora Argus, distribuição da editora Nórdica. Livro de estréia, de uma autora sensível, que busca desvendar o viver humano de um prisma psicológico. Apresentação de Josué Montello e Marcos Almir Madeira. **O búfalo e o tempo**, poemas de Raimundo A. Schaun, edições GRD. Numa linhagem de cunho existencial, versos que no dizer de Jorge Medauar são "um verdadeiro andamento sinfônico de fugas, encontros e desencontros, opções, arbítrios, decepções e dúvidas, frustrações na esperança e no amor". **Memórias de Sherlock Holmes**, de Conan Doyle, Livraria Francisco Alves Editora. Mais um volume das obras onde está presente o maior detetive de todos os tempos; nestes contos encontra-se "O problema final", com o qual o A. queria encerrar a carreira de seu personagem, mas foi obrigado a recuar diante da pressão dos leitores indignados. **O patriarca**, de Chain Bermant, Editora Record. História de uma família de imigrantes que, expulsa da Rússia, chega ao novo mundo, enfrentando problemas de adaptação ao meio. Acompanha-se também os primeiros passos do sionismo, com seus conflitos internos e a luta dos judeus que deixam a Europa e vão se fixar na Palestina. **O amor floresce na primavera**, de Heinz G. Konsalik, editora Record. Mais um livro deste autor de best-sellers, que sabe manipular todos os ingredientes de agrado para determinado tipo de leitores. Aqui, Ludwig Zipka não imagina o que iria encontrar ao atender ao anúncio feito por uma jovem que queria um companheiro para viagem de férias. Vê-se, então, envolvido numa trama complicada, participando de aventuras e suspense. **O crime do padre Amaro**, de Eça de Queirós, série Bom Livro/Edição Didática, Editora Ática. Na linha naturalista-realista, um retrato da sociedade da época, com personagens que trazem a marca de um grande criador. A propósito deste romance, Machado de Assis escreveu um artigo ao mesmo tempo lúcido e polêmico, colocando alguns problemas, mas insinuando que o A. plagiara Zola — quando o livro de Eça é anterior ao do escritor francês. **Cibernética dos estados emocionais**, pelo prof. Lamartine Hollanda Junior e **Dr. Anatol Milechnin**, com a colaboração da Dra. Galina Solovey, editora Pensamento, distribuição Cultrix. Estudo sobre a hipnose moderna, procurando vê-la de um ponto de vista mais científico e menos fantasioso. Livro oportuno (como o que há pouco foi lançado por Osmard de Andrade), no momento em que a hipnologia passa por um processo de reavaliação.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Livros O Estado - 11/7/82 **Salim Miguel**

Lúcio Cardoso, poeta



O grande romancista que Lúcio Cardoso foi (bastaria citar **Crônica da casa assassinada**), deixou num segundo plano suas outras faces: teatrólogo, poeta, pintor. Em todas, a marca de um talento inconfundível. No fim da vida, doente, impossibilitado de escrever, dedicou-se à pintura, uma pintura que refletia suas inquietações, elaborada por alguém que sabia manipular pincel e tinta no sentido de transmitir e se comunicar. No início de sua carreira, Lúcio publicara dois livros de poesia; depois, embora continuasse escrevendo poesia, não mais os publicou. Agora, **Poemas inéditos** nos devolve o poeta. Graças, em especial, ao trabalho de seu amigo Octávio de Faria. São poemas de diferentes fases, nos quais está presente a exacerbada sensibilidade do autor, sua visão peculiar e onde ressalta a angústia existencial. Um bom exemplo é o poema que transcrevemos, dedicado ao também pintor e poeta catarinense Rodrigo de Haro: "Aclimata-se o que de mim é faro/todo em seu poder na cor — / o que reluz, avaro/ressuscita, aero-vivo, em despudor. De que me visto o tom é raro — / — revisto-me raro em todo o seu valor./ O que é caro é não ter cor./ Desvendo-me e só desvendo/aquilo que de mim é o nunca sendo —/ e é o que vendo por amor./Sendo eu, nunca vou me acontecendo — /arguto, o astro guia a minha sorte/ e aquilo a que sobrevivendo/ reluz — é o atestado do que forte/no escoar do tempo vai morrendo/sem saber que inda é minha morte."

Retrato de Chico Buarque

A trajetória do compositor através de suas músicas — eis a fascinante proposta de **Desenho mágico**, poesia e política em Chico Buarque, de Adélia Bezerra de Menezes, inicialmente tese de doutoramento na USP, agora publicado pela editora Hucitec. A A. acompanha a evolução não só do músico, na elaboração cada vez mais perfeccionista de seu trabalho, mas também seu pensamento político; e faz, ao mesmo tempo, uma aproximação com a história recente do país. No entanto a abrangência é ainda mais ampla: não apenas um retrato de Chico e de sua atuação e participação, mas um retrato do próprio Brasil de hoje. Esmiuçando e analisando, decompondo e se debruçando sobra a obra de Chico Buarque, Adélia acompanha as diversas fases pelas quais ele passou, correlacionando-a com a realidade imediata do país. E fala, sempre com pertinência, da censura que Chico enfrentou durante um período tão duro, de suas lutas, de seu trabalho. Um ensaio instigante, um texto da maior importância pelo que acrescenta não só ao conhecimento da obra do compositor, mas a fatos da realidade imediata do Brasil.

Sargento Getúlio: leitura obrigatória

"Na minha opinião, vai ficar como um marco na nossa literatura" (Érico Veríssimo); "Ele consegue concentrar no seu protagonista o processo cultural de toda uma vasta região e suas conseqüências" (Hélio Pólvora); "Trata-se realmente de um romance excepcional" (Fernando Sabino); "Um romance duro, dilacerante, por vezes terrível, de extrema humanidade." (Jorge Amado). Assim foi visto este romance (**Sargento Getúlio**, de João Ubaldo Ribeiro), lançado em 1971, e que chega à 5.ª edição, pela Nova Fronteira. Mas também no exterior o livro tem feito uma expressiva carreira (inclusive em inglês, na tradução do próprio autor). Por sua força, sua autenticidade, seu poder de criar e recriar, é leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam por literatura e por um conhecimento maior da nossa realidade e do fazer literário.

Pungência e desvendamento

Um punhado de histórias que confirmam o talento de uma ficcionista sensível, que joga, por igual, com bem medidas doses de realidade e fantasia, sutileza e dureza narrativas. Assim é este **Filão extinto**, de Aida Felix de Sousa, editado pela Civilização Brasileira/Oriente. Veja-se, por exemplo, "As avencas"; como a A. consegue erguer e construir a situação base, e na qual, entredizendo — sugerindo, ergue a dramática figura de Sabino. Ou, então, "Coroa de virgem", com toda a sua contida pungência. São contos que ficam a bulir, se fixam, se agarram à sensibilidade do leitor, unindo sua carga de impoderabilidade e seu desvendamento de uma sofrida humanidade.

Doris Lessing: novo livro

Conhecida mais como romancista, sem dúvida uma das principais ficcionistas contemporâneas em língua inglesa, Doris Lessing domina, também, com perfeição, a difícil arte do conto. **A tentação de Jack Orkney**, em tradução de Tati de Morais, que acaba de aparecer pela Record, reúne 17 histórias onde estão presentes todas as virtualidades de Doris Lessing, sua preocupação constante com problemas ideológicos, políticos e sexuais, temas que lhe são freqüentes e que retornam em sua já substancial obra. Nascida na Pérsia (hoje Irã), criada na Rodésia (hoje Zimbábue), reside na Inglaterra. Tudo isto influenciou sua maneira de ser e sua literatura, considerada, quase unanimemente pela crítica, como das mais significativas dos nossos dias.

Ação e emoção

Desde o início das histórias, somos envolvidos pela ação intensa e pela demonstração do insólito que coexiste no cotidiano. Sabendo narrar, ainda que se considere mais um repórter do que um escritor, Frederick Forsyth reafirma, nestes dez contos (**Sem perdão**, trad. de .B. Pinheiro de Lemos, Editora Record), as qualidades que o tornaram tão apreciado quando do lançamento de livros como **O dia do chacal** e **A alternativa do diabo**. Veja-se o conto que dá título ao livro, a interrrompida caminhada de um homem que se julga às portas da vitória, a maneira como A. constrói sua história e a leva a um final que prende e surpreende; ou "Há certos dias", onde com humor e malícia narra-se uma história de azar, de falta de sorte.

ABC do socialismo

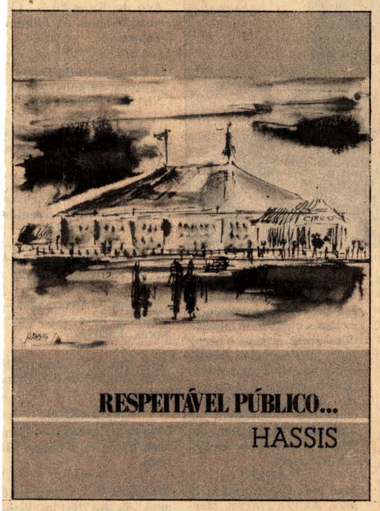
Verbetes sucintos, numa linguagem polêmica, procurando situar e esclarecer temas controversos ou figuras que tiveram participação ativa no sentido de modificar os rumos da história, distribuídos por ordem alfabética — eis como pode ser rapidamente definido **Socialismo, uma visão alfabética**, de Edgar Rodrigues, publicado pela Ed. Porta Aberta, que aparece em 2.ª edição. O volume abre por um capítulo denominado "Pensamentos socialistas libertários", onde são enfeixadas definições, entre outras, sobre o problema da terra, reflexões sobre a lei, o problema da revolução, anarquismo. Antes de entrar no livro propriamente dito, há uma iconografia de vultos ligados ao socialismo e ao anarquismo.

Socialismo em discussão

A experiência da França de hoje e as possibilidades do socialismo num só país, em dois livros que se completam, recém-lançados pela editora Paz e Terra: **O novo socialismo francês e a América-Latina**, tendo como organizadores Fernando Henrique Cardoso e Hélio Trindade e a participação, nos debates, de Celso Furtado, George Lavau, Pascal Perrineau, Alain Rouquié, Alain Touraine; e **Dilemas do socialismo**, com organização, introdução e notas de Rubem César Fernandes, reunindo trabalhos de Bakunin, Danielson, Engels, , Mavrov, Marx, Mikhailovski Plekhanov, Tkatchov, Ulianov, V. Zasulich. No primeiro, análise da experiência socialista do governo Mitterrand e as lições que podem ser extraídas pela América Latina; e no segundo, debate-se se é possível "saltar etapas" para estabelecer o socialismo numa sociedade que não passou pelo desenvolvimento capitalista-industrial.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

HASSIS E A MAGIA DO CIRCO



O circo de Hassis tem o poder de uma varinha mágica. Ao mesmo tempo em que nos enleia, nos remete para múltiplas visões e reflexões. Nem sei por qual começar. Harry Laus, na tão percuciente apresentação aos desenhos, fala de um retorno à infância, àquela Tijucas que o marcou tão fundo e que o escritor conserva dentro dele. Já no caso de Hassis, é uma Florianópolis perdida no tempo, que o artista reconstitui com extrema sensibilidade. No meu, seria Biguaçu. Parece-me, pois, que todos temos um circo entranhado no mais profundo de nós mesmos. Mas, retornando a Hassis, devo dizer que acompanhei, desde o começo, praticamente toda a carreira artística dele. Uma carreira sofrida, de lutas e buscas, de pesquisa, de inventiva e descobertas. Eterno insatisfeito (o que deve ser a marca primordial de todo criador), para ele pouco importam acertos ou desacertos. Importa mais, e com razão, prosseguir na procura incansável de um ideal de beleza e de um desvelamento do ser humano. Esta proposta básica parece-me que vem sendo cumprida. Assim, **Respeitável Público...** álbum com 19 pranchas, que levou quase igual número de anos (16) para conseguir ser editado, nos entrega um Hassis em pleno domínio de seu metier. Num traço sutil e nuançado, recria e nos devolve, em entretons de grande efeito plástico, todo um universo impregnado de sonho, fantasia, verdade. Nem haveria, aqui, necessidade do poético texto introdutório, do próprio artista, que vem como que completar o desenho. É que o desenho de Hassis, na sua linguagem mágica e despojada de artificialismos, fala por si mesmo. Fala do artista que tem o que transmitir e sabe fazê-lo com rara emoção e perfeição. Laus afirma, não sem razão: "Cada desenho vive por si, sem nada de acessório, com uma precisão que só pôde ter vindo à luz depois de muita reflexão sobre o tema, como é o caso desta série". E logo adiante "...uma espécie de névoa envolvendo as figuras, como se a memória fosse aos poucos se recordando dos fatos". Se tudo isto não bastasse, há outro valor neste álbum primoroso: a lembrança da grande figura humana que foi Anibal Nunes Pires, homenagem singela ao amigo e ao mestre. A epígrase de Anibal que Hassis recolheu se casa perfeitamente ao clima das pranchas. Ei-la: "A minha caravana/ Deixou terras nas distâncias/ E o tempo me envelheceu/". Sim, se o tempo inapelavelmente nos evelhece, se a caravana deixou terras inalcansáveis, o belo álbum de Hassis, tão rico em sugestões, nos empurra de volta para esta infância que todos buscamos em vão, num fascínio refletido no circo, com suas figuras e situações por igual humanas e tragi-cômicas.

Uma convivência tranqüila

O poeta e o prosador parecem conviver tranquilamente em Ledo Ivo. Ele vem, ao longo de sua carreira literária iniciada em 1944, entremeando os dois gêneros. **As imaginações** (poesia) é o livro de estréia. Segue-se-lhe **Ode e elegia** (poesia, 1945). De 1947 é **As alianças,** romance. E se por vezes têm-se a impressão que o poeta, seja pelo volume seja pela qualidade da obra, vai sobrepujar o prosador, eis que de repente ele nos empunha **Ninho de cobras,** romance de estranha força. Ainda agora, pela Record, que promete publicar toda a obra de Ledo Ivo, aparece um novo livro de poesia, **A noite misteriosa,** e a reedição de seu primeiro romance, **As alianças.** A linha da história, no romance, é a de um conflito conjugal; a partir dele, a recriação de um Rio de Janeiro sumido no tempo e o inter-relacionamento de alguns jovens. Em **A noite misteriosa,** o A. mantém algumas das constantes de sua poesia, que o identificam, como o verso longo e trabalhado, o desvendamento do ser humano, a interrogação sobre o problema existencial, a redescoberta da infância e o retorno à sua terra e sua gente. Veja-se estes trechos de "Asilo Santa Leopoldina": "Todos os dias volto a Macció./ Chego nos navios desaparecidos, nos trens sedentos, nos aviões cegos que só aterrizam ao anoitecer./ Nos coretos das praças brancas passeiam caranguejos./ Entre as pedras das ruas escorrem rios de açúcar/". E mais adiante: "Todos me reconhecem e me saúdam com grunhidos/ e gestos obscenos ou espalhafatosos."

Transmitir a ambigüidade

"História de uma estranha e conflituosa paixão mórbida (um homem de meia-idade por um jovem), da qual o personagem quer-não-quer se livrar — eis como pode suscintamente ser definido **Senilidade,** romance de Italo Zvevo, que acaba de aparecer no Brasil, pela Editora Nova Fronteira, em tradução de Ivo Barroso. Se nele ainda não estão todas as qualidades que explodiram com força inaudita em **A consciência de Zeno,** já se podem perceber claramente a garra com que o A. trabalha sua ficção. Ele sabe, como poucos, se aperceber dos conflitos e transmitir a ambigüidade do ser humano, nuançando situações e envolvendo tudo num clima repleto de impasses e contradições. Livro tão fascinante quanto a vida do próprio Autor, este Italo Zvevo-Ettore Schmitz, comerciante, pianista, amigo e personagem de Joyce, grande escritor incompreendido em seu meio, quer tinha plena noção de seu valor e não podia compreender porque não era aceito quer pelo público quer pelos meios literários de sua época. Só não sabia que estava à frente deles e dela.

Manipular conflitos

Meia dúzia de personagens com problemas existenciais; uma situação insólita e relacionamentos tensos; projeção do que poderia ter acontecido se as bombas do Riocentro tivessem explodido realmente lá dentro; simbologia entre o velho edifício de apartamentos e o país; diálogos ágeis — com tais elementos Millôr Fernandes oferece mais uma peça teatral onde está presente o seu inegável talento, a sua capacidade de armar e manipular conflitos. Assim se poderia resumir, em poucas palavras, **Duas tábuas e uma paixão,** volume 12 da Coleção Teatro de Millôr Fernandes, que acaba de aparecer pela LePM-editores.

Sobre educação

Três partes compõe este livro (**Sobre educação, política e sindicalismo,** da Editora Autores Reunidos/ Cortez Editora, col. Teoria e Prática Sociais), pois reúne trabalhos anteriormente publicados na imprensa, debates de que o A. participou e depoimentos que deu. Pela proposta, pelo que levantam, continuam atuais e provocativos, no sentido de incentivar a discussão. Aqui se encontram temas como a estrutura e organização burocrática da instituição escolar, a natureza da política universitária e as exigências para sua democratização, o sentido político-social da educação, o significado do movimento estudantil e a política de pós-graduação. A pertinência deles é inegável; e continuam interessando não apenas aos estudantes mas a toda a comunidade.

Vitor Meireles em edição da Pinakotheke

Já se encontra à venda, pelas Edições Pinakotheke, **Núcleo Berardinelli, arte brasileira nos anos 30 e 40,** de Frederico Morais. O livro, com 56 ilustrações, 36 em cores, analisa a formação e o desenvolvimento das atividades do grupo de pintores que atuou no Rio entre 1931 e 1942, à margem da estética e do modelo oficial da Escola Nacional de Belas Artes.

Max Perlingeiro, diretor da Editora, ao anunciar seus próximos lançamentos (**História da pintura brasileira no século XIX,** do pintor e crítico de arte Quirino Campofiorito; **Giovanni Battista Castagneto,** do crítico de arte Carlos Roberto Maciel Levy; **Pintores alemães no Brasil durante o século XIX,** edição trilingue, de Maria Elizete Santos Peixoto), diz que, "decorridos dois anos de trabalho, a editora já obteve sucesso eloqüente", daí se animar a ampliar cada vez mais o espectro de seu objetivo inicial. Também pela Pinakotheke deverá sair, neste segundo semestre, um volume contendo ensaios sobre o pintor catarinense Vitor Meireles. A edição, comemorativa dos 150 anos de nascimento do artista, terá reproduções em cores de seus principais trabalhos.

Compreensão do texto

Dois modos de se chegar melhor à compreensão de uma obra e um autor são pela análise direta dos textos ou por um diálogo direto com quem os fez. José Afrânio Moreira Duarte, ficcionista e crítico, utiliza-se destes dois métodos. Em **De conversa em conversa,** lançado pela Editora do Escritor, temos uma série de entrevistas, com mais de 40 escritores de todas as tendências e formações (na maioria mulheres), onde se discute o problema da criação, do mercado do livro, das simpatias e idiosincrasias de cada um, numa linguagem objetiva e clara; em **Opinião literária,** edição da Imprensa Oficial de Belo Horizonte, o enfoque de José Afrânio é outro: aqui ele se debruça sobre os textos (ficção, poesia, ensaio) e os analisa de um ponto de vista crítico, procurando iluminar aspectos do fazer literário e da vida dos autores.

REGISTRO

** **Coração amarelo,** de Pablo Neruda, trad. de Olga Savary, LePM-editores. Em edição bilingue, mais uma obra póstuma do grande poeta chileno. Foram oito os livros que ele deixou inéditos, ao morrer em 1973. Agora, gradativamente, estão sendo publicados, entre nós pela LePM, em tradução bem cuidada de Olga Savary. Presente, sempre, a mesma força que o transformou em um dos mais significativos poetas contemporâneos.

** **Tristão e Iseu,** versão de Afrânio Coutinho, Editora GRD-MEC. Nesta transposição para o português, de uma das mais conhecidas histórias de amor, que já passou pela mão de numerosos escritores, temos, ao mesmo tempo, o mesmo texto e uma nova visão. Neste livro que se relê sempre com agrado, Afrânio trabalhou sobre o texto de Bédier, mas utilizou também os de Bérdul, Thomas, Eilhard e Gottfried.

** **Missão noturna,** de Clive Cussler, Editora Record. Dois agentes, ex-aliados, agora se defrontam, na missão de descobrir um tratado que valia bilhões para a América e significava guerra para a Inglaterra. Um romance de emoção e suspense, do autor de **Resgatem o Titanic.**

** **Os pioneiros,** de John Jakes, Editora Record. Volume III da saga da família Kent, acompanhando a epopéia dos pioneiros, de gente que partiu em busca de um sonho e desbravou o novo mundo. O A. aborda episódios da história dos EUA, colocando lado-a-lado personagens de ficção e figuras ilustres como Washington Jefferson, Lincoln.

** **Amando perigosamente,** de Heinz G. Konsalik, Editora Record. Novo título de um autor de best-sellers alcança enorme tiragem em todo o mundo. Fugindo um pouco à linha de seus livros anteriores, neste, ele conta a história de uma paixão desenfreada de um lorde inglês, Ashvorne, por uma cantora, Loreta, com a ação desenrolando-se na Escócia e envolvendo outros personagens.

** **Moral e sociedade,** 2.ª edição, editora Paz e Terra. Confronto de idéias, discute a gênese e a natureza do fenômeno ético. Debate promovido pelo Instituto Gramsci, teve a participação de Galvano Della Volpe, Roger Garaudy, Karel Kosik, Cesare Luporici, Mihailo Marcovic, Howard Parson, Jean-Paul Satre, Adam Scharf.

** **A coragem de criar,** de Rollo May, Editora Nova Fronteira. Professor, teólogo, psicanalista, estudioso de alma humana, o A. defende a tese de que não existe ser humano que não seja criativo.

** **Alvorada operária,** — de Edgar Rodrigues, Edições Mundo Livre. Livro que descreve a história do operário no país, no seu início. Linguagem direta, informações colhidas nas fontes.

** **Vinhos,** de Sérgio de Paula Santos, T.A. Queiroz, Editor. Artigos falando desta bebida que é da idade do homem. Num momento em que já se pode, sem receiro, beber vinho nacional, é livro oportuno, pois mostra quais as melhores regiões produtoras, qualidade e origem. E como deve o vinho ser bebido. Quanto ao quando (e quanto) depende do bebedor.

** **A frente do Recife e o Governo de Arraes,** de José Arlindo Soares, Edição Paz e Terra. Uma análise do perído 55-64 que uniu, em Pernambuco, as forças da esquerda e as correntes nacionalistas. Sociólogo, o A. busca aprofundar os problemas políticos da região e o que denomina de nacionalismo em crise.

** **Genética odontológica,** de Francisco M. Salzano. T.A. Queiroz, Editor Editora da USP. Livro útil para professores, estudantes e profissionais, de caráter prático. Cada capítulo começa por uma situação de consultório, terminando por questões de avaliação.

** **Sexamor,** de Paulo Cunha, Editora Nórdica. De forma semi-didática, o A. questiona e desvenda aspectos da sexualidade, desde a constituição física dos órgãos genitais até o homossexualismo; e vê o problema psico-social e suas implicações. Neste "guia brasileiro do sexo e do amor" são estudados os mais diferentes aspectos do problema, intentando Paulo Cunha desmontar mitos e questionar tabus.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS 212

Salim Miguel

Utopia às avessas

Direta ou indiretamente, o problema indígena tem marcado a literatura de Antonio Callado. Agora ele recria, com doses de humor e ceticismo, o que poderia ser considerado uma utopia às avessas. A caminhada do quixotesco jornalista Vicentino Beirão e do "domado" índio Ipavu, em busca dos índios do Brasil Central, na tentativa de levantá-los e conscientizá-los para além do tom farsesco é um retrato dramático de uma realidade que faz pensar. E se na caminhada existem várias armadilhas esperando **A Expedição Montaigne**, também no texto Callado prepara armadilhas para os leitores, que precisam repensar o que leram, buscando chaves para catar as referências de todo gênero que pontilham o livro e lhe são incorporadas. Edição da Nova Fronteira.

Recuperando o passado

Um homem idoso chega ao ano dois mil. Enquanto espera para ver se um velho amigo, há muito desaparecido, ressurge, vai reconstituindo o passado: sua cidade e vida, amigos e fregueses, casos e causos então acontecidos, numa Belo Horizonte de sonho que sumiu no tempo. Com tais elementos, numa linguagem por igual lírica e irônica, Alan Viggiano constrói seus romances **O século do sonho,** lançado por André Quicé — Editor, na col. Suindara. Vendo pelos olhos do barbeiro Chicoassis, personagem que é o fio condutor, o A. fixa uma expressiva galeria de tipos e situações, recuperando o passado e nos devolvendo uma cidade que não precisa esperar o ano dois mil para não mais ser o que era há poucos anos.

Poesia em silêncio

Um leve fundo de melancolia e desesperança como que envolve estes **Poemas escritos na névoa,** de Cícero Acaiaba, publicados pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. Elaboração simples e precisa, sem preocupações maiores de romper com estruturas formais ou buscar o novo pelo novo. Acaiba quer dar o seu recado, comunicar-se. E sabe fazê-lo. Mais conhecido por seu trabalho de ficcionista, aqui ele reúne uma série de poemas e sonetos que foram sendo escritos ao vagar do tempo. Para o poeta Bueno e Rivera, "a poesia de CA é daquelas que ficam, prolongando-se em nós." Veja-se este exemplo em "Poesia": a poesia não pode ser máquina/ de palavras/ cibernética/ de emoções/ não pode ser construída/ com êmbolos alavancas roldanas/ movimento mecânico/ cronometrado/ moto-contínuo/ de ojetivo-cálculo./ A dinâmica/ o impulso elétrico/ da poesia/ é amálgama: azul/ da alma/ com a vida./ O vocábulo simples/ maleável/ dúctil/ o coloquial/ natural e fácil/ a tristeza/ humildade diante da tarde/ a lembrança/ infância escondida na curva do tempo/ toda poesia/ — flor do cotidiano/tenra tenra/ nasce/ de madrugada/ a poesia/ em silêncio".

Visões da África

Aos poucos, através da Col. Autores Africanos, da Editora Ática, vamos tomando conhecimento de uma literatura e de uma realidade que nos eram quase inteiramente desconhecidas. E podemos sentir, também, o que foi a luta pela independência naqueles países. Mais dois títulos (volumes 11 e 12) acabam de aparecer: **De uma costela torta,** de Nurunddin Farah, e **Climbié,** de Bernard B. Dadié, o primeiro autor nascido na Somália e o outro na Costa do Marfim. Embora de tratamento ficcional diferente, os dois romances se aproximam pela preocupação básica que os informa: em ambos, o que se poderia chamar de aprendizado da vida, de uma dura caminhada quando se vai descobrindo o mundo com suas injustiças e contradições. Elba, personagem central do livro de Nurunddin, trata da condição social da mulher; Climbié, personagem claramente autobiográfico, espécie de **alter-ego** de Bernard, revela a confusão de sentimentos de um menino diante das transformações de seu mundo.

Origem da vida e classes sociais

Na Coleção Bases, da Global Editora, mais dois títulos (n.ºs 43 e 44), respectivamente **A origem da vida,** de A. Oparin, e **As classes sociais,** de Georges Gurvitch. O livro de Oparin continua sendo usado com base para estudos sobre a evolução e concepção materialista da origem da vida; é texto que precisa ser conhecido não como resposta definitiva às dúvidas existentes, mas como mais um ponto de partida para o debate nos campos científico/social. Já o livro de Gurvitch mostra o papel das classes sociais como forças produtivas; a obra está dividida em três partes: na 1.ª são estudadas as definições de Marx, Kautsky, Lenin, Lukacs e outros; depois as concepções não-marxistas (Schmeller, Pareto, Weber, M. Halbawachs, P. Sorikin; finalmente o A. desenvolve uma conceção própria das classes sociais na sua estruturação e desestruturação perpétuas.

Jeferson, novo livro

A origem de Deus e de tudo é o título do novo livro de contos de Jeferson Ribeiro de Andrade, que ele ultima e deverá ser lançado, pela Record, em inícios de 1983. Mas antes vem aí, em 2.ª edição, também pela Record, o livro de estréia do Autor, igualmente de contos, **Um homem bebe cerveja no bar do Odilon.**

REGISTRO

** **Gota D'Agua,** peça de Chico Buarque e Paulo Pontes, Editora Civilização Brasileira. Em 12.ª edição esta Medéia à brasileira, levada ao palco inicialmente em 1975, com grande sucesso de crítica e público, na direção geral de Gianni Ratto.

** **O gigolô das palavras,** de Luís Fernando Veríssimo, LePM-Editores. Na col. Novaleitura, crônicas selecionadas e comentadas pela professora Maria da Glória Bordini, de um A. consagrado por livros como **O analista de Bagé, Ed. Mort, As cobras.**

** **Quebra-quebra,** de Sérgio Caparelli, LePM-Editores. Através da figura de Dondinho, e de seu enfrentamento com a realidade, o sofrimento e a repressão, um retrato do jovem e do hoje, por um A. que sabe se dirigir especialmente aos jovens e que tem títulos como **Meninos da rua da praia, Vovô fugiu de casa, Ana de sapato alto.** Em 2.ª edição, na Col. Novaleitura.

** **O calendário,** de Edgar Wallace, Livraria Francisco Alves Editora. Mais um volume da col. Horas em Suspense. Fugindo à sua linha, este conhecido escritor inglês de livros de mistério e policiais, arma uma história de amor, mas a que não faltam doses de suspense, levando o leitor ao mundo elegante de Londres e às corridas de Ascot.

** **Mafalda,** de Quino, Global Editora. Terceiro volume das tiras famosas de Quino, que juntam, por igual, doses de humor e crítica.

A filosofia da linguagem, de Jean-Paul Resweber, Editora Cultri/Editora da USP. Dividido em três partes (O enunciado; O discurso; A fala), escrito por um professor da Universidade de Estrasburgo II, este livro é uma aproximação à problemaüca da linguagem, partindo do pressuposto de que "a fala não é aquilo que falamos", mas antes "aquilo de onde falamos".

** **Planejamento urbano e ideologia,** de Vera Rezende, Editora Civilização Brasileira. Arquiteta e urbanista, a A. estuda, sob os aspectos sociológicos, políticos e econômicos, os quatro planos de urbanização aplicados à cidade do Rio nas últimas cinco décadas e mostra que ainda assim a cidade não é verdadeira expressão da vontade dos que nela vivem e trabalham.

** **Presença,** de Hugo Gouthier, Editora Record. Diplomata, homem do mundo, convivendo com personalidades célebres, nestas lembranças o mineiro Gouthier relata parte de sua longa experiência e de suas vivências. Prefácio de Guilherme Figueiredo e "orelha" de Pedro Nava.

** **Lendo e aprendendo,** de José Willington Germano, Editora Autores Reunidos/ Cortez Editora, com apoio da Associação dos Docentes da UFSC. A importante experiência da "campanha do pé no chão", movimento educacional realizado no Rio Grande do Norte, em 1962, e o que ele significou num período de efervescência em que várias tentativas semelhantes (como a de Paulo Freire) vinham sendo feitas e foram bruscamente interrompidas em 64.

** **Buracos brancos,** de John Gribbin, Livraria Francisco Alves Editora. Novo título da col. Astronomia e Astronáutica. Aqui se comprova o que diz Carl Sagan: "a ciência é muito mais excitante que a ficção científica...", o que é explicitado neste livro, onde se revela que o jato cósmico branco se encontra no início e no fim da nossa compreensão da existência.

** **Alho-Terapia,** de Tadashi Watanabe, Editora Civilização Brasileira, em 3.ª Edição. Os benefícios do alho para a saúde, entre outros melhorando o funcionamento do estômago e intestino, possibilitando dormir melhor, acabando com gripes e reumatismo, aprimorando a capacidade sexual. Além da comprovação científica de tudo isto, ao final do livro uma série de receitas para melhor aproveitamento do alho.

** **Chico's bar: a solução,** de A. Tito Filho, Cia. Editora do Piauí. O estudo da incorporação de palavras inglesas ao português. E através de uma historinha (o que representou como fator de sucesso a modificação do nome de "O bar do Chico" para "Chico's bar") o A. mostra o que representa isto, pois se "as necessidades sociais obrigam-nos a aceitar palavras alheias" por outro lado, diz Tito, é preciso protestar contra o exagero, contra a anglomania.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

O ESTADO - Fpolis, 07/03/82

Salim Miguel

Estado de alerta, poemas, de Luiz de Miranda, Editora Movimento, RS, 1981. Um poeta compromissado com o homem e seu destino, com sua terra e sua gente. Versos duros e diretos, versos que procuram — e atingem — não só a sensibilidade mas o intelecto. Inquietando e fazendo pensar. Se o poeta também se preocupa — e quanto — com a forma, com a maneira de dizer, é no sentido de mais e melhor transmitir a sua mensagem. Mas não é, nunca, uma poesia demagógica ou panfletária. É, isto sim, antes de tudo poesia no melhor sentido da palavra. Poesia atenta ao aqui e ao agora, poesia que quer emocionar mas quer por igual pertubar. Parece-nos que Miranda não ficaria insatisfeito se afirmasse que mais do que agradar, no sentido convencional e vulgar do termo, sua poesia quer agredir. E como bem acentua o crítico Antonio Hohlfeldt, "tempo e memória" marcam indelevelmente a obra da poesia, inseridos num contexto de presentificação. Ela está sempre com os pés bem fincados na terra. Por isto mesmo diz, logo no primeiro poema, de abertura do livro, como que chamando a atenção do leitor: "Não sonharei o impossível/nem a urora/a luz vem luzindo/sua desesperada agonia/o passado move/sua chuva de caspa e cinza/".

* * *

Uma temporada no inferno e Iluminações, poemas, de Rimbaud, trad. de Lêdo Ivo, col. Clássicos Francisco Alves, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1982. Um dos livros básicos na formação da poesia moderna. Escritos quando o A. mal chegara aos 21 anos, até sua morte, aos 37 de uma vida das mais dramáticas, nada mais escreveu. Na "Introdução", Lêdo Ivo situa bem a trajetória do poeta e sua enorme significação para a reformulação de todo um conceito da poesia. E mais do que tradução, temos aqui uma recriação destes versos candentes, feitos de carne e sangue, que viriam marcar profundamente todo o fazer poético dos nossos dias, influenciando gerações. A magia verbal, a estranha força que emana de seu verso é um mistério para os estudiosos de todos os tempos.

* * *

Desarvorárvore, poluemas, de Luiz
F. Papi, Editora Cátedra/INL-MEC, RJ, 1982. Numa linguagem inovadora (mas nunca gratuita) uma proposta que já vem implícita no próprio título e no jogo de palavras que identifica o livro. Naquele "poluemas" temos, claramente percebida, a intenção do A. O neologismo se liga umbilicalmente ao outro "Desarvorárvore", para criar um núcleo compacto e unitário, no qual os temas se fundem e complementam não só entre si mas igualmente com as fotos que ilustram o volume. Como se acentua Pedro Lyra

na "Introdução", "os dez núcleos básicos apresentam rigorosamente a mesma estrutura... e acolhendo esses dez núcleos básicos, o texto acolhe a presença recorrente do próprio poeta nos três momentos nucleares do discurso para mostrar a trajetória humana do homem numa sociedade decadente". Um livro sensível e instigante.

* * *

Solo e subsolo, poemas, de Reynaldo Valinho Alvarez, Edições Antares/INL—MEC, RJ, 1982. Um devorador de prêmios em todos os gêneros dá aqui mais uma demonstração do seu domínio no ofício. Sim, porque o domínio formal, implícito ou explícito na totalidade de seu fazer poético, não impede nunca que a sensibilidade flua, que a preocupação com o ser humano e suas contingências se manifeste. Há, nele, uma inquestionável unidade de tratamento e de estilo, seja qual for o tema abordado.

A cor da terra, poemas, de Leda Miranda Huhne, Edições Antares, RJ, 1982. Um longo poema, centrado num tema que se desdobra e coleia. A A. se utiliza das mais varidadas formas para criar um clima específico e envolvente, numa busca de visão totallizante da terra brasileira. Mas não satisfeita com a simples manipulação da palavra, ela se utiliza da disposição gráfica para criar novos impulsos e impactos. E joga com simbologias e recorrências, como a que permite modificar o título de "A cor da terra" para "acorda terra".

* * *

Deixemos falar o vento, romance, de Juan Carlos Onetti, trad. de Maria de Lourdes Martini, col. Latino-América, Livraria Francisco Alves editora, RJ, 1982. O universo mítico de Santa Maria e seus personagens complexos e muitos humanos retorna neste livro do A. de **La vida breve**. Aqui, vida vivida e vida sonhada se entrelaçam, criando um clima de fantasmagoria que envolve inapelavelmente o leitor. Sem o renome de outros latino-americanos, o uruguaio Onetti, hoje exilado na Espanha, supera muitos deles, sendo um dos mais significativos prosadores dos nossos dias. Para os brasileiros que já o conhecem de **Junta-cadáveres** será certamente uma satisfação reencontrá-lo, encontrar alguém fiel a si mesmo e a seu mundo ficcional. E para os demais, não temos dúvida em afirmá-lo, uma grata revelação.

* * *

Visível escuridão, romance, de William Golding, trad. de João Guilherme Linke, col. A prosa do Mundo — Inglaterra, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1982. Jogando com uma série de alegorias e metáforas, o A. projeta, através de personagens marcantes, uma visão apocalíptica do nosso tempo. Com isto, embora dentro de outra perspectiva, ele dá continuidade a uma obra coerente que já revelava sua força de narrador e os temas recorrentes que o assinalariam entre os escritores de sua geração. Referimo-nos a seu primeiro e instigante romamce, **O Senhor das moscas** (1945), que já revelava linguagem própria e um universo inquietante e inquietador.

* * *

Meu amor bandido, romance, de Marisa Raja Gabaglia, editora Codecri, RJ, 1982. Nesta "ficção" baseada em fatos que teria vivido, a conhecida cronista fala de um tema policial que durante dias foi manchete da primeira página dos órgãos de comunicação. Escrito em linguagem confessional mostra as andanças da personagem-autora (na primeira pessoa) e de um cirurgião plástico. Qualquer semelhança com acontecimentos reais não será, portanto, mera coincidência.

* * *

Bolívar, biografia, de Sílvio Júlio, Revista Continente Editora, distribuição nacional da Editora Civilização Brasileira, RJ, 1982. Em 4.ª edição, este importante livro que agrange não só a marcante vida de Bolívar, mas sua época e seu meio. Dá-nos uma visão da trajetória deste lutador pela independência de sua terra. Através da vida e da atuação de um dos grandes vultos da história das Américas é possível traçar uma projeção para a melhor compreensão dos problemas das Américas de nossos dias.

* * *

Introdução à sociologia, ensaio, de Jacob Bazarian, Editora Alfa-Omega, SP, 1982. Num estilo simples e objetivo, temos uma nova abordagem científica de fatos sociais. Subintitulado "As bases materiais da sociedade". O trabalho explica as mudanças ocorridas ao longo do tempo nas instituições e idéias sociais, abordando, ainda, a origem e a evolução da sociedade humana. O A. licendiado em filosofia pela USP e foi pesquisador do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS durante 10 anos.

* * *

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

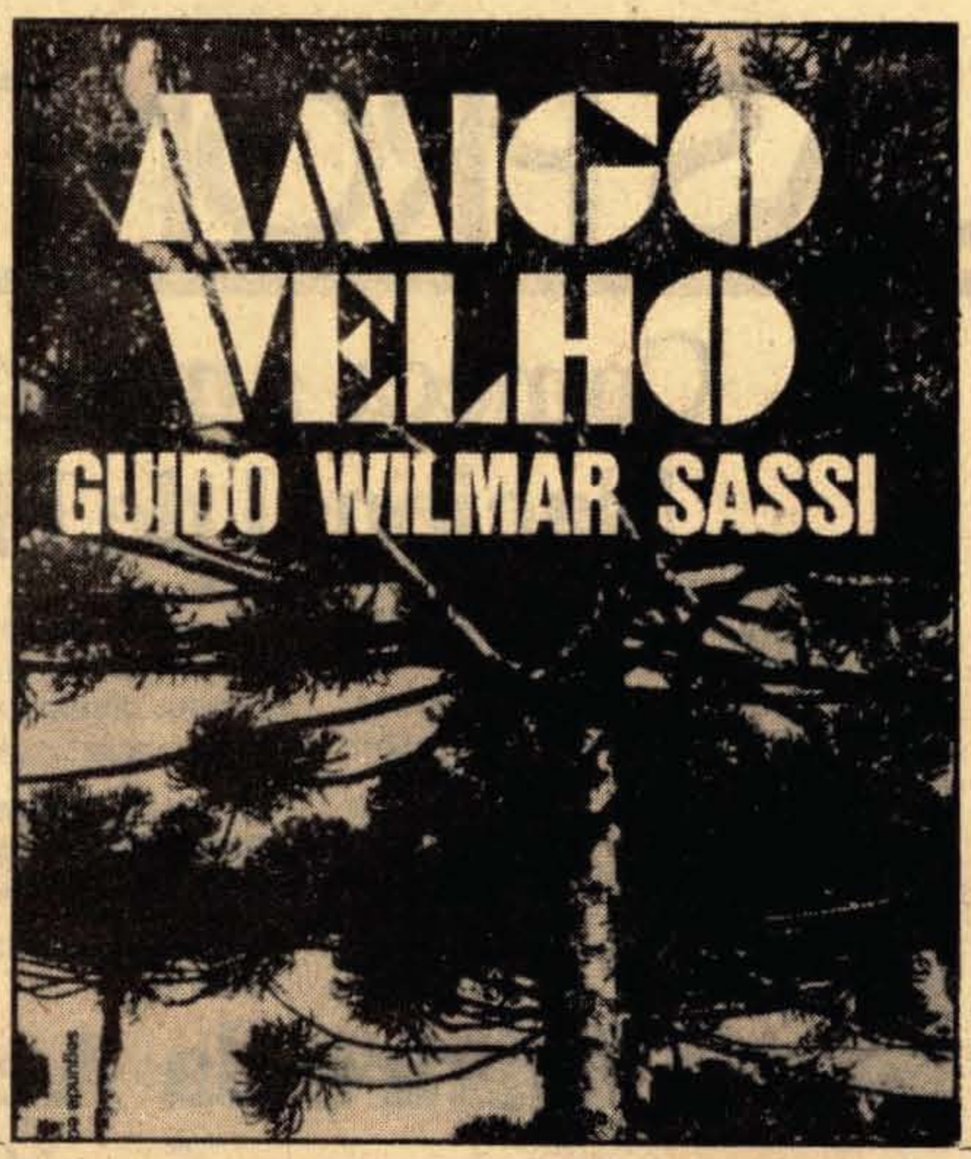
214

Salim Miguel

A Região Submersa, Romance, de Tabajara Ruas, LePm-Editores, RS, 1982. Para além das parencias, numa região submersa, a verdade pode – e deve – ser aprendida. Assim tem que ser analisado este aparente romance policial de Ruas. Pois, mais do que as aventuras e desventuras do detetive particular Cid Espigão, temos aqui um mergulho na dramática realidade do país. Como quem não quer nada, o A. vai nos mostrando Cid (atente-se para a simbologia do nome) sair de sua vidinha medíocre e se envolver em lutas que lembram um tumultuado - e recente período da história do Brasil. O fio inicial da trama é simples, bem na linha dos policiais tradicionais: Cid é procurado por uma bela mulher e contratado para lhe procurar o filho, o rico estudante Sérgio, que sumira de casa. Sem esperar, Cid é envolvido em estranhos laços, com colegas e amigos do desaparecido, com organismos de extrema direita e da esquerda, que se digladiam numa luta de vida e morte. Nesta alegoria, pode-se muito bem sentir o retrato de um país muito nosso conhecido, das lutas que nele se processaram. Há, ainda, uma visão, ao mesmo tempo amorável e ironica de uma Porto Alegre que subsiste na cidade em transformação acelerada. A técnica narrativa é multipla, adaptando-se à necessidade da história, da linear e policial, com todos os seus ingredientes tão conhecidos pelos apreciadores do genero, ao fluxo de consciência e a introspecção do romance moderno, incluindo fusões e cortes bruscos que lembram alguém interessado por cinema. Lançado inicialmente em Portugal e depois na Dinarca, onde foi recebido com críticas elogiosas, só agora chega ao Brasil, revelando um novo e inventivo autor, que tem o que dizer e sabe fazê-lo.

Memórias do medo, romance, de Edla Van Steen, Editora Record, RJ, 1982. Como num espelho contra espelho, de imagens seperpostas, vai se construindo este estranho romance de Edla. Blocos compactos, situações e personagens, se interligam harmoniosamente, vão e vem revelando aos poucos, as angústias e indecisões da classe média brasileira, perplexa diante de um mundo que julgava estável e que vê demoronar. Mas isto não é dito claramente; antes é sugerido, é subentendido, num jogo de esconde-mostra-esconde, com a qual a A. Procura reavaliar o texto que entrega ao leitor. Os personagens não se chegam, ficam esfumaçados não apenas para o leitor, mas para eles mesmos personagens, pois a memoria exite e não existe para este seres desenraizados. Se sexo e morte são uma constante, a preocupação com o texto, com o como dizer, jogando com ambigüidades e recorrências, é outra marca identificadora da prosa de Edla. Para Moacyr Scliar, "a narrativa é tensa, elétrica, mas a ela não faltam momentos de sensibilidade e mesmo de margo humor. Uma reedição oportuna.

A maça triangular, romance, de Holdemar Menezes, Editora Movimento, RS, 1981. Seja em depoimentos ou ficcionalmente, 64 já é tema de relflexão e análise para nossos escritores, que se debruçam sobre o período para investigá-lo. Ao que nos conste, este livro de Holdemar é, em Santa Catarina, a primeira contribuição para o tema. O A., um dos mais significativos contistas do Estado, ensaísta e crítico, tem aqui a mesma linguagem candente e dura, em descrições precisas e num diálogo tenso e fluido que envolve o leitor e o emociona. Nunca demagogicamente. Jogando com dois tempos e dois planos que se interpenetram e completam, ele recria situações e personagens do dia-a-dia, um dia-a-dia presentificado na memória de muitos brasileiros. Esta Ilha do Sul, cenário de outros trabalhos ficcionais do A., facilmente identificável, se desnela e revela, desvelando e revelando problemas e situações reais, que envolvem em sua trama, uma série de personagens bem traçados, que comovem e intrigam por suas angústias e vivências.



As amazonas segundo Tio Hermann. ficções de Ieda Inda, Editora Movimento Rs, 1981. Nestas ficções", como as prefere intitular a A., uma realidade que diz de perto a todos nós. O primeiro ponto a anotar, porém seria a inarredável fidelidade de Ieda ao seu universo tão pessoal, a um estilo e um tratamento ficcional que vem desde sua primeira incursão na prosa, com **O arquiteto ou o encantamento da sexta-feira santa,** prosseguindo em **O cavalo persa.** Sensível e irônica, atenta ao fluir da vida e dos dias, ao aqui e ao agora, ela fala com precisão de problemas que aí estão diante de todos. E numa linguagem nuançada e ductil, através da estranha figura do Tio Hernamm, Ieda Inda aprofunda sua pesquisa e sua análise do comportamento do ser humano com todas as contradições que lhe são inerentes.

Amigo Velho contos de Guido Wilmar Sassi, Editora Movimento RS, 1981. Mais do que oportuna reedição de um livro há muito esgotado, no qual, a exemplo do anterior (**Piá,** também lançado na década de 50 pelas Edições Sul, de Florianópolis) se revela a vocação de um autêntico ficionista, de grande força, criatividade e impacto emocional. O livro, edição artesanal provinciana, sem nenhum apadrinhamento, conquistou, por méritos próprios, o Prêmio Artur Azevedo, do INL, 1957. Se em **Piá** a constante era a criança, aqui é o pinheiro e suas implicações na vida do serrando, é o "amigo velho" que ao mesmo tempo protege e esmaga. Todos os contos comprovam a garra de um narrador nato, talvez o mais bem dotado de Santa Catarina, atento à realidade, sabendo recriá-la em termos ficcionais, dando-lhe uma estranha e sofrida dimensão humana. Mas bastaria o conto "Noite", obra-prima inquestionável, para situar Guido entre os mais expressivos contistas brasileiros de todos os tempos. É ler e conferir.

O cavalo em chamas, relatos de Silveira de Souza, Edições Ática/FCC, SP, 1981. Considerado unanimemente, o melhor estilista de Santa Catarina, com um texto impecável, sem prejuízo da qualidade humana de sua narrativa, só agora SS tem a possiblidade de ser melhor conhecido e estudado além fronteiras do Estado. E a crítica nacional tem sabido reconhecer o valor de seu trabalho. Mas é bom acentuar que se seu texto é trabalhado e retratabalhado, isto não significa, nunca, arte-pela-arte. Pelo contrário: a tudo o que ele faz ressuma vida, o componente humano, sendo peça básica de seu fazer literário - e por trás das aparências, há sempre um mundo violento, injusto e contraditório se entrechocando e vibrando. Um livro instigante, estumulante, que pede, exige, segunda e terceira leitura para que todas as suas virtualidades, sugerências e entretons sejam devidamente aprendidas. As desconhecidas forças que compõem o ser humano, atuando de forma estranha, precisam saber se apercebidas e sentidas nestes relatos, para que se possa fruir toda a profunidade do texto de SC.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

215

Salim Miguel

Tarefa, de Geir Campos, Civilização Brasileira-Manssao Ohno Editores/INL-MEC, RJ, 1982. Desde seu primeiro livro (**Rosa dos rumos**, 1950), o Autor marcou um lugar bem definido e pessoal entre os nossos melhores poetas atuais. E a esta linha, fiel a si mesmo e trabalhando quase qus artesanalmente o verso, manteve-se coerente ao longo dos anos. Daí o valor de **Tarefa**, onde estão selecionados poemas de alguns dos principais livros de Geir Campos. Isto vai, por um lado, possibilitar ao seu leitor de ontem reencontrar-se com um poeta de rara sensibilidade, afinado com seu tempo e sua gente, e reavaliá-lo; e por outro, permitir que novas gerações tenham acesso e tomem conhecimento da obra de um dos melhores significativos representantes da chamada "geração 45".

* * *

Gueto, de Kuri (Maria Beatriz Farias de Souza), Civilização Brasileira-Massao Ohono Editores/INL-MEC, RJ, 1982. Dois altos valores poéticos avalizam, com palavras entusiásticas, a poesia de Kuri:

quando ainda uma menina-moça, foi Venícios de Morais que lhe vaticinou "sucesso e renome, a que está fatalmente fadada"; e agora, poucos anos depois é Moacyr Felix, que diz que ela se situa "entre os quatro ou cinco mais altos nomes da poesia brasileira que é atualmente feita por mulher". Mas se isto é bom e pode até tê-la ajudado no início da carreira, não é indispensável. Pois Kuri, com sua rara sensibilidade, com sua visão do mundo, com seu verso trabalhado, tenderia a conquistar um espaço próprio na poesia brasileira de nossos dias. Veja-se, por exemplo, este "Aviso": "Se lhe falarem/ que estou cansado/é verdade (o poeta sofre/de um cansaço eterno);/contudo, se lhe disserem/que desisti, não acredite:/em minhas veias/ o sangue dos prometeus/e das penélopes".

Auto-e-fé, de Elias Canetti, trad. de Herbert Caro, coleção Grandes Romances, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. Neste seu único romance, Canetti, prêmio Nobel de Literatura 1981, mantem-se fiel a temas que são recorrentes em sua obra de ensaista e memorialista: os dilemas do homem contemporâneo. No romance tudo isto é mostrado através da figura ao mesmo tempo dramática e ridícula de Peter Kien, o maior sinólogo do mundo, possuidor de uma biblioteca de 25 mil volumes. Centrando sua vida nos livros, Kien perde contacto com a realidade. Para completar o painel ambicioso que traça da humanidade, o autor joga com mais alguns personagens que iluminam desvãos da personalidade de Kien: Therese, sua ex-empregada e mulher; Bruto Grob, o caixeiro por quem Therese se apaixona; o zelador do prédio, ex-policial e um dos amantes de Therese; o anão corcunda Fischerle, que sonha ser grande enxadrista, todos envolvidos com Kien e com o universo que Canetti quer abarcar. Num estilo lento, minucioso, repetitivo, ele vai armando sua trama para, como assinala a escritora norte-americana Susan Sontag, "ser uma testemunha de sua época".

* * *

A família Moskat, de Isaac Bashevis Singer, trad. de Áurea Brito Weissemberg, col. A Prosa do Mundo – Polônia, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1982. Acompanhando a vida judia na Varsóvia dos inícios do século até a 2.ª Grande Guerra, este romance, de linha clássica, traça um painel complexo da sociedade da época. Tendo como eixo as figuras do patriarca Meshulam Moskat e de Asa Heshel Bannet, movimenta uma vasta galeria de personagens. Criador poderoso, Singer ergue uma impressionante série de figuras, todas com peculiaridades identificadoras, e situações que se sobrepõem a situações, envolvendo em sua trama aquela humanidade. Publicado em 1949, **A família Moskat** recebeu o prêmio Luis Lamed. E em 1978, com **Breve sexta-feira**, Singer recebia o prêmio Nobel de Literatura.

* * *

O rapto do garoto de ouro, de Marcos Rey, Editora Ática, SP, 1982. A capital paulista é, de novo, palco destas aventuras para o público juvenil. Em linguagem correntia e agradável, jogando com ironia e lirismo, Rey narra uma história repleta de peripécias. Que começa quando Alfredo, o Garoto de Ouro, é raptado pouco antes de ser homenageado pela turma da vila onde mora. Paralelamente à polícia, que passa a investigar o caso, temos Leo, o boy de hotel, seu primo Gino e sua cadeira de rodas, campeão de xadrez e cérebro do grupo, e a bela Ângela do Morro dos Ingleses (personagens já conhecidos e que vem do livro anterior, **O mistério do cinco estrelas**) que se intrometem em busca do raptor (ou raptores) procurando salvar o amigo-artista.

* * *

30 Anos esta noite, de Miriam Gomes de Freitas, Editora Movimento, RS, 1982. Série de poemas – ou um longo poema interligado – que tem como tema as vivências da autora, sua descoberta da vida, o que a leva a um mundo de contradições e entrechoques. Balisada pelo título de um filme que marcou época, ela vai, aos poucos, se autodesvendando, ao mesmo tempo em que procura recuperar o impossível, o ontem. Isto se encontra implícito no poema II, quando Miriam diz: "Se o portal de areia abrisse as portas do tempo/decifraria o testamento ambíguo de um antepassado morto", e que se completa no poema XXX: "E eu sou uma taça esvaziada/por ter bebido meu veneno/até o fim/.Uma ampulheta quebrada/bem no centro do jardim".

* * *

Folha e flor do tempo , de Martinho Bruning, Ed. do Autor, SC, 1981. Exercitando-se numa poesia raramente praticada no Brasil, o hai-kai, Bruning mostra-se um cultor atento e sensível, dando ele mesmo uma definição exata do gênero neste exemplo: "No espaço que vai/do mais ingênuo ao profundo/aí está o hai-kai. "Naquele limite que aprisiona o poema, o A. aborda temas vários, sempre com propriedade e lirismo.

* * *

Aspectos do presente, de Margaret Mead e Rhoda Metraux, col. Presença, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1982. Reunião de ensaios e artigos, dirigidos em especial a jovens casais, e publicados na revista americana **Redbook**. Mead, nome bastante conhecido e admirado por suas posições, morreu em 1978; Metraux, que com ela colaborara nos últimos anos, decidiu, então, reunir alguns dos trabalhos de ambas, onde são debatidos temas como casamento e divórcio, feminismo e sexualidade, educação e direitos das crianças, aborto e ecologia.

* * *

Liberalismo, tecnocracia e planejamento educacional no Brasil, de José Silvério Baía Horta, col. Educação Contemporânea, série Memória da Educação, Editora Autores Reunidos/Cortez Editora, SP, 1982. Um balanço da educação no País, abrangendo o período que vai de 1930-1970, procurando entender e explicar as transformações ocorridas e o que eles significaram. O livro examina questões como a concepção de plano educacional; Bases legais e institucionais dos planos de educação; O plano dos educadores; Protagonismo dos tecnocratas; Teoria e prática; Educadores tecnocratas, sempre de maneira objetiva.

* * *

Imávido colosso, de Fernando Pedreira, col. Brasil Século XX, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. Analista político, estudioso dos problemas nacionais e internacionais, atento ao desenrolar dos fatos e suas implicações, FP oferece uma série de ensaios escritos ao longo destes últimos anos, onde ele discute problemas da conjuntura mundial (mas sempre de olho no Brasil) ou nacional. Mantendo as datas em que os artigos foram publicados na imprensa, possibilita que se possa acompanhar não só a evolução dos acontecimentos, como também seu próprio pensamento e sua maneira de ser coerente. Claro e fluente, irônico por vezes, ao resgatar estes trabalhos da vida precária do dia-a-dia do jornal, ajuda, com suas reflexões, a melhor se apreender os problemas de hoje.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O Estado - 28/3/82

LIVROS

216

Salin Miguel

O menino grapiúna, de Jorge Amado, Editora Record, RJ, 1981, edição especial fora do comércio, preparada para a MPM-Propaganda. Com uma tiragem de 11 mil exemplares numerados, desenho de capa e ilustrações de Floriano Teixeira, a MPM repete o que tem feito em anos anteriores: oferecer como brinde de fim-de-ano texto inédito de nome expressivo das letras brasileiras. Antes foram, entre outros, nomes como Érico Veríssimo, Mário Quintana, Graciliano Ramos, Gilberto Freire. Aqui, neste capítulo de suas memórias, JA conta de sua infância, fala de sua gente e sua terra, relembra fatos e episódios que o marcara, e ajudaram a formar sua personalidade de homem e de escritor. Ao final do volume, depoimentos de alguns amigos sobre o escritor que chega aos 70 anos em plena atividade, reafirmando o que disse em 1961 na posse na ABL: "Não pretendi nem tentei jamais ser universal senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro. Poderia mesmo dizer, cada vez baiano, cada vez mais um escritor baiano". A MPM dedica a presente edição, graficamente exemplar como as anteriores a Adão Juvenal de Souza, idealizador da coleção, e morto em desastre de aviação, no interior de Santa Catarina.

***

Retratos de exílio, de Mário Pedrosa, organização de Carlos Eduardo de Senna Figueiredo e prefácio de Hélio Pellegrino, Edições Antares, RJ, 1982. Nestas cartas, coligidas e anotadas por Senna Figueiredo, está presente o mesmo homem lúcido e combativo, o político e o intelectual sempre participante das lutas do povo brasileiro. É como se fosse o testamento de MP, escrito aos poucos, de diferentes partes do mundo, quando ele se debruça sobre nossos problemas e os analisa criticamente. No prefácio, acentuando aspectos da personalidade de Pedrosa, diz Hélio Pellegrino: "As cartas de Mário Pedrosa aqui publicadas, dão dele um retrato de corpo inteiro. Não há, nelas nenhum momento de fraqueza ou de desânimo".

Comunicação dominada - Os Estados Unidos e os meio de comunicação da América Latina, de Luis Ramiro Beltrán e Elizabeth Fox de Cardona, Editora Paz e Terra, RJ-SP, 1982. Uma abrangente e impressionante análise, que revela de maneira clara quem domina e quem é dominado no campo da comunicação e a profunda influência que isto tem na estrutura da nossa sociedade. O trabalho abarca as áreas diretamente ligadas à comunicação, seja através do envolvimente de agências de publicidade americanas atuando nos países da América Latina ou de agências noticiosas, que manipulam o noticiário, fornecendo aquilo que é do interesse do governo americano. Mostra o papel da CIA, "trabalhando", de forma direta ou indiretta, órgãos de comunicação, e a penetração em estações de rádio e TV, em jornais e revistas, através do cinema. Um livro documentado e oportuno, esclarecendo os diferentes tipos de manipulação num setor que faz a cabeça de muita gente.

***

Monges barbudos e O massacre do Fundão, de André Pereira e Carlos Alberto Wagner, série Documenta, 9, Editora Mercado Aberto, RS, 1981. Sem um Euclides da Cunha que os tornasse célebres, episódios como o de Canudos proliferaram pelo Brasil. Em Santa Catarina foram, pouco depois, no início da segunda década do século, os que ficaram conhecidos como "Os fanáticos do Contestado". Porém, mais perto de nós, já no final da década de 30, episódios semelhante ocorreu no Rio Grande do Sul, na região de Soledade e Sobradinho. Agora, dois jornalistas se debruçam sobre o tema, resgatando-o, e mostrando suas afinidades com outros que eclodiram em diferentes regiões e diferentes épocas. O livro possui, ainda, bom material fotográfico, levantado pelos autores com habitantes da própria região onde os fatos ocorreram – e entre as fotos se encontra uma do profeta João Maria, que foi das principais personagens das Lutas do Contestado, desenroladas no território catarinense.

***

Quarup, de Antônio Callado, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1982, Já em 11.ª Edição este romance, traduzido na Europa e nos Estados Unidos, e que marcou um momento importante na ficção brasileira. Através da figura de Nando e do seu interrelacionamento, o A. traça um painel da crise brasileira de nossos dias. Um livro instigante, capaz de provocar, por igual, admiração profunda e profunda antipatia.

***

As onze mil varas, de Guillaume Apollinaire, trad. de Hamilton Trevisan, Editora Escrita, SP, 1982. Poeta e crítico de artes plásticas, Apollinaire, (1880-1918) marcou, com sua atividade, um momento significativo nas letras francesas. Mas se muitos conheciam o poeta inventivo e o atilado crítico, poucos sabiam se sua atuação como ficcionista. Nesta novela, considerada por muitos mais forte do que obras do Marques de Sade, o A. leva até o limite máximo as experiências com o sadomasoquismo, num requinte que às vezes chega a provocar náuseas. A primeira edição apareceu assinada apenas com as iniciais de Apollinaire. A narrativa acompanha as aventuras eróticas do príncipe romano Mony Vibescu por vários lugares, em vagões restaurantes ou em campos de batalha.

***

Vôo noturno, de Antoine de Saint-Exupéry, com prefácio de André Gide, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. A aviação e seus pioneiros é o tema deste livro. Considerado o poeta da aviação, o A. morreu provavelmente sobre o mediterrâneo, em 31 de julho de 1944, aos 44 anos de idade. Muito de sua experiência, e da experiência de seus amigos está presente nestas páginas, escritas quando Saint-Exupéry contava 31 anos. A história é baseada num fato real: as horas de ansiedade vividas por ocasião do desaparecimento, nas cordilheiras dos Andes, do piloto Guillaumet. Reedição de um livro há muito esgotado entre nós.

***

Gramática da Fantasia, de Giani Rodari, Summus Editorial, SP, 1982. O autor sustenta a tese de que é necessario alimentar com constantes estímulos o imaginário infantil. Parece-nos, contudo, que seu livro vai além: sua fascinante proposta deveria servir para alimentar não só a criança, mas todos aqueles que se interessam pelos problemas da criação no sentido de reinventar uma realidade. Manipulando variadas técnicas de ativar a inventividade, Rodari ofereceu um seguro roteiro para os que sabem o valor da liberação que a palavra pode – e deve ter. Muitos de seus exemplos são estimulantes no mais alto grau. Outro título importante da coleção "Novas buscas em educação".

***

Iluminismo e desespero, de Geoffrey Hawthorn, Editora Paz e Terra, RJ-SP, 1982, Sub-intitulado "Uma história da sociologia", este livro é uma proposta de interrogação das questões que a teoria sociológica coloca para o pensamento contemporêneo. Professor de sociologia da Universidade de Cambridge, o A. faz um apanhado crítico que cobre a Inglaterra, a França, a Alemanha e os Estados Unidos, tomando como ponto de partida os clássicos do Iluminismo – Montesquieau e Rousseau – e incorporando à discussão doutrinas de Kant, Hegel, Marx, Comte, Weber e a Escola de Frankfurt.

***

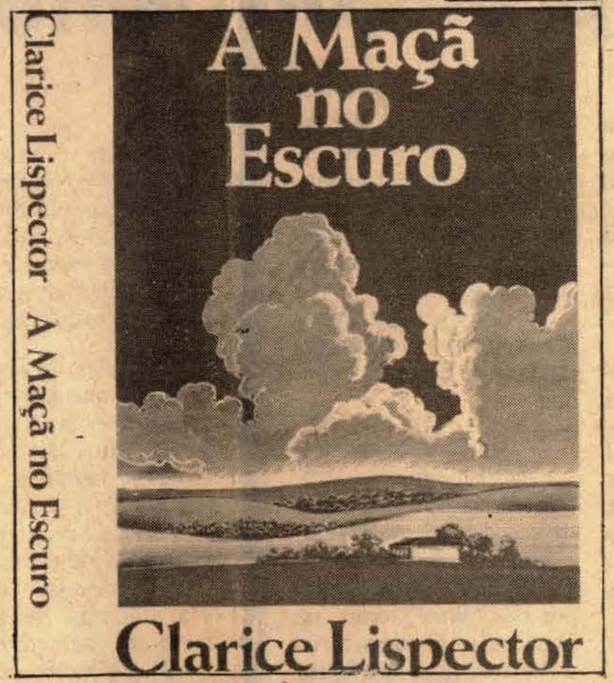
Fatos da Vida, de R.D. Laing, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. Um livro ainda mais polêmico de um A. já por si mesmo polêmico. Ao abordar as questões e os problemas mais comuns da formação psíquica de cada ser humano, ele analisa de forma nova aquilo que denomina de "fatos da vida". Para isto, ele parte das suas próprias experiências sempre de forma aberta e questionadora, nunca no sentido de achar fórmulas prontas e acabadas. A intenção derradeira de Laing é fazer com que cada um tente se (re) descobrir, descobrir a liberdade, descobrir o sentido da vida e do interrelacionamento, no sentido de mais e melhor usufruir tudo isto.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

217 - MIGUEL, Salim. Livros – A maçã no escuro,..... **O Estado**, Florianópolis, 21 mar. 1982

LIVROS

Salim Miguel



A maçã no escuro, romance, de Clarice Lispector, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. Em 6.ª edição, este que é o 4.º romance da A. Lançado em 1961, pouco depois da aparição de **Laços de família**, onde estão alguns dos melhores e mais criativos contos de Clarice, mostra-se em pleno domínio da arte de narrar, dona de um estilo pessoalíssimo e inconfundível. Saudado com entusiasmo pela crítica, a **A maçã no escuro** resiste ao tempo, encantando e atraindo sempre novos leitores. Livro de grande densidade psicológica, com uma linguagem tensa e inovadora formal e estilisticamente, é a trágica história de um homem solitário e perseguido, que não compreende nem sabe esclarecer muito bem quem e o que o persegue. Cheia de mistério e profundidade, rompendo com a estrutura convencional do romance, a trama pode ser comparada a caminhada que o ser humano empreende na busca de identidade e autoconhecimento. Um livro instigante e intrigante, que fascina e prende o leitor por sua prosa e em sua teia de sugestões e alegorias.

* * *

24 horas na vida de uma mulher, novela, de Stefan Zweig, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. Escritor que foi **best-seller** na primeira metade do século, Zweig teve um período pouco depois de sua morte, de completo esquecimento. Nem suas biografias, tão louvadas, nem sua ficção, encontravam campo propício. Agora, por ocasião das comemorações do centenário de seu nascimento, parte de sua obra começa a ser reeditada entre nós, por esta mesma editora, depois de nos ter dado uma exaustiva e esclarecedora biografia (que o próprio Zweig se honraria em assinar), de autoria de Alberto Dines. Neste volume agora lançado estão algumas das novelas de mais interesse entre as que ele escreveu, como a que dá título ao livro, ou "Amok", "Carta de uma desconhecida", "Confusão de sentimentos". Quase todas transformadas em filmes também de sucesso. Em todas, os mesmos elementos: através de uma trama correntia, a confusão de sentimentos e o desvendamento da estranha e contraditória complexidade da alma humana.

* * *

Lições de liberdade e de opressão, de José Alvaro Moisés, Editora Paz e Terra, RJ, 1982. Professor ds Ciência Política da USF, o A. estuda a emergência e o papel do novo sindicalismo e sua participação na política. Para isto, Moisés combina as perspectivas do analista social e do participante ativo. Ele mostra o que representa a volta, nestes últimos cinco anos, dos trabalhadores ao centro da vida política brasileira. Como este, muitos outros temas de interesse são levantados e colocados em debate.

* * *

O fiel da balança (Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937), de John D. Wirth, Editora Paz e Terra, RJ, 1982. Exame da economia do Estado, de seu povo, de sua sociedade e de sua cultura, visto de um ponto de vista abrangente. Neste levantamento historiográfico de Minas Gerais, o A. focaliza as particularidades sócio-econômicas da nossa formação. Este livro, de um conhecido brasilianista, se completa com mais outros dois da mesma editora, **A velha usina**, Pernambuco na Federação Brasileiro 1889-1937 de Robert M. Levine, já publicado, a **A locomotiva**, São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937, de Joseph L. Love, próximo lançamento.

* * *

Cidade, povo e poder, vários autores, co-edições Cedec/Paz e Terra, RJ, 1982. Uma análise dos movimentos sociais urbanos durante a última década, em trabalhos assinados por José Alvaro Moisés, Lucio Kowarick, Licia do Prado Valladares, Edison Nunes, Tilman Evers, Clarita Muller-Plantenberg, Stefanie Spessart e Pedro Jacobi. Abordando perspectivas variadas, que vão da questão da cidade e o estato até as formas de protesto popular, oferece campo para reflexões que interessam a camadas cada vez mais amplas da população.

* * *

Cural dos Mortos, romance, de Gema Benedikt, Editora Antares-INL/MEC, RJ, 1981. Painel de um Brasil em processo de transformação, trabalhado ficcionalmente. Assim, através de quatro gerações de uma família, acompanhando as modificações nos hábitos e costumes da sociedade, nas mentalidades e na maneira de ser, jogando com fortes emoções humanas e com uma gama de contradições que se vão acirrando, a A. vai levantando sua visão do seu tempo e de sua gente. Duas linhas mestras correm paralelas na estruturação do livro: de um lado a política, com todas as suas contradições, influindo na vida e no comportamento das pessoas, e do outro lado, o que existe dentro das pessoas, suas ações e reações, a análise psicológica de uma vasta galeria de personagens que tem como eixo central as gerações da família do comendador Miranda.

* * *

Os lobos, romance, de Ann Arensberg, trad. de Elsa Martins, coleção Presença, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1982. Isolada numa enorme fazenda que a família lhe deixou e que ela transformou num zoológico, a jovem Marit Deym busca se reencontrar. O livro se desenvolve no plano de passado, com a história da família, e no plano do presente. Seu estranho relacionamento com os lobos, seu encontro e desencontro com uma amiga lésbica muito íntima, seu caso com um jovem professor de crianças cegas, por quem ela se apaixona violentamente, compõem a trama de um livro com todos os ingredientes para agradar, e que ganhou o American Book Award, de 1980, na categoria de romance de estréia.

* * *

Acidente, poemas, de Gildo Magalhães, Editora Alfa-Omega, SP, 1982. Livro de estréia de um professor e engenheiro eletrônico que incursiona pelo fluído terreno da poesia. Com temas e climas diversos se entrelaçando, várias técnicas são experimentadas, buscando o A. dar sua visão do mundo e dos seres que o cercam.

* * *

Prisioneiro sem nome, cela sem número, de Jacobo Timerman, Editora Codecri, RJ, 1982. Neste impressionante depoimento, o A. explica como conseguiu sobreviver aos interrogatórios e às torturas nos cárceres argentinos, onde permaneceu por um período de dois anos, de 1977 a 1979. Jornalista, proprietário do jornal "La Opinion", um dos motivos da prisão teriam sido os artigos de crítica à política de repressão do governo; outro, sua participação as organizações sionistas. Publicado inicialmente nos Estados Unidos, o livro alcançou sucesso de público e crítica, tendo Timerman recebido o "Book Prize" de 1981, concedido pelo jornal "Los Angeles Times".

* * *

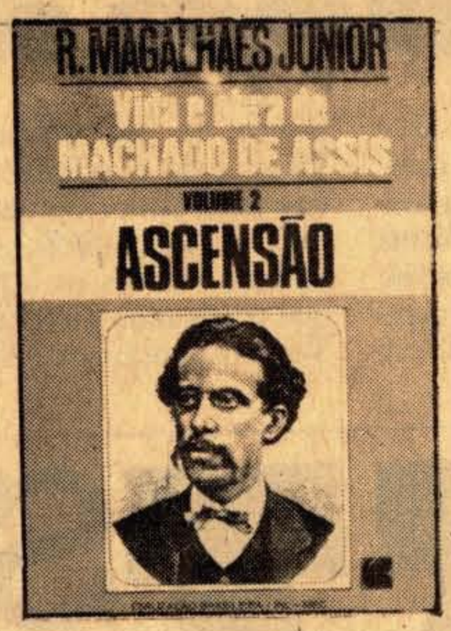
O mulato de "Todos os Santos", de Enéas Athanázio, Gráfica Editora Veja Ltda, PR, 1982. Lima Barreto, cujo centenário de nascimento acaba de ser comemorado, é o tema deste livro. O A. estuda a vida e a obra do grande romancista brasileiro, mostrando porque Afonso Henrique de Lima Barreto é não apenas um dos mais significativos ficionistas do Brasil, mas um escritor preocupado com sua terra e sua gente. Em "Apêndice", Enéas dá duas matérias de interesse para o melhor conhecimento do autor de Policarpo Quaresma: capítulo de um livro de reminiscência de Sérgio Olindense onde é evocada a figura do escritor e uma entrevista, feita em 1941, para a revista **Vamos Ler,**, com um irmão de Lima Barreto.

* * *

A terra ainda é jovem, de J. M. Simmel, trad. de Lya Luft, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. Autor de numerosos **best-sellers,** romances que se vendem aos milhões no mundo todo, este volume reúne uma outra faceta do escritor alemão: o cronista. Também aqui, seu sucesso entre o público não é menor. Tratando de temas variados, abarcando um período de mais de 30 anos, em seu estilo correntio, ela fala do dia-a-dia, acontecimentos que o marcaram e dos quais ele procurou dar notícias.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS 218 Salim Miguel



Vida e obra de Machado de Assis (vol. 1 - Aprendizado; 2 - Ascenção; 3 - Maturidade; 4 - Apogeu), de R. Magalhães Jr., Editora Civilização Brasileira/INL-MEC, RJ, 1981. Um levantamento exaustivo e minucioso do grande escritor, revelando novas facetas que vem modificar aquela que nos chegava de um homem frio e alheio à realidade de seu país e seu meio. Leitura indispensável para todos, especialmente os admiradores de Machadinho.

* * *

Poesia no Brasil, vol. 1 - das origens até 1920, org. de Sônia Brayner, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1981. Com rigor seletivo e introdução biográfica e crítica, a A. nos dá uma amostra do que há de mais significativo na poesia brasileira. O livro vem ao encontro das necessidades de professores e alunos. Em apêndice um capítulo sobre a literatura popular em verso.

* * *

Dicionário de termos eróticos e afins, de Horácio de Almeida, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1981, em 2ª edição, um livro que reúne mais de 4 mil vocábulos de conotação sexual direta ou remota, suprindo uma lacuna, já que, por um falso preconceito, muitos dicionários não consignavam palavras consideradas obscenas.

* * *

Alpha Centauri, de Isaac Asimov, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1981, Cientista e ficcionista, o A. nos leva a uma viagem às estrelas, mostrando que Alpha Centauri é, na realidade, uma estrela tripla e que a mais brilhante das três é virtualmente gêmea do nosso sol.

* * *

O fazedor de cercas, de Floro Freitas de Andrade, Livraria Francisco Alves Editora/INL-MEC, RJ, 1981. Um livro onde se observa a influência filosófica chinesa, discutindo a melhor maneira de viver plenamente a vida.

* * *

Os espinhos do mal, de V.C. Andrews, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1981. 3ª e último volume de **A saga dos Foxworth**, onde o leitor acompanha o recrudescer da atração física entre os dois irmãos e as consequências daí advindas.

Mowgli, o menino lobo, de Rudyard Kipling, Companhia Editora Nacional, SP, 1981. Relançamento de um livro que mantém o seu interesse, narrando com riqueza e sensibilidade as aventuras de um menino criado na selva, filho adotivo de uma família de lobos.

* * *

O lobo do mar, de Jack London, Companhia Editora Nacional, SP, 1981. Outra reedição de um clássico que vai interessar grandemente os novos leitores, chamando a atenção para um escritor de valor. Leitura fascinante.

* * *

Plantas Eróticas, de Sangirardi Jr., Editora Codecri, RJ, 1981. Um trabalho pioneiro, estudando de forma pitoresca e curiosa, 150 vegetais diferentes, ligados ao amor e ao erotismo, alguns deles considerados afrodisíacos e outros anafrodisíacos. A pesquisa é baseada em experiências químico-farmacêuticas relatadas em mais de mil trabalhos científicos.

* * *

A outra banda da mulher, de Fernando Batinga, Editora Codecri, RJ, 1981. Entrevistas confecionais de mulheres de várias idades e camadas sociais sobre sua sexualidade, com introdução e conclusão do organizador.

* * *

Amazônia, a última fronteira, de Edilson Martins, Editora Codecri, RJ, 1981. Tendo capítulos como "A saga dos oprimidos/As multinacionais/A iminência de um deserto", é um depoimento dramático e um alerta sobre as consequências, para o país, do que pode representar a devastação da amazônia, que vem sendo feita indiscriminadamente.

* * *

Negócio seguinte, de Luiz Carlos Maciel, Editora Codecri, RJ, 1981. Um dos papas da contracultura faz um balanço da década de 70. Nesta reunião de ensaios, ele debate temas que continuam atuais, seja falando de suas experiências pessoais como jornalista, diretor, professor e ator de teatro e cinema, seja do que viu e sentiu em contato com os jovens que acompanhavam suas colunas (como a Underground) no Pasquim e em outros jornais e revistas.

* * *

A Máfia manda flores – Mariel, o fim de um mito, de Paulo Markun e Ernesto Rodrigues, Global Editora, SP, 1981. Mais um título da col. Passado e Presente. Em linguagem clara e direta, uma reportagem , enfim, o livro reconstitui a trajetória de Mariel, seus envolvimentos, seus crimes, sua forma no submundo. Um documento importante e um retrato da sociedade que permite o florescimento de tais personagens.

* * *

O sadismo de nossa infância, vários autores, Summus Editorial, SP, 1981. Nesta antologia, org. por Fanny Abramovich, procura-se mostrar que "a criança não é, como tanto se procura revelar, a criatura angelical; o livro quer ajudar a repensar velhos problemas ou novas dúvidas, analisando, de maneira mais realista e objetiva, o problema da criança sob os mais diferentes ângulos e aspectos.

* * *

O menino e a sombra, de Orígenes Lessa, ilust. de Paula Saldanha, Editora Nórdica, RJ. 1981. Num estilo coloquial, o mais novo acadêmico, autor de dezenas de títulos, narra a história de um menino que fica amigo de sua própria sombra. Assim, de conversa em conversa, vai se distraindo e descobrindo o mundo.

* * *

Barão de Mesquita, 425, a fábrica do medo, de Alcir Henrique da Costa, Editora Brasil Debates, SP, 1981. Uma ficção calçada em acontecimentos. Fundindo e recriando, o A. nos leva a sentir um quadro tão dramático quanto os numerosos depoimentos surgidos nos últimos tempos a respeito da repressão. Linguagem correntia, estilo direto – o que torna mais angustiante toda a trama.

* * *

Estudos literários e biográficos, de Alcântara Silveira, Livraria Pioneira Editora/Secretaria de Estado de Cultura, SP., 1981. Aqui não existem elocubrações nem teorias esdrúxulas. Autores e obras são estudados de maneira objetiva e clara. De forma a chamar a atenção do leitor, interessando-o no livro. Ledor infatigável e atento, estudioso do fenômeno da criação, o A. nos oferece um punhado de trabalhos a respeito de nomes como Felipe D'Oliveira, Octávio de Faria, Kafka, Proust, Byron, Rimbaud e tantos outros.

* * *

Pierre Teillhard de Chardin, pensador universal de Jenne-Marie Mortier, Editora Cultrix, SP, 1981. Legatária dos escritos de Teilhard, a A. procura, neste pequeno livro, dar uma visão das linhas mestras de seu pensamento. O livro apareceu por ocasião das comemorações do centenário de nascimento (1881) de Teilhard; e o tradutor, José Luiz Archanjo, Ph.D; diz em seu prefácio, diz que o livro surpreenderá pelo poder de síntese da autora e por servir de iniciação à obra daquele pensador.

Geografia do Brasil, Física, econômica e regional; e **Geografia Geral**, a América e Outros continentes, 2 vols., de Celso Antunes, Editora Vozes, RJ, 1981. Obras destinadas ao ensino do 2º grau e preparação para exames vestibulares. Edição atualizada.

* * *

Concurso Nova Poesia – A revista Escrita e a Vertente Editora abriram inscrições para mais um concurso anual de poesia, o Concurso Nova Poesia, que resultará numa antologia a ser publicada em junho de 1982. O livro terá um mínimo de 20 autores selecionados. Os interessados devem remeter os originais à R. Gal. Jardim, 570, CEP 012233, São Paulo, até 31 de janeiro. De 1 a 5 poemas, em duas vias datilografadas e identificadas por pseudônimo; num envelope anexo, a identificação. Não há prêmios em dinheiro; os direitos autorais serão rateados entre os poetas. No ato de inscrição o candidato deve pagar uma taxa de Cr$ 250. Pelos mesmos critérios, Vertente/Escrita já publicou duas antologias – **Cem poemas brasileiros** e **Veia Pética.** Uma em prosa tem seu lançamento previsto pra março de 1982.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

219

Salim Miguel

Desça, Moisés – de William Faulkner, trad. de Hélio Pólvora, Editora Expressão e Cultura, RJ, 1981. Um dos livros básicos da saga de Faulkner, escrito em sua fase mais criativa. Aqui estão todos os elementos componentes de seu universo ficcional e de sua escrita inovadora. Nestas várias novelas que se entrelaçam e completam econtram-se algumas obras-primas da prosa contemporânea, como **O urso**. A tradução, de um ficcionista e crítico apaixonado pelo A., procura transplantar com o máximo de fidelidade o estilo, a linguagem e a dramática relação entre o homem e a terra, o homem e os outros homens, seja o índio, o negro ou outros brancos. Leitura indispensável.

* * *

A verdadeira vida de Sebastão Knight, de Vladimir Nabokov; **As pipas**, de Romain Gary, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1981. Mais dois títulos da col. A Prosa do Mundo. Dois importantes escritores nascidos na Rússia, um escrevendo em inglês e o outro em francês. O primeiro livro investiga o mistério da vida humana, e paralelamente, o da criação literária, enquanto isto, no segundo temos uma envolvente história de amor por entre as dramáticas lutas da II Grande Guerra.

* * *

Os trabalhadores do mar — De Victor Hugo; **Três contos** (Uma alma simples, Lenda de São Julião Hospitaleiro, Herodíade), de Gustave Flaubert, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1981. Dois primeiros títulos da nova coleção "Clássicos Francisco Alves", por dois clássicos da literatura francesa. No primeiro, em trad. de Machado de Assis, a prosa derramada de um grande poeta incursionando pelo romance; no segundo, a prosa contida e elaborada, trabalhada e precisa de um dos maiores estilistas de todos os tempos.

* * *

Brecht, uma introdução ao teatro dialético , de Fernando Peixoto, Editora Paz e Terra, RJ, 1981. Um estudo crítico de texto teórico do grande dramaturgo alemão. Peixoto procura colocar e discutir o problema da função social do teatro e sua importância. Mas seu trabalho vai para além disso, examinando todo o significado da obra de Brecht na renovação do teatro universal, com suas teorias ousadas, todas elas postas em prática.

* * *

Morte no paraíso – (A tragédia de Stefan Zwig), de Alberto Dines, Editora Nova Fronteira, RJ, 1981. A biografia de um biólogo, painel abrangente não só da vida e da obra de Zweig, mas de toda uma época. Considerado grande autor, **best-seller** em seu tempo, A. de **Brasil, país do futuro**, teve, após seu suicídio, sua obra contestada e esquecida. Agora, por ocasião do centenário de seu nascimento, alguns de seus livros (biografias e ficção) estão sendo reeditados pela mesma editora desta biografia – o que vai permitir uma reavaliação do Autor.

* * *

Mário de Andrade – Cartas a Murilo Miranda (1934?1945), Editora Nova Fronteira, RJ, 1981. Além de sua obra, de sua atividade em prol da cultura, Mário de Andrade foi um epistológrado incorrigível. Vários volumes já foram publicados contendo sua correspondência a amigos, a velhos e novos escritores. Neste, que ajuda a esclarecer aspectos de sua vida e de sua obra, acompanhamo-lo até o ano de sua morte. Acompanha o livro importante icolografia.

* * * *

Teatro completo – Vol. 2 peças míticas (Álbum de Família, Anjo Negro, Dorotéia, Senhora dos afogados), de Nelson Rodrigues, Org. e Introd. de Sábato Magaldi. Prossegue aqui, este ambicioso e necessário levantamento da obras teatral do renovador do nosso teatro. Como no volume anterior, Magaldi situa com precisão o trabalho pioneiro e inovador de Rodirgues, revelando aspectos de seu mundo interior e das condições em que realizou sua obra. Magaldi, ao mesmo tempo em que estuda o teatrólogo como um todo, analisa cada texto em separado, extraindo elementos que permitam ao leitor uma melhor apreensão da proposta de NR.

* * * *

Punidos venceremos – de Fraga, Editora Codecri, RJ, 1981. Oito anos do humor virulento de Fraga. Textos, pequenas frases, desenhos, reunidos do vasto material publicado entre 1972-80 em jornais e revistas de todo o país.

* * *

A rebelião das mal-amadas, de Lindolfo Paoliello, Editora Codecri, RJ, 1981. Seleção de crônicas nas quais o autor discorre sobre a realidade que o cerca. Poesia e humor se entrelaçam, "numa tecitura ética que respeita o homem como ele é", conforme assinala Nirlando Beirão.

* * *

Não Verás País Nenhum, de Ignácio de Loyola Brandão, Editora Codecri, RJ, 1981. Uma fábula, um retrato dramático de um amanhã macabro e possível. Nesta ficção científica (ou quase), Brandão abandona a pesquisa formal de outros livros seus. E numa narrativa linear, cronológica, direta, traça um quadro apavorante de um futuro não tão impossível nem tão longínquo.

* * *

Anita, uma história possível, de Guido Crepax, Col. Clássicos do Erotismo, Vol. i, Le-PM – Editores, RS, 1981. De repente os quadrinhos descobriram o sexo e o erotismo. E se em tempos anteriores os heróis quadrinizados não tinham sexo, nem se juntavam jamais, hoje eles invadem as histórias, horrorizando os tradicionalistas. Crepax é um destes iconoclastas. Seu traço é elaborado e suas histórias sempre repletas de erotismo. A editora promete novos títulos deste italiano que é considerado um dos revolucionários do gênero.

* * * *

Ibiamoré, o trem fantasma, de Roberto Bittencourt Martins, Le-PM Editores, RS, 1981. Num texto instigante, fundindo histórias, recriando temas, o A. nos conduz a um país de lendas e fantasias. O estilo flui e coleia como a própria história que está sendo narrada. As vidas que parecem sumir, reaparecem para nos reconduzir a um universo insuspeitado de fantasias e arte. Enquanto faz frio lá fora, como explica o A., o fogo da lenha ardendo no chão da terra esquenta o ar do galpão é a inventiva cria outros mundos, enquanto o trem fantasma vai correndo pelos campos de Ibiamoré. É ler e conferir.

* * *

Burguesia e cinema: o caso Vera Cruz, de Maria Rita Galvão, Editora Civilização Brasileira/Embrafilme, RJ, 1981. Misto de Hollywood e Cinecitá, sonho ambicioso da burguesia paulista dos fins de 40 e inícios de 50, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz durou poucos anos. E até hoje não se sabe se terá ajudado ou prejudicado o projeto de implantação de uma indústria de filmes no país. As versões a respeito de seu desmoronamento são muitas e contraditórias. Pesquisando exaustivamente o assunto, a A. chega a conclusões e pertinentes. O volume (parte de um trabalho bem mais amplo), contém numerosos depoimentos de personalidades ligadas ao setor, muitas participantes diretas da aventura, e boa iconografia.

* * *

A revolução dos turbantes, de Rui Medeiros, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1981. Um retrato do Irã de hoje, visto por alguém que lá esteve e que auscultou a maneira de ser, pensar e reagir do iraniano médio diante dos acontecimentos que vive o país. O livro está dividido em quatro partes. O neo-islamismo, Ascenção e queda do Xainxá, O terror institucionalizado, O futuro do Irã.

* * *

Paulo César, Pinheiro, o poeta da esperança, de José Maria de Souza Dantas, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1981. De maneira direta, o A. estuda o tema central de um dos mais conhecidos e prolíficos poetas da música popular brasileira. Acompanha o texto de Dantas uma antologia da poética de Pinheiro, mostrando quais os temas mais frequentes em sua obra.

* * *

Serra, Serrinha, Serrano: o império do Samba, de Rachel e Suetônio Valença, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1981. Na base, a história da Escola de Samba Império Serrano, de suas origens até os dias de hoje. Mas o livro vai para além disso. A pesquisa em livros, jornais e revistas revela a influência das escolas de samba na vida da cidade do Rio de Janeiro e esta paixão dos cariocas por seus sambistas e suas escolas. Além da história da escola, desfilam aqui alguns nomes expresivos e que marcaram época não só na vida da Império Serrano, como também na história do samba e dos sambistas.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 10/01/82

LIVROS

220

Salim Miguel

LITERATURA: Cr$ 3 MILHÕES EM PRÊMIOS

Até cinco de março estarão abertas as inscrições para o Concurso Nacional de Literatura, promovido pela Nestlé, e que oferecerá, aos melhores originais inéditos de romance, conto e poesia, prêmios num total de Cr$ 3 milhões, sendo Cr$ 1 milhão por categoria, assim distribuídos: 1º lugar Cr$ 500 mil; 2º lugar Cr$ 300 mil; 3º lugar Cr$ 200 mil.

Mas a promoção vai além da premiação. Na entrega dos prêmios, de 1-4 de agosto, no Palácio de Convenções Anhembi, São Paulo, haverá um Seminário de Literatura Brasileira, cujo tema será a Literatura brasileira dos últimos 60 anos, e projeção de filmes apoiados em obras literárias brasileiras.

As bases do regulamento são as seguintes: os originais devem ser apresentados em língua portuguesa, em seis vias datilografadas de um só lado do papel, formato ofício, com um mínimo de 49 laudas datilografadas, rigorosamente inéditos; os concorrentes poderão se inscrever com mais de uma obra em qualquer das categorias; nos originais deverão figurar apenas o título da obra, o pseudônimo do autor e a indicação da categoria a qual concorrer; os originais deverão ser acompanhados de envelope fechado, contendo as seguintes informações: título da obra, pseudônimo, nome completo, breve currículo e endereço completo do concorrente, com indicação, na parte externa, do título da obra e do pseudônimo do autor; os originais deverão ser enviados a **Prêmio Bienal Nestlé de Literatura, 1982** – Rua da Proclamação, 545 – Bonsucesso – 21040 – Rio de Janeiro, RJ; a entrega dos prêmios será no dia quatro de agosto de 1982; serão três as comissões julgadoras e suas decisões irrecorríveis, cabendo-lhes o direito de não atribuir qualquer dos prêmios; os concorrentes terão prazo de 90 dias, após a entrega dos prêmios, para solicitarem a devolução dos originais; decorrido este prazo os mesmos serão incinerados; a remessa dos originais configurará, por si só, a inscrição e aceitação das condições do regulamento; fica assegurada a promotora do prêmio a faculdade de publicar quaisquer dos originais classificados a seu exclusivo critério, garantidos os direitos autorais, os autores só podendo reeditá-los a partir de 1-1-1984; os casos omissos serão decididos pela comissões julgadoras de cada categoria em conjunto com a coordenação geral da 1a. Bienal Nestlé de Literatura Brasileira.

Compõe a comissão julgadora: **Romance** – Adonias Filho (escritor e crítico literário); Dirce Cortes Real (professora da UERJ e crítica); Flávio Loureiro Chaves (Professor da UFRGS e crítico); Letícia Malard (professora da UFMG); Marisa Lajolo (professora da Unicamp); **Conto** – Bella Josef (professora da UFRJ e crítica; Eglê Malheiros (professora e escritora); Elizabete Marinheiro (professora da UFRPa); Fausto Cunha (escritor e crítico literário); Ricardo Ramos (escritor e crítico literário); **Poesia** – Cassiano Nunes (Professor da Un.B); Gilberto Mendonça Telles (professor da UFRJ e da PUC-RJ); Luis Tavares (professor da UFC); Massaud Moisés (professor da USP); e Tânia Franco Carvalhal (professora da UFRGS).

A comissão organizadora está composta do professor da UFF e escritor Domínio Proença Filho (coordenador geral) e dos escritores Edla Van Steen, Ary Quintella e João Antonio.

REGISTRO

Últimos títulos recebidos durante 1981. A alguns deles voltaremos mais demoradamente em outra oportunidade:

Editora Nova Fronteira, RJ: **Largo do desterro,** romance, de Josué Montello; **Mário de Andrade,** Cartas a Murilo Miranda (1934-45); **Morte no paraíso,** biografia de Stefan Zweig, de Alberto Dines; **Teatro completo,** vol. 2, peças míticas, de Nelson Rodrigues, org. e introd. de Sábato Magaldi; **Brasil, País do futuro,** de Stefan Zweig; **Contos de terror, de mistério e de morte,** de Edgar Allan Poe; **Estranhos embora íntimos,** e outros contos inéditos, de F. Scott Fitzgerald.

Editora Civilização Brasileira, RJ: **Poesia no Brasil,** das origens até 1920, org. de Sônia Brayner; **Um livro aceso e nove canções sombrias,** de Joaquim Cardozo; **Hotel do tempo,** poesia de Brasigóis Felício; **Águas da meia ponte,** poesia de Gabriel Nascente; **Dicionário de termos eróticos e afins,** de Horário de Almeida; **Vida e obra de Machado de Assis,** 4 volumes, de R. Magalhães Júnior.

Livraria Francisco Alves, Editora, RJ; **Um homem casado,** romance, de Pier Paul Read; **Os trabalhadores do mar,** romance, de Victor Hugo, trad. de Machado de Assis; **A senhora de Tacna,** teatro, de Mario Vargas Llosa, trad. de Millôr Fernandes; **A verdadeira vida de Sebastião Knight,** romance, de Vladimir Nabokov; **Detetives em ação,** contos, antologia, de Alice Laurence e Isaac Asimov; **A rebelião dos Clones,** ficção científica, de Evelyn Lief; **Como se preparar para o seco,** de John Langone; **Chantagem Mortal,** policial, de Edgar Wallace.

Editora Codecri-Pasquim, RJ: **Negócio seguinte,** ensaios, Luiz Carlos Maciel; **Amazônia, a última fronteira,** ensaio, Edilson Martins; **A outra banda da mulher,** depoimentos, de Fernando Batinga; **Punidos venceremos,** humor, de Fraga; **De fogo e sangue,** novela, de Lia Monteiro; **Tira a mãe da boca,** humor, de JAAB; **O sezophuro,** ficção de Betty Milan; **Não verás país nenhum** (romance) Ignácio Loyola Brandão.

Editora Vozes, RJ: **Os empresários e a educação,** o Ipes e a política educacional após 1964, de Maria Inêz Salgado de Souza; **Jograis encenados,** de Alcido L. Kunzler; **A prática de psicoterapia,** de C.G. Jung.

Livraria José Olympio Editora, RJ: **Momeucáua,** de Aline Moreno Bittencourt; **Adaga lavrada,** poesia, de Lara de Lemos.

Edições Antares, RJ: **Curral dos mortos,** romance, de Gema Benedikt; **A primeira guerra de Porã,** infantil, de Antonio Hohlfeldt.

Editora Expressão e Cultura, RJ: **Desça, Moisés,** romance de William Faulkner, introd. e trad. de Hélio Pólvora.

Editora Ática, SP: **Crônicas escolhidas,** Paulo Mendes Campos; **Adeus, velho,** romance, de Antônio Torres; **O Cavalo em chamas,** contos, de Silveira de Souza.

Editora Cultriz, SP: **Pierre Teilhard de Chardin, pensador universal,** de Jeanne-Marie Mortier.

Editora Brasil Debates, SP: **Barão de Mesquita, 425, a fábrica do medo,** romance, de Alcir Henrique da Costa.

Summus Editorial, SP: **O sadismo de nossa infância,** antologia, vários autores.

Global Editora, SP: **A Máfia manda flores — Mariel, o fim de um mito,** de Paulo Markun e Ernesto Rodrigues.

Livraria Pioneira Editora, SP: **Estudos Literários e biográficos — Literatura nacional e estrangeira, de Alcântara Machado.**

Companhia Editora Nacional, SP: **O lobo do mar,** de Jack London trad. de Monteiro Lobato; **Mowgli, o menino lobo,** de Rudyard Kipling, trad. de Monteiro Lobato.

Editora Brasiliense, SP: **Tanto faz,** romance, de Reinaldo Moraes; **O tesouro de Ana,** infanto-juvenil, de Mirna Pinsky; **Tidão, o justiceiro dos pampas,** infanto-juvenil, de Carlos Moraes.

LePM-Editores, RS: **A guerra do bom fim,** romance, de Moacyr Scliar: **A região submersa,** romance, de Tabajara Ruas; **Ibiamoré, o trem fantasma,** romance de Roberto Bittencourt Martins; **O rei Lear,** teatro de William Shakespeare em trad. de Millôr Fernandes; **Anita, uma história possível,** de Guido Grepax, col. clássicos do erotismo, vol. I.

Editora Movimento, RS: **Estado de alerta,** poesia, de Luiz de Miranda; **Amigo velho,** contos, de Guido Wilmar Sassi; **A maçã triangular,** romance, de Holdemar Menezes.

Edições Porto Alegre, RS: **Vida provisória,** contos, de Fischel Baril; **A hora coincidente,** contos, de Ilsa Monteiro.

Martins Livreiro – Editor, RS: **Um capitão da guarda nacional** – vida e obra de J. Simões Lopes Neto, de Carlos Reverbel; **Achados e perdidos,** crônicas, de Sérgio da Costa Franco.

Edição do Autor, SC: **Reflexões sobre a organização humana,** de Laércio J. Bruni.

FCC-Edições, SC: Breve Aro, poemas, de Júlio de Queiroz; **O canto do cisne negro e outros estudos,** de Nereu Correa; **A presença portuguesa na arquitetura da Ilha de Santa Catarina,** de Sara Regina Silveira de Souza.

Editora da UFSC, SC: **Hercílio Luz, uma ponte integrando Santa Catarina,** de Djanira Maria Martins de Andrade.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 07/02/82

LIVROS

Salim Miguel

221

Um capitão da guarda nacional – Vida e obra de J. Simões Lopes Neto, de Carlos Reverbel, Martins Livreiro-Editor/Universidade de Caxias do Sul, RS, 1981. Resultado de anos de pesquisa, este é um livro definitivo sobre o grande regionalista gaúcho, iluminando aspectos de sua vida e sua obra. Aqui, acompanhamos passo a passo a história do homem e do escritor, seus numerosos e sempre fracassados empreendimentos; e depois de cada um deles, seu retorno às letras, que lhe deu as primeiras e últimas alegrias. Reverbel, que há muito estuda Simões Lopes Neto, dá a público, pela primeira vez, valiosos documentos que ajudam a melhor compreender o autor de **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**, sua época seu meio, seu trabalho.

* * *

Os invencidos, **de William Faulker, trad. de Waltensir Dutra, Editora Expressão e Cultura, RJ, 1981. Todos os elementos formadores do universo ficcional do grande escritor americano estão presentes neste seu livro. E se nele se encontram, já em embrião, sua peculiar maneira de narrar, sem dúvida é este um livro de leitura mais fácil — o que não quer dizer menos fascinante. Composto de contos independentes que se interrelacionam, acompanha a caminhada de Bayard dos 12 aos 24 anos e sua progressiva transformação e compreensão do mundo que o cerca. E presentes, figuras e situações de seu ciclo narrativo que atravessa praticamente todos os seus livros.**

* * *

Um estudo em vermelho, de Arthur Conan Doyle; e **O cão dos Baskervilles**, de Arthur Conan Doyle, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1981. O livro que lançou Sherlock Holmes e um de seus casos mais famosos, nestes dois volumes que representam para o leitor brasileiro o mais célebre detetive de todos os tempos. Tão célebre que o próprio autor, sentindo-se relegado a segundo plano, foi obrigado a matar seu personagem (que lhe fazia sombra), mas diante da pressão e indignação dos leitores, obrigado a ressucitá-lo.

* * *

Detetives em ação, **de Alice Laurence e Isaac Asimoy, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1981. Uma série de contos onde o leitor é chamado a participar, no sentido de descobrir não os criminosos mas os autores. Todos os ingredientes com todas as variantes do gênero estão presentes neste volume.**

* * *

O que é família, de Danda Prado, Editora Brasiliense, SP, 1981. Mais um título (50.º) da col. Primeiros Passos, que em linguagem simples e direta leva informações a respeito de todos os ramos do conhecimento. Este explica as funções da família, a história da família e a família brasileira contemporânea.

* * *

Conservadorismo romântico – **Origem do totalitarismo, de Roberto Romano, Editora Brasiliense, SP, 1981. Num passo adiante da coleção Primeiros Passos, da mesma editora, a coleção Primeiros Vôos aprofunda temas e abre debates. Por suas colocações, embora interesse a qualquer tipo de leitor, o livro é mais especialmente dirigido aos estudantes de história, filosofia e demais ciências humanas, discutindo o fenômeno totalitário numa visão contrária àquela apresentada pelos atuais românticos. Livro que vai causar muitas pomêticas.**

* * *

Os empresários e a educação, de Maria Inez Salgado de Souza, Editora Vozes, RJ, 1981. Conhecida educadora, a A. estuda aqui, numa pesquisa minuciosa e objetiva, o problema da educação no país. E analisa, de modo especial, o que representou para o ensino a atuação do Ipes e a política educacional após 1964.

* * *

São Francisco de Assis — **Ternura e vigor, de Leonardo Boff, Editora Vozes, RJ, 1981. A trajetória de Assis narrada com simplicidade, o que não significa ausência de profundidade, até pelo contrário. Fiel à sua posição na igreja, o A. subintitula seu livro "uma leitura a partir dos pobres".**

* * *

Pequena história da língua hebraica, de Chaim Rabin, Summus Editorial, SP, 1982. A obra fala dos fundamentos do hebraico, do desenvolvimento da língua, passando pelo hebraico bíblico, o medieval, alcançando a fase pré-moderna e o renascimento do idioma. Tradução do hebraico, contém trechos escritos especialmente para a edição brasileira.

* * *

Eu não serei o fim..., **de Yvonne R. de Miranda, Editora Argus, RJ, 1981. Através, principalmente, da figura de uma mulher, neste romance a A. intenta uma análise psicológica e social das duas últimas décadas da vida brasileira, com**

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O Estado - 14/2/82

LIVROS

Salim Miguel

MARINA COLASANTI

MULHER DAQUI PRA FRENTE

Em nome da vida, de Moacyr Félix, Civilização Brasileira – Massao Ohno/Editores, RJ-SP, 1981. A primeira coisa a anotar em Moacyr Félix é a coerência, que vem desde seu primeiro livro. Para além do trato com a palavra, com o texto, há, sempre, nele, uma preocupação com o ser humano, com a vida. Daí a felicidade do título deste livro, uma suma das intenções do A. Poeta, crítico, incentivador de novos valores, ele vem, ao longo dos anos, contribuindo para a difusão e valorização da poesia brasileira. Isto sem prejuizo de sua própria obra, que se situa entre as mais significativas dos últimos tempos. Em "O poema" (como em outros poemas) podem-se sentir as preocupações do poeta: "Ou se vive por inteiro/ ou pela metade a gente/ escreve a vida/ que não viveu. / E o papel em branco então serve/ como serve ao prisioneiro/ a parede branca do cárcere./ O que não foi é o ser que é/ no poema, esse ato mágico/ de uma chama que inexiste/ tanto mais quanto ela queima/no ar de uma cela vazia/ o homem que é posto em pé/ sobre os mortos do seu dia".

* * *

O analista de Bagé, de Luís Fernando Veríssimo, LePM – Editores, RS, 1981. Um humos que apela mais para a inteligência e a sensibilidade. Não só as pequenas histórias, modelares, do analista de Bagé, mas em quase todas as demais, a marca de um grande escritor que sabe atingir qualquer tipo de leitor. No mais, como diria o analista, vá abrindo o livro e lendo, índio velho. Em três meses, mais de 20 edições e mais de 60 mil exemplares.

* * *

A madona de cedro, de Antonio Callado, Editora Nova Fronteira, RJ, 1981. Segundo romance do A., publicado em 1957, só agora reaparece em 2.ª edição. A trama, psicológica e policial, gira em torno do roubo de uma imagem sacra. E aqui já estão algumas linhas mestras que marcariam a ficção futura de Callado. A história se passa em Congonhas do Campo e envolve uma série de personagens, num clima de opressão e alienação.

* * *

Ensaios sobre a fotografia, de Susan Sontag, editora Arbor, Rj, 1981. Um estudo fascinante e inovador, abordando o tema sob diversos enfoques. A autora comprova que a fotografia tem poderes que nenhum outro sistema de imagens possui. E mostra que a fotografia não é substituída nem pode ser substituída por outras formas de linguagem artística. Ficcionista e ensaista de renome nos EUA, crítica do "american way of life", para Sontag "colecionar fotografias é colecionar o mundo". Depois dos seis ensaios, onde analisa exaustivamente a relação entre imagem e realidade, a simbologia representada pela imagem, além de outros temas, ela dá uma "Breve antologia de citações", de nomes como Kafka e Kierkegaard, Leger e Moholy Naggy, Cartier Bresson e Richard Avedon.

* * *

A poética clássica, de Aristóteles, Horácio, Longino, Editoras Cultrix/USP, SP, 1981. En tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna, com introdução de Roberto de Oliveira Brandão, que situa a importância destes ensaios, temos aqui três momentos significativos da poética antiga. Embora a distância que nos separa, estes textos continuam válidos, não só por seu valor histórico, como pelos problemas que levantam e discutem, fazendo com que, de vez em quando, se retorne a eles.

* * *

Mulher daqui pra frente, de Marina Colasanti, Editora Nórdica, RJ, 1981. Mais um volume no qual a A. se debruça sobre os problemas da mulher. Ela estuda aqui, uma linguagem clara e objetiva, questões como as relações sexuais, o amor e a igualdade de direitos entre o casal, a violência de que são vítimas as mulheres, entre outros. Jornalista, ilustradora, colunista, Marina é uma batalhadora pela ampliação dos direitos da mulher, analisando a fundo as questões e procurando soluções que permitam novos caminhos para a mulher e consequentemente, para o homem.

* * *

Os grandes escritos anarquistas, introdução e seleção de George Woodcock, LePM – Editores, RS, 1981. Textos sobre o anarquismo, procurando defini-lo e situá-lo através da história. Woodcock, estudioso do assunto, inicia o livro com uma introdução histórica, procurando mostrar o significado da palavra anarquista e do movimento anarquista. A partir daí, são selecionados textos de autores como Proudon, Bakunin, Korptin, Wilde, H. Read, Goldan e outros, visando dar ao leitor um painel amplo e profundo sobre o tema.

* * *

Dialética da família, introdução e organização de Massimo Ganevacci, Editora Brasiliense, SP, 1981. Os primeiros textos, de Engels, Freud e Reich, entre outros, se referem a constituição da família monogânica e patriarcal e a consolidação da propriedade privada. A seguir, temos ensaios de Adorno, Laing, Horkheiner e outros, que discutem a situação da família na atualidade. Na introdução, Canevacci procura dar uma visão das diferentes orientações da moderna pesquisa antropológica sobre a análise da família, em sua gênese, estrutura e dinâmica de instituição repressiva.

* * *

Pré-Escola: uma nova fronteira educacional, de Paulo Nathanael Pereira de Souza, Livraria Pioneira Editora, SP. Primeiro título de uma série (A pré-escola brasileira) que procura analisar o significado e a importância da pré-escola para a educação contemporânea. O A., que é também coordenador da série, vê as possibilidades da pré-escola como instituição de educação de massa, transformando-se de escola de elite em escola popular.

* * *

Como orientar seu filho, de Françoise Dolto, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1981. Especialista em psicanálise infantil, a A., examina problemas psicológicos de relacionamento de pais e filhos. O livro está centrado sobre um programa na rádio francesa que Françoise Dolto manteve durante algum tempo. As questões então levantadas alcançam, porém, um público bem mais amplo.

* * *

A viagem da sereia, de Vera Pacheco Jordão, ilust. de Rui de Oliveira, Editora Salamandra/ MEC-INL, RJ, 1981. Uma sereia que quer conhecer a terra e pede como presente de seus quinze anos uma visita a praia. Mas não quer ir só; peixes a acompanham. De repente, para um pescador, aquele deslumbramento, que ele não sabe se é sonho ou realidade. Com tais elementos, a A. cria seu mundo de fantasia.

* * *

As incríveis histórias do tio Balduíno (A onça que perdeu as pintas), de Josué Guimarães, Editora Salamandra, RJ, 1981. Neste 1º volume de uma série que se anuncia com numerosos títulos, os leitores vão tomar conhecimento de um personagem que tem muitas aventuras – quase sempre acontecidas com ele – para contar aos sobrinhos presentes ou aqueles que o lêem. Neste primeiro, numa técnica de história puxa história, o tio vai mantendo o interesse da criançada – e como bom narrador sempre encontra uma saída, até para a onça que perdeu as pintas e se transformou num cachorro. Ilust. de Antonio Vaz.

* * *

Maurício, o leão de menino, de Flávia Maria e Millôr Fernandes, Sammus Editorial, SP, 1981,. Um menino e seu "amigo secreto", um leão que mora num armário e que vez por outra sai para uma visita ao amigo. Uma história simples, apelando para a imaginação, falando de coisas reais, acontecidas, e de coisas que estão na cabeça das pessoas.

* * *

Duasss sssSelvas, de Mônica Rector, ilust. de Artur H. Braga, Editora Comunicação, MG, 1981. Na terra da fantasia tudo pode acontecer e acontece, em Prisópolis e em Sorípolis. Assim, gentes e bichos vivem e convivem. E de repente, a própria autora também convive com sua gente e seus leitores, dialogando com eles antes de continuar sua narrativa, onde um episódio vai se encaixando no outro, fechando-se e abrindo-se com o tradicional "era uma vez..." que pressupõe novas e mais histórias.

* * *

Estudos de filologia e linguística, de Alceu Dias Lima, Antônio Cândiddo, Ataliba Teixeira de Castilho, Bruno Fregni Basseto, Cacilda de Oliveira Camargo, Carlos Alberto da Fonseca, Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran, Clóvis Barleta de Morais, Dino Petri, Enzo Del Carratore, Evanildo Cavalcante Bechara, Francisco da Silva Borba, Izodoro Blikstein, Lilian Proença de Menezes Montenegro, Luiz Carlos Cagliari, Manoel Dias Martins, Maria Helena de Moura Neves, Maria Tereza C. Diberman, Maria Valíria A. de Mello Vargas, Mário Ferreira, Masaud Moises, Mercedes Risso, Odette G.L. A.S. Campos, Onélia Salum, Rodolfo Ilari, Segismundo Spina, Telmo C. Arrais de T.A. Queiroz, Editor e Editora da Universidade de São Paulo, SP, 1982. Trabalhos de especialistas em filolofia clássica e em linguística abordando variados aspectos de interesse para estudantes, professores e estudiosos destas disciplinas estão aqui reunidos. A obra tem sentido abrangente, cobrindo quase todas as áreas de Letras. Seu objetivo é, também, homenagear o mestre Nicolau Salum, de quem traz, em apêndice, um biografia e depoimentos sobre o significado de sua atuação, em especial na USP.

* * *

Sementes da descoberta científica, de W.I.B. Beveridge, de T.A. Queiroz, Editor e Editora da Universidade de São Paulo, SP, 1982. Em linguagem simples, o A. examina o processo de geração de novas idéias. Examinando os diferentes modos de pensar, mostra que a pesquisa científica é um processo cuidadoso e lógico, mas para que descobertas inovadoras sejam possíveis é necessário que haja imaginação, intuição ou inspiração.

* * *

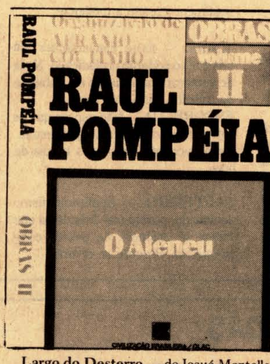
O poder político no Equador, de Osvaldo Hurtado, Editora Paz e Terra, RJ, 1982. Nesta análise da formação, estrutura e crise do poder no Equador, que abrange um período de 1553 a 1975, temos uma visão abrangente e exaustiva dos problemas daqueles país. O A., presidente da República do Equador, sociólogo, fundador e presidente por duas vezes do Partido Democrata Cristão do Equador, traça um panorama amplo da realidade de seu país. A edição brasileira tem apresentação de Plínio de Arruda Sampaio, prefácio de Paulo Freire e prólogo de Dante de Laytano. Obra importante para todos os que se interessam pelos problemas latino-amricanos.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 21/02/82 223

LIVROS

Salim Miguel



Largo do Desterro – de Josué Montello, Editora Nova Fronteira, RJ, 1981. Que sensações e emoções afetariam um homem que vê passar gerações e não consegue morrer? Como reagiriam os demais diante dele? Tendo como núcleo básico este ponto de partida, e seguindo seu personagem que ultrapassa os 150 anos lúcidos e rijo, acompanhando as modificações por que passa sua terra e sua gente, Montello nos dá um romance instigante, inquietante. Sua proposta vai além do enunciado, para se transformar numa investigação do ser humano, suas angústias e dúvidas. No seu estilo tão peculiar e tão marcadamente pessoa, o A. acrescenta mais um elo à saga que vem dedicando ao seu estado, mais especificamente a São Luís do Maranhão, criando uma vasta e ambiciosa galeria de personagens e situações. Narrador nato, que sabe como poucos prender o leitor à sua trama, cada volume revela novos recursos de alguém que não só domina inteiramente como sabe manipular com precisão sem instrumento de trabalho.

* * *

O Ateneu (vol. II); **Contos** (vol. III) das Obras de Raul Pompéia, org. de Afrânio Coutinho, Editora Civilização Brasileira/Olac, RJ, 1981. Nestes dois novos títulos, temos a obra-prima de Pompéia, com introdução, estabelecimento do texto e notas de Afrânio Coutinho e Maria Filgueiras, e a reunião de contos esparsos, nunca anteriormente coligidos em volume. Com a continuidade da publicação, vemos que **O Ateneu** não é, como durante anos se pensou, um momento isolado na atividade intelectual do escritor, mas componente de um trabalho que vai se prolongar por vários gêneros (contos, crônicas, críticas, poemas) e que até agora se mantinha ignorado. Com o levantamento da obra de RP e sua publicação, presta-se um grande serviço às letras brasileiras.

* * *

A Arte de desaprender, de Luiz Carlos Lisboa, Edições Antares, RJ, 1981. Jogando com aparentes contradições para nos dizer verdades de sempre, o A. reúne neste volume algumas crônicas que ultrapassam o efêmero do dia-a-dia e nos fazem pensar sobre o ser humano e seu destino. A partir da crônica-título e de outras nas quais o A. constata que "nada é mais importante, talvez, do que distinguir o que é importante" e acaba por nos dar, como assinala em seu prefácio Lygia Fagundes Telles, "uma admirável lição de vida".

* * *

Os Vivos, de Aderbal Jurema, Livraria José Olympio Editora/INL-MEC, RJ, 1981. Poeta, ensaísta, crítico, político, Jurema surge agora como romancista, publicando um romance que tinha engavetado desde 1937. O próprio A. o sub-intitula de "crônica da vida de uma capital do nordeste", para logo a seguir o situar como "romance-reportagem". Filiando-se a uma linhagem de cunho realista, é um testemunho de um determinado momento da vida e da prosa nordestina, acompanhando a trejetória de algumas vidas. No prefácio, o crítico José Augusto Guerra assinala: "como documento sociológico, **Os Vivos** merece leitura e pesquisa".

* * *

Histórias da velha Totônia, de José Lins do Rego, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1982. Em 5.ª edição esta incursão do A. de **Fogo Morto** pela literatura infanto-juvenil. A mesma linguagem, o mesmo tom memorialístico que marcaram toda a sua obra estão aqui presentes. E certamente as crianças de hoje, como as de ontem, vão ler com interesse o que as velhas Totônias, que "se acabaram, se foram", como observa Zé Lins, tem a dizer, acrescentando: "Quisera que todos me ouvissem com a ansiedade e o prazer com que eu escutava a velha Totônia do meu engenho." As ilustrações, criativas continuam sendo as de Santa Rosa.

* * *

Proálcool, energia e transportes, de Fernando Homem de Melo e Eduardo Giannetti da Fonseca, Livraria Pioneira Editora/Fipe-Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, SP, 1982. Um estudo sobre a estratégia energética adotada pelo governo a partir de 1974, com uma análise das fontes alternativas e das soluções propostas, da quantificação da massa de recursos que o governo está retirando da sociedade através dos preços de venda dos principais combustíveis e da questão de energia e transportes no Brasil.

* * *

Os magnatas do tráfico negreiro, de José Gonçalves Salvador, Edição Pioneira/Edusc, SP, 1982. Neste significativo título da col. Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiros, o A. vê, de maneira exaustiva e documentada, o que foi, nos séculos XVI e XVII, o problema do tráfico negreiro e suas implicações na vida do país. Compulsando uma enorme soma de documentos, ele trás contribuições novas ao tema. A obra se valoriza, ainda pelo levantamento nominal dos principais traficantes, identificação sanguínea e genealogias.

* * *

Diário da Tarde, de Paulo Mendes Campos, Civilização Brasileira-Massao Ohno/Editores RJ-SP, 1982. Neste **jornal**, o leitor tem, ao mesmo tempo, o poeta, o cronista, o crítico, o tradutor – enfim, o homem de sete instrumentos que se chama PMC. E sempre falando com igual sensibilidade, seja estudando V. Woolf, J. Conrad ou F. Pessoa, seja traduzindo Lorca ou Eluard, seja discorrendo sobre futebol. Dividido em blocos, sempre compostos das mesmas rubricas, é um livro que atrai variadas categorias de leitores, todos presos à maneira fascinante de Paulo Mendes Campos transmitir o seu recado estético e humano.

* * *

Adaga Lavrada, poemas de Lara de Lemos, Civilização Brasileira – Massão Ohno/Editores, RJ-SP, 1981. Neste seu novo livro, Lara de Lemos retoma os temas que lhe são constantes e confirma suas qualidades de uma das mais expressivas poetas dos nossos tempos. Contida e lírica, atenta ao aqui e ao agora, seu verso flue e contagia. Ela sabe, por igual, se indignar e se entregar, seja recriando sua infância, seja refletindo sobre o passado recente com suas angústias ou o inquieto presente. Eis um exemplo de sua poesia: "Brotou dos ancestrais/a minha angústia/Milênios de noites/nostalgia de portos/nunca vistos. (in Herança)."

* * *

Prestes: lutas e autocríticas, de Dênis de Moraes e Francisco Viana, Editora Vozes, RJ, 1982. A trajetória de Prestes, dos tempos da Coluna até os nossos dias. Figura polêmica, amada e odiada, os Autores traçam aqui um painel da caminhada que Prestes empreendeu ao longo de quase 60 anos, grande parte deles passados na prisão ou na clandestinidade, quando não no exílio. De maneira isenta, são aqui reproduzidas suas idéias, seus pensamentos, suas opiniões sobre homens e acontecimentos de sua época, o que ele viu (e como viu) e sentiu. Livro de singular interesse para todos os que se preocupam em melhor conhecer não só a vida e o pensamento de Prestes, mas toda uma parcela de um Brasil desconhecido. Raymundo Faoro, em seu importante prefácio, situa bem, tanto Prestes como este trabalho, acentuando que apesar de seus méritos de imparcialidade, o presente livro "há de ser lido num contexto polêmico".

* * *

Os jogos de junho, romance, de Eustáquio Gomes, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1981. Neste livro, que se situa em dois planos distintos correndo paralelos, temos a história de um revisor de jornal e seus problemas do dia-a-dia, narrados na primeira pessoa, e a trajetória (vitória) do Brasil na Copa do Mundo de 70. Se por um lado, há um clima de euforia, do outro lado é a queda, o envolvimento dos personagens em situações mudas e dramáticas que os afligem e dos quais não podem ou não sabem sair. Linguagem direta mesclada de ironia, fundindo fantasia e realidade. Assim, o A. consegue nos transmitir o contraste entre o que é aparente e exterior e o que é verdadeiro e interior.

* * *

Recordações da casa dos mortos, de F. Dostoievski, trad. de José Geraldo Vieira, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1982. Um livro clássico, no qual o A. relata suas experiências na Sibéria, reais, vividas. Nesta espécie de diário, escrito quando ainda Dostoievski não havia publicado obras como **Crime e Castigo, o Idiota, Os Demônios, Os Irmãos Karamazov,** já temos toda a dimensão de seu gênio, de sua grandeza na compreensão e análise da alma humana. Incluído na col. Clássicos Francisco Alves, é um livro indispensável, para se ler e reler.

* * *

A ressureição de Adam Stein, de Yoram Kaniuk, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1982. Mais um título da col. A Prosa do Mundo, desta vez com um escritor de Israel. Recebido com gerais louvores por onde já foi traduzido, este romance nos leva a conhecer o lado humano, a vida e os costumes do povo de Israel. Mas para além disto, por suas implicações e pela visão que o A. nos dá de todo um universo ficcional, é um romance que envolve o leitor em sua trama, com personagens ricas em verdade psicológica.

* * *

Contos de terror, de mistério e de morte, de E.A. Poe, trad. de Oscar Mendes, Editora Nova Fronteira, RJ, 1981. É sempre bom ler este que é, sem dúvida um dos mais significantivos escritores norte-americanos. Poeta, contista, ensaísta, figura marcante por sua influência nas gerações que o sucederam, neste volume estão reunidos alguns de seus contos mais expressivos. Dirigindo-se indiferentemente à emoção ou à inteligência, ele sabe, com seu gênio, segurar o leitor e mantê-lo atento à sua prosa envolvente e mágica.

* * *

Um dia no Rio, romance de Oswaldo França Júnior, Editora Codecri, RJ, 1982. Em 2.ª edição, este livro narrado em linguagem direta e clara. O fio condutor é simples: um vendedor, que é engenheiro em disponibilidade, se encontra no Rio em busca de negócios. Acontece que é este um dia muito especial: os estudantes estão enfrentando a repressão, o centro do Rio é um tumulto e de repente ele se vê envolvido. Com tais elementos o A. nos dá uma obra de real interesse.

* * *

Copacabana, romance de Antonio Olinto, Editora Nórdica/ILN-MEC, RJ, 1982. A burguesia da zona Sul vista através da ótica de um jornalista e ex-craque de futebol às vésperas da final da Copa do Mundo de 1970. Assim, no dizer de Jorge Amado, o A. "passa em revista a frágil mitologia da cidade do Rio. "Em 2.ª edição.

* * *

O tempo da ação, de José Comblin, Editora Vozes, RJ, 1982. Inspirado pelo desejo de situar a ação da Igreja na atual circunstância, neste ensaio sobre o espírito e história, o A., doutor em teologia, realiza um livro a partir das interrogações da Igreja Latino-Americana. Comblin residiu 7 anos em Recife, de onde foi expulso em 1972. Tem mais de 20 livros publicados.

* * *

A castástrofe, Tubarão 74, de Pedro Albeirice, Edição do Autor, SC, 1981. A tragédia que foram as enchentes de 1974 marcou fundo a população de Tubarão. Aqui, em linguagem direta e coloquial, o A. relembra o que ela representou para a comunidade. Os fatos são visto por alguém de fora, que não os viveu, mas através de depoimentos ele recria aqueles dias de pavor e angústia.

* * *

Escrita/Ensaio-Nova n.º 9, Editor, Wladir Nader, Coordenação Geral, J. Chasin, SP, 1982. A principal matéria deste número é uma longa entrevista com Luís Inácio da Silva, o Lula, onde ele fala exaustivamente dos problemas do sindicalismo brasileiro e de sua atuação. Há outras boas matérias sobre Lukács, Gramsci, Max Weber. E temas de interesse permanente como "Coronelismo e estado burgues", "Tecnologia e agricultura", entre outros. Resenhas várias e opinião do leitor completam o número.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

224

LIVROS (O Estado - 28/2/82

Salim Miguel

Concursos Literários: atenção para as datas

Até cinco de março estão abertas as inscrições para o concurso promovido pela Nestlé, que vai distribuir Cr$ 3 milhões em prêmios para as categorias romance, conto, poesia, sendo Cr$ 1 milhão cada, assim divididos: 1º – Cr$ 500 mil; 2º - Cr$ 300 mil; 3º - Cr$ 200 mil. O regulamento foi amplamente divulgado pela imprensa de todo o País, inclusive nesta coluna. Por outro lado, até 31 de maio encontram-se abertas as inscrições para o Prêmio Cimento Mauá, que vai distribuir Cr$ 1 milhão entre os três melhores trabalhos inscritos. O prêmio é em comemoração aos 80 anos de publicação de **Os Sertões,** o clássico de Euclides da Cunha. Devem ser apresentados trabalhos críticos ou biográficos a respeito do escritor e de sua obra. O Regulamento pode ser solicitado à Secretaria da ABL, Av. Pres. Wilson, 203, Cep 20030 – RJ.

* * *

Uma literatura antopográfica, de Lucia Helena, Editora Cátedra/ INL-MEC, RJ, 1982. Gregória de Mattos, Augusto dos Anjos, Mário e Oswald de Andrade servem para que, através da sátira e da paródia implícita ou explícita na obra de tais autores, LH trace um panorama instigante da nossa cultura literária. A abordagem é, sob muitos aspectos, original e nova: coloca em questão problemas que transcendem por vezes ao enunciado para se transformarem numa análise da sociedade e da literatura ao longo do seu desenvolvimento, revelando as diferentes formas de dominação que a marcaram e a luta para se libertar. Na introdução, Pedro Lyra situa bem o significado deste trabalho de Lucia Helena, chamando atenção para a contribuição que ele oferece ao estudiosos do fenômeno literário e social.

* * *

Crítica da razão tupiniquim, de Roberto Gomes, Cortez Editora, SP, 1982. Lançado em 1977, já se encontra em 5a. edição este provocante e provocador livro de RG, onde o A. questiona as colocações estabelecidas e dadas como certeza certa. Polêmico e aberto às mais diversas interpretações, merece ser lido e discutido. E a prova de que o está, é a aceitação que vem tendo. É ler e conferir.

* * *

Revolucionários, de E.J. Hobsbawm, Editora Paz e Terra, RJ, 1982. Mais um importante título deste que é considerado um dos mais expressivos historiadores marxistas europeus. Nos capítulos "Comunistas", "Anarquistas", "Marxismo", "Soldados e Guerrilhas", "Rebeldes e Revoluções", ele traça um quadro de realidades distintas seja na Inglaterra após 45 ou na Itália dos anos 30, no Vietnã dos anos 60 ou o maio de 68 francês, a Alemanha após Weimar ou a Guerra Civil Espanhola. Nesta contribuição ao pensamento crítico contemporâneo, o A. revê cada momento histórico a partir de suas relações internas, sem, contudo, esquecer a visão global dos problemas e sem generalizar.

* * *

Ideologia da Ciência Social, vários autores, Editora Paz e Terra, RJ, 1982. Organizado por R. Blackburn, este livro reúne ensaios sobre a teoria social que têm como finalidade questionar as ideologias atualmente predominantes na área, propondo alternativas. Uma visão crítica e uma reflexão sobre temas candentes da atualidade, discutindo o caráter do sistema capitalista e as alternativas a partir do marxismo.

* * *

Polônia — A crise de 500 dias que abalou o socialismo, de Carlos Castilho e William Waack, Editora Codecri, RJ, 1982. Escrito antes da tomada do poder pelos militares em dezembro/81, este livro é um painel dos problemas que a Polônia vinha (e vem) enfrentando. Jornalistas, tendo um deles (Waack) presenciado a greve nos Estaleiros Lenin, em Gdansk, em agosto de 80, os Autores traçam um panorama objetivo daquele país, com suas contradições e entrechoques. Mostram o papel do "Solidariedade" e do líder sindical Lech Walesa.

* * *

Geração baseada, de Galvão, Editora Codecri, RJ, 1982. Dividido em duas partes, na primeira um diálogo fabricado com personagens reais e na segunda um estudo crítico sobre as gerações atuais, é um texto nervoso e ágil. Como o próprio autor. Pertencente ao grupo Novos Baianos, autor de músicas de sucesso como **Preta Pretinha, Acabou Chorare, O mal que sai da boca do homem,** Galvão intenta aqui dar suas impressões sobre a juventude, de 1967 para cá.

* * *

Uma mulher inacabada, de Lilian Hellman, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1981. Quem leu os livros anteriores lançados pela mesma Editora, desta mulher corajosa, certamente vai se interessar em conhecer o que ela tem a contar aqui. É um relato franco de suas vivências e experiências em Nova Iorque e Hollywood, na Guerra Civil Espanhola, na URSS e na França, na II Guerra e no Maccartismo. Situações e figuras são recriadas com precisão; e perpassando tudo, Hammet, que marcou tão fundamente a autora de tantas peças teatrais de sucesso, de vida tão rica e coerente.

* * *

Histórias de Sherlock Holmes, de A. Conan Doyle, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1982. Depois de ter publicado o primeiro livro onde aparece Holmes, surgem agora os últimos trabalhos no qual atua o célebre detetive. Os contos vêm narrados pelo fiel Waltson ou pelo próprio Sherlock, na primeira pessoa, ou ainda na terceira pessoa. Presentes, todos os ingredientes que marcaram a literatura policial de Conan Doyle, tornando-o um mestre do gênero.

* * *

Hora de conciliação, de Lilli Palmer, Editora Nórdica, RJ, 1982. Atriz famosa, artista plástica, refugiada da Alemanha nazista, Palmer juntou um novo êxito às suas múltiplas atividades com a publicação de um volume de memórias, já lançado entre nós por esta mesma editora. Não satisfeita, a A. voltou às livrarias com um romance, que já se anuncia sucesso onde tem sido lançado. O fio narrativo: à beira da morte, uma mulher conta ao médico a história de sua família, a interdependência de todos envolvidos em liames estranhos que os seguram. Nesta autobiografia imaginária, críticos vêm anotando que há muito da própria Autora.

* * *

A Ditadura em questão, de Florestan Fernandes, de T.A. Queiroz, Editor, SP, 1982. Quatro ensaios centrados num mesmo tema: discutir o regime vigente no País. Intitulados "Crise ou continuidade da ditadura?" "A manipulação dos partidos"; "Os dilemas da dominação burguesa diante da ditadura"; "Nos marcos da violência", eles dão a visão do A. sobre o País e seus problemas, bem como a saída que ele preconiza na atual conjuntura. É o 30º livro de um dos mais importantes sociólogos brasileiros, nome vastamente conhecido no Brasil e no exterior.

* * *

República dos becos, poemas de Luís Augusto Cassas, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1982. Uma poesia ao mesmo tempo sensível e forte, trabalhada e lírica, de grande ressonância existencial, que flui e emociona. A revelação de um verdadeiro poeta, atento ao seu tempo e sua gente, ao fazer poético e à preocupação com a palavra. O simplesmente lúdico e o participante da batalha da vida estão presentes, e muitas vezes coexistem, no verso de Cassas. Versos que nos agarram e inquietam já a partir do poema que abre o livro, "Pensão", indo até a derradeira página. "Remember Anchieta".

* * *

A cristaleira invisível, de Rachel Jardim, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. Impressões, sensações, fragmentos de histórias, memórias do acontecido – tudo serve de tema para estas páginas nas quais autora e leitor armam um complexo jogo que busca a verdade final do texto e da vida. E assim vão se construindo e reconstruindo as tensões e os conflitos de que se tece a existência.

* * *

O contra-espelho, contos de Caio Porfírio Carneiro, Traço Editora, SP, 1982. Comemorativo dos 35 anos de vida literária e 20 anos de estréia em livro, em **Contra-espelho** estão presentes as qualidades narrativas que tornaram o A. um dos bons ficcionistas da atualidade. E também presentes estão os temas que marcaram sua ficção, a visão de sua terra e sua gente. São, na quase totalidade, contos curtos, diretos, flagrando com precisão uma situação ou um personagem.

* * *

O jovem Torless, de Robert Musil, trad. de Lya Luft, col. Grandes Romances, Editora Nova Fronteira, RJ, 1982. Espécie de introdução à obra maior que é **Um homem sem qualidade,** aqui estão presentes todos os elementos que tornaram Musil um dos mais expressivos nomes das letras neste século. Só agora chega ele ao Brasil (antes, apenas a revista **Ficção** publicara uma das novelas de **Três Mulheres**). Através da história da formação de um adolescente e da vida num internato, temos um quadro de uma realidade que logo viria descambar em lutas e guerras. Como tudo em Musil, este livro tem também muito de autobiográfico.

* * *

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Abelardo Sousa

ROUPA VELHA (29)

SALIM MIGUEL — Tão poucas vezes os nossos administradores escolhem pessoas capazes para participarem das suas equipes de trabalho, que a gente fica até surpreso quando um ato dessas autoridades recai em pessoa cujos reconhecidos méritos nem a sua simplicidade e a sua modéstia conseguem esconder, porque eles excelem, por demais, entre aqueles que — às vezes, com alarde — colocam as suas qualidades a serviço da causa e do desenvolvimento da sua terra. É o caso do escritor e jornalista Salim Miguel, que, num ato clarividente do Magnífico Reitor Ernani Bayer, acaba de ser empossado no cargo de Diretor da Editora da nossa Universidade Federal, que tão assinalados serviços já tem prestado à cultura barriga-verde. Segundo notícia deste Jornal (edição de 16 do corrente), Salim Miguel falou da "sua disposição de manter a Editora em acentuado progresso. Observou, contudo, que basta manter o atual ritmo de crescimento da Editora, implementado pelo Diretor João Nilo Coellho (de reconhecida capacidade, digo eu), para obter resultados significativos". Valho-me dessa última palavra, para dizer que signficativa é essa declaração, num tempo em que muitos procuram elevar-se, diminuindo veladamente o talento de seus antecessores, muita vez através do anúncio de bombásticos programas que pretendem executar e que não saem da pretensão. Uma bela lição de Salim Miguel — não fosse ele Salim Miguel — a quem levo, por este meio, o meu abraço fraternal e o meu ardente desejo de que se haja bem no posto que ora lhe confia o nosso estimado e incansável Reitor Ernani Bayer.

OBSESSÃO? — No meu artigo de domingo passado (**Nomes próprios: éticos e origens do arco-da-velha**), eu cometi, por falta de atenção, um erro: no fim de uma das linhas da lauda, não coube toda a palavra **para.** Botei o **pa,** o sinal de separação e me esqueci de pôr a sílaba **ra** no início da linha seguinte. A Composição me imitou. Azar meu. Sempre que escrevi — no mesmo artigo — a palavra **etimologia,** fi-lo com i depois do t. A Composição não me imitou. Escrevi: "...dão ao g o som de z". A Composição compôs: "...som dez". A Revisão passou por tudo isso e não me ajudou. Mas, a preposição sincopada **pra** apareceu, por duas vezes, sem acento agudo no **a,** a Revisão "mandou brasa", acentuando aquele a. Então, figue o amigo leitor avisado de que eu não acentuei aquele **a** de **pra,** porque essa palavra não é o **Prá** do sobrenome do meu amigo Waldir Prá Neto. Ela é um monossílabo átono, abreviado de **para,** e não requer acento, segundo as normas de acentuação gráfica em vigor. Também, para que eu insisto em usar esse maldito **pra,** não aconselhado na escrita que pretende ser boa?...

OS CRONISTAS E A CRISE NACIONAL — Quando escritores e cronistas do porte intelectual dos meus amigos Nereu Corrêa e Júlio de Queiroz começam a preocupar-se com a situação financeira do País e a externar, em escritos, as suas apreensões, é sinal de que as coisas não vão bem. Lembram-me essas manifestações aqui publicadas, pela sua semelhança, a que apareceu na edição de 7 de fevereiro de 1915, do jornal **A Semana,** da qual destaco estes tópicos: "O Decreto n.º 11.458, de 27 de janeiro último, estatui a cobrança do imposto sobre os vencimentos mensais de 100$000 a 300$000, de 10% nos de 300$000 a 1 000$000 e 15% nas quantias superiores". Permitam-me interromper: Este iluminado Decreto deve ter inspirado governos bem posteriores, que atocharam (Atocha! Bebeto) o imposto de renda nos vencimentos do funcionalismo. Por falar nisso, ouvi dizer que senadores e deputados federais e estaduais não pagam imposto de renda. Será verdade que os homens são imunizados contra o Leão? Bem, "deixa pra lá". Vamos a mais um tópico do artigo de **A Semana:** "Desse modo, o pobre funcionário, que mourejou honestamente no cumprimento dos seus deveres, durante os quatros anos do Governo da fartura e do esbanjamento desbragado, é quem mais sofrerá com a rigorosa economia que o Governo atual impõe, na ilusória esperança de que assim restabelecerá os créditos abalados da União e encherá os cofres públicos, há muito vazios". Bem, o que vemos agora, sessenta e oito anos depois, não autoriza ninguém a dizer que evoluímos. Tudo se repete, quem sabe até mais assustadoramente. As medidas governamentais de arrocho, que a gozação nacional ridiculariza com o nome de **pacote,** têm pouca criatividade e eficiência, se considerarmos o grau de civilização que atingimos em relação ao distante ano de 1915. A corda, como diz antigo ditado, está sempre a arrebentar do lado mais fraco. E já que dar palpite todos podem, vou dar o meu, mesmo que ele seja tão infeliz como o que deu Wilson Batista sobre os sambas do Noel Rosa. Se temos de tirar de todos (ricos e pobres) alguma coisa da recuperação do País, vamos sangrar aquelas que não são de primeira necessidade e das quais todos podem prescindir. Basta querer. E quem não quiser que agüente o estouro. Por exemplo: dobre o Governo o preço dos cigarros (deixo claro que eu fumo), triplique o imposto sobre bebidas alcoólicas nacionais (aqui, já não posso dizer que bebo, pois o médico me proibiu de fazê-lo. Bebeu: morreu); proíba a importação de bebidas e de outras frescuras de natureza vária. Quem quiser beber uísque, que se intoxique com o nacional. Quem quiser comer caviar, contente-se com ova de tainha, que é coisa muito "do boa". Aí está! O Governo não estará proibindo ninguém de fumar, de beber e de comer, o que já é "uma boa". Mas, estará estabelecendo que desfrutará desses luxos quem pode e não quem quer. É o que importa, precipuamente. E há mais uma minazinha a explorar: o jogo. Bem regulamentadinho, como em Portugal. Antes de encerrar este assunto, devo dizer que não jogo. Porque não gosto.

O MOMENTO É DE RECORDAÇÃO — Sobre **Nereu Ramos:** Naquele tempo e que havia, nos Grupos Escolares, a função de Auxiliar-de-Direção, era a referida função desempenhada por um dos professores do educandário, que ficava, por isso, segundo a lei, dispensado da regência de classe. Quando Mestre Elpídio Barbosa assumiu a direção do Departamento de Educação, encontrou um caso singular: uma Diretora, que merecia especial simpatia do Interventor, por seus méritos inegáveis, exigia que a sua Auxiliar-de-Direção exercesse a sua função docente sem prejuízo dos seus encargos de Auxiliar-de-Direção. A Professora reclamou. Mestre Elpídio, num jogo de corpo muito seu, rolou o "abacaxi" para o Secretário Ivo d'Aquino, mediante representação. Este não deixou por menos: estendeu-o ao Interventor, que não entendeu tanta filigrana para marcar um gol tão fácil, o que fez de primeira, através deste simples despacho: "Cumpra-se a lei, que para isso foi feita". **Sobre Jorge Lacerda:** No dia 15 de junho de 1958 — um domingo cinzento — eu, minha mulher, meus filhos e seus amigos saímos a passear e estacionamos o carro na Alameda Adolfo Konder, próximo ao pequeno jardim, que serve de ornato à estátua de Hercílio Luz. O velho Ford-39 abrigava, no banco de frente, eu e minha mulher, e, no de trás, nossos dois filhos e mais uns três amigos, uma piazada na faixa de 10 a 12 anos. Na vibração do primeiro gol do Brasil, meu filho anunciou: — "Pai, lá vem o carro do Governador". Vinha o carro do continente para a ilha. Natural curiosidade levou-nos a espiar a passagem do carro, que conduzia o Governador e sua Esposa. Jorge e Dona Kirana responderam ao nosso aceno, quem sabe um tanto exagerado pela alegria que nos causara o gol de Vavá. No dia seguinte, em Palácio, o Cid (motorista do Governador) contou-me que após passarem por nós, no dia anterior, Dona Kirana dissera ao Governador mais ou menos isto: — "Você viu quantos filhos tem o Abelardo?" Ao que Jorge respondeu: — "É... esses calados assim como ele não perdem tempo"... Quem sabe foi a última gozação do meu inesquecível Amigo!...

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

Salim Miguel

226

LIVROS

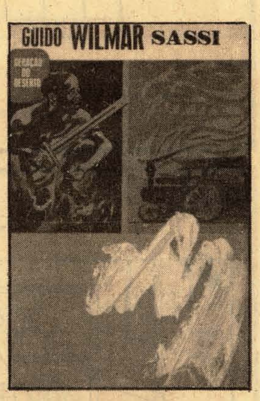
GUIDO WILMAR SASSI:

"Eu rezava para que uma catástrofe universal fizesse o oceano subir a Serra(do Mar) e espraiar-se na cidadezinha"

IV

Chegamos à quarta parte deste longo papo; e aqui Guido fala do piá nascidó na distante Campos Novos, que sonhava com o mar, um mar que só conhecia através dos livros, do cinema, de descrições aventurescas que ele procurava recriar pela imaginação fervilhante quando já construía suas primeiras histórias. Tudo isto está bem expresso no conto O naufrágio do Black Ship, **de fundo autobiográfico, incluído no volume** Este mar catarina, **que está para sair pela Editora da UFSC. E logo depois teremos o romance** Lindamar. **Ou** Verde mar azul? **Ou o** Calendário da eternidade? **Vamos ver se ao terminar a entrevista teremos condições de anunciar o título definitivo.**

Mas não só de mar se fala nesta parte da entrevista. Fala-se de influências, de leituras que marcam, da literatura de e em Santa Catarina, da guinada ou não na temática guideana, de leituras passadas no nosso autor. E, também, para não perder o costume, fala-se de donos (?) da literatura, de cardeais que quase desandam até coroinhas. Vamos lá.



Geração do deserto, 1.ª edição, 1964, 2.ª edição, 1982. Depois deste romance, um silêncio de 20 anos, que vai ser quebrado com o lançamento de **Lindamar** *(ou será* **Verde mar azul** *ou* **O calendário da eternidade***?) pela Editora da UFSC.*

Afinal há ou não há a tão propalada guinada na literatura de Guido Wilmar Sassi?

Você torna a indagar sobre a guinada em minha temática e suas motivações. Pois bem: recordo que uma vez, no auditório da UFSC, discutia-se a respeito da existência, ou não, de um romance tipicamente catarinense. A meu ver, a questão estava mal colocada, pois o mais importante seria comprovar a existência de bons romances em Santa Catarina, fossem eles típicos ou não.

Em reuniões havidas em dias anteriores, conseguia-se arrolar um número significativo de bons poetas e excelentes contistas (editados em livro), mas os romancistas (bons, regulares ou péssimos) continuavam escasseando. Lembro-me de que, a muito custo, e com a melhor das boas vontades, foi possível arrolar apenas uma dezena de títulos: de Virgílio Várzea até hoje.

Duas das obras citadas (São Miguel e Geração do Deserto) eram minhas — e não por acaso, porque romance é trabalho de fôlego, competição para atleta fundista, para cooredor de maratona. Isto sem desmerecer de modo algum os outros gêneros, pois já fiz meus versos, escrevo meus continhos, mantive durante um ano uma crônica diária em uma emissora de rádio, e também incursionei pelo ensaio e pelo teatro.

Na ocasião, no auditório da Universidade, encontrava-se presente o nosso romancista maior (crítico dos mais lúcidos e ótimo contista, além disso), autor do melhor e mais importante romance feito por catarinense, em e sobre Santa Catarina. Todos os requisitos, pois, exigidos pelos componentes da reunião.

Essa obra, cuja primeira (e única) edição ocorreu há quase 30 anos, continua hoje quase tão inédita quanto no dia em que terminou de ser escrita. Esse livro não fez parte da escassa lista de romances catarinenses, porque seu autor me proibiu terminantemente que o citasse. Embora não concordasse de modo algum com os motivos apresentados pelo meu amigo, respeitei sua vontade.

Esgotadas as possibilidades de analisar-se O Brigue Flibusteiro, de Virgílio Várzea (quem leu? quem leu? quem leu?), voltaram-se para (e até mesmo contra) a minha pessoa, dada a condição de único romancista em disponibilidade, ali, em carne e osso. Um autêntico prato feito, convenhamos.

Após leu elogios relativos a São Miguel e Geração do Deserto, um dos "donos" da literatura de Santa Catarina (ao menos ele pensa que é) pôs-se a fazer restrições quanto à minha capacidade de abordar alguns temas catarinenses, eis que, homem do planalto, jamais poderia eu fazer do oceano a ambientação de minhas histórias, sendo-me vedado contar entre meus personagens pescadores e marinheiros.

Mais uma xingação do que propriamente um desafio. Mas eu mesmo me propusera tempos atrás aquele desafio e, na época, além de estar trabalhando em um romance cujo cenário era o oceano sem limites, acabara de escrever um conto que se passava no mar. O herói era um navio imaginário, o Black Ship, que acabou naufragando, como aliás tem acontecido com os planos editoriais de certas entidades de Santa Catarina... mesmo sem enchentes e suas óbvias afundações.

Verdade que se tratava de um conto marítimo sem mar e, talvez, por isso mesmo mais difícil de ser feito. Mas estava terminado, e vai fazer parte de Este Mar Catarina, coletânea que está para sair pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Fale um pouco do conto.

Meu conto sôbre o mar não tem mar porque somente aos 17 anos de idade eu pude conhecer de perto essa maravilha chamada mar, o verde mar azul com que eu sonhava sempre. Em minha infância, na minha querida Campos Novos, eu rezava para que uma catástrofe universal fizesse o oceano subir a Serra (do Mar) e espraiar-se na minha cidadezinha. Enquanto essa espécie de dilúvio não acontecia, eu sonhava com o mar, tomava banhos de mar no cineminha (mudo) de Don Ramón García e singrava minhas naves pelos setenta e sete vezes sete mares — as páginas dos livros servindo de velas da imaginação —, em intermináveis e mirabolantes aventuras marítimas.

Ah, o tal cardeal (talvez um dia ele se torne papável — sem e com trocadilho) da literatura catarinense jamais poderia imaginar os companheiros que eu tive em minhas jornadas náuticas! Aliás, o meu querido arcebispo (estou despromovendo o homem; se continuar assim, até o final da entrevista ele vai acabar simples coroinha) das letras da terra barriga-verde ignora que não é preciso ver o mar para transformá-lo em assunto de poesia ou ficção. Por sinal, foi um cego o autor da maior epopéia marítima. Estou falando de Homero, e de sua imortal Odisséia. O grego acompanhou-me em muitas viagens, até o dia em que contratei um português para meu piloto particular. O capitão era sempre eu, é claro. Se me deixavam jogar futebol, porque então eu era dono da bola, também podia viajar em todas as embarcações do mundo, e de todos os tempos, não importando fossem elas ficcionais ou de mentirinha. O dito lusitano em vez de cego era caolho, o genial caolho chamado Luís Vaz de Camões. Ninguém lia Os Lusíadas por gosto, porque os professores e gramáticos — certamente por inveja e por causa de uma tal famigerada análise lógica — mandavam que dissecássemos as belas estrofes do poema, em busca de sujeitos ocultos, de adjuntos, de orações principais, subordinadas e quejandas. Em suma, em vez de ensinar-nos a descobrir o lirismo do grande épico, obrigam-nos a agir como Jack o Estripador faria com a Vera Fischer ou a Sônia Braga. A atual vítima (dos gramáticos, e não do célebre criminoso inglês) é, parece-me, José de Alencar. O gostoso (sem duplo sentido) José de Alencar dos índios mocinhos-de-cinema e das índias que usavam desodorante e batom com sabor e cheiro de mel.

Penso que não só de Homero e Camões vivia o rapazola planaltino? Certo!

Mas, se o velho Camões me conduziu por mares nunca dantes navegados, foi um holandês (povo navegador, por excelência) que me ensinou os macetes das embarcações. Refiro-me a H. Van Loon, meu contramestre, e ao seu livro Navios, lançado pela Globo, em 1936, e nunca mais reeditado.

Ah, deixem-me falar dos meus outros companheiros de aventuras, descobrimentos e piratarias! Auxiliarei Jim Hawkins a encontrar as riquezas de A Ilha do Tesouro — aquela do Stevenson. Robert Louis Stevenson. Fifteen men on the Dead Man's Chest/ Yo-ho ho and a bottle of rum! Pobre Jim Hawkins! Jamais deixei que ele passasse de grumete.

Fenícios e viquingues, orgias com as prostitutas do Caribe, saques e pilhagens. Lenço amarrado na cabeça, bandagem no olho, maneta de um braço... e a perna de pau, é claro. Em compensação, bebi todo o rum da Jamaica. A bandeira negra içada no topo do mastro principal. A caveira. As tíbias cruzadas. Fogo! E a abordagem, afinal. As machadinhas e as espadas retinindo.

Tive outros pilotos, imediatos e marujos famosos sob minhas ordens. Simbad, o Capitão Nemo, Cristóvão Colombo, Long John Silver, o temível Capitão Flint (que, afinal, era um papagaio), Sir Francis Drake, Henry Morgan, Daniel Defoe (quem não se lembra de Robinson Crusoé?), Jack London, Hemingway, Conrad, Melville, Raphael Sabatini, Emílio Salgari, Jorge Amado. E Caymmi. Dorival Caymmi e suas inolvidáveis canções praieiras.

É por demais cansativo citar os nomes de todos os meus marinheiros. Agradeço a todos eles. Minha gente do mar... muito obrigado! Sonho, fantasia, ficção. Com esse material construí o meu mar imaginário, até que, finalmente, ganhei um dia verdade. O nosso bispo (continuo rebaixando o homem) das letras catarinenses talvez ignore que eu vivo junto à praia, há mais de 20 anos. Pesco, velejo, nado, mergulho.

Aí então já estamos em pleno reino marítimo.

Sim. E aí, no mergulho, tem início um novo capítulo — talvez o mais importante — da minha formação oceanográfica. Além de viver praticamente dentro do Atlântico (Praia de Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil: cenário de cartão postal, o Pão de Açúcar e os bondinhos ao fundo), meus três filhos se tornaram mergulhadores profissionais. Todos eles. Os três: Wilson, Hélio e Ricardo. Nada mais lógico do que, na condição de pai de três mergulhadores, eu viesse a adquirir, além da vivência, o norrau da profissão. Evidentemente — embora o nosso pároco pense de outra forma —, não é necessário viver as coisas para se escrever sobre elas. Flaubert, por exemplo, não precisou tomar veneno para contar a morte de Emma Bovary. Contudo, a experiência sempre ajuda. E eis a razão, pois, pela qual escrevi o romance (afinal qual vai ser mesmo o título?) que a Editora da UFSC está publicando.

Trata-se de um livro pioneiro. Situações e personagens inéditas, jamais tratadas de maneira ficcional. Claro que na literatura, no cinema e televisão existem centenas de histórias de mergulhadores. Pescadores de pérolas, de esponjas e de corais; escafandristas, cidades submersas (eu quase disse catedrais submersas, mais isso é da área do Clóvis Bornay); lutas contra os tubarões e outros monstros das profundezas, etc., etc. Mas é em meu livro que o mergulhador-plataformista faz o seu début literário. É nele, meu romance do mar, que, pela primeira vez, em todo o mundo e em todos os tempos, se conta a vida dos mergulhadores em uma plataforma petrolífera. Pela primeira vez se descreve o que eles passam, pensam e sofrem dentro de uma câmara de compressão-descompressão. Conto a respeito de seus nervos tensos e de seus temores. Conto os seus sonhos, seus amores e seus anseios. Seus ideais e suas desilusões. Suas grandezas e misérias. Suas vidas, enfim, e sua condição de homens, quando, ligados à superfície por uma espécie de cordão umbilical, e respirando uma composição gasosa estranha à gente humana, vivem dentro do perigo e do ignoto e exploram um ambiente que lhes é hostil e desconhecido. Em suma, uma história dos homens do mar; porém, principalmente, um romance sobre e sob o mar.

Para finalizar, mais um recado ao seminarista da literatura barriga-verde. Ninguém mais indicado para escrever um romance de marinharia do que os meus amigos Mané Pescador e Zé Marinheiro. Ninguém com maior gabarito para romancear a vida dos mergulhadores do que um dos meus filhos. Mas acontece que eles não escrevem... e eu, sim.

Uma lembrança, ainda, ao Sr. Sacristão das Letras. As melhores e mais autênticas histórias ambientadas no far-west americano — as lutas contra os índios, os caçadores de escalpos, os caras-pálidas, os caciques, apaches e comanches, pradarias, caravanas, colonizadores e pioneiros — foram escritas por um alemão. Ele se chama Karl May, jamais saiu da Alemanha e somente conheceu a América por intermédio de mapas e compêndios de geografia.

227 - MIGUEL, Salim. Livros – Flávio José Cardoso...entrevista. **O Estado,** Florianópolis, 20 nov. 1983

227

Salim Miguel

Conforme havíamos anunciado, damos início hoje à publicação da entrevista com Flávio José Cardozo, feita por Silveira de Souza. Ela vem se juntar à que fizemos há pouco com Guido Wilmar Sassi, que abriu uma série na qual serão ouvidos alguns dos principais ficcionistas de Santa Catarina. O próximo entrevistado será Harry Laus. As entrevistas serão feitas por Silveira de Souza e pelo colunista; e o projeto é, futuramente, reuni-las em livro, dando-se, assim, uma visão dos ficcionistas que estão atuando e da ficção que se pratica hoje entre nós.

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

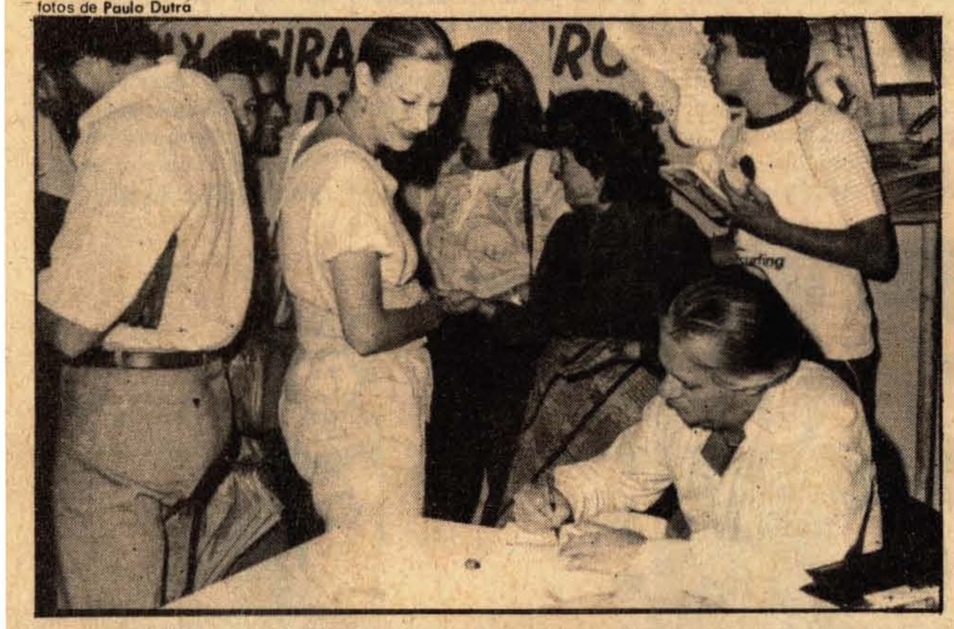
Entrevista a Silveira de Souza

I

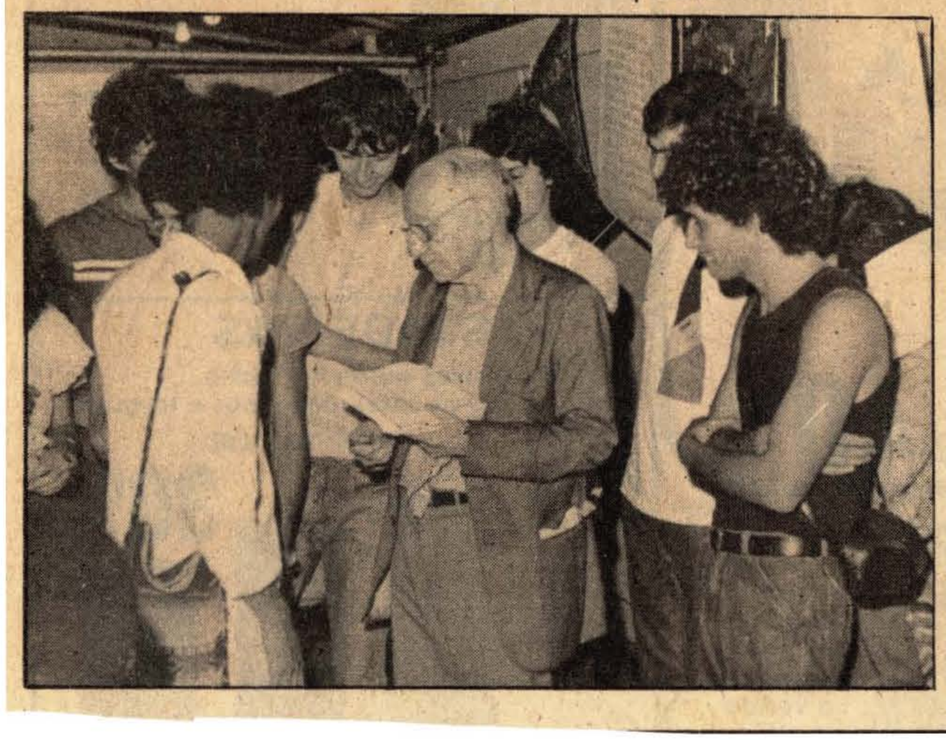
"...na viagem de volta, pelo Jacuí, até Porto Alegre: bem nítido, isolado de tudo, um barco à vela. Um ponto branco que se fixou aqui dentro como uma tatuagem".

Presença da Editora da UFSC na Feira do Livro de PA

fotos de Paulo Dutra



Autor de Santa Catarina na Feira do Livro de Porto Alegre já é uma tradição. Este ano foi grande o número deles, tanto que lotaram um ônibus da Universidade Federal, para o lançamento de livros publicados pela Editora da UFSC. Foram autografados os seguintes livros: **Antologia do varal literário,** textos escolhidos pelo público, reunindo 37 autores, organização e introdução de Alcides Buss; **Este mar catarina,** antologia de contos reunindo 18 autores, de Virgílio Várzea aos nossos dias, organização de Flávio José Cardozo, Salim Miguel, Silveira de Souza, estudo crítico de Nereu Corrêa, ilustrações de Hassis; **O detetive de Florianópolis,** crônicas de Jair Francisco Hamms; **Paisagismo de baixo custo,** de Walmy Bitencourt; **Os governantes de Santa Catarina,** de Carlos Humberto Corrêa. Nas fotos, Jair Francisco Hamms autografa seu D.T. Tive (acima); poetas do grupo do Varal Literário com Mário Quintana (abaixo); e o poeta Mário Quintana ladeado por Flávio José Cardozo, Salim Miguel, Alcides Buss, Nereu Corrêa (ao lado).



FLÁVIO JOSÉ CARDOZO é o contista e cronista catarinense autor de Singradura e Zélica e Outros, livros que contêm trabalhos premiados, respectivamente, no 1.º Concurso Nacional de Contos do Paraná (1968) e Prêmio Remington de Prosa (1978), e de Água do Pote, volume de crônicas publicado em 1982 numa co- edição Editora da UFSC/Lunardelli. Para a Editora Globo, de Porto Alegre, onde foi Secretário Editorial durante oito anos, Flávio traduziu O Aleph e História Universal da Infância, de Jorge Luis Borges.

Nascido na zona carbonífera de Santa Catarina, curiosamente a literatura de Flávio José Cardozo até o momento voltou-se quase com exclusividade para os temas ilhéus, reinventando numa linguagem colorida e muito própria, as vidas miúdas e sofridas das populações praieiras. Por que isto? Na entrevista que hoje se inicia e que será apresentada em quatro partes, Flávio nos dirá coisas de sua vida e da sua obra que permitirão respostas a essa e a outras questões. Comecemos com a sua infância no Barro Branco e no Guatá...

S. — Você nasceu em Lauro Muller, na zona carbonífera de Santa Catarina. Fale um pouco de sua vida nessa região.

F. — Nasci numa vila próxima de Lauro Muller chamada Barro Branco, bem no meio (quanta honra!) daquilo que foi o sonhado império de Barbacena, o homem que se empolgou com o carvão catarinense, adquiriu terras, chegou a interessar os ingleses na exploração do negócio e implantou a Teresa Cristina. Admiro muito o espírito empreendedor do Visconde, mas é pela implantação do trenzinho da EFDTC que lhe sou eternamente grato. O carvão é uma riqueza pesada; a leveza daquele trem até hoje ainda me deixa comovido. Mas bem: ficamos um pouco ali por Barro Branco e meu pai, que era operário e já vinha de outras frentes de trabalho, decidiu um dia tentar uma melhora de vida no Rio Grande, mas minas do Butiá. Como se as pedras do Butiá pudessem ser menos duras... Fomos. Eu tinha dois anos e, se conto esta comum aventura de família, é porque ela acabou me legando uma de minhas lembranças favoritas, a mais antiga, sem dúvida, das que conservo na memória. Para meu pai a experiência só apresentou canseiras e frustrações, para minha mãe, sempre bem disposta, foi um ano de muitas amizades, para meu irmão mais velho deve ter rendido algumas emoções. Para mim, valeu apenas, mas valeu muito, pela cena captada da janela do lanchão que, na viagem de volta, nos trouxe, pelo Jacuí, até Porto Alegre: bem nítido, isolado de tudo, um barco à vela. Um ponto branco que se fixou aqui dentro como uma tatuagem.

S. — Olha aí um parente remoto dos barcos que estão em Singradura.

F. — Pode ser. Os barcos que aparecem nos meus contos são meio fugidios, também são vistos como que de uma janela como aquele dos meus três anos. O barco à vela foi um acontecimento. Insisto nele porque ele se mantém inteiro e é meio simbólico. Resolvi adotá-lo como um primeiro sinal de certa ânsia de fuga que me tem acompanhado.

S. — Do Rio Grande voltaram então para Lauro Muller?

F. — Foi, voltamos para o mesmo carvão de antes, desta vez para um lugarzinho a cinco quilômetros de Lauro Muller, no sentido de quem vai subir a Serra, de nome Guatá, na época bastante populoso, com grande fama de pobreza, feúra e alto índice de mortalidade infantil. O Guatá não era, de fato, o que se pode chamar de um lugar bonito. Abafado numa depressão do terreno, cercado de escavações e montanhas de rejeitos, compunha-se dum casario de madeira que o tempo foi enegrecendo e roendo sem piedade. Muitas, muitas casinhas uniformizadas de propriedade da Companhia, dispostas em arruamentos e caminhos irregulares que fritavam os pés da gente na força do verão e que, em dias de chuva, se transformavam em lamaçais escuros que os operários venciam com seus sapatões de couro cru, as mulheres transpunham vagarosa e sofridamente e que nós, a gurizada, a caminho da escola ou simplesmente no brinquedo, domávamos com valentia e grande prazer. A natureza ali era uma infeliz sem esperança, a vegetação tentava manter-se verde mas a pirita, como um cancro, avançava sempre. A água saía dos canos de ferro com um gosto de mineral venenoso. Agora, sobre nós e em volta de nós, havia coisas bonitas: um céu translúcido como jamais pude ver tão claro e estrelado em qualquer outro lugar; a Serra ali perto, muralha enorme, misteriosa, azulada, em cima da qual eu sabia que existiam povoados e cidades inatingíveis, campos e casas que no inverno, dizia-se, se cobriam de branco; os vastos eucaliptos dos quais a Companhia extraía os dormentes dos trilhos e as estacas de sustentação das galerias. E o povo era alegre, alegre a seu modo, gostava de jogos, bailes, festas de igreja, não vivia se lamentando da sorte como é tão comum de se ver em ambientes melhores. Bebia-se muito, é verdade, antes e depois das jornadas, nos dias de pagamento, nos sábados e domingos, mas se na cidade, onde as coisas são mais fáceis, o consumo de álcool sempre foi tão grande, por que não iriam espairecer um pouco as idéias aqueles homens cuja sobrevivência lhes exigia tanta força? Também é verdade que, junto com a cachaça, vinha um pouco de violência, talvez até um pouquinho bastante de violência, coisas como facada, algum golpe de picareta e um ou outro disparo. Me lembro bem do Guatá quando foi um reduto de mal-encarados e da força que o Monsenhor, um vigário teimoso que reinou por muitos anos em Lauro Muller, fez para serenar os costumes do pessoal. "Cara feia é no Guatá" foi um **slogam** muito difundido no Sul e havia razão de sobra para os forasteiros o levarem a sério. Aquela minha gente cultivava um bairrismo impressionante. Habitava um lugar de aparência mal-tratada e hostil, mas tinha por ele um orgulho forte e esquentado. O time de futebol do Guatá foi temido por muitos anos. Chegou a ser bom de bola, mas se destacou muito mais pelo espírito de luta e pelo calor da torcida. Os adversários iam lá cheios de respeito dentro das quatro linhas e de prudência em todas as linhas. Dante, Tota, Tié, Laurides, Olquírio, Santinho, Lacir e outros foram criaturas que os mineiros veneraram apaixonadamente, o que não é novidade nenhuma em qualquer buraco deste País do Futebol, mas que ali, vejo hoje, tinha um tom muito patético, pois era tudo com que o nosso humilde distrito podia mostrar-se diante dos outros.

FJC aos três anos. Dessa idade, a lembrança de um barco à vela.

S. — Até que idade você ficou naquele meio?

F. — Até os onze anos. Foi uma infância limitadinha, espremida entre as minas e o paredão da Serra do Rio do Rastro, mas foi uma infância feliz, claro. Sempre que posso, falo nela, e não é por querer explorá-la literariamente. Ela me deu e me dá prazer. Meu pai era um homem muito bom, muito lutador, meio inventor de modas, e minha mãe, a vida inteira mais realista do que ele, embora sempre acreditando muito nos favores dos santos e de Deus para dar jeito nas coisas, foi seu braço direito, costurando, e nossa severa e nem sempre bem sucedida fiscalizadora.

S. — Quanto tempo seu pai trabalhou de mineiro?

F. — Uns dez anos. Da parte que posso recordar, uns dois. Ele odiava aquilo. Viu alguns soterramentos, muitos acidentes graves. Brigou bastante pra sair daquele poço. Não aceitava aquela condição de vida. E tanto fez que acabou saindo dela. Ganhou a simpatia dos Righetto e foi aceito como caixeiro de venda. Foi um progresso notável. Atirou-se com gana e capricho àquela oportunidade. Mostrou-se reconhecido, um empregado sério, cuidadoso. Em casa, fomos sentindo um padrãozinho melhor. Num fim de tarde, por exemplo, eis que ele aparece com grande novidade: debaixo do braço, nada menos que um bonito e poderoso rádio debaixo do braço, nada menos que um bonito e poderoso rádio "Zenith", comprado em longas prestações, mas, mesmo assim, uma ousada aquisição. Que idéia feliz! O que aquele rádio representou para mim! E Seu José foi indo, foi indo, foi poupando e sonhando e acabou realizando seu milagre: lá pelas tantas, conseguiu botar seu negócio próprio, uma vendinha quase de brinquedo, uma vendinha que, no entanto, cresceu, tornou-se loja, muitas prateleiras, até tecidos e roupas feitas, até filial, um progresso estupendo. Os colonos e os serranos levavam metros e metros de brim-pedra, metros e metros de riscadinho em compras à vista ou em troca de seus produtos. Meu pai chegou a ser um homem gordo. Mas tinha um vício, o danado: não sabia resistir aos apelos de vender fiado. Um grande livro com nomes de operários foi ganhando numerosos. Bem me lembro desse livro de comerciante inábil. O retrocesso foi uma questão de tempo.

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

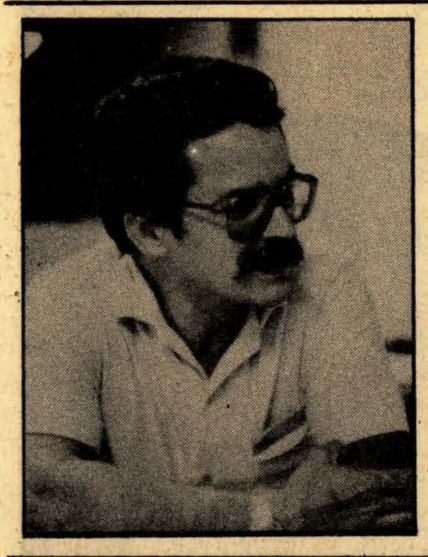
Água do pote

EDITORA DA UFSC — CO-EDIÇÃO EDITORA LUNARDELLI

Em Água do Pote, FJC descreve uma viagem no velho trem da Teresa Cristina.

Continua...

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

Entrevista a Silveira de Souza

II

"Investiguei um pouco da intimidade da Ilha. Natureza e povo dessa Ilha rara me desviaram do velho e evidente propósito de escrever sobre as minas de carvão."

Deixando-se levar pelo fluxo da memória, Flávio nos revelou, na primeira parte desta entrevista, aspectos da sua infância no município de Lauro Müller que, sem dúvida, se constituem num rico filão, ao que parece já suficientemente amadurecido para a elaboração de futuros trabalhos literários. A propósito, a primeira amostra de uma nova fase, voltada para a região carbonífera catarinense, foi publicada na coletânea 21 Dedos de Prosa, edição Cambirela/ACEs, 1980, com o conto "Dia de Pagamento".

Depois do primeiro deslumbramento com a visão de um barco a vela, aos três anos de idade; da terna referência ao velho trem da EFDTC e do impacto recebido frente ao aparelho de rádio "Zenith", hoje Flávio nos surpreende com uma rápida passagem por um... Seminário. Antes, porém, vamos tentar esclarecer essa história do rádio "Zenith".

S. — Você falou de um rádio que lhe fez companhia na infância...

F. — Ah, sim, o velho rádio "Zenith". Foi meu companheiro de navegação pelo mundo. A um giro do botão, sons longínquos desciam por nosso telhado e faziam sentir que, afinal de contas, a gente não estava abandonado naquele pé de serra. O que havia além das nossas crateras cheirando a enxofre! Data desse tempo, certamente, o meu gosto pela música e esta desordenada curiosidade pelo que ocorre aí no ilustre planetinha em que vivemos.

S. — Que mais pode ser lembrado? Você tem anunciado que vai escrever sobre as minas e é claro que as emoções da infância vão estar presentes.

F. — De doloroso, lembro a morte duma irmãzinha recém-nascida. De resto, acho que dá para reviver tudo sem sofrimento, mesmo quando, ao redor, há um pouco de aspereza e pedras em ponta. O passar do tempo adoça a paisagem, fica diante da gente o sumo, a alma das coisas. E falar da aldeia é, mesmo falar do mundo. Aquilo valeu. O dorso embranquecido da Serra nas manhãs de inverno. Os tropeiros descendo por peraus com sua tropilha de mulas carregadas de queijo e mantas de charque e acampando num pasto perto de onde morávamos, caladões, revólver à cintura, roupas tão diferentes, homens de uma estranha nação. Meu irmão mais velho vendendo pão na madrugada. Mais dois irmãos. Três irmãs. A escola de Dona Maria Félix, Dona Aci e Dona Húngria Avandrília Cienfuentes. Os livrinhos da Série Fontes com histórias como a do serrote Vaivém e do medroso Zacarias. O retrato de Getúlio sempre na parede, como se o padroeiro dos mineiros fosse ele, não Santa Bárbara. Desfiles patrióticos com tênis apertados. Os colonos italianos que vinham do Doze, do Rio da Vaca, do Rio Hipólito e falavam um estropiado idioma de fascinante sonoridade. O Castelo, onde morava o gerente das minas, em Lauro Müller, todo altaneiro no topo do morro, cercado de parreiras e que se abria, pelo Natal, para uma distribuição de balas, apitos e um metro de riscadinho aos filhos dos mais pobres entre aqueles pobres. As aventuras duns tios maternos, Dinarte e Andrino, afamados por manejarem a adaga com decisão e competência, e a desventura de um irmão deles, Tavico, assassinado na porta dum cinema, em Orleans. A Festa do Senhor do Bom Fim, com seus tiros de canhão a cargo do fabriqueiro Pedro Costa, suas rodas-da-fortuna e nossas camisas novas. O caminhão de Seu Orestes, que tantas vezes dirigi dentro da garagem, parado, sim, mas como se estivesse pelas estradas da vida. O trem, que partia de Lauro Müller antes do dia clarear e levava a gente até Tubarão num passeio que ficava dias e dias ressoando na cabeça.

S. — Você já escreveu sobre esse trem.

F. — É um dos meus tipos inesquecíveis. Meu e de muita gente. Era a nossa ligação com o mundo maior. Com o rádio eu imaginava, com o trem eu via um pouco mais da existência. E o mundo maior não era outro senão Tubarão, de ruas calçadas, casas de até três andares, muitos automóveis, um formigueiro de gente entrando e saindo de lojas que me pareciam um colosso. Uma vez por ano íamos a Tubarão visitar nossa avó, uma alegre mulherzinha que sempre conheci toda vestidinha de preto, que até meu pai só deve ter conhecido de preto, pois ficou viúva aos 23 anos e não casou mais, e que, perto dos 80, ainda falava no marido como se ele tivesse apenas ido ali na rua e já fosse voltar. Era de trem que a gente ia ver essa avó de marcados traços açorianos, baixotinha, caçoadeira. Viagem memorável. O trem arejava as vistas: o Vale do Tubarão exibia seus milharais velozes e pencas douradas de laranja-cravo.

S. — O trem, o rádio, a Serra, o barco a vela de quando você tinha três anos... E o mar, que até agora não aparece, ele que está tão presente nos seus contos?

F. — O mar só vim a conhecer com doze anos. Até essa idade o que dele me chegava eram os peixes que Bento Germano trazia da Laguna, de trem, em balaios com serragem e barras de gelo. Via o mar nas fotografias e desenhos e a idéia que dele fazia não passava duma sombra. Um vulto vago, sem fim. O primeiro contato com o bicho foi um soco. De repente, aquela loucura imensa. Tenho um pouco de pena dos que nasceram à beira-mar e não viveram essa experiência. Só vim a conhecer o mar quando já estava no Seminário.

S. — Seminário? Não sabia dessa passagem eclesiástica no seu currículo.

F. — Foi uma passagem rápida, não deu pra chegar ao cardinalato. Acontece que andaram por Lauro Müller e por aquelas bocas de mina uns padres à procura de vocações religiosas. O povo, por ação do Monsenhor Peters, andava então bastante chegado à religião. Lá em casa, minha mãe sempre se preocupou muito em nos mostrar o caminho da igreja, coitadinha. Por influência dela, eu já tinha aprendido a ajudar missa. Um velhinho de nome Bertinho Rocha, guarda-livros e notável por ser seguramente o único homem em toda aquela poeirenta e rústica região a sempre andar de gravata, me ensinou um latim que virou motivo de orgulho doméstico e era às vezes exibido às visitas, principalmente ao meu tio Souvenir, que se empolgava com tamanhas habilidades. Mas, bem: os padres fizeram uma boa pescaria, houve uma enchente de candidatos à batina e à santidade. Na verdade, um grande assanhamento pra conhecer outros ambientes. Eu, que já sabia até ajudar missa, fui também, lógico. Por dois anos. Dois anos valiosos, porque lá fui induzido a ler e a escrever. Tínhamos um frei chamado Romeu, filho de rica família carioca, mas humilde como um aguateiro de mina, homem que escrevia e falava bem, cheio de exigências.

S. — O que é que ele mandava ler?

F. — Padre Vieira, Gonçalves Dias, muito Castro Alves, Bilac, um pouco de Machado, Afonso Arinos. A gente lia e discutia. Depois ele mandava escrever. A gente escrevia, escrevia, pensava que tinha arrombado, ele então pegava a caneta, como quem pega um tesourão, desbastava daqui, desbastava dali, e o que acabava sobrando era uma bolinha com meia dúzia de frases. Era um padre de coração generoso, mas detestava enfeites e penduricalhos. Embora sempre alegre, tinha uma formação ascética, comia pouco, dizia-se mesmo que só dormia no chão. Essa contenção e magreza ele imprimia no seu modo de escrever. Lia conosco muito Castro Alves, mas acho que, particularmente, afinava mais com Graciliano. Se eu tivesse me aplicado um pouco mais nas suas aulas, certamente estaria escrevendo com mais precisão e eficácia.

S. — Que outras leituras você fez nessa época?

F. — Bem, a biblioteca dos padres não permitia muitas liberdades. Lá estava o **Coração**, de Edmundo de Amicis; **Os Noivos**, de Manzoni; a coleção "Terramarear" da Editora Nacional; o "Tesouro da Juventude", que me despertou para os clássicos; lá estavam diversas vidas de santos, a Bíblia, almanaques, anuários, revistas. Foi uma leitura meio ingênua, policiada, mas deitou semente.

S — Além das redações para o Frei Romeu, você escreveu mais alguma coisa?

F. — Posso dizer que, a partir de certo momento, as redações já não eram mais tarefas escolares, mas exercícios de quem estava meio mordido pelo bichinho da literatura. Frei Romeu descobriu em mim um certo jeito e me estimulou. Cometi umas poesias e uma infame história de cunho indianista, influência do "Y-Juca Pirama". Gostava também de escrever comentários, que circulavam numa folha manuscrita, sobre os nossos jogos de futebol: já que eu não era um craque, dava uma de analista e aquilo me garantia um pouco de respeito e a tolerância dos colegas.

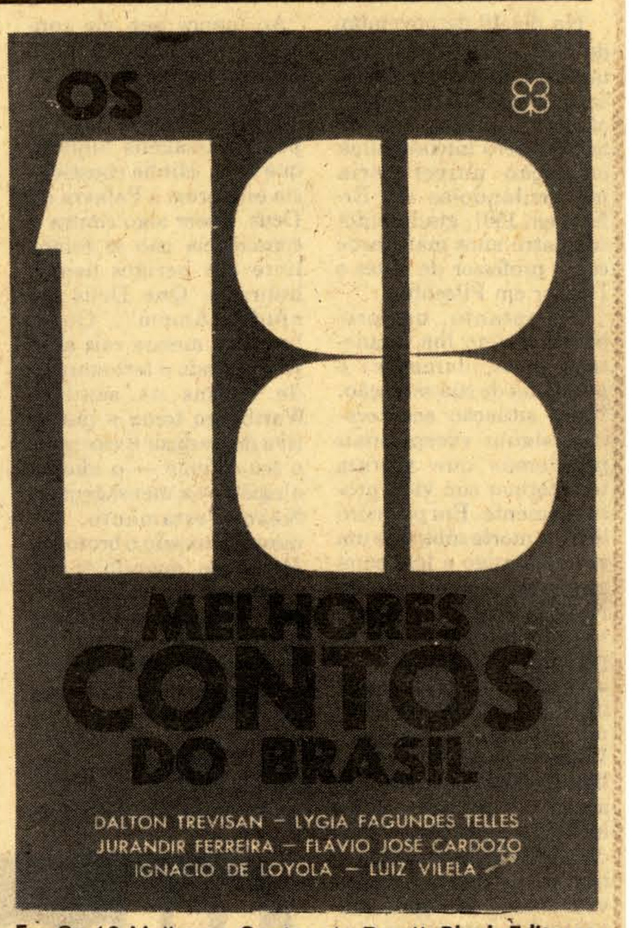
S. — Muito bem, deu pra sentir que, se o Seminário não produziu um padre, contribuiu para despertar um escritor, o que já é uma bela obra. Que mais ficou daqueles dois anos?

F. — Coisas assim: um certo culto à humildade (detesto até perto das fronteiras do ódio o sujeito posudo, arrogante, prepotente, ditador), um invencível enjôo diante de cerimônias e um pouco de medo do desconhecido. O infinito costuma me dar tonturas. Bem me lembro da história que os padres contavam para dar ênfase ao mistério da eternidade: um passarinho, de um bilhão em um bilhão de anos, dá uma bicada numa montanha de ferro; pois quando essa montanha tiver sido comida pelo passarinho, não se passou um segundo da eternidade. Esse negócio me impressionou, acho até que não me fez bem, pois de vez em quando, na consciência de minha transitoriedade, achei que fazer isso ou aquilo não valia a pena, tudo era um cisco, uma partícula de cisco dentro do Cosmos. Os padres usaram a parábola do passarinho para nos lembrar que o inferno não tinha fim. Há muito tempo que não penso nos caldeirões do inferno, mas, no universo ilimitado e perpétuo, como escapar dele?

S. — Mas, voltemos aqui para o chão: e o mar? Você disse que o conheceu quando estava no Seminário.

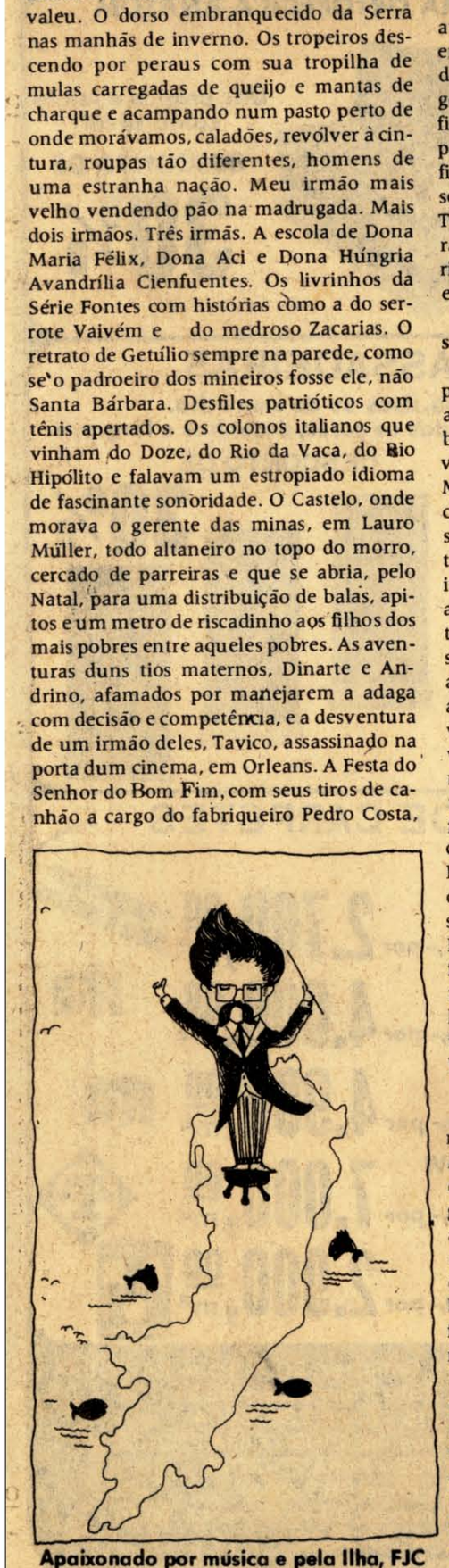
F. — Nem vale a pena falar desse primeiro encontro. Foi uma revelação puramente física. Uma excursão ao Morro dos Conventos, a imagem monumental, a lembrança persistente, mas sem nenhuma vivência. O mar que talvez interesse, aquele que comparece nos meus contos, conheci mais adiante, aqui na Ilha. Não foi nenhum mar alto, a sugerir histórias heróicas. Foi um mar com gente por perto, gente pequena, um mar meio lírico, meio triste. Por ele me deixei levar. Investiguei um pouco da intimidade da Ilha. Natureza e povo dessa Ilha rara me desviaram do velho e evidente propósito de escrever sobre as minas de carvão. Mas, esse projeto continua vivo, claro.

Continua



Em Os 18 Melhores Contos do Brasil, Bloch Editores, 1968, FJC comparece ao lado de outros contistas brasileiros.

FJC, sem bigode e quando ainda usava gravata, num desenho de Henrique Arnholdt.



Apaixonado por música e pela Ilha, FJC foi assim lembrado por Leonardo Menna Barreto.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

229 - MIGUEL, Salim. Livros – Flávio José Cardoso...entrevista. **O Estado,** Florianópolis, 4 dez. 1983

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

Entrevista a Silveira de Souza

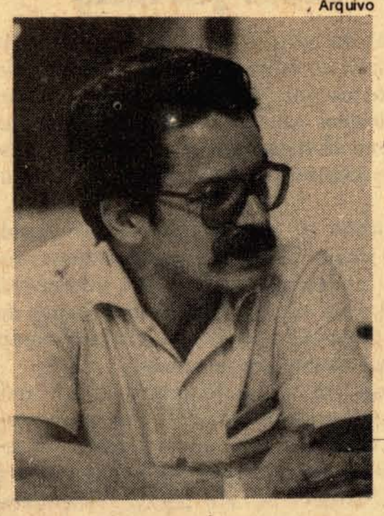
III

"O que seria do escritor se, na hora de dizer a boa mentira da sua ficção, não acreditasse que os personagens existem em carne e osso e são muito mais do que aquilo que revelam ?"

Do relacionamento de Flávio com a natureza e o povo desta Ilha nasceu o contista de Singradura e Zélica e Outros, **dois livros entre os mais representativos da literatura contemporânea em Santa Catarina. Flávio nos fala desses livros, na parte de hoje da nossa entrevista; de seus personagens e contos preferidos, das leituras marcantes, da sua visão de escritor sobre o mundo e as coisas. Lembra, por exemplo, que um de seus livros se poderia ter chamado** Longínquas Baleias, **mas esquece de dizer que ele, Flávio, estará no próximo dia 6, às 20 horas, na Assembléia Legislativa, autografando o conto "Longínquas Baleias", juntamente com outros autores da coletânea** Este Mar Catarina, **da Editora da UFSC.**

Também nos fala da sua grande preocupação com os nomes de seus personagens, o que não é de admirar em um escritor que mereceu a rara felicidade de ter, na infância, como vimos semana passada, uma professora chamada Húngria Avandrília Cienfuentes...

Arquivo



S. — De sua intimidade com a Ilha, certamente surgiu Singradura, **seu primeiro livro. Os contos foram nascendo ao acaso ou existiu um projeto para o livro?**

F. — Meu primeiro livro tem muito a ver com o Concurso do Paraná, de 68, e com alguns amigos de Porto Alegre. O bom resultado que os três contos ("Longínquas Baleias", "Santa Amelinha" e "Olindona") alcançaram no concurso levou o editor José Otávio Bertaso, da Globo, a me cobrar um livro. Eu trabalhava na Globo, tinha lá dois companheiros especialmente interessados no meu trabalho: Cremilda de Araújo Medina e Henrique Arnholdt. Com José Otávio, ele passaram a fazer uma pressão impiedosa. Porque o diabo é que eu não tinha um livro. O que estava na gaveta era uma dúzia de histórias de variada temática, sem aquela unidade mínima que se espera duma coletânea de contos. Eu já havia publicado coisas em jornal, concorrido a concursos estudantis e municipais, mas livro não tinha. Na linha que eu desejava explorar, só os três contos premiados e muitas idéias, um caderno de anotações em que havia desde receita de benzeduras até traços "biográficos" de futuros personagens. Me botei então a trabalhar. Era muito chato estar sendo saudado como uma revelação de contista e não ter quase mais nada a mostrar. Tracei um cronograma de trabalho, me enchi de brios e verifiquei que, na marra, violentando toda uma tendência para o comodismo e o "deixa pra amanhã", os contos foram saindo. Parece que funciono mais quando tenho um cano de fuzil na nuca. **Singradura** foi, portanto, um livro trabalhado com disciplina e planejamento.

S. — O título Singradura **— que vem de um dos contos do livro — no conjunto das histórias parece indicar mais um passado desaparecido, poético e nostálgico, em relação ao mar, do que uma realidade presente na vida de seus personagens. Você não acha?**

F. — Fiquei bastante indeciso entre dois títulos para o livro — **Singradura** ou **Longínquas Baleias**? Os amigos aconselharam o primeiro. Hesitei, pensei, concordei. Hoje eu talvez escolhesse o segundo, que me parece mais simples, é evocativo e sonoro, duas palavras fortes, um nome que dificilmente encontraria problema com a revisão dos jornais (não tem sido nem uma nem duas as vezes em que passo por autor de um negócio chamado **Singapura**). Mas **Singradura**, de qualquer forma, não está mal como título. Consegue sugerir a tônica do volume e diz um pouco das intenções do autor. Primeiro, esclarece que o contista não está se aventurando muito ao largo do mar catarinense, o que ele faz é uma prudente navegação pela costa, uma andança por vilas praieiras, uma sempre rápida visita à casa da gente que ali mora. Depois, o título quer dar essa idéia de um passeio no tempo, lembrar uma Ilha que, não sendo mais Desterro e não sendo Florianópolis, cede, miseravelmente, aos assaltos do progresso predatório e da urbanização caótica. Nada de saudosismo, evidentemente. Apenas histórias que, sem uma data impressa e definida, acontecem num passado que sobrenada na memória de todos.

S. — Zélica e Outros **seguiu-se a** Singradura, **ambos dentro do mesmo cenário ilhéu. O** Zélica **é uma extensão ou simples continuidade do primeiro livro? Que diferenças de concepção existem entre os dois?**

F. — Acho que em **Zélica** prolongo a visão da Ilha que tive em **Singradura**. Permanece nele aquele meio tom nostálgico, a mesma paisagem física e humana, personagens também da praia e dos vilarejos interioranos. Mas acho que alterei um pouco a forma de narrar e o ânimo das histórias. Pretendi um livrinho com mais movimento, enredos mais demorados, expressão mais direta. Em **Singradura** parece que há um lirismo de quem foi descobrindo coisas e se enterneceu com elas. No outro, penso que predomina o burlesco, com exceção da história de Malvina Queluz, que estaria melhor em **Singradura**. Como experiência literária, **Zélica** me agrada mais. Está mais solto, menos elaborado. É um livro que mandei incompleto para o Concurso Remington, em 78, pois meu plano era que ele tivesse mais umas seis histórias. Mas ficou assim e as histórias faltantes talvez nunca mais sejam escritas.

Ao ser publicado Singradura, **Henrique Arnhold brincou com FJC imaginando-o fardado de acadêmico.**

S. — Por que não?

F. — Com relação à Ilha, o que eu ainda gostaria de fazer seria um volume com uns doze contos de fundo trágico, misturando um pouco de material histórico com aspectos de nosso tempo. Título: **Ponta dos Naufragados**. Tenho alguns esboços.

S. — Você tem preferência por contos ou personagens seus?

F. — Vou citar três contos que me agradam bastante: "Singradura", "Lourenço Roxadel garante a honra da casa" e "Malvina Queluz: assim fugaz, qual um peixe", este último quem sabe mais uma crônica poética. Personagens eu cito mais, gosto de diversos, senão como criação literária, pelo menos como criaturas possíveis, que me revelaram alguma coisa de seu na fase de elaboração do conto e ficaram como se passassem a morar na minha vizinhança. São meus amigos, rigorosamente falando, e neles eu estou presente. O velho Uliano Torres, o João Dinis (de "Ares Gentis de João Dinis"), a Natália (de "Chamamento"), o Mingotinho Três por Quatro (de "Olindona"), Otávio Bodilha e sua mãe Dona Violeta, Seu Jesus (de "Tremor de pedra") — esses e outros parece que às vezes vejo por aí e só não falo alto com eles porque sempre haveria alguém para achar isso esquisito. Gosto muito deles. Nos contos em que lhes foi permitido entrar só conseguiram mostrar um dedo do que são. O que seria do escritor se, na hora de dizer a boa mentira da sua ficção, não acreditasse que os personagens existem em carne e osso e são muito mais do que aquilo que revelam? Amar seus personagens é um dever do escritor.

S. — Em relação ao Zélica **a crítica brasileira observou acentos de Nicolai Gogol e do romance** costumbrista **de origem peninsular. No conto "Uliano Torres, de curto porém vistoso reinado", a inspiração gogoliana é óbvia, anunciada já de imediato pelo uso da epígrafe extraída de** O Capote. **Ela se estende aos demais trabalhos? Que influências você conscientemente identificaria na sua literatura?**

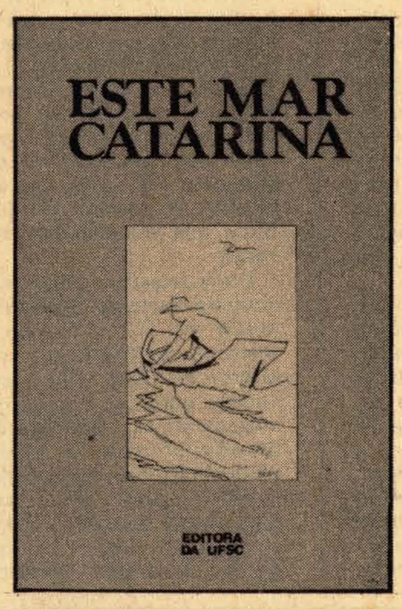
F. — Foi um atrevimento pretender essa espécie de versão ilhoa da história de Akaki Akakievitch e Gogol que me perdoe a ofensa. No fundo, era apenas uma homenagem... De qualquer forma, foi um exercício estimulante. Mais atrevimento eu tivesse para outras experiências. Quanto a Gogol, ele está de fato entre os autores que li e releio com frequência. Aquela afinidade com os pequenos, aquela mordacidade impagável diante do poder e da glória... Volto sempre a Gogol. Como volto a vários outros, sempre que posso.

S. — Quais?

F. — Os de todos nós: Bocaccio, **As Mil e Uma Noites**, Cervantes, Shakespeare, Swift, Voltaire, Poe, Balzac, Melville, Hawthorne, Ibsen, Tolstoi, Dostoievski, Checov, Maupassant, Mark Twain, Gorki, Lorca, Camus, Borges. E Machado, Eça, Graciliano, Monteiro Lobato e Guimarães Rosa.

S. — Influenciaram?

F. — Imagino que, de cada um, deve ter saído um pouquinho. É quase pra rir — cada um desses notáveis contribuiu com um pouquinho pra quê mesmo? Mas é a verdade de todos nós, que escrevemos muito, pouco ou quase nada. O espírito dos grandes mestres paira sobre o mundo e é uma dádiva da vida receber uma migalha que seja do seu exemplo. Creio que não há quem, ao escrever um livro, não esteja pagando sua taxa de reconhecimento a vários autores do passado.



Além de participar da antologia Est. mar catarina, **FJC é também um dos organizadores do livro.**

S. — E os atuais?

F. — O diabo é o tempo. Como se manter em dia e ainda ser fiel às leituras consideradas sempre obrigatórias? É claro que não é possível sair lendo a torto e a direito no pouco tempo que a vida anda reservando para isso. Me informo, então, junto a fontes bem confiáveis sobre o que devo ler para não ficar muito por fora do movimento. É claro que não estou falando dos livros dos amigos, que são sagrados, são lidos logo. Livro de amigo é um pouco da gente também.

S. — Gostaria que dissesse agora como, de um modo geral, você "constrói" um conto.

F. — Não é fácil dizer. Mas, de qualquer forma, é mais fácil do que fazer, claro. Primeiro, a partir de uma busca consciente ou de uma descoberta casual, fixo o tema da história, o fato ou incidente ou seja lá que for sobre o qual desejo trabalhar. De posse desse objetivo, imagino as possibilidades que tenho para chegar a ele, com o que vou costurando um enredo, vou dando ordem aos movimentos, caracterizando personagens, dando nome a cada um deles. Com esse arcabouço, passo à elaboração do texto e aí é que começa a verdadeira batalha. Há autores que conseguem compor o conto mentalmente e, quando vão para a máquina, é quase que para fazer um trabalho de datilografia. No meu caso, vou com um esquema e a certeza de que a travessia pelo papel em branco vai ser penosa. Tenho o hábito de escrever e já ir revisando, mal acabo a página, de modo que o conto caminha limpo mas acidentado, pois cismo com as palavras. Vou compondo por eitos, só passo para um eito depois que o eito anterior estiver praticamente pronto. Mas é claro, que no fim, tudo é revisto como um todo e mudanças são feitas e refeitas e depois delas ainda sofro com aquela porcaria. Acho que foi Simenon quem falou que escrever não é uma profissão, mas uma vocação para a infelicidade. À parte todo o sentido mais profundo que a frase contém, é mesmo uma infelicidade (tolerável, vá lá) persistir numa atividade que sempre deixa quem a pratica tão insatisfeito.

S. — Parece haver uma atenção toda especial de sua parte para a escolha dos nomes de seus personagens.

F. — É curioso, mas sinto quando um nome não ficou adequado à figura humana que tenho em mente. Preciso sair logo á procura do nome certo para que o trabalho continue. Tal como está desenhado no meu pensamento, este tem de ser Isaque Rebolo e aquela tem de ser Marinês. Para facilitar, costumo folhear almanaques e folhinhas que trazem os santos do dia. Uma vez, dei com uma santa chamada Restituta. Imaginei uma mãe que quer homenagear a avó dando à filha recém-nascida esse nome estranho; o pai não concorda, a palavra lembra mulher perdida, e ele quer que a filha seja feliz — e o nome não pode ser outro: Felícia. O nome é o que temos de mais pessoal na vida, é mais permanente que o nosso próprio nariz, ontem pequeno, hoje grande. Dar um bom nome ao personagem é tentar, nesse jogo com a palavra, torná-lo mais ele mesmo.

S. — Você não pensou ainda em escrever uma novela ou um romance?

F. — Já pensei e é capaz que um dia acabe lá. Gostaria de fazer um trabalho de mais peso que esses esporádicos exercícios a que me entreguei até agora. Falo em exercícios com muita sinceridade: têm sido cortes passageiros do cotidiano, pequenas experiências verbais. Penso num pouquinho mais de aprofundamento no social e no humano, com menos pitoresco e adjetivos. Mas tremo na base: a prática do conto me tornou meio meticuloso na composição, meio demorado em botar as palavras milimetricamente nos seus lugares, como faz um obcecado aplicador de azulejos. É claro que eu teria de mudar isso. Sem falar em outras tantas limitações.

S. — Em um conto, "No tempo de comício", você satiriza com muita malícia a indefinição ou a dualidade característica de boa parte dos políticos. Como você vê a relação entre o escritor e a política?

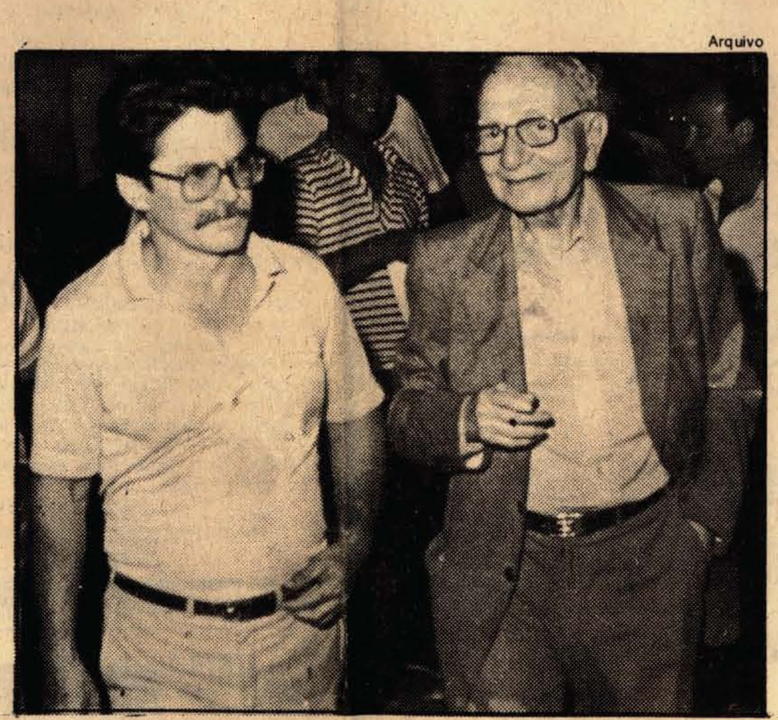
F. — Não sei se neste momento eu escreveria outra história como "No tempo de comício". Neste preciso momento, penso que aderindo mesmo a um sentimento de massa, não ando achando a mínima graça nos maus políticos, do potentado mundial ao vereador suburbano. Mas é bom saber que a sátira não vai morrer nunca. Imagino que, no instante em que o apocalipse nuclear mostrasse seu primeiro clarão, nesse exíguo prazo de vida ainda haveria um riso dos que desprezam a burrice e a maldade crônica. É bom que a sátira prossiga pelo mundo afora, aberta ou disfarçada em metáforas, se for o caso. Se é inevitável que a política, da qual dependem o pão e a paz e para a qual se dirigem tantas vocações verdadeiras, abrigue aventureiros e medíocres, é útil a arma da comédia. Aqueles alfinetes nos traseiros episcopais de que nos fala Huxley não resolvem nada, é certo, mas atenuam o desgosto da grande assistência e não derramam nenhum sangue, como as outras armas. Já escrever ficção para, com seriedade, defender dogmas, estatutos, programas e posições de circunstância me parece não só um equívoco como uma negação da liberdade de que a literatura se deve munir para servir ao homem tal como ele é, esteja ele onde estiver, seja ele quem for. O grande Gorki não é o mesmo cidadão do mundo quando escreve **A Mãe**, onde pode haver verdade, mas uma verdade deliberadamente amarrada a um determinado compartimento de poder. Penso que o escritor é o par de olhos que vê, processa, transfigura, não a boca que preceitua ou o dedo que indica caminhos.

S. — Você lembrou nesta entrevista que "falar da aldeia é falar do mundo". Gostaria que, em síntese, estabelecesse as coordenadas do mundo existentes na "sua" aldeia.

F. — Se, para Tolstoi, a aldeia é o mundo, para Borges, em cada homem estão todos os homens. É uma bela simplificação duma geografia do escritor. Na minha aldeia, que pode ser a Ilha com sua gente à beira do imenso mar ou o Guatá com sua gente ao pé da Serra azul, há instinto e coração, há sofrimento e o sonho de sair dele, há cadeias nos pés e asas na cabeça. Na minha aldeia há de tudo — e o que me desgosta é que jamais conseguirei ir além de suas portas.

Continua...

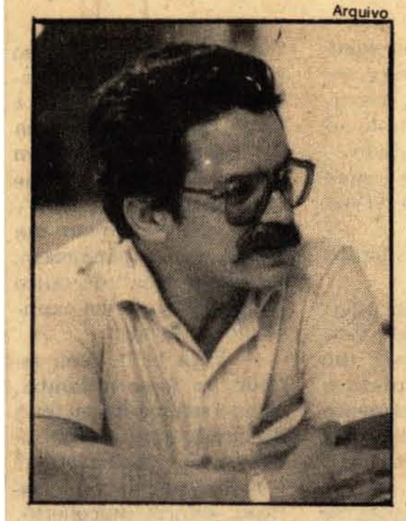
Arquivo



FJC e Mário Quintana, na Feira do Livro de Porto Alegre deste ano.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Arquivo



FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

Entrevista a Silveira de Souza

"Me orgulho muito dos escritores que temos. Acho que pelo menos uma dúzia deles pode circular honrosamente pelo País ou fora dele."

Chegamos ao término do nosso diálogo com Flávio José Cardozo. Sem dúvida outras tantas indagações, além das que se fizeram nesta entrevista, poderiam ainda ser formuladas; mas o propósito que nos moveu foi apresentar ao leitor e aos que estudam a literatura de Santa Catarina, aqueles aspectos essenciais que pudessem oferecer uma idéia da formação, do processo de trabalho, das atividades exercidas e do posicionamento estético de um escritor catarinense de nossos dias, através da palavra do próprio escritor.

Nesta última parte da nossa conversa, Flávio recorda momentos da sua passagem pela Editora Globo, fala dos intelectuais que conheceu, da sua experiência com a produção do livro. E também nos leva, pelo Caminho dos Açores, à tranqüilidade bucólica de Santo Antônio de Lisboa.

IV

S. - Flávio, quero que você comece esta última parte de nossa conversa informando por onde andou depois que saiu daquele seminário que lhe abriu o gosto da literatura.

F. - Bem, não andei muito. Ginásio em Tubarão, colegial em Curitiba e Florianópolis, em Florianópolis me casei com Isabel, em 61, fui de novo para Tubarão, onde nasceram os três filhos homens (Leonora, a mulherzinha, veio bem mais tarde), depois me toquei para Porto Alegre, em 64, lá ficando até 75, quando retornei a Florianópolis, onde estou e de onde não penso (por enquanto) em sair nem depois de morto. Por dentro, um pouco de agitação, mas a tendência mesmo é ter o bicho carpinteiro sossegado num lugar, nada de vida cigana. O que não tem nada a ver com alguns antigos e sempre vivos projetos de viagem.

S. - Quando você fala em não sair de Florianópolis entendo que está falando sobretudo de Santo Antônio de Lisboa...

F. - É verdade, gosto muito de morar na estrada geral da Praia Comprida, que nasce ali no Morro das Pedras e vai acabar na pracinha secular de Santo Antônio. A estradinha está pra receber o justo e decente nome de Caminho dos Açores — parece que só falta uma penada do Prefeito para que esta coisa boa aconteça. É um lugarzinho quieto, verde, sem luxo. Morava numa rua barulhenta, em Porto Alegre, imaginando pousar um dia em qualquer desses recantos que ainda existem por aqui. As circunstâncias me favoreceram. Há sete anos que lá estamos, ao pé do Morro do Felizardo. Uma roça pra caipira nenhum botar defeito.

S. - Escuto isso com um pouco de água na boca, pois também andei pensando em Santo Antônio de Lisboa. Você mexe na terra, dá uma de agricultor, essas coisas?

F. - Sem a perfeição dum japonês, reconheço, mas mexo, sim. É um divertimento e tanto, não superior a outros que sempre é bom ir praticando, mas um divertimento e tanto: jogo no chão um pezinho, digamos, de grumixama e fico acompanhando o esforço dela em me responder com a frutinha. Uma beleza. Trato dela com jeito, não deixo passar um dia sem ir ver se está se sentindo bem no meu pedaço de terra. Essa ginástica agrícola, essa convivência com o húmus e a planta me bota em linha direta com o elementar, o primário, o verdadeiro. Lá fora, por umas boas horas, fica a cara amarrada do formal, do regimental, do concreto, do plástico, do bélico, do babélico. E no dia em que a primeira frutinha aparece, é de se festejar, mestre Silveira, não apenas com todas as violas e rabecas rurais de Zé Coco do Riachão mas com a própria Tocata e Fuga em Ré Menor do velho João Sebastião. O quintal é meu reformatoriozinho psicológico.

S. - Você falou no velho Bach e em violas e rabecas. Desde os tempos do seu rádio "Zenith" que você é um apreciador da música. Fale um pouquinho das suas preferências.

F. - O tempo vai peneirando as predileções da gente. Mas, em princípio, sou todo ouvidos para qualquer gênero, basta que seja música mesmo — e tanto pode ser um lundu de Xisto Bahia, um solo de Thelonious Monk, um catereté mineiro ou uma sinfonia de Mahler.

S. - Bem, Flávio, você trabalhou alguns anos numa das mais importantes editoras brasileiras, a Globo. Como foi isso?

F. - Foi uma fase ótima da minha vida. Um colega da Faculdade de Jornalismo, o português Ruy Diniz Neto, ex-diretor da "Revista do Globo", foi quem me levou para lá. Ele chefiava o Departamento de Vendas e tinha um lugar para mim nessa área. Mas ali fiquei pouco. Um brilhareco meu num concurso universitário levou o Diretor Editorial a me convocar para o seu setor. Lá fui eu para o 3º andar do velho prédio da Rua dos Andradas (mais tarde é que fomos, com todas as tralhas e papeladas, para as modernas instlações do Menino Deus). Era um salão de tábuas rangentes, apinhado de livros e móveis históricos, janelões com vidros sempre embaçados pela poeira dos bondes e dos ônibus da Praça Quinze e por onde passava o cheiro de todos os pratos do Restaurante Dona Maria. Com um pouco de aprendizado, peguei a Secretaria Editorial, que é a cozinha da Editora. Uma honra que me deixou meio atordoado, pois na história dos secretários editoriais da Globo figurava gente como Carlos Reverbel, Maurício Rosemblatt, Erico Veríssimo. Mas fiz de conta que tinha nascido para aquilo.

S. - Nessa função você se familiarizou com a produção do livro...

F. - Tive lições bastante proveitosas sobre a indústria editorial, que é cheia de lances (num país que lê pouco as coisas se complicam naturalmente) e muito envolvente, pois cada livro é um caso bem destacado e, na maioria das vezes, as pessoas com quem tratar são muito interessantes, no mínimo inteligentes.

S. - O meio cultural de Porto Alegre sempre foi movimentado e a Globo era um ponto de convergência de intelectuais gaúchos e brasileiros, sem falar nos tantos escritores estrangeiros por ela editados.

F. - O relacionamento com estrangeiros e brasileiros de outros estados era, de um modo geral, mais burocrático. Com o pessoal do Rio Grande já era uma ligação mais direta e compensadora, muito compensadora. Lembro, da velha guarda, figuras como Darcy Azambuja, tão tranqüilo, a fala mansa, polida, misto de contador de causos galponeiros e cientista político; Athos Damasceno Ferreira, sempre com um epigrama na ponta da língua, pesquisador, poeta, ficcionista, perfeito tradutor do **Platero y yo;** Moysés Vellinho, cultíssimo, formalíssimo, reservado; Álvaro Magalhães, de fumacentos charutos e valentes suspensórios, organizador de enciclopédias e compêndios técnicos, com quem conversei tantas trivialidades e algumas transcendências; os irmãos Vallandro, Lino e Leonel, com suas traduções literárias e para o "Mistério Magazine" e suas milhares de fichas do famoso dicionário de inglês; o poeta Mário Quintana, jovem sempre, poeta sempre, irônico com o mundo e seus dourados, refinado humorista; Guilhermino César, jovialíssimo, competência de mestre sem panca professoral, imenso repertório de habilidades mineiras, um jeito todo seu de contar uma anedota e estimular um iniciante; e essa turma toda que está aí, tão conhecida.

S. - E Erico Veríssimo?

F. - Um homem notável. Nada de estrelismo, muito senso de humor, uma aptidão enorme para ouvir os outros. Um homem disciplinado, cioso de sua profissão, que conseguia ter tempo para tudo, até para receber visitas importunas, das quais certamente não deixava de tirar algum proveito como ficcionista. Um homem sem vaidade, mas cheio de brio, capaz de recusar títulos em solidariedade a amigos e por fidelidade a princípios. Um homem acessível. Líamos seus livros no original antes de mandá-los para as oficinas. Nunca recebeu mal uma só anotação de nossos revisores.

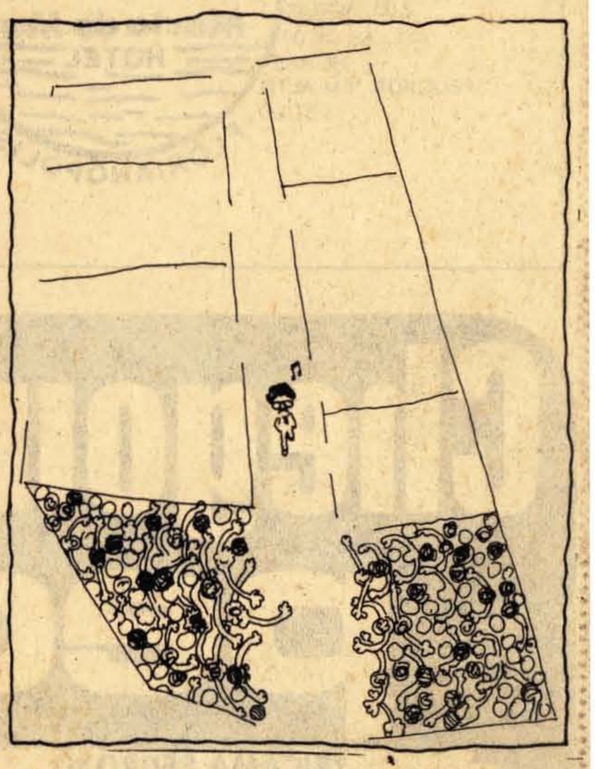
S. - Uma vez você me contou a história dum engano dele nos originais de Incidente em Antares, **aquela história do querosene.**

F. - Ah, sim... Numa passagem de **Incidente em Antares,** em que as famílias Campolargo e Vacariano vivem em intermináveis peleias, uns caras de um dos lados pegam um infeliz do outro lado, enfiam nele um funil, enchem o coitado de querosene e tocam fogo. O revisor de originais, meu amigo Stefaniak, sujeito minucioso apesar dos seus oito ou dez graus de miopia, veio me dizer que a cena era impossível, que querosene não pega fogo desse jeito. A tortura imaginada pelo romancista era inverossímil. Consultamos um engenheiro que fazia revisão técnica na "Enciclopédia Globo" e ele confirmou a opinião de Stefaniak. Liguei então para Erico Veríssimo e ele ficou preocupado, tinha um cuidado enorme com detalhes desse tipo. Disse que depois me ligava. Horas depois me ligou: — Cardozo, sobre aquele negócio do querosene vais me fazer um favor. — Disse que fazia, claro. — Tira o querosene e bota azeite fervendo no rabo desse filho da mãe, Cardozo. — E me ditou a nova forma de matar o desgraçado. Pensando bem, Stefaniak e eu somos meio responsáveis por essa morte escabrosa.

S. - E as traduções que você fez de Borges: foram um "dever de ofício" ou surgiram espontaneamente, fruto de sua admiração pelo autor argentino?

F. - Cremilda Medina e eu insistimos bastante com José Otávio para contratar com a Emecé, de Buenos Aires, a edição de alguns livros de Borges em português. A Globo, que noutros tempos publicou a melhor literatura alemã, francesa, inglesa, americana, em traduções do mais alto nível, andava àquela altura descuidada em ampliar seu catálogo, voltando-se mais para o livro técnico e didático, num processo de mudança que todos já andavam lamentando. Conseguimos alguns livros. O primeiro foi **Ficciones**, que demos para o Nejar traduzir. **El Aleph** e **Historia Universal de la Infamia** sobraram pro meu lado. Uma tarefa particular, feita em casa. Gostei, pois me obrigou a uma leitura mais atenta da obra de Borges, que já admirava tanto.

O artista plástico Ruben Hermann, de Porto Alegre, prometendo visitar FJC, em Santo Antônio de Lisboa.



FJC entrando na Editora Globo em dia de aniversário. Desenho de Huberto Hasstenteufel.

S. - E o Flávio cronista como vai?

F. - Em recesso. Sou de fazer crônica por uns tempos, depois paro. A partir dum ponto, me vem a sensação de que o leitor está querendo me ver longe, prefiro então ir saindo de fininho. Quando volto, ele já nem se lembra mais do que fiz.

S. - Água do Pote, que reúne várias de suas crônicas publicadas em jornais de Florianópolis, está tendo boa saída.

F. - Alguns professores adotaram o livro como texto de leitura. A rapaziada tem lido e conversado comigo em aula sobre as crônicas. Não fiquei chateado com essa idéia, pode crer.

S. - Água do Pote foi publicado aqui mesmo, pela Editora da UFSC e a Lunardelli. Você, que é diretor da Ioesc e tem sido responsável pela qualidade de várias edições oficiais, principalmente as da Fundação Catarinense de Cultura, como está vendo as atividades editoriais em Santa Catarina?

F. - Numa fase de evidente progresso. As edições da UFSC estão ótimas, o Lunardelli mantém sua linha de apoio ao autor da terra, o Kleber, da Noa Noa, de vez em quando comparece com uma preciosidade. O catálogo da FCC é grande e muitas obras estão aguardando o momento de ir ao prelo. Acho que esse movimento reflete dois fatos apreciáveis: escreve-se bastante e tem aumentado o volume de consumo dos nossos textos.

S. - Com que intensidade tem acontecido esse aumento?

F. - Bem, não estamos diante duma multidão implorando livros catarinenses. Os que lêem qualquer livro no Brasil já são uma minoria minúscula, quanto mais os que lêem o autor de Santa Catarina. Mas cresceu o interesse pelo nosso trabalho, principalmente graças ao esforço de muitos professores nas escolas. Sempre achei que os professores são aliados naturais dos escritores na guerra da leitura.

S. - Como você vê a ficção catarinense contemporânea?

F. - Me orgulho muito dos escritores que temos. Acho que pelo menos uma dúzia deles pode circular honrosamente pelo país ou fora dele. O que talvez falte é um pouco mais de gana, de ambição, de raiva. Talvez fosse interessante um esforço maior no campo do romance. Às vezes penso que somos um pouco tímidos, não ousamos como podemos ousar. Sei lá...

S. - Você não acha que há uma tendência do pessoal para o isolamento?

F. - Acho que sim e está aí uma prática danada de ruim. Seria bom se as idéias se chocassem mais, se houvesse mais interesse mútuo pelos projetos em andamento. A chamada vida literária, frívola e fofoquenta, é uma perda de tempo e não é dela que falo. Falo é de debate, emulação generosa, cumplicidade. O trabalho literário, como qualquer outro, é muito de esforço pessoal, concentração e suores próprios, mas na base dele está todo um sedimento histórico e cultural, humano e afetivo. O companheirismo é um dado estimulante, ventila muito as cabeças.

S. - Bem, Flávio José Cardozo, estamos chegando ao fim da entrevista. Penso que o leitor teve a oportunidade de saber um pouco da sua origem, formação, ação e pensamento. Gostaria que a conversa se encerrasse com a seguinte questão: o que espera você da vida, como indivíduo, cidadão e escritor?

F. - Como indivíduo, paz na família e amigos. Com isso fico mais fortezinho para enfrentar o dragão. Como cidadão, ver o mundo realizar o fatalismo das mudanças com mais sabedoria política e ver o Brasil ser mais chão de seus filhos, com menos lei e mais cumprimento da lei, com mais trabalho para o pão e menos trabalho, quero dizer, sofrimento, para a preservação da dignidade de cada um e de todos. Como escritor, espero ser fiel a mim mesmo e escrever à toa o mínimo possível.

Zélica e Outros **saiu em 1978, edição da Francisco Alves, Rio de Janeiro. Capa de Luis Eduardo Resende.**

Entrevista com Harry Laus

Harry Laus será o próximo entrevistado da série Ficcionistas de Santa Catarina. Iniciada com Guido Wilmar Sassi, o segundo foi Flávio José Cardozo, de quem publicamos hoje a última parte. Ela terá prosseguimento com Miro Morais, Almiro Caldeira, Ricardo L. Hoffmann, Adolfo Boos Júnior, Enéas Athanásio, Amilcar Neves, Holdemar Menezes, Emanuel Medeiros Vieira, de modo que, ao se concluir, tenhamos uma visão abrangente da ficção que se pratica entre nós, de alguns de seus mais expressivos cultores, do modo como a sentem criadores de diferentes gerações e tendências, e qual a sua importância no panorama da prosa brasileira atual. A intenção é reunir as entrevistas, que estão sendo feitas por Silveira de Souza, e pelo colunista de **Livros,** num volume de feições paradidáticas. A que hoje se conclui é de SS e a que vai se iniciar domingo, dia 18, é do responsável pela coluna, SM.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

231 - MIGUEL, Salim. Livros – Harry Laus.... **O Estado,** Florianópolis, 25 dez. 1983

HARRY LAUS

II

"Preciso de silêncio e de solidão para escrever. Sou incapaz de escrever uma frase se tem alguém atrás da máquina, ou sentado perto, me olhando."

Nesta segunda parte da entrevista, Harry Laus começa explicando quais os motivos que o levaram, depois de um início tão promissor, a se afastar da ficção, como acabou crítico de artes plásticas, atuando em órgãos do porte de um "Correio da Manhã", um "Jornal do Brasil", uma "Veja", a enriquecedora e por vezes tumultuada convivência com artistas. E acrescenta: "por força das circunstâncias, fui me afastando do meio literário para o meio plástico". Mas não só do crítico de artes plásticas se fala aqui: Laus, mordido pelo vírus da ficção (contra o qual não há antídoto, tanto que mais adiante voltaria a ela), também fala am pouco do seu processo de criação literária, de suas manias — manias que compõem o universo peculiar de todo criador.

O acadêmico Josué Montello, tendo ao lado Austregésilo de Athayde, pres. de ABL, e Gustavo Barroso, entrega o prêmio Afonso Arinos, 1959, a HL.

Em Bis, da FCC-edições, Fpolis, 1982, HL reedita os contos de seus primeiros livros de ficção.

Primeira publicação em livro, 9 Histórias Reiúnas, Biblioteca do Exército Editora, 1956.

— Por que, depois de uma carreira começada tão auspiciosamente, houve uma parada de 20 anos?

— Desiludi-me um pouco da literatura quando me apaixonei pelo cinema. Num segundo de imagem e ação, tudo dito. Refiro-me ao Grande Cinema: Fellini, Bergman, Pasolini, Buñuel, Goddard, alguns outros. Na literatura, a masturbação ante 20 linhas de texto até que a forma corresponda à idéia. No Rio, um amigo me dizia: "Tu és um torturado da forma".

Depois, para reforçar esse pessimismo, apareceu-me o jornalismo e o contato com as artes plásticas. Isto foi em fins de 1961, quando substitui temporariamente o crítico Jayme Maurício no "Correio da Manhã". No contato obrigatório com os artistas, nas entrevistas que com eles fazia para publicação na coluna diária, percebi o que nunca me passara pela cabeça: o processo criativo de um pintor é o mesmo do de um escritor: a bolação, o esboço, a realização, o retoque. A diferença está em que a obra pictórica se entrega de um jato: olhou, viu o conjunto, julgou, concluiu.

Na obra literária, a entrega é lenta e caprichosa. Ninguém pode concluir nada antes de chegar à última linha, pois ali pode estar a chave de tudo. Eu não percebia que aí reside um de seus grandes valores. E, no entanto, o cinema também tem esse capricho, muitas vezes. Como em "Oito e Meio", de Fellini, ou "Blow-up", de Antonioni. Ou até mesmo a arte abstrata, que resiste entregar-se à primeira visão: é preciso conviver com ela para percebê-la em todas as suas intenções. Claro que também me refiro à Grande Arte Abstrata, aqui no Brasil representada por Tomie Ohtake e Iberê Camargo.

Por essa época de desilusão com a literatura, Ionesco veio dar-me forças quando escreveu que "enquanto a pintura faz a aprendizagem da audácia, a literatura se estiola". E acabei dividindo minha paixão entre o cinema e as artes plásticas.

Também, por força das circunstâncias, fui-me afastando do meio literário para o meio plástico. Deixei os "salões" da literatura (a casa de Aníbal Machado, por exemplo) e comecei a freqüentar os estúdios dos artistas, esse mundo mágico de cores e formas que eu já conhecia da convivência com S. Castello Branco. Mas agora eu não era um mero espectador: eu ia aos ateliers para trabalhar, transformar em palavras aquilo que eu via. Meu Deus, quanto tempo levei para descobrir que sem a palavra nada é possível! Tudo é concebido em forma de palavra, seja cinema, cor ou som. O movimento nasce da palavra; a forma dada a uma cor nasce de um sentimento que é expresso por palavras; mesmo o som — apesar do exoterismo da simbologia musical — pretende exprimir alguma coisa que só a palavra traduz. E eu, indo aos estúdio, não era para tentar levar ao público, em palavras, a "tradução" daquilo que o artista queria dizer?

Mesmo assim, o estigma literário não me abandonou de todo. Quando fui "expulso" do Jornal do Brasil, em 1967 — por motivos políticos — iniciei um romance, "O Batalhão Sagrado", até hoje inconcluso. Depois tentei o teatro, escrevendo duas peças em um ato, "Roupa-Corpo-Roupa" (1968) e "O Acidente" (1976).

Por que o teatro? Talvez porque ele seja dinâmico, musical, colorido, isto é, uma espécie de síntese das artes — segundo a moderna concepção de teatro — e isto ia de encontro a meus pensamentos de então. Minhas peças, se não obedecerem às marcações de som e a luxuosa variação da montagem, se perdem, uma vez que o conteúdo não é muito rico. São, no fundo, o símbolo de minha frustração como diretor de cinema.

Mas acredito que esse período de "repouso" — embora muito longo — tenha tido seus lados positivos, por toda a experiência que acumulei e que espero ter tempo e coragem para transformar em literatura. A dúvida do artista entre a cor e a pincelada em tal espaço é a mesma do escritor com a palavra certa no lugar exato da frase.

Talvez não fosse preciso tanto tempo para chegar a essa conclusão aparentemente banal, mas não posso desprezar uma experiência tão rica e tão pouco comum.

— De que maneira, nesse período, o ficcionista virou crítico de arte?

— Como já disse, eu tinha que "traduzir" para meus leitores aquilo que o artista plástico tencionava expor em sua obra, principalmente quando se tratava de abstração — em alta voga na década de 60. E essa tradução significava explicação e a explicação ia levando à crítica.

Por outro lado, eu estava habituado a análise da obra literária. Sempre li, anotando. Tenho vários volumes de uma espécie de "diário crítico", ou melhor, de anotações de leitura. Analisei Dostoiévski, Gide, Kafka, Hess, Unamuno, Ibsen, Kierkegaard, tantos outros. Como num aprendizado, já que minha formação literária é autodidata e nada cartesiana.

Comecei tentando arriscar meus palpites com os próprios artistas. Muitas vezes eles concordavam comigo, mudavam a coisa feita e me agradeciam. "Assim realmente ficou melhor". Eu tinha sobre a maioria deles a vantagem da formação intelectual e também uma disciplina herdada da vida militar.

O artista plástico brasileiro, em geral, descuida muito de sua cultura geral. Poucos são aqueles — como Rodrigo de Haro — com quem você pode sustentar uma discussão literária; ou sobre música, cinema, arquitetura. São presos demais a seu mundo de formas e cores e muitos deles, infelizmente, esquecem até de "conferir" o que seus pares estão fazendo por aí e ficam certos de estarem descobrindo a pólvora já queimada em milhares de cartuchos.

É evidente, também, que para bem cumprir minha função de colunista diário de um jornal do porto do "Jornal do Brasil" eu precisava estar bem informado. Lia tudo o que me chegava às mãos (apresentações de críticos nacionais e estrangeiros, por exemplo) e comprava livros especializados (Herbert Read, Jean Cassou, Leonelo Venturi, Mário Pedrosa, etc.) para descobrir os ângulos de apreciação de uma obra de arte, bem como a linguagem específica que tão logo abandonei por julgar hermética demais.

Mais uma vez, fui autodidata. Assim fui conseguindo o respeito de meus leitores, dos artistas e — o que é mais difícil — dos próprios críticos de arte. Que me convidaram a fazer parte da Associação Brasileira de Críticos de Arte e, posteriormente, da Associação Internacional de Críticos de Arte.

— Qual o processo de criação literária?

— Não tem permanecido o mesmo ao longo de minha carreira literária. Pelo menos em termos de execução material, isto é, o procedimento físico da coisa. Quanto ao imaginar a história, depois vesti-la e fazer a maquilagem, acho que nada tem mudado.

Explico melhor: no início, eu escrevia um conto a lápis, com a borracha na mão, escrevia, raspava, corrigia na hora; depois passei a escrever a tinta, num grosso caderno, riscando e emendando por cima — do que resultava uma tal confusão que só eu poderia passar a limpo. Com a prática do jornalismo e a exigência de se fazer tudo à máquina — mais a pressa em terminar a matéria para enviá-la às oficinas — passei a escrever diretamente na máquina, relendo e corrigindo à tinta, por cima. A vantagem da máquina é a limpeza do trabalho para uma revisão.

A partir de "De-Como-Ser", só escrevo assim. Mas sem pressa. Penso uma frase inteira antes de escrevê-la e há casos em que não existe um borrão numa página inteira. Sento, levanto, fumo desesperadamente, bebo nã sei quantos copos de água (nada de álcool quando escrevo), ando por toda a casa, rio e choro com meus personagens. Quem me visse no momento da criação, me julgaria mais louco do que normalmente me consideram.

Por isso, preciso de silêncio e de solidão para escrever. Sou incapaz de escrever uma frase se tem alguém atrás da máquina, ou sentado perto, me olhando. Também não tolero música porque ela me distrai, principalmente quando tem palavras, pois quero saber o que o cantor está dizendo.

Para meu próximo livro adotei novo sistema que me parece excelente: primeiro, esrevi um resumo da história, com os pontos principais a desenvolver; depois, desenvolvi na medida que me pareceu justo; por último (ou quase último), escondi os textos de mim mesmo e viajei. Agora, três meses longe deles, tenho a certeza de que verei melhor seus defeitos.

O poeta Mário Faustino me deu um conselho que acho muito válido e que, de certa forma, o sigo. "Escreve tudo o que te vier à cabeça. Depois, corta, acrescenta, emenda, altera a ordem dos fatos, como um homem de cinema". Entendi melhor isto quando vi "Ano Passado em Marienbad". Do copião, sai a essência que será o filme acabado.

Mas há também o imprevisto, o controle que sobre nós exercem os personagens, a ponto de fazerem mudar o rumo da história, às vezes por uma simples frase que botamos em sua boca. Assim, o processo gera novo processo que pode gerar um terceiro, e assim por diante.

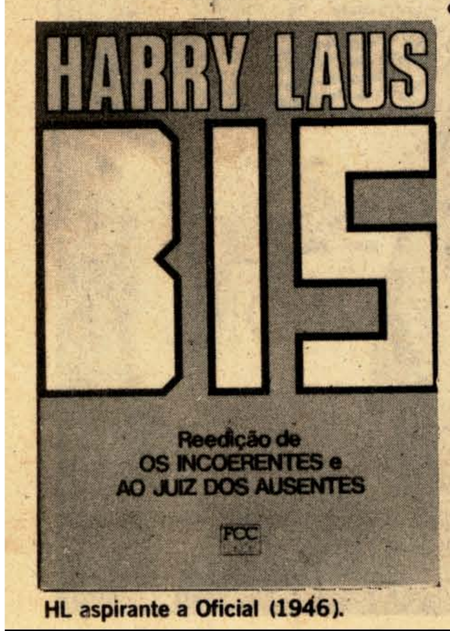
Embora nunca tenha discutido isto com Jorge Amado, tenho quase a certeza de que ele se apaixonou por Dona Flor e não teve coragem de fazê-la trair o marido: o segundo marido não é senão o fantasma do primeiro. Outras vezes, no último momento, o autor dá uma virada no livro que só faz frustrar o leitor. É o caso de Guimarães Rosa em "Grande Sertão — Veredas". O romance inteiro insinua uma ligação homossexual entre dois cangaceiros. No final, para bem do Itamaraty, a que o grande escritor pertencia, Diadorim é mulher.

Se algum escritor novo estiver lendo esta entrevista a Salim Miguel, procure seguir esta linha de trabalho: escreva tudo (como disse Mário Faustino), esconda de você mesmo um tempo (um mês, por exemplo), depois releia. Se achar muito ruim, não rasgue, esconda de novo, a coisa ainda está muito perto de você. Quando você a ler como se fosse de outra pessoa, sua auto-crítica funcionará a contento.

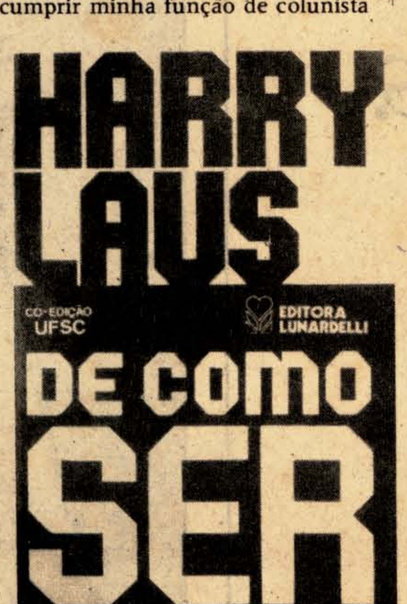
Não se esqueça de que cada fruto tem seu tempo de amadurecimento. É bem melhor isto do que o arrependimento do livro publicado, estes livros que a gente abomina, de que se chega a ter vergonha de haver publicado.

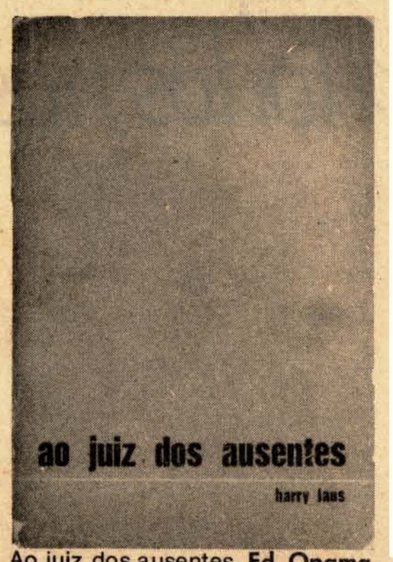
Nada de pressa e muito trabalho, fé e esperança — sem caridade. (Continua)

Salim Miguel



HL aspirante a Oficial (1946).





Ao juiz dos ausentes, Ed. Opama, RJ, 1961, é o 2.º livro de contos de HL.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

GUIDO WILMAR SASSI:

"Escrever é sina, é fadário. De repente, a raiva de escrever atacou-me de novo"

I

Guido Wilmar Sassi: Um verdadeiro escritor parte do regional para atingir o universal.

Piá, Edições SUL, Fpolis 1953, primeiro livro de Guido.

Depois de vinte anos sem nada publicar, a custo concordando com a reedição de alguns livros, Guido Wilmar Sassi volta às livrarias: Lindamar (título ainda em discussão, pode ser alterado), seu novo romance, já está em composição, devendo sair até fins do próximo mês, pela Editora da UFSC. Finalista do Concurso Cruz e Sousa, o livro foi recomendado para publicação pela Comissão Julgadora, composta por Antônio Houaiss, Guilhermino César, Hélio Pólvora, Nereu Corrêa, Otto Lara Resenda.

E se durante tão longo período calou-se (náusea, desilusão, enfaramento) uma das vozes mais fortes e originais da prosa brasileira dos últimos tempos, agora Guido retorna com força total. E anuncia que está trabalhando em vários livros (romances, contos, novelas) ao mesmo tempo, enquanto projetos pululam, atropelando-se e atropelando-o. "Será que terei tempo para todos eles" — se indaga.

Mas antes de Lindamar (título não definitivo, podendo vir a ser Verde mar azul ou O calendário da eternidade), o leitor vai ter oportunidade de entrar em contato com Guido, pois enquanto conclui o romance ele escreveu um conto, O naufrágio do Black Ship, para a antologia monográfica Este mar catarina, a sair ainda este mês também pela Editora da UFSC. É a história, de fundo autobiográfico, de um rapaz do interior que só conhece o mar através de leituras e que, então, inventa seu mar próprio e nele navega.

Em Lindamar (vamos continuar a chamá-lo assim provisoriamente), Guido se mantém fiel à sua maneira tão peculiar de narrar, por um lado; por outro, aborda um tema até então inédito na literatura brasileira, o trabalho dos mergulhadores das plataformas da Petrobrás.

Sem dúvida o mais importante ficcionista de Santa Catarina, e um dos mais expressivos do Brasil entre os autores surgidos na década de 50, Guido, que chega à faixa dos sessenta anos, faz, nesta longa entrevista, um balanço de sua vida e de sua obra, que por igual serve como um retrato de sua geração, de seu meio, de sua época, do País. Ela é resultado de muita insistência, de longos papos, de cartas, de telefonemas. Até que as resistências foram vencidas, as amarras se soltaram — e Guido se soltou. Com a franqueza rude e a sinceridade que o caracteriza, com aquele riso solto que o caracteriza, irreverente e cáustico, ele é o que se costuma chamar de "um homem sem papas na língua". Classe necessária mas quase em extinção.

Vicvendo há muito no Rio de Janeiro, por mais que afirme não se interessar por sua terra, "vou deserdá-la", como costuma dizer numa expressão singular que o marca e marca também sua maneira de ser e reagir, Guido é, no fundo, um sentimental, preocupando-se com tudo e com todos. Ainda agora, durante as enchentes, lá estava ele, entre palavrões e inquietação, a convocar conhecidos e amigos para que ajudassem a socorrer o Estado.

Além de participação em antologias e coletâneas, no Brasil e no exterior, a obra de Guido Wilmar Sassi se compõe, até hoje, dos seguintes títulos: Piá, contos, Edições Sul, 1953; Amigo velho, contos (Prêmio Arthur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro), Edições Sul, 1957, 2.ª edição, Editora Movimento, 1981; Vinte histórias curtas (em colaboração), Ed. Antunes, 1960; Testemunha do tempo, ficção científica, Ed. GRD, 1964; São Miguel, romance, (prêmio para romance inédito, Boa Leitura/Melhoramentos), Ed. Boa Leitura, 1962, 2.ª edição, Ed. Antares, 1979; Geração do deserto, Ed. Civilização Brasileira, 1964, 2.ª edição, Ed. Movimento, 1981; A bomba atômica de Deus, novela (em colaboração no volume As cidades e as ruas), Ed. Lidador, s/d. Do romance Geração do deserto foi extraído o filme Guerra dos pelados.

A longa entrevista de Guido vai ser publicadas em capítulos, como os antigos folhetins; não só problemas de espaço, mas da mesma forma que nos antigos folhetins, na expectativa do que virá no próximo capítulo. Não percam. Aguardem. E vamos a ela.

Você que é escritor. Por quê escreve?

E agora, meu prezado Salim Miguel, "a esta altura do campeonato", você me pergunta por quê escrevo. Respondo: PORQUE SOU ESCRITOR. Aliás, para falar a verdade, não considero isso uma virtude. Escrever é sina, é fadário. Principalmente em um País onde todo o mundo quer ser escritor, mas ninguem lê coisa nenhuma... nem mesmo letreiro de filme nacional ou de telenovela.

Você gostava muito de um provérbio árabe, aquele que...

... aquele que diz mais ou menos o seguinte: "Todo homem, digno desse nome, deve gerar um filho, plantar uma árvore e escrever um livro." Pois não gosto mais! E é preciso, com urgência, reformular esse provérbio, dar-lhe esta redação, por exemplo: "Todo homem, digno desse nome, deve **gerar menos** filhos, **cortar menos** árvores e não escrever absolutamente nada. Mas deve ler! Ao menos um livro em sua vida. Revoguem-se as disposições em contrário."

Você falava de sua carreira de escritor, e dizia...

... dizia que diploma nenhum (e nós dois, autodidatas que somos, sabemos disso) concede a alguém o direito de **cometer** literatura. O estudo — especialmente um curso regular — facilita as coisas. É claro. Mas, assim como acontece com o jogador de futebol — que antes do nascimento dá seus chutinhos no ventre materno —, o escritor já nasce feito, já nasce escritor. O treino, o preparo físico, o convívio com a bola (e saber tratá-la bem: bola de futebol não é tijolo) são essenciais para o futebolista. Isso também é óbvio. Porém, nos dois casos, para ficarmos apenas no campo da literatura e do futebol (sem trocadilho), o meio termo praticamente inexiste: ou se é craque ou cabeça-de-bagre. Alguns conhecidos nossos muito se esforçam para se tornarem escritores (e ficcionistas, quase sempre), mas jamais alcançarão o objetivo. Fazem muita força, é verdade, arranjam uma simpática hérnia literária (ou a propriamente dita), às vezes conseguem uma distensão muscular, fundem a cuca, etc., etc., mas chegar a escritor, não mesmo. Nerusca de petibiribas! Sempre é bom lembrar o velho ditado: "Quem é bom já nasce feito."

Cite alguém desse time, do Esforçados Futebol Clube.

Alguns nomes? Vá lá: Fulano, Beltrano e Sicrano. Não, meu caro, não vou dar nome aos bois (sem qualquer ofensa aos ruminantes da família dos bovídeos, do gênero **Bos** Linnaeus). Vamos deixar que a **rapaziada** fique na doce ilusão de que realmente são escritores. Ilusão, afinal de contas, é barato — uma das raríssimas coisas a não ser atingida por enchentes, secas, inflação, desindexação, correção monetária e intervenções governamentais.

Você esteve em silêncio durante quase vinte anos. Por quê razão voltou a escrever?

Pelo mesmo motivo por quê deixei de escrever durante esse longo tempo. Raiva. Ira. Irapuru ou puraíra, como queiram. O artista, neste País (nos outros não sei, pois desconheço as condições) manifesta-se **contra**, pois não há maneira de manifestar-se **pró**. O ficcionista cria, ou deixa de criar, em sinal de protesto. Se os gritos são considerados sinal de protesto, o silêncio também o é. Eu preferi calar-me, **protestando sempre.** Eu mesmo coloquei a mordaça em minha boca: foi meu jeito de gritar contra. Raiva! Impotência! E então, de repente, a **raiva de escrever** atacou-me de novo. Por isso recomecei a escrever, e também porque, em 1980, subitamente, **adoeci** de um romance. E tive que contá-lo, quisesse ou não. O resultado aí está: o livro sair, em outubro, pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

E a razão dessa guinada em sua temática, antes dirigida, mais especificamente, para assuntos regionais?

Antes de mais nada, quero deixar bem explicado que o meu regionalismo não existe. Ainda mais que o termo andou tomando ultimamente uma certa conotação pejorativa. Mas não é esse exatamente o meu caso. Você bem sabe: um verdadeiro escritor parte do regional para atingir o universal, e é assim que venho tentando proceder. A propósito, já disseram que o **meu regionalismo** é mais de conteúdo do que de forma. Você também sabe que sempre achei detestáveis e completamente estéreis as discussões a respeito de conteúdo e forma. O essencial, o importante, é **fazer a coisa** (sem qualquer sentido pornográfico). E o melhor possível. O resto não passa de firula. E firula, meu amigo, só uma pessoa podia fazer impunemente: o falecido Mané Garrincha. Assim, ou a gente chuta logo em gol ou deixa de frescura. Bem... quem gostar de refrigeração, **assume**. E pronto! Pra mim, conteúdo e forma que se **pitem**! O verbo é outro, evidentemente, porém de todo impublicável. Mas tornaremos a falar sobre a guinada em minha temática, qualquer dia destes.

Continua..

REGISTRO

Roteiro, de Doc Comparato, Ed. Nórdica, RJ. Contestado ou não, um novo mercado de trabalho se abre para o escritor: a televisão. Alguns autores, como Aguinaldo Silva, se monstram entusiasmados com as possibilidades oferecidas.

Outros, como Doc Comparato, mal se iniciavam nas letras e logo procuraram se expressar através da famosa "máquina de fazer doidos", como dizia o Stanislau Ponte Preta. Agora, calcado em sua experiência, Doc Comparato dá, neste livro, uma receita da "arte e técnica de escrever para cinema e televisão." O trabalho resultou de um curso de roteiros no Centro de Artes de Laranjeiras. E como o auxílio de uma amiga, Regina Braga, que colaborou e deu redação final às aulas, **Roteiro** já se encontra nas livrarias — e vendendo bem. Livro sob muitos aspectos pioneiro no país, ele explica o que é um roteiro e como se faz um roteiro, as diferencas entre roteiro para cinema e tv, como escolher um tema, como preparar um trabalho original ou adaptar outro. Agora, mãos à obra.

Para conhecer o pensamento de Freud, de Edgar Pesch, LePM—Editores, RS. Primeiro volume de uma nova coleção que pretende, em linguagem acessível, divulgar o pensamento de homens que marcaram o mundo de ontem e hoje. Depois de **Freud** já estão programados **Hegel, Lenin, Maquiavel**. A primeira parte do livro é um painel sobre a teoria do pai da psicanálise e na segunda Pesch oferece uma antologia de textos de Freud sobre os principais conceitos de sua teoria.

Pequeno dicionário burguês proletário, de Oswaldo Soares, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Mostrando como no contexto em que é utilizada uma mesma palavra pode ter diferentes significados, deixando de ser semântica para se ideológica, este livro compila conceitos de analistas políticos e procura esclarecer as diferenças de caráter ideológico na definição de palavras-chave.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

GUIDO WILMAR SASSI:

"Devemos andar depressa, antes que o porvir se torne obsoleto"

III

Dono de uma grande inquietação intelectual, Guido abordou temas os mais variados: foi do chamado conto regional à ficção psicológica, escreveu contos policiais e foi um dos pioneiros no Brasil da ficção científica. Agora, neste romance que a Editora da UFSC vai lançar no próximo mês, ele aborda um tema inédito na literatura brasileira — e talvez não só nela: o trabalho dos mergulhadores nas plataformas da Petrobrás. Livro que possibilita várias leituras, nele estão presentes os diferentes Guidos de que se compõe a personalidade de um escritor que trabalha o texto com paixão e garra. Mas nesta terceira parte da entrevista ele fala de sua experiência na ficção científica. E da ficção científica, que muitas vezes o deixa de ser para se tornar tragicamente real num mundo, ele sim, muitas vezes surreal.

Guido Wilmar Sassi, um dos pioneiros da ficção científica no Brasil com **Testemunha do tempo.**

Você é também autor de ficção científica. Qual o saldo de sua experiência no gênero?

Meus contos de ficção científica, reunidos na coletânea **Testemunha do tempo,** foram publicados, em 1964, pela G.R.D., Rio. O saldo se constitui de uma alegria, uma decepção e uma constatação.

Qual o motivo da alegria?

Gumercindo Rocha Dórea (donde a sigla da editora: G.R.D.) pagou-me **religiosa e integralmente** os direitos autorais relativos à edição. Foi a única vez que isso aconteceu com um livro meu. Fato raro, também, para a grande maioria dos escritores nacionais. Foi com os 10% de **Testemunha do tempo** que, muitas vezes, paguei o colégio dos meninos. Espero que o meu querido Gumercindo leia esta entrevista; foi ele o editor mais correto e decente que encontrei. Tínhamos — e temos — sérias divergências políticas. Mas isso é outro capítulo... e de outro livro.

E a decepção?

Pois bem: a decepção, agora. Eu pensava ter "inventado" o **hovercraft,** e "usei" um veículo com esse meio de propulsão em uma das minhas histórias. Um veículo anfíbio, que desenvolvesse grandes velocidades, movimentando-se em cima de almofadas ou bolsões de ar, deslocando-se mais ou menos a meio metro da superfície: água ou terra.

Assim, imagine você o quanto eu fiquei chateado, quando vi um aerobarco atravessando tranqüilamente a Baía da Guanabara. Era um parente pobre do aparelho de minha criação, mas naquele momento fiquei sabendo que o meio de propulsão que eu tão laboriosamente imaginara — com as mesmas almofadas ou bolsas de ar — não passava de velharia. Aliás, quando se escreve sobre invenções futuras, devemos andar muito depressa, antes que o porvir se torne obsoleto.

Chegamos à constatação. Qual é?

Foi muito desagradável constatar que 1984 tinha chegado depressa demais. Refiro-me, é claro, não ao ano vindouro, mas ao romance com esse título, **1984,** do inglês George Orwell, publicado em 1949, se não me engano. O pior da constatação foi descobrir que nem o livro nem o filme tratavam de ficção científica, porém, da mais triste realidade. Bom repórter (e bom ficcionista), Orwell não fez literatura de antecipação, limitando-se a relatar (e muito bem, com **engenho e arte!**) o cotidiano em que vivia. Os **Big Brothers** já proliferavam no tempo de George Orwell, e reescrever a História, contando os fatos de acordo com as conveniências e interesses, é procedimento rotineiro, desde que o pitecantropo se tornou ereto.

Lembro-me perfeitamente do livro e do filme, estrelado por Edmond O'Brien, que na ocasião era magro. Havia no filme uma espécie de televisor, perante o qual as pessoas se apresentavam obrigatoriamente, quando chegavam em casa. Que me diz a respeito?

E a famigerada telinha? — pergunta-me você. Ora, ela também se tornou ultrapassada, eis que existem, hoje em dia, múltiplos e sofisticados métodos de espionagem, que não mais permitem, ao ser humano, o mínimo resquício de privacidade. Cito, a propósito, um texto do jornal **O Globo** (Rio, 28.07.83), em que se noticia o fato de centenas de mulheres mexicanas terem sido esterelizadas em clínicas particulares ou estatais, sem que essas mulheres (nem seus homens, nem seus parentes, nem ninguém) tivessem dado consentimento para isso. Aliás, as mexicanas nem sequer tinham conhecimento do que estavam fazendo com elas.

Você está esquecendo o principal e o mais sórdido: o suplício dos ratos.

Ah, o suplício dos ratos! Estou chegando lá. Os policiais do futuro, do romance **1984,** desnudaram o íntimo do **des-herói** de Orwell e, ao descobrirem seu grande temor aos ratos, colocaram-no em uma jaula, os roedores nojentos passeando-lhe pelo corpo. A cena me apavorou quando a vi, anos atrás, no cinema. Tive muita pena do ator Edmond O'Brien, pois ali não havia truque possível, Pois hoje, os **dâmitrionis** tupiniquins, usando ratazanas, inventaram tortura pior. Diante de métodos tão requintados de judiar do próximo, a gaiola dos ratos de George Orwell até parece brincadeira de criança. É óbvio que não vou descrever o processo, pois não sou um torturador e O ESTADO não é, absolutamente, um jornal sensacionalista. Além disso, de cenas de granguinhol (assim mesmo, amigo linotipista!) já está repleto o dia-a-dia. Pelo menos o nosso — o atual.

Continua

Registro

Filosofia da educação brasileira, coordenação de Durmeval Trigueiro Mendes, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Quatro educadores, cada qual com uma visão particular do problema, buscam aqui dar uma contribuição na busca de uma educação inserida na realidade brasileira. São eles: Demerval Saviani, professor da PUC/SP e da Unicamp, que estuda "As correntes e tendências, da educação brasileira"; Alfredo Bosi, professor da USP, faz a análise e o diagnóstico da "Cultura brasileira"; José Silvério Baia Horta, da PUC/RJ, se dedicou a examinar o problema do "Planejamento educacional"; e Dumerval Trigueiro Mendes, além de coordenar o grupo de professores, se incumbiu do tema "Existe uma filosofia da educação brasileira?". Livro de muito interesse para professores, alunos e estudiosos em geral.

***

Adultério, de Ester Kosovski, Ed. Codecri, RJ. Engajada na luta pela descriminalização do adultério, a autora diz que seu livro propõe "basicamente a mudança de uma situação atual baseada numa legislação que data de 1940 — e que está, conseqüentemente, defasada em relação à nossa realidade atual". Além de situar o problema, examina-o na família, na religião, nas ciências, na literatura, na música popular brasileira. E conclui com uma pesquisa de opinião ampla.

***

Teorias da mais-valia, de Karl Marx, trad. de Reginaldo Sant'Anna, Difel, SP. Estudo das teorias econômicas em seu desenvolvimento dentro do processo histórico. Segundo dos três volumes que compõem o texto integral incluindo um suplemento que trata de matérias relacionadas com a reconstituição do texto do manuscrito.

***

Permacultura um, de Bill Mollison e David Holmgren, Ed. Groud, dist. Global, SP. Vista como forma de unificar a sociedade em torno de suas necessidades para a sobrevivência gerando um verdadeiro espírito de cooperação, a Permacultura, suas idéias e princípios tem sido largamente aceitos na Austrália, em setores públicos e privados. Mas, dizem os autores, a experiência é válida para outras regiões.

Inscrições ao Prêmio Nestlé até 08/10

Até dia 08 de outubro estão abertas as inscrições ao Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, 1984, nas categorias Poesia, Conto, Romance. Os prêmios para cada categoria são de Cr$ 2 milhões, 1.º; Cr$ 1 milhão, 2.º; Cr$ 500 mil, 3.º. Os originais devem ser inéditos, com um mínimo de 64 páginas datilografadas em papel ofício, espaço dois, remetidas em seis vias para Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, 1984, Rua da Proclamação, 545, Bonsucesso — 21040 — Rio de Janeiro. Em envelope fechado, junto com os originais, título da obra, pseudônimo, nome completo, breve currículo e endereço, com indicação, na parte externa, do título da obra e pseudônimo do autor. Três comissões julgadoras, uma para cada categoria, constituídas de cinco membros cada, escolhidos entre especialistas em literatura, julgarão os trabalhos. A promotora do concurso terá prioridade para publicação dos originais premiados, que deverão ser lançados até agosto de 1984, com interdição dos autores de reeditá-las antes de janeiro de 1986.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

GUIDO WILMAR SASSI:

"A mulher é a grande personagem do livro"

II

Se na primeira parte da entrevista Guido Wilmar Sassi mandou algumas brazinhas, nesta segunda ele se refere diretamente ao romance que está para sair pela Editora da UFSC. Fala de seu processo de criação, dos blocos do livro, das personagens, homens e mulheres que transitam por aquele universo e adquirem força própria, explica como e porque aparentemente as mulheres são menos realizadas, esbatidas, dizendo que não é bem assim e que foi a proposta de articulação do livro que a isto conduziu. Vamos a ela.

No Rio, durante a inauguração da exposição de Ernesto Meyer, Jair Hamms, Marcos Konder Reis, Salim Miguel, Guido Wilmar Sassi, quando pela primeira vez se falou da possibilidade de edição do romance pela Editora da UFSC.

Fale de "Lindamar. Ou "Verde mar azul". Ou "O calendário da eternidade". Espero que ao terminar a publicação da entrevista tenhamos definido o título.

Conforme você mesmo verificou, o livro oferece várias leituras. Pode ser lido como se fosse um romance policial, pois contém capítulos pertinentes à investigação e descoberta de um crime. É, também, um romance de aventuras, considerando-se que o trabalho dos mergulhadores está repleto de aventuras e perigos. E há, ainda, diversas histórias dentro da história. Cada personagem constitui, praticamente, um romance à parte. Embora ligados ao todo, e tendo suas vidas entrelaçadas pelo fio condutor, muitas figuras dele poderiam ser separados da linha mestra do livro.

Explique melhor; quer dizer que blocos independentes se interligam para dar unidade?

Dou um exemplo: os quatro capítulos que compõem a cena da escuridão, de onde, aliás, tirei o título do livro, (tirei?), e que, por si sós, poderiam constituir um romance em separado. Outros romances: a obsessão de Monfort por Claudine e a luxúria do italiano Vitório Cerri e suas muitas conquistas amorosas. Independentes são, também, o drama conjugal de Bento Ribeiro e Leila, o misticismo de Altair Varela, o ciúme doentio de Hercílio Andrade e, afinal, os sonhos de Santamaria, que pode ser considerado um inventor de mulheres.

São Miguel, *em 2.ª edição (procura-se, insistentemente, uma exemplar da 1.ª, pois o do entrevistador foi emprestado e nunca devolvida).*

Alguns personagens secundários também fornecem leituras separadas, e o próprio Bing Crosby Antunes (Bingo), que, juntamente com seu irmão gêmeo, Frank Sinatra, foi a princípio criado apenas para dar uma nota cômica ao livro, cresceu no decorrer do romance, tornou-se personagem de importância, e sua atuação (passiva ou ativa) pode ser considerada como outro atalho de leitura.

E como se explica o papel aparentemente secundário das figuras femininas?

Após a leitura você fez pessoalmente um reparo acerca do tratamento que dispensei às mulheres do romance, dizendo que suas figuras pareciam imprecisas, ou mal descritas; em suma: corpos de contornos esbatidos, de espíritos esfumados. Acontece que as mulheres que se apresentam no romance muito raramente o fazem em pessoa, mas, em geral, evocadas pelos homens do romance, e consideradas sob o ponto de vista masculino.

A própria Lindamar, a principal mulher da história, somente aparece por intermédio das recordações e dos pensamentos oníricos do homem que em torno de sua imagem construiu a sua vida: o aloprado e sonhador José Abelardo de Santamaria.

A moça da praia também aparece apenas através da imaginação de Altair Varela, que se põe a fantasiar um rosto para uma fotografia velha e desbotada. Porém Valdinete Maia e Leila, amante e esposa, respectivamente, de Hercílio Andrade e Bento Ribeiro, têm vidas próprias, independentes da evocação dos homens; eis porque se apresentam com força maior e com maiores intensidade e plenitude.

É o próprio italiano Vitório Cerri quem leva para a plataforma petrolífera todas as suas mulheres. Por falar em plataformas petrolíferas, você reparou que todas elas têm nome de mulher? Pois é. No meu livro, pelo menos. Nomes de mulher começados por "i": Irene, Iracema, Ione, etc.

No caso da francesa Claudine, já de novo se comprova a força de sua figura, e a feminilidade de todo o seu ser, pois, embora ela compareça quase sempre de maneira evocativa, por intermédio de Monforto, ela muitas vezes age com a mais completa independência.

Atualmente, a presença de mulheres — geólogas, o maior número — começa a ser admitida nas plataformas petrolíferas, o que não acontecia quando escrevi o livro (1980-1982). Por esse motivo, todas as mulheres têm suas vidas criadas através de reminiscências e recordações. O método evocativo se estende também aos personagens secundários. Calazans, João Carlos e Wilkinson, para citar apenas alguns, reconstróem as mulheres de suas vidas. O mesmo acontece com o americano Denver, que traz para junto de si as suas duas esposas legítimas por intermédio das cartas que lhes escreve.

— É então o autor dando lugar à memória dos personagens masculinos para recuperar os femininos

Minha interferência na condição de autor se torna bem evidente nesses casos, levando-se em conta o quanto considerei importantes os sentidos dos personagens. Todos os sons empregados, as citações musicais ou onomatopéias de ruídos têm a função de aguçar a memória deste ou daquele tipo de romance. O mesmo acontece com as cores (notadamente o azul e o verde, e em especial o vermelho, quando Hercílio Andrade pensa na amante que talvez o esteja traindo); acontece com os cheiros (perfumes, odores e emanações de coisas fedorentas); acontece com os tecidos, pois as recordações de Bento Ribeiro se processam mediante os pedaços de pano que ele se põe a alisar mentalmente; e até mesmo com os gostos e sabores: doce, amargo, azedo ou salgado, caramelo, chocolate, pistache e hortelã, bile ou quássia, quando surge em cena Bing Crosby Antunes (Bingo).

Assim, pois, as mulheres são trazidas para um ambiente exclusivamente masculino por intermédio da memória. Talvez por isso, em certas ocasiões, pareçam enevoadas, esfumaçadas, porque são vistas e descritas pelos olhos da memória. Memória tátil, memória dos ouvidos, memória visual, memória gustativa. Sem desprezar, contudo, a memória que vem da lembrança de momentos felizes, da alegria e da saudade.

Desse modo, pela evocação, os homens convivem com as mulheres de suas vidas, sejam elas noivas ou esposas, amantes ou namoradas, mães ou filhas. Além do mar, do medo, do sonho, da interrogação e da esperança, é a mulher a grande personagem do livro. A grande ausente, presente sempre, no dizer de um dos mergulhadores do romance. A mulher que todos trazem dentro de si... seja na cabeça, nos lábios, no coração ou no sexo.

A propósito, ainda, do método evocativo, cito o exemplo de Hercílio Andrade (calcado em Otelo, de Shakespeare, que, auxiliado pelo Autor, reconstrói primeiro o rosto do amante e, em seguida, a mulher inteira, a partir de obturações em dois dentes, e de uma radiografia da cabeça de Valdinete Maia, achada por acaso.

Continua...

Registro

A noite cobria o rio caminhando, romance, de Paulo Jacob, Ed. Nórdica, RJ. O autor prossegue em sua saga amazônica, criando um universo ficcional todo peculiar, calcado numa realidade ao mesmo tempo fascinante e assustadora. Neste volume temos a tão conhecida mas sempre patética história de uma família de caboclos obrigada a sair de seu chão para a cidade, em busca de sobrevivência — a que custo.

* * *

Acusado de homicídio, romance, e José Louzeiro, Ed. Record, RJ. Reedição de um livro onde os elementos que comporiam a ficção futura do autor já se encontram presentes. Aqui é a história de um repórter que para se equilibrar escreve não o que deseja, mas o que é obrigado pelas circunstâncias. Em torno dele, uma galeria de tipos gravitam, ajudando-o a procurar se compreender e compreender o mundo.

* * *

Crônicas 3, Obras de Raul Pompéia, vol. VIII, organização de Afrânio Coutinho, Ed. Civilização Brasileira/Olac, RJ. Pela primeira vez temos uma visão completa do que nos deixou o autor de O Ateneu. Neste levantamento minucioso buscou-se recuperar a obra de um escritor dos mais importantes de nossa literatura — e que era conhecido como autor de um livro (O Ateneu) e eventualmente das Canções sem metro.

* * *

Menotti Del Picchia, O Gedeão do modernismo — 1920/22, introdução, seleção e organização de Yoshie Sakiyama Barreirinhas, Ed. Civilização Brasileira, co-edição Secretaria de Estado da Cultura/SP, RJ. Contribuição para o estudo do modernismo brasileiro, através das crônicas que o Autor, com seu nome ou com os pseudônimos de Hélios e Aristófanes, ia publicando na imprensa paulista.

* * *

A casa das bruxas, contos, de H. P. Lovecraft, trad. de Donaldson M. Garschagem, Ed. Francisco Alves, RJ. Depois de Um sussurro nas trevas, já publicado pela mesma editora nesta coleção Mestres do Horror e da Fantasia, este é livro de um autor que, no dizer de Fausto Cunha, "transpõe as fronteiras do horror, do macabro, do sobrenatural, para se constituir numa verdadeira mitologia, com seus deuses antigos como os tempos, quando o homem ainda não existia na face da Terra".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

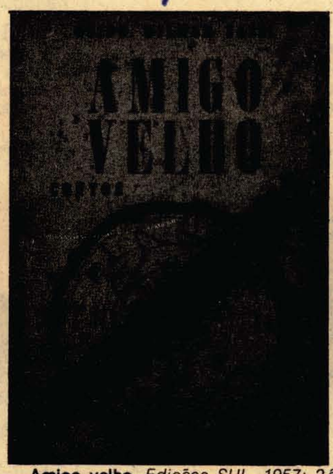
235 - MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: "Assunto independe...". **O Estado,** Florianópolis, 21 set. 1983

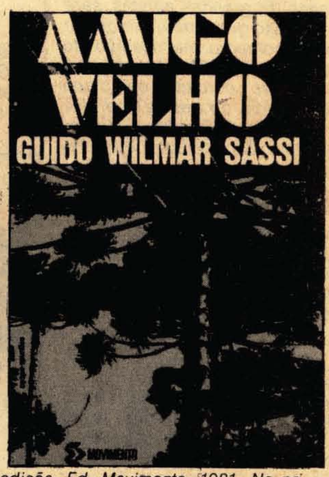
ENTREVISTA

GUIDO WILMAR SASSI:

"Assunto independe completamente da minha vontade. Eu posso apenas aproveitá-lo ou rejeitá-lo"

Neste setembro de 1983, Guido Wilmar Sassi, nascido em Campos Novos e criado em Lages, SC, completa 61 anos. E tantos são seus projetos de livros (contos, romances, novelas, poemas, teatro) que ele mesmo diz: ainda que vivesse outros 61 anos não teria tempo para executar todos os projetos, mesmo que nenhum novo surgisse. Mas o processo de criação literária, parece-me (e agora falo eu, não o Guido), foge muitas vezes ao controle do criador, da mesma forma que um personagem não desejado surge e se impõe à trama. Assim, de repente não mais que de repente, como diria o poetinha, um tema chega e também se impõe. Todos os demais, mesmo se em elaboração, mesmo se já esboçados, recuam para um segundo plano. Assim, quem sabe se amanhã Guido não nos surpreenderá com um livro inteiramente fora de todos aqueles que nos anuncia. Enquanto isto, aguardemos Lindamar (ou Verde mar azul; ou O calendário da eternidade) **e o prosseguimento da entrevista. Fala, Guido!**





Amigo velho, *Edições SUL, 1957; 2.ª edição, Ed. Movimento, 1981. Na primeira edição, Guido anunciava "Em preparo":* **Gente**, *contos;* **Puberdade**, *novela;* **Vestido de formatura**, *novela;* **São Miguel**, *romance;* **Balsa**, *romance. Destes só veio à luz* **São Miguel**. *E os outros?*

Está escrevendo alguma coisa, no momento?

Sim. Dois romances, três contos e uma noveleta.

Poderia falar a respeito dos temas?

Não. Os romances e os contos ainda constituem segredo. Mas posso falar sobre a noveleta. E uma história ainda sem título, que deverá ficar entre 15 a 20 páginas, tendo por cenário o Leste de Londres, onde se situava a **zona** propriamente dita... do meretrício. E a Londres dos fins do século passado quando, sob o reinado da Rainha Vitória, "o sol jamais se punha no Império Britânico". Os personagens principais são um diplomata brasileiro, Sir Conan Doyle (o criador de Sherlock Holmes), um ator shakespereano, e Jack o Estripador, um dos maiores enigmas policiais de todos os tempos, pois sua verdadeira identidade permanece desconhecida, quase um século depois dos assassinatos que o Estripador de Whitechapel cometeu.

Pelo visto, você tem muitos livros em preparo, e sobre os mais variados temas. Já lhe faltou assunto, alguma vez?

Assunto é o que menos falta. Sempre tive assuntos para as minhas histórias. Até de sobra. Eles **vêm de graça**, e sua vinda independe completamente da minha vontade. Eu posso apenas é aproveitá-los ou rejeitá-los. Fiz recentemente um levantamento dos meus planos ou projetos literários. Eles compreendem, de fato, os mais variados temas. Eis alguns deles: o citado Jack o Estripador; vampirismo, incluindo-se as "bruxas" do Folclore catarinense; os garimpos do Rio Madeira; os pescadores do litoral de Santa Catarina; o mar, em geral (**sobre e sob**); as favelas e morros do Rio de Janeiro; o conflito entre gerações, a **genration gap**, como dizem os americanos; os bicheiros, as gangues do jogo-do-bicho e as guerras dos traficantes de tóxicos; brincadeiras de crianças (piões, pandoreas, bolinhas de gude); histórias policiais e de ficção científica; a Coluna Prestes e os pilotos da Fórmula-1. Ah, sim... e contos de fadas, também... tratamento moderno, é claro.

Um ligeiro balanço dos meus **planos** acusou, atualmente, 10 romances, 15 noveletas, 300 histórias curtas e cinco peças de teatro. Mesmo se eu vivesse mais 61 anos (vou fazer 61, em setembro), e trabalhasse oito horas por dia, inclusive aos sábados, domingos e feriados, não conseguiria escrever sequer um décimo do que tenho planejado. E os assuntos continuam chegando, diariamente, eu queira ou não. Sou capaz de escrever até mesmo sobre a falta de assunto. Portanto, dador de assuntos, um aviso: não aceito sugestões nem encomendas! Eu disse **dador** mesmo: é bom português e está no **Aurélio**.

E os assuntos têm hora certa para se apresentarem?

Coisa nenhuma! Ainda agora, enquanto estou respondendo suas perguntas, me veio a idéia para um romance. O encontro, ou melhor, o desencontro de quatro gerações de uma família por intermédio da música e da dança. Primeira geração — os bem velhos: valsas, polcas, mazurcas; segunda geração — os velhos: tango argentino e boleros; terceira geração — os novos: **jazz** e samba; quarta geração — a atualidade: **rock**, Elvis Presley, John Lennon, roqueiros e sambão-**punk**.

Quer dizer que...

Não quer dizer nada: Vamos ficar por aqui, por hoje, senão acabo transformando suas perguntas em outros temas de ficção. Ah, sim... anote aí mais um filão que pretendo explorar: esportes, especialmente o futebol.

Não vamos parar não: os heterônimos, a diversidade de temática, de estilo, e de enfoque.

Acontece comigo o mesmo que acontecia com Fernando Pessoa e seus três heterônimos. Por isso a diversidade de temas, a variação de enfoque, a enxurrada de assuntos e, até mesmo, certas mudanças no estilo.

Não vejo nada de anormal nisso, eis que, de modo realístico ou ficcional, tenho uma série bem variada de vivências. Os meus **fantasmas** (obrigado, Dostoiewski; obrigado, Salim Miguel) literários situam-se no passado, no presente e no futuro. Preciso liberá-los, meu caro Dostoiewski; por isso, escrevo.

Yo no creo en brujeria, pero... Talvez a parapsicologia explique o fato, mas, na verdade, não me interessam as explicações. A constatação, sim; a constatação é importante. Pois o certo é que constatei a existência de seis escritores, de temática e estilos diferentes, convivendo comigo. Assim, somando-se estes à minha pessoa, temos sete escritores. Que beleza! Que inflação de escritores, em um país onde quase ninguém lê! Talvez eu possa dizer o mesmo que Mário de Andrade em um dos seus poemas, quando afirmava: **Eu sou trezentos,/ sou trezentos e cinqüenta...**

Isso dizia Mário de Andrade, anos atrás. Hoje, levando-se em conta a inflação, juros, correção monetária, F.M.I., desvalorização diária do cruzeiro, e outras calamidades, reais ou inventadas pelo Governo, talvez eu deva dizer:

"Sou 3.500, sou 35.000..." — ou, quem sabe, até mais do que isso.

Cada escritor tem suas manias, seus tiques, seu processo próprio. Explique suas condições de trabalho.

O silêncio é a coisa mais triste que pode existir. O silêncio e a solidão. Não posso — e não sei — escrever quando estou só, e quando tudo está quieto. Antigamente, eu escrevia com os filhos sentados no colo, ou brincando e choramingando ao redor, numa algazarra infernal. Depois, os filhos cresceram. Senti falta do barulho deles... e talvez esteja aí um dos motivos por que deixei de escrever durante quase 20 anos. Agora, com a chegada dos netos, animei-me outra vez, porque eles quebram a minha máquina de escrever elétrica, berram e choram junto ao gravador cassete, rasgam os meus papéis, os meus livros e anotações. Uma apoteose apocalíptica.

Mas eu gosto mesmo de escrever é ouvindo música — ou barulho, tanto faz. Ligo o toca-fitas e cubro a mesa de cassetes. Qualquer gênero serve, o que interessa é o **som**. Árias de óperas, operetas e tangos; **blues**, sambas e boleros. Ravel, **rock** e valsas vienenses. Canções napolitanas, Vinícius de Moraes e Olivia Newton-John. **Heavy-metal, jazz** e sonatas. Debussy e os **Beatles**. Offenbach, Chopin, John Lennon e Caymmi. Maria Bethânia e Elvis Presley. Chuck Berry e Pixinguinha. Tudo se combinando em desencontro, a desordem muito bem organizada, o caos mais harmônico do mundo. Isto sem contar o barulhão lá de fora, da rua, os gritos, as buzinas, as sirenas, os apitos. Bem como eu gosto! O ambiente ideal de trabalho. Só não ouve barulho quem é surdo, quem mora no deserto ou quem está morto. Ainda não me aconteceu nenhuma dessas três coisas.

Continua...

Registro

Em nome do desejo, romance, de João Silvério Trevisan, Ed. Codecri, RJ. Anos depois, já na faixa dos 40, um homem volta ao seminário onde passou sua adolescência; e no decorrer de uma noite reconstitui, através de flash-backs, tudo o que ali viveu. A estrutura do livro é montada pelos diálogos entre o personagem e sua consciência: as recordações jorram e volta a paixão incontrolável que consumia aqueles jovens, que lutavam por se encontrar e afirmar.

***

Jane Eyre, romance, de Charlotte Bronte, trad. de Marcos Santarrita, col. Clássicos Francisco Alves, RJ. História de uma jovem órfã pobre e nada bonita e sua luta em busca de afirmação, numa época e num país onde o sentimento de classe é mais forte. Livro tão importante quanto o de sua irmã Emily, **O morro dos ventos uivantes**, este merece ser lido (ou relido), na boa tradução do Santarrita.

***

Fitzcarraldo, de Werner Herzog, trad. de Erica Schultz, LePM - editores, RS. Diretor de cinema dos mais polêmicos e criadores aqui Herzog está em seu elemento, na reconstituição de um personagem que procurou construir um teatro de ópera em plena selva e inaugurá-lo com a presença do tenor Enrico Caruso. As dificuldades para a realização do filme não foram menores do que a construção do teatro.

***

Para gostar de ler — volume 8, Ed. Ática, SP. Agora, nesta série paradidática chegou a vez do conto, depois de sete volumes dedicados à crônica. E a seleção não podia ser melhor: Graciliano Ramos, Ignácio de Loyola Brandão, José J. Veiga, Lima Barreto, Luiz Vilela, Marcos Rey, Stanislau Ponte Preta.

O que é jazz, de Roberto Muggiati, Ed. Brasiliense, SP. Uma indicação ao Jazz, por um jornalista tarimbado, amante do jazz e que é também músico. Ele diz: "Há 45 anos me divido entre a música e a palavra". Ele situa o jazz, fala de seus anos áureos, da crise dos anos 60, 70, dá indicações para ler e ouvir. Da coleção Primeiros Passos.

***

Vinho — Do Brasil e do mundo — para conhecer e beber, de José Osvaldo Albano do Amarante, Summus Ed., SP. De repente não só se passou a consumir mais vinho no Brasil, como se passou a produzir vinhos bebíveis — em especial os brancos. Com isto o interesse dos consumidores e dos estudiosos cresceu. E agora temos mais um livro onde, em três partes se estuda o vinho, como produzí-lo e melhor bebê-lo.

***

Introdução à psicologia escolar, de Maria Helena Souza Patto (org.), T.A. Queiroz, Editor, SP. Em 2.ª reimpressão um livro lançado em 1981. Isto mostra a sua aceitação por parte dos estudiosos, que aqui encontram um trabalho crítico voltado para as nossas realidades e as nossas deficiências. Debate a necessidade de reformar a atual escola, como e porque fazê-lo.

***

Lições de sociologia — a moral, o direito e o estado, de Emile Durkheim, trad. de J.B. Damasco Penna. T.A. Queiroz, Editor/Editora da Universidade de São Paulo, SP. Um clássico do grande sociólogo, ponto de partida de várias posições durkheimianas. Indicado para cursos de Ciências Sociais e de Filosofia.

***

Isto não se aprende na escola, de Laura Maria Schneider Duarte; **A Bíblia e a luta pela terra**, de Marcelo de Barros Souza, Ed. Vozes, RJ. O primeiro livro conta a história das Comunidades Eclesiais de Base de Vitória, ES, mostrando o perfil da igreja local e se estendendo sobre a descrição da caminhada do povo que se agrupa nessas pequenas comunidades; no segundo, a Comissão Pastoral da Terra de Goiânia mostra como se deu a luta pela terra da Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento. O Autor é monge beneditino.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

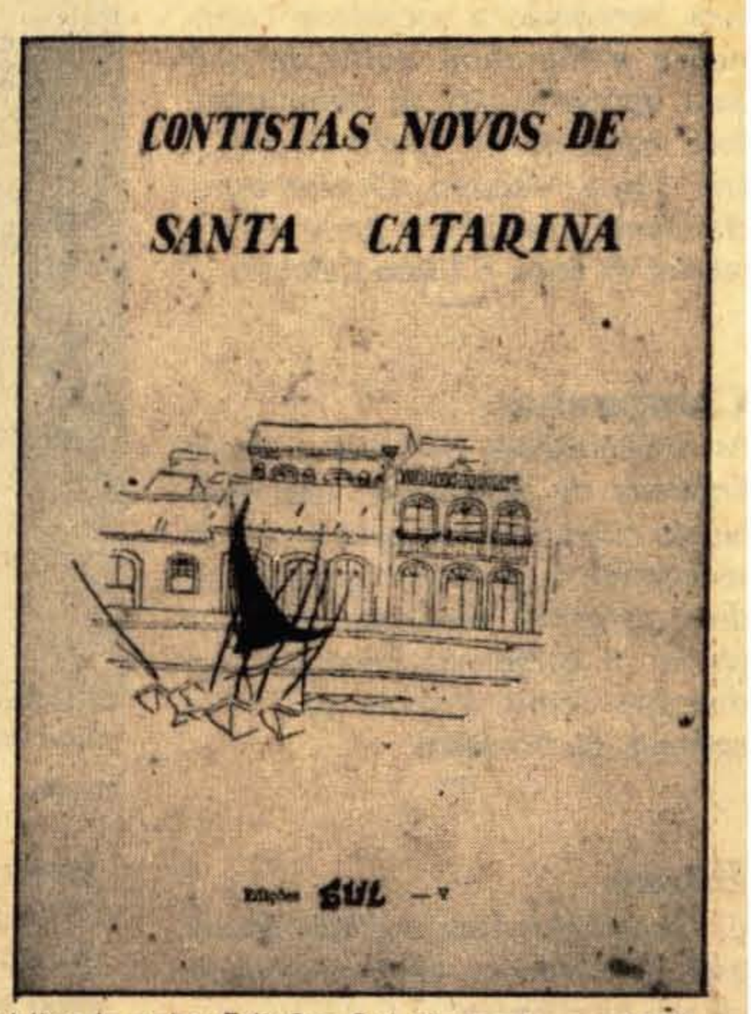
236

GUIDO WILMAR SASSI:

"Corto, emendo, modifico, reescrevo e saio à procura da palavra exata".

VI

Guido fala aqui — e esperem que vem mais — de um tema que certamente irá interessar todos os ficcionistas: seu processo de criação literária, a luta com o assunto, o estilo, a palavra. E se por um lado ele diz que escreve sobre o que bem deseja, por outro acaba reconhecendo que, de repente, uma personagem não prevista surge, exige participação na trama, quer seu lugar na vida, adquire importância insuspeitada, "bagunça o coreto da gente", diz Guido. Mas este é apenas um aspecto da questão. Outros existem. Por exemplo, o processo de construção, a estrutura interna do conto ou do romance. Esclarece Guido que no processo de construção dele há uma aproximação com o cinema. Mas — perguntamos nós — quem hoje em dia, direta ou indiretamente, não se deixa influenciar pelo cinema? Por isso, esta parte da entrevista é cheia de sugestões, de informações, de dados, de colocações, que dizem de perto não só ao criador mas ao crítico e ao estudioso do fenômeno da criação literária. E ajudam a iluminar aspectos da obra de Guido Wilmar Sassi. Vamos a ela. Não sem antes lembrar que continuamos discutindo o título do romance que vai sair pela Editora da UFSC: será mesmo Lindamar? **Ou** Verde mar azul? **Ou** O calendário da eternidade?



Em **Contistas novos de Santa Catarina**, *publicado pelas Edições Sul, de Fpolis, em 1954 Guido comparecia com o conto "Cerração", ilustrado por Nereu Goss; o mesmo conto reaparecia no volume* **Pinheirais e marinhas** *(Paraná e Santa Catarina), publicado pela Editora Cultrix, SP, em 1959, com ilustração de Guilherme Valpeteris. Valpeteris.*

Tem algum método especial de escrever, assuntos escolhidos, horários, coisas assim?

Há um ponto de grande importância: escrevo sobre o que bem desejo. E desejo escrever somente contos, novelas (novelas de literatura, e não radionovelas ou telenovelas), romances e peças de teatro. Não desejo escrever prefácios (nem para ganhar urânio em pó), cartas, notas e comentários sobre livros, crítica, artigos, crônicas, ensaios, nem argumentos ou adaptações para cinema ou televisão. E existe, ainda, um ponto muito importante: escrevo **onde, quando e como** quero. Ah, sim, o ponto mais importante de todos: escrevo se quero.

Então não há nenhuma preferência quanto a métodos, horários, etc.?

Tenho vários métodos de escrever, mas acabo não usando nenhum, ou uma incrível misturada de todos eles. Imponho-me horários rigorosos de trabalho... justamente para proporcionar-me o prazer de burlá-los.

Como lhe surge a idéia para uma obra de ficção? Vai sendo construída aos poucos, mentalmente, vem de uma jato, ou só surge com algum estímulo interior ou exterior?

Tenho uma idéia central do conto ou do romance: o cerébro e a coluna dorsal. Depois, vou colocando os membros, acessórios e adereços. Mas, na verdade, não sigo nenhuma linha mestra, e no grande sertão que constitue o universo do romance costumo descobrir veredas jamais suspeitadas.

Tomo anotações, inclusive gravadas em fita cassete, e preencho fichas e mais fichas. Nessas fichas, verdadeiro cadastro dos personagens, constam nome (alcunha, se tiver), estado civil, parentesco e filiação, profissão, cor, sinais característicos, preferências musicais, literárias e outras, opinião política, religião, manias, cacoetes, etc., etc. Alguma coisa me foi ensinada por Emílio Zola, autor de **Germinal** e de **Naná**, o batalhador do **Caso Dreyfus:** ler muito, aprender muito sobre o assunto a respeito do qual pretendo escrever. Um método um tanto naturalista, concordo. Contudo, em matéria de imaginação, garanto que sou muito mais para Balzac do que pra Zola.

Mas deve existir um modus operandi — vá lá o "palavrão". Explique um pouco do seu processo criativo.

Ainda voltando ao método, escrevo como outros fazem filmes. Não é que eu escreva para cinema, pois ~~isso seria coisa diferente.~~ Mas, de qualquer forma, o cinema é quase centenário e forçosamente influenciaria muitos escritores. John dos Passos é o exemplo mais a mão.

Mas eu falo de método, de estilo, e não de influência. Pois tenho mesmo um jeito cinematográfico de escrever. No cinema, as tomadas (**takes**) são levadas para a sala de montagem, onde se procede a uma espécie de triagem, escolhendo-se as melhores cenas, recusando-se outras e refilmando-se algumas.

Muitas vezes é na moviola que o espetáculo cinematográfico nasce; é na sala de montagem que a obra realmente se realiza. Aliás, eu sei muito bem que você é diplomado no assunto, mas falo também para o leitor menos versado nos macetes da cinematografia. Pois bem: não são raros os diretores que acompanham de perto e até orientam a montagem de suas produções.

De certa forma, é assim também que procedo com os meus trabalhos de fição. Às tomadas eu denomino trechos, fichas, soltos, prontos, e não dispenso nem mesmo o uso da claquete (vamos dicionarizar o vocábulo, mestre Aurélio), pois anoto em cada trecho as indicações "cortar para", "ligar com", "fundir com", "reescrever", "antepor a", além de outras dicas, assim: "Aqui, João encontra Maria"; "Maria se apaixona"; "João e Maria — a cena do beijo"; etc., etc.

Parece complicado, mas não é tanto. No começo, apenas Deus e eu entendemos essas anotações; passados uns dias, só mesmo Deus, pois eu não entendo mais nada.

Escrevo o início de um capítulo, o final de outro, as frases que constituirão o começo ou o fim do romance, capítulos esparsos, frases soltas, pedaços de diálogos. Muitas vezes, tenho duas, três e até maior número de versões de um determinado episódio. Cabe-me, então, o trabalho de selecionar a melhor. A propósito, e retornando à semelhança do meu sistema de trabalho com a cinematografia, cumpre-me declarar que Charles Chaplin (o Carlitos) chegava ao cúmulo de examinar cada fotograma dos seus filmes, um por um...

Não chego a esses excessos, mas o fato é que eu corto, emendo, modifico, reescrevo e saio à procura da palavra exata, até o livro ficar pronto para o trabalho de datilografia. Mesmo nessa fase ainda faço emendas ou modificações. E os restos (as aparas, como eu os denomino) são guardados para problemático, porém não impossível aproveitamento futuro. E então, como acontece no cinema, quando aparece o letreiro **THE END**, ao terminar o filme, eu escrevo a palavra **FIM** na última página do conto ou do romance.

E daí?

Daí, quando parecia ter chegado mesmo o **FIM**, aparece um personagem novo, que nem cadastrado estava, e bagunça o coreto da gente, fica dono da festa, faz os convites e solta os foguetes... e ganha tamanha importância que o jeito único é reescrever tudo de novo outra vez.

Continua...

Registro

Diário de Cecília de Assis Brasil (período 1916-1928), introdução, seleção e notas de Carlos Reverbel, LePM-editores, RS. Não temos aqui apenas as impressões de uma jovem que registra o seu dia-a-dia, mas através dela o retrato de uma época, fixado com sensibilidade. Para Carlos Reverbel, "O **Diário de Cecília,** embora escrito sem veleidades literárias, envolve e apaixona".

* * *

Memória e Sociedade (lembranças de velhos), de Ecléa Bosi, T. A. Queiroz, Editor, SP. Reimpressão de um livro importante, que recupera, de um ângulo novo, o passado. Bem recebido pela crítica, Flávio Rangel destacou ser o trabalho "um admirável estudo sobre a memória", enquanto Drummond diz: "o livro me toca por muitas razões, a principal delas é que o tema envolve uma carga enorme de poesia".

* * *

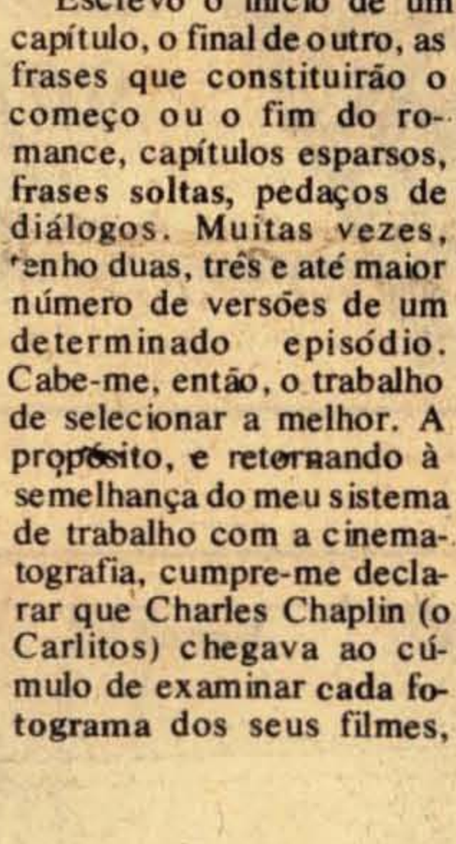
A lei dos varões, de Maurice Druon, trad. de Nair Lacerda, Difel, SP. Mais um volume (4.º) da série "Os reis malditos", reconstituição histórica da França e sua sociedade na época da regência e reinado de Felipe, "O Longo". Para a elaboração deste volume, o Autor contou com a colaboração de outros escritores, como Georges Kessel, Edmonde Charles-Roux, Christiane Gremillon e Pierre de Lacretelle.

* * *

O último número, de Leonard Gross, trad. de Maria Tereza Nabholz, Ed. Record, RJ. Os assassinatos de R. Kennedy e Luther King, a queda de Johnson e a ascensão de Nixon, entre outros, são acontecimentos que transitam neste **best-seller** que narra a história da luta de uma revista de atualidades para sobreviver. O Autor é jornalista e trabalhou durante anos na revista **Lock.**

* * *

O colecionador, de John Fowles, trad. de Fernando de Castro Ferro, Ed. Record, RJ. A história de um colecionador de borboletas e fotógrafo que arma um plano para capturar a estudante de arte Miranda, cria um clima de tensão permanente. Recebido com louvor pela crítica, resultou num filme também de sucesso. Do mesmo autor de **A mulher do tenente francês.** Em 3.ª edição.



Contistas com livros novos

Três importantes ficcionistas brasileiros vão aparecer com livros novos ainda este ano, pela Editora Record: João Antônio reuniu quatro contos num livro intitulado **Meninão do caixote,** que terá ilustrações de Poty; Dalton Trevisan, em **Meu querido assassino,** volta ao seu universo curitibanense; e Elias José, em **Passageiros em trânsito,** se dirige mais especialmente ao jovem leitor.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

“Sexo é bom e salutar...até mosquito gosta”

GUIDO WILMAR SASSI:

VII

Nesta sétima parte da entrevista, Guido fala ainda de sua temática, de que maneira escolhe os assuntos; e diz, com muita propriedade, que tema novo não existe, o que existe é maneira nova de enfocar o tema. Aqui, contudo, mais do que esta parte, o que interessa é a referência que Guido faz a cada um de seus livros publicados até hoje. Em cada um deles, a marca de um autêntico escritor, com uma visão peculiar do mundo e do homem. Enquanto não chega Lindamar **(ou** Verde mar azul; **ou** O calendário da eternidade), **que está para sair pela Editora da UFSC, seria bom reler Guido. Mas vamos ao papo. E tem mais.**

Conte mais alguma coisa a respeito de sua temática, sobre a escolha dos assuntos; preocupa-se com a originalidade?

Sinto-me atraído pelos temas inéditos ou pouco explorados. Mas isso, é claro, não me leva a rejeitar os velhos temas. Cabe a interrogação: o que é novo e o que é velho? A **Bíblia** já colocou a “pá de cal” na questão, com o seu famoso versículo: “Nada existe de novo sob o sol”. (Pere aí! Dê um tempo! Vou confirmar a citação). É isso mesmo. **Eclesiastes, I,** 9: “O que tem sido, isso é o que há de ser; e o que se tem feito, isso se tornará a fazer; nada há que seja novo debaixo do sol”.

Assim, a tentativa de qualquer originalidade torna-se fadada ao insucesso, desde o seu nascimento. De original mesmo, hoje em dia, nada mais se encontra. Nem mesmo o dito **pecado original,** que, afinal de contas, não é tão “original” assim... Somente restaram, nesse particular (refiro-me ao pecado), a **atuação** própria de cada um e as **variações sobre o tema.**

Em literatura, também a originalidade só pode aparecer por intermédio do estilo de cada escritor, na abordagem de ângulos diferentes, na descoberta de novos enfoques, na maneira de ser e de ver, de sentir e de contar.

Em suma, se me der na cabeça escrever sobre ninfetas ou trabalhadores das minas de carvão, pouco se me dá que Vladimir Nabokov e Emílio Zola tenham feito respectivamente **Lolita** e **Germinal.**

Sua estréia foi marcada por um livro original, Piá, edição da nossa velha e saudosa Sul.

Sim, meu primeiro livro de contos, **Piá**, teve sua dose de pioneirismo, pois se trata de 16 histórias sobre crianças e, por isso mesmo, **impróprias para menores.**

Eu quis retratar a alma e o corpo das crianças, bem assim o comportamento infantil ante a batalha da vida, em todas as classes sociais. A idéia não era propriamente nova, pois Enéas Ferraz, em seu livro Crianças Mortas, já fizera coisa parecida. Mas, se no livro de Enéas Ferraz todas as crianças morriam, muitas das minhas continuam vivas, o que talvez seja pior para elas. Você conhece a minha coletânea e deve ter visto o que eu pretendi fazer. Tudo é mostrado sob o ponto de vista de uma guerra — criança versus realidade social.

Parece-me inoportuna a citação de Enéas Ferraz, pois acho que ninguém o conhece. Jamais lhe reeditaram o livro. Também ninguém reeditou **Piá**, e lá se vão 30 anos desde o seu aparecimento. Por isso, acho que ninguém sabe quem eu sou. Ah, deixa pra lá!

E em “Amigo velho”, **também das Edições Sul, houve também um precursor do tipo Enéas Ferraz?**

Não. O nosso pinheiro (**Araucária angustifólia**) entrou na ficção pela minha pena, ou melhor, pelas teclas da minha máquina de escrever. Verdade que o hímen literário do pinheiro estava meio comprometido, mas os desvirginadores eram “escritores” que ainda chamavam a pobre árvore de “gigante da floresta” ou “taça vegetal erguida em holocausto aos céus”. Eu resolvi quebrar a taça. Quanto ao holocausto, ele não era propriamente **aos céus**, mas sim à ganância do **homem explorador do homem**, que, em sua imprevidência, não se lembra que, ao devastar as matas, está apenas plantando desertos.

Amigo velho é uma série de sete histórias onde o pinheiro desempenha os papéis simultâneos de herói e vilão. O pinheiro e o seu **habitat** sulino. E, evidentemente, o homem que vive sobre, dentro, sob e em torno dele — ou que vive por causa dele. O pinho-do-paraná é um companheiro inseparável do homem do Planalto, viajando em sua companhia do nascimento à morte: berço, alimento, cama, cadeira, mesa, casa, caixão, cruz. Os verbos podem ser transpostos do presente para o imperfeito do indicativo, pois, como estou frisando, trata-se de espécie vegetal que em breve deixará de existir.

Em “São Miguel” **você voltaria a tratar a árvore como personagem de ficção.**

Sim, em **São Miguel** eu voltei a tratar dos problemas do homem (e de sua companheira, evidentemente, a **Mulher**) ligado às questões madeireiras. Desta vez, os balseiros do oeste catarinense fizeram sua estréia como personagens literários, quando contei a respeito de suas vidas, de seus sonhos e ambições, de suas mágoas e alegrias, e de suas viagens repletas de aventuras e perigos, pelo rio Uruguai abaixo, com destino aos portos fluviais argentinos.

E “Geração do deserto”? **Trata-se também de trabalho pioneiro?**

Sim, embora estivesse assim de gente boa interessada no assunto. Falo de literatura de ficção, é claro, pois ensaios, relatos, reportagens e documentários havia de sobra. Quando falo em **gente boa,** é porque você era também um dos interessados em dar tratamento ficcional ao drama do Constatado. Você mesmo diz isso no muito excelente prefácio que fez para a segunda edição do meu romance. Contudo, por causa de sua às vezes excessiva modéstia, você deixou de dizer que justamente você me deu a idéia de aproveitar esse apaixonante episódio de nossa terra em termos ficcionais. Pois é... mas eu estou dizendo agora. “A César o que é de Cesar”, parece-me que esta citação está meio demodée.
Vamos reabilitá-la.

Em **Geração do deserto** eu também enveredaria por caminhos... Espere aí. **Por caminhos** dá cacófato. Deixe-me consertar a frase. Assim: eu também enveredaria na direção de caminhos ainda não palmilhados, trazendo para o romance, pela primeira vez, o **jagunço**, crente e adepto dos **monges** João Maria e José Maria. Pela primeira vez a Campanha do Contestado teria tratamento ficcional. E chegaria ao cinema, pois o meu livro foi até mesmo filmado, em 1971, por Silvio Back, com o título de **A Guerra dos Pelados.** Dizem que todo o mundo que participou das filmagens foi premiado. Todo o mundo, menos eu, pois nem sequer recebi o **tutu** a que se referia o contrato. E perdi o contrato.

Você se dedicou também à ficção científica. Não acha que a literatura de antecipação é subliteratura? Você se considera um escritor de ficção?

Brincando, hein? Uma pergunta de cada vez. Não, não me considero um escritor de ficção. Sou um escritor de verdade. Não existe subliteratura, nesse caso, e sim, apenas, subliteratos. Não há gênero menor; o que pulula são os escritores menores.

Em **Testemunha do Tempo** (um editor de Porto Alegre prometeu reeditar a coletânea, mas até hoje não o fez), que apareceria em 1964, eu apresento uma galeria de homens e mulheres de carne e osso, gente igual a gente e não robôs metálicos, tão ao gosto da **space-opera**, uma variante do gênero. A propósito, quando do lançamento do livro, um pretenso crítico literário perguntou-me que assunto mais me interessava, em minhas próximas incursões pelo Futuro. Respondi: a prostituição. Mas era, evidentemente, a prostituição enquanto problema social e moral, enquanto fenômeno sócio-econômico. O tal crítico trouxe-me então uma revistinha da moderna **literatura nórdica**... você sabe qual é: em fotos. E que ele confundira prostituição e sexo. Duas coisas absolutamente diferentes. Há venda de sexo, na prostituição, é claro. Porém, sexo não é coisa para ser vendida ou prostituída. Sou contra a prostituição. De qualquer espécie, de qualquer tipo, de qualquer gênero ou sexo... masculina, feminina ou neutra. A prostituição é ignominiosa, verdadeira **chaga social**, para usar o chavão. Contudo, sexo é bom e salutar... até mosquito gosta.

Continua...

Eis mais algumas antologias onde o contista Guido Wilmar Sassi está presente: **Imbondeiro gigante,** *Angola, 1963;* **Antologia do novo conto brasileiro,** *Ed. Júpiter, RJ, 1964;* **Panorama do conto catarinense,** *Ed. Movimento, RS, 1974;* **Assim escrevem os catarinenses,** *Ed. Alfa-Omega, SP, 1976.*

Prorrogado prazo para inscrições ao Prêmio Nestlé de Literatura-84

O prazo para inscrição de obras inéditas ao Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira — 1984 foi prorrogado em mais dois meses. A decisão foi tomada pela Nestlé em atenção à solicitação feita pelos escritores, através da União Brasileira de Escritores, manifestada pelo seu presidente, professor Fábio Lucas. O concurso literário é módulo integrante da 2.ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, que será realizada em São Paulo, no próximo ano, a qual contará também com exposição de livros de literatura brasileira e de um seminário de literatura.

O novo prazo foi dilatado para até dia 8 de dezembro próximo, devendo os interessados encaminhar os seus trabalhos, identificados por pseudônimo, para a Rua da Proclamação, 545, CEP 21.040, Bonsucesso, Rio de Janeiro. Conforme o regulamento, qualquer pessoa pode participar do concurso, desde que o faça com obra inédita da literatura brasileira, que seus textos sejam apresentados em português, em seis vias datilografadas de cada original, em apenas uma face do papel tamanho ofício, espaço dois entre as linhas, com qualquer número de linhas por página e, no mínimo, de 64 páginas por trabalho.

O Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira — 1984 distribuirá Cr$ 10,5 milhões em prêmios, da seguinte forma: Cr$ 2 milhões para o primeiro lugar, Cr$ 1 milhão para o segundo e Cr$ 500 mil para o terceiro colocado — valores que serão conferidos aos vencedores nas categorias romance, conto e poesia.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

238

GUIDO WILMAR SASSI:

"Campos Novos. Vou em busca da minha infância, que eu deixei sepultada nas suas ruas e nas suas casas, há mais de 50 anos".

VIII

Se aqui, nesta oitava parte da entrevista, Guido começa ainda falando de literatura, de influências, de similitudes, utilizando um humor que perpassa às vezes por sua prosa e que é constante em seu papo, de repente ele descamba e assume seu catarinensismo de forma total. Assim, a introdução, "temas é o que não faltam para quem deseja se dedicar à ficção em Santa Catarina", é em parte pretexto para logo a seguir ele declarar seu amor à terra, sua paixão por Santa Catarina, num transbordamento de "garotão" ao se encontrar com sua "menininha". E termina com uma afirmação categórica, embora a "remota possibilidade" que não esconde o desejo. Quer voltar a viver em Santa Catarina, naquela sua Campos Novos de que vamos conhecer um pedaço no conto O naufrágio do Black Ship, **que está saindo do prelo no volume** Este mar catarina, **edição da Editora da UFSC. Enquanto lemos o conto, onde reencontramos o piá que inventava seu mar particular, aguardemos** Lindamar (ou Verde mar azul; ou O calendário da eternidade), **que vai sair logo-logo pela Editora da UFSC.**

Na inauguração da exposição **Artepoema,** *de Hassis/Silveira de Souza, na UFSC, Guido Wilmar Sassi mostra os originais de seu romance (que agora sai pela Editora da UFSC) a Silveira de Souza, Salim Miguel, Flávio José Cardozo. Aqui, Guido já havia assinado o contrato de edição. O que persiste é a dúvida quanto ao título: vai se chamar* **Lindamar? Verde mar azul? O calendário da eternidade?**

Admite alguma semelhança de estilo entre a sua literatura e a de outros escritores? Já verificou alguma semelhança física entre você e outros autores?

Otto Maria Carpeaux tinha uma frase mais ou menos assim: "Cultura é aquilo que sobra quando alguém esqueceu tudo quanto lhe ensinaram". O estilo de cada um se resume no saldo de tudo quanto ele leu, releu, digeriu e incorporou. Assim como aparecem cravos e espinhas no rosto, quando comemos grande quantidade de castanhas, chocolate ou amendoim da mesma forma, em nosso estilo, de quando em quando afloram trechos alheios: são os pedaços de "chocolate literário" mal digerido. Esse negócio de influência e estilo dá margem a outra entrevista. Voltaremos ao assunto, brevemente.

Quanto à semelhança física, tenho a declarar que eu e Emílio Zola temos narizes iguais. Refiro-me a Emílio Zola, campeão do Caso Dreyfus (famoso erro judiciário que ele ajudou a reparar), escritor francês morto no início do século, em circunstâncias misteriosas. O veredicto foi suicídio, e ele não tinha motivo nenhum para suicidar-se. Germinal, história dos mineiros das minas de carvão, é a principal obra de Zola, um dos papas do naturalismo. Aprendi muito com ele. Acusavam-no de falta de imaginação, mas não é bem esse o caso. Aqui, o meu caso e o dele, é o nariz. Eu e Zola temos o mesmo tipo de nariz, pode-se ver isso comparando fotografias. Mas o plagiário foi ele, não eu. Você está dizendo que ele nasceu antes? E isso importa? Nasceu antes de mim e faleceu muito antes do meu nascimento. Mas, assim mesmo... copiou o meu apêndice nasal. De mentirinha... ao menos isso. Afinal de contas, os mais antigos nos devem alguma coisa: nós os imortalizamos, e não eles a nós.

Você sempre enfatiza a importância dos temas "catarinenses" e o fascínio que sente por eles. Poderia falar algo a respeito?

Por falar em Zola, e em seu livro mais famoso, Germinal, vejo-me obrigado a reportar-me a Criciúma, suas minas de carvão e seus mineiros. É assunto mais do que virgem. O mais que se fez, entre nós, foi um poema de Eglê Malheiros. Um poema que começa assim: "Criciúma e negra/tem silicose..." Se aí tivemos a presença da poesia, faltam o contista ou o romancista dos mineiros de Criciúma. Porém, como diria Kipling, isso é outra histporia, sahib.

O que menos falta, em Santa Catarina, são os bons temas literários. Caberia a pergunta: quando um tema é bom? O jeito é invocar de novo o velho Kipling, e outra vez ouvir a velha resposta: é outra história, outra, outra...

Embora seja um Estado pequeno, Santa Catarina representa um grande mundo, um mundo muito grande, imenso. Não sei se vou fazer a concordância com a santa padroeira ou com o participante da União. Ah, deixa pra lá! Santa Catarina é múltipla; é um país complexo, com as suas microrregiões tão diversas, tão variadas. E a colonização? Representantes de todas as partes do mundo. Açorianos, alemães, austríacos, sírio-libaneses, italianos, poloneses, ucranianos, e até os japoneses, chegados mais recentemente. E tudo isto, sem jamais esquecer o bandeirante fundador de cidades, o negro e o bugre. Ah, eu queria ter sete vidas, que nem o gato, e passá-las escrevendo sobre assuntos catarinas!

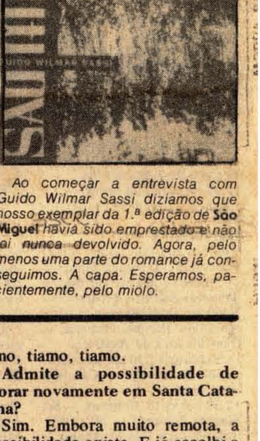
Antes de tudo, o mar, o litoral tão extenso, as praias tão lindas. As praias e as lendas. E o homem que ocupa essas plagas. O homem de ocupações tão diversificadas: pescadores, marinheiros, madeireiros, caminhoneiros, tropeiros, ervateiros, peões de estância, jagunços do Contestado. E os vinhateiros? Pois é: vinho catarinense. Quem haverá de dizer... pois tem até uma cidade com o nome de Videira.

Santa Catarina das geadas, das neves e do vento sul. Regiões tão diversas, incrivelmente coexistindo em um território tão pequeno. Oeste catarinense, fronteira com o Paraná, fronteira com o Rio Grande do Sul, a região outrora contestada, as revoluções, as serras, o planalto, e o litoral, com a sua gente de fala cantada, dizendo "tu" e não "você".

Ah, e a Ilha! A Ilha de Santa Catarina e suas bruxas, vampiros do folclore açoriano. E os velhos fortes e os sobrados. E as rendeiras, gente? as rendeiras, hein? E o boi-de-mamão, o terno de reis? A Ponte, a Ponte Velha, a velha Ponte de Hercílio Luz. E a Figueira — com inicial maiúscula, é claro. "De tão velha já se apóia em muletas", dizia Marques Rebelo.

Santa Catarina, cuja capital tem um nome atual tão feio... Melhor seria Nossa Senhora do Desterro, ou talvez Ondina, conforme desejava um dos nossos escritores, do passado...

E é. Em uma das entrevistas anteriores, você disse que eu pretendia "deserdar" Santa Catarina. Pois aquilo era de mentirinha, totalmente of record. Pois eu amo Santa Catarina. O Estado, naturalmente, e não a santa do Céu. Não quero meter-me em encrencas com o povo do Céu. Já bastam as trapalhadas terrenas. Mas, como eu ia dizendo, eu amo Santa Catarina. E quero dizer isto como faria um dos meus personagens, "garotão", ao encontra-se com a sua "menininha", como Rhet Butler, ao descobrir que estava gamado por Scarlet O'Hara. Santa Catarina, eu te amo! Te amo! Te amo, te amo, tiamo, tiamo.



Ao começar a entrevista com Guido Wilmar Sassi diziamos que nosso exemplar da 1.ª edição de **São Miguel** *havia sido emprestado e não foi nunca devolvido. Agora, pelo menos uma parte do romance já conseguimos. A capa. Esperamos, pacientemente, pelo miolo.*

Admite a possibilidade de morar novamente em Santa Catarina?

Sim. Embora muito remota, a possibilidade existe. E já escolhi a cidade onde vou morar. É Campos Novos. Vou em busca da minha infância, que eu deixei sepultada nas suas ruas e nas suas casas, há mais de cinquenta anos. Viu? Você abriu a guarda e eu comecei a fazer literatura. Vamos tratar de assuntos mais sérios na próxima conversa.

Continua...

Um livreiro

O livro e os amantes do livro, em Florianópolis, vão perder um amigo: Ayrton. Dito assim, fica meio vago.

Mas se acrescentarmos "da Catarinense", logo tudo se esclarece. Pois há anos que ele, Ayrton, é livreiro ali na Conselheiro Mafra. Livreiro na verdadeira acepção da palavra. Conhece livro. Basta chegar na livraria e perguntar por um título: ele sabe onde está, vai direto à estante, informa se já saiu ou está para sair, se esgotou ou está vendendo bem, sugere outro, opina. Ayrton vai para Curitiba. Mas, certo, não se desligará do livro, embora diga estar cansado. Este filme já vi e revi. Pois o livro é um visgo; e sempre repito que a respeito dele há uma palavra árabe que sintetiza tudo: Maktub (está escrito). Ninguém se desprende do livro. Tanto isto é verdade que o Ayrton se vai de Florianópolis, mas recuou do propósito inicial de abandonar a batalha. Lá continuará lutando pelo livro. E como também de Florianópolis ninguém se desliga, promete inscurções periódicas. Em todo o caso, como o Ayrton se vai, temos uma desculpa pra nos reunirmos. E nos reunimos. Amigos do livro e do Ayrton resolveram que ele merece um jantar de despedida (merece mais). E lá fomos todos pro restaurante homenageá-lo e a este objeto tão antigo e sempre tão novo e fascinante que é o livro.

LANÇAMENTO

Cícero Dias e seu longo processo de morrer, de Osvaldo Della Giustina, Ed. Almed, SP, é o lançamento da próxima semana:

quarta-feira, dia 5, às 20 horas, no hall da Casa da Cultura, R. Tenente Silveira. Promoção da Universidade Federal de Santa Catarina e da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo. Neste livro, o Autor, nome conhecido por sua atuação em outras áreas, mostra-se um ficcionista inventivo: o romance narra a trajetória de um processo que durante mais de 40 anos percorre os porões da burocracia nacional. E mais vivesse Cícero Dias (observe-se a simbologia implícita no sobrenome), mais dias o processo percorreria, sempre despachado para instância outras.

Registro

Neste seu décimo aniversário, a Global Editora, SP, amplia e diversifica seu programa editorial; e é seu editor José Carlos Venâncio quem diz: "Passados dez anos de luta em favor do livro e da cultura, nós achamos que valeu a pena, muito, tanto que continuamos agilizando todo nosso processo de produção com o intuito de torná-lo mais e mais completo". Várias coleções acabam de ser lançadas: Magias, ficção estrangeira, direção de Lêdo Ivo; Múltipla, ficção brasileira, de que acaba de aparecer Corações mordidos, de Edla van Steen; Melhores Poemas, dirigida por Edla van Steen. Desta já saíram os quatro primeiros títulos: Castro Alves, seleção de Lêdo Ivo; Mário Quintana, seleção de Fausto Cunha; Ferreira Gullar, seleção de Alfredo Bosi; Lêdo Ivo, seleção do Autor. São poetas de várias gerações e formação, visando dar um panorama bastante amplo e preciso da poesia que se praticou e se pratica entre nós. Com introdução do selecionador, situando obra e autor, a coleção tem alcance também paradidático, podendo ser facilmente utilizada, com bastante proveito, em cursos de letras.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

239 - MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: “Eu adoro...”. **O Estado,** Florianópolis, 5 out. 1983

239

LIVROS

Salim Miguel

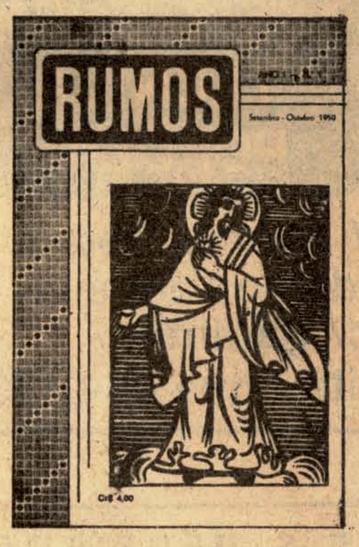
ENTREVISTA

GUIDO WILMAR SASSI:

“Eu adoro ‘engravidar’ de um romance, mas a melhor fase é o ‘namoro de mão pegada’, a bolina literária, os beijos roubados”.

IX

Cada escritor tem os seus tiques, os seus cacoetes, a sua maneira peculiar de se preparar para um livro. Aqui, nesta nona parte da entrevista, mesmo falando do “depois”, quando o livro já é, Guido dá algumas indicações do antes, de como planifica um trabalho. E explica porque não deixa nenhuma pista para o futuro pesquisador, eliminando tudo que possa levar à carpintaria da criação literária. Outro ponto a merecer atenção é quando ele fala que não retoma o livro para possíveis futuras edições, ao contrário de escritores para os quais em cada edição, o livro é o mesmo e é outro, caso de um Josué Montello. Ao contrário, Guido diz: “Para mim, um livro termina (e definitivamente!) quando nele coloco o pingo final da palavra FIM”. Esta parte da entrevista termina com Guido falando um pouco de sua relação (ele já então morando não em sua Campos Novos natal, mas em Lages) com o pessoal da SUL. E de que maneira, animado com a experiência da revista que então editávamos em Florianópolis, lançou-se a aventura idêntica (e mais arriscada) de publicar uma revista de novos por lá. Mas não foi só a revista: incentivado pelo Grupo Sul, também, com outros jovens, se animou a fundar um Clube de Cinema. Vamos lá. Não sem antes lembrar que ainda este mês teremos a volta de Guido à ficção, com o conto O naufrágio do Black Ship, **no volume** Este mar catarina, **antologia que reúne contistas catarinenses de Virgílio Várzea aos nossos dias, lançamento da Editora da UFSC; e que em novembro será a vez do romance** Lindamar (ou Verde mar azul; ou O calendário da eternidade), **também pela Editora da UFSC.**



Capa do 1.º número de **Rumos**, *a revista que Guido editou entre 1950/1951 em Lages. A xilogravura (***Cristo**, *de André Lhote), foi certamente fornecida por Jorge Lacerda.*

Depois de escrito o livro, o que faz você com suas anotações, fichas, rascunhos, primeiras versões, etc?

Jogo tudo fora, jogo tudo no lixo. Planificação, enxertos, sumários, modificações, fichas, anotações, versões passadas a limpo. Tudo. Tudo! Rasgo cada folha em quatro pedaços, como se cumprisse um ritual, e atiro-as na cesta do lixo. E daí, antes que qualquer espécie de arrependimento possa atacar-me, atiro a papelada na lixeira do edifício.

Mas então não guarda nada? Nada, mesmo?

Foi Eglê Malheiros, se não me engano, que me aconselhou a guardar anotações e rascunhos, visando ao Museu da Imagem e do Som, ou qualquer outra entidade semelhante que se interessasse em preservar, no formol da memória, as placentas literárias e cordões umbilicais que serviram a antigos embriões e fetos de livros hoje famosos... ou talvez celebérrimos, amanhã ou depois.

Não aceitei o conselho. Vou rasgando tudo, destruindo toda e qualquer pista que leve ao flash-back da criação literária, ao zigoto primitivo. Um bom construtor põe abaixo os andaimes, assim que termina de edificar a casa. É assim também que procedo. Ponho tudo fora, limpo o reboco, despacho para bem longe a caliça e o entulho. Mando passar um pano molhado nos vidros e limpo a fachada e os fundos. Desfaço-me do lixo da sala, dos quartos e da cozinha. E daí, no final, o livro sai às ruas, tanto quanto possível em uniforme de gala.

Quanto aos andaimes e escadas, sumiço com eles. Não quero que ninguém saiba como nem por onde andei trepando... Em literatura, é claro. **“Honni soit qui mal y pense”.**

E então, você põe-se a burilar o livro impresso, a corrigir senões, a reescrever trechos, a modificar e melhorar, com vistas a uma futura edição.

Engano. Escrever um livro se parece muito com o ato sexual: só é bom enquanto está acontecendo. Eu adoro **engravidar** de um romance (ou conto, ou novela, ou peça teatral), mas a fase melhor é o **namoro de mão pegada,** a bolina literária, os beijos roubados, o pega-pega, o esfrega-esfrega, o rala-rala. Antes que alguém (até eu mesmo!) venha a excitar-se com a **coisa,** cumpre-me explicar que tudo quanto estou dizendo é no sentido figurado: o literário, no caso.

Um romance interessa-me apenas durante o período de planificação, do cadastramento dos personagens, da organização das fichas, no tempo quando, de fato, a gente percebe os **pulinhos** das criaturas em nosso ventre de literatura. É muito boa, também, a fase da redação, pois tem-se o gosto de um semi-deus (um semi-deus muito pequeno, diga-se de passagem), a sensação de estarmos de fato criando. Logo após, vem o trabalho de datilografia, até certo ponto gratificante é como se estivéssemos tricotando sapatinhos e toucas, o enxoval do futuro bebê. Depois... Depois, tudo acaba. As crianças crescem e se pirulitam pela aí... O prazer se esvai. Para mim, um livro termina (e definitivamente!) quando nele coloco o pingo **final** da palavra FIM.

E suas relações com o Grupo SUL? Você ainda não contou como foi a experiência.

Bem, SUL é outra história. A mais gratificante das experiências, sem dúvida, mas o espaço que hoje nos resta seria insuficiente para falar a seu respeito. SUL merece uma entrevista à parte. Basta dizer que o Grupo publicava regularmente (ou quase...) uma **revista de novos** (alguns não muito jovens, é verdade), em Florianópolis, e eu resolvi fazer o mesmo em Lages — no início dos anos 50, veja você! Resolvi e fiz. Influência do Grupo SUL, minha revista nasceu com a cumplicidade de Paulo Rossi. Não! Não foi aquele que ganhou a Copa do Mundo para a Itália, **fazendo tabelinha** com o Toninho Cerezzo. Aquele é o Paolo Rossi. O outro, o meu cúmplice de Lages, parece-me que hoje reside em Florianópolis e não sei se gostará que eu lhe reavive o pecadilho.

O **grande acontecimento** (a primeira e única revista literária de Lages) ocorreu entre setembro/50 e março/51. Tivemos auxílio do Grupo SUL, evidentemente. Conseguimos tirar três números. Depois... O resto é saudade. Também tivemos auxílio de muita valia da parte do meu querido e saudoso amigo Jorge Lacerda. Ele nos mandava do Rio material tipográfico, clichês, apoio moral... e conselhos. Naquele tempo, Jorge Lacerda era jornalista, articulista e crítico literário... foi depois que ele **degenerou** em deputado federal e Governador do Estado. Você bem sabe o que eu penso a respeito: o melhor político nasceu morto. Mas, se outra coisa boa não tivesse feito, Jorge Lacerda ensinou-me a gostar de Fernando Pessoa... e isso basta. Pena que ambos tenham morrido tão jovens.

Outro **fruto** da ligação Guido Wilmar Sassi-Grupo SUL foi a fundação (e funcionamento) de um clube de cinema em Lages. Mas isso, embora Kipling não tenha dito, eu digo: é tema de outra entrevista.

Continua...

Registro

sexo do crepúsculo, de Jorge Mautner, Ed. Ground/Global, SP. Surgido no início da década de 60, com um livro que causou polêmica, **Deus da chuva e da morte,** logo seguido de outro na mesma linha, **Kaos,** a partir daí Mautner se tornou conhecido e discutido. Seja através de novos livros ou da música. Agora reaparece com uma ficção/lenda, onde estão presentes todos os elementos que o marcam e o configuram.

* * *

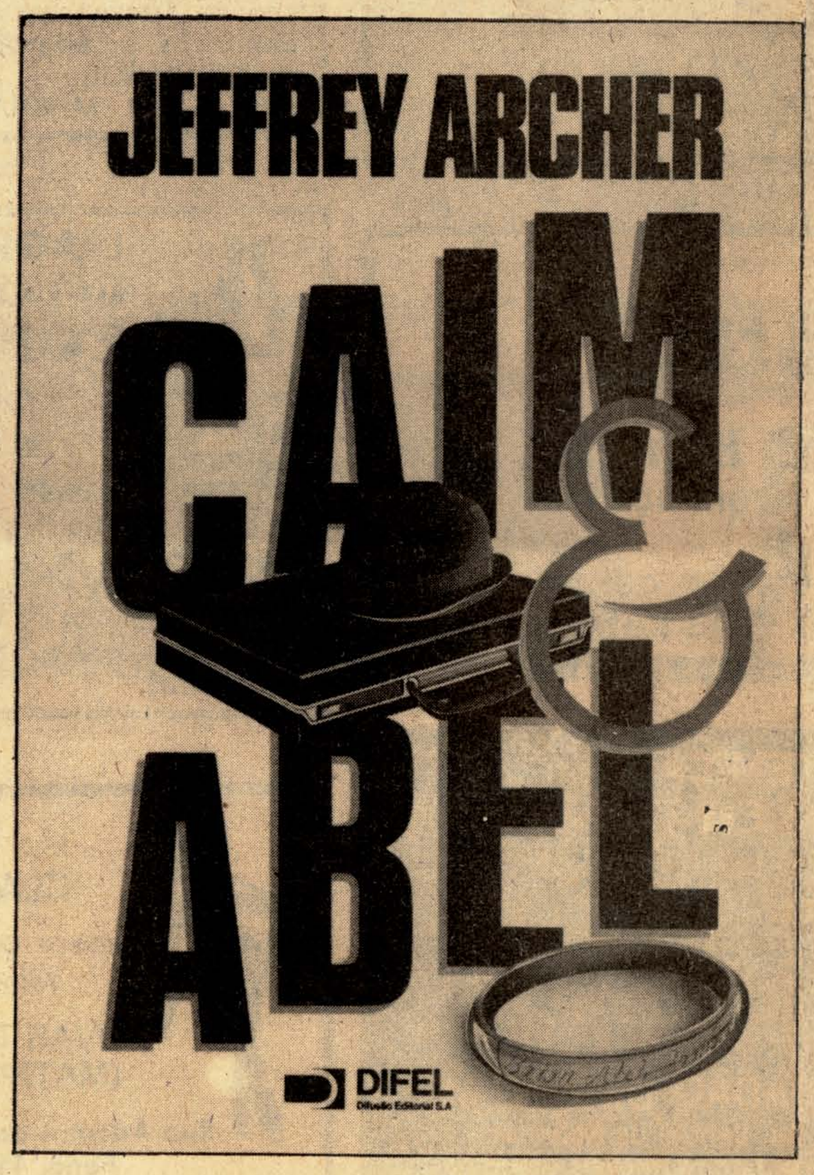
Crônicas/4, de Raul Pompéia, Ed. Civilização Brasileira/OLAC, RJ. Volume IX das obras do autor de **O Ateneu,** que tem organização de Afrânio Coutinho. Mostra um Pompéia que é o mesmo e é outro, terminando com o convencionado de que era autor de um ou dois únicos livros. Neste volume de mais de 500 páginas estão reunidas as crônicas assinadas com o pseudônimo Y e publicadas no **Jornal do Comércio,** Rio de Janeiro, de 28 de julho de 1890 a 9 de maio de 1892.

* * *

Caim e Abel, de Jeffrey Archer, trad. de José Antonio Arantes, Difel, SP, 1983. Através da trajetória de dois homens que lutam para preservar suas conquistas e buscam destruir-se mutuamente, um painel de 65 anos que traça uma visão dos nossos tempos. Sucesso internacional, este romance já foi traduzido para 21 idiomas e publicado em 61 países. Diz o Los Angeles Times: “Um triunfo avassalador, explosivo”.

* * *

O manto sagrado, de Loyd C. Douglas, trad. de Luzia Machado da Costa, Ed. Record, RJ. Autor de outros best-sellers como **O Grande pescador** e **Sublime obsessão,** o ponto de partida deste romance, que agora reaparece no Brasil, foi a pergunta feita ao Autor, se alguém sabia o que tinha sido feito do manto “pelo qual os soldados romanos lançaram sortes”, enquanto Cristo morria na cruz. A partir daí Douglas pesquisou e construiu um livro que lhe abriu as portas do sucesso.



Cícero Dias, ou um retrato da burocracia nacional

Nesta entrevista (concedida a Salim Miguel**) Osvaldo Della Giustina fala de seu romance que vai ser lançado hoje, fala dos problemas da criação literária, fala da burocracia, afirmando em certo trecho: “A desburocratização periga ser como um navio que corta as ondas e afasta as águas na proa, mas as águas se juntam e as ondas se refazem mais altas, na popa”.**

HOJE, às 20 horas, no **hall** da Casa da Cultura, na Rua Tenente Silveira, esquina com Jerônimo Coelho, Osvaldo Della Giustina estará autografando seu romance, **Cícero Dias e seu longo processo de morrer,** editado pela Almed, SP, numa promoção da Universidade Federal de Santa Catarina e da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo.

E a partir de agora, Cícero Dias começa uma vida nova. Vai ele, então, entrar em contato com leitores de formações e tendências tão diversas que certamente seu processo de viver e morrer passará por outras e enriquecedoras experiências.

Nesta entrevista, o Autor fala de seu livro, de sua proposta ficcional e humana, do que o informa e de que maneira ele procurou estruturar e “ver” não só Cícero Dias, mas toda a comparsaria que em torno dele gravita, agindo, se movimentando, compondo um universo que o próprio autor reconhece como **kafkiano.**

Na “orelha” do livro dizíamos que, invadindo o campo da ficção, “Della Giustina surpreende até mesmo seus amigos mais íntimos”. Na entrevista ele procura também explicar este aspecto digamos inusitado, que fez com que um técnico (e nós sabemos que os técnicos são muitas vezes avessos à criação literária) buscasse dar seu recado através da ficção. Ele fala numa recriação da realidade a partir da observação. E no caso de Osvaldo, a observação vem exatamente de alguém que atuou e/ou conviveu com várias áreas, sendo uma personalidade de muitas facetas. Vejamos: professor universitário, criou e presidiu a Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina e a Associação Catarinense de Fundações Educacionais; político, foi deputado estadual pelo extinto PDC; jornalista, dirigiu no Sul do Estado o jornal **Correio Sulino** e a Rádio Tubá; homem público, implantou a Fundação Catarinense de Trabalho e foi secretário do Planejamento e de Modernização Administrativa do Ministério do Trabalho e chefe da Assessoria Parlamentar do Ministério da Educação; daí veio para Santa Catarina, tendo sido secretário do Bem Estar Social; retornou a Brasília para atuar junto à Presidência da República como Adjunto na Secretaria de Imprensa e Divulgação, onde permanece.

É autor de dois livros: **Educação e capacitação para o trabalho — administração e modelos operacionais,** em 2ª edição; e **A Idade do homem — fundamentos para uma nova ordem social,** com a 2ª edição em preparo

Agora, na ficção, toma um tema sempre atual: o poder da burocracia. A história que serve de espinha dorsal para Cícero Dias parte de um fato real: a existência, em “algum canal competente”, desta burocracia, de um processo que vem se arrastando há mais de 40 anos, sem que haja, para ele, qualquer solução. E é através deste fio condutor que Osvaldo nos introduz no longo processo de morrer de seu personagem. E mais vivesse Cícero Dias (observe-se a simbologia implícita no sobrenome “Dias”), mais dias o processo percorreria, sempre despachado para instâncias outras.

COMO você explica o fato de que, de repente, não mais que de repente, um técnico tenha invadido a área da ficção? Mesmo um técnico com variadas faces, como você?

Della Giustina — Creio que há uma linha de identidade entre o técnico e o ficcionista, ou entre a ciência e a ficção. Esta linha não é tênue, mas trançada com componentes comuns muito fortes. O primeiro deles é a **observação da realidade.** A ficção absoluta não existe. Existe a realidade possível, composta de partes ou de situações concretas ou imaginárias.

A ciência exige muito mais lógica e adesão à realidade concreta. A ficção, a boa ficção, se permite a construção de realidades imaginárias, sem muito compromisso com o concreto. Ao menos o concreto aparente. Mas elas também são lógicas, as realidades imaginárias, porque o contraditório é impensável.

O segundo é o **ato criativo.** A ciência não é constituída apenas da realidade concreta e pronta. A ciência é dinâmica e criativa. A ciência não criativa se transforma em mero registro ou manipulação, como é a ciência do computador. A ciência do Homem, porém, enquanto for humana, será sempre um ato criativo. Einstein ou Azimov que o confirmem.

Enfim, devo dizer que sou **incapaz de ver o Homem de forma parcial ou parcelada.** Nenhum homem é apenas uma parte. Todos os homens são uma globalidade que deve ser desenvolvida nesta dimensão de globalidade.

Toda percepção parcial do Homem é mutiladora e este é um princípio absoluto, aplicável tanto à metafísica quanto à biologia ou à educação.

Aliás, a preocupação metafísica de mostrar que o Homem será eternamente aquilo que conseguiu desenvolver ou aperfeiçoar em si, perpassa em todo processo de Cícero Dias e isto foi consciente.

Não apenas numa dimensão de investigação da história de Cícero Dias, mas numa dimensão da santidade a que ele chegou, concebida a santidade exatamente como o estágio de perfeição a que cada um tenha chegado, para ser eternamente.

O projeto do ficcionista embutido no técnico já pré-existia ou surgiu quando você se defrontou com o processo que há mais de 40 anos rolava nos porões da burocracia nacional?

Della Giustina — Na mesma percepção da globalidade do Homem, o projeto de ficcionista pré-existia, eu não diria no técnico, mas no Homem. Como o projeto do santo. Ou do sábio. Ou do vagabundo. “Qui fait la bête, fait l’ange”, dizia Bernanos ou Claudel, não lembro bem. A questão toda, se o Homem é um programa global — isto é, um conjunto completo de projetos, que corresponde a uma idéia de perfeição final, a questão toda está em quais projetos de si mesmo cada um escolhe desenvolver, ou a vida proporciona oportunidade de desenvolver.

No meu caso, portanto, o projeto do ficcionista, é óbvio, existia.

O defrontar-me com um processo de mais de 40 anos, foi apenas a oportunidade, ou o momento que não podia deixar passar por causa daquela consciência da necessidade de chegar a ser.

Depois do resultado deste romance, um dos 15 finalistas do concurso da I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, onde participaram mais de dois mil concorrentes, você se anima a insistir no gênero?

Della Giustina — Insisto, sim. No gênero e em outros gêneros.

Há muito, não só a observar no mundo e nos homens, mas também muito a propor. Alguns diriam a denunciar. Eu prefiro a propor.

Como anda a burocracia nacional? Depois do programa de desburocratização as coisas melhoraram ou o pobre Cícero Dias emendaria outros quarenta e tantos anos se renascesse sem ver seu problema resolvido?

Della Giustina — Tive ocasião de dizer ao Ministro Hélio Beltrão que, por ser a burocracia um fato cultural, a desburocratização periga ser como um navio que corta as ondas e afasta as águas na proa, mas as águas se juntam e as ondas se refazem mais altas, na popa, no rastro do navio que passou.

Mas o primeiro passo foi dado. Nunca como agora a Nação — o Governo e a sociedade — tomaram consciência da dimensão distorcida, kafkiana, do processo burocrático. Ora, tomar consciência é sempre o primeiro passo. Depois do primeiro passo, a caminhada é possível. Creio que no Brasil ela é irreversível. A burocracia contra o Homem, como a “nomenclatura”, tem os dias contados.

Meu amigo Célio França diz que o livro é conseqüência da percepção deste momento e só os momentos históricos tem condições de gerar uma nova percepção.

“Cícero Dias” é uma nova percepção no sentido de que é seguramente o primeiro romance — ao menos na literatura brasileira — inspirado, ambientado e desenvolvido na burocracia.

Na verdade, Cícero Dias renasce cada vez que um brasileiro assoma a um guichê para protocolar o seu papel, dar entrada em seu requerimento de esperanças, frustações ou revoltas; o que é necessário é que cada vez menos este gesto origine um novo e longo processo de morrer, como o de Cícero Dias. Ou que cada burocrata, se “encabule” um pouco do exercício da burocracia contra o Homem. Espero que o livro colabore para isto.

É preciso que fique bem claro. O problema é antes **cultura.** Só, depois, **Governo.**

O Dias, com sua carga simbólica, foi intencional ou surgiu num desses processos inconscientes que muitas vezes só bem depois o criador percebe, seja num trabalho de variadas leituras, seja através da análise crítica?

Della Giustina — Creio que a carga simbólica de Cícero Dias está no fato. O fato é um símbolo. Um símbolo é o “cearense da cepa” que o inspirou. Um símbolo é o longo processo de papéis que existe e caminha o seu longo caminho como o judeu errante. Um símbolo é o longo processo de morrer da vida de Cícero Dias. Só não é um símbolo, a morte. Esta é a realidade absoluta que dá sentido e dimensão a todas as coisas de Cícero Dias, ou de todos os homens: à angústia ou à “certa saudade de não vir a ser tudo aquilo que poderia ter sido e não foi”, ou então “à plenitude de todas as coisas permitindo-lhe (a Cícero Dias) a visão maior ou menor da iluminação que lhe acontecia sem mais partes, demora, presente, passado ou nada de tempo e espaço”.

É esta percepção que precisa existir sempre, em todas as coisas: a percepção da coisa no seu essencial, na sua totalidade; e isto serve para a vida, o amor, o Homem, a política, a educação, a morte. A percepção posterior, seja num trabalho de variadas leituras, seja através da análise crítica, é uma conseqüência. Existe por causa da evidência do fato.

Fale um pouco da estrutura do livro: a técnica de partir do momento da morte de Cícero, com suas recorrências, não deve um pouco à moderna literatura hispano-americana?

Della Giustina — Confesso que tenho lido pouca literatura ou qualquer outra leitura e isto é péssimo, inclusive em termos de **marketing** para quem escreve. De toda forma tenho o incorrigível vício de refletir e isto aconselho muito. Por ter lido pouco, não posso considerar-me **expert** em literatura hispano-americana ou qualquer outra literatura.

Na vida de falso andarilho — andarilho de rotas aéreas — aconteceu-me encontrar num vôo, creio que Florianópolis—Brasília, o Duque Estrada, não o do Hino Nacional mas este extraordinário **gentlemen** que é hoje o Secretário Geral do Ministério da Previdência. Eu, como costumo fazer, aproveitava o silêncio dos 10 mil metros de altura para concluir a centena e meia de páginas originais de Cícero Dias. Ele começaria a implantar, junto com o Hélio Beltrão, o Programa Nacional da Desburocratização. Passei-lhe o projeto.

Observava de canto de olho o interesse ou a paciência com que ele ia lendo, página por página, a incrível história, quase como o faria David Niven, ele, o guerreiro que estava iniciando a guerra contra o “monstro de sete cabeças”. Ao final do vôo, o Duque Estrada me devolveu o in folio muito incrédulo, ou intrigado: “Mas isto é Kafka, ou Vargas Llosa?”

Sua pergunta confirmando a impressão do Duque Estrada faz sentir-me, senão um hispano, ao menos um latino americano moderno. Eu fico contente.

Quanto à estrutura do livro é isto aí: um enorme esforço de pôr, num ponto ou num momento, o espaço e o tempo — ou seja, “a primeira experiência de eternidade”, como acontecia a Cícero Dias. Isto é uma técnica ou necessidade?

Aliás, quero chamar a atenção para a forma como Rodrigo de Haro, este grande artista, captou a síntese deste momento, ou sua inevitabilidade, quer na ilustração da capa, quer na ilustração final.

Será que a transcrição continuada e sistemática de partes do processo não quebra um pouco a linha ficcional? Foi propositada?

Della Giustina — Eu mesmo tenho dúvida, nas “transcrições”, até que ponto existe a transcrição ou a ficção. Eu diria, de toda forma **re-criação,** ao invés de transcrição.

Creio que seria adequado dizer que, como o livro, as “transcrições” não passam de exercício do fantástico sobre o real.

De outra parte, a explicação se encontra cristalinamente clara como a verdade, na página cinco do livro que me permito citar: “Há um outro aspecto importante na forma da narrativa: narrar o processo de Cícero Dias do ponto de vista de seu último momento — ou primeiro do outro lado — com ou sem desfecho seria contribuir na consolidação da errônea idéia, de que a ficção ou a morte seja mais interessante e produza enredo ou tragédia maior do que a vida.

Ou mais ainda, e isto foi decisivo na forma de narrar...” e assim por diante, veja lá no livro o restante da explicação do processo criativo. Eu diria mais. É um pouco ilusão imaginar que o autor comande seus personagens, ou seu enredo, desde que eles existam, quer existam no campo da realidade fantástica (essencial) quer da realidade concreta (aparente). Haverá coisa mais clara do que esta? Eu diria então que a “transcrição” nem foi propositada nem não foi. Ela foi necessária, porque existia.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

GUIDO WILMAR SASSI:

"Os modernos edifícios de apartamentos são apenas máquinas de morar; não têm história, não têm passado, não têm alma".

X

NESTA décima parte da entrevista chegamos quase que ao terreno da ficção. Pois aqui, Guido, ao mesmo tempo em que reconstitui sua infância, constrói, por igual, quase que um conto, pelo clima, pela linguagem, pelo tratamento, pela estrutura. É o ficcionista atuando sobre o memorialista. Toda a parte da casa, dividida em porão, sótão e térreo, daria sem dúvida conto — e bom conto. Quem sabe se em cima deste material, logo-logo Guido não nos brindará com outra de suas fascinantes histórias, que embora independentes (ver Piá, **ver** Amigo Velho) **acabam se fechando num todo unitário, em** Piá **as crianças, em** Amigo Velho **o pinheiro. Aqui, continuando na proposta de** O naufrágio do Black Ship, **o conto que aparece no volume** Este mar catarina, **a sair antes do fim do mês pela Editora da UFSC, seria a recuperação da infância, seus mistérios e fascínios. Tem mais. Outra anotação que gostaríamos de fazer — enquanto caminhamos para o final desta longa e esclarecedora entrevista sobre o homem e o escritor Guido Wilmar Sassi, mais recuamos para o passado, mais ele se deixa enlear no ontem, na infância tão distante e tão próxima, na juventude repleta de sonhos. Enquanto isto o presente recua. Mas ele voltará no romance que vem aí, pela Editora da UFSC:** Lindamar **(ou será** Verde mar azul?; **ou O calendário da eternidade?), que começa a sair do forno e que, depois de 20 anos de silêncio, nos devolve o escritor em toda a sua força criadora, aquela mesma força que o tornou tão admirado em romances como** São Miguel e Geração do deserto.

Fale a respeito de sua infância em Campos Novos, de suas descobertas literárias.

Ray Bradbury, o mago e poeta da ficção científica, também conheceu o encantamento secreto e o fascínio um tanto mórbido dos porões e dos sótãos. Naquele tempo, quando criança, eu não conhecia Bradbury. E nem podia, pois ele veio depois de mim, na idade e na literatura.

Os modernos edifícios de apartamentos são apenas máquinas de morar; não têm história, não têm passado, não têm alma. As casas antigas possuíam alma e três regiões distintas: porão, térreo e sótão. No meio ficava o térreo, vulgar e trivial, o térreo das salas, dos quartos e da cozinha. O dia-a-dia, a rotina, o ramerrão, o cotidiano. O de-comer, o de-vestir, o de-ir-à-escola, a zona do café-com-pão, do feijão-com-arroz.

As regiões mágicas situavam-se nos extremos: os porões e os sótãos. Ali se encontravam, guardados para quem os soubesse achar, todos os segredos de todos os tempos, de todos os mundos habitáveis ou por habitar. Mistérios sem fim nem princípio. E também sem meio. Mistérios de ontem, de hoje, de amanhã e de sempre. Mistérios intemporais, eternos. Ali estavam eles, todos, na umidade dos porões e na poeira-poalha dos sótãos.

Embora atraído pelos porões, eu acabava fugindo deles. Terra de demônios, íncubos e súcubos; terra de Dante Alighieri. Atmosfera densa, viscosa, visguenta; cheiro de limo, de pântano. Ali moravam as criaturas de Edgard Allan Poe, de Hoffmann e de H. P. Lovecraft; ali se desenrolavam as histórias macabras engendradas pelos cérebros doentios dos escritores góticos. O porão era, a um só tempo, fantasmal e lupino. O termo **fantasmal** não existe? Pois fica existindo agora.

Também Lombroso se hospedava no porão. Cesare Lombroso, médico e criminalista italiano. Eu pensava, então, que ele fosse autor ou personagem de histórias de terror. Jamais li Cesare Lombroso. Nem quero. Não preciso, e mesmo não adianta, pois, segundo me parece, suas teorias se tornaram meio caducas. Mas, o nome me assustava muito. Lom-bro-so! Ui!...

Mais algum autor célebre habitava o porão?

Sim. Dostoiewski eu também relegara ao submundo tétrico do porão. Não me pergunte o motivo. Eu não sei. Os demais russos habitavam o sótão. Um parêntese, aqui, para explicar direito quem eram esses russos. Escritores, todos eles, e a maioria já desaparecida antes da Revolução de 1917. De modo algum eu iria transformar o sótão da casa de meu pai em valhacouto de comunistas. Valhacouto! Que língua, a nossa! Fora com o valhacouto! Rua com os comunas! Gogol, Gorki, Tolstoi, Pushkin, Turguenev, Tchekhov, fiquem onde estão. Na minha memória, na minha saudade e no meu agradecimento. Meu caro Dostoiewski, venha para o sótão. Depressinha!

E o térreo?

No térreo ficava o lugar para a leitura dos jornais, dos compêndios escolares; lugar para se ver televisão, hoje em dia. Jamais local de leitura. Era o sótão o meu santuário de leitura. No sótão eu dormia. Louco de medo, convivia com os meus fantasmas. Fantasmas feitos de sombras, de idéias, de reminiscências e antecipações, de imaginação e fantasia. Fantasmas literários. Fantasmas ficcionais. Fantasmas de verdade. E a luz elétrica se apagava à meia-noite. Veja só o psicológico da coisa: meia-noite, justamente a hora das assombrações, dos fantasmas, duendes, capetas e almas do outro mundo. E eu, então, para continuar a leitura, acendia velas. E as velas projetavam sombras, criando mais e mais fantasmas. Todos vivos, movimentando-se. Era tamanho o medo, tal o pavor, que eu só não morria mesmo, de verdade... porque dormia antes.

O sótão e o porão. Sempre houve esses cômodos, nas moradas em que vivi. No porão da casa de meu pai encontramos cinco rifles Winchester, escondidos atrás de umas barricas. E, também a munição suficiente para abastecer as armas. Talvez houvessem pertencido ao chefe político, Coronel da Guarda Nacional, que nos vendera a casa. Restos de armamento utilizado em 1922, ou, talvez, em 1924, quando Leonel Rocha tentara invadir a Vila de Campos Novos? **En passant:** o Governador Brizola tem o prenome de Leonel em homenagem ao velho caudilho. Foi um dos mistérios do porão, aquelas Winchesters. Jamais descobri sua procedência. Esgalho perdido da Coluna Prestes? Revolução de 30? Ou origem mais remota ainda, relíquia da Guerra do Contestado, dos monges, dos "fanáticos", dos "peludos" e dos "pelados"? Segredo que o porão não me revelou nunca.

Qual o destino desse material bélico?

Papai mandou transferir as Winchesters para o sótão, a fim de evitar que se enferrujassem na umidade do porão. Enquanto isso se dava, o cineminha de **Don** Ramón García projetava a versão muda de **Iracema, a Virgem dos Lábios de Mel,** e D. Ondina Bleyer, em sua **Escola Pública Mixta** (assim mesmo, com "x"), nos deixava indignados contra os holandeses que haviam invadido Pernambuco e adjacências. Pois daí, sob minha inspiração, a Grande Nação Tabajara resolveu expulsar as forças de Maurício de Nassau, sótão abaixo, a tiros de Winchester. Fizemos tamanha bagunça, e o rapaz que encarnava a índia Iracema — de pulsos muito frágeis, por sinal — desempenhou tão bem o seu papel, que meu pai nos tocou a chicote para fora do sótão e mandou entregar os rifles aos descendentes do Coronel da Guarda Nacional.

Não entendi muito bem essa parte. Vocês escolheram um rapaz de pulsos fracos para interpretar a virgem guerreira de José de Alencar?

Ele se escolheu. Na verdade ele até possuía, em grande parte, **le physique du rôle.** Um talento perdido! **Enroscava-se** com o máximo de realismo no menino que representava Martim, o Guerreiro Branco... Mas eu, francamente, não tinha nada com isso; era apenas o índio Poti, que, depois de auxiliar na expulsão dos holandeses, foi batizado com o nome de Felipe Camarão. Quanto aos pulsos do rapaz, parece-me que jamais se tornaram firmes. Isso, porém, é outra história.

Voltemos ao sótão.

Isso. A primeira coisa que descobri, em minhas pesquisas, foi um baú enorme, cheirando a mofo e coberto de teias de aranha. Um baú. Jim Hawkins, Robert Louis Stevenson, **A Ilha do Tesouro.** Comecei imediatamente a cantar: **Quinze homens sobre o baú do morto/ Hô, hô, hô, e uma garrafa de rum.** Mas não havia garrafas de rum dentro do baú; havia livros. Livros, livros às mancheias. Obrigado, Castro Alves. As obras de um poeta se tornam mais facilmente divulgadas, depois que se transformam em epígrafes...

Ah, velho sótão! Ah, velho baú! Foi a minha iniciação literária, juntamente com a iniciação sexual. A primeira coisa que encontrei foram uns números de **Shimmy,** publicação pornográfica daqueles tempos. Foi o meu **Kama Sutra.** Achei, também, um dicionário todo estragado, roído de traças, sem as capas e faltando as páginas do início e as finais. Jamais soube o nome do autor. Foi um dos meus primeiros barcos, no qual singrei as águas e continentes dos substantivos, adjetivos e verbos, as folhas amarelas enfunadas, pandas: asas do sonho e da fantasia. Um bom dicionário é o romance mais fabuloso que pode existir. Quem teria sido o dicionarista? Jaime de Séguier? Caldas Aulete? Cândido Figueiredo? Simões da Fonseca? Conservo, ainda, o velho dicionário, encontrado por acaso há mais de 50 anos. Está sempre ali na estante. O terceiro, a contar da esquerda. Seria muito fácil, hoje, descobrir quem o compilou. Não o faço, porém. É o único mistério e tesouro que me resta do sótão onde um dia fui rei e senhor.

Além do mais, esse dicionário também tem uma história secreta, envolvendo a reputação de uma menina de outrora, mais tarde dama casadoira, e hoje vovó respeitável e de cabelos brancos.

Pois então, vamos lá: conte como foi essa aventura romântica.

Hã-hã... Não mesmo! Fim de papo. Um cavalheiro não conta essas coisas.

Continua...

Quando se comemorava o IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, uma Editora carioca (Lidador) convidou 10 autores para escreverem sobre seus bairros. Ao Guido, "cidadão de Botafogo", como é chamado na nota de apresentação, coube Botafogo, onde ele morava — e continua morando. E a novela "A bomba atômica de Deus" mostra-o em toda a sua força criativa, lidando com um tema que beira a ficção científica, ou o que seria chamado de ficção fantástica.

Um prêmio Nobel surpreendente?

Embora tenha quatro livros publicados no Brasil, William Golding é pouco conhecido entre nós. Nome de prestígio nos meios intelectuais da Inglaterra e da Europa, creio que até mesmo lá esperava-se mais que o Prêmio Nobel de Literatura fosse atribuído a um Graham Greene, por exemplo. Mistérios da Academia da Suécia, que só ela poderia explicar. Mas, não explica. Contudo, a premiação me parece válida.

Meu primeiro contacto com Golding foi através de seu livro mais famoso até hoje, **O deus das moscas,** em edição portuguesa de 1961. O livro é de 1954, seu título original **Lord of the flies,** e só bem mais tarde viria aparecer no Brasil com o título de **O senhor das moscas.** Não teve maior repercussão, nem da parte da crítica nem do público. A ele, no Brasil, três outros se seguiriam: **Visível escuridão e Ritos da passagem** (romances) e **O deus escorpião** (três novelas).

Não creio que com eles se tenha mudado, entre nós, a relação Golding x crítica ou Golding x leitor. Agora sim, ele vai entrar na moda por uns tempos. É justo. Pois ele é um autor importante (o que não significa que outros de igual ou maior importância não pudessem ter sido aquinhoados) e que merece ser conhecido. E se bem que em todas as suas declarações timbre em acentuar que sua literatura não é pessimista, com uma visão fechada de mundo, ela o é. Carregada, amarga, sombria — e porque não real, já que o mundo que temos diante de nós não nos parece mais otimista do que o retratado por William Golding.

A CARNE

No periódico Novidades, **que então se editava no Rio de Janeiro, secretariado por Óscar Rosas, aparecia, em 27 de outubro de 1891, uma colaboração intitulada** A CARNE, **assinada por Felisberto. Por sua atualidade (fala do preço da carne, da carestia, da fome) e pelo nome do autor (que, irônicamente amargo, se escondia sob tal pseudônimo), julgamos oportuno a transcrição da crônica. Pois seu autor era nada menos que** Cruz e Sousa. **Leiamos:**

Para nós, que estamos sentindo, como numa grande calamidade de legenda, a carestia da carne, a sua fabulosa inópia, a visão da felicidade toma aspecto de bife de grelha, sangrento, alapardado numa porcelana de frisos doirados, entre as franjas louras das alfaces lavadas, macias, frescas, deliciosas...

Adormece-se ao entorpecimento de um dia mal alimentado; tem-se sonhos terríveis de voracidades espantosas, entrevendo através de mil estiletes agudos de uma barreira de dificuldades, as pomposas polpas de carne rubra, fascinante como um sorriso de madona, sob a roupagem amarela e tênue da gordura fresca, oleosa...

Mais além, na planície verdurosa e banhada de córregos múrmuros, a boiada ofegante, coleando na pastagem rica, mastigando e mugindo, como numa antecâmara de guilhotina, à espera da hora em que terá de entrar para o talho...

São as visões cruciantes do caminheiro abandonado num deserto de areias, ressequido e estéril, a ver, na vigília causticante, no sono, as límpidas cascatas em borbotões espumarados, jorrando as massas líquidas, irisadas, de um pedregal entre as selvas, marulhado de ondas e bafejado de coruscantes brisas, por uma fresca e iluminada manhã outonal, do sul.

Mas, como num acordar de sonho, alquebrados, famintos e triturantes, ao volver os olhos à realidade, eis-nos deparados com a lamentável e furibunda inópia: a dessa farta iguaria que os deuses chamariam o seu manjar, em terras da América, mais ricas do que os campos da Austrália. E uma grande tristeza, alastrada de lágrimas, em nossos olhos rasos se desenha, como numa noite de inverno, ao viandante friorento, em torno de uma fogueira apagada!

O que estamos sofrendo todos, na sequidão devorante dos apetites dilacerados pela ignomínia da carestia que nos tortura, é uma coisa inaudita, semelhante àquelas antigas calamidades bíblicas, dos tempos dos Faraós, pela penúria dos trigos. trigos.

Pode-se dizer que o bife está transformando o caráter nacional. Já não se encontra quem tenha no rosto a expressão da alegria sã, com um sinal evidente de um povo repleto e farto; toda a gente nesta terra parece triste, por essa espécie de alta inopinada da carne que, mais avara de si mesma que a libra esterlina, ou não vem aos mercados ou apodrece à porta dos açougues, mas, não se deixa ir para a mesa de qualquer, se não a peso de ouro e destemperado como um acepipe alemão.

O horror da fome já nos apunhala a alma; porque tudo que em nós não é fome, é mágoa pela escassez do bife, pelo adelgaçamento da pança, pelas torturas das vísceras, que pedem **beef**!

Daqui a mais alguns dias, se não abranda a carestia, seremos apenas isto — a fome!

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Entrevista

GUIDO WILMAR SASSI:

"Depois de adulto, não precisei que ninguém me ensinasse nada: aprendi a errar sozinho"

XI

Dos pinheiras da região serrana catarinense para uma antologia na Alemanha, uma das obras-primas do conto moderno brasileiro, "Noite", de Guido Wilmar Sassi, publicado pela Walter-Verlag. "Noite" fez parte do volume **Amigo Velho**, *publicado em 1957 pelas Edições SUL, de Florianópolis.*

Na formação de um escritor há um capítulo que interessa muito: o das leituras e influências. Nesta parte da entrevista (que vai acabar virando livro) é exatamente disto que fala Guido. Bom assinalar que como todo auto-didata ele lia de tudo e indiscriminadamente. E francamente não sei se tal leitura, onde se misturam o ótimo, o bom, o regular, o péssimo, é benéfica ou maléfica. Certo que a triagem se torna mais difícil. Formado na mesma escola, às vezes me interrogo se um curso regular, uma disciplina escolar, não ajudaria na seleção de livros e autores; ou se a busca que o próprio autor intenta não acaba por lhe dar um instrumental próprio de seleção, permitindo que trilhe caminhos mais afinados com sua sensibilidade. Por outro lado pode-se acabar num emaranhado que dificulte o acesso ao verdadeiramente válido. Aí fica a questão que Guido colocou. Mas vamos às leituras do Guido e de como as leituras o levaram a escrever e de como reconhece que, indistintamente, "todos os autores lidos foram importantes". Não sem antes lembrar que Este mar catarina **(no qual se encontra o conto de Guido "O naufrágio do Black Ship"), antologia de contos pela Editora da UFSC, fica pronta este mês, e que no próximo teremos** Lindamar **(ou** Verde mar azul; **ou o** O calendário da eternidade), **romance, também pela Editora da UFSC.**

Sei que você é homem de muitas leituras. Quais os que mais influíram no seu estilo?

Li muito, sim. Impossível citar todos os livros e autores lidos. Não há tempo, não há papel, não há memória, não há paciência. Li um bocado. Um bocado bem grande. Um **bom-bocado.**

Sou autodidata, assim, na infância e juventude, não tive ninguém que me orientasse nas leituras. Depois de adulto, não precisei que ninguém me ensinasse nada: aprendi a errar sozinho.

Porém, quero deixar registrado o meu agradecimento à minha Mãe e minha Avó Gertrudes, que nunca deixaram faltar livros em nossa casa e foram, de fato, as pessoas que me fizeram tomar gosto pela leitura.

Fui precoce, em muitos pontos, inclusive no contato com a boa literatura. Tomei conhecimento de personagens famosos, antes de aprender a ler, graças aos **causos** de Shakespeare que minha avó contava. Aos cinco anos de idade eu já me familiarizara com **Otelo, Romeu e Julieta** e **Hamlet.**

Não seria através do livro *"Tales from Shakespeare"*, **dos irmãos Lamb? Sua avó conhecia o inglês, ou já existia uma tradução portuguesa?**

Nada disso. Havia uma série de litogravuras, aproximadamente 10 para cada história. Minha avó **desenrolava** as litogravuras e ia contando o **desenrolar** das peças. Um método que eu julgo ser o tataravó das histórias-em-quadrinhos, as quais só mais tarde, na minha juventude, iriam vulgarizar-se.

Minha avó era alemã, e o seu tanto racista. Ao pobre Mouro de Veneza ela só tratava de **negro sujo e caco à-toa.** Verdade que as gravuras também maltratavam o árabe ciumento, pintando-o como se fosse um preto retinho. Quanto a Desdêmona, ela não se parecia em nada com as italianas do tipo convencional. Era excessivamente branca, de um branco leitoso, louríssima (tirando para o platinado, assim como a falecida Jean Harlow, está lembrando?), e quase obesa. Muito balofa para o meu gosto.

Mas você subordinava suas leituras a algum plano? Havia uma organização, um método de leitura?

Não, não havia um plano de leitura. Não haverá nunca. Ainda hoje, somente leio aquilo de que gosto de verdade, e gosto somente do que os meus amigos escrevem. Não tenho culpa de que os meus amigos saibam escrever bem.

Jamais leio por obrigação, ou porque determinado autor ou gênero está na moda. Leio porque gosto, ou não leio nada.

Naquele tempo — no tempo do sótão, na infância e na mocidade — eu lia tudo, indiferentemente, compêndio de química e física ou poesia, teatro ou aventuras, Tarzan ou contos de fadas, capa-e-espada, folhetins, dicionários, **D. Quixote** (uma das muitas adaptações), **Robinson Crusoé,** Monteiro Lobato (fui criança do Lobato, muito agradeço a ele, pelo que me ensinou e pelos momentos felizes que passamos no Sítio do Picapau Amarelo), uma revistinha infantil da época, **O Tico-Tico... e a Bíblia.**

Tópico especial merece a **Bíblia,** um dos tesouros que descobri no baú do sótão. Exemplar sem capas e sem índice, sem as páginas iniciais e sem as finais. Fui lendo aquele livro estranho, um pedaço aqui, outro ali, como quem lê ficção, pois, realmente, eu não sabia tratar-se da **Bíblia,** o que só vim a descobrir mais tarde, quando notei semelhança entre alguns trechos e uns livros de **História Sagrada,** editados então. Essa **História Sacra** não passava de uma edição expurgada da **Bíblia,** "ad usum delphini". O bom mesmo, o romanesco, o literário e o poético, as aventuras e guerras entremeadas com ensinamentos filosóficos e pitadas de erotismo, estavam no volume sem capas. Pois foi assim, através do **Cântico dos Cânticos,** que eu entrei no Reino Encantado de Onan... onde todas as mulheres me pertenceram.

Leve-se esse pecadilho à conta de minha pouca idade, de minha inocência e de minha ignorância. Porém, como sou muito de assumir meus pecados e minhas culpas, deixem-me confessar uma enorme descoberta erótica: Machado de Assis. Ainda hoje, sempre que releio **Missa do Galo,** sinto-me sexualmente excitado. Não que Machado de Assis **diga** alguma coisa. Não; ele não diz nada. **Sugere,** apenas. E como é engenhosamente diabólico, ao sugerir. Mas, nesse caso, se pecado existe (sexo não pode ser pecado!), vamos creditá-lo (o positivo não pode ser débito, não se debitam as qualidades); vamos creditá-lo, eu dizia, ao maior contista da língua, ao insuperável "bruxo do Cosme Velho".

Uma pausa: era inesgotável esse seu baú do sótão?

Evidentemente, o tesouro encontrado no sótão esgotou-se muito em breve, e eu tive que sair em busca de mais artigos de leitura. **O Tesouro da Juventude,** a Coleção Terramarear, a Coleção Paratodos, a **Série Negra,** a Coleção Amarela. Sonho. Fantasia. Exotismo. Insólito. Aventuras. Viagens — no espaço e no tempo. E o número dos meus fantasmas aumentando sempre. Urgia libertá-los. E as leituras continuavam, e eu descobrira outro filão: Júlio Verne, H.G. Wells.

A **Mitologia** do P. Commelin; um deslumbramento: Hércules, Édipo, Ulisses, Tróia, **Helena,** Esparta, Hermes, Júpiter, Vênus, Marte, Vulcano. **O cura da aldeia,** de Peres Escrich... quando o li, chorei todas as minhas lágrimas. Ninfas e centauros. Mares, navios e marinheiros. **A Ilha de Coral,** de R.M. Ballantyne, relido mais de oito vezes. O recorde é de 12 leituras, e pertence a **A Ilha do Tesouro,** de Robert Louis Stevenson, quatro releituras no original inglês.

O Fantasma Voador, em quadrinhos. Alexandre Dumas, quase todo, como especial ênfase para **Os Três Mosqueteiros,** relido sete vezes. Karl May. Sherlock Holmes, Agatha Christie e **As Proezas de Rafles. Al Capone contra Nick Carter.** Edgar Wallace, S.S.Van Dine. E os fantasmas, os fantasmas aumentando sempre. "Liberta-os!" — sussurrava-me dostoiewski.

Ah, um dia não suportei mais e tive que soltar os meus fantasmas. Meu primeiro trabalho foi uma história de ficção científica, bem ao jeito de uma variante do gênero muito em voga nos dias de hoje: **a space-opera.** Pena eu ter perdido as originais, em muitas andanças e mudanças. Era uma espécie de **western** nas galáxias, em que os heróis desistiam das pistolas desintegradoras e resolviam as diferenças no tapa e na porrada. Infelizmente, naquele tempo, eu não conhecia nenhum produtor para **Guerra nas Estrelas.**

Então, pelo que entendi, o escritor nasceu no sótão?

Sim, foi no sótão que descobri minha vocação de escritor, e tive também a certeza absoluta de que um dia escreveria e publicaria as minhas histórias. Não fosse aquele baú de livros, e aquele sótão, é bem possível que tivéssemos um ficcionista a menos.

Não sei precisar a ordem nem a importância, mas a seguir viram Somerset Maugham, Erico Veríssimo, Jorge Amado, José Lins do Rego, Emílioa Salgari, Raphael Sabatini, Eça de Queiroz, Maupassant, Zola, Hemingway. A todos eu sou grato.

Não sou nenhum porco mal-agradecido para cuspir no prato em que me alimentei. Todos os autores lidos foram importantes, todas as histórias influíram (de uma ou de outra maneira) em meu estilo... de Dante Alighieri e José de Alencar e Brucutu, personagem de história em-quadrinhos, herói da Pré-História.

E os regionalistas? Você escapou de ser um.

Não gosto do termo, que, por sinal, ultimamente, andou tomando uma conotação meio safada. Os regionalistas influíram por tabela. Isto é, o maior e melhor de todos os regionalistas: J. Simões Lopes Neto e seu livro maravilhoso, **Contos Gauchescos e Lendas do Sul,** que eu releio todos os anos. O volume contém introdução, notas e glossário organizados por Aurélio Buarque de Hollanda. No conteúdo dessa introdução eu me baseei para rescrever os contos de **Pia** e **Amigo Velho.** Já disse isso, algumas vezes, e respeito agora. E confirmo: a influência aconteceu **por tabela.** Talvez por isso eu seja um regionalista sem regionalismo.

Você chegou a fazer crítica literária?

Reconheço minha falta de competência para o gênero. Aqui e ali, cheguei a publicar alguns artigos de crítica, mais para **uso caseiro.** Houve tempo, é verdade, em que pensei em um trabalho de fôlego. Trabalho de erudição (que eu não tinha) para um ensaio em que analisaria o estilo de alguns escritores e externaria opiniões e conclusões. Cheguei, até mesmo, a intitular o estudo: **O castelo de Frankenstein.** Eu partiria da análise de alguns escritores bem conhecidos, para concluir que todos nós usamos **pedaços de defuntos,** fragmentos de leituras assimiladas ao longo dos anos, e que se vão aglutinando ao nosso modo de escrever. Até que um autor encontre o seu modo próprio, seu estilo não passa de uma colcha de retalhos... os restos e pedaços usados pelo Barão von Frankenstein para construir o ser humano que pretendia... e que, às vezes, como no caso do próprio Frankenstein, acaba resultando numa criatura monstruosa. Crítica literária não é impreitada para o meu fraco talento. Em todo o caso, aqui fica a idéia e o título: **O castelo de Frankenstein.**

Não me queixo do tempo perdido em ler porcarias. Sou muito agradecido aos subliteratos... pois impediram que eu me tornasse um deles. Li autores de todo naipe: ótimos, bons, razoáveis, maus, péssimos, execráveis. Foi a escola onde aprendi a **separar o joio do trigo.** Se não existisse também o joio, como se poderia saber o que é realmente trigo? Em literatura, hoje em dia, sei perfeitamente o que fazer e o que evitar. E tenho muito bom gosto, graças a Deus!

Continua...

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

242 - MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Guido Wilmar Sassi: "Estranho...". **O Estado,** Florianópolis, 22 out. 1983

ENTREVISTA

GUIDO WILMAR SASSI:

"Estranho procedimento do homem em relação aos livros: queima-os. A traça é mais racional e civilizada: come-os".

XIII

Na parte anterior da entrevista deixamos Guido às voltas com um editor que queria "disciplinar" seu romance premiado entre mais de uma centena, e a luta para manter seu trabalho íntegro. Vencida esta batalha, Guido entra em outra. Vamos ver como ele a enfrentou. Rapidamente (puxa, será que a palavra é adequada para uma entrevista que vai virar livro?) o papo se encaminha para o fim. Na próxima (e última) parte, Guido fala do seu relacionamento com o Grupo SUL, onde sairiam seus dois primeiros livros. Enquanto esperamos o próximo capítulo, é bom lembrar que Este mar catarina **(antologia de contos que reúne 18 autores, todos tratando o tema mar, lançado pela Editora da UFSC e onde Guido comparece com um trabalho de fundo memorialístico, a história de um rapaz que inventa seu mar), já foi distribuído às livrarias. E logo-logo, em novembro, estará circulando** Lindamar **(ou** Verde mar azul, ou O calendário da eternidade**), finalista do Concurso de Romance Cruz e Sousa, indicado para publicação por uma Comissão Julgadora de alto nível. O livro fala de um tema inédito na literatura brasileira, o trabalho dos mergulhadores submarinos das plataformas da Petrobrás, e terá também o selo da Editora da UFSC.**

Com mais três autores, Guido participou do volume "20 histórias curtas", lançado pelas Edições Antunes, RJ, 1960.

Prostituta com apenas quatro letras? Que letras foram essas?

As principais e essencialmente necessárias: a primeira e as três do final.

Alguma coisa desagradável relativamente a "Geração do Deserto"?

Foi em São Paulo, em 1962, com a editora que, então, publicava os livros mais caros do País. Não sei explicar os motivos. Lembro-me de que um livro de Clarice Lispector, que outra editora qualquer tabelaria normalmente em Cr$ 250 (uma quantia razoável na época), foi para as livrarias ao preço de Cr$ 960. Um despropósito, evidentemente — quase quatro vezes mais caro do que a maioria dos livros dos demais editores.

A encrenca dessa vez não teve origem na existência de cenas realistas, mas sim no tamanho do livro. Meu romance, se publicado fosse pela referida editora, sairia em torno de Cr$ 5 mil o exemplar. Em meu local de trabalho eu deveria ganhar uns Cr$ 7 mil mensais, se tanto — não vou aqui fazer propaganda do meu empregador; não digo onde trabalhava, não digo mesmo! Cerca de Cr$ 5 mil o volume, e isto naquele tempo, quando a inflação não atingia os níveis atuais, quando não existia expurgos, indexação, desindexação, e essa falsa terminologia inventada pelos malabarismos dos tecnocratas (hein?) do Governo para explicar e justificar a crise.

Voltemos ao assunto. Os editores recomendaram o corte de algumas páginas, e eu achei que, realmente, o livro necessitava de algumas páginas. Fi-la, como diria o Jânio Quadros. O romance foi composto e chamaram-me para que eu visse as provas. Para efeito de revisão, pensei. Nada disso! Era para mais cortes. Discutimos o caso, as possibilidades de praticar mais amputações no texto e, finalmente, constatei que, da versão original, somente iriam sobrar o título, o meu nome e a palavra **Fim**. Daí, "os ânimos se exaltaram", como se escrevia nos jornais de antigamente, houve xingação recíproca das respectivas mães, ameaças de pontapés nos traseiros das partes interessadas, tititis, "vozes acaloradas", "palavras de baixo calão", e uma boa porção de etc. e etc. Foi um pega-pra-fafá medonho!

Você quer dizer pega-pra-capar?

Não. Eu disse pega-pra-fafá mesmo, pois não se pode castrar eunucos!

Venenoso, eu? Bota veneno nis o! Venenoso, vingativo, grosseiro e, além disso, maroto mesmo. O melhor é o cara me querer bem e ser meu amigo. Senão...

E continuando...

... botei a boca no trombone (só no trombone mesmo, juro!), saí pela imprensa, armei uma barulheira e uma gritaria daquelas.

Por fim, o Caio Porfírio Carneiro (contista cearense radicado em São Paulo) entrou na briga, na qualidade de intermediário e apaziguador. A editora (?!?) concordou em pagar-me Cr$ 50 mil (bota correção monetária em 20 anos, pra ver quanto dá!), para que eu desistisse da edição do livro e calasse a boca. Você se espanta! Se espanta? Pois é muito mais do que eu ganharia com os direitos autorais relativos a todos os meus livros de toda a minha vida, inclusive possíveis reedições, traduções, adaptações e prêmios literários. Além disso, dinheiro não ofende ninguém... a não ser quando é pouco. A frase, com toda a sua dose de cinismo, infelizmente não é minha; pertence a um personagem de Nelson Rodrigues. Mas eu a endosso. Estou endossando-a, sim senhor.

Deixe-me contar o resto. Fizemos uma bruta farra, o Caio Porfírio Carneiro e eu (hoje estou com disposição de **entregar** todo o mundo), e mais alguns "alguéns" de outros sexos, e o romance acabou aparecendo em 1964, sem dor nem sangue, por uma editora do Rio de Janeiro. Ah, sim! Guardei as provas tipográficas da primeira versão de **Geração do Deserto**, pois constituem uma espécie de curiosidade.

Mais alguma curiosidade desse tipo?

Sim, em 1963, no Rio de Janeiro, a Editora Júpiter Ltda (firma comercial fantasma) iria publicar, em dois volumes, a **Antologia do novo conto brasileiro**. Manda colocar grifo na palavra iria, porque, mesmo depois de impressa, a coletânea acabou não saindo. Houve não sei que espécie de desacerto entre o organizador da antologia e outros interessados, e a edição foi inteiramente destruída. Maravilhoso País, este, que se dá o luxo de destruir livros, com ou sem motivo. Eu salvei o 1º e o 2º volume dessa edição, que constituem a **curiosidade** de que estamos tratando. Quanto ao livro, foi novamente impresso e, com outra capa, apareceu em 1964 pela mesma Editora Júpiter Ltda — fantasma, inexistente, "fria". Para concluir: a capa da edição **definitiva** da **Antologia do novo conto brasileiro** você fez reproduzir em nossa entrevista de n.º VII.

Eu também faço parte dessa antologia. Não era do meu conhecimento o fato de ter havido uma primeira edição, antes daquela que foi lançada no comércio.

É como estou lhe contando. Quanto à destruição de livros, isso é coisa velha, conforme sabemos. Consta que sacerdotes e governantes destruíram livros de civilizações passadas (tijolos com os caracteres cuneiformes dos assírios e caldeus, papiros dos egípcios, quipos dos antigos peruanos, etc.) para que não restasse lembrança dessas civilizações.

Em toda a parte, de quando em quando, são realizadas fogueiras de livros, por motivos religiosos ou políticos. Estranho procedimento do homem, em relação aos livros: queima-os. A traça é mais racional e civilizada: come-os.

A título de curiosidade, deixe-me contar que eu também fui queimado. Ou melhor, o meu romance dos balseiros do Rio Uruguai, **São Miguel**. O pudico primeiro editor contou-me **todo arrepiado**, que uma freira católica lhe escrevera contando haver queimado o meu livro, pelo fato de não concordar com o suicídio ali descrito. Tenho especial estima e grande respeito pelas religiosas católicas, mas absolutamente não concordo com a queima de **São Miguel**. E digo mais, a essa piromaníaca de hábito: não concordo com o suicídio de ninguém, assim como também não concordo com a guerra, a fome, a prostituição, a miséria. Mas o fato de não concordar com uma coisa não me impede de escrever sobre ou mesmo contra ela. E digo ainda, a essa piromaníaca que usa hábito e tem o mau hábito de queimar livros — me perdoem pelo trocadilho infame —: queime todos os jornais do mundo inteiro, minha senhora. Todos eles noticiam suicídios, todo os dias.

Outro fato curioso?

Sim, o mais curioso de todos. Embora eu esteja absolutamente, ou melhor, totalmente, **cheio** com os editores, não posso, de modo algum, mandá-los para determinado lugar. Muito menos neste momento, quando estou frente a frente com o meu atual editor. Pois é, meu caro Salim Miguel: depois de editor do Grupo Sul, você foi editor da revista **Ficção**, e tornou-se, agora, diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

E então, mais uma vez, você resolveu editar-me. Meu romance, tendo por cenário o mar e as plataformas petrolíferas, e cujos personagens são os mergulhadores profissionais, deverá ser lançado em novembro próximo, não é isso? Você acredita em destino, fado, essas coisas? E bom ir começando a acreditar. Sina de Salim Miguel: ser o editor de Guido Wilmar Sassi. Mas, pelo que me parece, nós dois achamos esse fadário bem gratificante, não achamos? De certa forma é um fato curioso: uma espécie de fidelidade editorial.

Conforme você está lembrado, um dia eu jurei que nunca mais iria procurar editor com os originais debaixo do braço. Você mesmo é testemunha de que estou cumprindo a promessa. Quando lhe entreguei os originais de **Lindomar, ou Verde Mar azul, ou O Calendário da Eternidade**, eles estavam dentro de uma pasta executiva, pois eu não queria, de modo algum, ocupar minhas axilas com o pacote. E agora, enquanto lhe chamo a atenção para o fato, aproveito a chance para uma tirada de efeito, máxima de geniozinho: **"Sovaco nunca foi biblioteca e livro não serve pra desodorante"**.

Continua...

Registro

Atenção, sr. diretor! de Enio J. Resende, Summus Ed., SP. Livro concebido e escrito com o objetivo de sensibilizar os diretores e gerentes das organizações para as questões que ameaçam a sobrevivência das empresas e afetam seu desempenho e produtividade. Um texto baseado na realidade brasileira, fruto da experiência do Autor.

***

Lógica, formal, lógica dialética, de Henri Lefebvre, trad. de Carlos Nelson Coutinho, Ed. Civilização Brasileira, RJ, 3ª edição. Além de aprofundá-los criticamente, o Autor expõe de modo didático os problemas essenciais da história da filosofia. Expoente do pensamento filosófico francês, Lefebvre é marxista da linha hegeliana.

***

Amazônia — potencial mineral e perspectivas de desenvolvimento, de Breno Augusto dos Santos, T.A. Queiroz, Ed., SP. Prêmio Jabuti, 1982, da Câmara Brasileira do Livro, aqui o Autor, geólogo e estudioso dos problemas da região, mostra o que é e o que pode vir a ser a Amazônia como fonte de riqueza mineral e sua importância para o País.

***

Mudança social e pobreza no Brasil: 1970-1980, de José Pastore, Hélio Zylberstajn, Carmem Sília Pagotto, Livraria Pioneira Ed. Estudos Econômicos - FIPE, SP. Sub-intitulado "o que ocorreu com a família brasileira?", a pesquisa de que resultou este livro analisa a situação de emprego e remuneração da força de trabalho brasileira na perspectiva da família domiciliar.

***

Senso crítico — Do dia-a-dia às ciências humanas, de David W. Carraher, col. Manuais de estudo, Livraria Pioneira Ed., SP. Zo livro visa facilitar o aprimoramento e desenvolvimento do senso crítico. Indicado para professores de 1º e 2º graus, e estudantes universitários, dos cursos de Ciencias Sociais e Humanas, entre outros.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

243

O ESTADO - Fpolis, 19/10/83

LIVROS

Salim Miguel

ENTREVISTA

GUIDO WILMAR SASSI:

XII

"Como é que alguém se torna imortal e morre? Coisas da literatura meu chapa; das academias".

Nesta décima—segunda parte da entrevista, Guido atira uns confetes (enormes!) pra cima do entrevistador. Coisa de amigo de mais de 30 anos (e aqui é bom lembrar que fazem exatamente 30 anos, 1953-1983, que apareceu o primeiro livro do nosso escritor, Piá, Edições SUL), amizade que já enfrentou chuvas e trovoadas passageiras, pois os dias de bom tempo foram absoluta maioria. Que fazer diante dos confetes? Cortá-los? Jamais! Não é com esta idade, e depois de termos enfrentado barras pesadíssimas, que vamos dar uma de censor. Então, em frente. Guido fala agora do seu relacionamento com editores, dos problemas para editar, de alegrias e aborrecimentos. Vamos à entrevista-livro, que tem mais duas partes. Até lá terá saído Este mar catarina, lançado pela Editora da UFSC, que está indo para as livrarias. Nesta antologia de contos que tem o mar como tema, reunindo ficcionistas catarinenses de Virgílio Várzea aos nossos dias, Guido comparece com "O naufrágio do Black Ship". E logo depois, no final de novembro, estará nas livrarias Lindamar (ou Verde mar azul, ou O calendário da eternidade), romance sobre o trabalho dos mergulhadores das plataformas submarinas da Petrobrás, também pela Editora da UFSC.

Conte alguma coisa a respeito da edição de seus livros, problemas editoriais, etc.

Minhas dores de cabeça, nesse particular, começaram há 30 anos, quando do aparecimento do meu primeiro livro. E nesses 30 anos, nada mudou, e se mudou foi para pior.

Sempre me disseram que o distribuidor é o vilão da história, o fedapê de nossa **telenovela** editorial. Um editor de Porto Alegre me contou que não queria saber de distribuidores, pois eles exigiam — nada mais, nada menos — a **comissão** de 60% sobre o preço de capa. Assim, como 30% pertenceriam certamente ao livreiro, e o autor ficaria com os **tradicionais** 10%, seriam totalizados os **cem por cento** do preço de capa do exemplar, e a edição estaria automaticamente esgotada. Logicamente o editor, para o qual não sobraria tutu nenhum, **tão bonzinho que ele é**, teria que ser um Mecenas, mas um Mecenas podre de rico, faturando em petrodólares, para agüentar a parada.

Pausa para um parêntese. (Os 10% a que me referi acima valem somente quando os autores chegam a receber direitos autorais. De fato, grande parte dos escritores nem sabe que isso existe; aliás a maioria, por vaidade pura, e pra ver o amado nominho impresso, acaba financiando seus próprios livros e assassinando o pouco-nada de profissionalismo que a pretensa profissão pudesse ter. E depois, saem dando por aí... os livros, é claro).

Da **química** relativa à totalização dos **cem por cento** eu não compreendi nada; não compreenderei nunca. Como dizia o sábio e saudoso Barão de Itararé (um dos grandes humoristas deste planeta, já falacecido), **"quem não entende de Matemática e outras ciências adjacentes, correlatas ou aparentadas, não bota banca e não se mete a besta".** De edição eu não entendo nada. Também nada entendo dos problemas correlatos, adjacentes e aparentados: composição, impressão, distribuição e venda. Do assunto livro somente sei duas coisas (e bem! e bem! — pois esta é uma entrevista séria, sem lugar para falsa modéstia); duas coisas, eu dizia: ler e escrever — o bastante para uma só encarnação. Quando se fala a respeito de livros e de vida, fica pra lá de difícil escapar do trocadilho, gasto porém tentador: **encarnação-encadernação...**

Há 30 anos, a edição normal de um livro era de 1.000 exemplares. Se alcançava 3.000 era **best-seller.** Hoje em dia, não vejo mudança alguma; tudo continua no mesmo. Os problemas editoriais continuam os de sempre, eternos, insolúveis. Falo em termos da realidade editorial brasileira, é claro. termos gerais, para ser mais preciso.

Com isso, você quer dizer que enfrentou dificuldades editoriais desde o início, desde o seu primeiro livro?

Não! — por incrível que pareça. Não tive dificuldade alguma para editar meu primeiro e segundo livro. Os entraves e obstáculos, chateações e aporrinhações vieram posteriormente. O livro de estréia, então, foi aquela **total moleza...** meu primeiro editor quase chegou a exigir que eu lhe entregasse os originais. Verdade que ele era (é!) muito inteligente, e sabia o potencial que eu representava.

Como se chama esse cidadão?

Chamava-se e chama-se ainda, pois felizmente não morreu nem trocou de nome. Um nome bem sonoro, por sinal: Salim Miguel. Não, não diga nada, meu caro. Conforme frisei antes, esta entrevista é séria, sem frescuras. O fato é que você; um dos líderes de SUL (o Grupo, a revista, a editora, a turma do teatro e do cinema) nos idos de 50, leu meus contos e resolveu editar-me. E viu o resultado, não viu? Pere aí!Não fale! Deixe que eu vou contando. Não, porém, sem repetir que não vou deixar de dizer que somos bons, quando de fato somos. Modéstia, quando sem motivo, não é qualidade; é burrice. Pior é que é. Pois então, se consegui projeção nacional, logo de saída, o mérito foi meu, da coletânea de contos; porém, a edição era de vocês... nossa, da SUL. **"Quem fala a verdade não merece castigo",** já dizia a sabedoria popular. **Ex abundantia cordis,** pô! Licencinha pra gastar o meu latim, misturado com expressões de gíria.

Quem revisou as provas do meu primeiro livro foi o Dr. Walmor Cardoso da Silva, autor de **Idade 21,** poemas, o primeiro empreendimento editorial do SUL. Estou apenas tentando externar meu agradecimento ao Dr. Walmor e a outros componentes do Grupo. Azar dele, se não gostar que eu hoje lhe recorde alguns inocentes pecadilhos da juventude.

Pois é. **Piá** (1953), concorrendo ao Fábio Prado — o maior e o mais prestigiado e prestigioso prêmio literário da época —, mereceu o voto de um dos três componentes do júri. Os dois outros julgadores votaram no vencedor. Quem foi o vencedor? Não digo e não digo! Ricardo Ramos, anos depois, me contou a história secreta da votação e o motivo porque nem ele nem eu fomos vencedores. A decisão estava entre um de nós dois, quando apareceu um terceiro autor... e uma terceira... sei lá o quê. Essa terceira pessoa, do sexo feminino, **imortalizou-se** pouco antes de morrer. Dizem que foi a segunda pessoa do segundo sexo (quantos há?), a conseguir a façanha. Como é que alguém se torna imortal e morre? Coisas da literatura, meu chapa; das (DA) academias. Procedimento meio (muito) escabroso, a influência da não mencionada senhora dona na decisão do prêmio. Ah, deixa prá lá! Não se deve falar mal dos mortos.

Depois foi a vez de *Amigo Velho*?

Certo. Mas antes, em 1954, seria a vez de **Contistas Novos de Santa Catarina,** com o qual obtivemos sucesso no Brasil inteiro. E daí, em 1957, a nossa editora publicava **Amigo Velho,** composto e impresso, como sempre, na Imprensa Oficial do Estado, feiozinho, ruim de capa, mal revisto, e tudo o mais que pudesse existir de negativo. Menos o miolo; este era bom, era meu. Pois aconteceu que o prêmio daquele ano, do Instituto Nacional do Livro, foi dividido entre este seu amigo, o excelente contista Moreira Campos (do Ceará) e um terceiro livro de contos, de autoria de um chefe-de-gabinete do Sr. Juscelino Kubitschek, então Presidente da República. Esta minha vitória foi também de SUL, não foi?

Logo depois a SUL acabou, você foi embora de Santa Catarina e arranjou outros editores.

Pois é... e então começou a briga de verdade. Já tive ocasião de falar a respeito de **Testemunha do Tempo,** contos de ficção científica, lançado pela G.R.D., Rio de Janeiro, em 1964. Tiragem de 3.000 exemplares, direitos autorais pagos religiosamente, sem qualquer complicação. Gumercindo Rocha Dorea, conforme eu disse anteriormente, foi o editor mais honesto que encontrei. Editor profissional, acentue-se bem. Porque você, meu caro Salim Miguel, quando publicamos **Piá e Amigo Velho,** era apenas um ilustre e correto amador. Ilustre e correto, sim; porém, simplesmente amador.

Mas então não houve briga.

Um momento, eu chego lá. São **Miguel,** meu romance de estréia no gênero, foi premiado em concurso instituído por uma editora de São Paulo e, como você sabe, teve em 1962 uma primeira edição de dez mil exemplares. A segunda edição foi da Antares, do Rio, quase 20 anos mais tarde. Aqui eu tenho que fazer uma parada para elogiar a competência e honestidade da Edições Antares. Nota curiosa: trata-se de organização dirigida exclusivamente por mulheres. Alô, Maura Ribeiro Sardinha; um abraço pra você. E um recado: se você não quer fazer a 3.ª edição de **São Miguel,** avise-me com urgência, porque tem mais gente interessada.

E a encrenca?

Os primeiros editores de **São Miguel,** patrocinadores do concurso por mim vencido, ainda pensavam que os bebês vinham ao mundo trazidos pela cegonha, ou feitos de matéria plástica, e assim se apavoravam ante uma cena de sexo (mesmo sem toques mais realistas e sem a menor gratuidade da parte do Autor), uma gravidez não desejada, ou uma palavra mais forte. A menor menção da palavra sexo, acontecia como naqueles antigos filmes de Tarzan, quando os carregadores nativos deparavam com o terror e o desconhecido. Eles atiravam os fardos no chão, pediam o colo da mãezinha e gritavam, cheios de medo: **"Taboo, bwana!"** De sua parte, os editores, amedrontados, berravam: **"Corta! Corta!"** Tive que discutir e lutar muito para manter a integridade do texto.

Naquele jogo de vai e vem, de corta e não corta, eu mantinha correspondência com o editor, mediante bilhetinhos escritos nas margens dos originais. Em determinado trecho, o editor (ou alguém por ele) escreveu a palavra **incroyable.** Acontece que o editor era alemão, e se tratava de livro escrito em português, por um brasileiro. Não vinha ao caso se o trecho em pauta era ou não **inacreditável, incrível.** Ao devolver o romance (datilografado), recomendei ao editor que empregasse o idioma dele ou o meu, nunca um terceiro. E a seguir, enraivecí-me e mandei — por escrito — que ele fosse à procura da prostituta que o havia gerado. Deu galho. Um galho enorme, deeeeeste tamanho! É que eu escrevi **prostituta** usando apenas quatro letras...

Continua...

Lançamentos na UFSC

Mais dois títulos da Editora da UFSC tem lançamento programado, ambos para o **hall** da Reitoria da UFSC, campus da Trindade: **Antologia do varal literário** (textos escolhidos pelo público), reunindo 37 autores, com introdução e organização de Alcides Buss; e **Partidos e políticos de Santa Catarina,** de Carlos Alberto Silveira Lenzi.

No primeiro (dia 21, sexta-feira, às 17h30m), temos um balanço do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Varal Literário e do que ele significa hoje como nova forma de comunicação com o público; o segundo (dia 24, segunda-feira, às 17h30m) é uma recuperação da memória de Santa Catarina, através dos partidos e dos homens que se dedicaram à atividade política no Estado.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

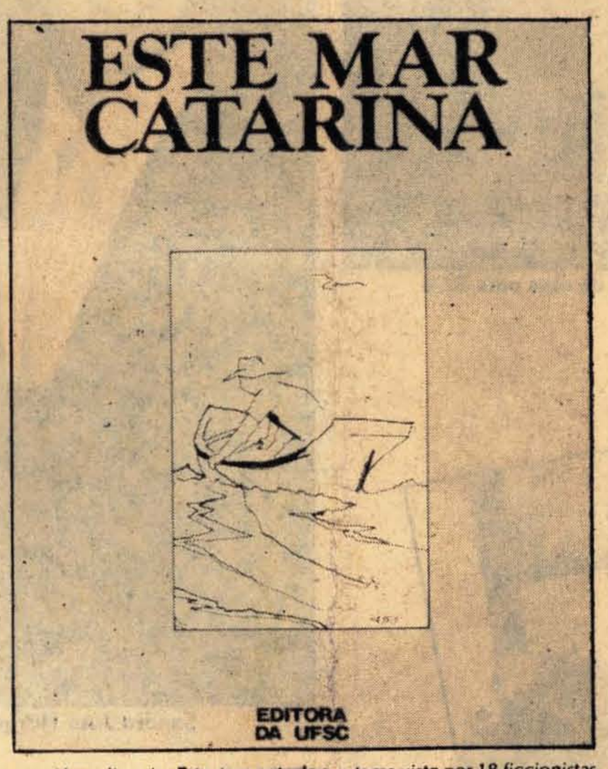
GUIDO WILMAR SASSI:

"Nosso primeiro encontro (de SUL mais eu) foi um impacto enorme, algo assim como um coice na cara".

XIV

(final, por enquanto).

Enfim, o fim. Esta última parte da entrevista é dedicada ao Grupo SUL. Guido diz de que maneira tomou conhecimento do Grupo, como e porque passou a fazer parte do mesmo, fala das várias opiniões e versões que circulavam a respeito de seus componentes, das brigas, das incompreensões, de vitórias e derrotas. E com a rude franqueza que o caracteriza afirma que, de início, ele se "identificava com todos quantos não gostavam de SUL". E a mudança operada, até se integrou ao Grupo e passar a ser o mais expressivo de seus nomes. Deve-se reconhecer: a proposta nova do Grupo provocava forte reação na acomodada província; os medalhões bem situados não queriam nem pensar que, afinal, estava chegando para contestá-los uma coisa chamada Arte Moderna. Algum deles teria tomado conhecimento da Semana de 22, em São Paulo? E se isto sucedia aqui, em Florianópolis, o que dizer de Lages, onde os acontecimentos deviam chegar deturpados? Tudo isto está implícito no depoimento de Guido, que, mais de 30 anos passados, tem o inestimável valor de recuperar a memória do movimento cultural da década de 50 em Santa Catarina. Mas deixemos o Guido falar. Não sem antes dois avisos: Este mar catarina, **lançado pela Editora da UFSC, já se encontra nas livrarias; e** O calendário da eternidade **(título agora definido entre mais dois,** Lindamar e Verde mar azul**), também pela Editora da UFSC, estará pronto até o final de novembro. Neste romance, que nos devolve o mesmo ficcionista forte e inventivo, temos o Guido de** S.Miguel, Geração do deserto, Piá, Amigo Velho, Testemunha do tempo, **que sabe narrar e estruturar, e temos um Guido que irá surpreender muitos de seus leitores. É que ele abandona sua região serrana para se embrenhar nas profundezas marinhas e nos trazer um punhado de seres sofridos, num livro de muita ação e humanidade. O que comprova, mais uma vez, que para um autêntico criador não há tema tabu; basta que ele queira enfrentá-lo, dominá-lo e domá-lo.**



Já nas livrarias **Este mar catarina**, *o tema visto por 18 ficcionistas catarinenses, de Virgílio Várzea aos nossos dias, e onde Guido comparece com "O naufrágio do Black Ship", conto de fundo autobiográfico, história de um menino do interior que inventa seu mar particular e nele navega.*

Perguntas óbvias resultam em respostas óbvias. Isso é óbvio, não é? Sei a resposta de muitas das perguntas que vou fazer; sou obrigado a formulá-las, contudo, tendo em vista os nossos leitores. Eis as primeiras: Seu encontro com o Grupo Sul teve alguma importância em sua literatura, em sua carreira literária? Todos têm um descobridor; quem foi o seu?

Sim. Grande importância, total importância. De certa maneira, eu sou um resultado de Sul. É óbvio que, em primeiro lugar, antes de mais nada, eu sou um escritor. Bom ou mal? Razoável? Não vem ao caso. Eu seria um escritor, mesmo se jamais tivesse havido meu contato com o Grupo Sul; sou um escritor hoje, anos e anos após o desaparecimento de Sul; serei um escritor sempre, seja qual for o ponto cardeal. Mas, o fato é que Sul **aconteceu** no meu caminho, ou Guido Wilmar Sassi **apareceu** na trajetória de Sul. Irrelevante. "A ordem dos fatores não altera o produto."

Queira ou não queira, você foi o meu descobridor, Salim Miguel. Esse mérito — se existe — ninguém lhe tira. Se não fosse você, teria sido outra pessoa. Qualquer pessoa. Isso também é óbvio. Sempre há um primeiro alguém, em primeiro lugar, pela primeira vez. Foi você. Ponto final.

Você participou do Grupo Sul desde o seu aparecimento?

Não. Eu me considero apenas uma espécie de carona do Grupo. Verdade: Sul ia passando, e eu peguei uma carona. E continuo, até hoje. Sim, porque, de fato, não acho que o Grupo esteja desfeito, não levo em consideração a sua morte. Sul continua a frutificar: propiciou o nascimento de outros grupos, contribuiu para o sucesso de gente nova, e consolidou, empregando cimento de boa qualidade, a atuação de alguns componentes antigos.

Muitos poetas e contistas (cultores de outros gêneros também) são, de certa forma, resultado de Sul. Talvez não se tivessem realizado, se o Grupo Sul não tivesse existido. Todos possuíam valor/próprio, individual; isso é lógico. Porém, Sul foi a ponte, o veículo que os conduziu até onde hoje se encontram. O mesmo sucedeu comigo.

E as brigas até certo ponto homéricas, você está lembrado?

Infelizmente, não alcancei os tempos heróicos de Sul, quando o pessoal era taxado de malucos, veados e comunistas, além de outras classificações e apodos menos votados.

Recordo-me de que um dos componentes de Sul — hoje quase cinqüentão — chegou a ser preso, simplesmente porque estava rindo — (isso mesmo: rindo) à porta de um bar, numa das ruas principais desta nossa Desterro. Então, um dos figurões literários (hein?) da época chamou um policial, para que prendesse o nosso companheiro. A autoridade ficou sem saber o que fazer, porém, quando o sisudo e severo cidadão declinou sua qualidade de gente do Palácio do Governo do Estado, onde desempenhava uma função qualquer, o soldado não teve dúvidas em trancafiar no xilindró o risonho contista (pois é: contista dos bons), que, sem motivo nenhum, estava a rir-se (eta construção de frase, meu Deus!) na presença do erudito goethiano (é assim que se escreve?) que vocês, da Sul, tiveram o desplante de não convidar para fazer parte das festividades relacionadas com o centenário de Goethe. Parece-me que o poeta alemão foi uma das causas principais da briga, não foi? Ou, pelo menos, o começo da briga.

Foi pena você não morar aqui, naquele tempo, para tomar parte nas contendas. Você sempre me pareceu bom de briga.

Não sou, não. Detesto briga. Contudo, no particular, sou igual ao mineiro: dou um boi para não entrar numa briga, mas, depois que entro, dou uma boiada inteira para não sair mais.

Enquanto vocês peleavam contra os donos da literatura catarinense, eu me encontrava na minha quieta Lages (quieta naquele tempo... agora...), onde sonhava com os louros (os louros só, não: também os morenos e os mulatos, pois nunca fui racista) da literatura e publicava minhas pequenas atrocidades na imprensa local, onde eu era, para usar uma expressão da época, "assíduo e festejado colaborador". Jamais entendi esse **festejado.** É agora ocasião de contar que, **naqueles antigamentes,** havia em Lages dois jovens mais ou menos talentosos, possuidores de inegáveis e promissoras vocações para as letras... o outro era **eu.**

E não conhecia ninguém de Sul, nem a revista?

Nem nada nem ninguém. Não tinha o menor conhecimento dessa gente sem pudor, desse bando de doidos pederastas e comunistas que, com seus escritos obscenos e deletérios, conspurcavam os mandamentos das religiões, zombando de seus sagrados códigos, e tentavam, a todo o custo, denegrir a sã moral, enquanto buscavam solapar os pilares de nossa sociedade e abalar os alicerces em que se assentam a virtude e a honra da tradicional família catarinense. Eta, festival de chavões! Qualquer deputado de **menas curtura** pode utilizar tudo isso aí, em sua próxima campanha. Não precida citar o autor nem a fonte, mas, me pague os direitos autorais, pô!

Mas, se eu não conhecia Sul, a recíproca também valia; ninguém do Grupo tinha qualquer conhecimento de Guido Wilmar Sassi. A troco do quê, né mar Sassi. A troco do quê, né mesmo?

Naturalmente, eu sinto não ter sido um dos fundadores de Sul, um participante mais ativo. Para falar a verdade, quando cheguei o Grupo estava **feito** e era respeitado. Eu não contribuí em nada, no tocante a deveres, obrigações e lutas, e somente desfrutei as vantagens. Não vou, agora, fazer ficção, contando lorotas e vangloriando-me de coisas que não fiz.

Em contrapartida, alguns cidadãos que antigamente combatiam o Grupo, hoje andam por aí muito ufanos, dizendo-se fundadores de Sul. O restabelecimento da verdade se dará quando remanescentes do Grupo forem entrevistados. Desde já, porém, informo que existem fontes esclarecedoras: **Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul e Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina,** de autoria, respectivamente, de Lauro Junkes e Lina Leal Sabino. O último livro citado constitui Dissertação de Mestrado, com a qual a autora conquistou o grau de Mestre em Letras — opção Literatura Brasileira.

Mas, se você não conhecia o pessoal de Sul nem a revista, possivelmente em Lages alguém lhe teria externado a opinião que circulava a nosso respeito. Qual era ela?

Constava que vocês formavam um grupo fechado, **exclusivamente restrito.** Com o tempo, descobri que não era nada disso. Vocês incentivavam novos e velhos, desde que tivessem valor. É claro que nem todos puderam chegar **lá.** Em literatura e arte, como em tudo o mais, vale sempre aquele trecho bíblico, citado de memória: **"Muitos serão os chamados; porém poucos os escolhidos".**

Sul não era, absolutamente, um ambiente fechado. Fosse mesmo, e eu não teria sido chamado, e posteriormente escolhido. E fui. E ninguém mais diferente, em formação, gostos e vivência, do que eu e os elementos do Grupo Sul. Ao menos nos idos de 50. Hoje eles me parecem uma equipe muito conservadora. Na atualidade, o irreverente e iconoclasta sou eu.

Está bem. Mas, eu gostaria de saber, agora, qual a sua opinião própria a nosso respeito.

Impossível. Minha opinião se casava com a dos outros, e eu me identificava com todos quantos não gostavam de Sul. Deixe-me explicar bem: não gostava, mas, também não ripava; jamais falei (ou escrevi) mal de Sul. Eu nem precisava contar o que estou contando. Podia dizer simplesmente que sempre achei vocês umas lindezas literárias. Seria mentira. Minha rude franqueza impede-me de dizer que sempre gostei de vocês. Não gostava, esta é a verdade. Depois, com o tempo e a convivência, os longos papos, a troca de confissões, e uma porção de etc., aprendi a gostar. E gostei de ter gostado. Daí foi aquela coisa louca, arrebatadora... amor pra toda a vida. E não quero enviuvar de vocês, de modo nenhum. Mesmo não posso. Passei a ser um de vocês, lá se vão 30 anos. Sou um de vocês, agora. Sul não morreu jamais; está mais viva do que nunca.

Um dia, por acaso, encontrei um número da revista Sul. À primeira vista, me pareceu uma publicação feita por iconoclastas e irreverentes, uma corja de revolucionários que pretendia derrubar a situação estabelecida, para implantar em seu lugar os desmandos da dita ("maldita") Arte Moderna, das pinturas de quem não sabia pintar, dos poemas sem rima nem métrica, dos romances sem história, o descalabro mais completo; enfim, a implantação do caos — do caos, meu amigo.

Nosso primeiro encontro (de Sul mais eu) foi um impacto enorme, algo assim como um coice na cara... com as quatro ferraduras ao mesmo tempo — sem qualquer conotação animalesca, e sem o menor desrespeito para com os bípedes e quadrúpedes porventura envolvidos.

Alguns elementos do Grupo, inexperientes, eram movidos apenas pelo espírito do **pour épater.** Os mais legítimos representantes, contudo, pretendiam construir. Pretendiam e conseguiram. Primeiro usavam dinamite, demoliam todos os pardieiros literários, culturais, artísticos, tradicionais, etc.. À gente menos avisada (eu mesmo, inclusive), deveriam parecer uma horda de átilas, sequiosos de vandalismo, estripulias e bagunça. Mas, depois da dinamite, vinha a fase de construção. Construíam em cima das ruínas. Tinham colunas, nos jornais, tacando o pau nos "medalhões" estabelecidos. Havia a publicação da revista, a editora, o clube de cinema. Insatisfeitos sempre, não houve setor cultural e artístico em que eles não se envolvessem. Encenaram peças de teatro, incentivaram a pintura, a escultura... eu acho que todas as artes e todas as modalidades de cultura. Não é exagero de admirador, não. Até mesmo filmes o Grupo resolveu produzir, filmes de longa-metragem. E isto na Velha Desterro, imaginem só!

Afinal de contas, você acha que houve proveito em seu envolvimento com a turma de Sul?

Se houve! Só houve. Foi devido ao meu envolvimento com o pessoal do Grupo Sul, e ao que eles me ensinaram, que acabei deixando alguns dos meus editores completamente histéricos. À simples aproximação da minha pessoa, ou apresentação dos meus textos destinados ao público, eles se persignavam, balbuciavam preces e, horrorizados, protegiam com as mãos as partes ditas pudendas. Isto, tanto no sentido figurado, como também no real. **Vade retro!**

E o começo de tudo, como foi mesmo?

Eu resolvi escrever uma carta ao pessoal de Sul. Escrevi a você, Salim Miguel, para não faltarmos à exatidão. E então, veio a resposta, veio o intercâmbio epistolar. Descobrimos gostos comuns (também alguns desgostos), divergências, concordâncias, etc.. E também veio a amizade, a publicação dos meus livros. O resto, parece-me, pertence à História. Com "H" maiúsculo. Eu não sou modesto, já afirmei antes. Na oportunidade, um aviso: ninguém se meta nas brigas de Salim Miguel **versus** Guido Wilmar Sassi; arrisca-se a apanhar dos dois.

E agora, chegou o momento de repetir o que eu disse antes: Sul, apesar de morta, continua frutificando. A edição do meu livro mais recente, a sair, em novembro, pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, talvez não acontecesse, se não tivéssemos sido, anos atrás, você e eu, editor e editado. Vamos ao repeteco. Estou ansioso para ver **O Calendário da Eternidade** em letra de forma.

* * *

Vamos parar, por enquanto, com estas entrevistas. Vou contar-lhe, agora, um dos motivos por quê deixei de escrever durante 20 anos. Falaram-me, muito e muito, a respeito do prazer que se experimenta na literatura. Está certo, essa satisfação existe mesmo. Ocorre, porém, um senão: escrever é uma espécie de onanimos — um prazer muito solitário.

"Antologia do Varal Literário" será lançada em B. Camboriú

Os escritores catarinenses, desconhecidos e conhecidos, terão um momento muito especial, quinta-feira, às 18 horas, no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, que se realiza em Balneário Camboriú durante esta semana. Esse momento será o lançamento do livro "Antologia do Varal Literário", editado pela Universidade Federal de Santa Catarina, que vai contar com a presença de todos os autores das poesias, que foram escolhidas pelo público.

O local do lançamento é o Pavilhão da Citur, no Stand da Editora da UFSC, por onde passam diariamente dois mil congressistas de diversos Estados do País. Segundo a responsável pelo Stand, Jussara Bayer, o cartaz que anuncia o livro tem atraído a atenção de muita gente que procura saber o significado do "Varal Literário".

Os objetivos dessa realização dos autores catarinenses são bem definidos por Lauro Junkes, da UFSC, na apresentação do livro: "Levar a poesia ao povo, à sociedade, às pessoas, nas praças, nos salões, nas escolas, introduzir o poema no cotidiano, dar oportunidade aos que iniciam na arte de escrever para levar seu poema aos leitores, sensibilizar o público para a leitura e apreciação dos valores literários parecem constituir, entre outros, os objetivos do Varal Literário".

Na quinta-feira, durante a sessão de autógrafos, os poetas que participam do Varal Literário poderão ver o resultado concreto e positivo dessa iniciativa, que procurou estabelecer, pela primeira vez no Estado, e conseguiu, um contato direto entre o público e o poeta.

STAND

Desde o primeiro dia do Congresso, a Universidade Federal de Santa Catarina está expondo mais de 30 títulos da Editora da UFSC. Jussara Bayer disse que até ontem mais de 500 pessoas já haviam visitado o Stand e que 30 livros foram vendidos.

Os preços variam bastante mas nunca passam de Cr$ 4 mil. A única exceção é o livro de Walter Piazza, "A história de Santa Catarina", que custa Cr$ 7 mil, tendo vendido até agora apenas um exemplar para um catarinense de Blumenau. A responsável pelas vendas afirmou ainda que se surpreendeu com a quantidade de pessoas curiosas para conhecer alguma coisa sobre literatura infantil catarinense, "mas quase nada temos para mostrar. De uma maneira geral, nossa exposição mostra autores que não escrevem para crianças".

"Artepoema" na Mário de Andrade, em SP

O escritor Silveira de Sousa e o pintor Hassis estão com sua exposição "Artepoema" instalada no saguão da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, desfrutando do privilégio de poder mostrar seus trabalhos diariamente a cerca de três mil pessoas que por ali transitam. A mostra, que apresenta 10 painéis com poemas de Silveira e pinturas de Hassis, está incluída no programa de comemorações à passagem dos 90 anos de Mário de Andrade.

A presença da "Artepoema" em São Paulo faz parte de um ciclo de exposições que tem sido percorrido pelos dois artistas e que se iniciou aqui em Florianópolis no primeiro semestre deste ano. Depois disso elas já estiveram em várias cidades catarinenses e em Curitiba, pretendendo estender seu roteiro até Rondônia, aquiescendo a um convite da presidente da União Brasileira dos Escritores naquele Estado, Kléon Maryan, que, entusiasmada com o trabalho apresentado pelos dois catarinenses, manifestou seu desejo de levar esta obra para o Norte do País.

São de Kléon as seguintes palavras escritas no livro do registro de visitantes à exposição: "Difícil, quase impossível, traduzir o belo sem que não se fira a imagem do próprio belo. Assim, pois, se dá com a inspiração do poeta e do pintor, aquele trabalhando a plástica do artista em seus poemas, este induzindo o poeta a sair da prosa para dedicar-se com o real que lhe tange o espírito. Silveira de Sousa ofereceu-nos o belo dentro do real levando-nos a crer na necessidade do visual, do mesmo modo que Hassis, com a sua carga emocional transferida com lances de cores fortes, que há de mais belo n'alma do artista, a vida no seu todo".

O presidente da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), Henrique L. Alves, também deixou registradas suas impressões sobre a obra de Silveira e Hassis, e elas não foram menos favoráveis e elogiosas: "Acompanho a força poética de Silveira de Sousa, cuja sensibilidade impressiona e emotiva, agora, aliada ao traço e cor de Hassis, essa expressão de arte. Duas junções entre a poesia e a pintura a dignificar a cultura nacional pela presença na Paulicéia Desvairada. Um conjunto que deve percorrer o Brasil na conquista de admiradores e aplausos da crítica. Parabéns e sucesso tão digno do trabalho apresentado".

Por receberem manifestações como estas e outras vindas de populares que têm visitado com vivo interesse a "Artepoema" é que Silveira de Sousa e Hassis estão de volta à Capital com grande entusiasmo e, após encerrar a mostra no próximo dia 31, eles pretendem estender o roteiro levando sua arte as mais distintas e distantes, ou não, áreas brasileiras.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

245 - MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista Gilson Rebello: "O livro acaba...". **O Estado,** Florianópolis, 24 jul. 1983

ENTREVISTA

Gilson Rebello:

"O livro acaba mostrando como se processa o trabalho do escritor"

A história da guerra do coronel Martim Afonso de Souza — descendente do primeiro plantador de cana-de-açúcar do País, de quem herdou também o nome — com seu sobrinho-neto, Caetano, começa quando o jovem, acompanhado de um grupo de amigos, chega à Almas, cidade onde o coronel era o Prefeito e dono de quase todas as terras onde há anos florescia o canavial destinado à fabricação da cachaça, e manifesta o desejo de ocupar a propriedade para construir uma comunidade "hippie" e no lugar da cana plantar maconha.

Com esse enredo, o romancista carioca Gilson Rebello escreveu o seu terceiro romance, **No Reino da Cachaça**, que, premiado pela União Brasileira de Escritores, vai ser lançado em dezembro pela Editora Global. Anteriormente, ele publicou **Cotidrama** (Editora Cátedra, 1976), também premiado pela "UBE", e **A Guerrilha de Caparaó** (Alfa-Ômega, 1980), baseado em uma série de reportagens feita para "O Estado de S. Paulo", onde o autor, jornalista profissional há 15 anos, é repórter na Sucursal-Rio.

"O meu novo livro — diz Rebello — é o resultado de vários anos de trabalho e, de certa forma, reflete a própria realidade vivida pelo autor nacional que, com reduzidas chances de lançar seus livros, mesmo quando premiados, acaba por reescrevê-los. Pelo menos, isso aconteceu comigo e esse jogo de paciência sem limites acabou sendo benéfico: permitiu que meu romance ficasse bem mais amadurecido porque, sou de opinião, que o escritor, a cada linha escrita, cresce junto com o que escreveu, principalmente, se busca seu próprio estilo".

Na verdade, em cada nova versão que fez de seu original, o romancista revela que teve o cuidado de ir aprimorando a narrativa, com o objetivo de abrir um caminho novo em nossa literatura sem, contudo, deixar de lado uma característica que sempre procurou defender: a de poder contar uma história com todos os ingredientes possíveis e com uma trama tecnicamente bem desenvolvida para prender o leitor até a última página do livro, transmitindo-lhe, ao mesmo tempo, emoção, ódio, suspense, amor e o prazer de uma boa leitura.

"Paralelamente ao estilo que pretendo venha ter minha própria marca — para isso procuro trabalhar o meu texto, às vezes, refazendo-o de trás para frente —, a preocupação que sempre tive foi a de ser um contador de histórias. Para atingir esse objetivo, abro mão de todos os outros artifícios literários e dos modismos. Quero, antes de tudo, ser um romancista, quero que meu livro atinja todas as camadas da população, servindo como entretenimento, como irradiador de cultura e ponto de partida para a discussão dos temas propostos".

Apesar disso, Gilson Rebello deixa claro que não fez uso de apelações estilísticas e nem mesmo de técnicas convencionais de narrativas, pois é de opinião que o popular não precisa ser popularesco. Diz que para escrever seu novo livro foi buscar a linguagem do dia-a-dia, muito mais verbal do que codificada, com suas gírias e estruturas linguísticas próprias, enveredou para a pesquisa de temas folclóricos, vasculhou o cotidiano e o inconsciente das pessoas comuns para resgatar os dramas, a miséria, o colonialismo, os medos, as revoltas e os momentos de glória e fé dos brasileiros das classes baixas.

No Reino da Cachaça foi escrito — diz o autor —, portanto, para ter várias leituras. E isso acho que é possível a partir da estrutura narrativa dada ao romance. Afinal, a história da luta do coronel com o sobrinho-neto que vai desencadear outras, não só em sua família, como também na cidade, é um fato já acontecido que será contado por um personagem invisível que, na verdade, está recolhendo todas as informações, todos os detalhes e depoimentos possíveis a respeito do episódio para ficar sabendo o que foi que ocorreu naquela época".

Nessa tarefa — continuou — o personagem — que seria o próprio escritor camuflado — começa a travar conhecimento com todas as pessoas que testemunharam aqueles fatos. E enquanto todos vão falando, o enredo vai sendo montado com a cor local e com o objetivo de misturar, deliberadamente, o passado com o presente porque todos os acontecimentos de nossa história, mesmo os mais remotos, têm sempre ligações com o que está acontecendo ou com o que ainda vai acontecer: "Assim, o livro acaba mostrando como se processa o trabalho do escritor".

Mas para obter todos os elementos necessários com vista a desvendar o caso, o personagem-invisível-narrador-ouvinte acaba ouvindo o relato do tabelião, com seus termos próprios, do jornalista, que fala como se estivesse escrevendo para o jornal, de um político, das beatas e fofoqueiras, do padre, do sacristão, de um professor de História local, dos jovens, dos analfabetos, dos jagunços, e, principalmente, de Mestre Aristides Bocaiúva, apontado como o maior contador de casos da cidade, que por ser homem do povo, empresta à narrativa uma linguagem bem peculiar.

A rigor, ao reconstituir esses fatos, o livro acaba por reviver as memoráveis noites no bar do Licinho, local onde, por coincidência, o personagem-invisível recolhe as informações necessárias sobre aquela época de conflito em Almas para, quem sabe, escrever um livro que poderia ter o título de "No Reino da Cachaça": "Esse meu romance pode ser considerado como um "bate-papo", em torno de uma mesa de bar, que fornece elementos ao leitor para participar da conversa ou ele próprio escrever um livro após ouvir todos os relatos".

Outro ponto destacado pelo autor é a sua preocupação de, junto ao enredo principal, criar vários outros com situações novas que trazem à trama diferentes personagens: "Quero, ao longo dessas novas histórias paralelas, discutir temas como o autoritarismo, o pecado, principalmente de um padre, um amor impossível, o ideal de um homem que acusa o coronel todo-poderoso, mesmo tendo dúvidas de suas acusações, os desatinos de um político que procura ganhar eleições para encobrir o crime que praticou e a luta dos jovens".

Em uma das leituras do seu livro, o escritor tem plena consciência de que o tema central poderá sugerir o problema do choque entre as gerações. De um lado, os mais velhos com o mundo que criaram à semelhança de seus avós e pais e de outro, os jovens amordaçados pela Revolução de 1964, buscando pela força, a compreensão e o ideal que não encontraram no seio da família e nos bancos universitários: "Esse meu livro é, portanto, o retrato de uma época e mais do que isso o 3x4 da luta individual de cada um em busca de uma razão capaz de adiar a morte mesmo quando todos sabem que estão vivendo no reino da cachaça".

MOMENTO DA POESIA

Busco a palavra

Maura de Senna Pereira

Não a que vem de mitos nem de lendas
a que traz resquícios do passado
nem mesmo dos bosques frescos do porvir
em que por vezes me hei refugiado
A palavra que decerto jamais escreverei
pois a que tenho escrito — tenho rasgado
por imprecisa, inócua, ataviada
Breve ou não, quero-a brava e exata
espelhando o homem do meu tempo
Busco a palavra em que lateje o presente
a hora que o relógio marca
fim de centúria e de milênio
era superapocalítica
Nem o transato nem o amanhã
só esta hora mesma e conflagrada
de agora
na palavra em que meu semelhante veja
a sua face
e no seu tempo em meu texto
e diga: está certo, irmã

Não faz muito, publicamos aqui um poema de Maura, catarinense há bastante tempo residindo no Rio. Poeta de fina sensibilidade, animadora cultural, colunista que no seu canto sempre deu vez aos novos valores e, mais especialmente, aos catarinenses, ei-la outra vez ocupando o espaço. E não sem motivo, o poema transcrito revela bem a arte de Maura, voltada para os valores da poesia e, também, para os valores do ser humano.

Registro

Jogo de Fiar, romance, de Patrícia Bins, Ed. Nova Fronteira, RJ. Em linguagem sensível e marcada por entretons, um fio de história tenta recriar uma figura feminina que luta por sua identidade. A trama é centrada nesta mulher que se auto-analisa. E nas raizes da infância quer encontrar os traumas da mulher adulta. A linha é intimista e por certo existe um forte componente autobiográfico no livro.

* * *

Inimigas — uma história de amor, romance, de Isaac Bashevis Singer, trad. de Carmen Vera Cirne Lima e Júlia Tettamanzy, L.P.M.-editores, RS. Se o universo ficcional é o mesmo, centrado na comunidade judaica, a linha narrativa se diferencia dos outros livros deste ganhador do prêmio Nobel. Aqui temos uma história de amor, mas se o tema é ao mesmo tempo tão antigo e tão comum na ficção, o tratamento é original, fundindo num jogo estranho realidade fantasia.

* * *

Com licença, eu vou à luta, de Eliane Maciel, Ed. Codecri, RJ. Tratado numa linha ficcional, narrado na primeira pessoa, este é um documento-depoimento impressionante. A revolta de Eliane se corporifica quando ela pergunta se é ilegal ser menor, quando ela luta contra a família e o **status quo** na busca de uma saída que não sabe onde se encontra. Livro de revolta, que faz pensar.

* * *

Escrava ou rainha? Magali; A casa dos rouxinóis, três romances de M. Delly e **Boas esposas**, romance de Louisa May Alcott, Cia. Ed. Nacional, SP. Muitas das mães de hoje, em especial aquelas um pouco mais idosas, folhearão com saudade estes relançamentos da col. Biblioteca das Moças, que a Cia. Ed. Nacional periodicamente mandava para as livrarias. Histórias românticas, linha água-com-açúcar, eram lidas com sofreguidão. Agora, com o mesmo formato, pelos mesmos tradutores, os títulos voltam às livrarias, na tentativa de motivar as novas gerações, as meninas-moças dos nossos dias que como sucedâneo para aqueles romances buscam momentos de fuga nas telenovelas.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

246

Fernando Sabino

DITO E FEITO

PASSADOS alguns dias da emoção que sacudiu o País com a morte de Alceu Amoroso Lima, vale relembrar aqui, em sua homenagem, as circunstâncias no mínimo inusitadas de um de nossos encontros. Ele próprio o mencionou em seu livro "Meio Século de Presença Literária":

"Encontrei por esse tempo (1943) o jovem Sabino, ainda mal egresso da adolescência, em um noturno da Central. Eu vinha, se bem me lembro, do enterro de dom José Gaspar. Ele vinha de uma peregrinação à meca dos jovens daquela época, à Rua Lopes Chaves, residência de Mário de Andrade. Conversamos um pouco na Estação do Norte, em São Paulo, depois nos separamos, cada um remoendo as suas melancolias. Vínhamos sentados, cada um em seu carro. Lá pelas tantas da noite, sinto um travesseiro que se interpõe entre a minha cabeça insone e o encosto do banco. Era ele que o trazia. Sem uma palavra o trouxe. Sem uma palavra o levou de volta. Veio e foi como uma sombra, no lusco-fusco daquele carro arquejante da Central, que varava a noite negra com a sua carga de corpos adormecidos ou insones, como nós dois..."

Fiquei desvanecido por ele se lembrar, e com tanta sensibilidade, de um encontro tão importante para mim. Uma das pessoas de quem Mário de Andrade havia falado mais intensamente, em alguns dias de conversa literária, fora justamente ele. Ao encontrá-lo na estação, onde Mário fora me levar, comentei com ambos a coincidência, enquanto eles se confraternizavam. E passei da companhia de um para outro, ouvindo agora, em contrapartida, o que Tristão de Athayde tinha a dizer sobre o Mário. Era um momento rico de emoção o que eu vivia, nem bem chegado aos 20 anos, colhendo assim, ao vivo, o mútuo testemunho de duas das mais importantes figuras literárias de nossa época.

Como o meu destino fosse Belo Horizonte, em Barra do Piraí eu teria de passar para o trem de Minas e ele prosseguiria viagem até o Rio. No momento da baldeação, fui ao seu carro para me despedir. Pareceu-me que dormia, cabeça reclinada sobre o encosto da poltrona. Tentei fazê-la repousar sobre o pequenino travesseiro que trazia comigo, e que ele instintivamente recusou. Então, para não perturbá-lo, despedi-me num bilhete que enfiei na bolsinha da pasta em seu colo, para que não se perdesse. E segui o meu destino.

Anos se passaram — dez? vinte? quantos, não sei. Durante todo esse tempo nos vimos ocasionalmente por aí, não tantas vezes quanto me seria grato. Até que um dia, de passagem por Belo Horizonte, onde por acaso ele também se encontrava, nos revimos na redação de "O Diário", em meio a vários amigos comuns. Foi então que, ao longo da conversa, não sei a que propósito, mencionamos aquela viagem de trem. Ele fez qualquer referência ao meu desaparecimento no meio da noite, sem me despedir...

— Não quis acordá-lo — expliquei. — Por isso fui-me embora deixando só aquele bilhete.

— Que bilhete? — estranhou ele.

— O bilhete que enfiei na bolsinha da sua pasta, não se lembra?

Ele disse que não havia encontrado nenhum bilhete, estava certo disto.

— Deixei a ponta de fora, bem à vista...

— Então ele caiu sem que eu percebesse. Ou empurrei para dentro sem me dar conta...

De súbito sua fisionomia se iluminou:

— Se você deixou na pasta, só pode ter sido esta aqui, que eu uso há mais de 20 anos. Foi o Jackson de Figueiredo que me deu.

E abriu a pasta que trazia consigo. Seus dedos tatearam o interior da bolsinha sob a tampa, acabaram sacando lá de dentro um pedaço de papel amassado e amarelecido pelo tempo. Desdobrou-o cuidadosamente para que não se esfrangalhasse, e pôs-se a ler em vol alta algumas palavras em tinta já esmaecida, que para ele eram de simples despedida, mas para mim uma mensagem que me vinha, através dos tempos, do jovem ao homem feito.

* * *

DESDE então voltei a vê-lo inúmeras vezes, ao acaso de nossos rumos distintos um do outro. No entanto, eu me sentia bem próximo dele, no entusiasmo que me inspirava a sua atuação, luminosa como uma estrela solitária na longa noite que baixou sobre o Brasil. Mais de uma vez lhe passei um telegrama de arrebatada admiração por este ou aquele artigo seu.

Como era bom encontrá-lo de surpresa na rua! Que festa de alegria, otimismo e amor à vida se inaugurava em meu coração, ante aquele sorriso largo e saudável com que ele me acolhia. Quando sofreu um acidente de automóvel em Petrópolis, subi a serra para visitá-lo no hospital. Já na casa dos oitenta anos, era surpreendente a vivacidade que manifestava, embora vítima de grave fratura que o obrigava a manter na cama os membros inferiores engessados em rígida e desconfortável postura, pernas separadas:

— Veja só — gracejou, quando entrei no quarto: — Nunca pensei que ainda acabaria assumindo esta postura ginecológica.

Levei comigo um projetor e, para distraí-lo, exibi ali mesmo os filmes que havia feito sobre alguns escritores brasileiros. Num deles, sobre José Américo de Almeida, ele aparecia prestando seu depoimento. Mostrou-se entusiasmado com a atuação de Pedro Nava, achou graça nas brincadeiras de Érico Veríssimo e Carlos Drummond. Eu me alegrava com sua reação, pois no fundo temia que o desastre por ele sofrido tivesse graves conseqüências.

Em vez disso, pouco tempo depois o revejo lépido e bem disposto em novos encontros fortuitos, ao longo dos anos que lhe restavam de vida. Foi com emoção que li ainda o artigo com que ele saudou um novo romance meu, emoção redobrada quando seu filho (agora posso contar) meu deu em segredo acesso ao exemplar com as margens, cheias de marcas e comentários, em palavras de generosa simpatia, naquela sua letra quase ilegível.

Depois disso, mais nada. Cumpriu-se agora o seu destino de grandeza. E é triste saber que não nos encontraremos mais.

Marques Rebelo e Flo

Salim Miguel

Há dez anos (26-08-73) morria, no Rio de Janeiro, Marques Rebelo. Até hoje não se avaliou devidamente o que esta perda representou para a literatura brasileira. Sua obra lhe garante lugar de destaque entre os nossos mais expressivos criadores, mas o que Rebelo ainda poderia produzir é incalculável. Pode-se, contudo, fazer uma idéia. Quero me referir, em especial, ao seu projeto mais ambicioso e que ficou inconcluso. Trata-se de **O espelho partido,** misto de ficção e memória, onde ele era por igual protagonista e testemunha, roman-à-clef, romance-rio, vasto e rico painel que abarca todo um amplo período da vida brasileira.

Os volumes que vieram à luz (**O trapicheiro, I; A mudança, II; A guerra está em nós,** III) são exemplos do que ele pretendia, até onde pensava chegar e de que maneira se dedicava ao projeto de levantamento e recuperação do passado. Mais quatro volumes, já anunciados, se encontravam em elaboração e completariam o ciclo: **A paz não é branca; No meio do caminho; A tempestade; Por um olhar de ternura.** A propósito, em entrevista que me concedeu em 1956 para o jornal **A Hora,** de Porto Alegre, dizia Rebelo: "Encerrarei minha carreira de escritor com **O espelho partido,** obra de vinte anos de trabalho, e que, se não é importante, é grande e vai aborrecer uma porção de sujeitinhos importantes com a idéia que eu tenho deles".

A simbologia do título já diz muito da proposta de Rebelo. Numa técnica contrapontística, em linguagem trabalhada, a que não faltam humor e lirismo, ele recria e recompõe fragmentos de um mundo perdido e complexo, erguendo uma impressionante galeria de tipos, através dos quais dá testemunhos de sua época, de seu meio, de sua gente.

Logo após o lançamento do primeiro tomo não foram poucas as listas que circularam tentando identificar personagens reais sob figuras fictícias. Como curiosidade, eis uma delas, não confirmada nem negada pelo autor: Lauro Lago (Lourival Fontes), Altamirando de Azevedo (Augusto Frederico Schmidt), Silva Vergel (Francisco Campos), Nicolau (Cândido Portinari), Mário Mora (Santa Rosa), Marcos Euzébio (Oswaldo Teixeira), Júlio Melo (José Lins do Rego), Débora Feijó (Rachel de Queiroz), Pedro Morais (Prudente de Morais (Prudente de Morais, Neto), Marcos Rebich (Samuel Wainer), Jacobo de Giorgio (Otto Maria Carpeaux misturado com Paulo Rónai), Alarico do Monte (Aluízio Branco), Euloro Filho (Otávio de Faria), Martins Procópio (Tristão de Athayde misturado com Tasso da Silveira), General Marco Aurélio (General Góis Monteiro), Ermeto Colombo (Zienbinski), Francisco Amaro (Francisco Inácio Peixoto), Julião Tavares (Carlos Lacerda), Zagalo (Lazar Segal), Pércio Dias (Percy Deane), Vasco de Araújo (José Olympio), Gina Feijó (Dinah Silveira de Queiroz), Gustavo Orlando (Graciliano Ramos), Antenor Palmério (Jorge Amado), Helina (Eneida).

Contudo, para além desta prospecção detetivesca, o livro vale é por seu conteúdo, por sua profunda carga de humanidade, pelo retrato de um universo muito pessoal, pela visão de um homem lúcido diante de seu tempo e de um artista consciente diante de sua obra.

Mas não vou, aqui e agora, falar do escritor que nos deixou mais do que aqueles três volumes de **O espelho partido,** que mesmo sem eles se situaria entre os nossos escritores mais importantes, retratando um Rio com extrema sensibilidade, só igualada por Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Machado de Assis, Lima Barreto. Rebelo está presente e íntegro em **Marafa** e **A estrela sobe** (romances), nos contos de **Oscarina,** de **Três caminhos,** de **Stela me abriu a porta,** na novela **O simples coronel Madureira,** nas impressões de viagem de **Correio Europeu** e **Cortina de ferro,** no **Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida,** no álbum **Rio,** nos flagrantes incisivos e saborosos de **Cenas da vida brasileira,** nas centenas de crônicas, não reunidas em volume, que espalhou pela imprensa, especialmente na **Última Hora** do Rio.

Vou, antes, procurar o amigo, relembrar a convivência que com ele mantive durante anos, a partir do final da década de 40 (exatamente 1948), quando, jovem e entusiasmado, intentava, com outros jovens igualmente entusiastas, dar uma sacudidela na pacata e modorrenta Florianópolis. Pacata e modorrenta, sim, mas sob muitos aspectos (qualidade de vida) mais cidade para se viver e conviver do que hoje.

Florianópolis e Marques Rebelo. Foi um caso de amor à primeira vista. Não garanto se o segundo ou terceiro caso. O primeiro, sem sombra de dúvida, o Rio de Janeiro, terra deste Edi Dias da Cruz que era o mais carioca dos cariocas. Para o segundo há uma disputa entre Minas Gerais e Florianópolis. Em **Cenas da vida brasileira,** ele diz: "Florianópolis, 1949 — A sombra da patriarcal figueira, que de tão velha já se apóia em muletas, também pode refrescar idéias e sentimentos. Nem tudo está morto dentro de nós. Ficaria aqui por muito tempo". A seguir: "Depois dum curso de arte culinária no Senac (dois meses!), madame fazia tão extraordinárias maioneses de lagosta que sentia-se na obrigação de firmá-las com as suas iniciais em gema de ovo". E outra: "Foi a única queixa apresentada à polícia no último e entusiasmado carnaval - o homem estava muito bem no cordão pulando e cantando quando roubaram-lhe a dentadura". Pouco mais adiante: "Acolho-me à sombra da árvore sem partido, agora que parou o vento de três dias neurastênicos. Acodem-me duas ou três verdades, inúteis para os homens como todas as verdades".

Na exposição realizada em Florianópolis (setembro de 1948), da esq. para a direita: Ody Fraga, Hamilton Valente Ferreira, Jorge Lacerda, Marques Rebelo, Armando Simone Perreira, Elpídio Barbosa, Walter Wendhausen. O quadro que aparece ao fundo é de Portinari.

Fins da década de 40. Em Florianópolis acabara de sair a revista Sul. Um dia, um bilhete para o Aníbal Nunes Pires. Marques Rebelo queria vir a Florianópolis, pedia nossa colaboração. Por intermédio do Jorge Lacerda, misto de médico, advogado, jornalista, político, Rebelo conhecera o então Secretário da Educação, Armando Simone Pereira, já conhecia a revista Sul, se interessou em vir a Florianópolis. Traria uma exposição de pintura contemporânea, faria palestras, discutiria literatura, bateria papo. Sabia do que começaríamos a fazer em matéria de movimento cultural e artístico. Em Sul n.º 3, abril de 1948, numa primeira pergunta a notícia: "Marques Rebelo virá a Florianópolis?" No n.º 5, agosto de 1948, já afirmávamos: "Marques Rebelo em Florianópolis". Não foi fácil, mas conseguimos. E como a hotelaria era precária, Rebelo usou de um artifício que logo entendemos ("não gosto de hotel", dizia numa das cartas). Ficou mesmo foi na casa do Hamilton Valente Ferreira, um dos fundadores do movimento inicialmente chamado Círculo de Arte Moderna e que se tornou conhecido como Grupo Sul.

Marques Rebelo em 1948 (quando pela primeira vez veio a Florianópolis), tendo ao fundo uma tela de Metzinger.

A exposição, elogiada/detestada, um impacto na pacatez da terrinha. Primeiro resultado: debates acirrados, críticas ("onde já se viu utilizar o glorioso Grupo Escolar Dias Velho pra expor estas besteiras!"), elogios ("Onde fica a liberdade de criação, deformar para melhor transmitir, no resto do Brasil isto nem é mais novidade"). Segundo resultado: implantação do Museu de Arte Moderna (atual Museu de Arte de Santa Catarina), o primeiro do gênero a ser oficializado no País, com um acervo inicial expressivo: Portinari, Pancetti, Burle Marx, Djanira, Iberê Camargo, Aldari Toledo, Di Cavalcanti, Segal, Milton da Costa, Santa Rosa, escultura de Bruno Giorgi, gravuras e desenhos, além de reproduções de obras de pintores modernos estrangeiros. Para a direção, Martinho de Haro.

Na reportagem publicada em Sul n.º 6, falando da exposição (de 25 de setembro a 6 de outubro de 1948), se afirmava: "Florianópolis nunca tinha visto uma verdadeira exposição de pintura contemporânea". E já em 1949, como conseqüência, Santa Catarina estava presente numa exposição que Rebelo realizava em Belo Horizonte — o que era devidamente registrado em Sul n.º 7.

A partir daí, ele passou a vir com regularidade a Florianópolis, a se corresponder com os novos amigos; e quando qualquer um de nós ia ao Rio, não deixava de visitá-lo. Ele nos incentivava, difundia nossa revista, recebia com simpatia nossos trabalhos, indicava-nos autores que deveríamos conhecer. Foi assim, por exemplo, que conheci J. P. Jacobsen. Era fevereiro de 1950, eu me despedia de Rebelo, ele me entrega um livro, edição em espanhol de **Maria Grubbe.** Até hoje o livro ("Para o Salim, do Rebelo, Rio, 3-2-50") me acompanha. Li-o e não descansei enquanto não encontrei outro de Jacobsen, **Niels Lyhne.**

Em 1957, comemorando seu cinqüentenário, publicamos nos Cadernos Sul um volume a ele dedicado, **Marques Rebelo, poeta morto,** ensaio de Hélio Alves de Araújo. O título retirado de Jules Renard ("Je voudrais être en prose um poète mort qui regrette"), uma das admirações literárias de Rebelo.

Nos longos papos, a informação exata, a gozação correta: como melhorar a escrita, Rebelo? — "Vá escrevendo e cortando. Escrever é cortar". Você já reparou nos novos edifícios de Florianópolis, Rebelo? — "Já. Infelizmente. Substituição dos antigos casarões que tanta graça davam à cidade, emprestando-lhe uma fisionomia particular, e que deveriam ser conservados como exemplo de boa tradição, por bobagens de cimento armado".

Em 1964, a surpresa: Marques Rebelo candidato à Academia Brasileira de Letras, um dos alvos preferidos de sua galhofa. Em carta de 16 de setembro de 1964, depois de esclarecer porque não podia vir a Florianópolis, ele como que se explica: "E como ainda os dias gripais e os imediatos amebianos me roubaram precioso tempo, terei eu que fazer ainda 27 visitas acadêmicas, pois a minha vaidade sonha com os bordados do fardão, o que deixará você certamente achando graça, mas é coisa que agora me interessa muito — estou precisando do apoio dos velhos amigos que lá tenho para a velhice ficar mais cômoda e agradável com aquelas conversas e chás das quintas-feiras, nas quais muita reminiscência é trocada — coisas da maturidade... se é que se pode chamar assim..." Mais adiante: "Espero em outra ocasião aparecer na saudosa Florianópolis, possivelmente já de fardão — deverei fazer um sucesso retumbante!" De novo a Academia: "A vida vai mudando, muitos que a combatiam já vão se afeiçoando à idéia de a ela pertencerem e entre eles este seu criado e amigo." Eleito Rebelo, não tive dúvida, telegrafei-lhe dando os parabéns não a ele mas à Academia. E no primeiro encontro cobrei: "Por quê?" Não titubeou: "primeiro, a gente envelhece e se acomoda". Mas o cronista que vivia dentro dele foi mais forte: "Depois, uma das grandes vantagens da imortalidade é ter onde morrer. Você já viu como anda caro um enterro? E a Academia tem um lindo mausoléu." Embora amaciado pelo tempo, mesmo na Academia o crítico mordaz permanecia ativo.

Tinha peixões e ódios igualmente intensos. Paixão pelo América Futebol Clube, a ponto de forçar muitas vezes sua mulher Elsa Proença, nos dias de jogo, a se vestir de vermelho, cor do clube. Ódio pela burrice, pela falta de compustura. Mas, acima de tudo, fidelidade aos amigos, antigos ou recentes. Dos antigos, entre tantos um Antônio Houaiss, um Francisco Inácio Peixoto, um Walter Benevides, um Paulo Silveira. Dos mais moços, um Antônio Bulhões, um Hamilton Valente Ferreira, que ele acolheu no Rio, um Herberto Sales, que ele chamou para o Rio. Este caso sempre é bom relatar. De repente, desaba no apartamento de Rebelo um pacotão vindo da Bahia. Eram originais de um jovem escritor. Rebelo lê, escreve ao autor: "venha, aqui pode ficar em minha casa, vamos discutir seu romance." O jovem não pensou duas vezes, se tocou para o Rio, acatou as sugestões, mexeu nos originais, publicou o livro, "Cascalho", que se encontra vertido para vários idiomas.

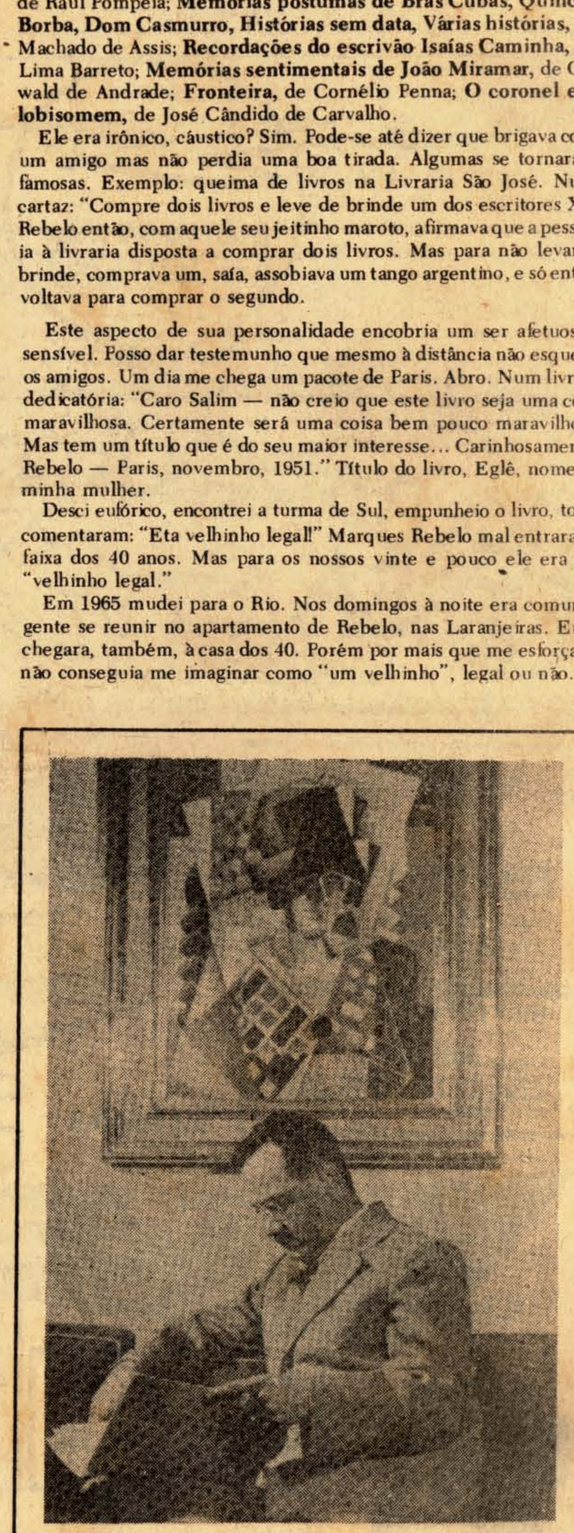
Durante alguns tempos, foi comum no País a publicação de listas a respeito dos livros preferidos pelos escritores. Eram de 10, de 50, de 100. Rebelo, que em depoimento no Museu da Imagem e do Som dizia sentir-se feliz "por ter pertencido à geração de 1920 a 1940, uma geração que se esforçou por renovar o País dando-lhe uma autenticidade, uma cultura própria" e acrescentando que fez parte "de um tenetismo literário", também escolheu os seus 100 melhores livros na área da ficção. Entre eles, 11 brasileiros: **Memórias de um sargento de milícias,** de Manuel Antônio de Almeida; **O Ateneu,** de Raul Pompéia; **Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro, Histórias sem data, Várias histórias,** de Machado de Assis; **Recordações do escrivão Isaías Caminha,** de Lima Barreto; **Memórias sentimentais de João Miramar,** de Oswald de Andrade; **Fronteira,** de Cornélio Penna; **O coronel e o lobisomem,** de José Cândido de Carvalho.

Ele era irônico, cáustico? Sim. Pode-se até dizer que brigava com um amigo mas não perdia uma boa tirada. Algumas se tornaram famosas. Exemplo: queima de livros na Livraria São José. Num cartaz: "Compre dois livros e leve de brinde um dos escritores X". Rebelo então, com aquele seu jeitinho maroto, afirmava que a pessoa ia à livraria disposta a comprar dois livros. Mas para não levar o brinde, comprava um, saía, assobiava um tango argentino, e só então voltava para comprar o segundo.

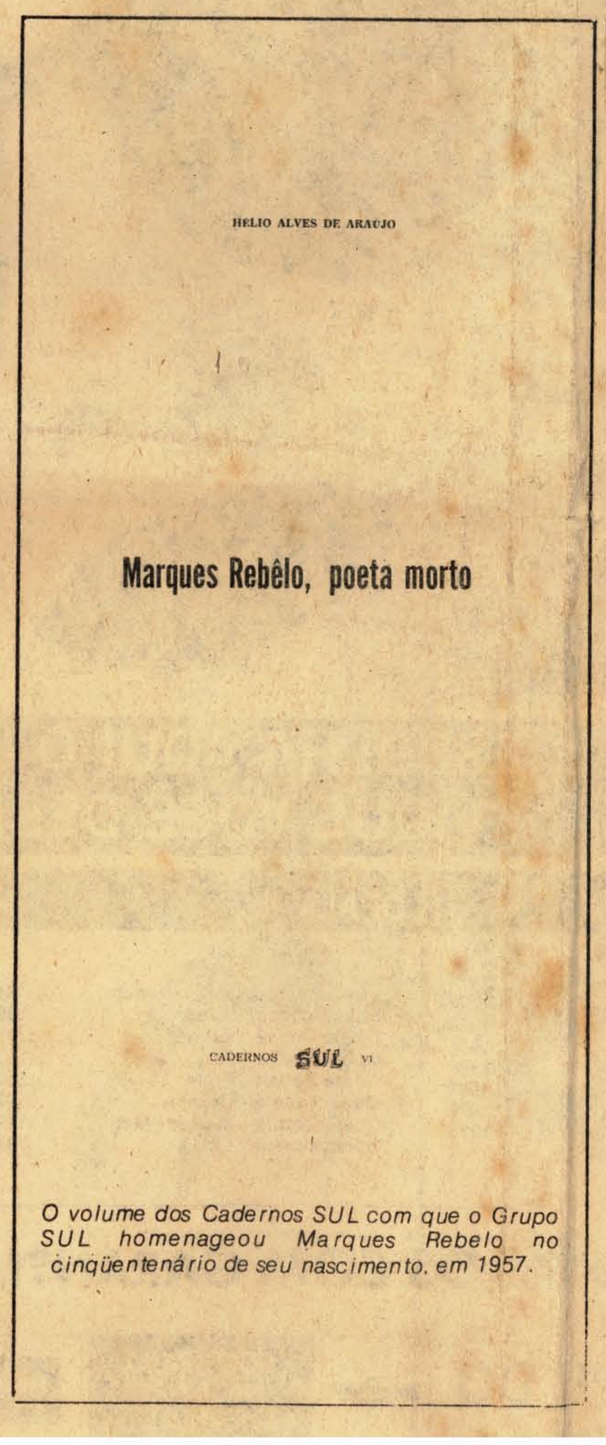
Este aspecto de sua personalidade encobria um ser afetuoso e sensível. Posso dar testemunho que mesmo à distância não esquecia os amigos. Um dia me chega um pacote de Paris. Abro. Num livro, a dedicatória: "Caro Salim — não creio que este livro seja uma coisa maravilhosa. Certamente será uma coisa bem pouco maravilhosa. Mas tem um título que é do seu maior interesse... Carinhosamente, Rebelo — Paris, novembro, 1951." Título do livro, Eglê, nome da minha mulher.

Desci eufórico, encontrei a turma de Sul, empunheio o livro, todos comentaram: "Eta velhinho legal!" Marques Rebelo mal entrara na faixa dos 40 anos. Mas para os nossos vinte e pouco ele era um "velhinho legal."

Em 1965 mudei para o Rio. Nos domingos à noite era comum a gente se reunir no apartamento de Rebelo, nas Laranjeiras. Eu já chegara, também, à casa dos 40. Porém por mais que me esforçasse não conseguia me imaginar como "um velhinho", legal ou não.



Marques rebelo num desenho (1955) de Aldari Toledo.



O volume dos Cadernos SUL com que o Grupo SUL homenageou Marques Rebelo no cinqüentenário de seu nascimento, em 1957.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

247 - MIGUEL, Salim. Livros – Harry Laus "Não sou humilde...". **O Estado,** Florianópolis, 18 dez. 1983

HARRY LAUS

"Não sou humilde: a humildade mal dosada pode nos levar à humilhação. Ao contrário, sou orgulhoso, inclusive de meus defeitos: se eu não os defender, quem irá fazê-lo?"

I

Militar, ficcionista, crítico de artes plásticas, jornalista. Em qual destas categorias mais e melhor se insere Harry Laus. Pouco importa. A ordem dos fatores não altera etc. De qualquer forma, temos aqui um retrato de corpo inteiro do homem e do escritor. E nesta primeira parte da entrevista, respondendo com franqueza à pergunta inicial que lhe fizemos, ele se situa e procura dar uma visão tanto quanto possível exata e desapaixonada de sua maneira peculiar de ser, dos fantasmas que o inquietam, dos problemas que enfrentou (e enfrenta), de sua formação e de sua aprendizagem como ser humano. Fala, também, dos tempos de caserna, de como ela se reflete na obra e da luta para a publicação dos primeiros trabalhos.

1 - Quem é Harry Laus?

— Você me propõe uma auto-análise. Acho que tenho sido mais D. Quixote que Sancho Pança. Luto contra a mentira, a hipocrisia e a ingratidão. Não pretendo ser puro, pois a pureza se perde para sempre durante a infância; pretendo ser integral, isto é, aceitar meus defeitos como um fato consumado, tentando equilibrá-los no aprimoramento de algumas virtudes como a bondade (a mais difícil de todas), a justiça no julgamento dos outros, a tolerância para com os semelhantes.

Não sou humilde: a humildade mal dosada pode nos levar à humilhação. Ao contrário, sou orgulhoso, inclusive de meus defeitos: se eu não os defender, quem o irá fazê-lo? Se eu me deixar abater por eles, serei presa fácil na mão dos que me atacam. Tenho sido mesquinho algumas vezes, dadivoso outras (a tentativa do equilíbrio). Perdôo com tanta facilidade as injustiças de que tenho sido vítima que chego a ver nisso um sinal de covardia.

Sou inseguro ante os poderosos, não por medo de sua inteligência, mas, de sua maldade — a maldade a que o poder dá cobertura. A minha couraça é de cristal: por isso sou tímido. A inteligência e a cultura, sem o escudo do poder, jamais conseguirão vencer a burrice armada. Sou egoísta apenas de meus bens espirituais; de meus bens materiais — e até físicos — sou perdulário. Não tenho inimigos, pelo menos revelados; amigos, por toda parte.

Sou muito só, na luta pelo endurecimento de minha frágil couraça. Quem escolhe a solidão deve assumir todos os riscos desse pecado. Acho fundamental para o ser humano justificar o privilégio de viver. Há tantas formas de fazê-lo que ainda me debato à procura da melhor e mais digna maneira de saldar essa dívida.

Tenho alguns remorsos, algumas tristezas, mas, muita esperança e fé. A caridade tem sempre segundas intenções. No mais, se no frigir dos ovos, sobrar qualquer outro ponto positivo a meu favor, deixo para meu elogio fúnebre.

2 - Como é que o militar — de Porto Alegre a Mato Grosso — tornou-se escritor?

— Militar é profissão, sobrevivência; escritor é ideal. Isto no meu caso pessoal, bem entendido. Sobreviver como escritor, exclusivamente, não se torna possível senão depois de uma longa servidão a qualquer carreira, a não ser quando se nasceu em berço de ouro, o que não foi meu caso. E mesmo assim, apesar de minha longa servidão militar, ainda não poderia sobreviver como escritor. Aliás, os dedos das mãos são demasiados para enumerar quantos escritores vivem da literatura (não do jornalismo) no Brasil.

Órfão, vivendo às custas de um irmão, na impossibilidade de seguir uma carreira liberal por falta de recursos, a saída que me apareceu aos dezenove anos foi o Exército: roupa, comida, educação, enfim, as necessidades básicas em troca de um "trecho" de liberdade não me pareceram um preço muito alto. Além do mais, parece que eu soube tirar da estafante rotina dos quartéis, dos longos desvãos de tempo ocioso, um produto raro: meu aperfeiçoamento cultural. Nas horas de plantão ou como oficial de dia, muitas vezes chorei ao ler Dostoiévski. Como um general que, antes de tomar uma decisão de batalha, chora ao saber a morte da mãe.

Quanto a tornar-me escritor, o Exército talvez até tenha fortalecido minha vocação, pois os conflitos de ambiente e convicções abriram formas de percepção literária que uma vida mansa não teria forjado. Também as pressões e repressões à minha personalidade tiveram um efeito positivo: era preciso provar que eu estava certo, apesar de errado; isto é, que entre o certo e o errado existe um leque de possibilidades de se manter a dignidade humana.

Também o Exército me deu a oportunidade de conhecer melhor a miséria e a grandeza de nossa gente simples, pobre, analfabeta, iludida — na pessoa dos soldados que por todo o Brasil freqüentam os quartéis. Não foi o militar que se tornou escritor; foi o militar que formou um escritor.

3 - De que maneira a experiência da caserna se reflete em tua obra?

— Passei vinte e três anos dentro do Exército. É evidente que isto deveria marcar minha obra literária. Se você pegar meu primeiro livro, **Os Incoerentes**, verá que toda a terceira parte é formada de contos que têm como ambiente o quartel e cujas situações só poderiam acontecer com militares. Cenário e personagens integrados: um não poderia viver longe do outro, a não ser que o escritor quisesse fazer "literatura do absurdo", o que não me passava pela cabeça.

O mesmo se pode dizer dos contos "Tamanduá Bandeira" e "Ao Juiz dos Ausentes", incluídos em meu segundo livro, o que tem o título do último conto citado. Acredito que a situação psicológica, sobretudo do "Tamanduá", só poderia vir do infinito desejo de libertação que o Exército me dava.

Aliás, por falar em psicologia, quase tudo que sei dela — para aplicação literária — veio de minha experiência militar. O trato diário com a manha dos soldados para fugirem das punições; com a malícia, subserviência e "demonstração de serviços" dos sargentos para obterem benefícios; a arrogância aliada ao espírito de disciplina que caracteriza os oficiais — tudo isto forma um compêndio de psicologia que me tem sido bastante útil no estudo das reações de meus personagens.

Também, incrível como pareça, a vida militar influiu em meu estilo que alguns críticos julgam "seco" demais. Por ser um "escritor", era quase sempre escolhido para Secretário dos Comandantes. E os ofícios e demais documentos militares devem obedecer aos conceitos de: breve, conciso e preciso. Até hoje detesto floreios de linguagem. Procuro cortar tudo o que é acessório, talvez em prejuízo da clareza ou da "popularidade" de um relato.

E quando a contenção não é de linguagem, é dos diálogos: meus personagens pensam mais do que falam. Como eu, dentro do quartel, discordando de tanta coisa e tendo de cumprir ordens por uma questão de fidelidade ou juramento militar.

4 - Como, quando e onde apareceram os primeiros trabalhos?

— Quando eu tinha 11 anos, em 1933, mudei-me de Tijucas para Passo Fundo. Isto me deu tanta tristeza que escrevi um poema (meu único pecado contra a Poesia). Esse poema, que infelizmente não conservo, foi publicado no jornal "A Razão", de Cruz Alta, RS, por iniciativa de um amigo de meu irmão. Dez anos depois, recebi meu primeiro prêmio literário, Cr$ 30,00 (dos velhíssimos), um terceiro lugar num concurso promovido pela "Sociedade Esportiva e Literária" da Escola Preparatória de Porto Alegre. A crônica chama-se "Perspectiva", eu tinha 21 anos e havia recebido o n.º 218 na primeira fase da carreira militar. Como homenagem à Editora Globo (não sei porque), foi publicada na Revista da Escola.

Em 1944, por interferência de minha prima Lausimar Laus, tive outra crônica publicada na antiga revista "O Malho". Chamava-se "Não Veio Ninguém..." e, como a outra, é intensamente introspectiva, mas, ambas sem valor literário.

Em 1946, Cadete de Infantaria n.º 310, na Academia Militar das Agulhas Negras, conheci o artista plástico S. Castello Branco. Por seu intermédio e com uma bela ilustração por ele feita (está até hoje emoldurada em meu escritório), foi publicado meu primeiro conto, "A Viagem", na sofisticada revista carioca, "Rio", em 1947. Conta uma viagem de ônibus de Florianópolis a Tijucas. Veja só esta frase que hoje ninguém vai entender: "Depois fui ver o mar, que batia furiosamente na amurada do cais". A velha Floripa do cais junto à Alfândega...

O curioso é que eu havia mandado o conto para um concurso do suplemento "Letras e Artes" do antigo jornal "A Manhã", do Rio. Não foi aceito, mas, a resposta foi bastante alentadora: "Temos muitos contos ótimos em mãos. O seu não resistiu ao confronto. Portanto...".

No mesmo ano, ainda por intermédio do Castello, conheci Dalton Trevisan e, saindo Aspirante a Oficial, fui classificado em Natal, RN, de onde comecei a mandar as "Cartas do Nordeste" para a revista "Joaquim", de Curitiba, onde Dalton pontificava como hoje ainda o faz.

5 - O primeiro livro apareceu como, quando, onde e em que condições?

— Meu primeiro livro de contos, "Os Incoerentes" (que muitos revisores insistem que seja "Os Inocentes"), foi publicado no Rio, em 1958, pela Livraria São José. Portanto, onze anos depois de haver sido publicado meu primeiro conto. Nesse intervalo, freqüentei suplementos literários de diversos jornais do País, inclusive publicando no "Correio da Manhã", do Rio, um ensaio intitulado "Alguns Habitantes de Ibsen", premiado num concurso promovido pelo antigo Teatro Duse, de Paschoal Carlos Magno; e minha novela "As Horas de Zenão das Chagas", ilustrada por Darel Valença, no suplemento dominical do "Jornal do Brasil".

Muitos dos contos publicados esparsamente não foram aproveitados em livro, nem creio que o mereçam. Eram um exercício literário, embora, naturalmente eu os considerasse, todos, obras-primas.

Mas, você me pergunta como e em que condições. Creio que sem a interferência de Eneida, atuante cronista do "Diário de Notícias", junto a Carlos Ribeiro, da Livraria São José, esse livro nunca tivesse saído. As condições foram excelentes para um principiante porque nada desembolsei. Recebi alguns exemplares como "pro-labore" e fim de papo.

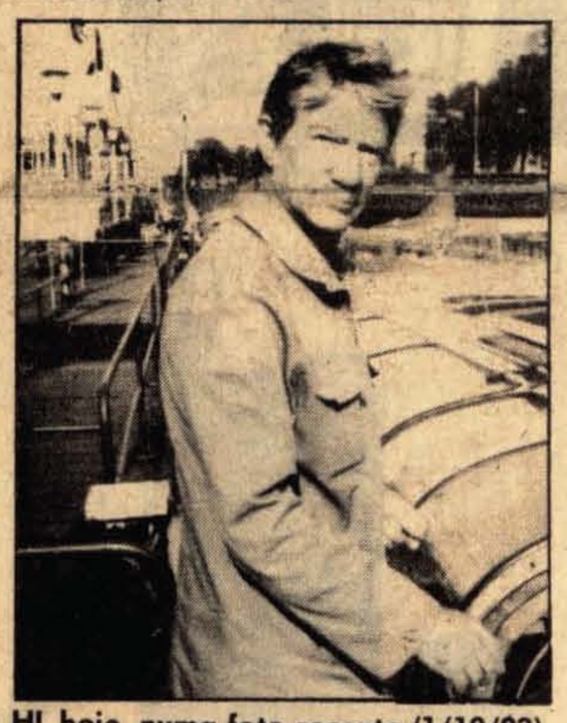
Nunca fiquei sabendo de quantos exemplares foi a edição, mas, o editor deve ter tido lucro porque toda a crítica recebeu-o muito bem e eu acabei recebendo com ele o "Prêmio Afonso Arinos", da Academia Brasileira de Letras. Não tenho bem certeza, mas, acho que o valor do prêmio era de 15 mil cruzeiros (hoje, 15 cruzeiros), compensando de alguma forma a falta de pagamento dos direitos autorais.

Mas, a maior vantagem do prêmio foi o entusiasmo que me deu para partir para o segundo livro, "Ao Juiz dos Ausentes", publicado em 1961 por Sávio Antunes, nas mesmas condições do primeiro. Nessa época, Eneida, Renard Perez, Esdras Nascimento, Alberto Dines, Mauritônio Meira, Samuel Rawet e outros nos reuníamos às tardes na editora Opama, de Sávio, e o papo era melhor que qualquer direito autoral.

(Continua)

Primeiro livro publicado, Os Incoerentes, **Livraria São José, 1958.**

HL ontem, estudante em Passo Fundo/RS, em 1938



HL hoje, numa foto recente (1/10/83) tirada em Amsterdam.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

"Antologia do Varal Literário" será lançada em B. Camboriú

Os escritores catarinenses, desconhecidos e conhecidos, terão um momento muito especial, quinta-feira, às 18 horas, no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, que se realiza em Balneário Camboriú durante esta semana. Esse momento será o lançamento do livro "Antologia do Varal Literário", editado pela Universidade Federal de Santa Catarina, que vai contar com a presença de todos os autores das poesias, que foram escolhidas pelo público.

O local do lançamento é o Pavilhão da Cituma, no Stand da Editora da UFSC, por onde passam diariamente dois mil congressistas de diversos Estados do País. Segundo a responsável pelo Stand, Jussara Bayer, o cartaz que anuncia o livro tem atraído a atenção de muita gente que procura saber o significado do "Varal Literário".

Os objetivos dessa realização dos autores catarinenses são bem definidos por Lauro Junkes, da UFSC, na apresentação do livro: "Levar a poesia ao povo, à sociedade, às pessoas, nas praças, nos salões, nas escolas, introduzir o poema no cotidiano, dar oportunidade aos que iniciam na arte de escrever para levar seu poema aos leitores, sensibilizar o público para a leitura e apreciação dos valores literários parecem constituir, entre outros, os objetivos do Varal Literário".

Na quinta-feira, durante a sessão de autógrafos, os poetas que participam do Varal Literário poderão ver o resultado concreto e positivo dessa iniciativa, que procurou estabelecer, pela primeira vez no Estado, e conseguiu, um contato direto entre o público e o poeta.

STAND

Desde o primeiro dia do Congresso, a Universidade Federal de Santa Catarina está expondo mais de 30 títulos da Editora da UFSC. Jussara Bayer disse que até ontem mais de 500 pessoas já haviam visitado o Stand e que 30 livros foram vendidos.

Os preços variam bastante mas nunca passam de Cr$ 4 mil. A única exceção é o livro de Walter Piazza, "A história de Santa Catarina", que custa Cr$ 7 mil, tendo vendido até agora apenas um exemplar para um catarinense de Blumenau. A responsável pelas vendas afirmou ainda que se surpreendeu com a quantidade de pessoas curiosas para conhecer alguma coisa sobre literatura infantil catarinense, "mas quase nada temos para mostrar. De uma maneira geral, nossa exposição mostra autores que não escrevem para crianças".

"Artepoema" na Mário de Andrade, em SP

O escritor Silveira de Sousa e o pintor Hassis estão com sua exposição "Artepoema" instalada no saguão da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, desfrutando do privilégio de poder mostrar seus trabalhos diariamente a cerca de três mil pessoas que por ali transitam. A mostra, que apresenta 10 painéis com poemas de Silveira e pinturas de Hassis, está incluída no programa de comemorações à passagem dos 90 anos de Mário de Andrade.

A presença da "Artepoema" em São Paulo faz parte de um ciclo de exposições que tem sido percorrido pelos dois artistas e que se iniciou aqui em Florianópolis no primeiro semestre deste ano. Depois disso elas já estiveram em várias cidades catarinenses e em Curitiba, pretendendo estender seu roteiro até Rondônia, aquiescendo a um convite da presidente da União Brasileira dos Escritores naquele Estado, Kléon Maryan, que, entusiasmada com o trabalho apresentado pelos dois catarinenses, manifestou seu desejo de levar esta obra para o Norte do País.

São de Kléon as seguintes palavras escritas no livro do registro de visitantes à exposição: "Difícil, quase impossível, traduzir o belo sem que não se fira a imagem do próprio belo. Assim, pois, se dá com a inspiração do poeta e do pintor, aquele trabalhando a plástica do artista em seus poemas, este induzindo o poeta a sair da prosa para dedicar-se com o real que lhe tange o espírito. Silveira de Sousa ofereceu-nos o belo dentro do real levando-nos a crer na necessidade do visual, do mesmo modo que Hassis, com a sua carga emocional transferida com lances de cores fortes, que há de mais belo n'alma do artista, a vida no seu todo".

O presidente da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), Henrique L. Alves, também deixou registradas suas impressões sobre a obra de Silveira e Hassis, e elas não foram menos favoráveis e elogiosas: "Acompanho a força poética de Silveira de Sousa, cuja sensibilidade impressiona e emotiva, agora, aliada ao traço e cor de Hassis, essa expressão de arte. Duas junções entre a poesia e a pintura a dignificar a cultura nacional pela presença na Paulicéia Desvairada. Um conjunto que deve percorrer o Brasil na conquista de admiradores e aplausos da crítica. Parabéns e sucesso tão digno do trabalho apresentado".

Por receberem manifestações como estas e outras vindas de populares que têm visitado com vivo interesse a "Artepoema" é que Silveira de Sousa e Hassis estão de volta à Capital com grande entusiasmo e, após encerrar a mostra no próximo dia 31, eles pretendem estender o roteiro levando sua arte as mais distintas e distantes, ou não, áreas brasileiras.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Livros **249** **Salim Miguel**

Prêmio de Romance Cruz e Sousa Agora, a vez do leitor e da crítica

Nestes três fragmentos dos ganhadores do Concurso Nacional de Romance, Prêmio Cruz e Sousa, instituído pelo Governo de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura, e lançados sexta-feira, dia 4, pela FCC — edições temos, nítidos, três estudos de personagem; embora com peculiaridades próprias, com propostas ficcionais próprias, pode-se, sem dúvida, intentar uma aproximação entre eles. Seja na visão amarga do mundo, seja na reflexão que eles buscam, analisando o ser humano, suas angústias e perplexidades. Mas, em especial, por centrarem seus romances sobre um personagem único, em redor do qual tudo gira.

Mais de 300 originais, de todos os estados brasileiros, concorreram ao prêmios de Cr$ 2 milhões. A Comissão Julgadora, diante do nível dos trabalhos, solicitou adiamento do prazo, até que chegasse a uma decisão. E foi unânime ao reconhecer que outros mereceriam, por igual, premiação, ou então publicação. No prefácio ao livro de Helena Parente Cunha, Antonio Honaiss, que compôs a comissão julgadora com Guilhermino Cesar, Hélio Pólvora, Nereu Costa e Otto Lara Resende, diz que havia "um notável índice, se não de premiáveis, ao menos de editoriáveis: presumo — sem exagerar — que há cerca de quarenta originais decorosamente publicáveis".

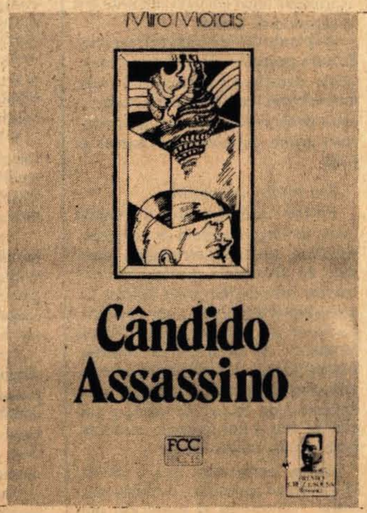
Deles a Comissão indicou algumas para publicação, três dos quais de autores catarinenses (que participaram do concurso com cerca de 10% dos originais inscritos) e que disputaram até o fim com o ganhador. Seus autores são Guido Wilmar Sassi, Almiro Caldeira e Cristóvão Tezza. Esperamos, agora, que conforme anunciou o Secretário de Cultura, Esporte e Turismo, João Nicolau Carvalho, por ocasião da revelação dos premiados, sejam logo editados. Como também, cumprindo outro compromisso, seja logo reeditada a obra em prosa de Cruz e Souza, a exemplo do que foi feito com a poesia.

Quanto aos vencedores, Suzana Albornoz (**Maria Wilker**, 1.º lugar), Helena Parente Cunha (**Mulher no Espelho**, 2.º lugar), Miro Morais (**Cândido Assassino**, melhor original de autor catarinense), aí estão em edições graficamente modelar, para o veredito do leitor e da crítica.

É como a aranha

"Meu pensamento é como a aranha. Basta um minúsculo ponto de apoio e de imediato edifica toda uma cidade, com praças, avenidas, ruelas e becos. E sem dúvida também com um bom policiamento. Nada foge às suas malhas de invisíveis ângulos desdobrados em todas as latitudes. Ainda bem que o que penso está predestinado ao esquecimento, caso contrário eu e todos aqueles que reconstruem todas as coisas que fluem na minha mente estariam condenados à loucura. Há religiões que fazem isso. Não permitem que os mortos parem de pensar ou que esqueçam o que pensaram. Engraçado seria se eu depois de morto fosse invocado para participar dos seus rituais e só então revelasse a uma pequena platéia curiosa os motivos absolutos que me levaram àquela empresa".

(**Cândido Assassino**, romance de Miro Morais, prêmio especial para autor catarinense no Concurso Cruz e Sousa).

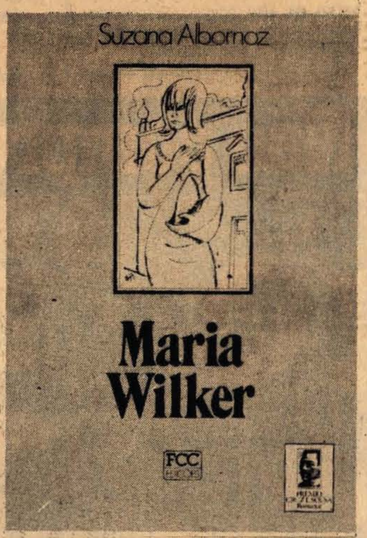


O cair das máscaras

"Não basta a intenção de deixar cair as máscaras, quem compreenderia se eu contasse? Qual a imagem que receberiam de Dionísia? Quero cuidar da dignidade das pessoas, da vida, dos sentimentos, e se eu fosse totalmente sincera e não escondesse nada do que vivemos aqui em Cerros Verdes naquele primeiro ano de volta ao Brasil, como saber se não estaria destruindo algo mais preciso que a própria sinceridade?

Talvez seja melhor deixar apenas um esboço, um desejo fluído, e que o sangue e o ar do instante possam atravessar aquele esboço, mas não se saiba a ordem dos acontecimentos nem a história completa, porque me parece agora impossível perceber em que ponto ela está inteira, se recém-começa ou recomeça".

(**Maria Wilker**, romance de Suzana Albornoz, 1.º lugar no Concurso Cruz e Sousa)



Eu a inventei

"Quem é a mulher que me escreve? Eu sei, porque eu a inventei. No entanto ela não me sabe. Ela pensa que me tem nas mãos para me escrever como quiser.

Que ela saiba, desde o início. Ela me escreverá na medida da minha própria determinação. Eu, personagem irremediavelmente encravada na vida dela. A mulher que me escreve se sente perdida, sem situar-me, presença irresistível que lhe escapa, escorre, atordoante e móvel determinação. Sem querer, ela começa a misturar suas emoções com as minhas. Inevitável a projeção, mas não se dará no seu ângulo de ilusão. Melhor esclarecendo, seu ângulo de ilusão se abrirá na abertura de meus espelhos. Desde já, se estabeleça a separação. Ela é ela. Eu sou eu. Ela tem seus problemas. Eu tenho os meus".

(**Mulher no Espelho**, romance de Helena Parente Cunha, 1.º lugar no Concurso Cruz e Sousa)

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

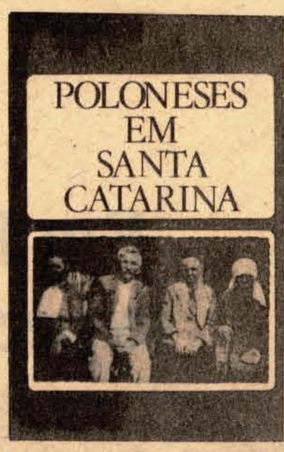
LIVROS O Estado - 26/1/83 Salim Miguel

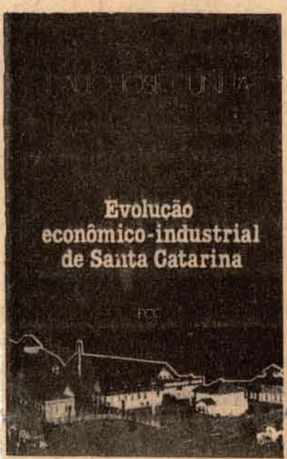
Ensaios Catarinenses 250

Nem só de ficção e poesia vivem as letras catarinenses. Também em outras áreas tem surgido trabalhos expressivos. E que dão uma idéia da terra e da gente, dos problemas econômicos e sociais, reflexões válidas para o melhor conhecimento da nossa realidade e dos problemas que enfrentamos.

Do final de 1982 e do início deste temos quatro novos títulos bastante representativos: **Evolução econômico-industrial de Santa Catarina**, de Idaulo José Cunha, FCC-edições; **O município na Federação Brasileira**, de Flávio Roberto Collaço, Editora da UFSC; **Recursos Humanos**, novos rumos para a administração pública, de Antonio Niccoló Grillo, Editora da UFSC; **Poloneses em Santa Catarina**, de Maria Theresinha Sobierajski Barreto, Editora da UFSC co-edição Editora Lunardelli.

Catarinense de Joinville, formado em economia pela Universidade Federal do Paraná, pertencente aos quadros do BRDE, Idaulo trata, em seu ensaio, da gênese do processo de industrialização e do desenvolvimento em geral de Santa Catarina. O livro, que deverá ter um desdobramento, cuida, nesta primeira parte, de forma abrangente, do tema, vindo os primeiros movimentos migratórios até 1945. Faz uma análise comparativa entre a economia do Estado e as do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, revelando as peculiaridades da catarinense, mostrando como e porque ela trilhou um caminho próprio e quais os problemas que hoje enfrenta. Na "orelha" ao livro, Hoyêdo de Gouvêa Lins acentua que "com rigor analítico ele observa, por exemplo, o condicionamento do crescimento industrial do Estado às disponibilidades em recursos de infra-estrutura ao longo das épocas consideradas nesta Primeira Parte."





Professor titular de Legislação Tributária e vice-diretor da Faculdade de Administração de Empresas em Rio do Sul, Flávio é especialista em Direito Tributário. Em seu livro, de maneira objetiva, ele fala de temas que dizem de perto aos interesses municipalistas, numa abordagem jurídica, tentando como diz — "demonstrar que a teoria do município brasileiro ressente-se de insuficiências que somente uma análise crítica mais assentada poderá afastar". Para o ex-governador Antônio Carlos Konder Reis, no Prefácio, "o trabalho inova e quase revoluciona em suas colocações básicas e tem a sustentá-lo uma rica análise da legislação vigente."

Professor titular do Departamento de Ciências da Administração da UFSC, atual coordenador do Curso de Mestrado em Administração, Grillo tem larga experiência no setor e numerosos trabalhos publicados em revistas sobre o tema. Aqui, a partir da análise do vigente sistema de pessoal civil da administração federal, faz colocações sobre a pertinência do mesmo, das distorções existentes e do que é preciso fazer para modificá-lo ou melhorá-lo. Ele mesmo constata que "há, no país, uma reduzida literatura sobre temas relacionados à organização e funcionamento do serviço público brasileiro"; daí, no primeiro capítulo fala da criação, em 1970, do Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal, no segundo faz um levantamento histórico, no terceiro enfoca o Sipec e sua estrutura e funções básicas, e no quarto capítulo uma análise e busca de soluções adequadas.

Ainda não devidamente estudada, a contribuição polonesa no processo colonizador catarinense tem agora um trabalho bastante válido neste livro da professora Maria Theresinha. Dissertação de mestrado, aqui a A. buscou traçar um painel da contribuição polonesa ao estado, e do que ela representou. Seu trabalho é, ao mesmo tempo, uma análise do comportamento dos imigrantes na nova terra, e depoimentos de alguns destes imigrantes, revelando como eles viveram e sentiram a nova terra. O trabalho determina a população de origem polonesa, a localização das levas de imigrantes, áreas de procedência e processos de assimilação com os naturais e outros grupos migratórios.

Zélia encontra Jorge...

...ou Um chapéu para viagem. Assim poderia ser denominado este livro de Zélia Gattai, Ed. Record, memórias, onde a mulher de Jorge Amado conta como veio a conhecer o escritor e como com ele acabou casando. Mas se o livro pode ser resumido assim, sua leitura é fascinante, pelo que revela da sensibilidade da noturna e de sua visão do Brasil e do mundo. Centrado embora no período que vai de 1945 a 1948, o livro não se limita a isto, recua e avança, para nos dar um retrato do Brasil, de seus homens, de suas lutas. Temos, aqui, o final da II Guerra, a redemocratização do Brasil, a legalização do PC, a eleição de Jorge pelo PC para a Constituinte, a cassação de seu mandato, o exílio. Há mais, contudo: perfis de figuras como Neruda, Sartre e Simone, Ehrenburg, Ana Seghers, Scliar e Niemeyer, tantos mais. E reminiscências dos pais de Jorge, em especial da mãe de Jorge, a singular dona Lulu, da qual Zélia nos dá um retrato preciso, não só na fala de d. Lalu, mas nas descrições que D. Lalu fazia da vida da família na zona cacaueira e da infância de Jorge Amado. Um texto sensível, narrado de forma direta, presente de Zélia ao Jorge nos seus 70 anos de vida e 50 de literatura. Mais do que isto: presente para todos nós, que ficamos conhecendo melhor o escritor, sua luta e suas andanças pelo mundo.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Livros **251** Salim Miguel

Mini-entrevista

Anna Maria Duarte Nunes: "É preciso podar as palavras. Regar aqui e ali"

Anna Maria Duarte Nunes, carioca de Botafogo, acaba de lançar seu segundo livro: Onde o Vento Faz a Curva. Já em 1981, quando pela Editora Cultura Contemporânea chegava às livrarias Jasminicídio, Anna Maria recebia largos elogios de escritores, assinalando uma estréia promissora e um espaço na crônica contemporânea.

Nesta entrevista, mais um bate-papo, a Autora nos revela seu dia-a-dia, sua luta com as palavras, seus impasses diante do mistério da criação.

Onde o Vento Faz a Curva reúne 42 crônicas voltadas para tudo que vai acontecendo pelas ruas: das compras ao trânsito engarrafado de uma cidade grande; de colégios sisudos ao mais simples gesto de afeto. Neste livro encontramos pitadas de humor e fina ironia.

Para o acadêmico Josué Montelho, Anna Maria "é uma primorosa cronista". Com certeza o leitor descobrirá muitos meandros em seu novo livro e em suas estórias simples reconhecerá, algumas vezes, uma pontinha do seu próprio cotidiano.

Onde o Vento Faz a Curva é uma edição independente. Quem quiser conhecer melhor o trabalho de Anna Maria deve escrever para Av. Rui Barbosa, 480/702 — 22.250, Rio, RJ. O livro custa Cr$ 600,00. Ou, ainda, procurar nas livrarias Xanam, Dazibao, Muro, Rubayat, Timbre, no Rio.

— O que é o livro Onde o Vento Faz a Curva? Como você situa seu trabalho na literatura atual, produzida no Brasil?

—"Onde o Vento faz a Curva é uma coletânea de momentos do dia-a-dia, de lembranças antigas, de fatos que, por um motivo qualquer, chamaram minha atenção. É vento manso, puxado à brisa, com várias das minhas paixões: jasmins, flores, matos, filhos, noites claras, gentes. Enfim, é o próprio convívio. Meu trabalho em relação à literatura atual é mais uma das tentativas — das milhares, não é mesmo? — De abrrir espaço, brigando por um lugar ao sol. A gente já sabe que no Brasil se lê muito pouco. A cada dia saem diversos livros: romances, contos, poesias, livros para crianças, crônicas, etc, que não são absorvidos. Os problemas entre nós são básicos. E a minoria, com maior poder aquisitivo, muitas vezes é levada a comprar best-sellers estrangeiros que têm possibilidades vastíssimas de propaganda em jornal e, assim, de vendas."

— Você teve dificuldades para editar seu livro? Trata-se de produção independente, não é?

— "É verdade. Um fator desfavorável ao estreante é o desinteresse das grandes editoras pelos autores desconhecidos. São todos muito gentis, mandam exatamente o mesmo tipo de carta, elogiando o trabalho, creditando-lhe até qualidades literárias, mas se dizendo compromissados para os próximos quatro ou cinco anos. A solução é o escritor ter cara e coragem. E sorte, é claro. Ir abrindo aqui, "furando" ali, aparecendo num suplemento, numa página de livros. Essas coisas."

— Você falou em espaço cultural...

— "É, o espaço na imprensa também é muito difícil. O livro, hoje, está meio encurralado. E, como já disse antes, são tantos lançamentos, tantas idéias aparecendo, tantos eventos, mas um pequeno espaço para registrar isso tudo."

— Como é seu processo de criação?

— "Dá-se em sintonia com as pessoas, com as vibrações gerais: fatos, músicas, lembranças, apontamentos, curiosidades. Isto tudo vai sendo registrado, anotado para depois virar idéia concreta e, aí, texto. Então vem o trabalho artesanal de jardinagem — é preciso podar as palavras, regar aqui e ali."

— Você vê alguma postura feminina em seus textos?

— "Não há propriamente uma figura feminina nos meus textos. Os dois primeiros — este e Jasminicídio — são ensaios tímidos de ver o mundo dos outros através da visão subjetivamente distorcida do meu próprio. Mas o processo é contínuo e meus próximos livros — já iniciados — têm enfoques diferentes."

— De que trata este novo livro?

— "De viagens. Onde fui, passei, entendi outras/diversas/novas coisas com olhos novos também. É um relato destes momentos vividos por aí."

— Na opinião de certas pessoas, críticos, a crônica é um "gênero menor". Como você entende isso?

— "Sinceramente não creio que a crônica seja um gênero menor. É um relato temporal com latitude, longitude e profundidade. Pode-se dizer coisas muito sérias a ponto de sacudir literalmente a sensibilidade de quem lê, como também levar ao riso franco. A síntese é muito difícil. Como avisou Artur da Távola, grande mensageiro de Saturno, a crônica é literatura jornalística. Escrever com avesso já é barra, mas usar economia de palavras, só quem faz sabe quanto custa."

Momento da Poesia

Os destinos urbanos
Bueno de Rivera

O tráfego é previamento fixado
e todos os sensatos vivem seu minuto.

Onde está o louco para um discurso
sobre os acontecimentos futuros?

Ah! se pudesses, dormirias
sob as árvores da praça, sem cuidados,
te banharias em público, comerias
o teu pão na calçada. . .

Vives no tempo dos relógios. Os teus passos
são contados, tuas horas são rações
minguadas na fome de ser livre.
E impaciente esperas numa esquina
um mágico que te indique
a porta, te mostre a claridade e ordens à fuga!

Onde estão os mágicos?
Dormem.
E o louco dos comícios?
Morto.
Morto o pássaro, o lírio extinto,
calado o mar,
o coração do homem pulsa
sob as pedras.

* * *

Morto há pouco, Buenos de Rivera era um dos mais expressivos nomes da poesia mineira. O poema que transcrevemos faz parte de alguns publicados na revista Poesia e Vida, que acaba de aparecer no Rio, tendo como Editor Responsável o também poeta Carlos Augusto Correa. É um novo veículo para a divulgação da poesia que vem, conforme seu Editorial, "para fincar bandeira junto às novas gerações e às gerações antigas." Colaboração variada e de nível, diagramação agradável, neste n.º 1, correspondente a novembro de 1982, estão, entre outros, nomes como César Vallejo e Moacyr Felix, Antonio Barreto e Afonso Romano de Sant'Anna, Ferreira Gullar e Carlos Augusto Correa, Aristides Klafke e armindo trevisan.

Prêmio da FNLIJ para Lucília Junqueira de Almeida Prado

A Comissão Julgadora do Prêmio Alfredo Machado Quintella de 1982, composta por Eliane Yunes (professora universitária e crítica de literatura infanto-juvenil), Geraldo Jordão Pereira (editor) e Glória Pondé, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Coordenadora do Concurso, acaba de premiar a escritora Lucília Junqueira de Almeida Prado por seu texto O amor é um pássaro vermelho, cujo tema é a vida dos imigrantes japoneses em São Paulo. O prêmio, no valor correspondente a mil dólares, foi instituído pelo escritor Ary Quintella em memória de seu filho e é promovido anualmente pela FNLIJ. A Editora Record, que em março estará publicando História de um primeiro amor, de Drummond Amorim, vencedor do mesmo concurso em 1981, já programou para publicação o texto de Lucília agora premiado.

Marítima Saga

A obra ficcional de Moacir C. Lopes compõe uma verdadeira saga marítima, a que agora se acrescenta novo título. O mar e seus mistérios, o fascínio das longas viagens, descobrimentos, os homens que a eles se entregam, a luta contra os elementos, mitos a fantasias que impregnam tal ambiente — eis o universo romanesco deste autor, desde seu primeiro livro, **Maria de cada porto**, lançado em 1959. Se em alguns deles há muito de autobiográfico, noutros ele transfigura a realidade para recriar, com sua poderosa imaginação, um mundo que lhe está muito próximo. Agora, neste **Passageiro da nau catarineta**, Ed. Cátedra, RJ, Moacir mantém-se fiel à sua linha, incorporando-lhe a tão conhecida lenda da nau catarineta. Utilizando-se de um artifício narrativo, o diário encontrado, e o eterno tema do regresso, vai erguendo com precisão sua história e as figuras envolventes de Luciano Papallemos e seus companheiros Teresa e o Gajeiro.

Registro

A Educação Permanente no Brasil, de Mary Ferreira Bárcia, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. Estudo relacionando as diversas formas de educação "oficial", supletiva, extra-escolar, tele-educação e analfabetismo no Brasil, com ênfase para a educação de adultos, analisada minuciosamente em sua evolução histórica.

Violência e Cultura no Brasil, de Ruben George Oliven, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. São, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, dois estudos diversos e independentes. O primeiro, analisa a violência enquanto mecanismo de dominação de classes e o segundo é sobre a evolução da cultura brasileira, desde o samba e malandragem até os dias de hoje, de massificação cultural.

A Expressão Corporal, uma disciplina da comunicação, de Jacques Salzer, Trad. de Juracy Daisy Marchese, Difel, SP. Desde que Gabeira voltou do exílio, todos querem liberar-se e transar o corpo numa "nice". Este livro, calcado nas experiências do A. como animador de grupos de expressão corporal, mostra o que é e quais as vantagens desta técnica.

Caminhando no Gelo, de Werner Herzog, Trad. de Lúcia Nagib, Ed. Paz e Terra, RJ/SP. Diário do famoso cineasta alemão, relatando o período de novembro/dezembro de 1974, quando ele empreende viagem a Paris, objetivando encontrar-se com Lotte Eisner, sua amiga e crítica de cinema, que se encontrava adoentada.

A Arquitectura Religiosa do Alto Alentejo na Segunda Metade do Século XVI e nos Séculos XVII e XVIII, de Humberto Reis e Mário Tavares Chicó, Colecção Presenças, Imprensa Nacional — Casa da Moeda de Portugal, Lisboa. Edição contendo dezenas de fotografias e plantas de igrejas portuguesas: obra destinada a arquitectos, pesquisadores e apreciadores da arte sacra em geral. Este livro, distribuído no Brasil pela Livraria Camões, do Rio, tem edição sob os auspícios do Comissariado para a XVII Exposição Européia de Arte, Ciência e Cultura.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS 252 Salim Miguel

Dois clássicos portugueses

Mais dois sugestivos títulos acabam de aparecer na Biblioteca de Autores Portugueses, edição da Imprensa Nacional — Casa da Cultura, e ambos com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian, em distribuição no Brasil pela Livraria Camões, do Rio. Trata-se de **Memórias de um doido**, de A.P. Lopes de Mendonça, edição crítica, comparativa das 1ª e 2ª edições (1849 e 1859), com notas e estudos de José Augusto França; e **História do futuro**, de Antonio Vieira, introdução, atualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu.

No estudo que dedica ao romance **Memórias de um doido**, José Augusto França situa-o, e ao autor A.P. Lopes de Mendonça, com precisão, dentro de seu meio e de sua época. Para ele, "Maurício, o herói falhado da história, não tira mais do que uma experiência psicológica", seja "pela frustração social de seus desejos, mas também, e sobretudo, pela ausência de coerência interna de sua personalidade ou pela recusa lírica de cumprir-se. "Para o crítico há duas versões do romance, a de 1849 e a de 1859: ainda que a história não mude — diz ele — ela é vivida em relação a dois presentes diferentes. Trata-se de um texto de real interesse ainda para os leitores de hoje.

Já História do futuro se constitui numa utopia ao mesmo tempo que induz a uma reflexão sobre o sentido de utopia. Na Introdução, Maria Leonor Carvalhão Buescu esclarece que o livro foi publicado pela primeira vez em 1718, mas dessa edição é possível distinguir três variantes perfeitamente individualizadas, embora seja impossível estabelecer o momento exato em que emergiu da mente da padre Vieira o projeto do livro. A partir daí a Autora desenvolve sua análise sobre as várias proposições que o trabalho levanta, estudando-as minuciosamente e trazendo contribuição para esclarecer o pensamento do autor. Diz Maria Leonor que o livro gozou de pouca fortuna e estabeleceu controvérsia, mas nem por isso é de menos interesse para o leitor.

Momento da Poesia

Morte de Manuel Bandeira

Jorge de Sena

Só hoje, depois de muitas aulas de um curso
sobre a poesia dele, folheando poemas seus,
tive, subitamente, consciência da sua morte.
há mais de um ano, longe, apenas notícia.
Não é essa coisa eventual de notar-se, consabido pasmo
(e a frustração do que jamais vai repetir-se)
que não mais torno a vê-lo e à sua humanidade,
à sua gentileza firme de menino egoísta,
e à surdez com que em verdade não ouvia ninguém
senão a vida e a morte. No fim de contas,
há centenares de poetas que nunca conheci, que admiro,
e que nem sequer estou certo de haver a pena
havê-los conhecido: seriam suportáveis,
humanamente suportáveis o Dante ou o Camões?
Não: o que de súbito encontro é um vazio
maior. Morreu. Não dirá mais nada,
nada sentirá que nos revele. Os poetas
morrem como toda a gente. A poesia deles
fica, e morrerá mais tarde, como tudo
morre. Mas que um que está conosco
morra inda que velho, e não seja mais
quem escreverá, se ainda escrever: se calé —
— e a gente saiba pelas notícias como se calou —
é a morte, a pavorosa, a estúpida, a grosseira.
O fim de todos os milagres, que ele bendisse.
O horror de descobrir-se no que fica,
quanto morreu quem fez o que ficou.
Nov.22,69
(in **Visão Perpétua**, de Jorge de Sena)

Poeta, ensaísta, ficcionista, professor, tendo residido no Brasil onde lecionou e conheceu bem a literatura brasileira, Jorge de Sena, morto há pouco, é um dos nomes mais expressivos das letras portuguesas. Este **Visão Perpétua**, Círculo de Poesia/Biblioteca de Autores Portugueses-Co-edição de Moraes Editores/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, distribuído no Brasil pela Livraria Camões, contém, além de toda a obra poética de entre 1942-1978, os poemas que ele incluía em livros de prosa. Introdução e organização de Mécia de Sena.

Literatura catarinense para estudantes

Tendo como objetivo principal facilitar o aprendizado do estudante e do vestibulando, levando-lhe informações sucintas e práticas, surge agora este **Literatura Catarinense**, de Pedro Albeirice, Edição do Autor. Albeirice, 22 anos, natural de Volta Redonda, RJ, radicado em Tubarão, jornalista e professor de 2º grau, já nos dera antes, em 1981, **Tubarão 74 — A catástrofe**, onde traça um quadro do que representaram aquelas enchentes para a vida da cidade. Neste **Literatura Catarinense**, projetado com intenções didáticas, na linha de **A Literatura de Santa Catarina**, de Celestino Sachet, temos breves perfis dos principais movimentos literários do Estado, biografias de autores e relação de livros aqui publicados, tudo isto situado no tempo e no espaço. Dois opúsculos (**Literatura Brasileira-resumo**; e **Eu te amo**, poemas premiados no concurso Poeta Azul 82) acompanham o livro, que pode ser solicitado diretamente ao autor, Caixa Postal, 485 - Cep 88.700 - Tubarão - SC.

Singular documento humano

Era um jovem que se descobria e descobria o mundo: aliás, já sentira que o mundo podia ser áspero e duro. Vira seu pai ser arrancado de casa, sumido; vira sua mãe e sua irmã serem também levadas pelas forças da repressão. Marcelo se interessava por música, compunha, tocava guitarra, morava com outros colegas, estudava engenharia agrônoma, descobria o sexo. De repente, bebeu, atirou-se num mergulho num lago que não tinha a profundidade esperada. Resultado: paralítico. Este livro (**Feliz ano velho**, de Marcelo Rubens Paiva, col. Cantadas Literárias, Ed. Brasiliense, SP) é um repensar do que foi sua vida e, ao mesmo tempo, uma busca de se manter à tona. Comovente sem ser piegas. O leitor acompanha a caminhada de Marcelo, seus desesperos e suas esperanças. No tom levemente irônico, a necessidade de se suster. E há páginas dramáticas e sensíveis, como quando recorda a desaparição do pai, ou então quando chega ao centro de reabilitação e encontra numerosos outros que também procuram maneira de se recuperar. Um documento humano de singular interesse.

Registro

Um tal de Lucas, de Júlio Cortázar, trad. de Temy Gorga Filho, Ed. Nova Fronteira, RJ. A ficção aliciante de um exemplar prosador. Um texto solto, pleno de humor e observação. Lucas coleia e nos envolve em sua malha lúdica e sensível. A proposta do texto se coloca já no primeiro capítulo, "Lucas, suas lutas com a hidra", que em sua simbologia tudo compreende e já diz ao que vem no segundo texto, "Lucas, suas compras". Daí, é ler e se deliciar.

Os quatro cavaleiros do apocalipse, de Blasco-Ibañez, trad. de M.L. Dourado, col. Clássicos Francisco Alves, RJ. Conflitos decorrentes de visões diferentes do mundo, simbolizados por duas personalidades bem diferenciadas — um alemão e um francês — que se casam com as filhas de um rico proprietário de terras num país de língua espanhola. E os entrechoques que disto advém. Romance filmado várias vezes com sucesso.

Sombras da noite, de Stephen King, trad. de Luiz Horácio da Matta, col. Mestre do Horror e da Fantasia, Ed. Francisco Alves, RJ. Conhecido no Brasil pelos livros — e filmes neles baseados — **Carrie, a estanha** e **O iluminado**, o Autor é especialista em narrativas que tem como tema o sobrenatural, um mundo de sombras e de terror. Aqui, alguns de seus contos mais expressivos neste campo.

Lula e a greve dos peões, de Antonio Possidonio Sampaio, Ed. Escrita, SP. Romance-reportagem sobre a greve de 1979. O Autor, que viveu os acontecimentos, esperou ter um distanciamento para melhor se debruçar sobre o tema. Sampaio afirma: "Lula me fez mudar a concepção que eu tinha do brasileiro. Às vezes subestimamos as pessoas que têm poucas letras...", mas ele prova que isto é um preconceito.

Os causos do macanudo Taurino Fagundes, de Santiago, série Rindo às Pampas, vol. 1, Ed. Mercado Aberto. Em 2ª edição, as aventuras e desventuras deste gaúcho que já encantou leitores quando apareceu em tiras nos jornais. E continua sua carreira em livro.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 16/01/83

LIVROS

253

Salim Miguel

Depois do conto, a vez do romance e da poesia

Não faz muito, aparecer um livro de poesia era um acontecimento. As editoras, de maneira geral, se recusavam a examinar trabalho de poetas. Havia, é claro, nomes já aceitos; mas até mesmo muitos consagrados encontravam dificuldades. Era a vez do conto, do memorialismo. De repente, o conto passou a perder espaço. Para o romance e a poesia. Está nas editoras e na imprensa. Eis alguns títulos recebidos nos últimos dias pela coluna:

Da Ed. Civilização Brasileira

O ar de uma raiz, de Luiz Paiva de Castro, nome bastante conhecido, de vasta obra, que com este livro conclui um ciclo — nove anos de poesia sobre montanhas, ouro, café, diamante numa linguagem elaborada. Subintitulado **C 47 ou 14 Bis**, tem como referência central a figura de Santos Dumont, passando por outros vultos da história do Brasil. Aqui, o primeiro quarteto de "No vôo e no chão, bate o coração": O fio pelo chão é o novelo que o avião/antecede o rio que corre com seu pelo/de comunicação deixado para vê-lo/ quem puder ouvir com ouvido no chão."

Liturgia da matéria, de Paulo Henriques Britto revela um novo poeta que no dizer do também poeta Moacyr Felix "traz um fazer estético maduro e deve ser lido, portanto, com lentidão e em hora própria." Em "Natureza morta" ele diz: "Na penumbra fácil do quarto/entre duas presenças contíguas/ (incômodas, desencontradas)/ não brota nada de vivo/que o simples contato das peles/não vare de lado a lado/não nasce nada que — morto/quando se completa ato —/deixe resíduo mais forte/que um vago cheiro de terra/ou de mato."

Canções de acender a noite, de Denise Emmer, já com outros livros de poesia publicados, e de quem diz João de Jesus Paes Loureiro: "neste livro percebe-se que a poesia é instrumento de realização existencial de Denise." Veja este quarteo de "Solidão e neblina": Hoje acordei e não havia mundo na janela/Uma ilha voadora levou os homens pasmados/Ventos enlouquecidos carregaram a cidade./Um navio bebeu o oceano.

Aranjos para assobio, de Manoel de Barros, com seus versos longos, marca uma posição bem pessoal; a respeito dela diz Antônio Houaiss: "por instantes, graças a ela — me comprazo com o mundo e até comigo mesmo." Veja-se este **Poesia, s.f.**: Raiz de água larga no rosto da noite/Produto de uma pessoa inclinada a antro/Remanso que um riacho faz sob o caule manhã/Espécie de réstia espantada que sai pelas frinchas de um homem/Designa também a armação de objetos lúdicos com/emprego de palavras imagens cores sons etc. geralmente/feitos por crianças pessoas esquisitas loucos bêbados.

Anatomia da melancolia, de Carlos Lima, revela-nos um novo e sensível poeta, que no dizer de Moacyr Felix "está aí, como provocação e desafio ao que de melhor possa existir em nossa crítica literária." Em "Transfigura" ele diz: "A morte, resgate do corpo/entregue e despossuído a essa metafísica final/que circula em céus baratos/entre o coágulo e a carne póstuma/em que os pactos do corpo na insenção do luto decompõem/os atos, os medos que o corromperam e despojaram."

Canto pluro e outros poemas, de Fernando Fortes, em 2.ª edição, com o INL, mostra as pesquisas formais de alguém que se debruça sobre a palavra e que, no dizer de Oliveira Bastos "já não pode mais olhar o verso como uma unidade rítmica necessariamente coincidente com uma unidade discursiva. "Leia-se este "Pandorga": Piruetas de pandorga/encarnada/ contra o fundo azul/Nítido hexágono/de taquaras retas/no espaço claro/Novelo branco/ desenrolado/na areia branca.

Da Ed. Antares

O século XXI como antídoto, de ricardo Máximo, outro nome que surge com uma voz própria, com uma visão universal do ser humano. Pedro Nava destaca que "A poesia um tanto engajada de RM é uma resposta ao que se passa hoje num mundo envenenado..." Anote-se este trecho do poema "Glauber": Deus e o diabo na terra do saldo/demônios e anjos em era de soldado: cortas cageças/lavar cabeças/curvar cabeças.

O cavalo de Tróia, de Nauro Machado, em convênio com o INL. Poeta maranhense da geração de Bandeira Tribuzzi e Ferreira Gullar, voz poderosa, que ainda não teve o reconhecimento merecido. Centrado em sua terra e no homem do seu meio, ele os transcende para dar uma visão do ser humano e do mundo que o cerca e angustia. Em "Mordomia" ele diz: Trabalhei meu dia como um homem público./Bati à máquina o juro e o capital/da minha empresa. Título em penhora,/assino aqui, na noite, só o Teu débito:/a funerária toda do universo."

Da Ed. Escrita

Estrela Vulgar, de Cristina Santeiro, Cristina Mutarelli e Zezé guerra, projeto gráfico e ilustrações de Gerty Saruê e Antônio Lizárraga. Três vozes jovens, mas que já se diferenciam na maneira de ser e de encarar o mundo. Enquanto a primeira diz: "A rotina/o romance/insônia das noites quentes./Dança da cortina/gemido na porta/o nome da heroína é o meu.", a segunda informa que "Poetar/não é alegre nem triste/é um sentimento/braçal." Zezé, num longo poema, assinala em certo trecho; "Esperei tanto! Andei tanto, meus dedos doem; sabia? você me diz isso tão assim, tão com a cara calma, objetivo!"

Mas além dos livros, também publicações periódicas abrem espaço aos poetas. Ainda há pouco registramos a presença de **Viva a Poesia**, de um grupo jovem, de Joinville. Pois novo número nos chega, com os mesmos ou outros nomes dando seu recado. Enquanto isso, do Rio, bem diagramado, com excelente colaboração.

Uma nova revista: Artis

De Porto Alegre, neste final de ano, uma agradável surpresa: **Artis**, uma nova revista, dedicada às coisas da cultura. Nestes dois primeiros números, correspondentes a novembro e a dezembro de 1982, colaboração variada e de boa qualidade, centrada mais nas artes plásticas. O que logo chama a atenção é a diagramação, funcional e agradável. No editorial do n.º 1 se diz que "de uma forma artesanal, devido às limitações técnicas e econômicas, Artis se oferece para abrir espaço para o debate cultural". Já tendo participado de aventuras semelhantes, aqui e em outras bandas, esperemos que o editor Sérgio Moita e os demais colaboradores tenham apoio e resistam. Do 1.º número destacamos o depoimento de Iberê Camargo, a matéria sobre a técnica da xilogravura, outra sobre a Exposição Farroupilha: 1835/1935/1982, e o portfólio de Martin Streibel, **Árvore**. Do n.º 2, a matéria sobre a influência da Semana de 22 no Rio Grande do Sul, o comentário de Guido Goulart, E a cultura?, o depoimento de Moacyr Scliar, e o artigo de Celso Loureiro Chaves, Sondhein: um homem da Broadway. **Artis** já é encontrada em Florianópolis, no Masc e na Oficina 186; e logo estará também à venda em bancas, distribuída pela Ilhabel.

Registro

O destino da carne, de Assis Brasil, Ed. Nórdica, RJ. O Rio da zona sul é o ambiente deste novo romance — início de mais um ciclo de Assis Brasil. Nele, vários personagens se degladiam e desvelam, cada qual um bloco independente, mas que se fecha e complementa com os demais. Ficcionista e ensaista, o A. diz que aqui tentou "desenvolver uma nova técnica Romanesca — um mundo circular, com círculos menores, cada personagem mentalizando a sua vida em relação ao "outro".

Cavalos do amanhecer, de Mário Arregui, trad. de Sérgio Faraco, Col. Latino-América, Ed. Francisco Alves, RJ. Revelação, para o Brasil, de um novo e forte ficcionista hispano-americano. Série de contos onde ele recria e recupera o pampa e o gaúcho, dando-lhe uma dimensão maior. Um excelente exemplo de sua prosa é o conto "Os contrabandistas."

Último tango em Paris, de Robert Alley, trad. de Fernando de Castro Ferro, ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 5.ª edição, este romance que, ao contrário do que usualmente ocorre, resultou do filme do mesmo nome e que tanta polêmica causou quando lançado.

Morte nas estepes, de Sven Hassel, trad. de Ronaldo Sérgio de Biasi, Ed. Record, RJ. Mais uma visão da II Guerra Mundial, por um especialista. Este romance tem por tema um episódio histórico, a invasão da URSS e a certeza de Hitler de que os alemães entrariam em Moscou no outono. Mas os regimentos Panzer foram contidos — o que mudou a face da História.

Charlie boy, de Peter Leibleman, trad. de Mariseté Rizzoli, Ed. Melhoramentos, SP. Um médico, enfastiado da vida, a insistências da mulher, vai participar de uma convenção em Nova Orleans. De repente, o Dr. Moment se vê envolvido com um assassino psicopata, Charlei Boy. E a partir daí a vida do médico e do adolescente negro E. L. mudam. Um livro de tensão, numa trama bem conduzida; para o The New York Times Book Review é "um livro altamente recomendável."

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS 254 O ESTADO - Fpolis, 19/01/83

Salim Miguel

Depoimento

Emanuel Medeiros Vieira: "Um texto para ir ao fundo do poço"

Catarinense de Florianópolis nascido em 1945, Emanuel Medeiros Vieira é um dos mais expressivos escritores da chamada geração pós Grupo Sul. Sua estréia com **A expiação de Jerusa** *(contos, Ed. Movimento, PA, 1972) já o situou e a sua ficção: preocupação com o homem e seu destino, com o social. Esta preocupação, que seria constante em sua obra, pode ser observada nos livros seguintes* **(Sexo, Tristeza e Flores**, *Ed. Movimento, 1976;* **Num cinema de subúrbio num domingo à noite**, *Ed. Lunardelli, 1978;* **Teu coração despedaçado em tolhetins**, *Ed. Atica, 1978 todos de contos; e* **Love Story Paulistana**, *novela, Ed. Movimento, 1979). Outra constante que pode ser anotada é a presença de Florianópolis, como neste* **Uma tragédia catarinense**, *onde sentimos uma visão da cidade da década de setenta, que vai se completando e fechando entre as recordações da infância e os conflitos do adulto, que ao mesmo tempo se sente modificado e sente as transformações que a cidade vai sofrendo. Neste depoimento, franco e objetivo, Emanuel Medeiros Vieira fala de si mesmo, do país, de sua geração do que ela enfrentou a partir de 1964, e da sua sempre lembrada Florianópolis.* **Uma tragédia catarinense**, *de Emanuel Medeiros Vieira, FCC-edições, terá lançamento para amanhã dia 20, quinta-feira, às 20 horas, na Assembléia Legislativa.*

O texto que intitulei de **Uma Tragédia Catarinense** é de 1977. Cinco anos depois, em 1982, em diversas re-leituras, tentando ativar um tipo de "consciência crítica", percebo a vulnerabilidade desta ficção. É um trabalho largamente momentâneo, cujo discurso está estreitamente vinculado a 1977, à Florianópolis e a "dor" pela acelerada destruição dos valores que mais amei na minha ilha natal.

A primeira parte do texto é mais crônica que ficção.

Publico **Uma Tragédia Catarinense** em sua forma original, escrita toda ela em 1977, porque desejo manter fidelidade à época em que foi concebida, não trair os sentimentos que me levaram a ela, não sobrepor ao texto uma visão, bem diferente, de cinco anos depois: Naturalmente em 1982 a ficção não seria a mesma. Se a bondade de alguns (não muitos, leitores e amigos fez com que lessem trabalhos anteriores (e posteriores, em suas formas originais) perceberão na "novela" (não gosto de designativos, ainda mais pela primeira parte, vá lá, "ficção") que ela está para mim como final de um ciclo, o término desta matriz, obsessão ou modelo que moveu minha ficção: a fixação no confessional, na passagem do tempo, a dor do transitório; a explosão memorialística-familiar, a ilha e seus mares, foco gerador da narrativa, a perda de valores caros, a família como tribo e a tentativa desesperada de reconstituí-la, mesmo fragmentariamente e sempre aquém dos apelos do coração, quer dizer, a memória como "tema" sempre principal. Não estou querendo explicar nada. Ou melhor, não desejo defender esta ficção. Ou o texto sustenta-se por si ou não. Busco, quem sabe de maneira aflita e precária, situar o "tempo" do texto.

As viagens, acho eu, não devem ser interrompidas na metade; por isso quis ir ao fundo deste poço. Meus trabalhos posteriores que deverão ser publicados (como as promessas de edição existem, há também a recessão, o pão é prioritário, não o papel...) proximamente, **Cemitério Alado** (livro de contos), **O Relato de Grieek** ("Ficção" ou novela), **Aqueles Que Tinham Vinte Anos em 64** (tentativa de pensar os sonhos, esperanças e fracassos da minha geração de maneira memorialística-romanesca) provavelmente comprovarão o que digo, pela tentativa de descarnamento, de síntese, de elaborar ou "enxugar" mais as obsessões da memória, buscando um discurso evidentemente menos triunfante. Enfim, uma tentativa de "aprofundar" o texto, lutando para que a "Ansiedade de Contar" não perturbe a fatura, o todo, enfim, que os fantasmas e angústias sejam trabalhados de forma mais racional.

Repito: é esta fidelidade a 1977 que me leva a publicar esta novela em sua forma original, mesmo com a certeza — faço questão de reiterar — de que a percepção, as obsessões, a própria vida, o tempo, muito mudaram.

Sim. E como nosso "romantismo" foi extremamente machucado. Não tenho dúvidas: nossa geração foi uma geração romântica. Tínhamos um projeto sonhador, alternativo, até lúdico sim, de mudança do país e do mundo. Tínhamos (achávamos) capacidade de mudar o mundo: falo desta geração que tinha "20 anos em 64". E que exatamente um ano chamado **1964** acabou com todos estes sonhos.

Como hoje temos de 35 a 40 anos, naquela época tínhamos de 17 a 23. Fomos massacrados pelo estabelecimento de um modelo absolutamente divorciado de nossos sonhos e projetos. Com o perdão da retórica: esta geração foi desterrada em sua própria terra. E na dos outros. E 18 anos não se tiram da alma como se tira pixe dos pés.

Seria, igualmente facilitário culpar todos os (nossos) fracassos ao modelo. Atribuir tudo aos infortúnios causados por um regime que não queríamos, é fácil. Este regime é de 64. Nossa idade é maior. Quero dizer, tem família, tem mãe, tem pai, tem irmão, tem sonhos. Ou como dizia Camus: há a História. Mas existe também o **Sol**.

32 anos, 37 anos. O tempo vivido mudou.

De lá para cá, para o país e para todos nós aconteceram coisas: Fim do AI-5, Anistia, "abertura", trechos do Governo Geisel, os congressos da SBPC, a reformulação partidária, comunidades de base, articulações da sociedade civil, o renascer das esperanças de uma civilização democrática e fraterna, etc. Não me cabe aqui nenhum discurso sociológico. Mas a gente não vive nas nuvens. Momentos de penosa transição, rastros de confusão e dúvida, passos para frente, passos para trás. Realmente, o país do milagre acabou e estas coisas não adquirem uma segunda vida por decreto. O fato de muitos de minha geração (e de outras) estarem vivos configura o grande milagre brasileiro.

O processo de melancólica e tecnocrática urbanização de Florianópolis foi acelerado. Esta praga não é castigo dos deuses, nem é metafísica: é fruto de um modelo: continuo achando: mais vale um Carlitos que milhares de tecnocratas. Eles mantém à aversão ao humanismo, à beleza e aqueles valores fundamentais da civilização, sem os quais a vida não vale a pena ser vivida.

MOMENTO DA POESIA

"Anônimo"

Ana Cristina Cesar

Sou linda; gostosa; quando no cinema você roça
o ombro em mim aquece, escorre, já não sei mais
quem desejo, que me assa viva, comendo
coalhada ou atenta ao buço deles, que ternura
inspira aquele gordo aqui, aquele outro ali, no
cinema é escuro e a tela não importa, só o lado,
o quente lateral, o mínimo pavio. A portadora
deste sabe onde me encontro até de olhos
fechados; falo pouco; encontre; esquina de Concentração com Difusão, lado es-
querdo de
quem vem, jornal na mão, discreta.
(de **A teus pés**, *prosa/poesia, col. Cantadas Literárias, Ed. Brasiliense, SP)*

Inquieta, vibratil, Ana Cristina dá, neste seu livro de prosa/poesia, uma imagem de si mesma e do mundo que a cerca. Para Caio Fernando Abreu, "Ana C. concede ao leitor aquele delicioso prazer meio proibido de espiar a intimidade alheia pelo buraco da fechadura". O poema que transcrevemos é um bom exemplo de seu texto, carregado de sugestões e recorrências.

Registro

Quem é quem nas letras rio-grandenses, de Sérgio Faraco e Blasio H. Hickmann, Ed. Porto Alegre, RS. Neste Dicionário de Autores Contemporâneos, em boa hora patrocinado pela Sec. Municipal de Cultura, através de sua Divisão de Cultura, informações sucintas sobre a atualidade cultural no vizinho Estado. Livro útil e oportuno pela soma de dados que contém. Por que não se pensar num para Santa Catarina?

O que é Punk, de Antônio Bivar, col. Primeiros Passos, Ed. Brasiliense, SP. Na linguagem direta que caracteriza esta coleção, Bivar situa o movimento Punk, o que pretende, como surgiu e como chegou ao Brasil, o porque do não do sistema ao Punk.

Marx e a América Latina, de José Aricó, trad. de Maria Celeste Marcondes, Ed. Paz e Terra, RJ. O Autor mostra como e quando Marx se interessou pela América Latina, em quais textos, direta ou indiretamente, ele se referiu a este pedaço do mundo; e comprova que tais textos são bem mais numerosos do que se poderia imaginar. A partir daí, tece reflexões sobre o processo de formação da América Latina.

Crises previsíveis; pontos de pressão na vida das mulheres, de Maggie Scarf, trad. de Luiza Ibañez, col. Presença, Ed. Francisco Alves, RJ. Para a A., especialista em temas científicos, jornalista, escritora, a vulnerabilidade da mulher ao Stress mental decorre dos seus envolvimentos emocionais, mais importantes para ela do que para os homens. A pesquisa para o livro durou quatro anos e envolveu muitas mulheres, de várias idades e categorias sociais.

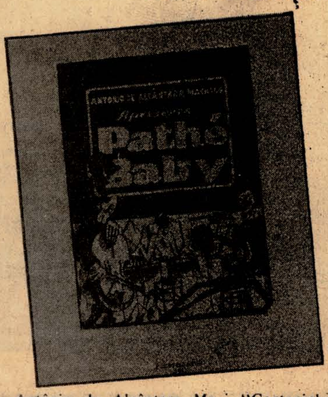
Astrologia sexual, de Helen Terrel, trad. de Geni Hirata, Ed. Record, SP. O tema sempre exerceu estranho fascínio, desde priscas eras. Dedicando-se ao estudo da astrologia e através de análises e qualidades de caráter e da personalidade de homens e mulheres, relacionados com seus signos zodiacais, a Autora passou a fazer 'análises de personali-

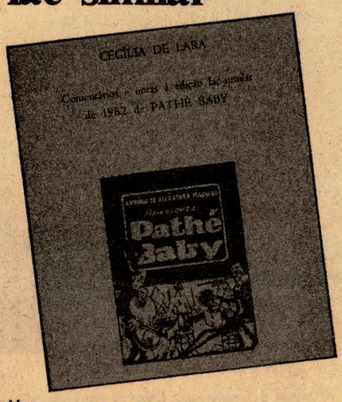
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 05/01/83

LIVROS **255** Salim Miguel

Antônio de Alcântara Machado em edição fac-similar





Antônio de Alcântara Machado, morto prematuramente, foi um dos nomes mais significativos da fase inicial do movimento modernista no Brasil. Vanguardista, renovador, inovador, espírito crítico, inquieto, com participação ativa em promoções culturais, muitas de suas páginas permanecem atuais, especialmente aquelas onde ele recria, com precisão e sabor, uma paulicéia italianada, centrando-se, para levantar seu mundo, no Brás, na Bexiga, na Barra Funda, significativamente título de um de seus livros. Cronista e contista, jornalista, diretor de revistas, se a morte não lhe permitiu dar a medida exata de seu talento, nem por isto podem ser esquecidos muitos trabalhos seus, como, para citar apenas um, o conto "Gaetaninho". Mas para se apreender a fundo suas preocupações e sua proposta, inclusive seu estilo e a recriação que ele intenta de um linguajar macarrônico, há necessidade de se conhecer sua obra, a começar pelo livro de estréia **Pathé Baby**, indo até o romance inacabado **Mana Maria**.

Daí o valor de uma iniciativa como a da Secretaria de Cultura de São Paulo, que, em conjunto com a Imprensa Oficial do Estado e a Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, publica, em edição fac-similar, as obras do autor de **Laranja da China**.

Temos, assim, **Pathé Baby**, de 1926; **Brás, Bexiga e Barra Funda**, de 1927; **Laranja da China**, de 1928. Cada volume é acompanhado de um minucioso e esclarecedor estudo de Cecília de Lara, contendo comentários e notas à Edição fac-similar, situando os textos, informando sobre variantes, buscando dirimir dúvidas, trazendo bibliografia e fortuna crítica. No prefácio, Francisco de Assis Barbosa diz que os livros de AAM "tinham que ressurgir na sua feição gráfica original, tal como foram criados e publicados, com a marca inconfundível do autor, cuja presença se afigura patente em todas as páginas impressas de seus livros, denunciando o rigorismo gráfico com que foram elaborados e até pensados". Só quem, agora, tem a felicidade de ter em mãos estas edições vê a pertinência da observação daquele historiador e crítico da nossa literatura.

MOMENTO DA POESIA

Retrato de AC quando um cavalo selvagem

Antônio Carlos Miguel

eu nunca tive
essa luz dos precoces videntes
o alucinado olhar dos gênios
no palco das cidades
fui um cara normal

em meio a geral mediocridade
um cara pálida com olhar de índio
curioso assustado
um branco de alma negra
revoltado sensual

eu nunca fui diferente
nem líder de bando
segui minha adolescência
com os colegas da tribo
admirando os rebeldes

marginais
carbonários
e me assustei
ao notar
que minha anormalidade
era ser humanormal
neste mundo de artistas
(do livro, inédito, **ainda alguns Poemas Selenitas)**

* * *

Desta vez, o espaço é ocupado pela família: ACM nasceu em Florianópolis, mora no Rio, é jornalista profissional, crítico, colunista de música da revista "Som Três", coautor do livro **Ebulição da Escrivatura** (poesia, Ed. Civilização Brasileira), poemas publicados na revista "Encontros com a Civilização Brasileira", colaborações em jornais e revistas.

Registro

A Ética da Aventura, de Lêdo Ivo, Ed. Francisco Alves, RJ. Poeta, romancista, tradutor, LI é, por igual, ensaísta, que se debruça sobre o fenômeno da criação literária de maneira pertinente. Neste volume estão, num estilo muito pessoal, estudos sobre autores brasileiros e estrangeiros, que ele ilumina com luz própria. Veja-se, como exemplo, o trabalho que abre o livro, "A Ética da Aventura"; ou então "Escritores do Rio", "Retrato de D. H. Lawrence", "Divagações de um Tradutor", "Poeta é Escritor?", entre tantos outros.

A Escrita do Eu, de Eliane Zagury, Ed. Civilização Brasileira/INL, RJ. A partir do memorialismo, particularmente das memórias de infância, uma análise da literatura brasileira. Nesta "explicação de si próprios" vê a A. uma vertente que ajuda a compreender não só nossa literatura num de seus aspectos menos estudados, mas de singular importância pelo que esclarece da psicologia do ser humano.

O que é Leitura, de Maria Helena Martins, Col. Primeiros Passos, Ed. Brasiliense, SP. O que é ler; como saber ler; motivações para a leitura; diferenças entre "ler" e "passar os olhos", são alguns dos temas abordados neste livro, que tem como mote um pensamento de Paulo Freire: "a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele".

Complexo de Cinderela, de Colette Dowling, trad. de Amarylis Eugênia M. Pereira, Ed. Melhoramentos, SP. Este livro parte de uma descoberta que a A. fez a respeito de si mesma e das idéias preconcebidas que tinha. Procurou atacá-las, se auto-analisar, conhecer melhor a problemática da mulher. CD estuda de maneira precisa a ambivalência relativa à independência feminina e o conflito entre a necessidade de ser amada e de concretizar suas aspirações. Para a A., "complexo de Cinderela" é um sistema de desejos reprimidos que se iniciam na infância, deixando sequelas na vida adulta, que é preciso eliminar. O livro esteve mais de 26 semanas na lista dos mais vendidos do The New York Times.

Frankenstein existe mesmo

É da Ed. Francisco Alves o interessante lançamento intitulado **O Diário de Frankenstein**, "traduzido do original alemão e comentado pelo Rev. Hubert Venables". Basicamente, o livro pretende demonstrar a verdadeira existência do doutor Viktor Frankenstein e de seu monstro (com o auxiliar Igor e tudo), através de um suposto diário. Edição de luxo, fartamente ilustrada "com desenhos do próprio punho do Dr. Frankestein". Note-se que não há, em todo o volume, uma única menção à inexistência do autor do diário. Se não consegue convencer como obra histórica — e a alguns convencerá — "O Diário de Frankenstein" nos dá arrepiantes momentos como um bom livro de terror. A tradução é de Elsa Martins.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

256 - MIGUEL, Salim. Livros – O errado/certo vice-versa da .... **O Estado,** Florianópolis, 9 jan. 1983

256

Livros

Salim Miguel

Visão da Segunda Guerra

A Segunda Guerra Mundial continua sendo tema para levantamentos e análises que procuram compreender suas motivações. Aqui, neste **A Segunda Guerra Mundial**, do Brigadeiro Peter Young, trad. de Rodolfo Eduardo Krestan, Ed. Círculo do Livro/Melhoramentos, SP, temos uma visão bastante pessoal de alguém que participou efetivamente da luta e que a respeito já publicou vários outros trabalhos. Partindo dos antecedentes da guerra, o álbum conclui com um capítulo sobre a participação do Brasil na guerra. Estudo abrangente, a obra cobre a guerra no ar, em terra e no mar, da Europa ao Pacífico Sul, do deserto da Africa do norte à Birmânia e à Batalha do Atlântico. A presente edição é, ainda, valorizada por mais de quatrocentas fotos, mapas, gráficos e tabelas (das quais cerca de 100 em cores)

Registro

Sedoc - Serviço de Documenação, volume de outubro/1982, Ed. Vozes, RJ. Novo número desta revista católica, desta vez reunindo documentos sobre questões como o genocídio na Guatemala, a questão indígena naquele país, a expulsão dos padres do Araguaia, a violência no campo e outros.

O Acontecer Poético - A História Literária, de Manuel Antônio de Castro, 2ª edição, revista e aumentada, Edições Antares, RJ. Estudo filosófico-etimológico-lingüístico-historiográfico sobre o fenômeno literário o que ele é, o que ele representa.

Espaço e Sociedade no Rio Grande do Sul, de Igor A. G. Moreira e Rogério H. da Costa, Série Revisão nº 10 Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre. Livro de Geografia, isto entendendo-se esta ciência em seu significado mais amplo, ou seja, não apenas como catalogadora de acidentes naturais, mas também e principalmente como uma ciência que descreve e analisa as sociedades e a ação delas sobre a terra. Obra recomendada para estudantes, vestibulandos e professores.

Nova Escrita/Ensaio nº 10, Ed. Escrita, SP. Este número traz entrevistas com o bispo negro D. Zumbi e com o filósofo marxista polonês (dissidente) Adam Schaff; artigos de Caio Prado Jr. sobre a Aliança Nacional Libertadora, escritos em 1935 e de Maurício Tragtenberg sobre a prática genocida do sionismo, além de artigos de Marx publicados na "Nova Gazeta Renana", jornal que, segundo Lênin, foi o "melhor e jamais superado órgão de proletariado revolucionário".

Encontros com a Civilização Brasileira nº 29, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Trazendo textos de Miguel Arraes, Fábio Konder e Maria da Conceição Tavares; críticas ao novo livro de Vargas Llosa por Edmundo Moniz; análise da situação polonesa de acordo com a teoria de ciclo de Kondratieff; defesa da autogestão em confronto com o socialismo soviético; entrevista com Jean Duvignaud; poesias de Rumen Stoyanov e outros, reaparece, em boa hora, esta revista dirigida pelo poeta Moacyr Feliz.

O errado/certo vice-versa da Lei de Murphy

Um livro irreverente para fazer sorrir e pensar, este **A Lei de Murphy e outros motivos por que tudo dá errado**, de Arthur Bloch, traduzido e transubstanciado por Millôr Fernandes, ilustrado por Jaguar, editado pela Record. Nestas leis, ou antileis, como as denominou Millôr, temos exemplos da incompetência humana, de conceitos falazes, de mil exemplos que (com) provam como as coisas podem ser vistas e revistas de vários ângulos, adquirindo pelo avesso foros de verdade ou antiverdade. Millôr exemplifica com personagens muito conhecidas da história do país. Vamos a alguns:

A filosofia de Murphy: Sorria... amanhã será pior.

Comentários de Gudin à lei de Murphy: Murphy é um otimista.

Postulado do prof. Figueiredo: Se você está se sentindo bem, não se preocupe. Isso passa.

Declaração de Golbery: Não perca a cabeça...

Comentário de Farhat à declaração de Golbery: ... alguém pode querer cortá-la...

Aditamento de Delfim ao comentário de Farhat à declaração de Golbery: ... e vai ficar decepcionado.

O caminho do progresso: Um atalho é a distância mais longa entre dois pontos.

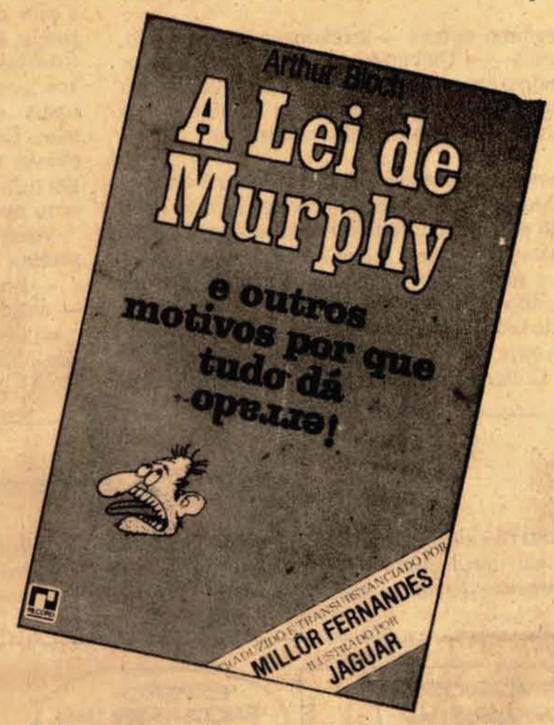
Lei de Vinicius: tudo que se junta mais cedo ou mais tarde se separa.

Lei não-recíproca das expectativas: Expectativas negativas produzem resultados negativos; Expectativas positivas produzem resultados negativos.

Lei de Alkimim: O fato não importa, e sim a versão.

Corolário de Nelson Rodrigues: O fato importa, mas só para o idiota da objetividade.

Lei de Justino Martins: Se sua empregada joga no lixo um número de revista, esse é, evidentemente, o que tinha o artigo, reportagem ou depoimento que você deixou para ler com mais atenção.



Corolário: Todos os seus amigos não compraram esse número da revista, ou perderam. Ou as empregadas jogaram no lixo.

Leis complementares da propriedade: 1. Se você tem uma coisa há muito tempo, pode jogar fora. 2. Se você joga uma coisa fora, vai precisar dela logo logo.

Lei da pechincha: Não importa quanto você procure e pechinche um objeto; logo depois de comprar, o encontrará noutra loja por preço bem mais baixo.

Primeira lei do biriba: É sempre erro do parceiro.

Lei de Walter Clark: Não se chateie se a programação da TV lhe parece péssima: a de amanhã será pior.

Lei do óbvio ululante: Se uma corda tem uma ponta, procure, que tem outra.

Lei de G.B. Shaw: Invente um sistema que até um idiota é capaz de manejar e só um idiota o manejará.

Lei da zoologia cibernética: Sempre dá zebra.

Lei da aporrinhação: Durante qualquer trabalho, quando você guarda uma ferramenta da qual não vai precisar de jeito nenhum, você precisa dela logo logo.

Lei dos fatos: Se os fatos não confirmam a teoria, abandone os fatos.

Lei do "Laboratório": Nunca repita uma experiência bem sucedida.

Lei da incompetência: A vastidão da incompetência é diretamente proporcional à altitude hierárquica.

Lei de Maluf: Se não pode convencer, confunda.

Lei da dúvida: Um homem com um relógio sabe que horas são. Um homem com dois relógios nunca tem certeza.

Constante de Maquiavel: Não se aborreça — se vingue.

Antilei de Pondiczery: A vida é a causa da morte.

Momento da Poesia

Maduro este sonho
depois de adulta saudade
de tanto esperar.

Ao Longo do tempo
a dor da presença
indesejada.

Ausência acabada
cruelmente
e integrada
em todos
os seus elementos
de dor.

O pássaro existe
tem vida só dele
mas não pode voltar
para o ninho
que é seu lar.

Viajo no dorso da ausência
nos momentos
de não esquecer.

Nos momentos de olvido
que prossiga
esta insossa existência.

Nos instantes
de não esquecer
aí está
a insistência
em seguir
resistir
apesar
das ameaças
de olvido —
apesar das alongadas instâncias
das distâncias.

O tempo prossegue
enquanto recolho provisões
para a jornada
difícil
solitária
e doída.

* *

Este poema foi distinguido com **Medalha de Prata** no **Concurso Nacional de Poesias**, promovido pela **Revista Brasília**, da Capital Federal, em outubro de 1982. Do certame participaram 9.828 poetas de tosos os Estados e Território do Brasil. O Autor é Promotor de Justiça da 1.ª Vara Cível da Comarca de Chapecó e Coordenador Regional do Ministério Público do Oeste.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 12/01/83

LIVROS **257** **Salim Miguel**

Ficção SC: um bom final de ano

Uma reedição e dois lançamentos marcaram o final do ano na área da ficção em Santa Catarina: **Cassoga capital Cassoga,** contos, de José Curi, FCC — edições: **Bis,** reedição de **Os incoerentes** e **Ao juiz dos ausentes,** contos de Harry Laus, FCC — edições e **O santo mágico,** novela de Harry Laus, edição do Autor. Professor em Letras da UFSC, poeta, ficcionista, Curi tem a identificá-lo uma linha satírica, que atravessa sua obra em prosa e verso. Nestes contos de **Cassoga,** onde situações e personagens vão-e-vem, a aproximação com um país muito nosso conhecido é mais do que fácil. Na "Apresentação" ao volume, o professor e crítico Lauro Junkes assinala que "o intelectual, culto, o lingüista, o latinista continuam presentes"; para prosseguir: "Mas, sobretudo, a visão desmistificatória, o tom de farsa, ironia e cinismo..."; já Laus, que estreou, e muito bem, como contista, com os **Incoerentes,** em 1958, e logo em 1961 nos dava **Ao Juiz dos ausentes,** confirmação de seu talentoso, de repente passou-se para o jornalismo, a crítica de artes plásticas, onde também marcou importante lugar. Só agora, vinte anos depois, retorna à ficção, publicando, quase que simultaneamente, duas novelas: **Monólogo de uma cachorra** sem preconceitos e **O santo mágico.** A técnica narrativa de Laus pode ser avaliada por contos como "As horas de Zenão das Chagas", onde ele recria, com finura e sensibilidade, uma estranha figura, envolvendo-a num mundo todo pessoal e dramático. O tom e sempre exato, o estilo contido, a linguagem precisa, de alguém que sabe contar e, importante, tem o que contar. Agora, em **O santo mágico,** no inteiro domínio de sua técnica, com um fio de história, plena de sugestões, ele nos envolve de maneira inapelável. A trama se desenrola em Porto Belo, em meio a pescadores, jogando com três personagens básicos e uma comparsaria que ajuda a compreender aquele estranho universo. O cuidado da edição e as belas fotos de "alemão" Bayer completam o clima do livro.

MOMENTO DA POESIA

"Junín"

Jorge Luís Borges

Eu sou, mas sou também o outro, o morto,
o outro do meu sangue e do meu nome;
sou um vago senhor e sou o homem
que fez parar as lanças do deserto.
Volto a Junín, aonde não fui nunca,
avô Borges, a teu Junín. Tu me ouves,
tu, sombra ou cinza última, ou desouves
em teu sonho de bronze a voz truncada?
Buscas acaso por meus olhos ocos
o épico Junín de teus soldados,
a árvore que plantaste, os teus cercados
e nos confins a tribo e os despojos.
Suponho-te severo, um pouco triste.
Quem me dirá como eras e como foste.

Junín, 1966

(de Nova Antologia Pessoal, Jorge Luis Borges,
trad. de Rolando Roque da Silva, DIFEL, SP)

As vésperas de completar 70 anos, em 1967, Borges, como já o fizera antes, busca antologiar-se, reunindo, em prosa e verso, alguns de seus textos mais significativos.

Aqui estão presentes temas recorrentes, que sempre o marcaram e a sua obra, das mais importantes da literatura hispano-americana. Como o poema acima, na sensível tradução de Rolando Roque da Silva, também poeta. Embora, diz ele, o tempo persista em recordá-lo por textos como **Fundação mítica de Buenos Aires** e **Homem da esquina rosada,** Borges prefere sê-lo por **A Intrusa** ou **Junín**. Polêmico, se este eterno indicado para o Prêmio Nobel pode — e deve — ser *contestado por suas idéias políticas* — defensor de ditadores como Pinochet — o valor de sua prosa e de sua poesia é inquestionável.

Ninguém escapa imune ao fascínio de Borges escritor.

Na sátira, um toque de lirismo

Depois de incursionar pelo romance, pelo conto, pela poesia, Argus Cirino enveredá por um caminho não usual na literatura brasileira: a sátira. Em **Este chão que eu amo,** já de si, no contexto, um título satírico, lançado há pouco pela Editora do Escritor, SP, ele reúne uma série de crônicas onde a tônica é a crítica acerca, visão irônica de casos e causos, fatos e figuras que marcaram um passado recente do país ou a sensibilidade do Autor. Tome-se, como exemplo, as crônicas sobre a passagem do Presidente Figueiredo por Florianópolis; ou então aquela onde ele fala do modo como alguns colegas seus exercem a medicina. Narrando num estilo escorreito, procurando dar o seu recado com objetividade, se a sátira é uma constante a permear as páginas do livro, há por vezes um toque de lirismo no trabalho deste paranaense-catarinense-matrogrossense.

Registro

Bar Don Juan, de Antônio Callado, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 7.ª edição, este romance onde Callado recria, através de personagens da chamada esquerda festiva, o conturbado ambiente político do Brasil dos últimos anos. Instigante, como tudo do Autor.

O pagador de promessas, de Dias Gomes, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Já em 23.ª edição, este livro que projetou o nome do autor como teatrólogo e, quando transformado em filme, deu ao Brasil a Palma de Ouro do Festival de Cannes de 1962. O calvário de Zé do Burro continua emocionando por sua verdade e pertinência.

Fazenda modelo, de Chico Buarque, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Esta alegoria, subintitulada novela pecuária, que chega a 11.ª edição, revelou que além de suas criações poéticas, que o tornaram um dos nomes mais expressivos da nossa música popular, CB é também um ficcionista que sabe se debruçar sobre o dia-a-dia, questionando a nossa realidade e o que ela tem de absurdo.

Em ritmo de hoje, de Nair Gai, Ed. Cátedra, RJ. Num estilo direto, relatos do dia-a-dia, transplantados de forma natural, por vezes jornalísticas. Para Adonias Filho, a Autora "compõe figuras e tipos que são homens e mulheres de carne e sangue porque refletem a nossa própria humanidade".

A mulher pintada, de Françoise Sagan, Ed. Record, RJ. Novo romance da autora de **Bom Dia Tristeza.** Aqui, um grupo de bon vivants vai fazer um cruzeiro pelo navio Narcissus. Aos poucos, há um envolvimento entre os personagens, paixões explodem, amor e ódio, levando a um final inesperado. Texto de quem domina o ofício.

O mundo segundo Garp, de John Irving, trad. de Luiz Corção, Ed. Record, RJ. Louvado pela crítica norte-americana, que viu nele um livro engraçado e sério, absurdo e realista, este romance é uma viagem através de quatro gerações e dois continentes, relatando a saga da família Garp. Logo resultou num filme de igual sucesso, dirigido por George Roy Hill.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 1/1/83 258 Salim Miguel

Mini-entrevista

Vera Moll: "Estava num beco, encurralada. Escrever foi a saída."

Nas livrarias o primeiro livro de Vera Moll — **Teias de Aranha.** Mãe de cinco filhos, imersa num cotidiano e suas preocupações, com pouco tempo para dedicar-se à leitura e colocar no papel suas idéias e questionamento, Vera Moll vê seu texto como "maldito". Trata-se, antes de tudo, de um desafio, de muita força de vontade e coragem para marcar frase por frase, revelar os caminhos desconhecidos que só o coração pode tocar.

Aqui, Vera conta um pouco mais de sua vida, suas dúvidas e influências, convidando o leitor para um bate-papo, uma aproximação, despertando seu interesse para o depoimento franco de **Teias de Aranha,** lançado há pouco pela Editora Autores, do Rio.

— O que é Teias de Aranha? Como você situaria este livro na literatura atual, produzida no Brasil?

— "**Teias de Aranha** é um diário íntimo. Stella Leonardos comentou certa vez, que é um gênero pouco comum no Brasil, mas bastante difundido entre as escritoras inglesas. A Nelly Novaes Coelho já fala numa nova mulher na literatura brasileira e eu apenas me incluo nesta corrente. Sei que nós, mulheres, estamos pensando intensamente".

— É um livro feminista, de postura feminista?

— "Claro que se pode reconhecer uma postura feminista. Mas, o que é isto? Não há um consenso a respeito. Pra mim, ser feminista é uma relação dentro de um equívoco. Não é se colocar contra os homens, mesmo porque reverencio os critérios da natureza. É, sim, afirmar a dignidade da mulher. E isto você encontrará em meus textos".

— Quais as influências marcantes em seu trabalho?

— "Não sei bem falar das influências que sofro. Mas cabem algumas considerações. Por exemplo, Sócrates é meu mestre. Esta influência talvez se explique pela dialética de meu pensamento. Tenho, também, um "fraco" pelos ingleses. Não se pode negar que Tólstoi fez escola entre nós e é muito importante. Dostoiévski é outro caminho obrigatório, mas descobri que ele não oferece nenhuma saída para mim. Sua consciência trágica jamais dá descanso ou prêmio. Entre os brasileiros, como não falar de Machado de Assis? Ou Graciliano Ramos e José Lins do Rego?"

— Como você vê a literatura brasileira hoje?

— "Bem, é difícil falar. Vivemos em ebulição. Não acredito em estagnação, sou otimista. Andamos prá frente e vamos criando. Vejo, ainda, a participação cada vez maior da mulher no processo cultural. E sua atuação é fundamental para a mudança desse mundo de coisas que vivemos (e por que não? e sofremos hoje) o que falta ainda, de um modo geral, é fôlego, técnica, espaço e, principalmente, maturidade a todos nós. A verdade é que a repressão nos fez muito mal".

— Este é seu primeiro livro. Você teve dificuldade para editá-lo?

— "Começar é muito difícil. O editor lê, gosta, mas ele não tem espaço prá investir num nome desconhecido. E a história vira um círculo vicioso. O livro passou um ano inscrito no INL e foi recusado. E eu nem sei a razão, nunca disseram. O importante, prá mim, é que o livro tenha saído, e as pessoas fiquem sabendo dele e tenham vontade de ler o que escrevi".

— Como se dá seu processo de criação?

— "Escrever foi uma saída. Eu me encontrava encurralada, num beco sem saída. Vivo entre dois tempos: a casa, a família e a criação literária. É preciso conciliar estes dois momentos da minha vida e não deixar apagar a chama da criatividade tanto num, como noutro. E não pretendo parar. Já tenho um romance à procura de editor. É uma história simples: o drama de um casal de namorados dos anos 60 que só pode olhar a realidade através do próprio delírio sexual que a repressão obriga a viver".

MOMENTO DA POESIA

"Fanatismo"

Florbela Espanca

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer a razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioro livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!

"Tudo no mundo é frágil, tudo passa..."
Quando me dizes isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
"Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!..."
(Sonetos, Florbela Espanca, Difel, SP, 1982)

* * *

Reunião dos sonetos publicados pela poeta portuguesa (Vila Viçosa, 8/12/1894 - Matozinhos, 8/12/1930) em seus quatro livros (Livro Mágoas; livro de Soror Saudade; Charneca em Flor; Reliquae), **em bela edição da Difel, com estudo crítico de José Régio. Florbela, embora bem pouco conhecida no Brasil, é uma das maiores expressões da poesia de Portugal na década de 20. Régio destaca a força desta poesia, marcada por uma rara sensibilidade e pela busca do amor. Nos últimos tempos, seu nome circulou entre nós, especialmente nos meios que curtem a música popular, pois Raimundo Fagner musicou três de seus sonetos ("Fanatismo", que transcrevemos acima:**

Registro

A guerra da donzela, de Nilto Maciel, Ed. Mercado Aberto, RS. O rapto (ou pretenso rapto) de uma jovem é o ponto de partida para esta novela: através deste fato e de suas conseqüências, o A. nos introduz na descrição da vida dos habitantes de uma cidadezinha cearense.

Narra com humor e pitadas de fantástico — um fantástico que é incorporado ao dia-a-dia, prendendo-nos em sua trama.

Um belo domingo, de Jorge Semprum, ed. Nova Fonteira, RJ. Romancista, ensaista, roteirista, homem de intensa atividade política, ex-comunista e na atualidade crítico do comunismo, Semprum dá aqui, em sua prosa forte, uma visão do horror nazista e do que chama de outro horror, uma célula comunista dentro de um campo de concentração. E então ele coloca uma série de problemas, ligados à problemática do século XX, para serem discutidos e analisados.

A última corrida, de Marcos Rey, Ed. Ática, SP. Em 2.ª edição (a 1.ª de 1963 se intitulava **Ferradura dá sorte?**) volta este romance de um autor que é considerado o mais expressivo ficcionista atual da vida paulistana. A corrida de cavalo, no caso, é um pretesto para que Rey crie situações e personagens de vida e sangue.

Miss ferrovia 1999, de Dolabella Chagas, Ed. Quíron, SP. Um romance de antecipação. O personagem central é um engenheiro e escritor frustrado que trabalha na construção de uma ferrovia e dialoga com os Ovnis. A chegada de Miss ferrovia à região e uma alucinação provocada pelo calor levam o engenheiro a criar situações fantasiosas, que podem ter relações com outras bem nossas conhecidas.

O reverso da medalha, de Sidney Sheldon, trad. de A. B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record, RJ. Conhecido autor de best-sellers apresenta aqui mais um romance com todos os ingredientes que tão bem conhece. E cria mais uma figura feminina que vem se emparelhar às suas anteriores criações: Kate Blackwell, mulher de estranha vida, tão cobiçada e preciosa quanto os diamantes que lhe deram fortuna e poder.

Cartas à Noiva, de Rui Barbosa, com prefácio de Maria José de Queirós, Fundação Casa de Rui Brabosa/Ed. Civilização Brasileira, RJ. Volume contendo a correspondência do jurista baiano com Dona Maria Agusta, sua nova e, posteriormente, sua mulher. É obra fundamental para se compreender melhor a personalidade do ilustre jurista e escritor.

A Filosofia na Obra de Machado de Assis Antologia Filosófica de Machado de Assis, estudo e compilação de Miguel Reale, Livraria Pioneira, SP. Livro destinado aos estudantes de Letras e aos "machadianos" em geral, nele o A., membro da Academia Brasileira de Letras, mostra, sob novo enfoque, o papel da Filosofia em Machado. Seguem-se textos, retirados dos romances do grande escritor.

Liberdade Participação, de Gilberto de Mello Kujawski, Ed. Vozes, RJ. Reunião de artigos e ensaios publicados no Jornal da Tarde e O Estado de São Paulo, todos tendo, em comum, a profunda crítica à ideologia de Segurança Nacional que a ESG hoje impõe ao País.

Lobby Holding — As Bases do Poder, de João Bosco Lodi, Livraria Pioneira Editora, SP. Livro em que o A., professor universitário, executivo e consultor de empresas, procura retratar as relações entre Empresa e Poder, em especial as relações políticas (Lobby) e o papel das grandes corporações (Holding Companies).

Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa, de José Mattoso, Coleção Temas Portugueses, Edição da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, distribuição no Brasil pela Livraria Camões, RJ. Resultado de vinte anos de pesquisas, este grosso volume (750 páginas) trata da íntima relação entre Igreja e inteligência durante o período medieval. Publicados pela primeira vez, em anexo, os inventários da documentação monástica dos Arquivos de Braga e da Torre do Tombo.

Problemas n.º 2, Ed. Novos Rumos, SP. Revista teórica e informativa, com artigos de autores nacionais e estrangeiros, vendo os problemas mundiais sob uma análise marxista.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LANÇAMENTO

Ensaio de Osvaldo F. Melo sobre política de cultura

Nesta sexta-feira, dia 8, às 20 horas, no hall da Reitoria da UFSC, campus da Trindade, lançamento de Reflexões para uma política de cultura, ensaio de Osvaldo Ferreira de Melo, edição da Editora da UFSC, co-edição com a Editora Movimento. Professo universitário ensaista, autor de Introdução à História da Literatura Catarinense, **musicólogo, presidente do Conselho Estadual de Cultura, a propósito deste seu novo livro assim se pronuncia o também professor e ensaista Carlos Jorge Appel:**

"Numa sociedade em que não havia funções sociais divergentes, todos poderiam ser intelectuais. Só os escravos viviam afastados do processo social, econômico e cultural. Para eles não havia alternativas. Mas na medida em que se configura a sociedade de classes e o saber passa a ser propriedade de poucos, a cultura torna-se a cultura da classe dominante. Os que dela divergem, são cooptados ou postos à margem.

Isto já fica claro na **República** de Platão, onde a relação do poder com a cultura aparece como conflitante. Platão, para eliminar os conflitos, deixaria os poetas do lado de fora de sua república ideal. O conflito cidadão-estado emerge, com força, também na Antígona, de Sófocles, colocando Creon, a força do poder, contra Antígona, a estratégia da cultura e da palavra na firmação da justiça. O assunto é antigo, mas nunca assumiu tanta importância a atualidade como no transcorrer do século XX, sobretudo, após a I Guerra Mundial.

A cultura sempre trouxe problemas para o poder. Goebbels não puxava o revólver toda a vez que perto dele pronunciavam a palavra cultura?

Hoje vivemos numa sociedade de classes, na qual a tarefa básica do intelectual é a de produzir um determinado bem: a solidificação da classe dominante. Também o intelectual vende força de trabalho ao fabricar idéias. Este é o aspecto nuclear da questão, pois o intelectual liberal, pequeno burguês, sente aversão quando se tenta fazer uma análise dos pressupostos ideológicos que rastreiam sua atividade. Passamos, segundo Gramsci, de uma sociedade capitalista competitiva do século XIX para uma sociedade que tem um modo de produção oligopólico. No século XX, por isso, as funções intelectuais se tornam mais complexas, justamente pela alteração das relações de produção atuais. É isto que Osvaldo Ferreira de Melo analisa em Reflexões para uma política da cultura. Primeiro, conceitua a cultura através do tempo; em seguida, relaciona-a com o processo político, questionando de modo objetivo a cultura de massa e a chamada indústria cultural. Talvez encontraremos aí o momento culminante do livro, mas existem vários assuntos ligados ao confronto poder-cultura, que Osvaldo Ferreira de Melo discute com objetividade admirável. Sua linguagem é sempre clara e concisa e mesmo nos momentos difíceis não se deixa embalar por artifícios, por um jogo de palavras inúteis.

O tema em pauta é polêmico e todos os que leram Gramsci sabem o quanto é difícil equacionar devidamente alguns problemas da cultura da nossa época. A discussão se renova com este livro corajoso, franco, que não traz receitas, nem idéias prontas, mas uma proposta, uma estratégia para a democratização da cultura, sem deslizar ou se perder em surrados chavões populistas".

MOMENTO DA POESIA

O morcego

Augusto dos Anjos

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra parede..."
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!
A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivalmente em nosso quarto!

(**Eu e outras poesias**, *2 volumes, Augusto dos Anjos, Editora Civilização Brasileira/Editora Itatiaia*)

Muito antes da crítica aceitar e louvar a estranha poesia de Augusto dos Anjos, o povo curtia seus versos. Daí porque as reedições se sucedem. Solitário e inclassificável, ele é, sem favor, um dos nomes mais significativos, da poesia brasileira. Novas edições continuam aparecendo, consumidas por leitores que buscam apreender a sensibilidade exacerbada do poeta; enquanto isto, ensaistas e críticos como Alvaro Lins, Franscisco de Assis Barbosa, Otto Maria Carpeaux, M. Cavalcanti Proença, Alceu Amoroso Lima, Antônio Houaiss, Ferreira Gullar, Fausto Cunha, continuam se debruçando sobre esta obra tão pessoal e tão inquietante, procurando iluminá-la e ir até a raiz última do pensamento do autor. Tudo isto é bom, é ótimo. Mais, contudo, é saber sentir os versos do poeta. Eis aí, neste **Momento da Poesia**, um excelente momento de fazer poético de Augusto dos Anjos.

Lya Luft recebe prêmio Érico Veríssimo

Também amanhã, dia 7, às 16 horas, em Porto Alegre, a escritora gaúcha, romancista, poeta e tradutora Lya Luft, estará recebendo o Prêmio Literário Érico Veríssimo, que a cada ano vai ser atribuído a um escritor do Rio Grande do Sul. O local da entrega do prêmio será o plenário da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, que para isto se reunirá em sessão solene.

2a. Bienal Nestlé de Literatura Brasileira

Amanhã, dia 7, às 18 horas, em São Paulo, lançamento da 2.ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Na mesma oportunidade, os vencedores da 1.ª Bienal (1982) estarão autografando seus livros. São eles, por categoria e por ordem de classificação: **romances — O caleidoscópio e a ampulheta**, de Lourenço Cazarré; **A noiva do superhomem ou Teorema do espelho**, de Maria Helena Novaes Soares Carneiro e Ligia Suely da Costa Saboya; **O sonho da terra**, de Álvaro Cardoso Gomes; **Contos — O grito da perdiz**, de Hélio Pólvora; **Trio**, de Renard Perez; **Contos de sempre**, de Aldyr Garcia Schlee; **poesia — Quadrante solar**, de Francisco Carvalho; **Águas como espadas**, de Walmir Ayala; **Solidária solidão**, de Tirzah Marília Ribeiro Baptista. Na mesma ocasião estará sendo lançado, também, **O livro do Seminário**, com os trabalhos de João Alexandre Barbosa, Benedito Nunes, Silviano Santiago (romance), Fábio Lucas, Luiz Costa Lima, Walnice Galvão (contos), Guilhermino Cesar, Affinso Romano de Sant'Anna, José Guilherme Merquior (poesia), apresentados no seminário promovido durante a entrega dos prêmios aos vencedores.

Registro

Shikasta, de Doris Lessing, primeiro romance da série Canopus em Argos: Arquivos, Ed. Nova Fronteira, RJ, trad. de Aulyde Soares Rodrigues. Composta até agora de quatro livros, esta série da grande escritora inglesa mostra-nos um panorama negro e pessimista do futuro da humanidade. Neste primeiro volume, vemos o desenrolar da história da humanidade desde os primórdios até nosso século, o "século da Destruição", através dos olhos de um pesquisador do sistema de Canopus, Johor, que visita velhos arquivos.

Carta a meu juiz, de Georges Simenon, Ed. Nova Fronteira, RJ, trad. de Raul de Sá Barbosa, Relato ao melhor estilo do A., contando a estória de um médico que rompe com o seu padrão de atitudes pequeno-burguesas ao cometer um assassinato em defesa do amor mais puro.

Na Roda do Tempo, de Phillip Rock, Ed. Record, RJ, trad. de Maria Helena Trigueiros. Mais uma "saga inesquecível" da Ed. Record, desde vez já iniciada no best-seller "Quando os Sinos se Calam". É um romance sobre o velho tema da geração pós-guerra, e como as pessoas se adaptam em um mundo tão radicalmente transformado.

Chão de Espera, de Gabriel Nascente, Ed. Civilização Brasileira, RJ, Coleção Poesia Hoje. Décimo-segundo livro do poeta goiano, contendo setenta e sete poemas curtos, versando por inúmeros temas, mas com um certo friso no problema da ameaça nuclear/estupidez humana causadora de guerras.

A Mulher que Matou os Peixes, de Clarice Lispector, ed. Nova Fronteira, RJ, 6.ª edição. Obra infantil da famosa contista (1925-1977), mostrando com humor e criatividade, o relacionamento de uma pessoa com os animais. Ilustrações de Carlos Scliar.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Mais títulos para a criançada

Eglê Malheiros, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

A literatura acessível a crianças e jovens está apresentando expressiva floração entre nós. Cresce o número de títulos publicados e grande parte é constituída de textos de bom nível, que falam à sensibilidade e à inteligencia do leitor. O adjetivo acessível não foi usado acima ocasionalmente, pois muitos destes escritos são literatura em adjetivos, cuja fruição aproveitará a grandes e pequenos. Seria bom que aqueles que tratam da coisa literária abrissem os olhos: muita coisa importante na nossa literatura não está ocorrendo para adultos, mas dentro daquela que até bem pouco constituía um gueto.

São títulos de autores brasileiros e também de autores estrangeiros, o que serve para nos por contacto com muita coisa boa lá de fora e avaliar o que se faz aqui dentro. Além do número de títulos, aumentam também os exemplares de cada tiragem, o que demonstra que a TV não é o bicho-papão; as causas são também outras. Sem dúvida estamos longe de atingir grande parte do público infantil, mas aí se trata de um problema social e economico, e para superá-lo não se usará recursos literários. Se bem que muitos destes livros, não tratando de nossa sociedade como coisa perfeita e estática, ajudem a formar mentalidades mais inquietas e menos acomodadas, e tragam, portanto, a semente da mudança.

Para os pequeninos e os neoleitores, a Ed. Melhoramentos está lançando várias séries, de capa dura, papel couché, ilustrações coloridas.

Em Meu primeiro livro já foram publicados **Números, Cores, Formas**, com ilustrações de Adalberto Cornavaca, editoria de Ruth Rocha, Irineu Schwab e João J. Noro. Suas folhas cartonadas facilitam o manuseio por parte da criança. Ilustração instigantes, estimulam a curiosidade, e consequente aprendizado. Os textos pequenos e claros induzem a leitura. O de **Cores** é o mais bem achado.

Yok-Yok, de Anne van der Essen e il. de Etienne Delessert, trad. e adaptação de Leny Werneck: já foram publicados até agora **O melro, A rã, O mágico, A noite, O coelho, A lagarta.** Cada livrinho contém tres historinhas, em que o personagem Yok-Yok é o fio condutor, personificando a curiosidade infantil. A final, dados exatos sobre o tema central. Fantasia e realidade se entrosam bem; a adaptação é feita de modo pertinente. As ilustrações requerem atenção especial e a criança terá muito que ler nelas.

Primeiro livro da natureza tem texto de Andrienne Soutter-Perrot e il. de Etienne Delessert, trad. de Lenny Werneck. Foram publicados **A água, O ar, A terra, A minhoca.** Belíssimos livros, com ilustrações que lembram os albúns de História Natural de um tempo anterior ao uso corrente da fotografia. O texto é escorreito, com informações acessíveis e corretas, que por certo motivarão outras perguntas e a procura de mais respostas.

Esta é a história de uma janela, de Tonio Carvalho, il. de Noemi S. Ribeiro, tem linguagem e figuras poéticas, de sabor surrealista, em que o uso de vocábulos repetidos, necessários para estimular o néo-leitor, se transforma em arte de usar a palavra.

O ratinho que morava no livro, de Monique Félix; é na verdade intigante e belamente realizada a história deste ratinho, ou será a desse leitor?

O cão e a raposa, de Walt Disney, adp. de Luigi Kocca, é album fartamente ilustrado, com texto em letras grandes e claras. Trata de uma amizada "impossível", o ambivalente relacionamento entre um cão e uma raposa.

A Ed. Salamandra, por sua vez, lançou livros para leitores já mais adiantados.

Sapo vira rei, vira sapo, de Ruth Rocha, desenhos de Walter Ono. Encerra-se aqui o ciclo do Reizinho Mandão, mas com uma advertencia: todo o cuidado é pouco, há por aí muito sapo esperando só um empurrão, quer dizer, um beijo, para virar rei mandão. Este livro tão divertido e sério, em que as figuras grotescas e ironicas se casam tão bem com as palavras, em que as coisas estapafúrdias deixam de se-lo quando nos lembramos que ainda agorinha estão ocorrendo por aqui, nos provoca a lembrança das palavras de Julius Fucik: "Homens, eu vos amava, velai.

A menina que aprendeu a voar, de Ruth Rocha, desenhos de José Roberto Graciano. A garotada vai se identificar de imediato com Joana e seu recurso extremo para fugir ao tédio. Seria bom que os professores lessem o livrinho, e depois refletissem sobre a prática pedagógica corrente em nossas escolas. O desenho de Graciano acompanha o texto: senso de humor e perspectiva incomum para ver as coisas.

A banda que perdeu o lá, de Flávio Migliaccio. Primeiro da série "As aventuras do tio Maneco", usa como figura central o personagem que já vimos no cinema e que, tivéssemos uma indústria cinematográfica, por certo seria amigo e conhecido de todos. A narrativa movimentada, com muitos lances aventurescos, nos fala das peripécias para encontrar o Lá que vai permitir a afinação da bandinha de uma cidade que perdeu a música. Ambiente bem brasileiro, rica galeria de tipos, vamos torcer para que as outras aventuras não tardem.

Bisa Bia, Bisa Bel, de Ana Maria Machado, il. de Regina Yolanda. Esse livro, que foi premio maioridade Crefisul/1981, flui suave, como aquelas conversas em que se abre o coração: voce vai se deixando levar e quando ve lá está remexendo no que tem de mais íntimo, em suas lutas para se auto-construir. A Bel, que vai deixando a infancia e enfrentando as transformações da puberdade, numa sociedade em que as alterações se sucedem, muitas vezes sem realmente transformar, é uma menina de carne e osso mas também é a juventude. Tem um sabor especial encontrar de novo objetos e usos que foram da nossa infancia, usados não como ancora para o passado mas como plataforma de lançamento para o futuro. As ilustrações e a paginação de Regina Yolanda concretizam coisas e personagens num valioso trabalho à altura do texto.

Da Ed. Antares

Quem sabe o sim sabe o não, de Reynaldo Valinho Alvarez, il. de Maria Regina Pedrosa de Senna Figueiredo. É um cordel para crianças, saboroso e instigante, que lá pelo final canta: "Entre ser Seu Mandador/e Então que cultiva o pão/ mil vezes ser plantador/ da mandioca e do não. As gravuras mantém o clima do romance popular.

Da Global Ed.

O canguru emprestado, de Mirna Pinsky, il. de Elvira Vigna. Incríveis aventuras de um canguru aqui no Brasil, mescladas a muitas histórias folclóricas. Livro gostoso de ler, com diagramação e ilustrações economicas, porém motivadoras.

Da Ed. Vozes

Minueto, de Mara Rinaldi. Pela história de uma folhinha acompanhamos o ciclo vital de uma planta e compreendemos sua integração na natureza.

Da Liv. Pioneira

Bip-Bip missão bolática, texto e il. de Sonia Rinaldi. Seres extraterrenos se empenham na árdua missão de ensinar os terráqueos os males da poluição e convencelos a combate-la.

A Ed. Mercado Aberto acaba de criar sua linha infantil, a série Pé de Moleque, já com tres títulos:

O boné que não largava o pé, de Mary Weiss, il. de Canini. O menino Tedo implicava com seu boné para enfrentar o frio; procurando perde-lo viaja pelas coxilhas, conhece tipos da campanha gaúcha, seus costumes e lendas, voa nas asas da imaginação. Não há porém saudosismo rançoso neste texto saboroso, muitas vezes cheio de densidade poética e grande amor pela liberdade.

Os segredos do baú, de Deonísio da Silva, il. de Marco Cena. Os anos de formação de um garoto do Sul do Brasil, suas dores e alegrias e o tesouro que são os livros. Primeira incursão do A. na literatura acessível às crianças, o livro nos faz pedir mais. Gostoso de ler, sério sem ser carrancudo, resgata um pouco da saga dos colonos italianos por essas terras.

O anjo Malaquias, de Antonio Hohlfeldt, il. de Marco Cena. O anjo Malaquias, de anatomia "sui generis", criado pelo poeta Mário Quintana, é o personagem conduto destas aventuras. Ao visitar a terra, vai cair na região gaúcha de colonização alemã e se mete em engraçadas complicações.

Da Ed. Miguilin

Ciganos, de Bartolomeu Campos Queirós, il. de Túlio Alvim. Para os jovens, um álbum de grande beleza, em que a história pungente de uma infancia difícil nos chega pelas palavras claras e densas do grande escritor que é Bartolomeu.

Da Ed. Nórdica

Os irmãos coração de leão, de Astrid Lindgren, trad. de Maria Aparecida Moraes Rego, il. de Ilon Wikland. Livro de aventuras para jovens, em que se trata de temas eternos de vida e morte, liberdade e tirania, amor e ódio, num enredo emocionanete, que prende de forma inapelável o leitor. Ainda insuficientemente traduzida entre nós, a grande escritora sueca goza de popularidade no mundo todo. As ilustrações originais, de bastante força, contribuem para a ambientação da narrativa.

MOMENTO DA POESIA

Inexistência da Palavra

Preta

Procuro
A palavra maior
Despida de preconceito
Procuro
A palavra fluindo
Ultrapassando os limites
Procuro
A palavra mágica
Resplandescente
Procuro.
Encontro a palavra
Num incessante fecundar
À espera da vida
(de **Natureza e Poesia**, *Preta, Ilha, 1982*)

A autora se assina apenas Preta. O pequeno volume, graficamente agradável, tem xilogravura de Luíza Guterres e impressão mimeográfica.

Preta é aluna do Curso de Letras da UFSC — e vem recomendada por outro poeta, Alcides Buss. A recomendação é importante; mais importante, porém, é sentir que Preta tem sensibilidade, procura se encontrar e encontrar sua forma melhor de expressão. E ela mesma diz que sua poesia é simples e verdadeira, "de quem se propõe, apaixonadamente, fazê-la um instrumento para revelar-se o ser interior." **Inexistência da Palavra**, que selecionamos para este **Momento da Poesia**, nos parece um bom exemplo do fazer poético de Preta.

Registro

O atravessador, de David Chandler, trad. de José Sanz, Ed. Record, RJ. Um advogado que vive dentro e fora da lei, Burt Hammond, conexão das transações entre grandes empresários e gangsters, é a figura central deste romance. Ao redor dele, outros personagens envolvidos em altas finanças, drogas, sexo, num clima de extrema violência.

O homem de São Petersburgo, de Ken Follet, trad. de A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record, RJ. Uma ficção de fundo histórico, narrando a disputa que as grandes potências travavam em 1914, procurando obter o apoio da Rússia czarista na I Grande Guerra — e a caça que o Serviço Especial da Scotland Yard empreende ao homem que pode frustrar os planos da Inglaterra.

O tempo há de curar, de Eric Ambler, trad. de A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record, RJ. Novo "thriller" de um dos mais famosos autores do gênero: um jornalista e "ghost-writer" é chamado para escrever um livro; e se vê envolvido em espionagem, terrorismo e guerrilha, girando entre conspiração e contraconspiração. Grahm Greene dá seu aval ao livro e ao autor.

Outra inquisição, de Uilcon Pereira, Ed. do Escritor, SP. Através de Evaristo (e suas múltiplas metamorfoses) o Autor se propõe a traçar um paralelo entre nossa época e a Idade Média Inquisitorial. Um texto de pesquisa, a respeito do qual diz o ensaista Fábio Lucas: "para entender o processo narrativo de Uilcon Pereira e dele extrair o prazer do texto, seria aconselhável, inicialmente, que o leitor renunciasse à expectativa de reencontrar o costumeiro relato causal/temporal e a tradição naturalista..."

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Mini-entrevista

Henda: "Deixo que as personagens reajam no espaço da minha invenção"

Hoenda da Rocha Freire — ou simplesmente Henda — mineira, há anos vem pesquisando receituários ligados à flores e frutos. Em 1981, publicou pela Antares Uma Porção de açúcar, duas de amor, com trabalho gráfico de Olly. Segundo Antonio Houaiss, prefaciador do livro, "a pesquisa e as fontes em que Henda se inspirou são das mais alta linhagem documental, dando-nos assim da doçaria brasileira uma suculente amostragem histórica."

Agora lança seu segundo livro: **Segredos de Tias e Flores** (Antares e Forense Universitária), trabalho de acurado tratamento gráfico, excelente para presente e indispensável aos colecionadores e amantes de receitas originais, todas muito bem testadas e aprovadas.

Segredos de Tias e Flores alia ficção e realidade e tem como trama central os segredos de quatro tias e um tio com uma paixão comum: as flores. Assim, cada um deles revela seus segredos: a linguagem, as mandracas e os poderes ocultos das flores, os requintes das doçarias, as fórmulas e loções para diversos usos e, por fim, a flor medicinal, sua ampla gama de chás, xaropes, ungüentos, vinhos reconstituintes.

Bem realizado graficamente, **Segredos de Tias e Flores** traz ilustrações de Ana Maria Boltshauser que, a partir das estórias de Henda, traçou com sensibilidade o retrato — corpo e alma — das personagens.

Neste bate-papo, Henda nos fala de seu interesse pela pesquisa, de sua mineiridade e de seus próximos livros — um sobre plantas e outro sobre bichos. Tudo com muita simplicidade, bom gosto e talento.

— Henda, antes de mais nada, fale-nos um pouco de voce.

— "Tenho um patrimonio de 58 anos bem vividos, um preciosíssimo casal de filhos e muitos amigos. Sou de origem mineira por parte de mãe e carioca pelo lado de meu pai. Isto tudo forma duas bandas, cada uma com fortes marcas. Um lado rural, outro urbano. Fui menina de roça e, ao lado disso, estudei em colégio sofisticadíssimo. Depois, cursei Filosofia. Andei estudando filosofia, em intervalos, pela vida afora. Mas, criei bois também.

— E esse acentuado interesse pela pesquisa?

— "Bem, pesquisar é comigo. Sem modéstia, posso dizer que sou boa pesquisadora. Fico empolgada quando busco, cato, fuço. Quanto mais complicado melhor. Diz a minha mãe que sempre sofri de irrefreável curiosidade. E é verdade: sou tremendamente perguntadeira. Sem cerimonia mesmo."

— Como voce começou a "fuçar , mexer em receitas, descobrir os segredos das plantas, das flores? Este foi sempre seu campo de atuação?

— "Campos de atuação tive muitos, variando pelas etapas de minha vida. É preciso ser um pouco malabarista, senão... Entretanto, por mais velho que seja meu gosto por plantas, cozinha e todas as coisas que posso fazer com as mãos, não faz parte dos meus planos aprofundar-me nessa área. Estou buscando outras coisas, que venho, aos poucos, definindo comigo mesma. Escrever, sim, tenho certeza que veio para ficar. Mas, o que escrever? Estou cheia de projetos. Todos envolvendo pesquisas — por vício."

— E Segredos de Tias e Flores? Pelo que se pode perceber não é "somente livro de receitas.

— "Já publiquei um livro — **Uma Porção de Açúcar, Duas de Amor,** lindamente ilustrado por Olly. É uma estória ligeira da doçaria brasileira, incluindo, além de informações, um apanhado de primeira linha de receitas de sobremesas, que me foram cedidas qual segredos que se confiam apenas aos íntimos — por algumas famílias amigas e pela minha própria. Agora voltei-me para flores —— amor antigo e o livro se desenvolve dentro da mesma idéia de contar estórias e oferecer alguma coisa prática. São essencias, os chás de cura, os confeitos, os licores... À base de flores. É uma maneira de dar ao livro uma feição de fonte de consulta: ali as pessoas encontrarão momentos, sugestões para reviver nostalgias, pensando em fazer um doce refinado ou em secar pétalas de flor para perfumar os armários. E um chá de calmante feito de flor? Uma olhadinha, de vez em quando, nos segredos das tias a fim de alimentar sonhos?"

— Sei que voce começou escrevendo poemas e contos. Onde anda este trabalho?

— "Se escrevi poemas, mal me lembro deles. Foram, creio, impulsos de juventude. Foram para o lixo. Em alguma época, andei rabiscando umas estórias e algumas considerações. Foram, igualmente, para o lixo. Todas. Agora levo a sério. Preservo todas as linhas que me ocorrem. Trabalho persistentemente os meus livros, numa idéia obstinada de treinar-me para outros generos de mais folego."

— Voce acredita que a formação mineira tenha marcando seu universo assim tão profundamente?

— "Quem nasceu nas Gerais e delas se esqueceu? Mineirice é coisa que fica para sempre. Pergunte a outros mineiros. E é uma coisa muito gostosa."

— Voce estava dizendo que tem dois livros prontos na gaveta. Fale-nos deles.

— "Tenho na gaveta, prontinho, **Jardins Amigos,** um livro sobre nove jardins, no esquema de contos e conselhos de cultivo. Mereci, para prefácio, a bondade de Jorge Amado e uma cartinha muito carinhosa de Zélia Gattai Amado. João Henrique, que é apaixonado por plantas, já fez duas ilustrações lindíssimas. A idéia é ilustrar cada um dos nove jardins. Trabalho, ainda, num livro sobre bichos de estimação. Pedirei a meu filho — Pedro Lobo — que o ilustre com suas fotografias. Quem sabe minha filha aceita prefaciá-lo. Tenho a maior fé nela como escritora."

— No momento, a sociedade contemporanea, urbana, essencialmente consumista, vive um dos mais curiosos impasses: o retorno ao artesanal, o questionamento da famosa postura "compro pronto . Já se fala, hoje, no "feito em casa como antigamente. Seu livro insere-se neste caminho?

— "Gosto de contar estórias, gosto do tema. Bem, achei que um livro do tipo **Segredos de Tias e Flores** seria oportuno. Muita gente voltou a se interessar por fazer coisas e não simplesmente comprá-las. Coisas com as próprias mãos — a partir do que a natureza nos dispensa, de boa vontade. As flores são lindas e úteis. Procurei as várias formas de aproveitá-las para o prazer e o bem-estar."

— Para um livro de receitas "comum , Segredos de Tias e Flores traz muitas diferenças. Uma delas é o estilo, marcadamente lúdico e expressivamente fábula. Isto para não falar nos retratos pintados de Ana Maria Boltshauser. Como voce definiria seu estilo?

— "Como já disse, gosto de contar estórias. Narrar fatos e tipos com quem convivo e que encontro ou encontrei em várias circunstancias de minha vida. Gosto, também, de brincar com a imaginação, tentando perceber ou mesmo adivinhar como serão determinadas situações. É um jogo. Crio as situações e fico na moita, deixando que as personagens reajam no espaço da minha invenção. Pintei e bordei com as tias do meu livro e quando pedi a Ana Maria que as retratasse, minha tímida amiga se assustou. São personagens criados em cima da realidade e da imaginação. Como voce pode ver, trata-se de um pouco de tudo: pesquisa, fábula, ficção."

— Voce acredita que estes trabalhos acabam por esconder, ou melhor, disfarçar, adiar o início de um mergulho literário mais profundo?

— "Voce quer saber se escondo, por medo, alguma tentativa no campo literário? Disfarço e não disfarço. Sou um bocado prudente e, na verdade, tenho vontade de dar um pulo. Como correr cinco quilometros, se não me exercitar, antes, nos quinhentos e nos mil metros? De outro lado, não é de escavação nem da reconstituição que tenho receio. Na hora de chamar todo mundo para ver os achados é que preciso coragem. Vamos aos poucos. Voce me obrigou a falar de mim. O que eu quero é saber sobre os outros, seguindo meu destino de perguntadeira. Na linha afetuosa da pesquisa."

Momento da Poesia

Definições

José Alberto Miguel

A segurança ou certeza
Atitude mais cerebral
Paralelismo ao relógio

O expectro desse lugar
Fatalidades românticas
Delineando sem muito explicar

Necessidades prementes
Com pacatos projetos

Tem tempo, teu tempo!

Dogma deste lugar,
Quando sem sol.

* * *

José Alberto Miguel é filho de catarinense, nascido no Rio de Janeiro. Hoje reside em Goiânia, onde estuda Agronomia na Universidade Federal de Goiás. Não decidiu se será um agrônomo-poeta ou um poeta-agrônomo. De qualquer forma vai se exercitando em ambas as áreas — além de adquirir vivência nos bares da vida. Já tem poemas publicados em jornais de Goiânia.

Cultura Alternativa

O Centro de Cultura Alternativa, projeto do Rio-Arte, está coletando dados para a edição do catálogo da Imprensa Alternativa da década de 70. O Centro já possui, hoje, cerca de 3 mil peças entre discos, livros, revistas, jornais, cartazes, mail-art, bem como uma significativa "biblioteca de apoio". Funcionando há dois anos, o projeto está aberto a pesquisadores e estudiosos dos últimos 20 anos de nossa história. Quem quiser colaborar deve entrar em contato com Maria Amélia Mello, coordenadora do projeto, na Rua Rumânia, 20 — 22240 Rio. O telefone é 265-9960.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Livros O Estado - 9/2/83 **262** Salim Miguel

Realidade é fingimento; ou vice-versa

O título é **Se um viajante numa noite de inverno**, escrito por Italo Calvino, italiano nascido em Cuba; mas, na verdade, acabamos desconfiando serem as memórias de Sillas Flannery que estamos lendo, em lugar do romance. Quem aparece como tradutora, nesta edição publicada pela Nova Fronteira, é Margarida Salomão; mas decerto foi o livro traduzido pelo incrível Hermes Marana. Assim, neste jogo de ilusão, vamos de fascínio em fascínio.

Tu pensas que vais ler um livro; porém lerás onze, todos eles incompletos, cada qual atribuído a um autor. E verás, com espanto, que és o personagem principal.

Isto é o que se vê nesta obra de Calvino, escritor sempre engajado e inquieto, que foi colaborador do jornal **L Unita**, fundou com Elio Vittorini a revista **Il Menabó**, participou da Resistência durante a II Guerra Mundial, publicou numerosos e importantes livros.

Se um viajante... é a saga de um Leitor (tu), em busca de um romance que possa ter lido até o final, terminando por descobrir que o único romance que consegue acabar é o que tem em mãos, o dele, no qual é o Leitor e o Personagem. Tudo isto acompanhado pela Leitora, numa dupla love-story: o Leitor e a Leitora e ambos os leitores e os livros múltiplos num só livro.

Um romance engenhoso, divertido, inventivo, instigante; uma reflexão sobre a literatura e, principalmente, sóbre a relação autor-obra-leitor, onde leitor e autor são personagens, e os personagens se tornam leitores e autores. Um livro (livros?) dentro do livro e onde se vai mais além de Pessoa: não apenas o poeta é fingidor: toda a realidade é um grande fingimento. Ou todo fingimento é realidade.

Momento da Poesia

O Tempo

Sá de Miranda
1481

Pede-me o Tempo, de meu tempo a conta;
e eu, para a conta, peço tempo ao Tempo,
pois quem gastou sem conta tanto tempo
há que ter tempo para fazer conta.

O Tempo, entanto, não quer ter em conta
porque tal conta não se fez a tempo;
bem quisera eu contar meu tempo em tempo
se para contar tempo houvera conta!

Que conta há de bastar a tanto tempo,
que tempo há de bastar a tanta conta...
se quem vive sem conta não tem tempo?

Por isso estou sem tempo e sem ter conta
sabendo que hei de dar conta do tempo
quando chegar o tempo
de dar conta.
(trad. do original castelhano por Heitor P. Fróes)

Registro

Ernest Hemingway, Sete Encontros com o Leão, de Eustáquio Gomes, Série Encanto Radical/17 Ed. Brasiliense, SP. Biografia do famoso escritor americano, que se suicidou em 1961, escrita em estilo romanceado: mostra sete situações da atribulada vida de E.H, sete "encontros", onde o Autor presencia e vive os acontecimentos. Livro de especial interesse, em especial para os apreciadores da obra do autor de **O Velho e o Mar.**

Crianças em ação, de Reginaldo Veloso, Série Crianças em Movimento/2, Ed. Vozes, RJ. A atuação do movimento "Amigos das Crianças" no município de Rio Tinto, PB. Relato de como as crianças da cidade se organizam e lutam pelas necessidades suas e da comunidade.

A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial, org. de Erminia Maricato, Ed. Alfa-Omega, SP. Em 2ª edição, importante coletânea de textos sobre a problemática habitacional.

Reminiscências de um juiz de casamentos e outras reminiscências, de Abeylard Pereira Gomes, Ed. do Autor, RJ. Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio, o A. relata aqui, num tom onde mistura crônica e memória, suas andanças e atribulações como Juiz.

A Ilha (Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro), de Fernando Morais, Ed. Alfa-Omega, SP. Em 19ª edição, ilustrado com numerosas fotos e contendo um capítulo inédito, este best-seller da literatúra política brasileira (156 mil exemplares vendidos). É o relato da primeira viagem de um brasileiro a Cuba, após o 1964. Narra, de modo vivo, o dia-a-dia do cidadão cubano e os problemas enfrentados após a vitória contra a ditadura de Batista, trazendo ainda uma entrevista com o primeiro ministro Fidel Castro, um relato da guerrilha de Sierra Maestra feito por um participante daquelas lutas e a verdade sobre a tão distorcida e discutida presença cubana na África.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

FCC lança concurso de conto e poesia

Até 30 de setembro de 1983 estarão abertas as inscrições para os concursos Vergílio Várzea (contos) e Luiz Delfino (poesia), promovidos pela Fundação Catarinense de Cultura. A eles poderá concorrer qualquer pessoa residente em Santa Catarina ou catarinenses residentes em outro Estado. Os trabalhos, inéditos, deverão ter mais de 50 laudas, datilografados de um só lado do papel, assinados com pseudônimo; em envelope à parte, breve currículo. Três vias do livro devem ser remetidas à Fundação Catarinense de Cultura, Unidade de Letras, no Centro Integrado de Cultura prof. Henrique Fontes, 88.000 Florianópolis, SC. A Comissão Julgadora será composta de três membros, nomeados pela FCC; ela decidirá por maioria de votos e em caráter irrevogável, podendo deixar de atribuir os prêmios ou atribuir menções honrosas. O Prêmio único, em cada categoria, será de Cr$ 100 mil, mais a edição do livro pela FCC-edições, para o que os autores cederão os direitos da primeira edição à Fundação. Os autores dos originais classificados com Menção Honrosa receberão placas alusivas à participação. Os autores terão um prazo de 45, a partir da divulgação dos resultados, para solicitarem a devolução de seus originais. A entrega do prêmio único e das menções honrosas serão realizados por ocasião do lançamento dos livros premiados.

Momento da Poesia

Lembrâncias
Helena Parente Cunha

e estas ânsias de lembrar
de saber além das coisas

o remo por que remar
o regresso ao cais exato

estas ânsias de saber
o porto por que parti

quero o nome do navio
quero o rosto do piloto

estas ânsias por chegar
achar antigas lembrâncias

(de **Maramar**, *Helena Parente Cunha, Ed. Tempo Brasileiro-INL/MEC)*

Poeta, ensaista, ficcionista, Helene Parente Cunha foi uma das vencedoras do Concurso Nacional de Romance, Prêmio Cruz e Sousa, instituído pelo Governo de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura. HPC conquistou o segundo lugar com **Mulher no Espelho**. Neste **Maramar**, como no romance agora premiado, vemos a mesma preocupação com o dizer, a mesma preocupação com o desvelamento do ser humano, a mesma fina sensibilidade. O poema que selecionamos para **Momento da Poesia** é um bom exemplo da arte de Helena.

Medalha Peregrino Junior para Luís da Câmara Cascudo

Na sexta-feira que passou, dia 25, Luís da Câmada Cascudo recebeu a medalha Peregrino Junior, criada pela União Brasileira de Escritores/RJ, e que foi atribuída pela primeira vez. A cada ano ela será entregue uma personalidade do mundo cultural. Vinculará, assim, dois nomes importantes.

A promoção da UBE conta com o apoio do Projeto Ciranda de Livros, e colaboração da Academia Norte-Riograndense de Letras, Secretaria de Educação e Cultura do RN, Conselho Estadual de Cultura, Fundação José Augusto e Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Peregrino Junior é ficcionista, ensaísta, membro da Academia Brasileira de Letras e foi durante anos presidente da UBE/RJ; Luís da Câmara Cascudo é etnólogo, etnógrafo, historiador, memorialista e ensaísta, com quase uma centena de livros publicados, autor de obras como **Dicionário do Folclore Brasileiro, Antologia do Folclore Brasileiro, Lendas Brasileiras, Alguns Jogos Infantis do Brasil, Literatura Oral Brasileira, Cozinha Africana no Brasil, Motivos da Literatura Oral da França no Brasil**, e **Flor de Romances Trágicos**, que acaba de reaparecer pela Editora Cátedra, co-edição Fundação José Augusto.

Xereta para as crianças

O público infanto-juvenil passa a contar, em Joinville, com uma livraria especializada. Trata-se da Xereta, inaugurada neste dia 25, com a presença de Ruth Rocha e Fanny Abramovich. A proposta da Xereta é mais do que simpática: não vai apenas incentivar o hábito da leitura, da boa leitura, mas também ajudar as crianças a compreenderem a realidade que as cerca e a se formarem como pessoas. Mas não só crianças e jovens podem — e devem — curtir a Xereta. Adultos também: pais, professores, educadores, encontrarão ali ajuda para as suas dificuldades. E a inauguração não poderia ser melhor. Contou com a presença de dois nomes expressivos da área: Ruth Rocha, autora de tantas obras significativas para o público infantil e juvenil, como a série do Reizinho, e Fanny Abramovich, jornalista, crítica de teatro e literatura, orientadora editorial.

Registro

Mandioca — pão do Brasil, de Pinto de Aguiar, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Não sendo propriamente um estudo técnico, esta obra mostra aspectos históricos, econômicos e científicos da utilização da mandioca no Brasil, ressaltando sua importância para um país cujo clima não é apropriado para o cultivo do trigo.

As Transformações Que a Terra Vai Sofrer, de Frank Don, Trad. de Luiz Corção, Ed. Record, RJ. Misto de projeções científicas e matemáticas com profecias astrológicas, este livro pretende mostrar quais serão as grandes catástrofes que ocorrerão no planeta nos próximos anos, desde o desmoronamento da Califórnia até a completa inundação do Rio de Janeiro.

Aprender a Rezar, de diversos autores, com diversos tradutores, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. (Revista Concilium, 179). Livro de misticismo, onde se pretende corrigir os erros que muitos cristãos cometem quando efetuam suas orações.

Onde as Flores Não Murcham; Temas para Reflexão, de Hermínio Áureo de Queiroz, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. O A. expõe, em onze capítulos, suas opiniões sobre temas transcedentais (origem e destino do homem, deus, etc.), baseado nos dogmas do catolicismo. Destina-se ao homem brasileiro de cultura média.

Sedoc — Serviço de Documentação, revista católica, números referentes aos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 1982, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. Traz como artigos de maior interesse: Igreja e eleições (setembro), genocídio na Guatemala (outubro), luta de libertação da Nicarágua (novembro) e entrevista com Juan Luis Segundo, teólogo da Libertação (dezembro).

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

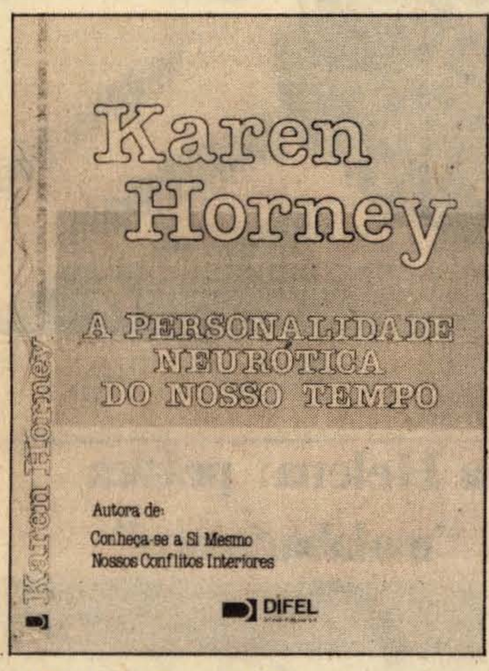
O ESTADO - Fpolis, 02/03/83

LIVROS **264** Salim Miguel

Um romance e duas versões

A singela história de Benzinho narrada com singeleza. Visão de um mundo antigo, a visão de uma São Luiz perdida no tempo; marco inicial de uma saga que Josué Montello dedicaria à sua terra e sua gente. O Autor considera que foi com este velho romance que verdadeiramente iniciou sua vida literária. A primeira versão é de 1938, quando o Autor andava pelos vinte anos de idade; foi publicado em 1941 e nunca reeditado. Agora, ao preparar sua obra para a Aguillar, JM inclui a mesma trama com um novo texto, pois ele mesmo diz que do texto primitivo de **Janelas Fechadas** subsistiram as linhas iniciais do primeiro capítulo e as linhas finais do último. Assim, para os estudiosos do fenômeno da criação literária, é de singular interesse confrontar a primeira edição com esta que acaba de aparecer pela Nova Fronteira. Será interessante a releitura para os admiradores da ficção de Montello; e mais interessantes ainda, quando do lançamento de toda a sua obra, acampanhar-lhe a proposta ficcional, na sua quase totalidade centrada no seu Maranhão, e na qual a cada livro mais se aperfeiçoa seu trato com a palavra e sua busca da perfeição.

Registro



A Vida Íntima Sexual de Gente Famosa, de Irving, Amy e Sylvia Wallace, e Davi Wallechinsky, trad. de Vera Mary Whately, Ed. Record, RJ. Livro com curiosidades da vida amorosa de personalidades famosas, desde Charles Chaplin, Papa Alexandre VI e Van Gogh até Jimmy Hendrix, Karl Marx, John Kennedy e Mahatma Ghandhi.

Flor de Romances Trágicos, de Luís da Câmara Cascudo, Ed. Cátedra, RJ, em co-edição com a Fundação José Augusto, Natal, RN. São vários relatos épicos e trágico-amorosos, ocorridos no Nordeste entre 1710 e 1950, envolvendo cangaceiros, jagunços, agricultores, escravos e fazendeiros.

O Diário de um Hermafrodita, de Herculine Barbin, apresentação de Michel Foucaut, trad. de Irley Franco, Ed. Francisco Alves, RJ. Relato verídico, escrito na segunda metade do século passado, sobre a atribulada vida de bissexual, até seu suicídio.

Psicodinamismos da Família com Crianças, de Raquel Soifer, trad. de Ephraim Ferreira Alves, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. Conclusões e informações tiradas a partir de experiências de psicoterapia familiar com jogos e brinquedos. Obra destinada aos profissionais do ramo e aos pais em geral.

A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo, de Karen Horney, Ed. Difusão Editorial, SP, trad. de Octávio Alves Velho, 9.ª edição. Livro útil para especialistas e leigos interessados, oferece um quadro detalhado das ansiedades e conflitos dos neuróticos, e de seu relacionamento com os outros e consigo.

Leitura: Teoria e Prática, revista semestral da Associação de Leitura do Brasil, n.º zero, novembro 1982, Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre, RS. Revista para os círculos intelectualizados, traz em seu número experimental uma entrevista com o educador Paulo Freire e um artigo do prof. Moacir Gadotti, além dos estatutos da Associação Brasileira de Leitura.

MOMENTO DA POESIA

Antes de nós nos mesmos arvoredos

Fernando Pessoa (Ricardo Reis)

Antes de nós nos mesmos arvoredos
Passou o vento, quando havia vento
E as folhas não falavam
De outro modo do que hoje.

Passamos e agitamo-nos debalde.
Não fazemos mais ruído no que existe
Do que as folhas das árvores
Ou os passos do vento.

Tentemos pois com abandono assíduo
Entregar nosso esforço à Natureza
E não querer mais vida
Que a das árvores verdes.

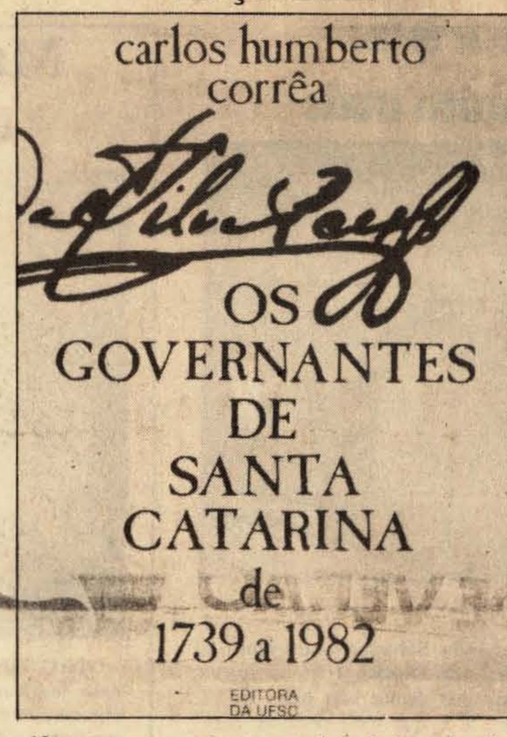
Inutilmente parecemos grandes.
Salvo nós nada pelo mundo afora
Nos saúda a grandeza
Nem sem querer nos serve.

Se aqui, à beira-mar, o meu indício
Na areia o mar com ondas três o apaga,
Que fará na alta praia
Em que o mar é o Tempo?

(**Ficções do Interlúdio**/*2-3, Fernando Pessoa, Editora Nova Fronteira,RJ*)

Quase nada tendo deixado em livro ao morrer, Pessoa se tornou, com a revelação de seus inéditos, nome maior na poesia portuguesa. Ele com seus heterônimos, inquietante e inquietador. Neste volume recém lançado pela Nova Fronteira, além do reencontro com Ricardo Reis, um novo heterônimo C (oelho) Pacheco. A valorizar mais o volume, estudo de Maria Aliete Galhoz sobre o poeta e sua obra.

Lançamentos



No palacio Cruz e Sousa estará sendo lançado, dia 7, segunda-feira, às 16 horas, **Os Governantes de Santa Catarina, de 1739 a 1982**, de Carlos Humberto Correa, recém-publicado pela Editora da UFSC. Dividido em três partes — relação de governantes, cronologia e biografias — coloca à disposição dos estudiosos informações a respeito dos homens que dirigiram os negócios públicos de Santa Catarina desde a criação da Capitania da Ilha de Santa Catarina. O autógrafo do livro dar-se-á no mesmo dia em que vão ser entregues os Prêmios Nereu Ramos de Jornalismo Político, instituído pela Udesc, cujos vencedores foram Carlos Castelo Branco em âmbito nacional e Sérgio Lopes no âmbito estadual. Nereu Ramos é um dos governadores estudado por Carlos Humberto Correa. O livro de CHC é ilustrado e tem "orelha" de Victor Peluso Júnior, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS **265** Salim Miguel

Recuperando a Infância

Num misto de memória e ficção, muito mais memória do que ficção, Fernando Sabino busca, neste seu novo livro, **O Menino no Espelho**, recuperar sua infância. O livro teve, ao mesmo tempo, duas edições: uma para ser distribuída pela MPM como brinde de fim de ano, e a outra mandada para as livrarias pela Editora Record. Em linguagem direta e lírica, plena de sugestões e entretons Sabino nos introduz em seu mundo por igual fascinante e mágico, composto de pequenos incidentes que adquirem singular singificado. Sob muitos aspectos, este romance (como quer o Autor), retoma, se bem que num tempo anterior e quase que só centrado nele mesmo, o fio de **Encontro Marcado**, romance que logo de sua publicação tornou Sabino um dos nomes mais expressivos da moderna prosa brasileira. Também ali, numa trama ficcional, bem mais ambiciosa, ele recria sua juventude inquieta vista ainda pelo próprio jovem. Em **O Menino no Espelho** a proposta é a visão da infância recriada e reelaborada a partir do homem maduro, já com um distanciamento bem maior. Curiosamente houve um longo interregno até que o Autor retomasse não só a si próprio, mas sua própria obra ficcional de mais fôlego. Durante anos esteve na crônica, no jornalismo, no cinema. Há pouco lançou **O Grande Mentecapto**, e agora este **O Menino no Espelho.** Debruçar-se sobre **Encontro** e **O Menino** e analisá-los deve ser tarefa grata àqueles que se preocupam com os problemas da criação literária e do desvelamento do ser humano. Na sua unidade intrínseca, **O Menino no Espelho** se fecha num todo circular, subordinado à feliz epígrafe tomada a Wordsworth, "O menino é o pai do homem". A partir daí desfilam, então, episódios que nos revelam a sensibilidade de Sabino para erguer, lá do fundo da memória, sua infância perdida, seres e bichos que o acompanharam ao longo dos anos e que agora retornam vivificados pelo sopro da criação. E se ele não a recupera íntegra por inteiro, se certamente em muitos momento a reelabora, serve-se dela para nos dar uma prosa forte. Valorizando ainda mais a edição (pelo menos a que foi distribuída pela MPM) planejamento gráfico e ilustrações do grande artista plástico que é Carlos Scliar. Assim, mais uma vez, a exemplo do que vem fazendo há alguns anos (com Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, entre outros) a MPM nos brinda com um livro que lado a lado reúne qualidade literária e tratamento gráfico primoroso, revelando um bom gosto que precisa — e deve — ser imitado.

MOMENTO DA POESIA

O Dia do Homem

Édison Montenegro Cabral,
de Fernando Mendes Vianna

Entre os dentes alvos, a baba do medo, e o ricto do segredo. Porém, sábia é a pasta de dentes, demente quem não faz barba.

Levanta, homem, faz ginástica, abre a porta, respira, bebe leite, escuta o rádio, estuda estatística.
a esperança — morta — não a deites.

Homem, inventa uma alavanca!
Monta no cifrão, luta pelo pão, faz uma oração. Mas Levanta!
Não deixes falar teu coração.

Teu coração não sabe o que fazer, é um tolo, um bobo, não é prático, é um Ferdinando, esfolha um malmequer, ridículo auroc, meu touro lírico.

O coração é um frustrado matemático.
Não escutes! Tu, fala em praça pública!
Concidadão patético e perapatético, imola a canção pelo bem da República.

Faz o bem, fazm o bem, faz o bem!
Em nome do tempo e da eternidade.
Inventa, depressa, uma verdade para a vida sem vida e a morte sem além.

(Proclamação do barro, *poesias, de Fernando Mendes Vianna, 2.ª edição, Civilização Brasileira/Pró-Memória-INL, RJ)*

* * *

Em 2.ª edição, este livro que reúne poemas escritos entre 1957/1964, e que quando publicados foram recebidos com louvor pela crítica, que viu no autor um dos nomes mais expressivos de sua geração. Agora, para reeditá-los, Vianna diz que corrigiu e descorrigiu até que o desalento. Mas os versos mantém a força e o impacto da primeira leitura, embora o autor diga que enfrentou um desafio: "operar-me a mim mesmo, na madureza, sem desfigurar meu passado jovem".

Registro

Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha, Ed. Ática, SP. Reedição de acordo com a primeira edição, de 1895. Este romance, do autor que se consagrou com A Normalista, (publicado em 1893) narra o desenvolvimento da relação homossexual entre o marinheiro Amaro (o Bom-Crioulo) e o grumete Aleixo; e através desta trama, mostra problemas da vida dos marinheiros e o que eles enfrentam à época.

Crônicas-I, de Raul Pompéia, Obras-Volume VI, organização de Afrânio Coutinho, Ed. Civilização Brasileira, RJ, em co-edição com o MEC-Fename e a Olac-Oficina Literária Afrânio Coutinho. Reunião de crônicas do autor de **O Ateneu**, publicadas em jornais de Juiz de Fora, por quase ano e meio, sob o título de "A Vida na Corte", abordando temas variados.

O Estripador de Laranjeiras, de Carlos Eduardo Novaes, Ed. Nórdica, RJ. Novo livro de crônicas (ou primeiro de contos, como indica a Editora) do famoso humorista, colaborador do Jornal do Brasil e da TV Globo. Aborda, criticamente, temas do dia-a-dia, como a dívida externa, Lady Di, a Copa do Mundo, as bombas do Riocentro, os crimes na sociedade ou os programas de auditório — tudo com muito humor.

O Riscq do Bordado, de Autran Dourado, Ed. Record, RJ. Publicado em 1970, este romance chega a 9.ª edição. A trama elaborada deste risco torna o livro um dos mais significativos deste mineiro tantas vezes premiado e que é um dos nossos mais importantes ficcionistas.

O Hotel New Hampshire, de John Irving, Ed. Record, trad. de Luzia Machado da Costa, Rj. Novo best-seller do autor de venturas da família do dono de uma rede de hotéis. Irving sabe construir e conduzir, criando um universo singular e próprio, o que o tornou referência obrigatória da crítica e de enorme sucesso junto ao público.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O Estado - 9-3-83

LIVROS

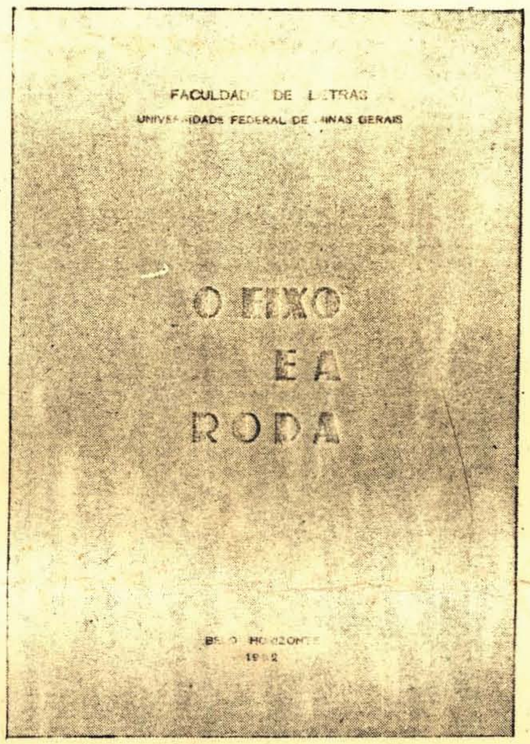
Salim Miguel

Análise de escritores brasileiros

Aos poucos vai se ampliando e atingindo o leque de estudos sobre a literatura brasileira de ontem e de hoje. Quase desaparecida a crítica literária, substituída por resenhas, a análise mais minuciosa passou a se fazer, em geral, nas universidades. E se em muitas ocasiões ela se torna um tanto exotérica, pela utilização de teorias mal assimiladas, não se pode negar sua validade no aprofundamento de temas que procuram iluminar aspectos do processo de criação literária brasileira e sua evolução do decorrer do tempo.

Seja estudando uma obra única, a totalidade da obra de um autor, ou várias obras de vários autores ao mesmo tempo, tem surgido trabalhos de singular mérito. Para nos atermos à prata de casa, basta citar o trabalho de Janete Gaspar Machado, **Os romances brasileiros nos anos 70,** lançado pela Editora da UFSC, e que foi tão bem recebido em todo o País, situando de forma feliz o literário e o social num período difícil da vida brasileira.

Ainda há pouco foi lançado, em Belo Horizonte, o volume de ensaios **O eixo e a roda,** editado pela Universidade Federal de Minas Gerais, e contendo trabalhos de Melânia da Silva Aguiar, Ana Maria de Almeida, Ruth Silviano Brandão Lopes, Letícia Malard. São quatro ensaios de quatro professoras do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFMG.



Aos autores se debruçam sobre obras bem diferenciadas de autores brasileiros que mesmo quando próximos se distanciam na proposta e na concepção.

Enquanto Melânia percorre "O discurso polivalente de Guimarães Rosa", na tentativa de uma visão abrangente de Grandes sertões: veredas, sondando os vários blocos de que se compõe a realidade roseana, Ana Maria vê as variações do eterno feminino em "Os elementos arquetípicos de A nebulosa de Joaquim Manoel de Macedo" e a carga romântica que informa seu texto: já em "Aprendizado pela fera", Ruth investiga a questão do poder e da violência em Corpo vivo, de Adonias Filho, o que aliás poderia ser estendido a toda a obra do escritor baiano; e Letícia se debruça sobre dois temas que se aproximam, ou um mesmo tempo visto de dois ângulos, tratados de forma diferente no romance e no depoimento, mas conduzindo a uma mesma conclusão. Trata-se, aqui, da recuperação do nosso passado mais recente, com sua carga de angústia e sofrimento, apreendidas em **O que é isto companheiro?**, de Fernando Gabeira, e **Reflexos do baile**, de Antonio Callado. Se no caso de Fernando é a pura reflexão de quem sentiu na própria carne a tortura, o exílio e a volta para se reintegrar ao seu meio, no caso de Callado é a reelaboração em termos ficcionais do mesmo tema, mas que pelo fato de ser ficcionalmente tratado não deixa de ser menos real.

Pelo que trazem e pelo que nos propõem, os quatro ensaios representam, sem dúvida, um significativo momento dos estudos brasileiros mais recentes dedicados à análise não só da nossa literatura mas, também, da nossa realidade do no seu sentido mais amplo.

MOMENTO DA POESIA
Do amor às riquezas

De Anacreonte (trad. de Almeida Cousin)

Se ouro e riquezas, por um dia,
Pudesse a vida prolongar,
Por certo que o ouro eu cavaria,
Para que, vindo, a Morte fria
Tomasse a oferta em meu lugar.
Mas, se comprar, mesmo um momento
De vida nega-se aos mortais,
Por que, bradando em vão lamento,
Soltar, precoces, os meus ais?!
Morte é marcada por destino,
Que ajuda o ouro em casos tais?
Eu quero é, pois, beber somente
E, ebrifestivo, alegremente
Entre os amigos me encontrar.
E, enfim, num leito, molemente,
Um culto a Vênus tributar.

(de Odes de Anacreonte, trad. de Almeida Cousin, Ed. Achiamé)

Traduzidas diretamente do grego, num trabalho de recriação que Cousin vem aperfeiçoando sempre mais, estas Odes chegam à 4.ª edição.

No prefácio à 1.ª edição, o tradutor explica que Anacreonte "não é mais do que uma atitude do espírito grego, e a atitude, já dos séculos da decadência. Ao certo não se sabe o que foi verdadeiramente da lavra de Anacreonte e o que a ele foi atribuído. De qualquer maneira, aqui estão temas onde a flor e o descanto se confundem, misturando-se a temas que se repetem, como o vinho e a vindima, a primavera, o amor sensual em todas as suas modalidades, a celebração da beleza e da graça, podendo, conforme comprova Cousin, estes versos comparar-se ao de um Omar Khayyan. Almeida Cousin considera esta 4.ª tradução a definitiva, visando aproximar-se do original grego — não literalmente, mas no espírito e na concepção.

Registro

A Casa das Sete Meninas, de Georges Simenon, trad. de Áurea Weissenberg, Ed. Nova Fronteira, RJ. Esta obra revela uma nova face deste famoso autor de livros policiais, criador do detetive Maigret. É uma obra juvenil, girando em torno de uma família composta por um professor pobre, esposa e sete filhas, e sua luta por uma vida digna.

Morte a Crédito, de L.F. Céline, trad. de Maria Arminda de Souza-Aguiar e Vera de Azambuja Harvey, Ed. Nova Fronteira, RJ. Primeira obra do médico e escritor francês a ser publicada no Brasil, vemos lado-a-lado uma grande inovação estilística e uma crítica profunda à hipocrisia burguesa. Escrito em 1936, até hoje mantém a atualidade. Polêmico como a própria vida do Autor..

Monsenhor Quixote, de Graham Greene, trad. de A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record, RJ. Novo livro do quase octagenário escritor, narra as férias que um religioso da província de La Mancha, na Espanha, passa viajando em seu carro "Rocinante" ao lado de um prefeito comunista, apelidado de "Sancho". Mais que uma modernização do clássico de Cervantes, é um livro ao mesmo tempo irônico e profundo sobre temas de nosso tempo.

Violeiro do Apocalipse, de Antônio Fernandes dos Santos Lima, Ed. Cátedra, RJ. Estreando na literatura, o A., médico baiano, cria um romance centrado no Dr. Antunes, que se inicia como médico numa cidade no interior, onde trava relações com o misterioso personagem Ele, que representa a luta permanente entre o bem e o mal, independência e sociedade.

Felicidade não se Compra, de Irwin Shaw, trad. de Neide Câmera Loureiro, Ed. Record, RJ. Best-seller narrando a situação de uma família pequeno-burguesa norte-americana, e quando um milionário começa a lhes oferecer dinheiro, não trazendo e sim afastando a felicidade daquele lar.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS JORNAL O ESTADO DIA 04/06/83 267 Salim Miguel

A memória da cultura alternativa nos anos 70

Criado para coletar e preservar a produção independente da geração 70, a geração mimeógrafo, chamada também nanica, alternativa, marginal e underground, o Centro de Cultura Alternativa do Rioarte continua firme em seus propósitos, funcionando no mesmo prédio há mais de dois anos, desde que foi criado sob a proteção da antiga Fundação Rio, presidida por José Rubem Fonseca, hoje Instituto Municipal de Arte e Cultura ou Rioarte, como é mais conhecido. Se o endereço, Rua Rumânia, n.º 20, não mudou, os objetivos foram ampliados, o espaço cultural aumentado. Hoje o centro acumula mais de dois mil e quinhentos títulos, publicações e discos enviados pelas mais diferentes fontes e os mais distantes Estados da Federação. É de doações que o Centro vive e cresce.

Entre todos os objetivos o mais importante é a preservação do material colhido, através do registro das manifestações alternativas brasileiras de qualquer espécie e de qualquer lugar. Tudo isso aberto ao público, durante todo o dia, das 10 às 17 horas. Palestras, reuniões, encontros, projeções e discussões sobre o que é a produção independente dos anos 70 atraem intelectuais de todas as artes do Brasil que encontram em Maria Amélia Mello, a criadora do Centro, o polo catalizador de todo o interesse despertado por essa atividade cultural:

— A distribuição dispersa da produção alternativa, com o material circulando de mão em mão, em teatros, cinemas, bares e praças, dificultou a sua preservação, explica Maria Amélia. A cultura alternativa é uma realidade incontestável em nossos dias, e temos como exemplo os centros em atividade na Inglaterra e nos Estados Unidos. No Brasil, por diversas razões, o movimento ganhou tamanha força e expressividade que não se pode mais ignorar sua atuação na vida cultural. Sem estudar a cultura alternativa não se pode compreender em profundidade o nosso tempo.

Do grupo inicial do projeto coordenado por Maria Amélia, apenas ela resistiu aos cortes de verbas e outros problemas administrativos. Atualmente, trabalham Maria Amélia (que é jornalista), Alice Pougy (historiadora) e Luiz Moreira Gonçalves (arquivista), sempre com o mesmo entusiasmo:

— Sabemos que boa parte do material que chega às nossas mãos não tem peso literário que possa ser entendido hoje. Não nos compete julgá-lo e sim guardá-lo. Essa produção cultural prova que não existiu o chamado "vazio cultural" da década de 70, alegado por fontes oficiais. Na verdade, afirma Maria Amélia, nunca se produziu tanto quanto naqueles tempos.

Para Alice Pougy, o trabalho como assistente proporciona-lhe tempo para analisar a época e a conjuntura, além de um contato constante com a "memória recente".

O material coletado e preservado é fundamental para a compreensão dessa época, um estudo histórico muito sério para nós e principalmente para as gerações futuras.

Entre a coleção completa do jornal Opinião, da revista Pif-Paf, das revistas Inéditos, Escrita, Ficção e dos jornais Versus, Bondinho, encontram-se também no Centro, à disposição do público, trabalhos menos conhecidos, "xerocados" ou mimeografados, ou ainda batidos à máquina, um a um, folha por folha, num verdadeiro trabalho artesanal. Santinhos, carimbos e retratos servem como ilustração, enquanto uma embalagem de ovos torna-se capa de um livro e envelopes de papel pardo ostentam poesias, mostrando que a criatividade é a tônica dos trabalhos desde os títulos como: Poesias Alimentícias (Carlos Potyguar), Mamando na Vaca (edições Paulistas) ou Rainha do Frango Assado ou Pic-nic no Glicério (Paulo Yutaka), até ao acabamento como fotos de revistas coladas que viram capa de livro ou folhas de papel Kraft que se transformam em posters autografados. Tudo é válido.

Esse ano o Centro de Cultura Alternativa do Rioarte pretende publicar um catálogo com o máximo possível de dados sobre as obras coletadas à margem da grande imprensa, para que o público do Rio e principalmente de outros Estados do Brasil possa tomar conhecimento de todo esse material colocado à disposição de estudiosos. O Centro está sempre com as portas abertas aos pesquisadores e aos doadores de material que possam enriquecer o seu acervo cultural.

MOMENTO DA POESIA

Dois e dois: quatro

Ferreira Gullar

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

— sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
a liberdade, pequena.

(**Toda Poesia,** *de Ferreira Gullar, Ed. Civilização Brasileira, RJ)*

* * *

Em 3.ª edição, volume que reúne a obra de um poeta que no dizer de Vinicius de Moraes é o último grande poeta brasileiro; já para Pedro Nava, Gullar é a última voz significativa da poesia; enquanto isso, Sérgio Buarque de Hollanda afirma que, exceção feita de algumas peças de Mário de Andrade e também Carlos Drummond de Andrade (mormente em **Rosa do novo**) (Gullar) é o nosso único poeta maior dos tempos de hoje. E neste **Toda poesia,** de onde extraímos "Dois e dois: quatro", estão 30 anos (1950-1980) de poesia em 50 anos de vida.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 02/02/83

Livros **268** Salim Miguel

Prêmios Cruz e Sousa vão ser entregues sexta-feira

Com a presença dos ganhadores, da comissão julgadora, de escritores e colunistas literários do Brasil de escritores e autoridades de Santa Catarina, vão ser entregues, na próxima sexta-feira, dia 4, às 20 horas, no Centro Integrado de Cultura Prof. Henrique Fontes, os prêmios do Concurso Nacional de Romance, Prêmio Cruz e Souza, instituído pelo governo de Santa Catarina.

Na mesma oportunidade estará se realizando o lançamento dos três originais que foram selecionados entre os mais de trezentos, de todos os estados brasileiros, que concorreram aos prêmios de Cr$ 2 milhões.

O 1.º prêmio (Cr$ 1 milhão mais a edição do livro) coube à gaúcha Suzana Albornoz, com o romance **Maria Wilker**; 2.º prêmio (Cr$ 500 mil mais a edição do livro) à baiana radicada no Rio Helena Parente Cunha, com o romance **Mulher no espelho**; e o prêmio de melhor original de autor catarinense (Cr$ 500 mil e edição do livro) foi atribuído a Miro Morais com o romance **Cândido Assassino.**

A Comissão Julgadora estava constituída de Antonio Houaiss, Guilhermino Cesar, Hélio Pólvora, Nereu Correa e Otto Lara Resende, que na ata destacou a qualidade e o bom nível de numerosos originais, havendo recomendado vários para publicação.

Hermann Hesse em reedição

A Editora Record, do Rio, está relançando mais duas obras de Hermann Hesse (1877-1962): **Knulp,** já em 6.ª edição, trad. de Eglê Malheiros, foi publicado em 1915; contém três estórias, narrando a transição entre a juventude e a maturidade, através das aventuras de um jovem andarilho, que vaga pela Alemanha, sem ocupação e sem preocupações; e **Rosshald,** em 4.ª edição, trad. de Álvaro Cabral, primeira publicação em 1914. Romance semi-autobiográfico, conta a vida de um pintor famoso que partilha com sua esposa uma mansão, embora eles há muito não se falam. O falecimento do filho mais novo, único traço de união entre ambos, provoca sua partida para a Índia, onde espera encontrar uma vida autêntica, que lhe permita desenvolver sua arte. Últimos romances da chamada primeira fase de Hesse, aqui estão as qualidades de narrador que o tornariam, logo, um dos nomes mais importantes da ficção deste século. Prêmio Nobel em 1946, consagrou-se como escritor na década de 20, com o **O lobo da Estepe,** bíblia dos jovens durante muito tempo, e hoje já na 5.ª edição brasileira. Entre suas principais obras, bastante numerosas, encontramos ainda títulos como **Demian, Sidarta, O jogo das contas de vidro, Narciso e Goldmund, Viagem ao Oriente, Knulp e Rosshalde.**

Momento da Poesia

José Carlos Corrêa Leite

Paranaense, ex-operário, ficcionista e poeta, José Carlos Corrêa Leite já publicou um livro sensível que, no dizer do próprio autor, "tem muito a ver com as pessoas anônimas de cada dia..." Trata-se de Domingo José vai à festa, que possui muito de autobiográfico, conforme reconhece o autor ao afirmar que o livro também tem a ver "comigo próprio e com aquilo que vi ou pensei ver..." A edição é do autor, com capa e ilustrações de Poty, que deu força para que o livro fosse publicado. Agora, no poema que transcrevemos, José Carlos revela a sua face de poeta, igualmente sensível, abordando com propriedade e de forma inovadora um tema bastante batido.

Havia um Natal Ontem

Havia um Natal ontem na esquina de minha rua.
Era um Natal magro, esquálido, seco
como essas rosas desidratadas em vasos pálidos de salas escuras.
Era uma festa cheia de rugas na cara
e tinha jeito de velhinho de asilo que nunca toma sol...

Não havia como conversar com o Natal na esquina de minha rua.

Estávamos sós — eu e ele.
Desiludidos nós dois e iludidos ao mesmo tempo
pois acreditávamos em lendas e luas
no brilho colorido das luzes, naqueles risos infantis
que ardiam afinados em nossos ouvidos carentes de futuro.

O Natal tinha um ar cansado e resto de sorriso nos lábios
uma incontida vontade de ganhar um presente — e dar também —
de receber um abraço, de oferecer um afeto, de descortinar cortinas mil
de sentar em paz e ver uma vela extinguir-se em silêncio
sob o silêncio da noite imaculada.

Estávamos doidos nós dois. A felicidade se comprimia somente
dentro das casas.

Boêmios eu e ele -- o Natal -- nas calçadas frias da noite.
O feriado de fim de ano, a mesa posta, os laços coloridos.

Sem nada, sem dinheiro, nem histórias, nem vaidades
resgatávamos nossos passados em busca de ilusões.
Ah, os retalhos que encontramos, fizeram-nos rir de nós mesmos.
E assim bebemos dessa alegria e conversamos a noite toda e nos tocamos
e nos apoiamos mansamente, amigamente, sinceramente.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Momento da Poesia

Fala aos Inconfidentes Mortos

De Cecília Meireles

Treva da noite
lanosa capa
nos ombros curvos
dos altos montes
aglomerados...
Agora, tudo
jaz em silêncio:
amor, inveja,
ódio, inocência,
no imenso tempo
se estão lavando...

Grosso cascalho
da humana vida...
Negros orgulhos,
ingênua audácia,
e fingimentos
e covardias
(e covardias!)
vão dando voltas
no imenso tempo,
— à água implacável
do tempo imenso,
rodando soltos,
com sua rude
miséria exposta...

Parada noite,
suspensa em bruma:
não, não se avistam
os fundos leitos
Mas, no horizonte
do que é memória
da eternidade,
referve o embate
de antigos fatos,
de homens antigos.

E aqui ficamos
todos contritos,
a ouvir na névoa
o desconforme,
submerso curso
dessa torrente
do purgatório...

Quais os que tombam,
em crime e justos,
quais os que sobem,
purificados?

Romanceiro da Inconfidência e **Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam**, *poemas de Cecília Meireles, Ed. Nova Fronteira, RJ)*

Se a poesia lírica e intimista de Cecília já lhe dava um lugar de relevo na nossa literatura, **Romanceiro da Inconfidência** vinha colocá-la, de pronto, num lugar à parte. Ela dizia que a "poesia é um grito, mas transfigurado"; e dentro deste contexto se situa o longo poema dedicado aos inconfidentes, de que damos aqui o fecho. Mas este livro, em boa hora relançado pela Nova Fronteira, na coleção Poiesis, inclui também outro longo poema saído da pena e da sensibilidade de Cecília, significativamente intitulado **Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam**, no Quarto centenário de sua fundação, pelo capitão-mor Estácio de Sá.

Registro

Literatura e Ideologia: o novo romance latino americano, de Tarso Fernando Genro, Ed. Criar, Curitiba, PR. Ensaios publicados originalmente no jornal **Correio do Povo**, de Porto Alegre, todos eles situando o grande romance burguês ao estilo de Thomas Mann, em contraposição ao novo romance latino de Carpentier, Borges e outros.

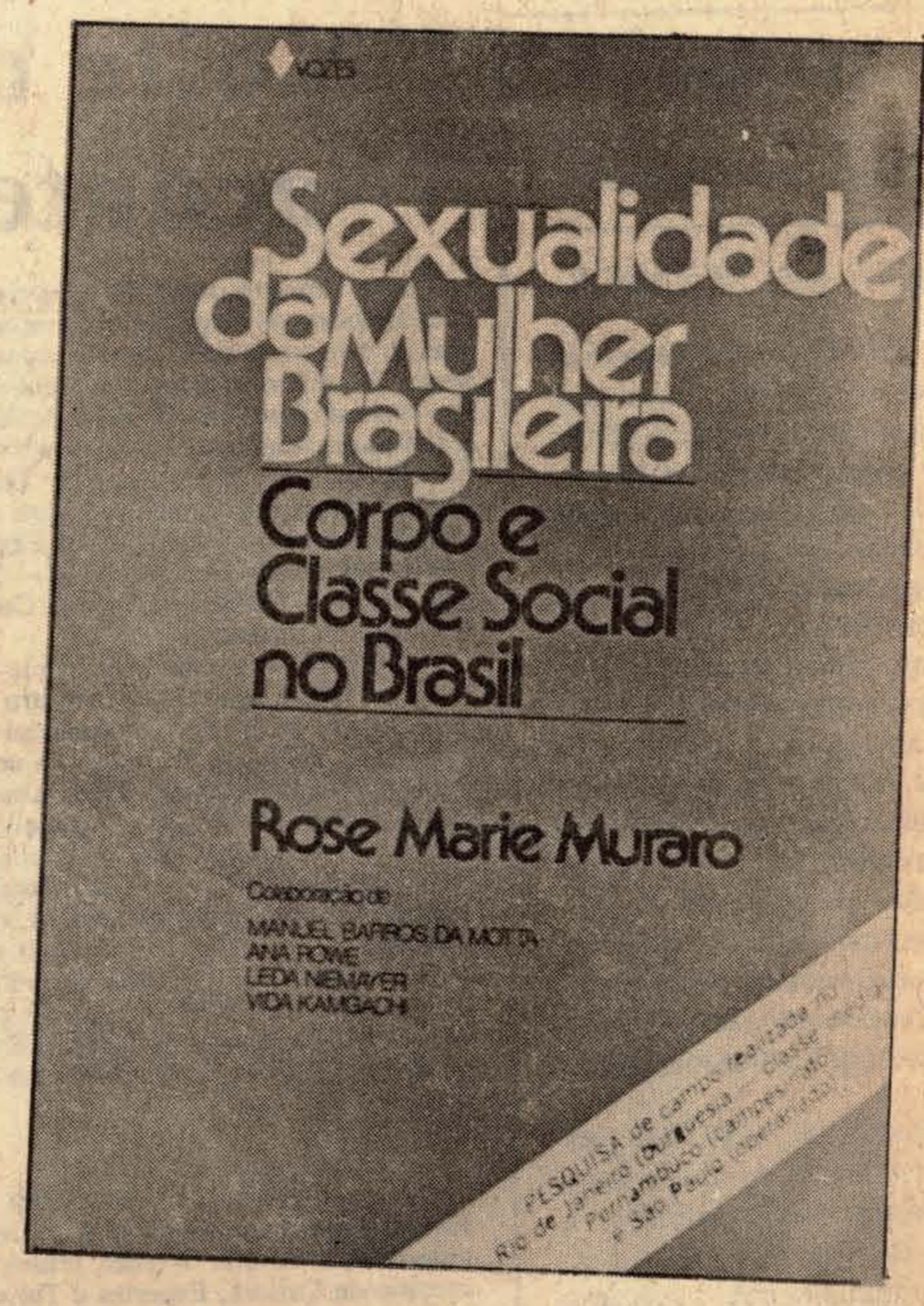
Guia Prático da Tradução Francesa, de Paulo Ronái, Ed. Nova Fronteira, 3.ª edição revista e ampliada. Manuel de consulta fácil, foi elaborado pelo mais famoso tradutor brasileiro (magiar de nascença) com vistas a professores, alunos e, principalmente, aqueles que se dedicam à tradução, para o português, de obras da Literatura francesa.

Fouché, de Stefan Zweig, trad. de Medeiros e Albuquerque, Coleção Vidas Extraordinárias, Ed. Nova Fronteira, RJ. Biografia do chefe de polícia de Napoleão, o homem que usou as informações que recebia por seu cargo para chegar o a poder às custas da chantagem.

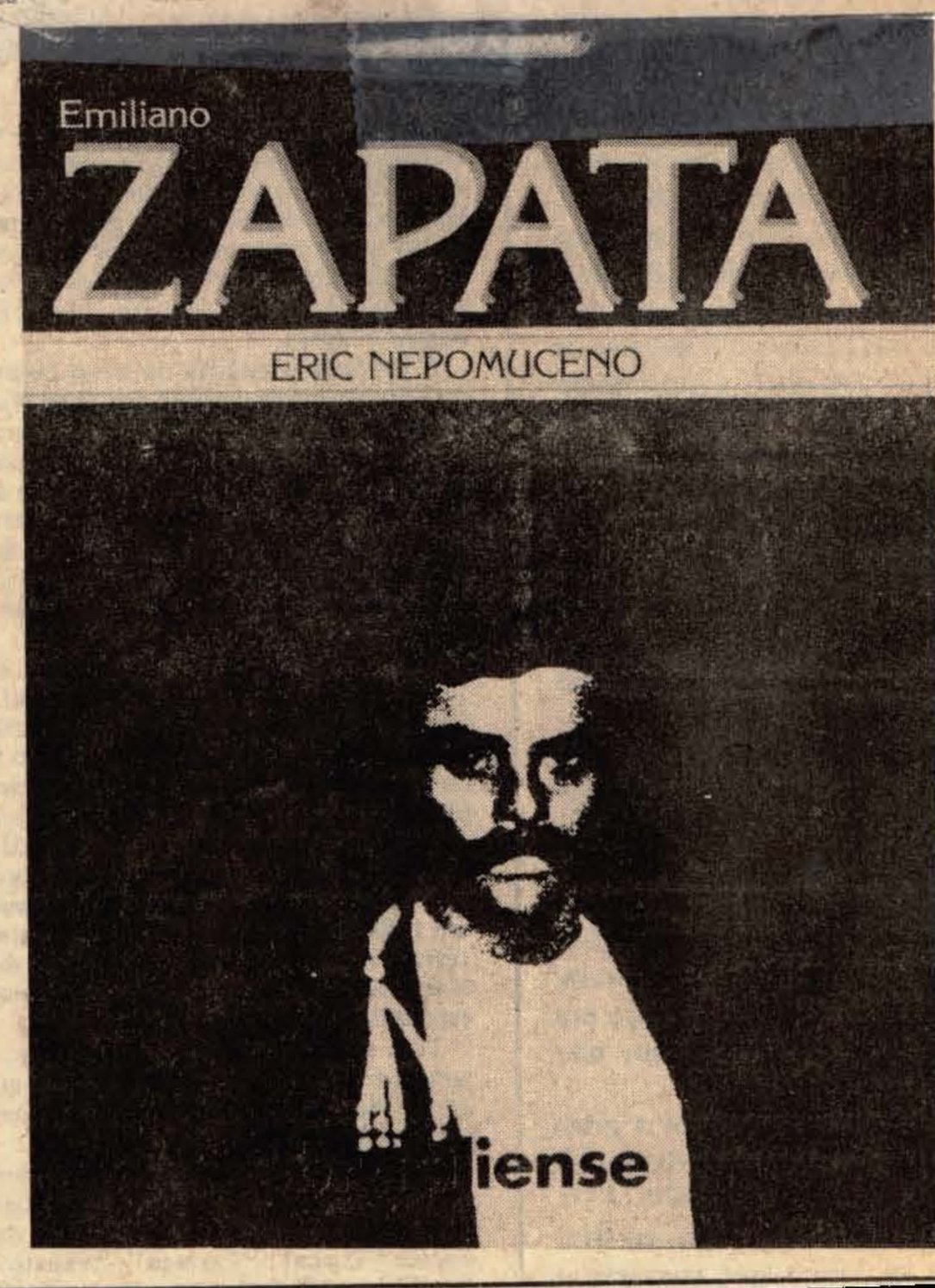
Zapata: Tierra y Libertad!, de Eric Nepomuceno, Ed. Brasiliense, SP, Série Encanto Radical n.º 19. Biografia do revolucionário mexicano que, no início do século, lutou e morreu por uma reforma agrária. O Autor do trabalho, jornalista e ficcionista brasileiro, vive hoje no México.

Antônio Carlos Gomes, de Gaspare Nello Vetro, Ed. Cátedra, RJ, em convênio com o INL e a Fundação Nacional Pró-Memória. Biografia do músico erudito paulista (nascido em São Paulo), seguida de toda a sua correspondência italiana, estudada e analisada pelo Autor.

Lançamento



Amanhã, dia 14, às 19 horas, no auditório da Celesc, Praça da Bandeira, Rose Marie Muraro estará lançando seu livro **Sexualidade da Mulher Brasileira**, editado pela Vozes. Resultado de uma pesquisa de campo realizada no Rio de Janeiro (burguesia e classe média), Pernambuco (campesinato) e São Paulo (operariado), o livro é um amplo e abrangente painel, captando a sexualidade em seus níveis mais radicais, quando falam de suas experiências e preocupações homens e mulheres que nunca antes haviam se expressado. Escritora, autora, entre outros, de **A mulher na construção do mundo futuro** e **Libertação sexual da mulher**, Rose Marie Muraro é nome representativo do movimento de mulheres no País. Por ocasião do lançamento deste seu novo livro, que é promovido com o apoio do Departamento de Assuntos Culturais da UFSC, ela vai proferir palestra seguida de debate, discutindo os problemas femininos e sua inserção no mundo atual.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS **270** Salim Miguel

Barroco e Metafórico

A saga do banho de Urutu e Cabo José Gomes nos revela um mundo novo, áspero, inóspito: são conflitos nas terras matogrossenses, conflitos que se estendem para além do meio físico, dominando homens rudes e nos revelando suas psicologias, ações e reações naqueles agrestes confins.

Madona dos Páramos, de Ricardo Guilherme Dicke, Ed. Antares/Pró-Memória-INL, RJ — Brasília, é romance-rio, barroco e metafórico. E no dizer de seu prefaciador, o crítico e também ficcionista Hélio Pólvora, é um épico maduro, tenso e vibrável, "que em outra língua e em outra cultura estaria, certamente, a recolher admirações e acumular justas recompensas".

Madona vem da linhagem de **Os Sertões** e se insere no roseano **Grande Sertão: Veredas**. Mas é inventivo e próprio, trazendo contribuição pessoal para a ficção brasileira. Dicke conhece seu meio, sabe descrevê-lo e transmiti-lo.

Do seu refúgio em Mato Grosso, dali raramente saindo, realiza uma obra poderosa e de grande unidade estilística, que se interliga a partir do primeiro romance, **Deus de Caim**, passando para o segundo, **Caieira**, e vindo desembocar neste **Madona dos Páramos**.

MOMENTO DA POESIA

O Jogo

Domício Proença Filho

Asas partidas
pernas
presas no visgo
da alegoria
segue
no cortejo
sem corte
deslocado
o mito:

uma cabeça
pende
azinhavrada,
o corpo
desgraciosa
ferrugem.

Onde o mágico
espaço
e os pés
pássaros
ágeis
antecipando
auroras?

meandro
de luzes
e a queda
estarrecida
do inimigo
véspera
de vitória?

Onde o grito
da multidão
facas erguidas
a contrapelo
no azul
de domingos amplos
gesto
traçado pela bola
caminho de alegria?

Jaz o mito
atado à pedra
da alegoria.

O homem
chora
e a multidão
árduo percurso
o lenço
arisco
tinge de água turva
os olhos
débil estandarte.

O aplauso, de repente,
triste, feito de silêncio.

O mito:
o simples ato
de erguer-se
reeguer-se
avaro.

As pernas-arco
memórias
do triunfo antigo

O mito
olhos dopados
e os bicos corrosivos
dos abutres
reiterados
na chaga invisível
do lado.

O mito
as pernas tortas
a vida torta
pedra
acorrentada
à densa alegoria.

Leves asas de pássaro
morto
entre céu e grama
riscam
a multidão
redonda
e luminosa.
Inerte.

Domício Proença filho é professor, autor de livros didáticos, poeta, promotor de eventos culturais; carioca, diplomado em letras neolatinas pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, é livre docente e doutor em letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor por concurso desde 1971, da Universidade Federal Fluminense, atua em cursos de graduação e pós-graduação. Já lecionou na UFRJ, na PUC-RJ, na Universidade Santa Ursula, no Colégio Pedro II. Como professor titular convidado, ministrou, na Universidade de Colonia, Alemanha, cursos de Literatura Brasileira. Estruturou o Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, quando organizou encontros entre escritores e leitores, denominado O Escritor vai ao Leitor; foi diretor de texto da **Enciclopédia Século XX**;, é autor da série didática **Comunicação em Português**, destinada ao ensino de 1.º grau; de **Língua portuguesa, literatura nacional e a reforma do ensino**, da tese sobre o romance **Corpo vivo**, de Adonias Filho; de **Estilos de época em literatura**, já em 7.ª edição; e foi o coordenador geral e idealizador da Bienal Nestlé de Literatura. Na área da criação literária publicou **O cerco agreste**, poemas, que no dizer de Antonio Carlos Villaça, na apresentação, "é um fluxo contínuo, homogêneo"; e tem dois outros livros de poemas prontos para o prelo. Este "O Jogo", inédito, que publicamos, não pertence a nenhum dos dois livros. Surgiu da emoção provocada pelo acompanhamento da tragédia de Garrincha, antes da morte do jogador; e reflete, de maneira sensível e lúcida, a visão que o poeta tem não só daquele que foi um dos nossos mais completos jogadores, e o mais lúcido deles, mas de toda uma problemática. O homem é o mito aí estão, um e outro "atados à pedra da alegoria".

Registro

O tambor, de Gunter Grass, trad. de Lúcio Alves, Ed. Nova Fronteira, RJ. Clássico da ficção contemporânea, abordando dilemas não só do mundo alemão. No dizer de Mário Pontes "é ao mesmo tempo romance picaresco e sátira a um tipo de ficção caro a autores europeus da época de ouro da literatura burguesa". Povoado de alusões históricas, cobre 50 anos da vida européia, retratando-a cruamente.

Três vidas, de Gertrude Stein, trad. de Brenno Silveira e José Paulo Paes, Ed. Nova Fronteira, RJ. Escritora de vanguarda, famosa por um verso ("A rosa é uma rosa, uma rosa, uma rosa") Stein marcou época com seu salão parisiense onde recebia personalidades como Picasso, Braque, Hemingway, Fitzgerald, entre tantos. Isto obscureceu um pouco a ficcionista de que temos boa prova nestas três novelas: perfis de mulheres à margem da vida, retrato dramático de seres sufocados pela alienação do meio em que vivem.

As sete esposas de Barba-Azul, de Anatole France, trad. de João Guilherme Linke, col. Clássico Francisco Alves, RJ. Uma amostra, em quatro tempos, da fina prosa de um nome que se destacou nas letras francesas. Nestas versões burlescas de fábulas muito conhecidas ele dá o seu toque tão pessoal.

A amiga da senhora Maigret, de Georges Simenon, trad. de Rita Braga, Ed. Nova Fronteira, RJ. Todos os ingredientes deste autor prolífico mas sempre de leitura absorvente. Numa Paris que vive a chegada da primavera, criminosos internacionais preocupam Maigret. Desta vez sua mulher está presente, pelo encontro com uma misteriosa estrangeira.

Vá devagar, volte depressa, de David Niven, trad. de Ana Lúcia de V. Abrantes, Ed. Record, RJ. Excelente ator estréia na ficção com o mesmo humor que marca suas apresentações na tela. Uma história de amor que começa numa blitz sobre Londres, na II Guerra Mundial. Depois, finda a guerra, temos um retrato de Hollywood, suas figuras, suas intrigas, enquanto acompanhamos a história de Pandora e Stani.

Seção SEM SAL

Celso Vicenzi

O BRASIL E A CONCENTRAÇÃO DO CAPITAL: "NUNCA TANTOS DEVERAM TANTO A TÃO POUCOS".

CINE CENTER
SHOPPING CENTER ITAGUAÇU
NIVEL ITAGUAÇU
AR CONDICIONADO ★ PROJEÇÃO XENON

BRUNO BARRETO apresenta
MENINO DO RIO
de ANTONIO CALMON
O FILME DO VERÃO

PARA SEMPRE AMANTES
SOBRE O AZUL DO MAR

ANDRE DE BIASE
CLÁUDIA MAGNO
RICARDO GRAÇA MELLO
SÉRGIO MALLANDRO
NINA DE PÁDUA

distribuição EMBRAFILME

CLÁUDIA OHANA
RICARDO ZAMBELLI
CIÇA GUIMARÃES
JACQUELINE LAURENCE
ADRIANO REIS

Veja o filme e compre o disco CBS

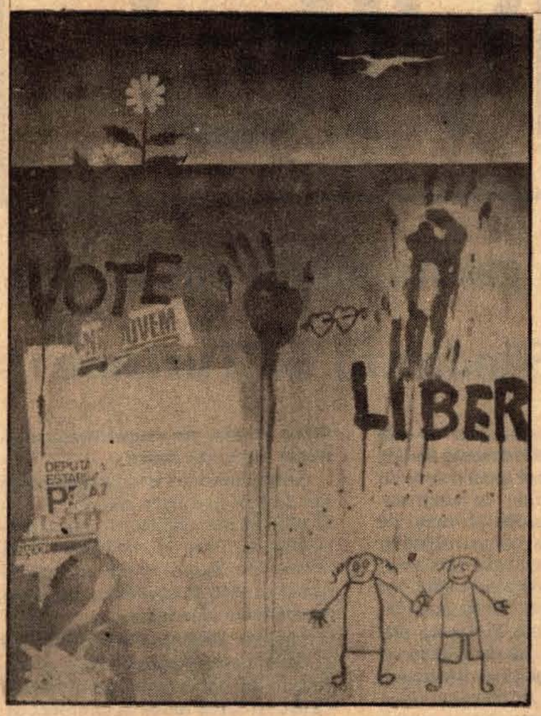
colorido 14 anos

uma produção L.C. BARRETO

O ESTADO - Fpolis, 20/03/83

Livros **271** **Salim Miguel**

ARTEPOEMA - Hassis e Silveira de Souza



Nesta terça-feira, dia 22, às 20 horas, no hall da Reitoria da UFSC, campus da Trindade, exposição de **Artepoema**, pinturas de Hassis e poemas de Silveira de Souza. A promoção é da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, através do Departamento de Assuntos Culturais da UFSC. Segue abaixo o que, para o catálogo, escrevi a propósito dos poemas de Silveira de Souza. E, também, o que Harry Laus diz da pintura de Hassis.

A constatação do poema

O Silveira de Souza, poeta, surge com a mesma propriedade, a mesma disciplina, a mesma economia de meios, do Silveira de Souza, contista. Ele não necessita de novos meios expressionais, nem se violenta na sua maneira de ser.

Surpresa? Não.

Para quem o conhece, acompanha sua obra, tem o privilégio de conviver com este escritor tranqüilo na aparência, infenso a exterioridades, mas profundamente inquieto no seu fazer literário, não será difícil perceber o poeta embutido no contista. Pois nem é preciso uma análise aprofundada para se sentir a cadência de sua frase, seu ritmo interior e o frêmito de vida que lhe informa o texto, onde, mais do que o expresso, importa o sugerido.

Aqui, nestes **Dez Poemas**, ele nos envolve na magia de sua frase límpida: seja retrabalhando um dito popular em "Benzedura",

— Que coso?
— Carne rasgada, nervo torto, osso rendido.
Mente partida, sexo abatido
Medo de perder tudo o que tenho
Solidão imensa, frio odioso.
— Que coso?

* * *

seja criando um quadro de extrema pertinência e sarcasmo em "Os óculos embaciados do burocrata auxiliar" (O mundo arrebenta lá fora, que temos nós com isso?).

É a visão lírico-amarga de alguém que se debruça sobre o nosso tempo e o questiona, questionando-se por igual. Tome-se outro exemplo, "Primeira leitura da greve"; veja-se de que maneira ele traça e trata o tema, colocando-nos de imediato no clima que procura captar:

A greve Grave
grava é a cor
o som do sangue
das palavras espalhado
no átrio na Praça
da Praça da greve

Há aí todo um jogo a ser apreendido para além do que está dito, um jogo elaborado para recriar um momento que fica, utilizando-se de palavras chave que se intercomunicam: greve, grava, grave. É a greve que grava o som mas também se grava na nossa mente, num momento grave em que jorra na Praça a cor do sangue.

Para o contista, cada palavra tem um peso, um valor, um volume, uma cor, uma medida justa. Para o poeta, também conta a distribuição da palavra na folha em branco, interligando-se e criando com elas um universo particular. Não existem palavras altissonantes; ele não esbraveja: ele constata e transmite. E a dramaticidade do momento se torna mais angustiante exatamente porque o poeta apenas constata. Porém esta constatação atinge fundo, verruma, faz refletir. Tudo o mais está implícito. Vai depender do próprio leitor e do tipo de leitura que cada um faça.

Não é a primeira vez — nem a última, por certo — que afirmamos ser Silveira de Souza possivelmente o escritor de melhor texto entre todos os que hoje se dedicam às letras em Santa Catarina. Não só texto. É texto de alguém que tem o que dizer e sabe fazê-lo. Aperfeiçoando-se sempre mais, ele se mantém fiel à sua escrita, à sua maneira toda peculiar de compor e transmitir sua visão do mundo e do ser humano, dando-nos uma lição de coerência aliada a uma funda sensibilidade.

Os poemas se iluminam ainda mais com a pintura de Hassis. Mas, de Hassis, e do que ele representa nas artes plásticas catarinenses, quem fala é Harry Laus.

O outrora de ontem

Harry Laus

"Antes que a morte amanheça
Como se fora um tango
Carne rasgada, nervo torto, osso rendido
Os Mortos enterrarão seus mortos e sempre
As estações sobrevirão nos prazos certos".

Agora eu m pergunto: até que ponto isto pode ter interferência na criação plástica?

Quem responde a isto é o artista plástico chamado Hassis que, usando a palavra como mero atributo de linguagem, não perde em absoluto sua colocação de forma e cor.

Por exemplo, "O Mecânico", onde o artista não esquece nenhum de seus atributos de formação estética, ou "O Invasor", onde ele se afirma com a força de movimento como nenhum artista catarinense consegue.

"Não sou o arquiteto das coisas por inventar/deito no chão duro e sujo/que devolve ao inventado uma provisória perfeição".

Eu sou o arquiteto das coisas inventadas, dura e suja é a minha verdade, que eu não invento, mas que envolve a minha perfeição provisória.

"O sol é ácido na tarde de verão".

E eu que sempre fui ácido, do que será meu verão?

Até que ponto a liber pode ser dada a quem vota?

Até que ponto a LUA pode ser da gente?

Até que ponto o AMOR pode ser correspondido?

Até que ponto um artista plástico pode dar sentido às palavras?

Claro que houve um Shakespeare dizendo tudo em palavras e sentimentos. E nós, que somos tão pouco, talvez sejamos mais-menos que ele, se vivesse agora.

Hassis tenta nos explicar esses enígmas e o consegue muito bem pela cor e pela forma e pala integração da técnica com a palavra.

Quem não consegue fazer isso, sou eu, que só sei usar a palavra. Como afinal de contas não sou crítico literário, devo me deter um pouco sobre a qualidade plástica da pintura e então eu posso optar por um ou por outro, entre os dez quadros da exposição.

A minha escolha não significa a escolha de todos, a minha escolha fica com a melhor integração da palavra com a pintura e acho que elas se encontram em: "O Mecânico", "O Invasor" e "Primeira Leitura da Greve", onde o artista plástico conseguiu conjugar o sentido poético e vital da palavra.

Haja quem veja e quem decida, entre a verdade e o julgamento; haja quem seja e quem resolva a mentira de um sentimento.

Haja quem negue e quem afirme a verdade e a mentira de tudo isso. Haverá quem afirme?

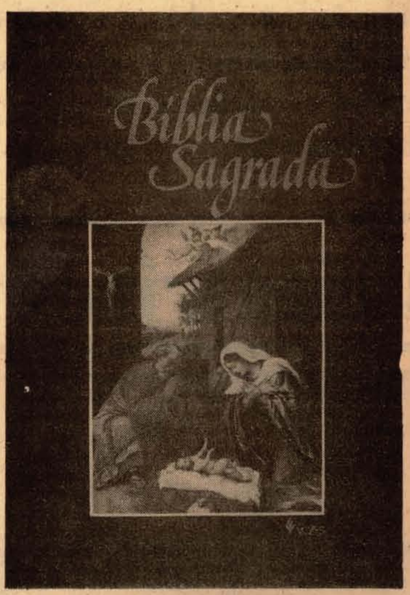
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 23/03/83

LIVROS O Estado - 23/3/83 **272** Salim Miguel

A nova Bíblia da Vozes

Leitura indispensável para católicos e não-católicos, crentes e incréus, a Bíblia é um dos textos mais importantes da cultura ocidental, repositório inestimável de informações, lendas, fatos e histórias que refletem hábitos e costumes. Agora, depois de anos de trabalho, a Ed. Vozes nos entrega uma edição que procura ser o mais fiel possível ao texto original, numa linguagem mais acessível aos nossos tempos. A orientação geral desta nova edição é de L. Garmus e a revisão literária de Emanuel Carneiro Leão. Os tradutores são vários, tendo, além disto, revisores exegéticos e outros encarregados da transcrição dos nomes próprios. Garmus, na Apresentação, diz que "esta nova versão brasileira da Bíblica começou com uma profunda revisão exegética e literária da tradução do Novo Testamento, feita diretamente do grego e publicada pela Editora Vozes desde 1956." E prossegue ele: "Enquanto o Novo Testamento passava por esta revisão, uma equipe de exegetas iniciou a tradução de todo o Antigo Testamento, diretamente dos originais hebraico, aramaico e grego." É o resultado de tudo isto que agora temos em bela e cuidada edição. Na Introdução Geral procura-se situar a importância da Bíblia, mostrando seu significado ao longo dos tempos e que ela não foi escrita por uma só pessoa, sendo resultado da contribuição de muita gente, e que, por igual, não foi escrita de uma só vez, mas no decorrer de quase mil anos.



MOMENTO DA POESIA

Almas de Minh'Alma

João Mendes

Quero chorar e cantar,
Quero cantar e chorar.
Choro só por me lembrar,
Canto para não chorar!

Oh quantas vezes, oh quantas,
Vejo feições divinais;
São as alminhas santas,
Que eu tenho nos meus roseirais!

São as almas de minh'alma,
Luzes do meu coração!
O lagrimar me dá calma,
O chorar consolação!

Quem dera que esta saudade,
Alguém sentisse por mim.
Então que felicidade,
Lá no celeste jardim!

De João Mendes, o poeta cego de Biguaçu, conheço três livros. Mas bem antes dos livros, conheci o autor e lhe conheci os versos. Criança ainda, passava demoradas horas com ele conversando, na pequena livraria que montara. Mais do que conversando, lendo. Lendo em voz alta, de tudo, livros que eu devorava empolgado e livros que eu mal entendia, misturando, nos meus 11-12 anos, Os mistérios da Torre de Neslé, de Michel Zevaco, tremendo folhetim de capa-e-espada, com As dores do mundo, de Schopenhauer, tremenda diatribe contra tudo, de um pessimismo atroz — e nem sei se foi ali que li uma frase que passei a repetir, no meu machismo insipiente: "as mulheres têm cabelos compridos e idéias curtas." O importante era ler.

João Mendes ouvia a leitura, falava-me de seus versos, singelos versos que, independentemente da qualidade literária, só mais tarde fui compreender em toda a sua dramaticidade. Ele e Geraldino Azevedo, outro poeta de Biguaçu, marcaram, assim, minha infância. Do Geraldino eu guardo de cor uma quadrinha (e nem sei ela se encontra em seus livros): "Biguaçu é terra boa/terra de muita coisinha/Eu pergunto prá você/ quanto deu nossa festinha/ Deu um conto e quinhentos/ é notório/ E agora até já temos/mictório".

Agora, acionada a memória por um papo com o Iapo-nan Soares, que me fala do sesquicentenário de Biguaçu, a transcorrer este ano, a melhor homenagem à terrinha, a meu ver, é a transcrição dos versos de João Mendes (e da quadrinha do Geraldino). Aí estão, na sua simplicidade, a visão de dois temperamentos, de duas sensibilidades, de duas almas tão diversas e tão irmãs, uma conturbada por tudo que sofreu, a outra irônica. Mas nas duas pulsa a nota do humano viver e sentir.

Registro

Odorico na cabeça, de Dias Gomes, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Partindo de uma peça teatral, DG criou certamente o mais famoso seriado de TV no Brasil: hoje Odorico e sua gente fazem parte do dia-a-dia do brasileiro; Sucupira existe até mais do que muitas cidades realmente existentes. Agora, temos um segundo volume extraído da série. São contos nos quais o A. mantém a mesma irreverência, o mesmo conhecimento das nossas coisas e da psicologia da nossa gente, o mesmo desmascaramento da farsa política. O último texto, por sinal proibido, "Sucupira vai às urnas", é mantido na forma de roteiro para TV.

Adrienne Mesurat, de Julien Green, trad. de Aulyde Soares Rodrigues, col. Grandes Romances, Ed. Nova Fronteira, RJ. Uma das personagens mais instigantes de Green, esta Adrienne conserva todas as peculiaridades que tornaram seu autor nome bastante expressivo da prosa francesa: a atração e a repulsa pelo pecado, os dilemas do ser humano, um aprofundamento no estudo psicológico — tudo está presente nas histórias desta mulher que luta contra seus demônios.

O faroeste, de Dee Brown, trad. de Augusto Meyer Filho, Ed. Record, RJ. Autor de Enterrem meu coração na curva do rio, Brown recria, com emoção, a saga dos pioneiros; mas sua visão é outra: não é maniqueísta, nem mostra os índios como sanguinários e os desbravadores como anjinhos. Aqui temos a busca de novos territórios, os entrechoques, numa história de movimentos que revelam as rotas aquáticas para os comerciantes de peles, os viajantes de carros de bois nas pradarias, os caçadores de ouro, os criadores e operadores dos serviços de correios e transporte de diligências, dos telégrafos e das estradas de ferro.

Vermelho e azul, de Alma Friedenreich-Schafer, Ed. Achiamé, RJ. Composto em grande parte de haicais, este livro revela a poesia de alguém que se debruça e investiga o que o cerca, como neste exemplo: "A morte não parece inimiga/alisa com sua mão amiga/ os sulcos que a vida fez."

Lei da Segurança Nacional — Um Atentado à Liberdade, de Antônio Evaristo de Moraes Filho, Editora Zahar RJ. Vários pronunciamentos de temas em permanente debate, por um advogado dedicado à defesa dos direitos humanos, principalmente a partir de 1964. No prefácio, Sobral Pinto diz que "Evaristo enfrenta estes temas em linguagem precisa e estilo elegante." O A. é membro do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e do Instituto dos Advogados Brasileiros e professor de Direiot Penal na UERJ.

O riso dos torturados, de Jorge Fischer, Proletra, RS. Muitos livros já foram escritos sobre os anos a partir de 1964 e suas conseqüências. Aqui, não menos dramático, o enfoque é outro: o A. procurou apreender o humor que pode existir nos momentos mais negros. "Creio que este livro deverá ser o documento mais importante de todos sobre esta realidade", afirma Carlos Jorge Appel; e Júlio Carelli acrescenta: "Não se iludam com o humor transbordando da narrativa. Ele é terrível."

A coragem de decidir, de Jathryn Jason e Joe MacMahon, trad. de Elsa Martins, Ed. Nova Fronteira, RJ. O livro destes dois psicólogos apoia-se na visão de tomada de decisão como um processo. Ao longo do trabalho, os Autores analisam as etapas deste processo, provocando no indivíduo uma reflexão sobre si mesmo. Um ponto importante do livro é o estabelecimento de um programa gradual, através do qual o leitor encontra forças para alicerçar suas decisões. Lançado no Brasil em 1980, chega à 4.ª edição e foi recentemente editado nos Estados Unidos pela Ed. Doubleday.

Nordeste — o drama das secas, de Pinto de Aguiar, Ed. Civilização Brasileira, RJ. O retardamento relativo do crescimento do Nordeste pode ser creditado às secas. Neste ensaio, o A. analisa as tentativas que vêm sendo feitas para atacar — ou remediar — a ocorrência das secas, as quais têm absorvido parcela ponderável de recursos nacionais. Diz ele que o problema precisa ser abordado de uma perspectiva científica e técnica e com continuidade administrativa.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLE MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 03/04/83

Livros **273** **Salim Miguel**

O conto paulista

Um mapeamento do conto paulista é o que nos oferece o mais recente número do tablóide **D.O.Cultura**, publicação mensal editada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Na Apresentação, "O conto em histórias", o Editor Ruy Marcucci, fala do conto, que vem de épocas imemoriais, desde o "Era uma vez. . .", para chegar à conclusão de que Mário de Andrade até que tinha parcela de razão ao afirmar, com uma pitada de ironia, que "conto é tudo aquilo que o autor resolveu denominar de conto". De qualquer forma, temos, neste "Cultura", monográfico, alguns bons exemplares do gênero e de seus principais cultores em São Paulo. São nomes como João Antonio, Lygia Fagundes Telles, Antonio de Alcântara Machado, Marcos Rey, Mário Donato, Helena Silveira, Mário de Andrade, Rubens Teixeira Scavone, Origenes Lessa, Alvares de Azevedo, Mafra Carbonieri, Miroel Silveira, Leonardo Arroyó, Monteiro Lobato, Valdomiro Silveira. São gerações etendências bem diferenciadas cada qual procurando dar um recado estético e humano. Sugestivas ilustrações valorizam os trabalhos. À exemplo do que já vem fazendo há alguns anos o **Suplemento Literário**, publicado pelo Diário Oficial de Minas Gerais, esta iniciativa da Imprensa Oficial de São Paulo presta um inestimável serviço às letras não só paulistas, mas brasileiras, permitindo uma aproximação e conseqüentemente um melhor conhecimento do que se está fazendo no terreno da arte e das letras. Por que outros Estados — aqui inclusive — não se segue este exemplo? Será que a Imprensa Oficial de Santa Catarina, ou os órgãos culturais do Estado, não poderiam, ao menos, estudar a idéia, hein Flávio José Cardozo?

Momento da Poesia

Pecado Original

Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)

Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, sem alguém a escrever,
A verdadeira história da Humanidade.

O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo;
O que não há somos nós, e a verdade está aí.

Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.

Que é daquela nossa verdade — o sonho à janela da infância?
Que é daquela nossa certeza — o propósito à mesa de depois?

Medito, a cabeça curvada contra as mãos sobrepostas
Sobre o parapeito alto da janela de sacada,
Sentado de lado numa cadeira, depois de jantar.

Que é de minha realidade, que só tenho a vida?
Que é de mim, que sou só quem existo?

Quantos Césares fui?

Na alma, e com alguma verdade;
Na imaginação, e com alguma justiça;
Na inteligência, e com alguma razão —
Meu Deus! meu Deus! meu Deus!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!

(**Ficções do Interlúdio/4** — *Fernando Pessoa, poesias de Álvaro de Campos, Ed. Nova Fronteira, RJ*)

* * *

Para os estudiosos de Fernando Pessoa, de seus heterônimos este Álvaro de Campos é o mais indisciplinado, o que se deixa levar pelo arrebatamento. Sobre a gênese dos heterônimos Pessoa diz: ". . . pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida.". Aqui estão algumas de suas mais importantes peças poéticas, como "Opiário", "Ode Triunfal", "Ode Marítima", "Saudação a Walt Whitman", "Dobrada à moda do Porto", "Tabacaria".

Registro

A décima noite, de Josué Montello, Ed. Nova Fronteira, RJ. Para Josué Montello, cada reedição de livro é o mesmo livro e é outro. Torturado pela perfeição, ele volta a mexer no texto, por vezes simples palavras, por vezes substancialmente. É o que ocorre nesta 6.ª edição, onde temos alterações sensíveis, que não modificando a estrutura da história narrada, lhe dão mais unidade. O ponto de partida do romance é um artigo do Código Penal que dá dez dias para um dos cônjuges solicitar a anulação do casamento. A partir daí, e tendo mais uma vez a sua São Luís como centro, Montello constrói uma narrativa tensa, de grande impacto emocional e verdade humana.

Almas mortas, de Nicolai Gogol, trad. de Costa Neves, Col. Clássicos Francisco Alves, RJ. Reedição de uma das obras mais impressionantes da grande literatura russa. Através de Chichicov, que sai pelos caminhos da Rússia comprando almas mortas, quer dizer, servos falecidos que ainda não foram baixados do registro dos vivos, Gogol traça um painel vivo e dramático da Rússia dos Tzares, que por extensão pode ser transplantado para qualquer país. Leitura indispensável.

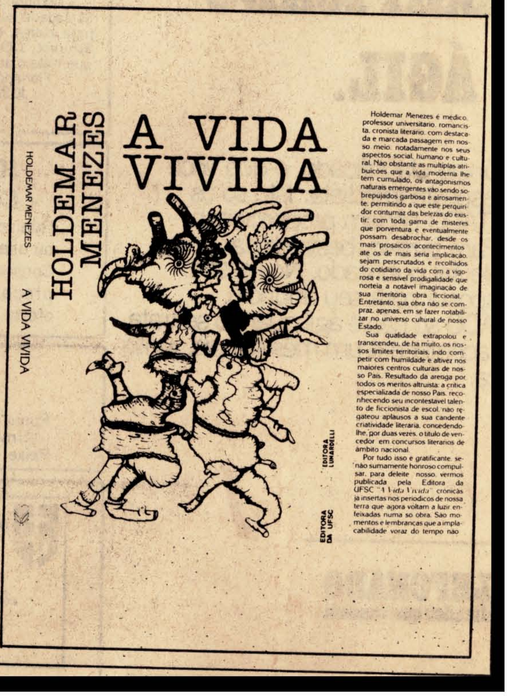
Os prazeres e os dias e **O inciferente**, de Marcel Proust, trad. de Fernandy Py, Ed. Nova Fronteira, RJ. Os primeiros trabalhos do autor de **Em busca do tempo perdido**. Se aqui não temos o grande analista da alma humana e da sociedade francesa de seu tempo, temos já o escritor sensível. E lê-lo é bom, em especial para os que se preocupam com o fenômeno da criação literária. Tenta-se, assim, descobrir no embrião a raiz do que seria o futuro escritor; e não é difícil perceber-se, por exemplo, no conto **O fim do ciúme** o tema que daria a trama de **Um amor de Swann**. O prefácio deste livro de um adolescente é de Anatole France, grande nome das letras francesas da época, e que seria retratado minuciosamente no **Em busca do tempo perdido**. Diz France em certo trecho que Proust "é tão sincero e autêntico que se torna ingênuo e assim me agrada. Existem nele traços de Bernardim de Saint Pierre depravado e do Petrônio simplório."

Lançamento Crônicas de Holdemar Menezes

Depois de dois romances em um ano (**A maçã triangular** e **Os residentes**), ambos publicados pela Editora Movimento, de Porto Alegre, Holdemar Menezes volta à crônica, com **A vida vivida**. O livro acaba de sair pela Editora da UFSC, co-edição com a Editora Lunardelli, e vai ser lançado amanhã, segunda-feira, dia 4, às 20 horas, no hall da reitoria da UFSC, no campus da Trindade.

Dividido em quatro partes ("Do cotidiano", "Viagens e impressões", "Da vida e da morte", "Do quase humor"). A **vida vivida** reúne trabalhos anteriormente publicados na imprensa catarinense. Neles, abordando temas do cotidiano, rememorações, impressões de fatos que o marcaram, estão presentes as qualidades de narrador de Holdemar Menezes, um dos mais expressivos ficcionistas de Santa Catarina, autor de dois importantes volumes de contos, **A coleira de Peggy** e **A sonda uretral**. Em 1976 Holdemar havia publicado outro livro de crônicas, **O barco naufragado**.

A apresentação é de João Francisco Vaz Sepetiba, que fala do autor e de sua posição nas letras catarinenses e brasileiras.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

274 - MIGUEL, Salim. Livros – Travessia comemora 60 anos da Semana de Arte Moderna .... **O Estado,** Florianópolis, 30 mar. 1983

O ESTADO - Fpolis, 30/03/83

LIVROS **274** **Salim Miguel**

Travessia comemora 60 anos da Semana de Arte Moderna

Um número monográfico, importante pela contribuição que dá para as comemorações dos 60 anos da Semana de Arte Moderna, é o que nos oferece **Travessia/5**, a revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, publicação semestral da Editora da UFSC. Correspondente a dezembro de 1982, este número é coordenado pelo prof. Raúl Antelo.

A proposta do número já vem colocada no primeiro parágrafo da apresentação de Antelo, quando ele diz que "não deixa de ser paradoxal o fato de comemorarmos os 60 anos de um movimento de ruptura". Mas é isto mesmo. Foi essa ruptura que permitiu se repensar culturalmente o Brasil, mesmo com os exageros e possíveis desacertos de todos os movimentos de ruptura. E ainda bem que assim é.

Dividido em partes — Retratos de família, Novas enfibraturas, Caderno de Minas, Caderno do Desterro, Avaliações —, o número é, ao mesmo tempo, um retrato e um balanço da Semana. E visto, na sua maior parte, por participantes da própria Semana. Aí estão retratos e depoimentos de Mário e Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Sérgio Milliet, Manoel Bandeira, Antonio de Alcântara Machado (por José Lins do Rego), Drummond, Murilo Mendes, Aníbal Machado, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, Flávio de Carvalho; e ilustrações de Segall, Portinari, Clovis Graciano, Anita Brack, Di Cavalcanti. Nas "Avaliações", Tânia Regina Oliveira Ramos divulga uma pesquisa feita pelo "O Jornal", e que tem curiosas e equivocadas respostas de membros da Academia Brasileira de Letras sobre a Semana, feitas ainda na década de 20 e que começa com uma entrevista—depoimento de Coelho Neto, enquanto Raúl Antelo fala de e dá inéditos de Murilo Mendes. No "Caderno do Desterro", artigo de Altino Flores sobre a visita de Graça Aranha a Florianópolis em 1924 (e é bom ver a colocação de AF), além de transcrição de um depoimento meu, publicado no "Correio do Povo" de Porto Alegre, em 5 de maio de 1956, a propósito do Grupo Sul e do modernismo em Santa Catarina. A não ser na forma, assino hoje o que disse naquela época.

MOMENTO DA POESIA

Lubricidade

Cruz e Sousa

Quisera ser a serpe venenosa
que dá-te medo e dá-te pesadelos
para envolver-me, ó Flor maravilhosa,
nos flavos turbilhões dos teus cabelos.

Quisera ser a serpe veludosa
para, enroscada em múltiplos novelos,
saltar-te aos seios de fluidez cheirosa
e babujá-los e depois mordê-los...

Talvez que o sangue impuro e flamejante
do teu lânguido corpo de bacante,
da langue ondulação de águas do Reno

Estranhamente se purificasse...
Pois que um veneno de áspide voraz
deve ser morto com igual veneno...

(**Poesia Completa,** *Cruz e Sousa, FCC - edições*)

Voltar a Cruz e Sousa — relembrar o grande simbolista catarinense — é sempre bom. Ei-lo então, aquele que marcou um dos momentos mais altos da poesia brasileira, aquele que é, no dizer de Roger Bastide, um dos três grandes do simbolismo universal, igualando-se a Mallarmé e a Stephan George.

Concursos da FNLIJ: desenho infantil, cartaz, livro

Três concursos vêm de ser lançados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, um de desenho infantil, um de cartazes e o outro de livro para o público juvenil. Abaixo as informações básicas. Os interessados devem se dirigir à FNLIJ, R. da Imprensa, 16-S/508/510, 20030, RJ.

I — Comemorando o centenário da publicação do Livro **Pinóquio**, o Ente Provicionale per el turismo de Pistoia e a Fondazione Nazionale Carlo Collodi de Pescia (Itália), promovem um concurso internacional de desenho infantil, ao qual poderão concorrer crianças de todos os países do mundo, entre os 6 e 10 anos de idade. O tema é a visão atual do boneco Pinóquio, personagem do livro do mesmo nome. No Brasil o concurso é promovido pelo Instituto Italiano de Cultura, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, com apoio da Alitaia. Cada participante poderá concorrer com um original, nos seguintes tamanhos: 25 x 35 e 35 x 50cm. Atrás do original, em letra de forma, nome e endereço do participante. A Comissão Julgadora será formada por representantes do Instituto Italiano de Cultura, FNLIJ e Alitalia. Serão selecionados 10 originais, que serão remetidos à Fondazione Nazionale Carlo Collodi, em Pescia, Itália, para participarem da exposição internacional a realizar-se em junho de 1983. O primeiro colocado entre os dez selecionados receberá passagem aérea de sua cidade até Pescia, para si e acompanhante, e estada de 7 dias. Na Itália, entre os selecionados de cada país, será escolhido o vencedor do Pinóquio de Ouro 1983. Remessa dos originais até o dia 15 de abril de 1983.

II — Comemorando seu 15º aniversário, a FNLIJ, com o apoio do Banco Crefisul, institui Concurso de Cartazes para escolha daquele que será o símbolo do Dia Internacional do Livro Infantil de 1984. Serão concedidos prêmios aos cinco melhores cartazes inspirados na mensagem da escritora Lygia Bojunga Nunes, prêmio Andersen de 1982, que tem como slogan "Livro, a troca". Os originais deverão ter formato 42x64 cm. para impressão a 4 cores em offset, em arte final, e pronto para reprodução. Trabalhos sob pseudônimo, acompanhado de envelope fechado contendo nome e endereço do concorrente, que poderá apresentar mais de um original, com pseudônimo diferente. Inscrições abertas até 15 de abril. Divulgação do resultado dia 16 de maio e prêmios entregues em cerimônia pública na inauguração da Exposição de Cartazes dia 23 de maio. Prêmios: 1º lugar — Cr$ 500 mil; 2º — Cr$ 300 mil; 3º — Cr$ 200 mil; 4º — Cr$ 150 mil; 5º — Cr$ 100 mil. O vencedor cederá à FNLIJ os direitos de reprodução para toda e qualquer promoção comemorativa do Dia Internacional do Livro Infantil de 1984, tanto nacional como internacional. Todos os artistas concorrentes permitirão que seus originais sejam expostos em mostras promovidas pela FNLIJ no período de 1983/4. A Comissão Julgadora será integrada por dois representantes da FNLIJ, sendo um artista gráfico, um representante do Banco Crefisul e um representante do Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

III — O concurso de livro juvenil, lançado pela 3ª vez, visa o incentivo para o aparecimento de bons textos para jovens. Foi instituído pelo escritor Ary Quintella em memória de seu filho Alfredo Machado Quintella. O prêmio será concedido a original inédito, destinado a leitores da faixa juvenil, e seu valor é o correspondente, em cruzeiros, a mil dólares. O original premiado será editado pela Editora Record. Os originais deverão ser apresentados em três vias, sob pseudônimo, papel tamanho ofício, datilografado de um só lado, espaço dois, mínimo de 120 laudas. Em envelope fechado à parte, ficha com dados de identificação do autor. As inscrições estarão abertas até o dia 31 de julho. A Comissão Julgadora será composta de um membro da FNLIJ e mais dois críticos ou especialistas em Literatura Infanto-Juvenil. A Comissão terá 120 dias para apresentar o resultado do trabalho.

Registro

A morte de Virgílio, de Hermann Broch, trad. de Herbert Caro, col. Grandes Romances, Ed. Nova Fronteira, RJ. Neste romance-poema recriam-se as últimas dezoito horas do criador da **Eneida.** O livro começa com a chegada do moribundo ao porto de Brundísio — e a partir daí tempo e espaço, memória e experiência se entrecruzam num longo e sensível monólogo interior, de profundo sentido, a propósito da vida e da morte, do homem e de sua destinação. É ler e conferir.

O imoralista, de André Gide, trad. de Theodomiro Tostes, Ed. Nova Fronteira, RJ. De cunho, em parte, autobiográfico, este romance narra a história de um jovem casado que renova o gosto da vida ao encontrar um belo adolescente árabe. Gide (1869-1951), prêmio Nobel de 1947, marcou gerações, foi amado e detestado, esteve uns tempos esquecido. Mas agora volta com sua prosa envolvente e seus temas ousados: perene conflito entre a sensualidade exacerbada e o fervor religioso.

A cabeça de Alvise, de Lina Wertmuller, trad. de Élia Edel, Ed. Record, RJ. Escritor policial agora famoso e rico, Sammy recorda, em linguagem desabusada, sua "amizade" com Alvise. É o porque de suas vidas eternamente entrelaçadas, a partir do encontro na Itália, a prisão durante a guerra, as peripécias da fuga, a chegada aos EUA — até o presente. Famosa e controvertida diretora de cinema (**Pasqualino sete beleza; Mimi metalúrgico**), Lina chega ao romance com o mesmo tom irônico e cortante.

Um cadáver ouve rádio, de Marcos Rey, Série vaga-lume, Ed. Ática, SP. Novamente tendo a cidade de São Paulo como centro de sua ficção, Rey faz desfilar, numa trama policial, personagens que já vem de seus livros anteriores para jovens: Leo, o mensageiro de hotel, seu primo Gino, enxadrista, e a gatinha Ângela. O sanfoneiro Boa-Vida é assassinado, a polícia está sem pistas, os três amigos vão ajudá-la e se metem em confusões até desvendar o crime. Linguagem simples e direta, suspense e emoção ponteiam a narrativa.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Farsa amarga que faz pensar e rir

De repente, um livro que pega a gente; e um personagem que nos obriga a repensá-lo, querendo modificar o rumo da história que lhe traçou o autor.

Assim é Ignatius Ja. Reilly, personagem de Uma confraria de tolos, primeiro e único romance de John Kennedy Toole, recém-lançado no Brasil pela Ed. Record, em tradução de Cristina Borelii.

Figura das mais estranhas criada pela ficção norte-americana dos últimos tempos (ou de todos os tempos), ele, por igual, nos irrita e nos atrai. Acompanhados, com crescente perplexidade, suas gordas andanças e seu ar aprendizado confuso da vida.

Mas não só Ignatius é bem construído: o romance possui uma fascinante galeria de tipos (uma de suas maiores forças), a começar pela mãe super-protetora de Ignatius, mas que não sabe como levá-lo (nem levar a si própria), passando pelo guarda Mancuso e as trapalhadas que lhe arma (quando ele próprio não as arma) o sargento, indo para o gerente da indústria de calças Levy, Sr. Gonzalez, envolvido num universo kafkeano que mais kafkeano se torna com a demissão de Ignatius entre seus empregados, a velhinha que trabalha no escritório, já caquética, e não consegue se aposentar porque a Sra. Levy, mulher do dono, quer na pobre aplicar seus estudos de psicologia, o negro Burma Jones, com várias prisões por vadiagem, que se submete a um salário de fome e ameaças na boate onde se encontra a stripteaser que não se conforma com sua mediocridade como atriz, tendo que dar para sobreviver, enquanto a namorada de Ignatius, Mirna, liberada, não sabe mais o que fazer para iniciá-lo no sexo.

Misto, no dizer do prefaciador Walter Percy, também romancista, de Thomás de Aquino arruinado, D. Quixote gordo e Oliver Hardy louco, o gordíssimo Ignatius, colecionador de fracassos, é, sem dúvida, uma criação literária que terá lugar certo entre as mais instigantes e intrigantes personagens de ficção.

Fio condutor de uma história descosturada, mas que acaba por se fechar, o livro é um retrato virulento da sociedade norte-americana. Amargo e satírico, verídico e calcado numa realidade que o autor devia conhecer bastante bem, aquela Nova Orleans, com suas ruas e gentes.

Mas quem é o autor deste tragicômico romance.

Toole nasceu em Nova Orleans em 1937, obteve o diploma de Master em inglês pela Universidade de Columbia, lecionou em estabelecimentos de ensino superior nos EUA e em 1969 cometeu suicídio. O romance inédito ficou com sua mãe, que tentou editá-lo, mas só conseguiu fazê-lo em 1976, depois de praticamente ter obrigado o romancista Walker Percy (autor de A segunda vinda, há pouco publicado no Brasil) a ler os originais. Começando com evidente má vontade, Percy foi se empolgando e conseguiu a edição do livro, que acabou alcançando o Prêmio Pulitzer 1981 na categoria de ficção.

MOMENTO DA POESIA

Tempoeternidade

Carlos de Freitas

Os deuses não dão o que pedimos
mas o que podemos suportar.
A eternidade é tecida de momentos
e os homens são alimento do tempo.
O tempo dos deuses alimenta-se de deuses
o tempo dos guerreiros alimenta-se de guerreiros
o tempo dos artistas alimenta-se de artistas
o tempo dos operários alimenta-se de operários
o tempo dos homens que negam
alimenta-se de homens que negam
o tempo dos pusilânimes
alimenta-se de pusilâmes
o tempo dos homems pequenos alimenta-se de homens pequenos
o tempo dos poderosos alimenta-se de poderosos
o tempo da obscuridade alimenta-se de obscuridade
o tempo dos heróis alimenta-se de heróis.
Cada homem tem o tempo que o devora.
Só os monges loucos
e os velhos poetas
conhecem o exercício da solidão
que leva aos caminhos do eterno.

Este poema de Carlos Freitas faz parte do livro **Inventário**, que será publicado este ano em Florianópolis. Trata-se do segundo livro de poemas desse jornalista que é considerado "o poeta do jornalismo" em São Paulo. Um poema seu ("Não te inquietes"), teve grande repercussão nos meios profissionais e literários de São Paulo, onde o autor trabalhava na época. Freitas, jornalista há 33 anos, militou por duas décadas na imprensa paulista, onde deixou nome feito como repórter e redator. Nos últimos 11 anos vive em Santa Catarina. De abril de 81 a abril de 82 foi redator-chefe do jornal A Notícia, de Joinvile, que passou, nesse período, por uma fase de progresso e produção jornalística de nível. Volta agora a Florianópolis, como chefe de gabinete de um dos novos deputados. Além de **Inventário** tem um livro de pequenas histórias acabado e um estudo, **Dois brancos e um preto**, de crítica literária, onde trata da poesia do poeta negro Solano Tr Trindade, do poeta catarinense C.Ronald e de um contista de Santa Catarina. Mas o que o entusiasma no momento é uma pequena novela que está quase acabada.

Registro

Evita, de Horácio González, col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense, SP. Figura carismática, ex-atriz que chegou ao poder com Peron, Eva, Evita, ainda hoje é admirada e detestada com igual força na Argentina. O musical nela baseado, de sucesso nos EUA e agora no Brasil, fez renascer com mais ímpeto o mito Evita. Aqui, o autor, ex-professor da Universidade de Buenos Aires, fala da atriz, da política, da mulher e do mito, num misto de biografia e depoimento.

O livro das previsões, de Irving Wallace, David Wallechinsky e Amy Wallace, Ed. Francisco Alves, RJ. Um gênero de sucesso contínuo nos EUA chega ao Brasil; o gênero, diga-se de passagem, comporta diferentes compartimentos: pode ser de listas de coisas pitorescas, de histórias de gente famosa, etc. etc. etc. Aqui são previsões para informar, assustar, divertir. Os autores contactaram diferentes pessoas visando se situar a respeito do que poderá — ou deverá — acontecer nos próximos anos. Além de líderes, há também opiniões de videntes e sensitivos. Temos, então, previsões assim: 1986 — A república Popular da China colocará um astronauta em órbita; 1989 — Um computador faz uma descoberta científica original e seu programa é indicado para o Prêmio Nobel; 2000 — Esgotar-se-ão as reservas de petróelo do Golfo Pérsico.

Brasília na Poesia Brasileira, antologia, seleção e organização de Joancyr de Oliveira, Ed. Cátedra/Pró-Memória-INL,RJ-Brasília. Residindo desde 1960 em Brasília, testemunha do nascimento da cidade, o organizador resolveu mostrar com a metrópole do Século XXI é vista pela sensibilidade dos poetas. Então reuniu 33 deles, das mais variadas gerações e tendências, com a mesma temática — Brasília — vista e sentida diferentemente, dando-nos uma espécie de roteiro sentimental. Notas de apresentação e bibliográficas completam o volume.

O Processo de Relações Públicas, de Hebe Wey, Ed. Summus, SP. Livro que, com um enfoque voltado às características do Brasil, embora sem por isso perder a referência internacional, nos situa diante da crescente importância que as Relações Públicas assumem em nossa complexa vida moderna.

Psicologia da Adolescência e Psicologia da Idade Adulta1, de Merval Rosa, coleção Psicologia Evolutiva, volumes 3 e 4, Ed. Vozes, Petropolis, RJ. Complementação dos livros Problemáticos do Desenvolvimento e Psicologia da Infância, neles o A., sem pretensões a apresentar teorias próprias, estuda o desenvolvimento da pessoa humana, desde o embrião até a velhice, através de uma ótica ortodoxamente freudiana. Livros destinados a serem usados didaticamente, para principiantes em psicologia.

Receitas de Feitiços e Encantos Afro-Brasileiros, de Nívio Ramos Sales, Ed. Achiamé, RJ. Para todos os fins: atração, briga, amarração, casar, contra olho-grande, contra o mal, para atrair o bem, para melhorar as finanças, para arranjar emprego, fastar inimigos... Muito necessário nestes tempos de crise...

História Sincera da República, volume 4, 3.ª edição, de Leôncio Basbaum, Editora Alfa Omega, SP. Este volume cobre o período que vai da posse de Jango até o final do período Castelo Branco, passando pelo golpe militar de 1964. Sendo uma História "sincera", é uma abordagem crítica de nossa história recente, uma tentativa de interpretação científica da História do Brasil.

Reminiscências de Viena ao Novo wmundo, de Peter Drucker, trad. de Carlos Alfonso Malferrari, Ed. Pioneira, SP. O autor relata, de modo divertido, sua vida ao lado de pessoas famosas, como Sigmund Freud e Keynes. O "guru" da administração, o A. revela aqui outra de suas facetas, levando o leitor numa viagem que começa na Viena de sua infância, durante a I Grande Guerra, passando por outros países da Europa e terminando nos EUA do "New Deal".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 20/4/83 Salim Miguel

Três mulheres, três propostas 276

Da Ed. Codecri/Pasquim, RJ, três livros, de três mulheres, com três propostas: em dois, que se aproximam, utilizando-se de um misto de memorialismo e ficção, uma reflexão sobre nosso passado recente; no outro, análise da obra de compositores populares marcados pela mesma preocupação e todos eles importantes para a nossa música.

Quem não ouve o seu papai, um dia... balança e cai, de Maria Lúcia Dahl, nos devolve personagens que viveram o clima cultural e político da década de 60. Atriz e de cinema, versátil e inquieta, ela procura resgatar um período que a marcou e marcou sua geração, que ficou conhecida como "geração Paissandu", um cinema que no Rio projetava filmes de vanguarda e contestação (estes na medida do possível), que reunia artistas e intelectuais. O título, irônico como o livro, é extraído de uma obra de Wilhelm Busch, na qual um pai previne o filho de que ele vai cair da cadeira, onde se balança. E o garoto cai;

Estrela da consciência, de Carmi G. Gomes, que a A. subintitula de "um panfleto literário", também se coloca entre a realidade e a ficção, num período mais próximo: aqui estamos entre a realidade e a ficção, num período mais próximo: aqui estamos entre o arrocho maior (1969) e a abertura (1979). É o retrato de uma mulher que fez sua opção pela militância política e que agora tenta se debruçar sobre o passado para melhor compreender tudo aquilo de que participou e suas conseqüências. Montagens de jornais da época, intercalados, traçam como que um roteiro daquela caminhada;

Samba-canção, fratura e paixão, de Beatriz Borges, busca uma aproximação entre nomes da nossa música popular como Cartola, Nelson Cavaquinho, Lupicínio Rodrigues, Guilherme de Brito, Orestes Barbosa, Carlos Cachaça, Ismael Silva. Uma turma da pesada. Nesta tese de mestrado apresentada ao Dep. de Letras da PUC/RJ e aprovada por Luiz Costa Lima, Vilma Sant'Anna Arêas e Afonso Romano de Sant'Anna, a A. explica a razão da linguagem fortemente passional dos sambas-canção. A leitura atenta de letras faz com que Beatriz veja-as próximas do kitsch. Mas daquele "bom ou mau gosto" ressalta um estranho fascínio que envolve e atrai, prendendo-nos ou sua teia.

MOMENTO DA POESIA

Poema Íntimo

Aníbal Nunes Pires

Fecho os olhos
e, no silêncio revelador,
eu vejo o passado.

Os sonhos irrealizados,
as paixões fortes e humanas,
as expressões não pronunciadas...

A verdade sobre mim mesmo
fica tão perto quando estou
de olhos fechados...

...E as cogitações estéticas
que a palavra rude e imprecisa
não pode manifestar...

A verdade sobre mim mesmo
fica tão longe quando estou
de olhos abertos...

(**Terra Fraca,** *poemas, de Aníbal Nunes Pires, Cadernos SUL, Fpolis, 1956*)

* * *

A imensa figura humana que foi Aníbal Nunes Pires, o professor tão à frente de sua época que foi Aníbal Nunes Pires, tudo isto, por vezes, obscurece ou deixa num segundo plano o poeta sensível e o bom contista que ele foi. Figura de proa do Grupo SUL, desprendido, ele vibrava com a projeção de um amigo e companheiro. Conseguir publicar-lhe um caderno de poemas foi uma luta. E é do caderno o poema que transcrevemos acima, retrato do homem e do artista.

2a. Bienal Nestlé: Cr$ 10,5 milhões em prêmios

Lançada em São Paulo dia 7, com inscrições já a partir do dia 8 e que irão até o dia 8 de outubro, a 2.ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira vai oferecer um total de Cr$ 10,5 milhões em prêmios, nas categorias romance, conto, poesia, assim distribuídos: Cr$ 2 milhões para o 1.º colocado, Cr$ 1 milhão para o 2.º e Cr$ 500 mil para o 3.º, em cada categoria.

Os interessados em participar devem enviar obra inédita, sob pseudônimo, escrita em português, apresentada em seis vias datilografadas em papel ofício, em apenas uma face do papel, em espaço dois, mínimo de 64 laudas, para a Rua da Proclamação 545, Rio de Janeiro. E da mesma forma que na 1.ª Bienal, os livros premiados serão editados.

Visão da terra e gente siciliana

Nome bastante expressivo das letras italianas no Século XIX, de Giovanni Verga praticamente nada se conhece no Brasil. Apenas raros contos em antologias. Daí a importância deste Contos Sicilianos, que acaba de aparecer na Col. Estante de Literatura, da Pioneira Editora co-edição com a Editora da Universidade de São Paulo.

A Sicília, sua terra e sua gente são os temas destes contos, nos quais está presente um narrador que sabe sentir, compreender e transmitir com inegável força.

A seleção começa com "Nedda", conto de transição para a segunda fase do escritor, onde estão seus melhores trabalhos. A coordenação e introdução ao volume é do professor Carmelo Distante; e as traduções foram entregues a professores do curso de italiano da USP.

Justificando o critério adotado para a escolha dos textos, Carmelo Distante explica que quis dar uma visão do universo de Verga e de sua técnica narrativa, além do fato da opção pelos contos resultar de uma proposta de tradução por um número de professores e não um único. Isto inviabilizou a escolha de um romance do autor.

Em rápidas palavras, o coordenador se detém na análise de cada um dos contos, desde os francamente satíricos como "Guerra de santos", até os amargos como "Pão amargo". Mas em todos um veio lírico e uma funda preocupação com o narrar. E na maioria deles, um final violento como violenta era o viver naquela região.

Registro

Marcel Proust, de José Maria Cançado, col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense, SP. Nesta sucinta viagem a Proust, uma fascinante visão de seu mundo e de seu fazer literário. Cançado nos mostra o que foi a vida do autor de Em busca do tempo perdido e de como e porque esta obra mudou todo um conceito de literatura, influenciando gerações em toda parte.

A segunda etapa, de Betty Friedan, trad. de Edna Jansen de Mello, col. Presença, Ed. Francisco Alves, RJ. Sob certos aspectos a Autora retoma e amplia temas de seu livro da década de 60, **A mística feminina.** Só que agora ela coloca problemas ainda mais candentes: por exemplo, como devem fazer as mulheres para viver a igualdade conquistada? Abordagem direta de questões que afligem homens e mulheres.

Segredos desvelados, de Walt Anderson, trad. de Luiz Horácio da Matta, col. Arcanos, Ed. Francisco Alves, RJ. Em linguagem simples, os fundamentos do Budismo Tibetano. Não sendo um budista, o A. fez um texto de divulgação, que se inicia com uma pequena história do budismo, explicando conceitos básicos como karma, samsara, nirvana, karuna, shuvata. E termina com orientação sobre relaxamento, saúde, cura.

O mito da liberdade, de B.F. Skinner, trad. de Elisane Reis Barbosa Rebelo, Summus Editorial, SP. Nova edição de um livro atual pelo tema e pela colocação do tema. O A. se vale, inclusive, de dados sociológicos e históricos, para a discussão. Autor de obra extensa, Skinner é um psicólogo bastante conhecido. Aqui ele mostra como se pode chegar á uma nova atitude do homem face a seus semelhantes.

RS: modernização e crise na agricultura, de Elomar Tambara, col. Documenta/ Economia 16, Ed. Mercado Aberto, RS. Um livro para professores, estudantes e técnicos agrícolas, economistas e políticos. De forma didática, informações básicas sobre os problemas que afetam, econômica e socialmente, as zonas agrárias gaúchas em especial — e por extensão as zonas agrárias de todo o País.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 13/4/83 **Salim Miguel**

A PREVIA DO LIVRO

Osvaldo Della Giustina, novo ficcionista na praça

277

Osvaldo Della Giustina sempre foi uma personalidade de muitas facetas. Professor universitário, criou e presidiu a Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina e a Associação Catarinense de Fundações Educacionais (Acafe). Político, foi deputado estadual pelo extinto PDC. Jornalista, dirigiu no Sul do Estado o jornal Correio Sulino e a Rádio Tubá. Homem público, implantou a Fucat e foi secretário de Planejamento e de Modernização Administrativa do Ministério do Trabalho e chefe da Assessoria Parlamentar do Ministério da Educação. Dali veio para Santa Catarina, no ano passado, tendo sido secretário do Bem Estar Social. Agora retorna a Brasília, para atuar junto à Presidência da República como adjunto da Secretaria de Imprensa e Divulgação.

Como escritor, lançou dois livros: **Educação e capacitação para o trabalho — administração e modelos operacionais**, já em 2.ª edição; e **A idade do homem - fundamentos para uma nova ordem social**, também em 2.ª edição.

Agora, Della Giustina surpreende até mesmo seus amigos mais íntimos. Concorrendo com mais de dois mil originais de todo o País, seu romance **Cícero Dias e seu longo processo de morrer** foi um dos finalistas da I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, selecionado por uma Comissão Julgadora constituída de nomes expressivos das letras nacionais.

Della Giustina afirma que, na verdade, em Cícero Dias o que realmente mudou foi a forma. O conteúdo — expresso no sub-título, uma interpretação fantástica da cultura e da burocracia nacional — permanece o mesmo: a defesa permanente da dignidade da pessoa humana, esmagada pelas máquinas que a civilização moderna criou ou sustenta para esmagá-lo.

A história de Cícero Dias parte de um fato real: a existência, em algum canal competente, da burocracia nacional, de um processo que vem se arrastando há mais de 40 anos, sem que haja, para ele, qualquer solução.

A dimensão deste primeiro processo de morrer — o dos papéis, que atinge uma dimensão kafkiana — se confunde com a dimensão do segundo processo de morrer de Cícero Dias, a sua própria vida, a que se começa a renascer do outro lado — e Cícero passa a ter sua primeira experiência de eternidade a partir do momento em que "no meio de alucinações e sinfonias inacabadas de Beethoven ouve claramente alguém dizer e o Ciço morreu. Como era a primeira vez que ele morria, Cícero Dias nunca tinha morrido antes, ele não sabia que morrer era assim..." então este outro processo de morrer a partir da constatação inicial se transforma na terceira dimensão do processo de morrer de Cícero Dias, a dimensão escatológica, ou metafísica, que se mistura com a dimensão humana, social e política do enredo.

Cícero Dias e seu longo processo de morrer está em fase de editoração na Almed, São Paulo, terá capa de Rodrigo de Haro, devendo chegar às livrarias em junho próximo.

MOMENTO DA POESIA

Anoitecendo

Antonio Paladino

Sinto o silêncio...
O silêncio nostálgico das tardes de outono.
E um langor lasso,
Enfadonho,
Medonho...
E o tédio que nasce de tudo o que faço...

Sinto a tristeza...
A tristeza invulgar das tardes de outono.
E uma apatia estranha,
Doentia,
Sombria...
E o descanso que tudo acompanha.

Sinto a saudade...
A saudade nascida das tardes de outono.
E um vago prazer,
Agradável,
Adorável...
E a paz efêmera que empolga meu ser.

Uma brisa fresca sacode o arvoredo
Folhas secas despenham-se no espaço ilêncio, há tris-
Há silêncio, há tristeza há saudade
E a tarde vai fugindo, vai fugindo
Passo a passo.

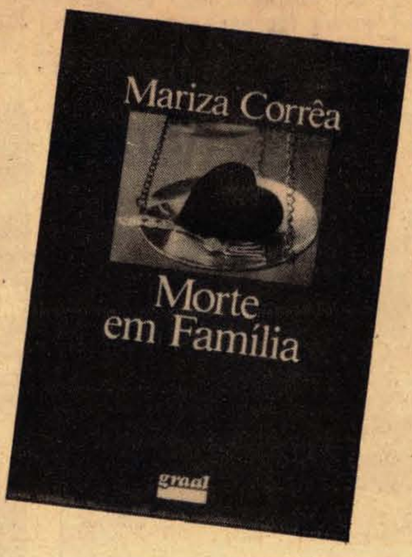
(**A Ponte** - *prosa e verso - Antonio Paladino, Edições Sul, Florianópolis, 1952*)

* * *

Neste outono, de repente, a lembrança e a saudade de Antonio Paladino (Florianópolis, 1925-1950), o amigo e companheiro Toninho, que tão cedo nos deixou. Poeta, contista, crítico, bom papo, ele foi um dos iniciadores do movimento de renovação cultural em Santa Catarina, que ficou conhecido como Grupo Sul. Doente, asmático, a tuberculose o levou aos vinte e cinco anos incompletos. Mas até o fim participou do movimento, escrevendo, se interessando pelo que os outros faziam, animando-nos, questionando-se e nos questionando. E sua firmeza servia de estímulo para todos nós. O pouco que deixou e que foi reunido em volume pelas Edições Sul, Fpolis, 1952, revela nao so talento, mas também fina sensibilidade e preocupação constante com o texto. É o que mostra o poema que selecionamos, banhado por uma funda melancolia, marca aliás de quem sabia que sua caminhada seria curta.

Registro

Morte em Família, de Mariza Corrêa, Ed. Graal, SP. Estudo a respeito de julgamentos de assassinatos, ou tentativas de, entre casais: homens e mulheres que sentaram no banco dos réus do Tribunal do Júri, em Campinas, SP, num período de vinte anos e assistiram à sua transformação um estereótipos do masculino e do feminino aceitos na sociedade brasileira como imagens adequadas do homem e da mulher. Mariza faz também uma reflexão sobre a transformação sofrida pelos atos considerados criminosos em nossa sociedade, ao serem eles apropriados pelo sistema jurídico, passando a ser parte dos autos de um processo.



Bette Davis, de Charles Higham, trad. de Luiz Horácio da Matta, Ed. Francisco Alves, RJ. Uma atriz que marcou época, uma verdadeira estrela tem nesta biografia uma visão do que ela foi e significou. O Autor traçou com cuidado um retrato fascinante desta mulher — dando-nos, também, um painel dos grandes dias de Hollywood. La Davis foi estrela de filmes inesquecíveis, entre eles **Jezebel, Servidão Humana, A Malvada, Tudo isto e o céu também, O que aconteceu com Baby Jane?** O livro é fartamente ilustrado com cenas de filmes e da vida de Bette.

Entre o céu e o inferno, de Julio Iglesias, trad. de Reinaldo Guarany, Ed. Record, RJ. Autobiografia de um cantor famoso, ídolo em várias partes do mundo. Não narrando em ordem cronológica, ele se deixa levar ao sabor das lembranças, falando de sua vida, de si mesmo com franqueza e de sua carreira pontilhada de sucessos. Tudo acompanhado de fotos que igualmente o seguem na vida e na carreira.

O problema ecológico, de Antonio Moser, Ed. Vozes, RJ, Um desafio que vem preocupando a sociedade como um todo é a solução do problema ecológico, pois sem equilíbrio do meio ambiente não pode haver verdadeiro equilíbrio do homem. A partir daí, o livro levanta e coloca este tema tão atual, buscando encontrar uma saída para um problema que é um dos mais sérios desafios que a humanidade enfrenta.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Curso sobre a poesia de Maiakovski

A obra poética de Maiakovski vai ser estudada por Boris Schnaiderman, em curso a ser ministrado na UFSC, nos dias 29 e 30, sexta-feira e sábado próximos.

A um tempo lírico e épico, Vladimir Maiakovski deixou a marca de seu gênio não só na poesia russa, mas em toda a poesia moderna.

Schnaiderman foi professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP; é ensaista, estudioso e tradutor da obra de escritores como Dostoievski, Tolstoi, Maiakovski, autor de vários livros, grande divulgador da poesia russa entre nós, vertendo-a diretamente do russo.

Entre suas traduções estão **Poemas de Maiakovski** (em colaboração com Augusto e Haroldo de Campos); **Poesia Russa Moderna** (também em colaboração com Augusto e Haroldo de Campos); e as novelas **A morte de Ivan Illitch** e **Khadji Murat**, de Tolsloi; e são livros seus **A poética de Maiakovski através de sua prosa; Dostoievski, prosa poesia; Turbilhão e Semente**, ensaios sobre Dostoiesvki e Bakhtin; **Leão Tolstoi**, biografia: é um livro de ficção, **Guerra em Surdina.**

A promoção é do Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, e o Curso sobre a Poesia de Maiakovski vai ter lugar no Campus da Trindade, Centro de Comunicação e Expressão, sala 213 (dias 29, às 14h30m) e sala 212 (dia 30, às 9h30m).

Abaixo, fragmentos da poesia de Maiakovski, o primeiro dedicado a Lila Brick, sua grande paixão:

"Tomaste e tiraste meu coração
e tranquilamente te foste com ele jogar
como uma criança joga com uma bola.

* * *

E eu,
de alegria,
esquecendo-me de mim,
saltava,
como em casamento de índio.
Tão alegre,
e tão bem me sentia."
Barato, se liquida *(trecho final)*

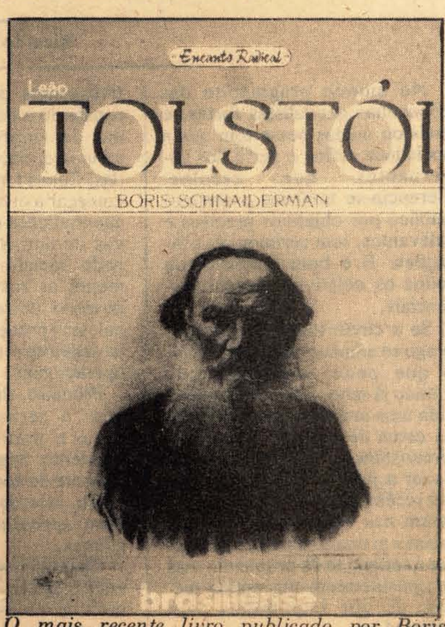
* * *

"Tudo isto, querem?
entrego-o em seguida,
por uma única palavra,
carinhosa,
humana.
Gente!
Vinde, levantando poeira pelas avenidas
esmagando corpos, pisando rostos.
Vinde de toda a terra
hoje,
em Petersburgo,
na Rua Nadiezda (1)
por menos de um kopek,
se liquida uma valiosissima coroa
por uma palavra humana.
Barato, não é?
Anda, busca
encontrá-la!"
(1) Rua onde viveu Maiakovski
Guerra e Paz *(trecho final)*

* * *

Gente!
Amados!
E os não amados,
os conhecidos
e os desconhecidos.
Passai em desfile por minhas portas!
O homem,
livre —
de quem vos falo, —
virá,
acreditai-me,
acreditai!

Uma das derradeiras fotos de Maiakovski, pouco antes de se suicidar.



O mais recente livro publicado por Boris Schnaiderman.

Dicionário de autores catarinenses contemporâneos

Iaponan Soares, escritor, pesquisador, apaixonado pelo livro (se em primeira edição tanto melhor), acaba de entregar à Fundação Catarinense de Cultura um projeto de grande importância. Trata-se de um cadastramento minucioso, um mapeamento exaustivo de todos os escritores que, hoje, em Santa Catarina, se dedicam às letras. A utilidade do trabalho é inegável.

Num levantamento inicial, para justificar o projeto, levantado em consideração somente escritores com livros publicados, ou aqueles que já tenham participado de volumes coletivos ou antologias, Iaponan chegou a quase duzentos.

A proposta contida no projeto é de um livro prático, com dados objetivos, de fácil manuseio, sem entrar no mérito de cada autor.

Seria, no caso, na linha do Dicionário há pouco publicado no Rio Grande do Sul. Escoimado (vá lá o "palavrão") de algumas falhas ou imprecisões contidas naquele.

A base do livro seria um questionário remetido a cada autor, com prazo de devolução. Em cima do questionário, respeitando-se os dados mas retrabalhando-os para se dar uma unidade, o dicionário.

Agora, é esperar o pronunciamento da FCC. Por sinal, parece-nos ser esta uma atribuição do órgão. Aliás, a respeito, quando registramos o aparecimento do volume gaúcho, perguntávamos por que aqui não se fazia algo semelhante. A pergunta, agora na base de algo concreto, que é o projeto de Iaponan Soares, continua valendo.

Registro

Crônicas-2, de Raul Pompéia, Obras-vol. VII, organização de Afrânio Coutinho, Ed. Civilização Brasileira/OLAC-MEC-Fename, RJ-Brasília. Já vai caminhando para o fim o minucioso levantamento de tudo o que Raul Pompéia deixou. Com isto se esvai a história de que sua obra se limitava a **O Ateneu e Canções sem Metro.** Recolhidos os esparsos, serão dez volumes. Neste, crônicas de diversos órgãos, com temas variados, mostrando a amplidão de interesses do escritor.

Filhas do segundo sexo, de Paulo Francis, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em pouco tempo, chega à 2º edição este livro que contém duas novelas de um autor polêmico. Embora independentes, elas se completam. E traçam, ao mesmo tempo, o perfil de duas figuras femininas e um quadro amargo da sociedades brasileira dos últimos anos.

Fanaticos, de René Martin, trad. de Paulo Gonçalves Cunha, Ed. Francisco Alves, RJ. Sob este pseudônimo, um financista de experiência internacional. Dele já saiu no Brasil **O tesouro de Zapata.** Aqui, através de um personagem que é o típico anti-herói, o agente especial inglês George Trendd, uma movimentada história de espionagem. Calcada em fatos correntes e com todos os ingredientes do gênero.

Rapsódia européia, de João Manoel Simões, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 2.ª Edição, revista e aumentada, poemas que são um passeio pela Europa, vista por alguém sensível e lírico. A crítica foi unânime nos elogios a primeira edição, tendo o crítico catarinense Nereu Correa destacado a importância do poeta paranaense, acentuando em certo trecho. "... como também pela originalidade de seu estilo poético, pela novidade das imagens, de grande poder sugestivo".

Noites de desejo, de Monique van Vooren, trad. de Tati de Moraes, Ed. Record, RJ. A trama tem como eixo básico o envolvimento de três mulheres e um homem, desenrolando-se nas altas rodas de cinco continentes e envolvendo uma vasta comparsaria. Vladimir Volodin, astro de balé, desertor da URSS (veja-se a aproximação com famoso bailarino) faz sucesso não só no paleo, mas também entre as mulheres, três delas se apaixonando perdidamente por ele e disputando-o. A partir daí, emoção e intriga para valer, neste best-seler que vem fazendo sucesso em outros países.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 4/5/83 **Salim Miguel**

Um jogo que não termina

279

Retomando temas ou renovando temas, neste O jogo terminado, que acaba de aparecer pela Livraria José Olympio Editora, Edilberto Coutinho se mantém fiel à sua escrita: aí estão os múltiplos jogos da vida com que ele se defronta. Procurando desvelá-los, Coutinho cria uma série de ficções curtas, que se organizam em blocos independentes, mas interligados pela proposta ficcional e pela preocupação narrativa. E é então que temos a visão lírico-amarga e crítico-realista do escritor sobre o jogo do amor e do sexo, do grotesco e do carnavalesco, das máscaras, do político, do esportivo, da infância e da adolescência, da solidão e da morte — partes em que está dividido o livro. Numa espécie de Introdução, "Por que estes jogos?", Coutinho procura, ao mesmo tempo, nos esclarecer e se esclarecer. Tenta mostrar a raiz de sua formação e de suas preocupações básicas, as motivações que o levaram a estreiar tão cedo e tão cedo abandonar a ficção, pensando que dela se havia liberado, para, bem mais tarde, aperceber-se de que ninguém consegue se livrar os vírus. E ele retoma, desta vez para vale, o curso das letras, a prática da ficção, publicando, em pouco tempo, livros como Um negro vai à forra; Sangue na praça; Maracanã adeus, todos de contos, além de outros de ensaios e crítica, que logo o projetaram. Tentando, conforme diz a respeito deste **O jogo terminado,** mas que pode valer para os outros, "uma saída lúcida, mas que seja também lúcida".

E enquanto **O jogo terminado** vai para as livrarias disputar seu lugar, **Maracanã, adeus,** onze histórias de futebol, prêmio Casa de las Américas, chega à 3.ª edição e é tema de mais um seminário, neste semestre entre os alunos da professora Maria Consuelo Cunha Campos, na Universidade Santa Ursula, no Rio de Janeiro. A professora-orientadora está propondo, além de outras, as seguintes questões: futebol como dramatização da sociedade brasileira, através da ficção de Edilberto Coutinho; o modo como, no livro, se conta em termos ficcionais, uma história do nosso povo; a utilização do elemento sócio-cultural, com o estudo da justaposição entre a ficção e a realidade; o jogo como metáfora da sociedade; o sentido da denúncia dos contos analisados, discutindo-se a afirmação contida num deles de que "os gols numa partida são, muitas vezes, feitos contra os dominados".

MOMENTO DA POESIA

Brancura

Marcos Konder Reis

Deslembro uma tristeza e desve (le) jo
branco bando de pombos brotar deste poema
ou de sua janela uma rede
carregada de estrelas, os peixes na praia.

Que parte do amor não soube a morte, se impossível,
do amor não soube o fenecer
a ponto de erguer na espada um rijo canto?

E o que te impede a tecelagem
de uma suposta e nova encarnação?

Quem foge pela noite desmontada
por uma ausência feita de neblina,
e quem te distraiu tão manso para ser cantado
o enigma do teu sorriso indecifrado?

Sol dos tristes e Caporal douradinho, de Marcos Konder Reis, Ed. Martins - MEC, 1976).

* * *

Representante da chamada Geração 45, Marcos Konder Reis é dos nomes mais expressivos da moderna poesia brasileira. Catarinense há muito radicado no Rio de Janeiro, com freqüentes incursões por sua terra natal, em sua poesia, anota a crítica, a uma dicotomia, um tempo que interliga a infância à vida adulta, sua Itajaí ao seu Rio. A obra poética (e também a prosa) de Marcos já é bastante significativa, pelo volume de títulos e pela qualidade do texto. Sensível e lírico, eis um bom exemplo de seu verso neste poema extraído de **Caporal douradinho.**

Escrever é perdição?

Neste seu novo livro de ficções, **Adriana e outras histórias mentirosas,** Everaldo Moreira Veras transita com igual desenvoltura de um tema para outro. Se no primeiro ele retrabalha, com um toque bem pessoal, a antiga e sempre nova história do marido enganado, "O último a saber", dando-lhe um final de extrema violência, já no segundo texto (A.T.A.) o que temos é a reelaboração da criação do mundo, narrada por alguém que está redigindo a Ata; e no terceiro, "Acorrentado", é exatamente isto, uma história daquelas famosas correntes que todos nós já um dia recebemos e que devemos passar adiante, sem o que sobre nossas cabeças desabarão infindáveis tragédias (como se já não bastassem as que por aí andam). Assim, então, variando de tema, Everaldo vai erguendo sua série de ficções que se interligam pelo tratamento e pela proposta narrativa. Pois o que assinala a obra deste escritor, e não só neste livro, é acima de tudo a sua peculiar maneira de compor. Ele procura um estilo todo pessoal, buscando como que visualisar o que narra, armando cenas soltas em quadros que se justapõem a outras cenas, lembrando por vezes o esboço de um roteiro cinematográfico. Deve-se convir que isto pode causar estranheza ao se iniciar a leitura, por um lado; pelo outro, a repetição da fórmula, cria às vezes uma monotonia que só não se torna mais profunda graças aos expedientes empregados para manter viva a atenção do leitor. Batalhador incansável das letras, com vários livros publicados, (prosa, poesia, infanto-juvenis), seja por editoras convencionais seja por alternativas, premiado em concursos nacionais e regionais, Everaldo diz que "escrever para mim é um gesto de perdição (que) exige sobretudo renúncia." Perdição ou não, renúncia ou não, escapar quem ha-de do vírus!

Visão do interior goiano

O trato diário de um médico com a população do interior goiano serve de base para estes causos que Bernardo Rodrigues vai desfiando. Este seu **Um consultório na roça,** em 2.ª edição, editado pelo próprio autor, mostra o relacionamento do médico, no caso ele mesmo, com as gentes simples que vão procurá-lo buscando cura ou consolo. Ele tenta, então, reproduzir o linguajar caboclo, por um lado; por outro, fixar as histórias comoventes ou dramáticas, cômicas muitas vezes, mas sempre sofridas.

E dá um documentário de hábitos e costumes, mostrando que o povo é um "neologista", criando ou recriando palavras que Bernardo, "de fora", fixa. Como a distribuição é precária, aqui fica o endereço do Autor para os interessados em adquirir o livro: Dr. Bernardo José Rodrigues. Cx. Postal, 270 — Cep 77.100. Anápolis, Goiás.

Registro

A invenção da verdade (Crítica de poesia), de Antônio Olinto, Editora Nórdica/Pró-Memória/INL, RJ-Brasília. Jornalista, poeta, romancista, crítico, neste livro Olindo reúne artigos publicados, em sua maioria, em jornais. O livro abre com uma série de reflexões sobre a poesia do modernismo brasileiro e continúa com análise de obras de nomes como Cecília Meireles, Mauro Mota, Mário Chamie, Carlos Nejar, Armindo Trevisan, Willian Blake, Eliot, Leopold Senghor, e outros.

As palavras de Gandhi, textos selecionados por Richard Attenborough (diretor do filme Gandhi, que alcançou oito Oscars), trad. de A. B. Pinheiro de Lemos, Editora Record, RJ. O grande líder indiano, que volta a ser falado em todo o mundo graças ao sucesso do filme baseado em sua vida, mostra neste livro o que pensava, em textos escritos ao longo de quatro décadas. Edição fartamente ilustrada.

Magnetismo cósmico, de Anthony Norvell, trad. de Antônio Carlos Ferreira Santos, Ed. Record, RJ. Subintitulado "O milagre do círculo mágico do poder", nos seus dezessete capítulos Norvell dá aos leitores uma visão da força do magnetismo e de como cada qual pode ordená-lo. Durante 25 anos o A. fez palestras semanais no famoso Carnegie Hall de Nova York para milhares de pessoas que procuravam dentro de si novos poderes. **Alfapsiquismo** é outro livro de Norvell, já editado no Brasil.

O livro de ouro dos vinhos medicinais, de Marco Ribeiro, Editora Mercado Aberto, PA. Agora que se passou a descobrir (e consumir) vinho no Brasil, e que já se produz vinhos (brancos em especial) bebíveis, começam a aparecer livros sobre o tema. Neste, depois de uma sucinta parte sobre a história do vinho e de como beber vinho, uma série de receitas de compostos medicinais em que são usados, como ingredientes, o próprio vinho e plantas conhecidas da farmacopéia vegetal. Agora, é preparar e beber.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS (O Estado - 18/5/83)

Salim Miguel

MINI-ENTREVISTA

Renard Perez:

280

"Escrevo para dar a minha visão e compreensão do mundo"

Com Trio, contos, que acaba de aparecer pela LR-editores, SP, Renard Perez conquistou o 2.º lugar, entre mais de dois mil concorrentes, na categoria, no Concurso Nacional (romance, conto, poesia) promovido pela Nestlé. Nesta entrevista, ele fala do prêmio e de seu significado, de sua obra e das influências que sofreu, do por que escreve e de como encara a relação livro-leitor.

— Como recebeu a notícia do prêmio?

— Com a maior alegria, é claro. E não só tendo em vista a quantidade dos concorrentes, mas sobretudo por ele ter sido atribuído por uma comissão julgadora composta de nomes pelos quais, cada um nas respectivas áreas — a crítica, a ficção —, tenho o maior respeito. A meu ver, a importância de um prêmio está na razão direta do valor de sua comissão julgadora.

— Já participou de outros concursos literários?

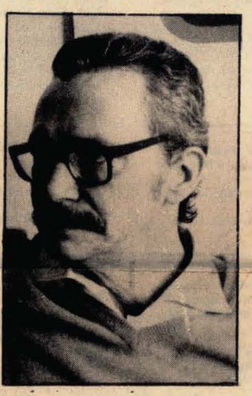
— Já participei de alguns. Ainda em dezembro de 1981, recebi o Prêmio de Ficção da Fundação Cultural do Distrito Federal, com o livro de contos Irmãos da noite; e já tinha, em 1968, recebido esse mesmo prêmio, com o romance (meu quarto livro de ficção) Começo de caminho: o áspero amor. Mas embora a importância da láurea, no sentido literário, e tendo em vista também o alto nível das comissões, a de 1968 — Marques Rebêlo, Dinah Silveira de Queiroz, José Condé e Herberto Sales —, a do ano passado — Adonias Filho, Bernardo Elis e Maria Alice Barros —, nenhuma dessas láureas tinha o tão grande valor material da presente. Foi esta agora, também, a primeira vez que concorri com obra inédita, e sob pseudônimo.

— Por que você escreve?

— Por que escrevo? É uma pergunta meio difícil de ser respondida de repente, em duas ou três frases. Mas vamos lá... Inicialmente, por uma necessidade interior. Também por uma necessidade de comunicação. Estando presente, nessa dupla necessidade, a de apresentar o meu testemunho de um tempo, uma verdade, a minha visão e compreensão do mundo. A minha compreensão de certos valores. Isso, claro, feito com a maior humildade. Porque tenho para mim que a função do escritor — do ficcionista, no meu caso — é apresentar essa verdade, essa realidade. A sua verdade. É dentro desse raciocínio — a tentativa de pôr no papel essa minha verdade — que eu tenho me pautado.

— Como surgiu a idéia do livro?

— Este livro — Trio — é, por assim dizer, o aprofundamento e o alargamento de uma temática iniciada no meu livro anterior — Irmãos da Noite, publicado em 1979, e onde eu fazia um corte na noite proletária de Copacabana — a Copacabana dos botequins e calçadas, com seus tipos humildes — operários, porteiros de edifício, garçons, e onde procurava dar, em pequenos flagrantes, a vida dessa gente simples, em geral vinda do Nordeste. Em Trio, me propus alargar a área: em vez de apenas um bairro — a própria cidade; em vez do flagrante — o aprofundamento: a revelação do Rio para alguns desses tipos que aqui vieram viver, o que a cidade grande, com sua feerie, suas solicitações, deu a essas pessoas — de bom



ou de mau. No caso, três tipos — três contos. Por isso o nome do livro — Trio, sendo os títulos dos contos, respectivamente, "Belmira e o tempo", "O guarda-noturno", "Conto de Carnaval". Histórias, no fundo, resultantes de minhas vivências de nordestino em trinta anos de Rio.

— Tem alguma influência literária?

— Se você fala de hoje, não creio, se fala de meus começos literários, claro, a resposta é afirmativa. Quando a gente começa, há sempre este ou aquele autor com quem sentimos certas afinidades, e que nos influenciam no estilo, nos ajudam a descobrir uma certa visão do mundo, ou a própria visão interior. Com o passar do tempo vamos assumindo uma fisionomia própria, nosso modo de ser como escritor — o que virá a ser nossa marca. Nesse começo já distante, tive principalmente três autores que me influenciaram: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Marques Rebêlo. Autores que aliás continuam sendo, junto a um Mário de Andrade, um Carlos Drummond, as minhas grandes admirações literárias. Aliás, Trio é dedicado justamente à memória de um deles — Marques Rebêlo.

— Que autores gosta de ler?

— Leio principalmente ficção. E na área, meus grandes autores são, no estrangeiro, entre outros, Proust, Doetoiewski, Thomas Mann, Herman Hesse, Faulkner, Steinbeck, um Pratolini, um Strati. No Brasil — entre os de hoje — Adonias Filho, Octavio de Faria, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Osman Lins, Autran Dourado.

— Tem uma temática constante?

— Em linhas gerais, a do comportamento humano. O problema do diálogo, e da solidariedade humana, focando aí, sobretudo, o mundo do adolescente e os tipos simples do povo.

— Como coloca a relação livro-leitor, entre nós?

— É este o grande problema do escritor, no Brasil. Problema que persistirá enquanto ele não romper a barreira do público, e que às vezes necessita toda uma carreira de trabalho para o conseguir. Ou mesmo não consegue, apesar de seu valor. Quantos exemplos poderia dar! Problema que começa com a dificuldade de encontrar editor, e quando a supera, em relação a um público que pouco lê, ou, mal informado, só lê aquilo sobre que ouviu falar através dos veículos de comunicação, e que, na maioria dos casos, está longe de ser o melhor do que aparece. E há ainda o problema de distribuição do livro, do livreiro que só compra ou expõe aquilo que é mercadoria certa — o best-seller. Por isso um concurso como este da Nestlé é da maior importância. Porque pode, com a divulgação que acarreta, romper para o escritor a barreira.

MOMENTO DA POESIA

Ruínas de São Miguel (Frente ao aqueduto)

C. Ronald

O que resta da casa? Janela e pedras e assim o mundo idealizado. Afinal, submete-se ao capricho das visões a beleza que disto nasce. Ou cospe logo o lagarto primitivo nesta história curtida pela inútil desde que o sonho surpreenda o coração e cumpra a sua parte.

O horizonte esta em frente:
incubo inatingível ao correr dos meses. E nos propõe a
proa do homem, o vazio insólito dirigido em arcos triunfantes e ali, a água célebre
exercita o acaso; chega ao fim e continua na fonte. Excede aos antigos restos esse
sentido na arquitetura distante por tudo que devia ser perfeito antes de ser eterno.
(De um poeta acampado às margens do "Big Açu" – três poemas, in **Notícia Histórica de Biguaçu,** *fascículo n.º 1)*

* * *

Além de várias comemorações, os 150 anos de Biguaçu vão merecer uma série de seis fascículos contando a história do município. Trata-se de **Notícia Histórica de Biguaçu,** *dirigida · dirigida por laponan Soares e Ana Lúcia Coutinho Locks. Já está circulando o 1.º fascículo, do qual extraímos o poema acima, de C. Ronald. Falar de Ronald nos parece supérfluo. Ele é, sem constestação, um dos nomes mais expressivos (se não o mais expressivo), da poesia catarinense e brasileira atual. De seu canto e de seu mundo todo peculiar, vem Ronald criando uma obra densa e profunda, de alto sopro lírico e humanístico. Nada melhor, portanto, para noticiar a Notícia e para rememorar os 150 anos de Biguaçu que transcorreram ontem, dia 17, do que a publicação de um dos três poemas aparecidos no fascículo 1. Quanto ao Notícia propriamente dito, há nele material de interesse para todos que se preocupam com a recuperação da memória de uma nação.*

Registro

Cruz e Sousa, de Paulo Leminski, col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense, SP. Falar do catarinense Cruz e Sousa é sempre bom. Aqui temos uma visão bastante pessoal do principal nome do simbolismo brasileiro, que marcou toda uma fase da nossa poesia. Também poeta, ficcionista e crítico, Leminski, neste seu enfoque, faz variações em torno da vida e da obra do poeta negro, com reflexões que remetem para o hoje e o agora da nossa realidade. Bom prá ler e discutir.

Análise transacional caráter social, de Roberto Menna Barreto, Summus Editorial, SP. Buscando harmonizar conceitos de três disciplinas (psicologia, antropologia, sociologia), centrado em Berne e Riesman, o A. realiza um livro aberto. E de interesse tanto para o leigo quanto para o expert dos temas abordados com pertinência. Menna Barreto já publicou dois outros livros bem recebidos na área: Criatividade em propaganda e Análise transacional da propaganda.

O negro como arlequim, de Flora Sussekind, Ed. Achiamé/Socii, RJ. Partindo do presuposto de que sempre houve e ainda há discriminação também na área cultural, neste texto instigante e polêmico sub-intutúlado Teatro e Discriminação, a A. coloca e discute problemas que interessam a todos que se debruçam sobre o tema. E já a partir da Introdução ela se situa e à sua proposta, ao perguntar por exemplo, "como aceitar a poética de Souzândrade num momento em que os elogios iam para a verbosidade de Castro Alves?"

Anuário de Astronomia/1983, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, Ed. Francisco Alves, RJ. Astrônomo do Observatório Nacional, autoridade no assunto, doutor pela Universidade de Paris, Mourão tem vários livros publicados sobre as Estrelas Duplas e a Física Planetária. Este volume de agora, complemento aos possuidores do Atlas Celeste e da Carta Celeste, tem entre seus tópicos informações como a próxima passagem do cometa Halley; os grandes aniversários astronômicos; os eclipses de 1983; as constelações de 1983; como construir um relógio de sol; efemérides astronômicas.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

281 - MIGUEL, Salim. Livros – Benedita Torreão, um .... **O Estado,** Florianópolis.

281

LIVROS O Estado - 21/5/83 **Salim Miguel**

Benedita Torreão, um romance da liberdade

Mais uma vez João Felício dos Santos se debruça sobre a nossa história para resgatar figuras e fatos que a marcaram. Trata-se, agora, de Benedita Torreão, que participou de um levante de escravos em São José do Queimado, no Espírito Santo, em 1849. Neste seu nono romance histórico ele retoma por igual sua pesquisa de linguagem e por igual o tema da liberdade o fascina. Em entrevista a propósito de **Benedita Torreão da sangria desatada,** que acaba de aparecer numa edição da Civilização Brasileira e Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES, João Felício afirma:

"Desde que me entendo nada me impressiona mais profundamente do que a Liberdade. Minha carinhosa simpatia pela raça negra, motivo de algumas de minhas novelas, nasceu certamente dos horrores da escravidão".

Mais adiante: "quanto à minha compreensão de História, é um assunto mais complexo para responder. Também desde os meus primeiros estudos, e depois pesquisas, percebi que os historiadores, em geral muito reacionários, são, no fim, apenas romancistas não bem situados. Esses senhores vivem a se repetir pelo tempo a fora sem muita imaginação".

E prossegue: "assim, os temas de minhas novelas, longe de serem os mais verídicos e retumbantes da História, são, sem dúvida, os que contêm maior carga libertária e de mais sabor regionalista. Para tanto, desde 1958 tenho seguido um mapeamento nacional a partir do Nordeste que, até aqui, tem me satisfeito bastante. Assim foi que comecei com a invasão holandesa, com **Calabar.** Em **João Abade,** localizei a guerra de Canudos e em **Carlota Joaquina** a corte de Dom João VI no Brasil. Foram telas de liberdade. A da terra, a de religião e a da renovação legal. Seguiram-se, já no centro do Brasil, as novelas sobre a liberdade barroca das minas gerais com **Cristo de lama e Ataíde, azul e vermelho.** Era a soltura da beleza pela liberdade criadora de uma gente ilustre com era a gente de Ouro Preto de então. **A Guerrilheira,** a vida de Anita Garibaldi, aventureira muito maior do que Joana D'Arc, uma vez que sem as prerrogativas da guerrilheira francesa, encerrou o primeiro ciclo mostrando a liberdade pelo movediço de fronteiras cujo maior culpado foi a própria coroa imperial. Em prosseguimento, abri uma segunda etapa com **Benedita Torreão da sangria desatada,** como complemento de uma outra negra impressionante: **Xica da Silva,** aquela estranha aparição de fausto, incultura, fantasia, capricho, desregramento, irresponsabilidade e irreverência. Que melhor encarnação de nosso povo de hoje do que tanta loucura junta? Se passagens que tais não têm conquistado lugar de mais destaque nos livros didáticos, para nós, romancistas puros, é inegavelmente um prato cheio. Movimentos como esse de **dona do dono das minas gerais,** segundo a poesia de Cecília Meireles, contêm um teor de liberdade muitas vezes maior do que, por exemplo, o épico da Retirada de Laguna que, em última análise, por mais bela que tenha sido aquela página de sacrifícios, representa sempre e apenas uma liberdade em fuga".

No Prefácio, Reinaldo Santos Neves, depois de situar o episódio de Queimados, diz que "não se deve aliás esperar que este romance seja especularmente a história da insurreição de Queimados. Não é, porque João Felício não é autor de se aprisionar a cativeiros nenhuns... Queimados é o tema, e sobre ele Felício improvisa livremente... Mas é a história de Benedita Torreão e a história de gente sofrida e martirizada que o A. conta tão humanamente." E assim conclui o prefaciado: "Aqui, a história da revolta de Queimados é a história de Benedita Torreão. Uma só vida, paixão e morte. Tudo fundido e urdido numa coisa só. Tudo brotado de uma só raiz."

MOMENTO DA POESIA

As verdes quintas do Mocha

O. G. Rêgo de Carvalho

Quintas exuberantes de verdura,
a espraiar-se pelo Mocha,
prenhes de vozes e de mistérios;

quintas de mangueiras sombrias,
em que eu pedras ativara
nos pomos tenros, maduros;

quintas onde me vi a correr
atrás de borboletas amarelas,
faiscantes à luz do sol:

essas quintas não mais verei,
para que fique indelével, puro,
o sentimento agridoce da infância.

* * *

O. G. Rêgo de Carvalho romancista todos conhecem. Ou todos que se interessam pela literatura brasileira contemporânea deveriam conhecer. Não são muitos os livros da força narrativa, da verdade humana, do tratamento ficcional preciso de um **Rio subterrâneo.** Mas o poeta O.G. bem poucos, fora de seu chão piauiense conhecem. Daí aproveitarmos este espaço de **Momento da Poesia** para, ao mesmo tempo, darmos um exemplo de fazer poético de O.G. e por igual falarmos de uma publicação que vem dando um recado daquelas plagas. Trata-se de **Cirandinha,** editada por Francisco Miguel de Moura e que chega ao n.º 8. Só quem já fez (ou faz) publicação cultural no Brasil sabe o que deve representar manter-se uma. No n.º 7, que também temos em mãos, diz o editor que o n.º pintou "com muita luta, muita ajuda e incentivo dos companheiros de todos os recantos do Brasil". Imaginamos a luta. E torcemos para que Chico Miguel não esmoreça. Ficção, poesia, crítica, informações, cartuns, compõe cada número, sendo que o tem um encarte especial com o resultado do I Concurso de Poemas Cirandinha.

15 ANOS DA FNLIJ

Comemorando seus 15 anos, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil inaugura, dia 22, às 17 horas, no Museu da República, Palácio do Catete, RJ, exposição dos trabalhos que participaram do Concurso de Cartazes comemorativos do Dia Internacional do Livro Infantil de 1984, promovido pela FNLIJ com o apoio do Banco Crefisul.

Na ocasião serão entregues os prêmios aos vendedores. Inscreveram-se 117 artistas, e o 1.º prêmio (Cr$ 500 mil) coube a Bernardo Cardoso de Oliveira, Hercília Cardoso de Oliveira, Olga Anastácia Cardoso e Angela Maria Cardoso, que se inscreveram sob o pseudônimo de Telhas Cia. Ltda.; 2.º prêmio (Cr$ 300 mil) para Joaquim Caetano Neto, pseudônimo Inflação; 3.º prêmio (Cr$ 200 mil) para Eva Funari, pseudônimo Lica; 4.º prêmio (Cr$ 150 mil) para Angela Maria Cardoso Lago, pseudônimo Carochinha da Silva, 5.º prêmio (Cr$ 100 mil) para José Sady Almada, pseudônimo Tip-Tpo. Compunham a Comissão Julgadora Mary Ahn Pedrosa, Israel Pedrosa, Constantino K. Kovovaeff e Gian Calvi.

Farão ainda parte da exposição originais de ilustrações de livros infantil de alguns dos principais artistas contemporâneos; painéis sobre as atividades da FNLIJ e um audiovisual sobre a ilustração no Brasil e no mundo. A exposição ficará aberta até o dia 12 de junho.

Registro

Calabar, o elogio da traição, de Chico Buarque e Ruy Guerra, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 14.ª edição, com texto revisto e modificado pelos autores, uma peça que focaliza, de um ângulo novo e polêmico, um tema da história do Brasil, remetendo para o hoje. Quando de sua primeira apresentação, em 1973, teve problemas com a censura.

O santo inquérito, de Dias Gomes, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 7.ª edição, esta peça na col. Teatro de Dias Gomes que a editora vem lançando. Ela trata da histórica — ou lendária — figura de Branca Dias, vítima da Inquisição. Num diálogo vivo, coloca o direito que todo o ser humano tem às suas idéias e à liberdade.

O moderno conto brasileiro, organização de João Antônio, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 4.ª edição, uma antologia escolar que reúne nomes expressivos do conto, indo de uma Clarice Lispector e uma Lygia Fagunges Telles até um Domingos Pellegrini Jr. e uma Wander Pirolli, nomes de várias gerações e estilos. Completam o livro: Antônio Bulhões, João Antônio, José J. Veiga, Mafra Carbonieri, Marcos Rey, Mário Donato, Moacyr Scliar, Murilo Rubião, Orígenes Lessa, Sérgio Faraco, Sérgio Sant'Ana, Tânia Faillace.

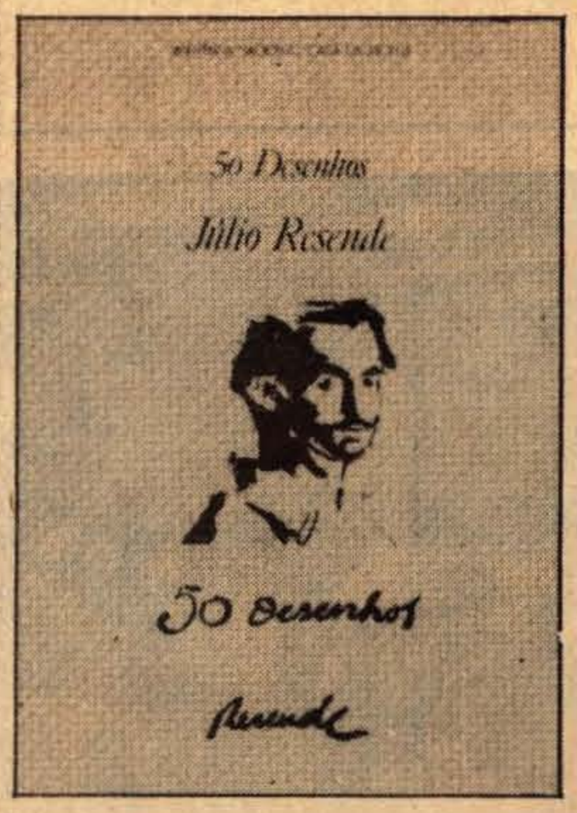
A canção do amor armado, de Thiago de Mello, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 5.ª edição, poemas deste que é um dos mais típicos representantes da chamada "geração de 54", no dizer de mestre Alceu Amoroso Lima. Já O. M. Carpeaux diz que neste livro encontra-se "Horóscopo", o maior poema que Thiago de Mello escreveu até agora".

O caminho sem aventura, de Lêdo Ivo, Ed. Record, RJ. Em 3.ª edição, o segundo romance deste ficcionista, poeta e ensaísta. Publicado pela primeira vez em 1948, é a história de um homem que sonhava partir, mas acaba condenado a viver em sua prisão geográfica. Para Eduardo Portella é este "uma obra fortemente unitária quanto ao estilo e marcada por uma profunda e violenta paixão humana." Criativas ilustrações de Newton Cavalcanti valorizam esta 3.ª edição.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 25/6/83 **282** **Salim Miguel**

Perfil de um artista



Quatro décadas da vida de um artista estão retratadas no álbum **50 Desenhos de Júlio Resende,** edição recente da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, distribuição no Brasil pela Livraria Camões, Rio de Janeiro.

Através dos desenhos podemos acompanhar a evolução de um artista consciente, cada vez maior senhor de sua arte, uma arte refinada, que se vai tornando mais e mais sensível, alcançando aos poucos o essencial no transmitir.

Despojada e pura, na Nota Prévia se diz que "este conjunto de desenhos de Júlio Resende pretende ser um itinerário paralelo da sua pintura".

É uma visão do artista de 1943 até 1982.

Num depoimento para o álbum, Resende diz que "desenhar é confrontar-se consigo próprio e com o mundo". E logo a seguir: "é o recomeçar constante e obsessivo, ignorando a face da experiência acumulada, prescindindo-a, refutando-a".

Esta lucidez permite, então, que se tenha uma compreensão maior e mais abrangente do processo de criação de um artista. E se é verdade que o artista é sempre o mesmo, sendo outro a cada momento, não é menos verdade que nesse processo de transformação ele se renova e se aperfeiçoa. Pois a marca de um verdadeiro artista deve ser sempre a insatisfação, a busca, o refutar para avançar.

Por isto, a obra de Júlio Resende que apreendemos através deste álbum é um exemplo e uma lição.

Os dois desenhos que damos são de dois períodos bem distintos: o primeiro, **O girata,** lápis, de 1943; o segundo, **Tema Brasileiro,** tinta, de 1982.

MOMENTO DA POESIA

O próprio ser eu canto

Walt Whitman
(trad. de Geir Campos)

O próprio ser eu canto:
canto a pessoa em si, em separado
— embora use a palavra Democracia
e a expressão Massa.

Eu canto o Corpo
da cabeça aos pés:
nem só o cérebro
nem só a fisionomia
tem valor para a Musa
— digo que a Forma completa
é muito mais valiosa,
e tanto a Fêmea quanto o Macho
eu canto.

A Vida plena de paixão,
força e pulsão,
preparada para as ações mais livres
com suas leis divinas
— o Homem Moderno
eu canto.

(**Folhas das FOLHAS DA RELVA,** poemas, de Walt Whitman, seleção e tradução de Geir Campos, col. Cantadas Literárias. Ed. Brasiliense, SP)

* * *

Whitman, o poeta. E basta. Dele disse Pound: "Whitman é, para minha pátria, o que Dante é para a Itália". E Borges: "Whitman, que numa redação do Brooklin, /Entre o cheiro de tinta e de cigarro, /Toma e não diz a ninguém a infinita /Decisão de ser todos os homens/e de escrever um livro que seja todos". Para Paulo Leminski, no prefácio, ele é **With the man,** "a rigor o primeiro poeta a fazer versos livres". Já para o tradutor Geir Campos ——Whitman é o maior poeta da América do Norte e um dos maiores poetas do mundo". Geir aqui retoma uma sua tradução anterior e a retrabalha, "redistribuindo (como acentua) as palavras dos versos alongados do original em segmentos ritmicos de menor extensão".

Registro

Assim não brinco mais, de Luiz Roncari, Ed. Codecri, RJ. Uma expressão de criança serve de chave para esta ficção-documento. Como base, venturas e desventuras amorosas. Numa segunda leitura, a reflexão sobre os duros anos da ditadura. Exílio, retorno, busca de readaptação e afirmação — tudo isto nos chega através de Luís, alter-ego do Autor, que agora se entrega a um jogo marcado pelo erotismo e desejo.

* * *

Copacabana nuinha em pêlo, de Osório Peixoto Silva, Livraria José Olympio Ed., RJ. Preto Velho, personagem-chave, ponteia este livro doce-amargo. Entrelaçando prosa e poesia, o Autor nos dá uma visão de um universo centrado nos bares, na areia, nos edifícios, na vida copacabanense. E logo no começinho do livro, para situar sua proposta, Osório diz "são quilômetros de areia/e quilômetros de bundas".

* * *

O tempo, cavalo doido, de Aracyldo Marques, Ed. do Escritor, SP. Vida, paixão e morte de João da Cruz poderia muito bem ser subintitulado este livro. Pois é ele a migração de um nordestino em busca do sul maravilha, que pode ser sul de maravilha nada mais tem. A linguagem é saborosa, os tipos se erguem com singeleza, a trama se arma e flagra com crueza um dramático e veraz quadro social do hoje.

* * *

Apetrechos de amor, de Ribamar Galiza, Ed. Codecri, RJ. Crônica de província, no dizer de Nelson Werneck Sodré, este romance traça um painel exato de uma São Luís de ontem. Através de boa galeria de personagens, hábitos e costumes da província tão recriados. E se a história de amor é o centro mesmo do romance, temas paralelso se cruzam para nos oferecer um retrato de um Brasil passado que subjaz no Brasil de hoje.

* * *

Os prêmios, de Júlio Cortazar, trad. de Glória Rodriguez, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 4.ª edição este romance de um dos mais expressivos nomes da literatura argentina atual. Se a visão de um grupo de pessoas para uma viagem marítima, sorteados por loteria turística e reunidos num café de Buenos Aires, não têm a força de um **Jogo da Amarelinha** ou de alguns contos de Cortazar, aqui estão, sem dúvida, as qualidades de um narrador nato e fascinante.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O Estado - 29/6/83

283

Biblioteca de Autores Portugueses: novos títulos

Eis uma coleção sem dúvida de grande importância. Recuperando títulos antigos ou preservando documentos de agora, a Biblioteca de Autores Portugueses presta não só um bom serviço, mas também nos revela um pouco mais de Portugal, sua cultura, sua gente, seu passado e seu presente. Quatro novos títulos acabam de aparecer, distribuídos no Brasil pela Livraria Camões, RJ, e que são editados pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa.

Francisco de Assis, 1182-1982, org. de Adelino Periera. Nestes testemunhos contemporâneos das letras portuguesas, para assinalar o 8.º centenário do **Poverelho,** nomes de todos os quadrantes das letras e da cultura portuguesas procuram dar uma visão e uma interpretação de S. Francisco de Assis.

Tratados da amizade, paradoxos e sonho de Cipião, trad. de Duarte de Resende, introdução, comentário e atualização do texto por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Latinista e poeta, Duarte de Resende é, no dizer de Maria Leonor, ao mesmo tempo um humanista e um aventureiro, em suma, "homem português do quinhentos". A 1.ª edição é de 1531.

Descrição de Vila Viçosa, de Antônio de Oliveira de Cadornega, introdução, proposta de leitura e notas de Heitor Gomes Teixeira. Redigida em Luanda, em 1683, esta descrição tem o propósito de evocar a pátria, que o Autor deixara com quinze anos de idade e a que nunca mais pode regressar.

Isto tudo que nos rodeia (cartas de amor), de Mécia de Senna e Jorge de Senna.

De 1944 a 1949 o poeta Jorge de Senna escreveu cartas para aquela que viria a ser sua mulher e que o acompanharia pelo resto da vida. Agora, Mécia reúne as cartas (e algumas que ela escreveu a Jorge de Senna) e as publica, revelando assim outras facetas (ou uma faceta da múltipla personalidade do poeta, do professor, do crítico que coexistiam em Jorge de Senna) e as publica, com uma nota onde esclarece os motivos que a isso a levaram. Fica-se, assim, conhecendo um pouco mais de Jorge de Senna, que durante alguns anos residiu no Brasil.

MOMENTO DA POESIA

Apelo

A. Vicente Campinas

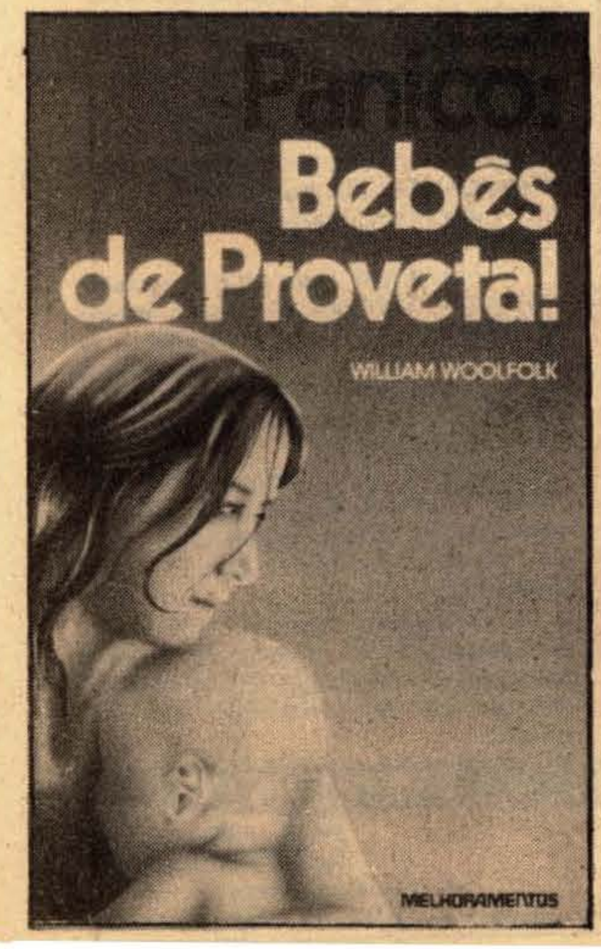
Faz de cada palavra
um instrumento
de luta.
Faz de cada gesto
um rumo certo.
E de cada expressão
um abrir de sol
no Inverno.
E terás cumprido
irmão.
Terás cumprido
a tua quota parte
na missão
da vida
mesmo à custa de tua própria vida!

Verão de 1949

(**Gritos da Fortaleza**, *poemas, A. Vicente Campinas, Ed. do Jornal do Algarve, 1981)*

* * *

Na década de 50 mantínhamos intenso contacto com intelectuais de Portugal, publicávamos na revista "Sul" colaborações deles, eles publicavam coisas nossas, permutávamos livros e revistas. Um desses intelectuais era A. Vicente Campinas, que de repente, devido a ditadura salazarista, foi obrigado a sair de Portugal. Viveu na França, enfrentando dificuldades mas mantendo aceso o facho da esperança. Perdemos contacto. Agora, há pouco, graças a uma notícia do escritor catarinense Enéas Athanázio, soubemos que Campinas retornara a seu chão nativo. Resultado: logo lhe escrevemos. Resultado: acabamos de receber dois de seus livros de poesia. A mesma poesia dura, direta, impregnada de fundo sentimento humano, de um lutador que não abidicou nunca nem se entregou. E isto está presente tanto em **Gritos da fortaleza**, de onde foi extraído o poema acima transcrito, como de **Vigilância camaradas.** Em ambos, se há preocupação com a dizer, a preocupação maior é com o que está dito, grito de revolta contra as injustiças de alguém que sempre lutou por uma sociedade mais humana e mais justa.



Registro

O anjo do rock, de Carlos Magno Potyguar, Série Novelas/9, Editora Mercado Aberto, RS. Retrato de um jovem na década 80, que inicia sua carreira musical com um pequeno conjunto de rock. Quando começa seu sucesso em São Paulo, Patucho quer continuar sozinho; mas logo morre devido ao alinhamento dos astros.

* * *

Fogos, de Marguerite Yourcenar, trad. de Martha Calderado, Ed. Nova Fronteira, RJ. Nesta seqüência de narrativas alternam-se reflexões sobre a paixão amorosa. Poemas em prosa falam-nos de Fedra, Aquiles, Pátroclo, Antígona, Lena, Maria Madalena, Fédon, Safo, Clitemnestra. Yourcenar é hoje sinônimo de sucesso garantido.

* * *

O pão do estrangeiro, de Henry Troyat, trad. de Juracy Daisy Marchete, Difel, SP. Uma visão dos imigrantes que povoam a França e dos problemas que enrentam. Numa linguagem clássica, a amizade que liga o médico francês Pierre Jouanet com o jardineiro português Miguel e os dois filhos deste. O autor se inscreve na linha realista.

* * *

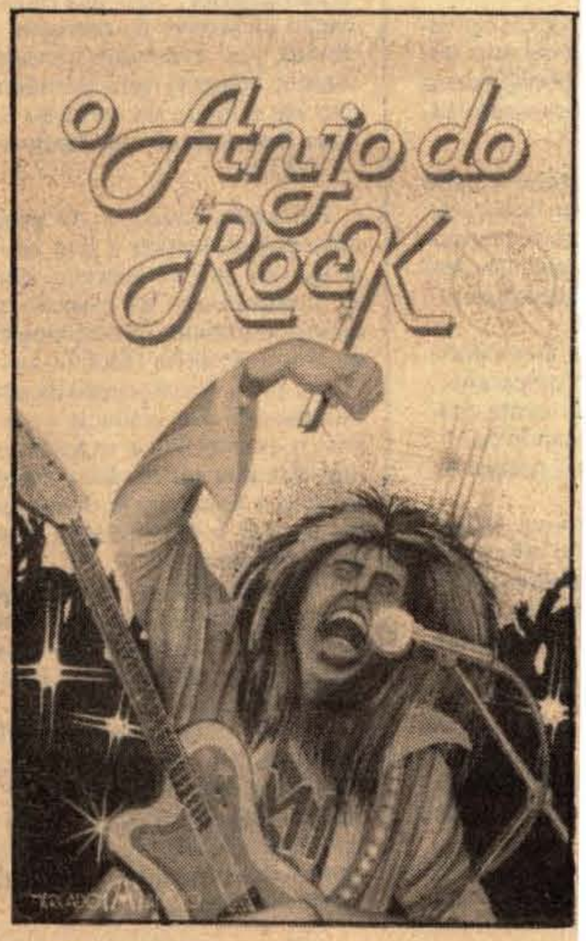
Angélica, a caminho de Versalhes, de Anne e Serge Golon, trad. de Hugo Bellard, Ed. Nórdica, RJ. Segundo volume de uma série com todos os ingredientes do **best-seller,** a corajosa e sensual Angélica, após a morte do Conde de Peyrac, fica sozinha. Passa a viver no submundo de Paris e se torna amante do chefe de um banco.

* * *

Pânico: bebês de proveta, de William Woolfolk, trad. de Mário Molina, Ed. Melhoramentos, SP. Os métodos de inseminação artificial aí estão. Discutidos, negados, aceitos. Em cima deste debate, um romance: numa clínica desenvolve-se um programa de fertilização onde vários incidentes provocam um clima de suspeitas e interrogações.

* * *

Manhatan, de Woody Allen, trad. de Caulos, LePM — editores, RS. Roteiro do filme de igual nome. Mesmo para quem não assistiu o filme, instigante como tudo deste argumentista-roteirista-ator-diretor, o livro interessa. Clima, humor, fascínio, uma visão toda pessoal de Nova Iorque. É ler o livro e esperar a reapresentação do filme.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

O ESTADO - Fpolis, 02/07/83

Salim Miguel

284

Histórias de fraternidade e sarcasmo

Eglê Malheiros

O cavalo em chamas, relatos, de Silveira de Souza, Editora Ática, SP.

Histórias, relatos do cotidiano, instantes imobilizados para que melhor possa agir o bisturi do escritor, o avesso das coisas lhes revelando a face mais autêntica. Narrativas fantásticas? Quem sabe possa parecer, a uma leitura apressada. Literatura hiper-realista melhor se diria, aquela que não se limita ao aspecto primeiro e enganador da realidade, mas que busca a verdade sonegada por uma organização social alienante.

Um livro que vai surpreender o leitor, pois o colocará diante de um autor seguro de seu ofício, econômico no uso dos recursos e de grande densidade. Por que a surpresa? Porque, apesar de conhecido e valorizado por uns poucos e apesar de já ter sido publicado (e aqui mais uma vez se torna gritante a questão da distribuição do livro), Silveira de Souza será para a maioria um estreante.

Seu mundo é o mundo da burocracia, máquina devoradora que, para manter o **status-quo**, vai mastigando os humildes servidores, calmamente, sem pressa, sem anestesia. Está aí a agrande denúncia do A.: o massacre a que somos submetidos, neste País do milagre é feito de tal forma, que até o grito é difícil, e o grito contido se transforma em autofagia. Com grande firmeza e discrição, sem grandes palavras, como quem não está falando nada de mais, se tecem estes relatos. Mas de repente, a sensação de estranhamento: este é um mundo que conheço/desconheço, e paradoxalmente por o estar desconhecendo agora percebo que antes é que não o conhecia.

São contos de fraternidade e sarcasmo, e de saudade por um ser-humano que não tem condições de existir, mas que estaria em semente em todos os pobres seres que vegetam numa paisagem mutilada. É difícil apontar, escolher este ou aquele trabalho, pois embora variados, são como que aspectos de um mesmo tema central. Contudo, não podemos deixar de salientar "Bugres", que usando com maestria um sistema de blocos e planos realiza um corte contundente na questão do índio, como que uma súmula das denúncias e tratados sobre o genocídio. O livro se fecha com "O cantochão e a sombra", páginas de grande beleza, em que ao não conseguir a fuga (?), a revelação (?) mística, só resta ao personagem "recomeçar a luta fundamental de todos os homens". Luta cujo sentido o próprio homem constrói com sangue e fezes, pranto e ranger de dentes.

Silveira de Souza talvez possa estranhar a colocação, porém lendo seus relatos vislumbro com mais certeza o dia em que nossa boca não se retorcerá num esgar, mas se abrirá num riso de alegria.

MOMENTO DA POESIA

Mensagem

Sylvio de Oliveira

A vontade é de cantar —
poeta
a perrice é de prever—
profeta
o pendor é de acendrar —
esteta
o amor é pra sofre —
asceta
o dever é o de afincar —
exegeta
a palavra como um punhal —
com técnica
para fazê-la jorrar —
esbelta
em sílaba de cristal —
Concreta
do coração sofrido do povo
floresta
(Rio, novembro, 1973)

(**O caos e o cosmo**, poemas, de Sylvio de Oliveira, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1983)

* * *

Poeta sensível e atento ao que o cerca, a propósito de Sylvio de Oliveira diz, no prefácio, Fernando Py, que "se, por um lado, tudo lhe serve ao fazer poético, de outra parte a técnica, mais apurada, permite experimentos sem qualquer gratuidade". E este livro, reunindo sem quebra de unidade poemas de várias épocas, vem confirmar a obra de um poeta que teve sua estréia em 1954, com **O silêncio da noite** (1954) e que com seu quinto livro, **Inventário (poético) do Recife**, conquistou o prêmio Fernando Chinaglia de Poesia com menção especial de pesquisa e originalidade, da UBE/RJ, em 1977.

Registro

Súcia de mafagafos, de Mocair Amâncio, T.A. Queiroz, Editor, SP. Num estilo irônico e invador, através de pequenos quadros que se interligam e completam, duas histórias que buscam outras formas de narrar. Para isso o Autor se utiliza de um conhecido trava-línguas. E a propósito deste seu novo livro e de sua propósta ficcional ele mesmo diz: "sempre que vou escrever alguma coisa mudo o jeito de escrever".

O leopardo, de Tomasi di Lampedusa, trad. de José Antonio Pinheiro Machado, LePM - editores, RS. Romance de grande impacto e êxito quando foi publicado, reaparece na versão original. A anterior havia sido copidescada. Agora, com mais força mesmo nas suas possíveis imperfeições formais, temos o texto como o Autor o deixou pouco antes de morrer. Leitura (ou releitura) importante e fascinante.

A náusea, de J.P. Sartre, trad. de Rita Braga, Ed. Nova Fronteira, RJ. Trajetória de um intelectual, Antoine Roquentin, símbolo de uma geração que não descobre o sentido da vida. Publicado h mais de 40 anos, só agora chega ao Brasil.

É o primeiro e dos mais importantes romances do Autor. Nele estão em embrião as idéias deste filósofo existencialista, ficcionista e teatrólogo que marcou como poucos sua época.

A rainha estrangulada, de Maurice Druon, trad. de Alcântara Silveira, Difel, SP. Segundo volume da série "Os reis malditos", nele a trama se centra na época do reinado de Luís X, "O turbulento", rei sem personalidade e sem talento que não consegue evitar um conflito que fermentava há muito. Embora juntos dêem uma visão da França, cada um destes romances históricos pode ser lido independentemente dos outros.

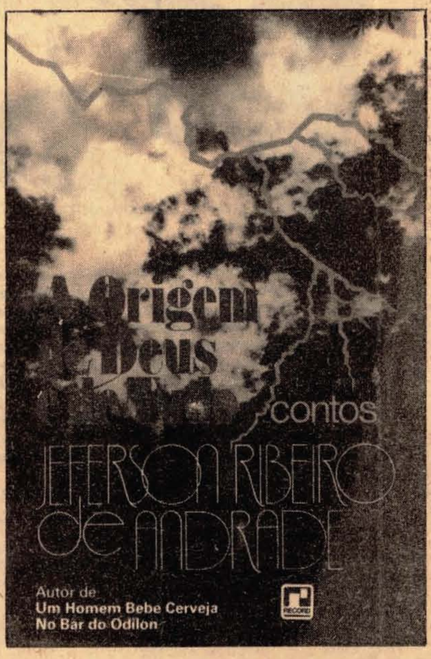
A assombração da casa da colina, de Shirley Jacson, trad. de Edna Jansen de Mello, Ed. Francisco Alves, RJ. Mais um título da coleção "Mestres do horror e da fantasia". Quatro pessoas se alojam numa velha mansão. Querem enfrentar o mistério que se esconde naquela casa assombrada. O livro foi adaptado para o cinema com Julia Harris e Claire Bloom nos papéis principais. "Brilhante" — assim a crítica falou do livro.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Entrevista

Jeferson Ribeiro de Andrade: "Faço contos de amor e desamor"

Dez anos depois de sua estréia, Jeferson Ribeiro de Andrade chega ao quinto livro (um com mais cinco autores, quatro deles de contos. O outro, também pela Record, é uma ficção-reportagem sobre o Brasil dos nossos dias. Aliás, esta é a marca constante do Autor: o Brasil de hoje, o Brasil contemporâneo, que está presente nas histórias que compõem este volume. Aqui Jeferson fala de sua literatura e de suas preocupações.



"A origem de Deus e de tudo", o novo livro de contos de Jeferson Ribeiro de Andrade, é lançado agora pela Editora Record. Mas desde 1980, quando esta mesma editora lançou do autor **Senhoras e Senhores,** a voz do Brasil, ficção-reportagem, este livro vem sendo anunciado. **Por que a demora?**

— Ressalvo, de início, que não foi a editora que atrasou o lançamento. Não. Realmente, minha intenção era publicar **A origem de Deus e de tudo** em 1981. Ocorre que resolvi trabalhar mais no livro. A princípio, eram 12 contos. Eliminei três. E nós restantes introduzi frases, cortei, fiz acertos, foram lidos e relidos. Quando considerei o livro pronto para publicação já em meados de 1982, esgotou-se a primeira edição de **Um homem bebe cerveja no bar do Odilon.** E este livro começou a ser lido em escolas. Adotado, havia maior procura. Considerei melhor fazer a 2.ª edição deste livro, deixando **A origem...** para o primeiro semestre de 1983. Pronto. Saiu agora. E num ano ótimo.

— Por que você acha o ano ótimo?

— Simplesmente por que lancei o meu primeiro livro em outubro de 1973, em Belo Horizonte. Portanto, vejo publicado meu quarto livro no meu décimo ano de vida literária.

— Em que isto ganha em significado para você?

— De repente, percebo que estou aos 35 anos apenas, ainda tenho muito para fazer. E quatro livros publicados me estimula e dá certeza para enfrentar muitas e muitas páginas em branco. Dia-a-dia renovo minhas experiências de vida e descubro entusiasmado que se não errei nas estórias que já escrevi deixei de contar muita coisa que pouco a pouco sigo aprendendo da vida.

— Este livro trata especificamente de contos sobre o relacionamento homem e mulher?

— Desde quando se fazem estórias de amor? Acho que desde que o homem aprendeu a articular com palavras. Fugir disto como? São contos de amor ou desamor. Como queiram. Não chego a conclusões. Estas pertencem aos leitores. Conto a estória, apenas. Mas ao oferecer um painel da sociedade brasileira e analisar nas entrelinhas das estórias, ou levar o leitor a análises sobre a nossa sociedade, o nosso cotidiano, isto é uma reflexão objetivando despertar embotadas e embrutecidas sensibilidades. E nos levar ao conhecimento.

— Você tem sido assim em todos os seus livros?

— O meu texto em certos momentos é cruel, amargo. Concordo. Mas nem sempre desprovido de esperança. Relembro a frase com que abro o livro agora publicado: "A função da literatura é tornar as pessoas sensíveis ao seu mundo. A função do escritor é criar a realidade deste mundo. Esta a razão para escrever contos de amor, estórias brasileiras sobre o homem e a mulher".

— Na orelha do livro encontramos esta passagem: Em alguns contos teremos a linguagem que tem certos momentos de poesia. Em outros contos o escritor se aproxima da linguagem teatral porque a estória a ser narrada requer um ritmo rápido e nervoso que os diálogos muitas vezes estabelecem.

— E consta da orelha do livro também a minha afirmação de que o ficcionista pode e deve ser poeta, apenas fazendo poesia enquanto descreve e narra a sua estória. As palavras que fazem os versos são as mesmas que existem para contar um conto. Quanto à linguagem teatral eu a utilizo porque nela me sinto muito à vontade. O diálogo me sai fácil, sendo por isto que muitas vezes conto uma estória inteira apenas através do diálogo entre os personagens.

— Você escreve teatro?

— Já. Mas tudo ainda inédito. Tento agora também o roteiro para televisão e cinema. É uma linguagem que não me assusta. Pelo contrário, me sinto à vontade. Preciso apenas aprimorar e exercitar certas técnicas próprias da linguagem cinematográfica.

MOMENTO DA POESIA

Ironia de um morto

Helvécio Mendes

Mão sobre o peito que já
fora afagado outrora,
denunciando claramente
a simbologia do amor
que cantou um dia,
que viveu.
Está debruços, ensangüentado.
Aprendeu a cantar a ironia,
ironia do real que era camuflado,
matando a crua realidade
que sempre denunciou.
Seu cadáver não está morto.
Seu corpo não pode ser
esquecido jamais.
Ninguém poderá esquecê-lo.
Mesmo aquele olhar que não olhou,
por nojo ou por qualquer sentimento.
A marca do sangue já meio preto,
é o canto poético de uma noite
trágica.
O sangrante cadáver
ironiza a vida,
os homens,
Todos somos culpados.

(**Rebelião da noite,** *poemas, de Helvécio Mendes, Edição do Autor, Florianópolis*)

* * *

Uma poesia de forte poder visual. Exemplo: o poema acima transcrito. Vemos o que o poeta nos transmite, a mão sobre o peito. Mas para além disso, uma poesia também de revolta e uma poesia preocupada com o transmitir. Helvécio Mendes está atento ao que o cerca, aos problemas que afligem o homem. E é entre lírico e irônico que ele se coloca para denunciar, afirmando: "Hás de cantar o tempo/à procura de liberdade..."

Registro

Entrevistas e depoimentos de Mário de Andrade, org. e notas de Telê Porto Ancona Lopez, T.A. Queiroz, Editor, SP. Aqui temos, de maneira clara, a evolução, as dúvidas, a busca constante de aperfeiçoamento desta figura fascinante de intelectual que foi Mário de Andrade. O livro de Telê abre com uma cronologia marioandradina; a seguir, foram recolhidos depoimentos e entrevistas que começam em 1924 e vêm até 1944, às vésperas da morte do escritor. É um documento humano, documento de alguém que não se envergonhava de repensar e rever posições, atento sempre à problemática da cultura brasileira e dos percalsos que ela enfrentava (enfrenta). Leitura indispensável.

* * *

Figura e lugares, de Enéias Athanázio, Ed. Fundação "Casa Dr. Blumenau". Reunião de esparsos, publicado neste 10.º aniversário da estréia do autor em livro. Sem preocupação maior de unidade quanto a temas, Enéas fala aqui do regionalismo, de Godofredo Rangel, da correspondência de Monteiro Lobato a Guiomar Rocha Rinaldi, de José Athanázio, seu pai, transcreve duas reportagens publicadas na imprensa e, em apêndice, o prefácio de Péricles Padre a 1.ª edição de **O peão negro,** em 1973.

* * *

Escravos e senhores de escravos, de Décio Freitas, Série Novas Perspectivas/4, Ed. Mercado Aberto, RS. O Autor vem se debruçando sobre temas do nosso passado histórico, buscando reinterpretá-lo à luz de novos conceitos. Sua atenção em especial aqui é sobre os grupos negros no Brasil. Compulsando farta documentação, ele traça um painel das origens, do desenvolvimento e da decadência da sociedade escravista brasileira e as consequências de tudo isto.

* * *

Interferon — A nova esperança contra o câncer, de Mike Edelhart e dr. Jean Lindenmann, trad. do dr. Sergio Augusto Teixeira, Ed. Francisco Alves, RJ. Relato do que é, como age, onde está sendo usada agora e como as pessoas estão se beneficiando desta substância descoberta em 1957 e as esperanças que ela traz aos pacientes cancerosos.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Para a criançada, três ótimos livros

Eglê Malheiros

A Editora Miguilin prossegue numa linha editorial inovadora, colocando no mercado livros que falam à inteligência e à sensibilidade.

Na Coleção Miguilin, dirigida aos pequeninos, saíram:

Formiga saúba, de Carlos Cordeiro, il. de Elvira Vigna. Antes de mais nada, um belo objeto, com muito equilíbrio na distribuição do texto e das ilustrações, a mostrar que bom resultado gráfico e luxo não precisam andar juntos.

A história é de encadeamento, o que muito agrada às crianças; usa palavras até bem pouco vetadas do asséptico vocabulário destinado à imprensa infantil e termina com um comentário irônico, que remete o leitor ao início da história.

A ilustração faz um jogo entre o desenho caricatural num lado e a aparente não figuração obtida talvez com a gouache do outro, que vai invadindo todo o espaço.

Texto e forma se completam e se interrogam num resultado muito estimulante.

A pontinha menorzinha do enfeitinho do fim do cabo de uma colherzinha de café, de Elvira Vigna, des. de Ana Raquel. O que foi dito sobre o livro anterior se aplica por inteiro e este, embora o tratamento seja diverso. O resultado é que tem o mesmo bom nível.

Sem dúvida o mais longo título de livro infantil da história da literatura. Recurso porém divertido. Afinal, uma pequena história que trata de grandes questões: relatividade e apego afetivo.

O desenho de Ana Raquel, com o uso requintado do pastel e o jogo de proporções, revela a poesia de objetos prosaicos e conta uma história que o texto omite, ou melhor, subentende, que é a da presença humana na luta para salvar a avezinha.

O triste fim de Asdrubal, o terrível, de Elvira Vigna. É claro que um dia o Asdrubal ia acabar. Que pena, contudo. Se bem que seja com chave-de-ouro.

Último de uma série, se dirige a leitores já bem alfabetizados e levará, por certo, à busca dos outros livros de Asdrubal por quem não os leu.

Paginação clara e equilibrada, com utilização econômica e muito bem bolada de ilustração nas últimas páginas.

Linguagem vivida muito plástica, a gente logo pensa na história transformada em desenho animado.

O monstrinho tão divertido fica, neste último livro que é muito engraçado, sem graça nenhuma. Isto é, se refere pelo humor a coisas bem trágicas, que nos rodeiam.

Ao fim da leitura, um voto: que a permanência de livros como este/a impedir a imortalidade dos Asdrubales.

MOMENTO DA POESIA

País

Pablo Neruda

És minha pátria e compreendo teu canto a teu pranto
e toco o contorno de tuas tricolores guitarras chorando e cantando,
porque sou um punhado de pó de tua cordilheira
e vivo em teu amor o suplício: de condecorar teus tormentos.

Vou contar-te a história de alguns, de algumas, de ninguém,
ouvindo a chuva que rompe seus rombos de vidro e se perde,
vou contar-te a história daquele ou do filho daquele
ou de ninguém, de todos, porque este destino de greda
nos faz no forno do povo parelhos, parentes profundos:
temos cabeças de cântaro e com olhos de boi generoso
os pés mais urgentes, as pernas que mudam de terra e de rio,
as mãos famintas e a cor da aveia queimada,
nós chilenos de costa e de monte, de chuva ou sequeiro, somos
(**A barcarola**, *poemas, Pablo Neruda, tradução de Olga Savary. LeM-editores, RS)*

Um excelente serviço vem prestando a LePM com a edição sistemática dos versos de Neruda. A isto junta-se a tradução de Olga Savary, que mais do que simplesmente traduzir procura recriar os poemas. Neste volume que acaba de aparecer temos, mais uma vez, a voz poderosa do grande poeta, nome alto não só da poesia latino-americana, mas de poesia universal deste século. Nele o lírico e o épico estão sempre presentes — e é fácil percebê-lo no fragmento que transcrevemos.

Registro

O verão dos perseguidos, de José Louzeiro, Ed. Record, RJ. Cinco jovens se internam na selva. Querem fugir da civilização. Mas a selva que buscam é idealizada. A contaminação já chegou até ela. Com tais ingredientes, a que acrescenta a exterminação dos índios pelo homem branco. Louzeiro nos oferece um romance de aventuras. Nem lhe falta o elemento fantástico criador de lendas e mitos.

* * *

Maíra, de Darcy Ribeiro, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 6ª edição, este romance transformou o conhecido homem de ciência, antropólogo e pesquisador num ficcionista sensível e profundo. A propósito assim se manifestou Tristão deAtayde: "...milagre estético em que Darcy Ribeiro se consagra como o primeiro de nossos cientistas sociais a conseguir ser igualmente, um dos nossos maiores romancistas".

* * *

José e seus irmãos, de Thomas Mann, trad. de Agenor Soares de Moura, col. Grandes Romances, Ed. Nova Fronteira. Esgotada há muito entre nós, uma das obras mais significativas de Mann. Nesta reconstituição de uma civilização antiga ele compõe um dos mais vigorosos retratos da natureza humana. De Mann disse André Gide: "Ele é um dos raros escritores que se pode admirar sem reticências. "Neste primeiro volume estão **As histórias de Jacó** e **O jovem José.** Os próximos, em breve.

* * *

O grito silencioso, de Kenzaburo Oe, trad. de Sérgio Riff, col. Prosa do Mundo/Japão, Ed. Francisco Alves, RJ. Numa tessitura complexa, o passado entremeia-se com o presente nesta saga que envolve o leitor. Oe é um dos mais expressivos romancistas atuais do Japão. Com este livro ele recebeu os prêmios Tanizaki e Noma. "Oe, na extensão da esperança e do desespero que cobre — diz H. Miller — parece ter um toque de Dostoievsky".

* * *

A bela dama, de Jeanne Bourin, trad. de Antônio de Pádua Danesi, Difel, SP. Romance retirado de crônicas medievais francesas, narra a vida da jovem e bela Agnes Sorel, que viveu num período de transição. Através da trama acompanhamos a história da França durante o reinado de Carlos VII e de como tudo se transforma com a aparição da jovem Agnes.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS — O ESTADO - Fpolis, 16/07/83 — Salim Miguel

ENTREVISTA 287

287

Edla van Steerr

"Com 'Corações mordidos' descobri o prazer, o jogo da ficção"

Atriz, jornalista, ativista cultural, mulher de mil instrumentos que não sabe ficar parada, Edla Van Steen está na praça com nova obra de ficção, mais um romance no qual trabalhou longamente e que ela vê lançado depois de passar por um enfarte. Felizmente já se recuperou a parte outra vez para a luta.

Catarinense (nasceu em Florianópolis), Edla morou em Curitiba, mas há muito reside em São Paulo, de onde se projetou primeiro como atriz de cinema. Atuar, no mais amplo sentido, para ela é uam necessidade. Edla está sempre se movimentando e inventando novidades. Em tudo isto, porém, não esquece o escrever.

Na ficção já publicou Cio (1965) e Antes do amanhecer (1977), contos, e Memórias do medo (1974), romance. Viver e Escrever I e II reúnem entrevistas com escritores; o volume III está no prelo.

Além disto ela organizou antologias e apareceu em outras.

Corações mordidos, romance que inaugura a Coleção Múltipla da Global Editora, é, para a autora, um jogo lúdi o consigo mesma, usando sua capacidade de inventar. Já o crítico e também ficcionista Fausto Cunha assinala no prefácio ao livro: "A aldeia do Sinos fervilha em torno de nós, ocupando um espaço definitivo, mesmo quando, bafuelescamente, entra em decomposição e o mau cheiro pressagia o fim. Podemos então ver Corações Mordidos como uma colagem e como um sonho". E logo depois: "Romancista, Edla Van Steen não privilegia nenhuma porta de acesso, a leitura pode ser feita pura e simplesmente, sem que o leitor precisa munir-se de um guia para atravessar a pequena selva da aldeia".

Mas além do seu valor ficcional, para o leitor catarinense especificamente o livro tem ainda outro saber. É a própria autora que afirma: "Santa Catarina aparece muito no livro. (Nos anteriores, as histórias se passam em qualquer lugar, sem localização). De repente, me aceito irremediavelmente catarinense".

Aqui Edla fala um pouco de seu livro e de seu enfarte — mas declara que uma coisa nada teve a ver com a outra e que a mordida do título antecedeu a mordida no coração.

* * *

— O que é "Corações Mordidos"?

— A história de uma pequena rua e de seus habitantes. Uma rua da Aldeia dos Sinos, bairro que conheço muito na imaginação. Um desses condomínios horizontais, fechados, que são anunciados frequentemente nos jornais. "A casa dos sonhos no paraíso da natureza". A história é contada através de uma das moradoras da Aldeia. O condomínio fracassa, a narradora relata o sofrimento, as angústias e a solidão humanas, a eterna luta com o poder, a vida e a morte.

— É portanto, um livro de denúncias?

— Não. A Aldeia dos Sinos é o cenário, o local onde aquelas cinquenta famílias vão morar. Os habitantes da minha rua têm a sensibilidade, o calor, a tristeza, a solidariedade, a submissão ou a revolta de um brasileiro diante de situações que em qualquer outro País seriam, talvez, considerados absurdos. Como por exemplo um novo síndico pôr a perder tudo o que o antecessor fez pela Aldeia, favorecendo os opressores gananciosos, destruindo em vez de construir. Não é um livro fechado, com princípio, meio e fim, daí a minha hesitação e dificuldade em falar dele. Escrevi-o devagar, nos últimos quatro anos, enquanto fazia as entrevistas do Viver e Escrever I e II. Um livro que foi se escrevendo por si. Com Corações Mordidos descobri o prazer, o jogo da ficção. Uma espécie de sonho constante. Aliás, várias formas de sonhos estão presentes. Até um personagem que, imitando um conto de Truman Capote, resolve testar a ficção e pôr um anúncio para comprar sonhos e alguns vendedores aparecem. Eu me coloquei na posição de alguém que vai abrir um cofre sem saber o que tem dentro dele.

— E o que encontrou?

— Tudo o que está dentro do romance. E o que foi recusado, guardado para uma outra história porque quebrava a estrutura, a organicidade. A linguagem é muito simples, coloquial. Me emocionei muitas vezes ao escrever o livro. Será que alguém também vai se emocionar? Eis a grande incógnita. O Cyro dos Anjos disse uma fez, numa entrevista, que ele gostaria de escolher os seus leitores. Hoje eu entendo o que ele quis dizer. De uma certa forma seria tão bom se as pessoas tivessem os mesmos pontos de vista, o mesmo código de sensibilidade... A Lygia Fagundes Telles gritava anos atrás que queria ser lida. O objetivo de todo escritor. Não sei se porque andei doente, hoje eu quero viver e escrever. Ainda que não seja lida.

— Você fez uma operação no coração, apesar da pouca idade para esse tipo de doença e de ser mulher. Ter enfarte era um privilégio dos homens, antigamente...

— Era? Não sei. Minhas coronárias estavam entupidas e eu não sabia. Nunca senti nada, nem falta de ar. Terminei o romance para valer em novembro. Andava, de fato, um bocado cansada. Escrever, e reescrever, e passar a limpo, e modificar, e consertar uma palavra aqui, outra ali, à procura de exatidão, é realmente exaustivo. O Dr. Carlos Scherr, o cardiologista que me atendeu no Rio, acredita em histórico familiar. Talvez tenha razão. Mas nunca tratei tanto da morte como neste livro. E a minha maior surpresa foi ver em seu consultório a representação de um enfarte num coração de plástico. Parecia uma mordida.

— Acha que foi premonição?

— De jeito nenhum. O romance começou com o nome de Aldeia dos Sinos. Depois, pensei em Almas Mordidas. O Lêdo Ivo me sugeriu Corações Mordidos. Acho que foi coincidência.

MOMENTO DA POESIA

Soneto I

Rolando Roque da Silva

Ultrapassando o meio do caminho
de uma existência irrelevante e dura,
transpus também a minha selva escura,
sem guia, temeroso mas sozinho.

Eu poderia agora, nesta altura,
cuidar de dar mais água ao meu moinho
e partilhar da fé de meu vizinho,
convencional, dogmática, imatura.

Na idade da razão, que não de descura
de provas trituradas no cadinho
que a análise confirma e configura,

— na idade da razão me descaminho,
busco a Verdade, original e pura,
em fundo poço ou no buquê do vinho.

(Reencontro com o Soneto, *poesias, de Rolando Roque da Silva, Difel, SP)*

* * *

Aqui, anos depois de perdermos contacto, reencontramos nestes belos sonetos o poeta e o amigo: a mesma voz inquieta e forte, as mesmas preocupações que informam sua obra, temática de alguém que se debruça sobre o ser humano e o investiga. E se o lírico predomina em seu verso, nele também, em seu sentido mais profundo, coexiste o social. Há uma funda coerência no fazer poético de Rolando Roque da Silva, a começar por seu primeiro livro, Poemas de 1 a 30, atravessando todos os outros. O soneto que transcrevemos, e onde ele reelabora versos de Dante numa visão muito pessoal, exatamente o primeiro deste novo livro, é um retrato do homem e do artista, que na idade da razão em lugar de se acomodar se descaminha porque o que mais lhe interessa é a busca da verdade original e pura, esteja ela onde estiver. Assim, este Soneto I situa bem a proposta contida nestes 32 sonetos do volume; e o fecho do Soneto XXXII nos remete, outra vez, para o que abre o livro. Ei-lo: "tentei, no meu possível, por momentos/humanizar condutas, pensamentos,/para com eles reciclar a vida".

Registro

A muralha da China, de Ricardo Daunt Neto e Álvaro Cardoso Gomes, T.A. Queiroz, Editor, SP. Nesta recriação do mito de Dionísio, dois autores se juntam e criam um texto ao mesmo tempo instigante e lúcido. A partir do "Roteiro de leitura" eles procuram situar o leitor na proposta de uma ficção inventiva e onde o deus do prazer e do além-túmulo serve para uma reflexão sobre problemas do hoje.

***

Todos os homens são mortais, de Simone de Beauvoir, trad. de Sérgio Miliet. Ed. Nova Fronteira, RJ. Reedição de uma obra significativa desta companheira e musa de Sartre. Tendo como fio condutor um personagem do século XIII que atravessa o tempo e chega até nós, neste romance ela fala com verdade dos problemas do ser humano. Um texto de fundo existencialista que perturba e emociona.

***

As lágrimas amargas de Petra von Kant e Afinal, uma mulher de negócios, de Rainer Werner Fassbinder, trad. de Millôr Fernandes, LePM - editores, RS. Duas peças de um teatrólogo e diretor de cinema dos mais importantes da Alemanha. Fassbinder (1954-1982) coloca e discute aqui temas que dizem de perto a todos os homens, o inter-relacionamento conflituoso do ser humano e se é possível superá-lo.

***

O jardim das cerejeiras, de Tchecov, trad. de Millôr Fernandes, LePM-editores, RS. O enorme contista que foi Tchecov, marcando uma divisão de águas na história curta, faz com que muitas vezes se esqueça do importante teatrólogo que ele também foi. Daí o significado que adquire esta nova tradução de uma daquelas que é justamente considerada sua melhor peça. Publicada em 1904, continua atual e bela.

***

Um crime de encomenda, de Ellery Queen, trad. de Maria José Margarinos de Souza Leão, Ed. Francisco Alves, RJ. Mais um título da Col. Horas em Suspense. Temos aqui um dos grandes detetives de ficção — e pela primeira vez a ação se passa na cidadezinha de Wrighsville. A trama envolve os Wright, descendentes dos fundadores. E a argúcia de Queen quase se perde no intrincado de episódios que envolvem os personagens.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 20/7/83 **Salim Miguel**

288

Mais prêmios literários

Com patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, a Academia Brasileira de Letras vai conceder, em 1983, vários prêmios literários: Mário de Andrade, Cr$ 300 mil, a autor de conjunto de obras de significação nacional; Cecília Meireles, Cr$ 200 mil, a autor de livro de poesia publicado em 1982; Sérgio Milet, Cr$ 200 mil, a autor de livro de ensaio ou crítica literária publicado em 1982.

Os prêmios são indivisíveis e não haverá menção honrosa; só poderão concorrer obras escritas em língua portuguesa; o prêmio de conjunto de obra não será concedido a autor que não tenha publicado pelo menos cinco livros pertinentes a um só ou a diversos gêneros literários; o prêmio de poesia não será conferido a livro de menos de trezentos e cinquenta versos; o prêmio de romance não será concedido a livro de menos de cem páginas de texto nem a obra que não seja puramente ficcional; o prêmio de ensaio ou crítica literária não será dado a livro de menos de oitenta páginas de texto e não serão admitidas teses ou dissertações universitárias.

Não será aceita a inscrição de membros, mesmo os não empossados, da Academia Brasiliense de Letras ou de outra instituição congênere, de âmbito nacional. Também não poderão concorrer os cônjuges nem os parentes ou afins, até o segundo grau, dos membros da Academia Brasiliense. O prêmio de conjunto de obra será concedido, por maioria de votos, pela assembléia da Academia Brasiliense de Letras. Os prêmios de poesia, romance e ensaio ou crítica literária serão conferidos por uma comissão de sete membros efetivos da Academia.

Os concorrentes ao prêmio de conjunto de obra deverão se inscrever por meio de carta, fazendo constar na mesma, pormenorizadamente, sua bibliografia literária. A solicitação poderá ser também feita por terceira ou terceiras pessoas, ficando, neste caso, sua aprovação na dependência da confirmação, em tempo hábil, do candidato; os concorrentes aos prêmios de poesia, romance, e ensaio ou crítica literária deverão encaminhar à Academia quatro exemplares de cada livro com que concorrerem. Os inéditos deverão ser datilografados em espaço dois, em uma só face do papel. As reedições e os livros dos quais não conste, impressa, a referência ao ano da edição, não serão considerados. Os pedidos de inscrição e os livros a eles referentes deverão ser enviados à Academia Brasiliense de Letras, SQS 309-Bloco D, ap. 501, Cep 70372, Brasília-DF, até o dia 31 de julho corrente. Os resultados do concurso serão conhecidos depois do dia 30 de outubro e os prêmios serão entregues até o dia 30 de novembro de 1983, em Brasília, em sessão solene da Academia Brasiliense, desobrigando-se a Academia de qualquer pagamento posterior a essa data.

MOMENTO DA POESIA

DISCURSO NO MERCADO DO DESEMPREGO

Samih Al Qassim

Talvez perca — se desejares — minha subsistência
talvez venda minhas roupas e meu colchão
talvez trabalhe na pedreira... como carregador... ou varredor
talvez procure grãos no esterco
talvez fique nu e faminto
mas não negociarei
ó inimigo do sol
e até a última pulsação de minas veias
resistirei
talvez me despojes da última polegada da minha terra
talvez aprisiones minha juventude
talvez me roubes a herança de meus antepassados
móveis... utensílios e jarras
talvez queimes meus poemas e meus livros
talvez atires meu corpo aos cães
talvez levantes os espantos do terror sobre nossa aldeia
mas não negociarei
ó inimigo do sol
e até a última pulsação de minhas veias
resistirei
talvez apagues todas as luzes da minha noite
talvez me prives de ternura de minha mãe
talvez falsifiques minha história
talvez ponhas máscaras para enganar meus amigos
talvez levantes muralhas e muralhas ao meu redor
talvez me crucifiques um dia diante de espetáculos indignos
mas não negociarei
ó inimigo do sol
e até a última pulsação de minhas veias
resistirei
ó inimigo do sol
o porto transborda de beleza... e signos
botes e alegria
clamores e manifestações
os cantos patrióticos arrebentam as gargantas
e no horizonte... há velas
que desafiam o vento... a tempestade e franqueiam obstáculos
é o regresso de Ulisses
do mar de privações
o regresso do sol... de meu povo exilado
e para meus olhos
ó inimigo do sol
juro que não negociarei
e até a última pulsação de minhas veias
resistirei
resistirei
resistirei

(**Poesia Palestina de Combate,** *seleção de Abdellatif Laâbi, Ed. Achiamé,RJ*)

Neste seleção de poemas, autores lutam e buscam dar sua contribuição para manter a identidade de um povo. São versos duros de uma época dura. Mais de dez poetas dão um testemunho de seu viver e de seu tempo. O poema selecionado é de Samih Al Qassim, nascido em 1939 às margens do Jordão. Preso em várias ocasiões, ignora-se no presente o lugar de sua detenção e a sorte que lhe foi reservada. Considerado um dos maiores poetas palestinos da nova geração, seu verso é forte e sensível ao mesmo tempo. Falando de sua obra ele diz que alguns poemas são complexos, de múltiplas vozes, e que "as distâncias estéticas entre minhas coletâneas são bem claras. Em cada uma, tratei de dar uma coerência global à obra poética para que marcasse uma nova etapa de minha criação".

Registro

Os teledependentes, de M. Alfonso Erausquin, Luis Matilla, Miguel Vásquez, trad. de Luiz Roberto S.S. Malta, col. Novas Buscas em Educação/14, Summus Ed., SP. Ninguém pode, hoje em dia, ignorar ou minimizar a força da televisão: ela penetra em nossas casas, influencia, condiciona, domina, modifica hábitos e comportamentos. Neste livro, de maneira bastante lúcida, os Autores analisam a TV nos seus mais diferentes aspectos, mostrando como e porque as pessoas se tornam, consciente ou inconscientemente, dependentes no mais alto grau.

***

O destino da terra, de Jonathar Achell, trad. de Antônio C.G. Penna, Ed. Record, RJ. Não é um livro sensacionalista. Pelo contrário: de maneira clara e objetiva o Autor revela as dimensões do problema nuclear com suas conseqüências funestas e o que aconteceria se os 20.000 megatons de bombas existentes fossem acionados. O livro é ao mesmo tempo um alerta contra a corrida armamentista e uma reflexão sobre o que pode ocorrer ao homem e a sobrevivência da terra.

***

Psicologia da morte, de Robert Kastenbaum e Ruth Aisenberg, trad. de Adelaide Petters Lessa, col. Novos Umbrais, Pioneira Ed. e Editora da Universidade de São Paulo, SP. Considerado o primeiro estudo científico e sistematicamente orgânizado sobre a morte, é um texto inquisitivo que tenta situar um problema complexo sobre o qual a bibliografia universal é bastante escassa. Os Autores são psicólogos que há muito se debruçam sobre o assunto e o analisam.

***

Receitas macrobióticas, de Alcides Bontempo, Ed. Ground, dist. Ed. Global, SP. Criador da clínica macrobiótica em São Paulo, o Autor oferece receitas práticas. Em 4.ª edição revisada e atualizada.

***

Aurículo Acupuntura, de Eu Won Lee, Ed. Ground, dist. Ed. Global, SP. Ciência milenar, a acupuntura deixa o Oriente e vem conquistando lugar também no Ocidente. No Brasil já são muitos os médicos que a ela se dedicam e o número de clientes se amplia bastante. Este livro se dedica a uma pequena parte da acupuntura: a auriculossomaticoterapia ou auriculoterapia associada à acupuntura clássica.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

MOMENTO DA POESIA

Uma tarde

Dante Martorano

Tenho o desejo e imenso de rimar
Fazer versos à lua e ao alvo tom verde do mar.

Ao moribumdo sol — já sem luz e calor
E ao silente azul céu enternecedor.

E vem o verso meu — a vida de rumores,
De mil gemidos, ais, brados e estupores.

Como o sono do sol no alto destas montanhas,
Como este murmurar d'água nas entranhas;

E eu versejo feliz — quieto enquanto adormeço
Entre os sonetos, luz, cor e os sonhos que teço.

(**Os meus caminhos**, poemas de Dante Martorano, Florianópolis, 1983)

* * *

O cronista Dante Martorano muitos conhecem. Por sua coluna dominical neste jornal e por livros como **Temas Catarinenses**, publicado há pouco pela Editora da UFSC-Co-edição Editora Lunardelli. O que talvez poucos saibam é que ele, em tempos idos, já praticou o verso. Em **Os meus caminhos** ele reúne trabalhos publicados na imprensa carioca durante a década de 40, quando cursava direito na PUC-Rio. Embora já estivesse longe a Semana de 22, embora lesse Drummond e Bandeira, além de outros modernos, no poema que dá título ao volume Martorano justifica sua opção por uma poesia mais convencional, dizendo-se um romântico que traz "a voz das rimas, dos cantos..."

Registro

Tapete Verde, contos, de Enéas Athanázio, Ed. do Escritor, SP. O A. se mantém fiel a uma ficção que pratica desde seu livro de estréia: o regionalismo, que tem, em Santa Catarina, cultores como Tito Carvalho, Guido Wilmar Sassi, Nelson Ubaldo. Neste quatro livro no gênero, comemorativo do lançamento, há 10 anos, de **O peão Negro**, seu primeiro título, Enéas retoma temas e situações recorrentes, aos quais dá uma visão pessoal. Como nos três contos que se interligam (Encontro na encruzilhada; Olhos azuis; Barreira vencida).

* * *

Caninos brancos, de Jack London; **A ilha do tesouro**, de R. L. Stevenson, romances, Cia. Ed. Nacional, SP. A volta da Coleção Terramarear, que marcou tão fundo gerações do passado, levando-as para um mundo de emoção e aventuras insuspeitadas. E não poderia ser melhor o início do relançamento: tanto Londou como Stevenson merecem ser relidos — ou lidos pelas novas gerações. Esperemos os próximos volumes.

* * *

Dom Camilo entre o diabo e a água-benta, romance, de Giovanni Guareschi, Ed. Record, RJ. Dom Camillo e Peppone se reencontram anos depois da morte de Guareschi, graças a descoberta de alguns inéditos do Autor italiano. E os personagens que o cinema celebrizou e que tanto divertiram os leitores, voltam a agir e agitar. Boa leitura.

* * *

Os venenos da coroa, romance, de Maurice Druon, Difel, SP. Mais um volume (3.º) da série **Os reis malditos**, ficção histórica onde o A. traça um ambicioso painel de determinado período da vida na França. Aqui, entre intrigas e lutas, a visão do curto reinado de Luís X, "O turbulento" e de sua mulher Clemência. Embora interligados e se completando, cada volume da série pode ser lido independentemente dos demais.

* * *

A volta de Sherlock Holmes; Os últimos casos de Sherlock Holmes, contos, de Conan Doyle, Ed. Francisco Alves, RJ. Termina, aqui, a publicação das aventuras deste que é, até hoje, o mais famoso detetive policial de todos os tempos. Tão famoso que irritou seu próprio criador. Que matou-o, mas diante da grita popular foi obrigado a fazê-lo renascer. Com Holmes temos dedução em lugar de violência, a inteligência vencendo a força.

LIVROS JORNAL O ESTADO DIA 27/07/83 Salim Miguel

289

A Prévia do Livro

Novos ensaios de Edilberto Coutinho tratam de Carlos Pena Filho, Gilberto Freyre e o Recife

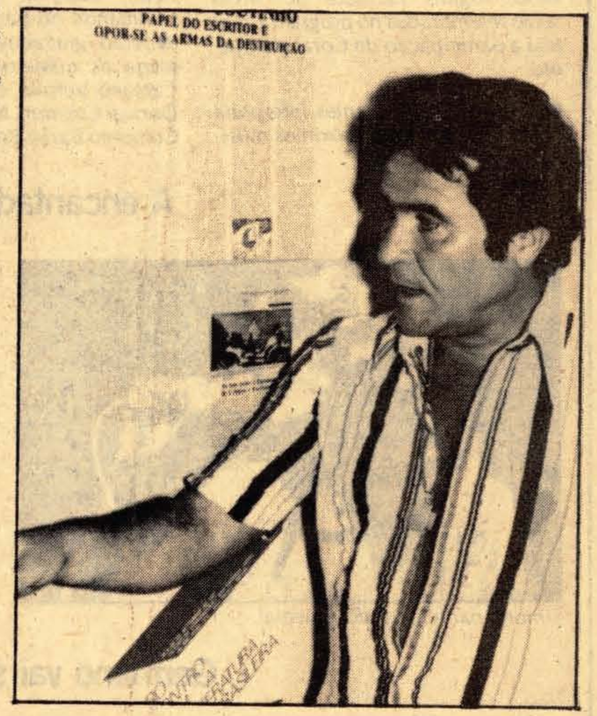
A Editora José Olympio promete colocar no mercado, até o final do ano, três novos títulos de Edilberto Coutinho. Dele, a mesma J.O. lançou, em 1982, a terceira edição de **Maracanã, adeus/ onze histórias de futebol** e, recentemente, a seleta de contos **O jogo terminado** (que comentamos em nossa edição de 04-5-83). Agora, entretanto, o contista se apresenta como ensaísta. Sobre o primeiro desses lançamentos, por ordem de entrega ao público — **O livro de Carlos** —, diz Edilberto Coutinho:

— É um volume sobre a vida e obra de Carlos Pena Filho, o grande poeta pernambucano, morto aos 29 anos num acidente de automóvel no Recife. Escrevi uma longa introdução, que ocupará metade do livro, seguida de inconografia, seleta de poemas e prosa (pela primeira vez publicada), crítica e poesia crítica sobre o autor de **O tempo da busca**. Com o poema "A mesma rosa amarela" — musicado por Capiba e gravado por Maísa e Tito Madi, entre outros, no auge da bossa nova — Carlos Pena se tornou nacionalmente conhecido. Outro de seus poemas — "Tiradentes" — foi recentemente musicado por Carlos Marques e faz parte da trilha sonora do filme **Carnaval, o aval da carne**. Também me encarreguei da seleção, apresentação e notas do volume **Os melhores poemas de Carlos Pena Filho**, a ser lançado pela Editora Global, na coleção dirigida por Edla van Steen. Carlos é um poeta que as novas gerações devem conhecer melhor. Deixou obra pouco extensa, mas toda, no melhor sentido, antológica.

A imaginação do real/ uma poética de leitura da ficção de Gilberto Freyre, é um livro originário da tese universitária com que Edilberto Coutinho obteve — com o conceito máximo, excelente — o título de Doutor em Literatura Brasileira, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

— Trato a figura do antropólogo-sociólogo Gilberto Freyre — informa Edilberto Coutinho — como escritor literário, principalmente através dos romances **Dona Sinhá e o filho padre** e **O outro amor do doutor Paulo**.

O poeta e crítico literário Gilberto Mendonça Teles — membro da banca examinadora que atribuiu o título universitário a Edilberto Coutinho, salientou que a linguagem da tese revela a forte presença do jornalista/ ficcionista/ ensaísta, através de um "estilo mesclado", que assim analisou: "Esses discursos convivem, na tese de Edilberto Coutinho, numa mistura que, em vez de comprometer, contribui para aumentar as 'possibilidades' de leitura, tornando-a mais amena e agradável. É por conta dessa mescla estilística, que aparece uma certa liberdade de construção, uma espontaneidade que denuncia imediatamente a ficção do jornalista ou do escritor afeito aos misteres literários". E é por conta desse domínio da linguagem, tão evidente em Edilberto Coutinho, que Gilberto Freyre comentou sobre este estudo universitário do autor de **Maracanã, adeus** e **O jogo terminado**: "O trabalho de Edilberto Coutinho é a negação da insipidez. O que, sendo certo do total, é certo deste seu aspecto particular: o de ser, a seu modo, didático, sendo também atraente, provocador, excitante até". A propósito da obtenção do título de Doutor em Literatura pelo ensaísta de **A imaginação do real**, Afrânio Coutinho (que não é parente de Edilberto) presidente da banca examinadora, de que fizeram parte, além do já citado Gilberto Mendonça Teles, Cyro dos Anjos, Mário Camarinha da Silva e Leodegário A. de Azevedo Filho — fez o seguinte comentário: "Sempre defendi, na cadeira de Literatura Brasileira, a necessidade de ligar o ensaio das nossas letras com o exercício da Literatura, trazendo para a universidade escritores de renome. A excelente tese de Edilberto Coutinho é a confirmação de que segui uma orientação correta".



Quanto ao terceiro volume de Edilberto Coutinho a ser lançado pela José Olympio, é a terceira edição da antologia crítica **Presença poética do Recife** — revista e muito aumentada — reunindo cerca de quatrocentos anos da lírica brasileira dedicada à capital pernambucana, desde **A prosopopéia**, de Bento Teixeira (1601) aos poetas de hoje.

Nesta nova edição do livro, comparecem mais de sessenta poetas, cantando não somente o Recife lírico e sentimental, mas a cidade antiga com suas lutas libertárias e a atual, inclusive com suas mazelas. E Edilberto Coutinho escreveu um novo prefácio, de quase cem páginas, em que estuda o curso evolutivo da cidade paralelamente ao desenvolvimento da poesia brasileira. "Com engenho e suprema arte" — disse José Cândido de Carvalho — "Edilberto Coutinho fez a biografia do Recife em versos. Trabalho esplêndido, único do gênero".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 3/8/83 **290** **Salim Miguel**

Jornalista, pesquisador da história literária (está aí para comprová-lo o seu importante e ainda inédito O espiritismo na literatura brasileira — de Castro Alves a Machado de Assis), tradutor, Ubiratan Machado fala aqui do problema da tradução, depois de ter recriado para o português um texto de Balzac, mantendo-se fiel ao espírito e ao clima do livro, um dos mais expressivos romances da *Comédia Humana*. Mas Ubiratan não quis falar especificamente da sua tradução de *Um caso tenebroso*, das dificuldades que enfrentou, das soluções que encontrou. Preferiu, antes, relatar alguns casos pitorescos ligados a esta profissão (?). Ele mostra que em matéria de tolices na área não estamos sozinhos. Em todos os idiomas existem tradutores e tradutores. E quando aparentemente mais fácil o idioma, maiores as armadilhas. Exemplo típico é o espanhol. Não faz muito, um tradutor achava que *muslos* tinha que ser músculos. Esquecia-se da lição daquele professor de espanhol que alertava: não se deixe iludir por aparentes facilidades, não pense que ventana é ventania, ou ratito, ratinho. Mas vâmos ao saboroso texto de Ubiratan, enquanto nos preparamos para reler sua tradução de *Um caso tenebroso*, onde Balzac, baseado num fato real, o rapto de um senador do império napoleônico, cria, ao mesmo tempo, um quadro de época e um romance de tensão constante, no qual alguns estudiosos sentem a presença de elementos de ficção policial, sendo assim o Autor um precursor do gênero, antes mesmo de Poe. Um caso tenebroso acaba de aparecer em edição da Francisco Alves, Rio de Janeiro, na coleção Clássicos Francisco Alves.

DEPOIMENTO

Traduções, tradutores e traidores

Ubiratan Machado

Traduzir é trair? Existe tradução fiel? Essas perguntas, que já fizeram correr muita tinta, são inevitáveis quando se fala neste assunto. A idéia da impossibilidade de traduzir com fidelidade parece ser velha como a primeira tradução. O tradutor que há dois mil anos tentava verter do grego para o latim, sentiu, na certa, a mesma limitação de seu colega de nossos dias para reproduzir em vernáculo todos os matizes, subentendidos, trocadilhos, gírias, idiotismos do original. É evidente que nos referimos à versão literária, e não à da bula de remédio. Por essas e outras é que os mais radicais negam simplesmente a possibilidade de traduzir. Mas, não seria ir longe demais? Expliquemos.

Num interessante ensaio, significativamente intitulado **Traduzir o intraduzível**, Paulo Rónai cita o pensamento de Herder de que "ninguém pensa além do idioma". Isso significa, acentua o ensaísta brasileiro, que certas idéias "só podem nascer na consciência de pessoas que falam determinada língua, ou mesmo que nascem unicamente por certa pessoa falar determinada língua". Acrescente-se a essas peculiaridades idiomáticas, com que o tradutor vai se defrontar, as particularidades sociais. Como traduzir para o russo o nosso "ponto facultativo"? Evidente que no primeiro caso deve entrar a habilidade do tradutor e sua capacidade de descobrir equivalentes em sua língua. Façanha que os tradutores de Joyce e Guimarães Rosa conhecem muito bem. Para o segundo caso, só restam mesmo as notas explicativas.

Estes são apenas dois itens, abordados aqui de maneira superficialíssima, que tornam a tarefa do tradutor extremanente complexa. Se bem que nem todos que traduzem levem muito em consideração essas coisas. Há até os que se gabam de jamais recorrer a um dicionário. Afinal, há tradutor e tradutor. Um é humilde. Tem a convicção de estar sujeito a enganos e a certeza de nem sempre encontrar a expressão mais feliz. Traduz entre a angústia e a satisfação, cultivando a paciência. Não sabe? Pesquisa, consulta um, dois, dez dicionários, até que a luz se faça. O outro é leviano, traduz como se cavalgasse um corcel: a todo galope. Deseja apenas verter tantas páginas por dia, despreocupado da fidelidade. É verdade que a maioria destes casos tem uma atenuante: o tradutor brasileiro é mal remunerado, e muitas vezes precisa encher tantas laudas por dia para encher a panela do almoço. O leitor tem alguma coisa a ver com isso? Claro que não. Mas é desse conflito meio dramático para obter o pão que nasce a maioria daquelas traduções que têm mais absurdos por centímetro quadrado de página do que há de talos de capim em área equivalente.

A colheita de tolices de traduções é abundantíssima. Reunidas, dariam para encher um volume de uns sete ou oito milhões de divertidas páginas. Leitura para os ócios da eternidade, capaz de provocar frouxos de riso, como diziam nossos bisavós. Aliás, foi um tradutor daqueles tempos, o Padre Sena Freitas, quem verteu **pierre étonnée (pedra lascada)** por **pedra admirada.**

Um pouco pior que essa foi a daquele trêfego jovem que resolveu candidatar-se a tradutor de uma editora. Apesar de toda sua simpática lábia, deram-lhe para traduzir, à guisa de teste, um trecho de Voltaire, extraído do **Dicionário Filosófico.** Logo nas primeiras linhas, havia a seguinte frase: "**L'instinct d'un épagneul (fraldiqueiro) ne peut être l'instinct d'une autruche (avestruz)**". Nosso intrépido tradutor não hesitou. Sentou-se à máquina e sapecou este primor: "O instinto de um espanhol não pode ser o instinto de uma austríaca".

Não se pense, porém, que tolice em matéria de tradução seja exclusividade nacional. Nada disso. Em asnices desse tipo estamos muito bem acompanhados. Por franceses, por exemplo. Machado de Assis foi vítima de uma parvoíce antológica. Um dos capítulos das **Memórias Póstumas de Brás Cubas,** o de n.º CXXX, intitula-se **Para intercalar no cap. CXXIX.** Tratava-se, evidentemente, de uma galhofa do brincalhão pseudo-defunto. Pois bem, Adrien Delpech, que verteu o romance para o francês, levou a brincadeira a sério, e intercalou, de fato, aquele capítulo no meio do anterior, alterando, dessa forma, não apenas a seqüência narrativa, como reduzindo os 160 capítulos do livro a 159.

Mas, nem tudo é culpa de quem traduz. Às vezes, o justíssimo tradutor paga, quando o pecado é do original. Victor Hugo, numa de suas poesias — não me lembro qual, agora —, refere-se à **l'onde humide.** Ora, quem ler "onda úmida" em português irá arrasar o fiel tradutor, sem ao menos averiguar o responsável pela pérola.

Se há muita coisa ruim, sofrível, e até risível em matéria de tradução, existem também as boas, excelentes e grandes. Todos que se interessam por literatura sabem quanto o renome de Edgard Allan Poe deve a seus tradutores. A começar pelo primeiro, Baudelaire, que vertendo o norte-americano para o francês, universalizou-o. Neste caso, pode-se dizer que a versão nada ficou devendo ao texto inglês. Caso mais raro é o da tradução superar o original, de que temos um exemplo em português, com a versão de **As Minas de Salomão,** feita por Eça de Queirós.

Para Georges Mounin, citado por Paulo Rónai, boa tradução é aquela que, sem disfarçar sua condição de obra traduzida, apresenta um texto fluente e homogêneo, dando ao leitor a mesma sensação que os contemporâneos do autor sentiram em sua época. Num livrinho de memórias intitulado **Da Minha Infância e Juventude,** Albert Schweitzer diz que, em sua adolescência, concluía se um livro estava bem escrito quando sentia-se subjugado por ele, lendo sofregamente cada parágrafo. Acreditamos que se o tradutor satisfizer as exigências de Mounin, proporcionando ao leitor o mesmo encanto que o jovem Schweitzer encontrava em alguns livros, essa será sua melhor recompensa.

MOMENTO DA POESIA

Das noivas

José da Rocha Paixão

O enxoval da mala
como num cais.
Próximo, as fronhas
se enfunarão como velas,
os lençóis descerão sobre a cama
como gaivotas nas praias,
as toalhas serão desfraldadas,
os pratos girarão como lemes.

O enxoval crescendo
no ventre da mala.
A impaciência, nos olhos.

(**De morcegos e avencas,** *poemas, de José da Rocha Paixão, Ed. Vega, MG).*

***

Uma poesia por igual contida e sensível: precisão no transmitir, no construir, domínio da palavra, cada qual com seu peso específico. Mais do que dizer, o poeta sugere. E em poemas como o transcrito há todo um componente erótico em palavras que por si só nada têm de eróticas. Assim, fronhas, lençóis, cama, se inserem num contexto que se complementa com o tercetofinal, onde o "crescendo no ventre da mala" pode ter várias conotações e leituras. Tudo isto adquire ainda mais força com o impressivo final, "A impaciência, nos olhos". O rol das poesias, como as denomina o Autor, se compõe de três blocos (Os sentimentos; As visões; O pensamento) que se interligam em peças recorrentes, como por exemplo o tema de As casas, que poderia complementar o Das noivas, quando nos primeiros versos diz: "As casas são muralhas/ para esconder o amor./ São peças de artilharia/ e na culatra, o amor".

Registro

Imigração italiana em Santa Catarina, de João Leonir Dall'Alba, Edusc-co-edição Editora Lunardelli, Fpolis., SC. Se os estudos sobre a colonização alemã na terra catarinense já podem dar uma visão mais ou menos aproximada do que ela foi, o mesmo não acontece com a colonização italiana. Poucos com ela se tem preocupado, muito embora sua importância. Daí o valor de um trabalho como este, documentário e pesquisa ao mesmo tempo. Detendo-se mais na imigração ao Sul de Santa Catarina, o Autor oferece, para o futuro historiador, um repositório de dados, informações, documentos, de inesgotável valor.

***

Introdução à filosofia — tomo I, de Roland Corbisier, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Resultado de um curso que o Autor vem ministrando desde 1974, neste 1º volume Corbisier estuda a problemática da introdução à filosofia, examinando os pressupostos ou condições de possibilidade da filosofia, objetivos, sistemas, escolhas, livros, etc...

***

A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida, de Renato Janine Ribeiro, col. Tudo é História, Ed. Brasiliense, SP. Uma visão objetiva e crítica da etiqueta, minucioso cerimonial que regeu a vida em sociedade durante séculos.

***

Do-In, livro dos primeiros socorros, de Juracy Campos L. Cançado, Groud Ed., dist. Global, SP. Já em 14.ª edição, fartamente ilustrada, manual de técnicas de auto-massagem e da acupuntura com os dedos, com instruções que possibilitam ao leigo delas utilizar-se.

***

Masculinidade, feminilidade, androginia, de Lázaro Sanches de Oliveira, Ed. Achiamé, RJ. Ensaio sobre os conceitos psicológicos de masculinidade, feminilidade e androginia e da adaptação, em nossa cultura, da medida operacional de androginia desenvolvida por Sandra Lipsitz Bem (1974), o "Bem Sex-role inventory".

***

Drogas, de Chico Júnior, Ed. Codecri, RJ. Uma abordagem jornalística, em linguagem objetiva e fácil, de um tema que em geral é tratado de forma técnico-científica ou apenas sob o aspecto da repressão. Discute-se aqui se maconha é droga, se adianta reprimir seu consumo, o que tem a ver o tráfico de drogas com o sistema capitalista, como funciona a corrupção nas altas esferas. Vol. I da col. Certos Costumes.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 6/8/83 **Salim Miguel**

Temas portugueses: mais títulos

Regis. **291**

Abarcando um universo bastante amplo de temas ligados ao passado ou ao presente de Portugal, a coleção Temas Portugueses, editada pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, e distribuída no Brasil pela Livraria Camões, do Rio de Janeiro, acaba de publicar mais alguns títulos. Ei-los:

Críticas e crônicas, de João José Cochofel, prefácio de Rui Feijó. Reunião de trabalhos publicados na imprensa cultural, agrupados em três áreas: crítica de música, em especial a portuguesa contemporânea; crítica literária, principalmente sobre a criação poética; e crônicas, com reflexões sobre Portugal e sobre o homem português; **Artesanato, cultura e desenvolvimento regional**, de José Maria Cabral Ferreira. Reunião de três ensaios ("Do artesanato na região norte de Portugal"; "Cultura e defesa do patrimônio cultural"; "Política cultural e estratégica de desenvolvimento") e um estudo de campo sobre a situação, problemas e perspectivas da Olaria de Vilar de Nantes; **As "Religiões da Lusitânia", de J. Leite de Vasconcelos,** contribuição para o seu estudo - alguns comentários e índices gerais, de Paula Bárcia. Complemento necessário à consulta da obra de Leite de Vasconcelos, destinada a estudiosos de arqueologia; **A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV (1385-1481)**, de Ana Maria Pereira Ferreira. Estudo de uma constante na história econômica portuguesa; **Descobrimentos e renascimento**, de Luís Filipe Barreto. Análise das formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI; **A dialética da camuflagem nas obras do Diabinho da Mão Furada**, de Maria Theresa Abelha Alves. Nesta tese procura-se uma nova leitura para textos que vêm intrigando e provocando polêmica; **Cavaleiro de Oliveira, aventureiro do século XVIII**, de Artur Portela. A história de um escritor estrangeirado que começa libertino e acaba protestante, inserido no seu meio e no seu tempo, seguida de antologia de seus trabalhos; **Estudos sobre o Século XVI**, de Américo da Costa Ramalho. Um investigador e devassador de arquivos, além de conhecedor da cultura greco-latina, mostra que a data da introdução do humanismo em Portugal deveria ser recuada e fixada em 1485, ano em que chegou ao país o humanista siciliano Cataldo Parísio, chamado por D. João II para mestre de latinidade do bastardo D. Jorge; **Tentar perceber**, de Vasco Pulido Valente. Coleção de estudos e de ensaios que refletem um esforço para a melhor compreensão da sociedade portuguesa, dividido em três grupos: "Poder e organização"; "A identidade nacional"; "Poder e ideologia"; **A polêmica sobre o retrato de Vênus**, introdução de Maria Antonieta Salgado. Divulgação de uma controvérsia literária do começo do romantismo em Portugal: a violenta crítica de Agostinho de Macedo e de outros que se disfarçavam sob o anonimato contra a obra de Almeida Garret, **O retrato de Vênus**, incluindo as peças do processo criminal; **Crítica V**, de João Gaspar Simões. Mais um volume da obra crítica do conhecido escritor. Se no volume anterior se reuniam os trabalhos sobre contistas, novelistas e outros prosadores contemporâneos (1942-1979) que ele publicou, neste de agora, abarcando igual período de quase quatro décadas, se reúnem os principais escritos, sobre crítica ou ensaísmo literário, publicados em Portugal e analisados por Gaspar Simões. O Autor considera este volume a chave de todos os anteriores publicados, pois aqui ele faz a crítica da crítica; **Ensaísmo histórico sobre a revolução do 25 de abril**, de José Medeiros Ferreira. Um primeiro ensaio sobre a Revolução de 25 de abril, estudando o período pré-constitucional, recolhendo documentos e testemunhos; **Cruzeiro do Sul, a norte**, de Fernando Cristovão. Série de estudos luso-brasileiros de particular interesse tanto para o leitor português como para o leitor brasileiro. Além de analisar a obra de vários escritores brasileiros, ele reproduz textos inéditos, por exemplo, de um Graciliano Ramos. Estudioso da literatura brasileira, do autor, nesta mesma coleção já havia aparecido **Marília de Dirceu, de Tomás Antonio Gonzaga, ou a Poesia como imitação e pintura.**

Conto Paulista, Ed. Escrita, SP. Através de 15 autores, escolhidos de um total de 330 que participaram do Concurso Conto Paulista, promovido pelo Senac e revista Escrita, em 1982, um panorama do conto que hoje se pratica em São Paulo pelos novos autores. São tendências e estilos os mais diversos, que vão da ficção científica à política, às primeiras experiências sexuais, ao conto urbano e ao conto regional, intimista, psicológico, realista. Os textos foram selecionados por Marcos Rey, Roniwáter Jatobá, Márcia Denser, Waldir Dupont, Wladyr Nader. Autores: Ariosto Augusto de Oliveira, Finisia Rita Fideli, Luiz Maria Veiga, Paulo Giánnini, Roberto Somogyi, Teresa Augusta Marques Porto, Cláudio Feldman, Tadeu Pereira, Eugênio Zerlotti Filho, José Rubens Ribeiro Shirassu, Antônio Carlos de Faria, Edward Lopes, Manoel Ventura, Heusner Grael Tblas, Domingos Leitão.

* * *

A Idade da razão, de J. P. Sartre, trad. de Sérgio Milliet, col. Grandes Romances, Ed. Nova Fronteira, RJ. Neste primeiro volume de Os Caminhos da Liberdade (os dois seguintes se intitulam **Sursis** e **Com a morte na alma**), através de um personagem, Mathieu Delarue, professor de filosofia, Sartre discute não só os problemas da liberdade humana como os problemas políticos e sociais de seu tempo. Em torno de Mathieu uma expressiva galeria de tipos. Surgido logo no após-guerra, o livro logo se impôs e impôs o nome do Autor, inclusive no Brasil.

* * *

A ponte de São Luís Rei, de Thorton Wilder, trad. de Monteiro Lobato, Cia. Ed. Nacional, SP. Outra oportuna reedição de um importante romance, que logo situou seu autor entre os mais expressivos nomes da prosa norte-americana. Fundo sentido humano, ironia, sensibilidade, na recriação/investigação que Frei Junipero faz sobre as vidas de cinco pessoas que encontram a morte ao procurar atravessar uma ponte suspensa na estrada que leva de Lima a Cuzco, no Peru. Estrutura, construção, condução da trama, tudo é exato e preciso, como exata e precisa se torna para o leitor a personalidade de cada um dos cinco personagens.

MOMENTO DA POESIA

Namoro a cavalo

Alvares de Azevedo

Eu moro em Catumbi. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada
Pôs lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinéia namorada.

Alugo (três mil réis) por uma tarde
Um cavalo de trote (que esparrela!)
Só para erguer meus olhos suspirando
A minha namorada na janela...

Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas folhas de papel bordado
Onde eu escrevo trêmulo, amoroso,
Algum verso bonito...mas furtado.

Morro pela menina, junto dela
Nem ouso suspirar de acanhamento...
Se ela quisesse eu acabava a história
Como toda comédia — em casamento.

Ontem tinha chovido...que desgraça!
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,
Mas lá vai senão quando uma carroça
Minhas roupas tafuis encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Dom Quixote
No Rocinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bela
Por ver-me tão lodoso ela irritada
Bateu-me sobre as ventas a janela...

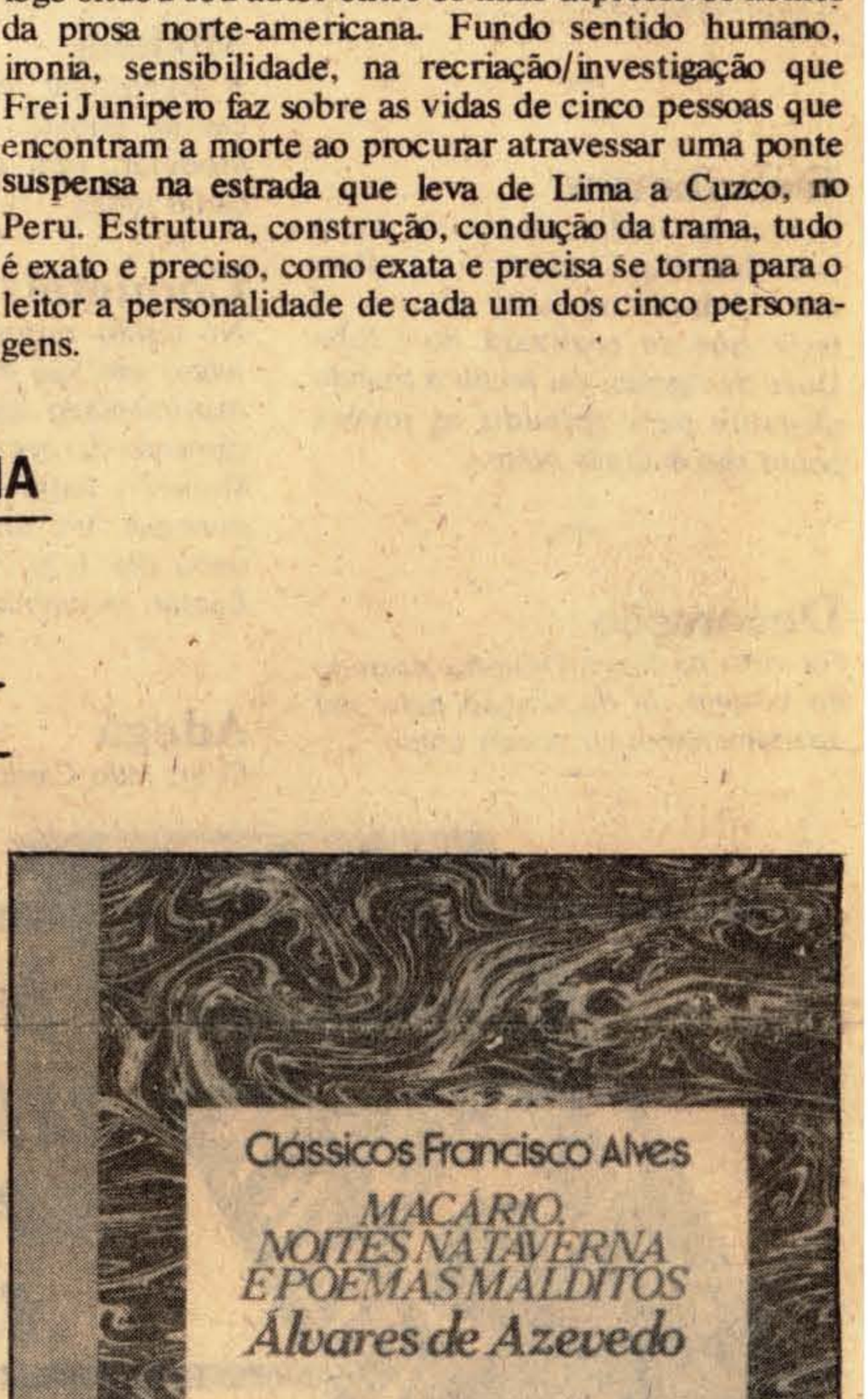
O cavalo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,
Arrepia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéu quê sofrera no pagode
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.

Circunstâncias agravante. A calça inglesa
Rasgou-se no cair de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!

(Macário; Noites na Taverna; e Poemas Malditos, *de Álvares de Azevedo, seleção e apresentação de Hildon Rocha, col. Clássicos Francisco Alves, Ed. Francisco Alves, RJ).*

Iniciador da literatura ultra-romântica, influenciando nomes como Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Castro Alves, foi Manuel Antônio Álvares de Azevedo, no entanto, o que talvez melhor se tenha situado dentro de sua corrente. A imaginação delirante, a preocupação com a morte, que o levaria tão cedo, aos 20 anos de idade, verso e prosa inflamados, ele deixou uma obra que resiste ao tempo. Ao contrário de seus companheiros que se dedicaram à prosa ou à poesia, Álvares de Azevedo soube se expressar (bem) tanto num gênero como no outro. Veja-se sua peça Macário, seus contos de Noites na Taverna, seus poemas. Mas há uma linha de acentuado humor pouco conhecida em sua poesia. Daí o preferimos, para este Momento da Poesia, selecionar exatamente um poema dentro desta linha, na qual ele traça um quadro que reflete sua outra visão, longe daquela mórbida a que estamos mais acostumados. O organizador do presente volume, Hildon Rocha, estudioso da vida e da obra de Álvares de Azevedo, dá, em breves páginas, um retrato do homem e do artista, situando-o com precisão no seu meio e no seu tempo.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O Estado - 10/8/83

Salim Miguel

De memórias e biografias

Biografias e depoimentos, memórias, correspondência e entrevistas são gêneros de permanente interesse para o leitor; mas nos últimos tempos passaram a ser mais avidamente consumidos. Diante disto, cresceu bastante o número de títulos que as editoras lhes vêm dedicando em sua programação. Entre os mais recentes lançamentos estão:

Meu último suspiro, de Luis Buñuel, trad. de Rita Galvão, Ed. Nova Fronteira, RJ. Aqui, ajudado por Jean-Claude Carrière, seu habitual roteirista nos derradeiros tempos, o diretor de tantas obras-primas cinematográficas fala, com a mesma irreverência a que nos acostumou em seus filmes, de sua vida, de seu exílio durante o período da ditadura franquista, de seus amigos e inimigos, de suas andanças pelo mundo, de sua volta à Espanha, da luta até o reconhecimento final de sua obra. Livro tão fascinante quanto um filme do próprio Buñuel, que acaba de morrer no México, onde passou grande parte de sua vida.

Também fascinantes são os dois livros sobre **Jane Fonda**, da autoria de Fred Lawrence Guiles, trad. de Áurea Brito Weissenberg, editado pela Francisco Alves, RJ, e o de Thomas Kierman, trad. de Berta Amorosa Cordeiro Baptista e Silva, editado pela Bifel, SP. Filha de um monstro sagrado do cinema (Henry Fonda), ela não se deixou intimidar. Rebelde por suas posturas, polêmica pela maneira desabusada de se expressar a respeito de tudo, Jane enfrentou incompreensões e preconceitos até se afirmar como atriz e como mulher. É tudo isto que os autores, sob enfoque diferente, procuram transmitir;

Conversa com Kafka, de G. Janouch, trad. de Celina Luz, Ed. Nova Fronteira, RJ, reproduz um momento importante da vida deste grande escritor. Documento humano que acompanhamos com interesse sempre maior, mostra-nos como Janouch conheceu Kafka e as conversas entre os dois jovens, tímidos ambos. À época Kafka tinha 18 anos, testava seus primeiros escritos, logo viria seu relacionamento com Milena. Embora escrito 20 anos após as conversas terem ocorrido, o livro tem sua veracidade assegurada por figuras como Roda Dimant e, principalmente, Max Prod., a quem se deve não ter se perdido a obra de Kafka, que não quis destruir os originais do amigo.

Eça de Queiroz, até hoje, influência as letras brasileiras. Ele não só representou um momento alto e de ruptura na prosa portuguesa, mas o reflexo de tudo que fez logo chegou ao Brasil. Temos, agora, mais um livro que se acrescenta à enorme fortura crítica do autor de **Os Maias**. Trata-se de **Eça de Queiroz, vida e obra**, de Francisco Ayres, editado pela Nórdica, RJ. Acompanhando minuciosamente a vida e a obra de Eça, o Autor retoma um tema que tem servido para discussões sem fim: quer mostrar que Eça de Queiroz não foi um bastardo enjeitado pelos pais. Diz Ayres: "eu repilo comovido a afronta que a maioria dos seus biógrafos tece ao redor de sua infância dizendo-o abandonado, esquecido pelos pais". Mais lenha na fogueira do debate;

A correspondência de Arthur Rimbaud, da M e PM-editores, RS, reúne as primeiras cartas, a correspondência Verlaine/Rimbaud, as Cartas da África e a Agonia em Marselha. Este volume da col. Rebeldes e Malditos é um documento expressivo de um dos casos mais inquietantes da literatura em todos os tempos. Precoce, com uma vida marcada por fugas, viagens, lutas, sobre a qual ainda subsistem dúvidas, Rimbaud, da mesma forma começou a escrever, de repente parou. Mas o que deixou é dos mais significativos da poesia universal;

Por fim, na Col. Encanto Radical, da Ed. Brasiliense, SP, dois títulos de dois importantes Geor: **Georg Buchner** e **Geor Lukacs**, o primeiro de autoria de Fernando Peixoto e o segundo de José Paulo Neto.

Bucher (Goddelau, Alemanha, 1813-Zurich, 1837) viveu pouco e deixou pouco, mas o que deixou continua atual e inquietando até hoje: **Leonce e Lena; A morte de Danton; Woyzeck** (teatro) e **Lenz** (novela). Para Peixoto, como precursor do teatro dialético e do teatro da crueldade, Buchner deixou sua marca. Ainda há pouco **Woyzeck** doi apresentado entre nós por um grupo teatral de Florianópolis, merecendo fartos elogios de Sabato Magaldi;

Lukács (Budapeste 1885-1971) é considerado dos mais significativos pensadores marxistas do nosso tempo. Atuando, escrevendo, polemizando até o fim da vida, sofreu pressões da direita e da esquerda, discutiu, teve seu pensamento mutilado e deformado, mas sua influência sempre se fez sentir com força nos meios intelectuais. Sua obra, vasta e diversificada, é pouco divulgada no Brasil. A propósito de Lukács, diz José paulo Neto: "... a obra lukacsiana, mesmo reconhecida como a mais ambiciosa arquitetura teórica do marxismo posterior a Lenin, continua a se mostrar como uma Esfinge para o leitor comum". Para além de seus numerosos textos sobre política, filosofia, estética, os que se interessam mais especificamente por literatura precisam conhecer livros como **A teoria do romance; Goethe e sua época; T. Mann e o realismo russo na literatura universal; Dalzac e o realismo francês.**

Registro

O linguado, romance, de Gunter Grass, trad. de Jehovanira Chrisóstomo de Sousa, Ed. Nova Fronteira, RJ. Polêmico, admirado e execrado como tudo deste Autor, **O Linguado**, fábula ou conto de fadas contemporâneo, acompanha o homem desde o período Neolítico até os nossos dias. Sua ação e sua linha narrativa se estruturam através de uma série de figuras de mulheres, num processo de composição ambicioso.

* * *

A aventureira, de Jack London; **A filha da neve**, de Jack London; **A ilha do coral**, de R.M. Ballantine; **Raptado**, de R.L. Stevenson, são novos títulos da coleção Terramarear, que reaparecem depois de longos anos, testando novas gerações de leitores. Livros de aventura e emoção, há neles um componente da fantasia que prende o jovem leitor. Outra atração, no caso, são os tradutores, nomes como Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Agripino Griecco. Também reedição, da mesma Editora, agora na coleção Paratodos, é **Nômades do Norte**, de J. O. Curwood. E se para o leitor de hoje o nome do autor se perdeu, fica, para além das aventuras que o texto possa comportar, o nome do tradutor, este sim presente no dia-a-dia do leitor brasileiro: Manuel Bandeira.

Nômades do norte, de J.O. Curwood. E se para o leitor de hoje o nome do autor se perdeu, fica, para além das aventuras que o texto possa comportar, o nome do tradutor, este sim presente no dia-a-dia do leitor brasileiro; Manuel Bandeira.

* * *

A fêmea sintética, de Herbert Daniel, Ed. Codecri, RJ. Através de um texto de ficção, um livro — no dizer do autor — "que é uma denúncia". Herbert Daniel esteve exilado durante oito anos; logo depois do seu retorno ao Brasil publicou, também pela Codecri, "Passagem para o próximo sonho". Romance desabuscado de Ciência-Fictícia, pois estamos no 3º mundo; se fosse escrito noutro hemisfério, afirma Herbert, em 1º mundês, seria uma ficção-científica.

* * *

O parto do eu, de Marilu Lins Flygare, Ed. Achiamé, RJ. Reunião de crônicas abordando temas que no dizer de H. Studart levam a encontrar "uma mulher dentro do modelo em que a moldaram".

MOMENTO DA POESIA

Miguel M. Alves

Tréplica

Quantas vezes
preciso dizer?

Não há nenhuma astúcia
na verdade do Poeta

Se ele é capaz
de soletrar uma palavra

(por exemplo)
P A Z
Com a sensação de quem
reparte um milagre

É porque lê
nos olhos do Mundo
O tédio de muitas campanhas

É porque lê
nos lábios do Mundo
A vontade de ficar ali
à sombra de todas as pátrias

SEM A MISSÃO DE MATAR
SEM A MISSÃO DE MORRER
SEM A MISSÃO DE MORRER
SEM A MISSÃO DE MATAR!

Uma poesia que se preocupa com o social, mas não descura do formal. Um bom exemplo é o poema inédito que transcrevemos, que recebeu menção honrosa no III Concurso Raimundo Corrêa de Poesia, edição 1983, promovido pela Editora Shogun Arte, do Rio. O poema faz parte do volume **Itinerário**, poemas da resistência, com o qual o Autor conquistou outra menção honrosa no Concurso Luis Delfino 1981, da Fundação Catarinense de Cultura. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Miguel M. Alves, pernambucano que se formou em São Paulo, já advogou no Oeste catarinense, tendo em 1977 ingressado no Ministério Público, exercendo o cargo de promotor também no Oeste. Atualmente é titular da 2.ª Vara da Comarca da Palhoça e cursa Pós-Graduação em Direito na UFSC. Escreve desde os tempos acadêmicos e tem trabalhos publicados em jornais e revistas de Santa Catarina e de outros Estados.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado – 13/8/83 **293** **Salim Miguel**

Mais concursos literários

Estão abertas até 15 de setembro as inscrições para os concursos de literatura da Prefeitura de Belo Horizonte: o infantil, João de Barro, e o Cidade de Belo Horizonte, destinado a autores que residam em Minas. Além de aumentar o prêmio total a ser distribuído aos vencedores para Cr$ 2 milhões e 600 mil, a Prefeitura imprimirá dois mil exemplares de cada obra vencedora, reservando ao autor mil exemplares.

O concurso de Literatura infantil é aberto a brasileiros natos ou naturalizados. As obras inéditas, nas categorias conto, romance, novela e poesia, devem ser apresentadas em cinco vias datilografadas, em papel ofício, espaço dois. Em todas elas deve ser usado o pseudônimo. Dentro de um envelope lacrado, o concorrente colocará o nome e endereço completo e, na parte externa, mencionará o pseudônimo e o título da obra.

Os trabalhos serão julgados por um júri adulto e um infantil. O júri adulto, composto por três especialistas em literatura infantil, selecionará as dez melhores obras. O júri infantil, formado por alunos da rede municipal de ensino, escolherá entre elas, a sua vencedora. O prêmio é de Cr$ 300 mil e se a mesma obra for escolhida pelos dois júris o autor receberá o prêmio em dobro.

As obras podem ser entregues ou enviadas pelo correio ao Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Avenida do Contorno, 8471 — Belo Horizonte — CEP 30.000.

MOMENTO DA POESIA

A enchente

Silveira de Souza

Não sei se essa enchente mudará o homem embora todo o esforço de solidária complacência. O rio invade a aldeia, o desespero e a morte fluem pelas águas junto à memória antiga de outras perdas.

Conhecem os mortos o sabor das águas e nada dirão; como os ratos ou as cobras guardam para si a repulsão do humano. Mas os vivos, com lamentos e espantos, abraçarão perplexos uma esperança de que retorne o rio para o seu leito submisso, quando se poderá assim louvá-lo em nossos desígnios, ofícios e canções.

Registro

Projeto emergência, de Teotônio Vilela, Ed. Codecri, RJ. Na col. Em Cima do Fato, a íntegra do documento com o qual Teotônio Vilela busca uma saída alternativa para o Brasil. Ele apresenta, de maneira clara e desassombrada, propostas concretas e imediatas para a solução dos problemas que mergulham o País na grave crise atual.

* * *

Os alimentos naturais milagrosos, de Robert Dudley; **As saladas naturais,** de Arnold Shaker, Ed. Global-Ground, SP. De repente se redescobriu o valor dos produtos naturais para uma alimentação melhor. Nestes dois títulos, uma orientação para os que desejam se utilizar do ginseng e da lecitina, das fibras vegetais e da geléia real, entre outros, afim de programar um cardápio equilibrado.

* * *

Colonização e reforma agrária no Brasil, de Raymundo Laranjeira, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Através de números e de gráficos, o A. mostra a que nível de desnacionalização chegaram as nossas terras e os malefícios do art. 10 do Estatuto da Terra.

* * *

Euclides da Cunha, de Sylvio Rabello, Ed. Civilização Brasileira/Pró-Memória-INL, RJ — Brasília. Em 3.ª edição, um minucioso ensaio biográfico e interpretativo da vida e da obra do autor de **Os Sertões.**

* * *

Suécia, uma democracia social, de Berguedof Elliot, Ed. Nórdica, RJ. O A., que não aceita a alternativa direita ou esquerda, capitalismo ou socialismo, estuda aqui o atual estágio de democracia e justiça social alcançado pela sociedade sueca e o que ela representa.

* * *

Moeda: de onde veio, para onde foi, de John Kenneth Galbraith; e **O novo estado industrial,** de John Kenneth Galbraith, Ed. Pioneira, SP. Nestes dois títulos da Col. Novos Umbrais, ambos em 2.ª edição, o A. dá uma visão ampla do papel e do significado da moeda através dos tempos no livro **Moeda,** enquanto em **O novo estado industrial** mostra em mãos de quem se encontra o poder na sociedade industrial. E que do poder assim exercido, decorrem os problemas dos nossos tempos, entre eles a ameaça à qualidade de vida e o desenvolvimento desigual da economia.

* * *

Bakunin, textos escolhidos; e **Proudhon,** textos escolhidos, ambos com seleção e notas de Daniel Guérin, são dois novos títulos da Biblioteca Anarquista, publicados pela L e PM - editores, RS. Um "amante fanático da liberdade", como ele próprio se intitulava, Bakunin, filho de uma rica família de proprietários de terras na Rússia, fala neste livro sobre o Estado e o Governo, Deus e o Estado, a Igreja e o Estado, entre outros assuntos; já Proudhon era filho de camponeses franceses e considerava a propriedade um roubo. Entre outros, estão incluídos neste volume textos seus sobre "O advento da liberdade", "O governo e o povo", "Do Poder absoluto à anarquia".

* * *

Controle seu diabetes comendo bem; e **Controle seu colesterol comendo bem,** ambos de Roberto Weil, são dois novos títulos da Global/Ground, SP, sobre regimes alimentares. Neles se explica como e porque uma pessoa pode se utilizar de determinados alimentos e suprimir outros. Há uma seleção de receitas que ajudam a evitar a arteriosclerose por um lado, e pelo outro evitar que a dieta do diabético se torne um sacrifício para a família.

* * *

A participação de mães na pré-escola, de Arlette D'Antola (coord.), Livraria Pioneira Editora, SP. Uma experiência nova abordando formas de participações comunitárjas em instituições de ensino. Mais um volume da série A pré-escola brasileira, dirigida por Paulo Nathanael Pereira de Souza.

* * *

No mundo dos números, de Issac Asimov, Ed. Francisco Alves, RJ. De forma simples e compreensível, um autor prolífico aborda aqui uma ciência importante, a matemática, explicando o significado e aplicações dos números. Asimov é mais conhecido por seus livros de ficção científica, embora aborde numerosos outros temas.

* * *

Elizabeth Taylor, de Kitty Kelley, Ed. Francisco Alves, RJ. Desde seu primeiro filme e seu primeiro marido, La Taylor é destaque permanente. Agora, com mais de 50 filmes e partindo para o oitavo marido, ela continua chamando a atenção. Neste livro, sua vida, sua arte, suas aventuras, inclusive as sentimentais.

A verdade sobre a luta dos pracinhas da FEB

O jornalista Joel Silveira já acompanha na Record os trabalhos de produção do livro que escreveu sobre a participação do Brasil na II Guerra Mundial, sendo ele, na ocasião, correspondente de guerra junto à FEB.

Fatos narrados por Joel e fotos inéditas de Thassilo Mitke, repórter fotógrafo, constituem a atração máxima e segura deste livro que conta a história da campanha na Itália sob a ótica dos pracinhas. A editora aposta na sua publicação, pelo enfoque dado e pela sua linguagem direta e jornalística. É uma volta ao passado histórico visto por um repórter.

Como se abrisse um jornal na época. História com calor humano em linguagem do dia-a-dia.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLE MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS - O Estado - 17/8/83 — Salim Miguel

Cultura em publicações periódicas

294

Com a crise que se agrava dia-a-dia, as publicações culturais periódicas, que já não eram muitas, começam a rarear sempre mais. Quase sem retorno do investimento financeiro, os empresários não se sensibilizam (ou raramente se sensibilizam) com o aspecto cultural e não se arriscam a mantê-las no vermelho, os governos pouco se preocupam com o problema da difusão cultural, e os órgãos de comunicação logo ao primeiro sinal de crise pensam em cancelá-las.

Assim, pode-se contar pelos dedos as publicações que se aguentam — até quando?

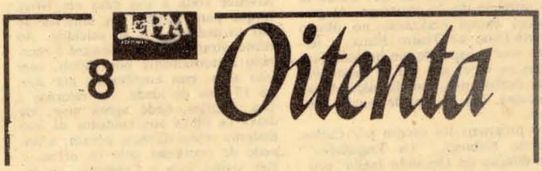
Na área oficial (porque outros não seguem o exemplo?) seria de destacar o **Suplemento Literário** do Minas Gerais, há 18 anos circulando, e que entrou agora em nova fase, com diagramação mais moderna e outros colaboradores. Para dirigir a Imprensa Oficial, onde ele é impresso, foi o escritor Murilo Rubião, primeiro editor do SL, para a secretaria de redação outro escritor, Duílio Gomes, e para a comissão de redação mais dois escritores, Paulinho Assunção e Wander Pirolli. Embora já tenham assumido há alguns meses, agora é que se efetivou a mudança na parte gráfica e na linha editorial; mudança que veio revigorar o órgão, pois publicações do gênero necessitam de periódicas mexidas. Da mesma linha é o **Correio das Artes,** editado por Sérgio de Castro Pinto, que circula com o jornal A União, de João Pessoa, Paraíba. Está também em nova fase, a primeira dos já longínquos anos 50. Tem colaboração variada, abrindo espaço para escritores de diferentes regiões e dando impulso à produção cultural que de outra maneira estiolaria. Mais novo, tendo acabado de entrar no Ano II, **Leitura,** publicação da Imprensa Oficial de São Paulo, tem proposta diferente. Enquanto as outras duas são uma semanal e outra quinzenal, esta é mensal. Mas a diferença básica se situa no enfoque dado às matérias, com alguns números monográficos, com o que foi dedicado ao conto paulista, com reportagens sobre teatro, cinema, música, artes plásticas, etc. A direção da Imprensa Oficial é de Audálio Dantas, a editoria de Cultura é de Ruy Marcucci, secretaria de Wladimir Araújo, arte de Ionaldo Cavalcanti e na comissão de redação Edimilson Cardial e José Maria do Prado.

Independentes, temos o vovô de tais publicações, **Jornal de Letras,** já com 34 anos de circulação, e que vem se mantendo graças à persistência de Elysio Conde. Tem sempre colaboração variada de escritores de diferentes regiões do País. Já **Leia Livros,** ligado à Editora Brasiliense, para se manter, depois de seis anos, foi obrigado a dar uma virada na sua linha, passando a ser agora o **Novo Leia,** abrindo espaço para falar de música, cinema, teatro, etc. O diretor é Caio Graco Prado e na editoria Lúcia Nagib. Além de matérias mais longas, resenhas, boas dicas sobre últimos lançamentos e relação de todos os títulos publicados no país.

Nos jornais, tais publicações vem escasseando cada vez mais. Alguns ainda mantém uma página de resenha aos domingos, no Jornal do Brasil, Mário Pontes resiste com seu **Livro** (4 páginas) aos sábados, jornais de outros estados abrem algum espaço para notícias culturais. Com encartes próprios, em formato tablóide, ao que nos lembramos continuam circulando, semanalmente, os do Estado de São Paulo, da Folha de São Paulo, e do Correio do Povo. Cada qual com uma proposta bem diferenciada, o do Estadão mais voltado para colaborações traduzidas, o da Folha abordando temas vários, e o do Correio do Povo dedicado a abrir espaço maior para a colaboração da região Sul do País. Por sinal que este, o **Letras e Livros,** editado em nova fase pelo jornalista Jayme Copstein, acaba de completar dois anos. Nestes dois anos (a fase anterior, com outro título, tinha editoria do P.F. Gastal), além de uma diagramação mais ágil, teve como intensão renovar em parte o quadro de colaboradores, dar mais atenção aos temas atuais e abrir espaço para alcançar a colaboração de escritores do interior do Rio Grande e de Santa Catarina, num esforço de integração e visando mostrar o que vem sendo produzido nas áreas culturais.

De revistas, duas subsistem: **Escrita,** editada por Wladyr Nader, a única da boa safra de publicações dos anos setenta. Ela resiste graças à teimosia de seu editor, mais persistente do que outros colegas seus. Neste n.º 36 do Ano VIII, a revista tem como destaque maior reprodução de trechos do **Diário** de Anais Nin, onde além de falar dela mesma, Nin fala de autores com quem conviveu, em especial Henry Miller. Outras matérias são: Poema de Allen Tate, com tradução e apresentação de Celso L. de Oliveira; os artigos **Literatura de repressão,** de Fábio Lucas, e **A cidade de Rubem Fonseca,** de Elizabeth Lowe, além de depoimentos de Marcia Denser e Roberto Piva, e resenhas de livro e informações culturais. A outra revista é **Oitenta,** da LePM editores, dirigida por Ivan Gomes Pinheiro Machado e Paulo de Almeida Lima, editada por José Antonio Pinheiro Machado. Ela chega ao n.º 8 e continua com matérias de muito bom nível. Neste, a começar pela primeira, uma longa entrevista de Sônia Nolasco-Ferreira com Céleste Albaret, a governanta de Proust. Depois, um revelador documento sobre a revolução em El Salvador e um depoimento sobre a resistência em Moçambique, a íntegra do pronunciamento de García Marques ao receber o prêmio Nobel, a entrevista de Sartre com Danny le Rouge e a de Ernesto Parra com Juan Rulfo, Fellini falando de Rossellini e de "Roma, cidade aberta", artigo sobre as mulheres em quadrinhos e a evolução do gênero para uma linha mais erótica, o capitalismo em guerra contra a natureza, segundo Marcuse, engraçados causos da política rio-grandense, mais artigos e entrevistas, contos e poemas.

Agora, é torcer para que estas resistam.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O ESTADO - Fpolis, 24-08-83 **Salim Miguel**

Mais títulos de Portugal 295

Um trabalho permanente e eficiente de divulgação das coisas da cultura vem sendo feito pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, de Lisboa, com a crescente publicação de livros que atingem todas as áreas do saber. No Brasil a distribuição dos títulos está a cargo da Livraria Camões, do Rio de Janeiro, e entre os últimos recebidos pela coluna estão:

Memória consentida, 20 anos de poesia, 1959/1979, de Rui Knolpfi, prefácio de Luís de Sousa Rebelo, na col. Biblioteca de Autores Portugueses. Pode-se, aqui, acompanhar a preocupação do poeta não apenas com a pureza do verso, mas também com o que o cerca; e ainda, conforme assinala o prefaciador, perceber que Rui "mantém a integridade de um canto alto e continuado". O Autor nasceu em Moçambique, em 1932, ali vivendo até 1975. Agora é conselheiro de Imprensa na Embaixada de Portugal em Londres.

Uma eleição perdida, do Conde de Ficalho, introdução e notas de Nuno Sampayo, é também da mesma coleção. Da geração de Eça de Queiroz, o Autor é mais conhecido em outras áreas, sendo este seu único livro de ficção. Numa linha realista, tem ele contos (o mais conhecido é "A caçada do malhadeiro", frequente em antologias portuguesas) que revelam um narrador seguro. O conto que dá título o livro é autobiográfico, documento sobre eleições e caciquismo.

Já da coleção Plural, temos também dois livros: **Na pista, entre as linhas,** poemas de João Camilo, revelando um poeta sensível, que tem trabalhos escritos entre 1967-8 e outros de 1980, reunindo ao lado poemas de verso longo e trabalhado e poemas em prosa, de Manuel Ma. Carrilho e **O saber e o método,** série de estudos onde o Autor procura, através de análises de casos, apurar o modo como os **saberes** são **afetados,** na sua constituição intrínseca, pelas exigências de sua transmissão.

Hospital das letras, de David Mourão-Ferreira, da coleção Estudos Portugueses, reúne trabalhos onde o Autor examina, entre outros, a obra poética de Sá de Miranda e Cesário Verde, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, Cecília Meireles e Cabral do Nascimento. Há sempre, nestes trabalhos, um toque muito pessoal, a visão de alguém que, também poeta, sabe sentir e compreender a poesia em toda a sua dimensão.

Por fim, **A natureza humana,** de Thomas Hobbes, com tradução, introdução e notas de João Aloísio Lopes, na coleção Estudos Gerais, Série Universitária. Aqui e um clássico da filosofia que temos, de um autor de quem se diz na Introdução: "E Hobbes' Bem, como um fantasma, vagueia quase invisível por entre os diversos domínios teóricos; embora, curiosamente, não se consiga exorciza-lo e as suas correntes aqui e ali ressurjam com algum estrepito". Próximos títulos desta coleção: **A dissertatio de 1770,** de Kant; **Eutifron — Criton — Apologia de Sócrates,** de Platão; **Tratado teologico-político,** de Spinosa; **Prefácio à fenomenologia do espírito,** de Hegel; **Política,** de Aristoteles.

MOMENTO DA POESIA

Rui Knopfli

Marinha

Lembrança
de uma tarde de praia,
ondas rebentando na muralha
altos cachos de brancura rápida.
Lembrança
de barcos balouçando na distância
seus cheiros intensos: cordame,
salitre, cânhamo, resinas.

Lembrança
do vento agreste
com ranger de lonas e madeirame.
Gabardine azul
e os cabelos desgrenhados,
eras
o som distorcido das palavras entrecortadas
ao contraponto poderoso
do vento e do mar.
Eras a oscilante
mancha escura
na areia leve,
a alvura dos dedos longos e frios,
longíqua e cinzenta
como uma gaivota na ressaca.

(in **Memória consentida** — 20 anos de Poesia, 1959/1979, de Rui Knolpfi, Ed. Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, com patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Calouse Gulbenkian).

Registro

Soberania e política energética, de Jaime Rotstein. Ed. Francisco Alves, RJ. Um tema candente e controvertido, mais ainda neste momento de crise profunda que atravessa o País. O Autor analisa o problema em suas várias implicações e mostra qual, a seu ver, a melhor saída, defendendo a necessidade da substituição progressiva do petroleo pelo alcool produzido a partir da biomassa e insistindo que o Brasil precisa fabricar um motor pesado projetado para consumo de alcool em vez de oleo diesel.

* * *

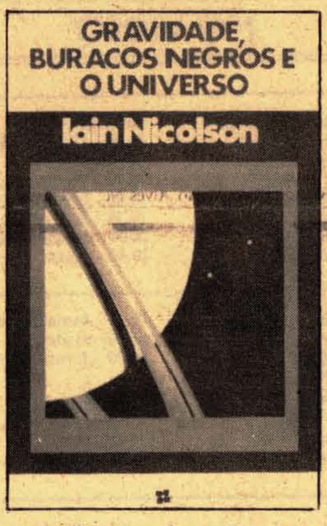
Tarô ou a máquina de imaginar, de Alberto Couste. Ed. Global-Ground. SP. Na col. Esoterismo e Ocultismo, depois de **I Ching. Steps,** Livro das mutações e Jogo da vida, de Roberto Campadello, mais um título para os aficcionados. Neste Tarô, considerado "pai sincretico de todos os tipos de baralhos", o Autor vai para alem do simples jogo, para se aprofundar em interpretações apaixonantes que sempre inquietaram o ser humano.

* * *

O mundo em que vivemos, de Cyro Martins. Ed. Movimento. RS. Romancista que vem tendo sua obra reeditada e reavaliada, Cyro Martins é também ensaísta. Há pouco publicou volume onde estuda escritores do porte de Erico Verissimo, Mario Quintana, Augusto Meyer, Dyonelio Machado, Lila Ripoll, Alcides Maya. Neste seu novo livro temos trabalhos sobre Humanismo psicanalitico e a guerra; A criação artistica; Do mito à verdade científica.

* * *

Meus tesouros da juventude, de Rita Ruschel. Summus Editorial, SP. Atraves dos outros, uma jovem procura melhor se conhecer. E a Autora diz que reuniu 11 pessoas (Fernando Morais, Elis Regina, Roberto Azevedo, Toquinho, Jô Soares, Hilda Hilst, Dora Ferreira da Silva, Tom Jobim, Lima Barreto, Wesley Duke Lee e Alberto Ruschel, seu pai) para em conversa com eles procurar compreendê-los e mostra-los ao leitor. Mais do que isto, porem, Rita se auto-investiga e auto-revela nestas paginas.



* * *

O que é amor, de Betty Milan. Ed. Brasiliense. SP. Neste novo título da coleção Primeiros Passos, a Autora começa dizendo de suas dificuldades em abordar um tema aparentemente facil; a seguir faz variações em torno do mesmo, aproveitando tambem o que ela chama de "resenhar outros autores" que buscaram explicar o amor em suas variadas dimensões. Ao concluir, nas Indicações para Leitura, cita nomes como Platão, Ovidio, as cartas de Heloisa e Abelardo, a Lirica de Camões, Cartas da Religiosa Portuguesa, no passado; e na Idade Moderna, **Do amor,** de Stendhal, **O amor no ocidente,** de Denis de Rougemont, e **Fragmentos de um discurso amoroso,** de Roland Barthes.

* * *

Gravidade, buracos negros e o universo, de Iain Nicolson. Ed. Francisco Alves, RJ. O Autor examina o papel da gravidade no Universo e discute a extrema gravitação no contexto dos buracos negros, os mais enigmáticos dos objetos astrofisicos. Conhecido como educador e escritor sobre astronomia e ciência espacial, Iain tem entre seus principais interesses a evolução estelar, a matéria interestelar, os buracos negros, a vida no universo, a exploração espacial.

* * *

Movimento dos trabalhadores: um debate; CPT: pastoral e compromisso; As bem-aventuranças do povo Mŷky, são três cadernos da Editora Vozes., RJ. No primeiro, um debate informal onde trabalhadores do Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo procuram se conhecer e encontrar pontos em comum; no segundo, uma contribuição da Comissão Pastoral da Terra na luta em defesa do homem do campo, espoliado de suas terras ou do direito de cultivalas; o terceiro, escrito por Elisabeth Amarante, neta do Marechal Rondon, mostra o trabalho que vem sendo feito a partir de 1971, quando pela primeira vez se entrou em contacto com o povo Mŷky, indígenas que até então não haviam sido contactados. Co-edição Vozes-Cimi.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 20/8/83 **Salim Miguel**

Para os pequenos leitores 296

De uns tempos para cá, e graças em especial ao trabalho desenvolvido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, as editoras vêm abrindo, na sua programação, um espaço maior para os livros dedicados ao público infantil e juvenil. São série ou títulos em avulso, abordando os temas mais diferentes; e entre os últimos recebidos pela coluna estão.

O burrinho do presépio, de Marietta Telles Machado, Ed. da Universidade Federal de Goiás. Nesta série de contos, a Autora, já conhecida por outros livros, desenvolve, sempre numa linguagem clara e segura, temas de Natal ou temas em geral;

Xisto e o pássaro cósmico, de Lúcia Machado de Almeira, Ed. Record, SP. Em sua viagem interplanetária Xisto vive curiosas aventuras. Agora retorna em 3.ª edição, num texto que combina o cotidiano e fantástico. Xisto convive com os leitores também de outros livros da Autora;

Aventuras de São Saruê, de Orígenes Lessa, Ed. Nórdica, RJ. Aos 80 anos de idade, o Autor continua ativo e produzindo; ainda há pouco, Lenços Paulista, sua cidade natal, homenageou-o. E ele então aproveitou a ocasião para lançar este novo livro onde sonha (não fosse ele autor de **O feijão e o sonho**) com um país sem problemas;

Por nome de passaredo, de Ruth Rocha, Ed. Nórdica, RJ. Autora prolífica, mas sempre mantendo a qualidade, Ruth conta em versos a história de "uma cidade cheia de pássaros/que voam e cantam/trazendo alegria". Um texto singelo e bem humorado;

Faca sem ponta, galinha sem pé..., de Ruth Rocha, Ed. Nova Fronteira, RJ. Outro texto de Ruth, onde com muito humor ela fala de coisas que nos dizem de perto, através das aventuras de duas crianças que trocam de papel para melhor conhecerem o mundo;

A mulher que matou os peixes, de Clarice Lispector, Ed. Nova Fronteira, RJ. Uma autora considerada "difícil" por seu texto elaborado e que lhe marcou um lugar próprio na literatura brasileira, mostra aqui como, sem abdicar de sua maneira de ser, pode dar um bom recado para as crianças e às menos crianças, que por igual gostarão do livro;

Os bichos que tive (memórias zoológicas), de Sylvia Orthof, Ed. Salamandra/INL, RJ. Desde seu primeiro livro, Sylvia se situou entre as autoras de presença marcante na literatura para o público infanto-juvenil. Aqui, oito histórias onde ela fala de bichos com graça e inventividade;

A dança do pavão, de José Francisco Rodrigues, Ed. Salamandra/Pró-Memória-INL, RJ. A história de um simpático pavão e as dificuldades que enfrenta para criar o filho, "um lindo pavãozinho". Mas os problemas não o desesperam e ele conclui que a vida é uma festa;

Os quitutes de Luanda, de Jorge Lescano, Ed. Criar, PR. Uma história sensível e lírica, de encontros e desencontros: a partir do desejo da menina Luanda (haveria aí um intencional jogo de palavras entre lua e anda?) em conhecer sua avó, toda uma família desenvolve um processo de auto-identidade em busca de sua história.

Como ilustração é dado importante em tais livros, eis por ordem de entrada em cena, os ilustradores, a começar por **O burrinho do presépio:** Gomes; Mário Cafiero; Milena Fernandes; Regina Vater; Walter Ono; Carlos Scliar; Gê Orthof; Marta Strauch; Cortiano.

Mas além de livros, publicações periódicas se dedicam a divulgar os livros para a infância e adolescência. Entre eles, o **Boletim Bibliográfico de Literatura Infantil,** da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, que acaba de publicar seu n.º 4 com relação de livros publicados, livros comentados, retrospectiva e endereços das bibliotecas do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis; e o **Boletim Informativo da FNLIJ,** já em seu n.º 62, correspondente a janmar 83, como sempre bem diagramado e ilustrado (desta vez por Angela Lago), trazendo artigos, notas, informações e resenhas de bastante interesse.

Quadrinhos da L&PM

Em capa cartonada, formato álbum, mais dois quadrinhos da coleção que a LePM editores lançou há pouco. O título inicial — não poderia ser melhor — foi **O analista de Bagé,** de Luís Fernando Veríssimo, quadrinizado por Edgar Vasques. E o sucesso, claro, foi total. Agora temos **As origens do Capitão Bandeira,** de Paulo Caruso (desenho) e Jorge Farah (argumento). Neste super-anti-herói tropical, os autores glosam ao mesmo tempo as histórias em quadrinho e a nossa realidade, com muito humor. Já **Hagar, o horrível,** é hoje um texto clássico no gênero, publicado em 1.400 jornais de todo o mundo e traduzido em 13 idiomas. O trabalho de Dik Browne é traduzido por outro humorista bastante conhecido, Caulos. E para breve a editora nos promete outras tiras de sucesso, como **O homem é bom?,** de Moebius; **Corto Matese** em A balada do mar salgado, de Hugo Pratt; **O melhor do Rango,** de Edgar Vasques; **A ilha do tesouro,** de Hugo Pratt e R. L. Stevenson; **Valentina,** de Guido Grepax; e **As cobras,** de Luís Fernando Veríssimo.

Registro

A terceira margem, romance, de Benedicto Monteiro, Ed. Marco Zero, RJ. O Autor prossegue em sua saga, iniciada em **Verde, vago mundo:** revelar uma Amazônica violentada, diferente daquele paraíso que nos queriam impingir e que pode ter existido bem antes. Ficcionista de garra, Monteiro, através de personagens bem estruturados, sabe armar sua trama, utilizando uma técnica inventiva.

***

Luz de agosto, — romance, de William Faulkner, trad. de Berenice Xavier, Ed. Nova Fronteira, RJ. Para outro grande escritor, Albert Camus, "Faulkner é um dos raros criadores ocidentais". Ele logo nos situa em seu universo particular, naquele Sul decadente e traumático, como neste livro, onde tudo se desencadeia porque o personagem Christmas acredita ter sangue negro.

***

Um amante moderno e outras histórias, de D. H. Lawrence, trad. de Maria Célia Castro, Ed. Record, RJ. Mais conhecido pelo escândalo provocado por seu romance **O amante de Lady Chaterley,** Lawrence é escritor bastante representantivo de seu meio e sua época. Nestes contos podemos sentir um narrador impregnado de força e paixão, autor de obras como **Mulheres apaixonadas, Filhos e amante,** entre outros.

***

O caçador de andróides, romance, de Philip K. Dick, trad. de Ruy Jungman, Ed. Francisco Alves, RJ. Novo título da col. Mundos da Ficção Científica. Andróides estão dispostos a lutar por uma vida mais longa do que aquela para a qual foram programados; e Rick Deckard deve encontrá-los e destruí-los. A partir daí, um livro inquietante. Adaptado para o cinema, recebeu várias indicações para o Oscar/1983.

***

Intriga no bairro chinês, romance de Luis Sánchez Guñat, trad. de Eliane Zagury, Ed. Antares, RJ. Através da lembrança de Pascual Flores Zurrón, ex-policial encarregado de investigar uma suposta conspiração contra a vida do presidente do EUA que visita o México, a ação se passa em Hong Kong e no México. Livro de suspense, que ultrapassa o policial para explorar aspectos mais íntimos do ser humano. A Antares, ao completar cinco anos, inicia a sua linha de traduções.

***

O desenvolvimento do capitalismo na América Latina, de Agustin Cueva, Global Ed., SP. Primeiro título da Coleção Temas, aqui o Autor faz uma análise do processo histórico-social que conduziu ao desenvolvimento do capitalismo na América Latina. Para explicar as condições em que a região se encontra, ele entrelaça a problemática da dependência com o das lutas sociais no interior da América Latina.

***

Medicina social, aspectos históricos e teóricos, org. Everardo Duarte Nunes, Global Ed., SP. Este novo volume de coleção Textos, coletânea de vários autores sobre medicina social, corresponde a um curso introdutório da matéria. Eles servem como instrumento de consulta e estudo nos cursos acadêmicos, mostrando as bases do desempenho social no processo saúde-doença e na prática da medicina.

***

Teatro, de José Arrabal e Maria Ângela Alves de Lima, Ed. Brasiliense, SP. Mais um título da coleção "O nacional e o Popular na Cultura Brasileira", que vem fazendo um balanço do que se produz e do que subsiste nas diferentes áreas da cultura. Adauto Novaes, coordenador do Projeto, diz na apresentação que as pesquisas tomaram campos e caminhos diversos, "mas todos partem de um solo comum: entender como tais conceitos foram sendo construídos na nossa história".

***

A arquitetura no Rio Grande do Sul, org. Gunter Weimer, Ed. Mercado Aberto, RS. Novo título da Série Documenta. Uma história das formas de habitação no Rio Grande do Sul, que vai das habitações subterrâneas no nordeste gaúcho, que datam cerca de 4.000 anos, à produção mais recente de arquitetos e engenheiros atuais.

***

Educação e lugar, — de Yi-Fu Tuan, Difel, SP. Um estudo que considera as múltiplas maneiras pelas quais as pessoas sentem e pensam a respeito de espaço e lugar. Para o Autor, lugar é segurança e espaço é liberdade. A partir daí e da experiência humana, ele desenvolve seu objetivo que consiste em explorar e sugerir idéias mais do que em dar a palavra final numa área em que o condicionamento humano é tentativo.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Biblioteca Nacional: publicações

A Biblioteca Nacional, detentora do maior e mais valioso acervo da América Latina, edita, tradicionalmente, desde 1873, publicações de âmbito histórico-cultural, com a finalidade de divulgar informações inéditas e/ou importantes existentes em sua coleção bibliográfica.

Com isso pretende despertar o interesse do público para esse patrimônio e fomentar a utilização desse potencial que constitui a memória documental brasileira.

São publicações variadas, de valor inestimável, algumas representativas do que há de mais expressivo em seu acervo. Para alcance de grande público há exemplares disponíveis que podem ser adquiridos, por preços razoáveis, ou por via postal, dirigindo-se à Seção de Editoração da Divisão de Informação e Divulgação da BN, Av. Rio Branco, 219 — 4.º andar — tel. 240-8429.

Entre as publicações de interesse, podem ser apontadas:

— Anais da Biblioteca Nacional — Contém informações baseadas em documentos inéditos e originais, principalmente manuscritos, exclusivos do acervo da BN. São indispensáveis à pesquisa histórica, portanto, de grande utilidade para pesquisadores e professores. O Relatório Anual é incluído nesta publicação, dando ciência das atividades desenvolvidas na Biblioteca em cada exercício.

— Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional — É a bibliografia corrente nacional que divulga, trimestralmente, informações sobre o material recebido pela Biblioteca Nacional através da Contribuição Legal, além do material adquirido por compra ou doação.

Esta publicação é distribuída, sistematicamente, em todo o território nacional e enviada, também, em larga escala para o exterior constituindo, assim, um excelente veículo de divulgação da produção editorial nacional.

— Conto Brasileiro e Sua Crítica — Bibliografia referente ao período 1841-1974.

— Catálogos de Exposições — Publicações avulsas que mencionam peças (obras manuscritas, impressas, iconográficas) expressivas do acervo e as mais representativas do assunto focalizado, selecionadas para composição das exposições organizadas pela Biblioteca Nacional. Há catálogos, por exemplo, referentes às exposições que tiveram por tema assuntos e vultos de diversas épocas, de interesse inconstestável como: Goethe, Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Molière, F. Chopin, Folclore Brasileiro, o Rio de Janeiro, Transportes no Brasil, Imprensa no Brasil, Mapas Antigos dos Séculos XVI-XVIII, Incunábulos da Biblioteca Nacional etc..

MOMENTO DA POESIA

Marques Rebelo

Poema de Gastão de Holanda

Eras miúdo de estatura
mas ocupavas espaço
de um touro e o aço
de tua sábia escultura

permanece intato: polido,
em machadiana liança.
Se houve mudança
foi transcendental, de livro,

que, certo, se multiplicou
no cristal, espelho partido.
Tua imagem esparzida
atual discurso ditou.

Vale o destino: minha mão
que entanto julgava morta
quando Stela me abriu a porta
pulsou, feito coração.

Discípulo Antônio Fernando,
Elza, companheira e langor
herdeiros do teu amor,
culta memória, continuando.

Edi, estávamos sós
de palavras, tua semente
se arboriza, infinitamente:
agora a guerra está em nós.

(**O dragão encurralado**, *poemas, de Gastão de Holanda, Ed. Achiamé, RJ*)

Gastão de Holanda é poeta, ficcionista, crítico, editor de publicações culturais. Mais ainda: apaixonado por artes gráficas desde os tempos do Recife (pernambucano que é) até os dias de hoje no Rio de Janeiro, onde vive. Pacientemente, com apuro de artesão sem pressa, tem produzido livros (ou poemas) em edição limitada, do mais alto nível, trabalhando-os com a sua fina sensibilidade de cultor da palavra e da arte gráfica. Em alguns pontos, sem querer me equiparar a ele, nos aproximamos. Porém temos outra coisa que nos aproxima ainda mais: a admiração por Marques Rebelo, que há 10 anos (26.08.73) nos deixava. Em nossa coluna passada (24.08.83) relembramos passagens de Marques Rebelo por Florianópolis, de que maneira o conhecemos, e de nossa convivência, primeiro em Florianópolis e depois no Rio de Janeiro durante os anos que ali vivemos. Hoje cedemos a palavra a Gastão de Holanda. Com sensibilidade e agudeza ele retraça um perfil pertinente de Marques Rebelo; seu poema recupera o homem e o artista, a partir dos dois primeiros versos ("eras miúdo de estatura/mas ocupavas espaço"). Sim, pequenino Rebelo era, mas com sua vitalidade, com seu entusiasmo, ocupava mais espaço do que muito gigante. A proposta do poema de Gastão de Holanda vai para além de uma colocação em termos de espaço físico; ela se situa em tudo que Rebelo representava, possibilitando assim diferentes leituras. Como, aliás, possibilitam os demais poemas deste **O dragão encurralado,** sendo exemplo expressivo o poema "Catálago — O homem e o livro", de que damos um pequeno e significativo trecho: "Que os livros não são objetos, o homem sabe/a prosa contida é sangue, o verso circulação,/ambos confidenciam intimidades, o retiro,/da biblioteca é entalhe de sábia solidão./"

Registro

Monólogo do escorpião, romance, de Rui Mourão, Ed. Atica, SP. A motocicleta, que adquire como que uma vida própria, e com quem os motoqueiros dialogam, é a principal personagem deste Livro de título tão simbólico. Ela se integra a uma tema atual, a juventude das grandes cidades, suas inquietações, suas dúvidas, suas buscas. Mourão procurou adaptar a linguagem a esta busca, num estilo ágil, diríamos quase numa corrida contra o tempo e contra algo que os jovens ainda ignoram, mas que os pode levar à destruição.

* * *

Homens e cães, contos, de A. Vicente Campinas, Ed. Alfa Omega, Col. Autores/I, Portugal. Distribuídos em dois blocos, "Colheita real" e "Histórias de cães", contos duros como a própria vida que retratam, uma visão realista do dia-a-dia dos pobres, que existe e subsiste em quase toda a parte. Campinas tem um olhar de simpatia para esta sofrida humanidade, tristes figuras que transitam em suas histórias, e de indignação para com uma sociedade injusta que permite que tais situações persistam. O estilo é direito e fiel, como os quadros que ele traça e que explica na Introdução, "Vamos falar de ventos e marés".

* * *

A algaravia, romance, de Jorge Semprun, trad. de Margarida Salomão, Ed. Nova Fronteira, RJ. Como sempre, há algo de autobiográfico neste novo livro do autor de **Um belo domingo.** Aqui temos um ex-militante comunista, que no exílio busca sua identidade. Semprun é um autor sempre original, de texto que fascina. E aqui, de novo, presentes e afiadas, todas as suas inquestionáveis qualidades de narrador. Aceitando-se ou não suas colocações, uma leitura absorvente.

* * *

As piores do parachoque, de Phaulo Gonçalves, Ed. do Autor, Goiânia, GO. Nestes tempos bicudos será possível, pelo menos, ainda rir sem mostrar só a gengiva descarnada? Phaulo, que declara, "do mesmo autor: Anna, Paula e Mônica, em parceria com Hermione, minha mulher", acha que sim. E dá exemplos: 1 - A área política em Goiás é muito boa: raro o político que não possua pelo menos 500 alqueires; 2 - Chega de pílulas, afinal anteconcepcional não enche barriga; 3 - O duro é saber que apesar de toda essa dívida, a ficha do SPC do Delfim, Langoni e Galvêas é melhor do que a minha; 4 - 0 dólar cada vez mais caro. E nessas horas que damos graças a Deus que nossa moeda seja o cruzeiro.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - Fpolis, 31-08-83 Salim Miguel

Dois lançamentos de livros 298

Nesta semana, dois lançamentos na Universidade Federal de Santa Catarina: **Santa Catarina: sua história,** de Walter F. Piazza, da Editora da UFSC, co-edição Editora Lunardelli; e **Jogos da madrugada,** de Esdras do Nascimento, Editora Nórdica, do Rio de Janeiro.

Amanhã, quinta-feira, dia 1º de setembro, às 17h30m no **hall** da reitoria, será a vez do livro do prof. Walter F. Piazza, **Santa Catarina: sua história,** minucioso levantamento que demandou anos de pesquisa no Brasil e em Portugal. Para o prof. Victor Peluso Júnior, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, "a obra do prof. Walter F. Piazza contém a história da formação da sociedade catarinense — suas lutas, seu desenvolvimento social, econômico e político".

Na sexta-feira, dia 2 de setembro, às 16 horas, no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, campus da Trindade, o escritor Esdras do Nascimento estará, ao mesmo tempo, proferindo palestra, debatendo sobre seu processo de criação e lançando seu mais novo romance, **Jogos da madrugada.** A palestra de Esdras do Nascimento será para os alunos de Letras da UFSC, mas estará aberta aos interessados no tema. O autor, que hoje vive em Nova Iorque, onde é funcionário do Banco do Brasil, já tem uma dezena de romances publicados, todos bem aceitos pela crítica e pelo público, entre eles **Variante Gotemburgo,** com o qual defendeu tese de mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando pela primeira vez um trabalho de ficção foi aceito como trabalho de conclusão de curso na área.

E dois encontros de editores

Dois encontros de editores vão se realizar durante o mês de setembro. Um, XIV Encontro de Editores e Livreiros, de 14-17, em São Lourenço, MG; e o outro, Seminário de Editoração e Administração de Editoras Universitárias, de 12-16, em Porto Alegre, RS.

O primeiro, que vai debater o problema da produção e comercialização do livro, é promovido pela Associação Nacional de Livrarias, Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional dos Editores de Livros. E entre os temas principais a serem examinados estão: comercialização do livro; assuntos fiscais e política creditícia; edições oficiais, universitárias, especiais e co-edições; o livro didático; tarifa e transportes.

O segundo, que reunirá participantes dos três Estados do Sul, vai realizar um intercâmbio de experiências, examinando todos os aspectos ligados ao problema do livro editado por editoras de universidades, sua importância e difusão, administração, divulgação e distribuição, perspectivas de co-edições e co-autorias universitárias, periódicos na universidade.

Concurso Nacional de Monografias acaba de ser lançado pela Rioarte

Com prêmios de Cr$ 400, 300 e 200 mil para os três primeiros colocados e a edição de uma antologia com os 10 melhores trabalhos, o **Rioarte** está lançando, através de seu projeto **Centro de Cultura Alternativa,** o **I Concurso Nacional de Monografias-Prêmio Torquato Neto,** sobre o tema "As diversas manifestações da Cultura Alternativa-décadas 60/70". As inscrições já estão abertas e podem ser feitas até 31 de outubro. As monografias devem ser enviadas pelo correio, devidamente registradas, para o **Centro de Cultura Alternativa — Rioarte,** Rua Rumânia, 20 — Laranjeiras — Cep: 22240 — RJ.

Cada concorrente pode inscrever apenas um trabalho. Os originais inéditos devem ser enviados sob pseudônimo, em quatro vias datilografadas em espaço dois, com um máximo de 30 laudas. Junto a este, deve ser enviado outro envelope, lacrado, identificado externamente pelo mesmo pseudônimo, contendo informações pessoais do candidato — nome completo, endereço, n.º de carteira de identidade e CPF e currículo além da confirmação do conhecimento e aceitação do regulamento do Concurso.

A seleção dos trabalhos será feita por juri escolhido pelo Rioarte, presidido pelo presidente da instituição e pela coordenadora do CCA. A identificação dos autores premiados será feita em dezembro de 83, em cerimônica pública precedida de divulgação pela imprensa. Os trabalhos inscritos serão incorporados ao acervo do CCA e o Rioarte se reserva os direitos de edição da antologia.

Registro

A bola encantada, cinco novelas: de repente; **Praia Brava,** prosa poética, de Marcos Konder Reis, Ed. Cátedra, RJ. Mais dois livros deste catarinense que é reconhecido como um dos mais expressivos poetas da chamada "geração 45". No primeiro ele volta à ficção (ver **Sete agonias,** contos, Ed. Lunardelli, Fpolis, 1982), onde alia à busca de uma narrativa que integra num só bloco personagens, situações e clima, um sopro poético marcado por preocupações metafísicas; o segundo é a reedição de um livro escrito em 1947 e publicado em 1950, a respeito do qual, por ocasião do lançamento, assim se pronunciou Sérgio Miliet: "com esse atento cuidado da forma não perde o poeta, entretanto, em sensibilidade o que ganha em originalidade".

* * *

A oferta e o altar, romance, de Renato Pacheco, Ed. Ática, SP. Ponta d'Areia, pequena cidade no litoral do Espírito Santo, é o fulcro deste livro; e ali, quando o progresso chega com a instalação de uma companhia petrolífera, a vida muda e mudam as pessoas. Com tais elementos, e jogando com uma boa galeria de tipos, um texto de qualidade.

* * *

A insurreição, romance, de Antonio Skarmeta, trad. de Reinaldo Guarany, Ed. Francisco Alves, RJ. Neste novo título da coleção Latino-América, temos em termos ficcionais, um testemunho das lutas na Nicarágua. Um livro oportuno — e não só pelo tema, no momento mesmo em que a experiência do governo sandinista é furiosamente atacada com ingerência dos EUA, mas também pela qualidade do texto, que prende e emociona, recriado em linguagem artística uma realidade dramática.

* * *

Os mandarins, romance, de Simone de Beavouir, trad. de Hélio de Souza, Ed. Nova Fronteira. RJ. A França de 1944 a 1948 está presente neste livro, prêmio Goncourt de 1954, e que de imediato situou a Autora como um dos nomes mais significativos da prosa dos nossos tempos. Romance filiado ao movimento existencialista, muitos críticos viram na obra bastante de autobiográfico. Assim, Dubreuille seria Sartre, Henry seria Camus e em Anne estaria a própria Simone.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Livros

299 Salim Miguel

Momento da Poesia

A valsa

Luís Delfino

Move-se, treme, anseia, empalidece,
Cai, agoniza; acaba-lhe nos braços:
Resfolga, arqueja, torna, reaparece,
Solda-lhe o seio, a boca, as mãos, os passos...

Gira, volta, circula... Os olhos lassos
têm langue, mole, voluptuosa prece:
A fronte branca ao colo dele esquece...
Atam-lhe as carnes invisíveis laços...

Na sala, a um vão, inquieto a vejo... e o vejo!
Sofrer?!... não sei... mas toma-me um desejo,
Ao ver um só nos dois, o grupo enleado...

Rojar-me ao chão, a terra de repente,
E nas voltas daquela valsa ardente
Morrer embaixo de seus pés calcado!
(de **Algas e Musgos**, *poesias*)

Ainda há pouco Nereu Correa, nos dava, em **Poemas Escolhidos**, FCC-Edições, uma visão da vida e da poesia de Luis Delfino. Muito citado e pouco conhecido, este poeta catarinense tornou-se mais famoso por sua fertilidade, seu poder de memorização e por não haver deixado nenhum livro publicado. Todos os livros que dele hoje se conhece são póstumos. Ou melhor: todos os livros de que se ouvia falar, pois há muito estavam esgotados. Daí o significado do volume organizado por Nereu Correa; resgatar do esquecimento um nome das letras catarinenses, que se não chega a ser um Cruz e Sousa, nem por isto deve ser esquecido. Não temos tantos nomes assim que nos possamos dar a este luxo. O soneto que escolhemos para este **Momento a Poesia** se insere na linha de sua poesia: preocupação formal, onde pulsa sempre uma nota erótica.

Registro

Os credores do mundo, de Anthony Sampson, trad. de Ruy Jugnmann, Ed. Record, RJ. Agora que no Brasil quase todos se preocupam com o volume da nossa dívida externa, é bom saber a quem mais devemos e quem são e o que são eles. Este livro descreve, de maneira clara, o poder e as maquinações dos mais poderosos banqueiros internacionais e a incalculável influência que eles exercem sobre as nações e a política. O autor não trata apenas de teorias econômicas, mas das figuras chave do mundo bancário internacional e de como eles movem os cordões do mundo. O Brasil merece um capítulo especial — já que sua dívida também é especial. Então Sampson analisa porque países como o Brasil, Coréia, Feilipinas, Turquia, entre outros, para sobreviver precisam de empréstimos bancários também através de governos e de recorrer ao FMI.

Estrutura do ensino de 1º grau, de Marina Graziela Feldman, Ed. Vozes, RJ. Sub-intitulado "A proposta a realidade", este livro é uma análise da estrutura do ensino de 1º grau, a partir da lei nº 5692/71. Revela, objetivamente, as incoerências entre a proposta unificadora da escola primária e secundária e a realidade educacional. A Autora explica as razões que dificultaram, ao longo do tempo, a integração entre esses dois tipos de escola e as consequências disto na educação do país.

Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, Col. Presença, Editora Francisco Alves, RJ. De grande impacto quando foi lançado, este Diário de uma Favelada chega à décima edição. Mas as condições de vida descritas num período que vai de 1955 a 1960, continuam idênticas. Ou piores. Sim, pioraram as condições dos favelados — e não só deles. De maneira direta, de quem sofreu na própria carne tudo o que narra este livro foi editado em 18 países; Carolina Maria relata o seu dia-a-dia, que é o dia-a-dia de milhares de brasileiros. É documento para ser lido e meditado.

* * *

A traduçao de Herbert Caro do livro **A morte de Virgilio**, de Hermann Broch, foi considerada a melhor do ano de 1982 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

* * *

A escritora gaúcha Lya Luft recebeu o prêmio Érico Veríssimo, outorgado pela Câmara Municipal de Porto Alegre, como personalidade literária do ano de 1982.

* * *

Às vésperas do lançamento de seu novo romance, **O verão dos perseguidos**, que está saindo pela Ed. Record, o escritor José Louzeiro teve seu nome bastante comentado oo Festival de Gramado, com a apresentação de 3 filmes cujos roteiros são assinados por ele: **O último vôo do condor**, dirigido por Emílio Fontana, e **Escalada da violência e Estranhas relações**, ambos sob a direção de Milton Alencar Jr.

* * *

Depois de livros políticos, polêmicos e jornalistas como **Os Carbonários**, **Roleta Chilena** e **A guerra na Argentina**, Alfredo Sirkis busca o caminho da ficção. Já entregou à Ed. Record os originais de seu novo livro, **Corredor polonês**, romance.

* * *

O governo português instituiu o Prêmio Luis de Camões, no valor de 10 milhões e 500 dólares (cerca de Cr$ 7 milhões e 500 no câmbio paralelo, hoje) a ser atribuído anualmente a um escritor de língua portuguesa, cuja obra mais tenha contribuído para a afirmação do idioma. O anúncio do agraciado será a 1º de dezembro de cada ano — e o Ministério da Cultura e Coordenação Científica de Portugal adquirirá sempre as obras do autor premiado para distribuição às bibliotecas dos países de expressão portugues: l Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique, São Tomé, Príncipe.

Retrato da terra e da gente em prosa forte e nuançada

Nada melhor para caracterizar **Levantado do chão**, romance de **José Saramago**, editado pela EIFEL, do que a epígrafe extraída de Almeida Garrett: "E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça invensível, à penúria absoluta, para produzir um rico?"

Neste amplo e minucioso painel de uma realidade dramática que atravessa anos e anos, vista através da família Mau-Tempo, temos um retrato da fome crônica e da tomada de posição do trabalhador rural português.

Mas não se pense que há demagogia no livro. Se tudo isto nos chega é por intermédio de um texto ficcional excepcional, numa linguagem forte e nuançada.

Jogando com dois blocos de personagens, os donos da terra e os trabalhadores, aos poucos vai havendo uma interligação, sem que com isto os pobres deixem de ser menos pobres, ou deixem de continuar uma caminhada que os levante do chão.

Neste instigante e instigador romance, prêmio Cidade de Lisboa 1981, uma palavra especial deve ser dedicada à qualidade do texto, a preocupação com narrado e que informa todas as linhas do livro, numa construção rica, adquirindo um significado diferente, bastante pessoal e de grande beleza na construção das personagens ou das situações em que elas se envolvem. Se por vezes parece que José Saramago nos deixa entrever a carpintaria com que trabalha sua prosa é para mais e melhor nos introduzir em seu universo e mais e melhor iluminá-lo.

Sem dúvida, um momento alto da prosa em língua portuguesa, que merece ser lida e devidamente apreciada.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 17/4/83 **300** **Salim Miguel**

O livro dos segredos, ou como ir além da consciência

O lançamento de **O livro dos segredos — revelações sobre "Vigyana Bhairava Tantra"**, pela Maha Lakshmi Editora, SP, eleva para 18 os livros de Bhagwan Shree Rajneesh editados no Brasil. Nas obras anteriores ele fala de cristianismo, do zen-budismo, do sufismo, de Heráclito, além de indicar outras técnicas de meditação.

O tema deste livro, que tem prefácio da poetisa, atriz e modelo Bruna Lombardi, é a explicação das técnicas tântricas, que têm por finalidade revelar ao homem um caminho possível para a transcendência, para o "estado que está além da consciência". Aqui estão comentários de Bhagwan sobre os 24 métodos de meditação de Shiva. Thantra significa o "métodо" — como ir além da consciência. E num dos comentários se afirma que embora Freud, Jung, Reich "nada soubessem a respeito do Thantra, prepararam o solo para o Thantra se desenvolver", pois "a psicologia ocidental chegou à conclusão de que a doença humana básica está em algum ponto em torno do sexo, que a insanidade básica do homem é orientada pelo sexo."

Pelos 16 capítulos de **O livro dos segredos**, a A. distribui a proposta básica do Thantra — a transformação do homem e o alcance do nível de consciência que está além da dualidade, colocando gradativamente as técnicas que se iniciam pela consciência da respiração, passam pelo domínio do sonho, atravessam o processo de "desenrolar" a mente e criam condições para acontecer a explosão, o nascimento do Ser real.

Nascido na Índia em 1931, Rajneesh foi professor de filosofia, sem nunca deixar de contactar mestres espirituais de correntes místicas e esotéricas. Depois abandonou o lado acadêmico e iniciou um trabalho que se espalhou rapidamente, atraindo discípulos dentro e fora da Índia.

Já a Maha Makshmi Editora, fundada há um ano, para trabalhar com livros da chamada cultura alternativa, teve como primeiro lançamento Antes que você morra — revelações sobre o caminho Sufi, do mesmo Autor de **O livro dos segredos**. Também de Rajneesh será o próximo, **Sufis — o povo do caminho.**

Momento da Poesia

Fim para Antonio Paladino

Eglê Malheiros

Nós
E ele
Sozinhos
Uma dor anestesiando o cérebro
E ele já sem dúvidas no rosto despido de sonhos.

Paradas
As mãos famintas de beleza,
Silenciosos
Os gemidos, os cantos e o último desespero.

Era descanso:
O vento acariciava em sussurros o corpo adormecido;
Porém
As árvores e o céu
A alegria indiferente da tarde de maio
O cheiro de sol
O vermelho da flor
Falavam de vida e juventude.

E a mocidade, que mal começara a ser
Véspera de destruição
Proibia
Qualquer vaga tentativa de consolo.

(**Manhã**, *de Eglê Malheiros, Cadernos Sul, Florianópolis, 1952).*

A morte de Antonio Paladino (Toninho, como era conhecido), marcou todos nós do Grupo Sul. Este poema, depois incluído em livro, foi escrito sob o impacto da morte. Nele Eglê transmite o que todos nós sentíamos. Da mesma forma que Toninho, Eglê fez parte do núcleo inicial do movimento que ficou conhecido como Grupo Sul. Ela não só escrevia, mas participava ativamente de tudo, e foi a atriz da maioria dos espetáculos teatrais então encenados. Mais tarde Eglê dedica-se ao ensino, à tradução e à crítica, ao estudo e à pesquisa no campo da literatura infanto-juvenil.

Nova Revista quer dar uma visão da América Latina

Só a transcrição do importante debate com Alceu Amoroso Lima no "Canal Livre" justificaria plenamente este primeiro número de **Comunicação e Política**, nova revista que acaba de aparecer no Rio de Janeiro, editada pelo Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos e distribuída pela Editora Paz e Terra. Mas o número contém vários outros trabalhos de real interesse, possibilitando um melhor conhecimento da realidade que nos cerca e, conforme se afirma no "Compromisso", dar "uma visão latino-americana capaz de participar de modo válido no soerguimento do nosso sofrido subcontinente." Além de uma entrevista com Armand Mattelart, participam deste número Antônio Houaiss, Elisabeth Fox, R. A. Amaral Vieira, L. Gonzaga Motta, Fernando Ossadon C., Eliseo Veron, Paulo Bonavides, Jua Carlos Anselmi, Eduardo Diathay B. Menezes, Antônio Albino C. Rubim. Publicação trimestral, que vai circular nos meses de março, junho, setembro e dezembro, **Comunicação e Política** tem como editor R. A. Amaral Vieira e no Colégio Editorial Cézar Guimarães, Herbert José de Souza, Leon Hirszmann e R.A. Amaral Vieira.

Transe, alternativa que deu certo

Um órgão alternativo que está dando certo é a revista **Transe — o caminho natural**, em circulação há dois anos, publicada em São Paulo, e que tem, como diretor e editor, Wanderley Pinto Lopes. Entre seus colaboradores, nomes como Luiz Carlos Maciel, Luiz Carlos Lisboa, Caio Fernando Abreu, Léo Gilson Ribeiro, Orlando Senna.

Em Florianópolis, responde pela revista Ige D'Aquino. Concorrendo num mercado com centenas de publicações, vai ganhando um espaço próprio. Nos últimos cinco números publicados, que temos em mão, há uma boa variedade de matérias de interesse geral e enfoques diversos, embora a revista se proponha mais a debater temas como alimentação natural, auto-conhecimento, ecologia, expansão do corpo. Em cada número, também, boas entrevistas e reportagens com personalidades. O último número, o 16, é dedicado em grande parte a Lennon, com vários articulistas dizendo o que ele foi e representou para a música e como figura humana. Ainda neste número matéria explicando o "racha" no movimento Rajneesh no Brasil. Já no número anterior, 15, entrevista com a grande figura de Mário Schenberg, que fala com igual conhecimento de arte e de ciência, e ainda textos sobre astrologia e a cura pelas plantas, as dietas do nosso tempo e um guia completo de cosméticos naturais. No número 14 o prato de resistência é uma longa entrevista com Gilberto Gil, além de matérias sobre a energia contida no guaraná, ou José Lutzenberg falando de ecologia e meio ambiente. No número 13, destaque das abelhas na cura das doenças, a origem interplanetária do homem. Por fim, no número 12, pólos ecológicos, os centros de sobrevivência no Brasil, apicultura, um negócio para o homem e a natureza, o que há a respeito dos Ovnis, quando (numa comunidade rural) a utopia se torna realidade, Zodíaco, os signos e os órgãos do corpo. **Transe** pode ser encontrada nas bancas de Florianópolis.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL